

JUNG CHANG

AUTORA DE CISNES SELVAGENS E MAO



COMPANHIA DAS LETRAS



A IMPERATRIZ DE FERRO

A CONCUBINA QUE CRIOU
A CHINA MODERNA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JUNG CHANG

A imperatriz de ferro

A concubina que criou a China moderna

Tradução

Donaldson M. Garschagen



Para Jon

Sumário

Lista de ilustrações

Sobre as fontes

Nota da autora

Mapa – A China no tempo da imperatriz-viúva Cixi

PARTE I

A CONCUBINA IMPERIAL EM ÉPOCAS TEMPESTUOSAS (1835-61)

1. Concubina do imperador (1835-56)
2. Da Guerra do Ópio ao incêndio do Antigo Palácio de Verão (1839-60)
3. Morre o imperador Xianfeng (1860-1)
4. O golpe que mudou a China (1861)

PARTE II

CIXI ATRÁS DO TRONO DO FILHO (1861-75)

5. O primeiro passo no longo caminho para a modernidade (1861-9)
6. Primeiras viagens ao Ocidente (1861-71)
7. Amor desventurado (1869)
8. Uma vingança contra o Ocidente (1869-71)
9. Vida e morte do imperador Tongzhi (1861-75)

PARTE III

CIXI GOVERNA EM NOME DE UM FILHO ADOTIVO (1875-89)

10. Um menino de três anos se torna imperador (1875)
11. A modernização se acelera (1875-89)
12. Defensora do império (1875-89)

PARTE IV

O IMPERADOR GUANGXU ASSUME O PODER (1889-98)

13. Guangxu se afasta de Cixi (1875-94)
14. O Palácio de Verão (1886-94)
15. Aposentadoria e lazer (1889-94)
16. Guerra com o Japão (1894)
17. A paz que arruinou a China (1895)
18. A corrida para retalhar a China (1895-8)

PARTE V

PARA A FRENTE DO PALCO (1898-1901)

19. As reformas de 1898 (1898)
20. Um complô para assassinar Cixi (setembro de 1898)
21. A ânsia de destronar o filho adotivo (1898-1900)
22. Guerra contra as potências mundiais, usando os boxers (1899-1900)
23. Lutando até o amargo fim (1900)
24. Fuga (1900-1)
25. Remorso (1900-1)

PARTE VI

A REVOLUÇÃO REAL DA CHINA MODERNA (1901-8)

26. Regresso a Beijing (1901-2)
27. Fazendo amizade com os ocidentais (1902-7)
28. A revolução de Cixi (1902-8)
29. Eleições! (1905-8)
30. Enfrentando rebeldes, assassinos e japoneses (1902-8)
31. Mortes (1908)

Epílogo: A China depois da imperatriz-viúva Cixi

Caderno de imagens

Notas

Arquivos consultados

Bibliografia

Agradecimentos

Créditos das ilustrações

Lista de ilustrações

1. Cixi vestida como Guanyin, a deusa da Misericórdia.
2. Ruas antigas de Beijing.
3. Caravana de camelos passando diante de uma das portas de Beijing.
4. Cixi carregada por eunucos.
5. O príncipe Chun, casado com a irmã de Cixi.
6. O príncipe Gong, braço direito de Cixi.
7. O vice-rei Zhang Zhidong.
8. Li Hongzhang (conde Li) com Lord Salisbury e Lord Curzon.
9. O general Yuan Shikai, que viria a ser o primeiro presidente da República da China.
10. Junglu recebendo visitantes ocidentais.
11. Anson Burlingame chefia a primeira delegação chinesa enviada ao Ocidente.
12. Charles “Chinês” Gordon.
13. Sarah Conger com Cixi e senhoras da legação americana.
14. Sir Robert Hart com sua orquestra ocidental de músicos chineses.
15. Quadro de Cixi.
16. Cartaz com caligrafia de Cixi.
17. Pintura e caligrafia do imperador Xianfeng.
18. Cixi jogando go com um eunuco.
19. Cixi numa fotografia retocada com aerógrafo.
20. Retrato do imperador Xianfeng.
21. Lootie, pequinês fêmea presenteada à rainha Vitória.
22. O imperador Tongzhi quando criança, brincando com a meia-irmã.

23. Retrato do imperador Guangxu.
24. Retrato da imperatriz Zhen.
25. O harém nos fundos da Cidade Proibida.
26. A área frontal e principal da Cidade Proibida por ocasião do casamento do imperador Guangxu.
27. Salão de Audiências na Cidade Proibida.
28. O Palácio de Verão.
29. Retrato de Cixi, por Katharine Carl.
30. Katharine Carl com trajes chineses.
31. Cixi na neve com Louisa Pierson, Der Ling e Rongling.
32. Yu Keng, Louisa Pierson e família com o príncipe Zaizhen em Paris.
33. Rongling, “a primeira-dama da dança moderna na China”.
34. Hsingling trajado como Napoleão.
35. Cortesã chinesa.
36. Adolescentes chineses enviados aos Estados Unidos para estudar.
37. Pérola, a concubina favorita do imperador Guangxu.
38. O grão-preceptor Weng.
39. Cixi num templo com a imperatriz Longyu.
40. Sir Yinhuan Chang.
41. Kang Youwei.
42. Liang Qichao.
43. Cédula japonesa com efígie de Ito Hirobumi.
44. Os boxers em 1900.
45. Forças aliadas entrando na Cidade Proibida.
46. Cixi acenando para um fotógrafo estrangeiro.
47. Cartão-postal da locomotiva imperial.
48. Moças com os pés atados.
49. Prisioneiros submetidos ao suplício da canga.
50. Cixi pondo uma flor no cabelo.
51. Cixi sorrindo.
52. Cixi numa barcaça no lago do Palácio do Mar.
53. Numa barcaça em traje de ópera.
54. Senhoras da corte na legação americana.
55. O pátio da residência de Sarah Conger.
56. Cixi na neve com eunucos e Der Ling.
57. O regente Zaifeng com Puyi, o último imperador.

58. Sun Yat-sen com soldados.
59. Cortejo fúnebre de Cixi.
60. Os Mausoléus do Leste dos monarcas Qing, onde Cixi foi sepultada.

Sobre as fontes

Este livro se baseia em fontes históricas, em geral chinesas. Entre elas há decretos imperiais, documentos da corte, comunicações oficiais, cartas pessoais, diários e relatos de testemunhas oculares. Na maior parte dos casos, só vieram à luz depois da morte de Mao, em 1976, quando os historiadores puderam retomar a pesquisa de arquivos. Graças a seus esforços, muitos documentos foram ordenados, estudados e publicados, e alguns até digitalizados. Diversos materiais de arquivos e obras acadêmicas foram republicados. Por conta disso, tive a felicidade de poder utilizar uma massa colossal de documentos e de consultar os Primeiros Arquivos Históricos da China, que, reunindo 12 milhões de documentos, constitui o principal repositório de dados referentes à imperatriz-viúva Cixi. A grande maioria das fontes citadas nunca antes foi vista ou usada fora do mundo de língua chinesa.

Os contemporâneos ocidentais da imperatriz-viúva Cixi deixaram diários, cartas e memórias de valor inestimável. O diário da rainha Vitória, o *Hansard* e a copiosa correspondência diplomática internacional são minas valiosas de informações. Os arquivos da Freer Gallery of Art e da Arthur M. Sackler Gallery, em Washington, DC, são os únicos que possuem os negativos originais das fotografias de Cixi.

Nota da autora

O “tael” era a moeda da China na época de Cixi. Um tael pesava cerca de 38 gramas e valia, aproximadamente, um terço de libra esterlina (uma libra = três taéis).

Nos nomes próprios chineses e japoneses aparece primeiro o sobrenome, exceto no caso daqueles que preferem grafar seu nome de outra forma.

Este livro usa o sistema *pinyin* quando há necessidade de transliteração. No entanto, alguns nomes figuram na maneira tradicional, como por exemplo Cantão e Tsinghua (Universidade).

As datas e as idades das pessoas são dadas segundo o sistema ocidental, usado atualmente na China. As exceções são indicadas.

Na Bibliografia, as datas de publicação são das edições que consultei. Por isso, tem-se a impressão de que muitos livros antigos só foram publicados recentemente.

PARTE I
A CONCUBINA IMPERIAL EM
ÉPOCAS TEMPESTUOSAS (1835-61)

1. Concubina do imperador (1835-56)

Na primavera de 1852, numa das periódicas seleções nacionais de consortes imperiais, uma mocinha de dezesseis anos chamou a atenção do imperador e foi escolhida como concubina (um imperador chinês tinha direito a uma imperatriz e a quantas concubinas lhe aprouvesse). Nos registros da corte ela figurava simplesmente como “a mulher da família Nala”,¹ sem nenhum nome próprio — os nomes femininos eram tidos como insignificantes demais para ser registrados. Em menos de dez anos, porém, essa moça, cujo nome talvez tenha se perdido para sempre,^{va} ascendeu o suficiente para se tornar a governante da China, e durante décadas — até sua morte, em 1908 — teve nas mãos o destino de quase um terço da população mundial. Ela foi a imperatriz-viúva Cixi (também grafado como Tzu Hsi). Esse era seu nome honorífico, que significa “gentil e alegre”.

Cixi pertencia a uma das mais antigas e ilustres famílias manchus. Os manchus eram um povo que originalmente vivia na Manchúria, além da Grande Muralha, a nordeste da China. Em 1644, a dinastia chinesa Ming foi derrubada por uma rebelião camponesa, e o último imperador Ming se enforcou numa árvore no jardim nos fundos de seu palácio. Os manchus aproveitaram a ocasião para invadir o país. Derrotaram os camponeses rebelados e fundaram uma nova dinastia, a Grande Qing — “Grande Pureza”. Tornando Beijing, a capital Ming, sua própria capital, os manchus

vitoriosos acabaram construindo um império três vezes maior do que o Ming. Em seu apogeu, o império manchú ocupava um território de 13 milhões de quilômetros quadrados (atualmente a área da China é de 9,6 milhões de quilômetros quadrados).

De início, os conquistadores manchus, cuja população não passava de um centésimo da população de chineses nativos, os hans, impuseram seu domínio com violência. Obrigaram os homens hans a cortar o cabelo à moda manchú, como uma demonstração visível de submissão. Tradicionalmente, os hans usavam o cabelo comprido e enrolado num coque no alto da cabeça, mas os manchus cortavam o cabelo dos dois lados da cabeça e o deixavam crescer na parte central, fazendo uma trança. Os hans que se recusassem a usar esse rabicho eram sumariamente decapitados. Na capital, os conquistadores expulsaram os hans da Cidade Interior, concentrando-os na Cidade Exterior, separando os dois grupos étnicos com muros e portões.^b Com o passar dos anos, a repressão abrandou, e de modo geral os hans vieram a levar uma vida que não era pior do que a dos manchus. A animosidade étnica diminuiu, ainda que os melhores empregos coubessem aos manchus. O casamento entre pessoas de etnias diferentes era proibido, e isso, numa sociedade baseada na família, fazia com que houvesse poucas relações sociais entre os dois grupos. No entanto, os manchus adotaram grande parte da cultura e do sistema político dos hans, e a administração do Império Manchú, presente em todos os rincões do país, como um polvo colossal, era realizada predominantemente por funcionários hans, selecionados entre os letrados, através dos tradicionais Exames Imperiais, voltados para os clássicos confucianos. Na verdade, os próprios imperadores manchus eram educados segundo o confucionismo, e alguns se tornaram maiores sábios confucianos do que os melhores entre os hans. Por isso, os manchus se consideravam chineses e chamavam seu império tanto de “Império Chinês” (ou “China”) quanto de “Império Qing”.

A família governante, os Aisin-Gioro, produziu uma sucessão de imperadores aptos e laboriosos, monarcas absolutistas que tomavam

pessoalmente todas as decisões importantes. Não existia sequer um primeiro-ministro, mas apenas um grupo de auxiliares, o Grão-Conselho. Os imperadores se levantavam ao romper da madrugada para ler relatórios, realizar reuniões, receber autoridades e emitir decretos. Os relatórios, provenientes de todas as partes da China, eram objeto de atenção assim que chegavam, e raramente alguma questão ficava sem ser resolvida por mais do que alguns dias. A sede do trono era a Cidade Proibida. Talvez o maior complexo de palácios imperiais do mundo, esse conjunto retangular ocupava uma área de 720 mil metros quadrados, circundado por um fosso de dimensões proporcionais. Todo o conjunto era cercado por uma majestosa muralha com cerca de dez metros de altura e quase nove de largura na base, com uma suntuosa porta em cada lado e uma imponente torre de vigia em cada um dos quatro cantos. Quase todos os prédios do conjunto eram revestidos de ladrilhos de cerâmica esmaltada, no tom de amarelo reservado à corte. Ao sol, os telhados recurvos eram uma explosão de ouro.

Num bairro a oeste da Cidade Proibida ficava um centro de distribuição de carvão para a capital. Trazido das minas a oeste de Beijing, o carvão era carregado por caravanas de camelos e muares, todos com guizos. Dizia-se que cerca de 5 mil camelos entravam em Beijing a cada dia. As caravanas paravam ali, e os carregadores faziam suas compras em lojas cujos nomes estavam bordados em painéis coloridos ou gravados em caracteres dourados em placas laqueadas. As ruas não eram pavimentadas, e a poeira que se acumulava no tempo seco se transformava num rio de lama depois de uma chuvarada. Do sistema de esgoto, tão antigo quanto a própria cidade, exalava um fedor permanente. O lixo era simplesmente atirado na beira das ruas, para ser consumido por cães e aves. Depois de se alimentarem, bandos de abutres e gralhas-pretas voavam para a Cidade Proibida, negrejando seus telhados dourados.

A certa distância do tumulto da área carvoeira se estendia uma rede de ruelas estreitas e tranquilas, conhecidas como *hu-tong*. Foi ali que, no

décimo dia do décimo mês lunar, em 1835, nasceu Cixi, a futura imperatriz-viúva da China. As casas desse lugar eram espaçosas, com pátios bem dispostos, rigorosamente cuidadas e limpas, em contraste com as ruas sujas e caóticas. Os aposentos principais tinham portas e janelas que se abriam para o sul, a fim de captar o sol, enquanto o lado norte era emparedado para evitar as tempestades de areia que com frequência varriam a cidade. Os telhados eram cobertos de ladrilhos cinzentos. As cores dos telhados das casas eram estipuladas com inflexibilidade: amarelo para os palácios imperiais, verde para os príncipes e cinza para todos os demais.

Fazia gerações que a família de Cixi fornecia funcionários para o governo.³ O pai dela, Huizheng, fora secretário e depois chefe de seção no Ministério do Funcionalismo.⁴ A família era bem de vida, e Cixi teve uma infância feliz. Como manchu, ela foi poupada de ter os pés atados, um costume han que torturou as mulheres durante um milênio: os pés de uma menina eram quebrados quando ainda bebê e depois atados com firmeza para restringir seu crescimento. Os demais costumes, como a separação de homens e mulheres, eram em geral os mesmos entre manchus e hans. Por pertencer a uma família educada, Cixi aprendeu a ler e escrever um pouco de chinês, a desenhar, jogar xadrez, bordar e costurar — tudo isso prendas julgadas convenientes para uma jovem. Ela aprendia depressa e bem, e seus interesses eram amplos. No futuro, quando, como dever cerimonial, em certo dia auspicioso cumpria à imperatriz-viúva cortar o molde de um vestido para ela própria — símbolo de feminilidade —, ela desempenhava a tarefa com enorme competência.

A educação de Cixi não incluiu o aprendizado da língua manchu, que ela não sabia nem falar nem escrever. (Quando se tornou governante da China, ela ordenou que os relatórios escritos em manchu fossem traduzidos para o chinês antes de lhe serem apresentados.)⁵ Imersos na cultura chinesa havia duzentos anos, a maioria dos manchus não falava a língua materna, muito embora ela fosse a língua oficial da dinastia e vários imperadores tivessem procurado preservá-la. O conhecimento que Cixi tinha do chinês escrito era

rudimentar, e ela poderia ser considerada “semianalfabeta”. Isso não quer dizer que lhe faltasse inteligência. O chinês é uma língua dificílima de aprender. É o único grande sistema linguístico no mundo que não possui um alfabeto, compõe-se de numerosos caracteres complicados — ideogramas — que têm de ser memorizados um a um e que, além disso, são inteiramente dissociados de sons. Na época de Cixi, os textos escritos estavam completamente divorciados da fala, de modo que uma pessoa não podia simplesmente escrever o que dizia ou pensava. Por conseguinte, para se qualificar como “educados”, os estudantes tinham de passar mais ou menos uma década, durante seus anos de formação, mergulhados em clássicos confucianos, muito limitados em temas e em estímulos. Menos de 1% da população era capaz de ler ou escrever o mínimo indispensável.

A inteligência intuitiva, que Cixi se comprazia em utilizar desde tenra idade, mais do que compensava sua falta de educação formal. Em 1843, quando ela contava sete anos, acabara havia pouco a primeira guerra do império contra o Ocidente, a Guerra do Ópio, iniciada pela Grã-Bretanha em reação ao fato de Beijing ter passado a reprimir o comércio ilegal de ópio realizado por comerciantes britânicos. A China foi derrotada e teve de pagar uma indenização astronômica. Premido pela necessidade de recursos, o imperador Daoguang (pai do futuro marido de Cixi) cancelou os presentes tradicionais às noivas de seus filhos — colares de ouro com corais e pérolas — e vetou os banquetes requintados por ocasião dos casamentos. As comemorações de Ano-Novo e de aniversários foram reduzidas, ou mesmo canceladas, e as concubinas reais de menor categoria passaram a ter de suplementar suas subvenções, agora diminuídas, vendendo bordados no mercado, através de eunucos. O próprio imperador passou a fazer vistorias nos guarda-roupas de suas concubinas para verificar se estavam escondendo roupas luxuosas contra suas ordens.⁶ Como parte de uma campanha severa para eliminar a corrupção entre as autoridades, empreendeu-se uma investigação sobre o erário público, sendo revelado que faltavam mais de 9 milhões de taéis de prata. Indignado, o imperador determinou que todos os

tesoureiros e inspetores graduados da reserva de prata, durante os 44 anos anteriores, pagassem multas para cobrir esse rombo, fossem eles culpados ou não. O bisavô de Cixi servira como um dos tesoureiros, e sua cota na multa ascendia a 43 200 taéis — uma quantia astronômica, ao lado da qual seus vencimentos teriam sido uma ninharia.⁷ Como ele falecera havia muito tempo, seu filho, o avô de Cixi, estava obrigado a pagar metade dessa soma, embora trabalhasse no Ministério das Apenações e não tivesse nada a ver com o erário público. Depois de três anos de esforços inúteis para levantar esse dinheiro, ele só conseguira reunir 1800 taéis, e um edito do imperador o mandou para a prisão, determinando que só fosse libertado se e quando *seu* filho, o pai de Cixi, pagasse o saldo.

A vida da família virou de cabeça para baixo. Cixi, então com onze anos, foi obrigada a aceitar trabalhos de costura, a fim de contribuir para as despesas da casa, fato de que ela se lembraria por toda a vida e sobre o qual mais tarde falaria a suas damas de companhia na corte. Como era a mais velha de duas filhas e três filhos, o pai discutia o assunto com ela, e Cixi se mostrou à altura do que a situação exigia. Suas ideias eram bem ponderadas e práticas: que bens vender, quais poderiam ser empenhados, a quem recorrer em busca de empréstimos e como abordar essas pessoas. Por fim, a família levantou 60% da quantia, o suficiente para livrar o avô da prisão. A contribuição da pequena Cixi para a solução da crise se tornou uma lenda na família, e seu pai lhe fez o elogio supremo: “Na verdade, essa minha filha mais parece um filho!”.

Tratada como um filho, Cixi podia debater com o pai assuntos que em geral eram vedados a mulheres. Inevitavelmente, em suas conversas eles falavam sobre questões oficiais e negócios de Estado, o que contribuiu para desenvolver o interesse que Cixi teve a vida inteira por essas áreas. Por ser consultada e ver que suas sugestões eram atendidas, ela adquiriu autoconfiança e nunca aceitou o pressuposto corrente de que o cérebro feminino era inferior ao masculino. A crise também ajudou a moldar o método que no futuro ela usaria para governar. Tendo sentido na carne a

amargura da punição arbitrária, ela procuraria sempre ser justa com seus subordinados.

Como levantara uma quantia substancial para pagar a multa, em 1849 o pai de Cixi, Huizheng, foi recompensado com uma nomeação, pelo imperador, para governador de uma ampla região mongol. No verão desse ano ele viajou para lá com a família, radicando-se em Hohhot, hoje a capital da província da Mongólia Interior. Pela primeira vez, Cixi deixou a apinhada Beijing, indo além da degradada Grande Muralha, viajando por uma estrada pedregosa que levava às estepes mongóis, onde pradarias ininterruptas se estendiam até um horizonte muito distante. Durante toda a vida, Cixi teria paixão por espaços abertos e pela vida ao ar livre.

Na nova função de governador, o pai de Cixi tinha, entre suas atribuições, a de coletar impostos, e, dando continuidade a práticas correntes e imemoriais, ele espoliava a população local para compensar as perdas da família. Tal procedimento era visto como natural. Esperava-se que as autoridades, cujos vencimentos eram baixos, ampliassem seus rendimentos com todos os adicionais que pudessem obter — “dentro do razoável” — junto à população. Cixi cresceu considerando esse tipo de corrupção um meio de vida.

Em fevereiro de 1850, meses depois de a família se instalar na Mongólia, o imperador Daoguang morreu e foi sucedido pelo filho, o imperador Xianfeng. O novo monarca, então com dezenove anos, nascera prematuro e nunca gozara de boa saúde. Tinha o rosto magro e um olhar melancólico, além de mancar, como resultado de uma queda de cavalo numa das expedições de caça, obrigatórias para os príncipes. Como os imperadores eram chamados de “dragões”, boquirrotos de Beijing o apelidaram de “Dragão Coxo”.⁸

Depois de sua coroação, uma operação que envolveu todo o império começou a escolher consortes para ele. (Nessa altura, ele tinha apenas uma consorte, uma concubina.) As candidatas, adolescentes, tinham de ser manchus ou mongóis. As moças hans estavam excluídas. Suas famílias

deviam estar acima de certa categoria e tinham sido obrigadas a registrá-las ao atingirem a puberdade.⁹

Cixi estava na lista, e então, como outras moças de toda a China, ela viajou a Beijing. Instalou-se na antiga casa da família à espera da ocasião em que todas as candidatas desfilariam diante do imperador. Depois que ele fizesse sua seleção, algumas delas seriam dadas aos príncipes e outros membros da família imperial como consortes. As que não fossem escolhidas poderiam voltar para casa e se casar com outros pretendentes. O desfile na Cidade Proibida foi marcado para março de 1852.

O procedimento para o desfile de seleção vinha de gerações passadas. Na véspera da data fixada, as candidatas eram conduzidas ao palácio em carros puxados por muares — os “táxis” da época — contratados por suas famílias e pagos pela corte. Esses carros eram como baús com duas rodas, cobertos com bambus ou ratãs trançados, embebidos em óleo de tungue para não deixar passar chuva ou neve. A parte interna era revestida de colchões e almofadas de feltro ou algodão e sobre essas caixas eram estendidas cortinas de um azul forte. Esses veículos eram utilizados mesmo pelas famílias de príncipes, caso em que o interior era revestido de pele ou de cetim, dependendo da estação do ano, enquanto o exterior ostentava marcas da classe do usuário. Mais tarde, ao ver um desses veículos passar silenciosamente e desaparecer na noite que caía, Somerset Maugham conjecturou:

Fica-se a imaginar quem viaja, sentado e de pernas cruzadas, dentro dele. Talvez seja um letrado [...] a caminho da casa de um amigo com quem trocará saudações rebuscadas e debaterá a era áurea de Tang e de Sung, que nunca mais voltará; talvez seja uma cantora vestida com sedas esplêndidas e com um casaco de ricas bordaduras, com jade no cabelo negro, convidada a uma festa onde talvez cante uma cançoneta e mantenha uma conversa espirituosa com moços educados o bastante para apreciar os dons de espírito.¹⁰

O carro que pareceu a Maugham estar transportando “todo o mistério do Oriente” era singularmente desconfortável, uma vez que suas rodas ficavam presas a ele com arames e pregos, sem molas. O ocupante era sacudido para cima e para baixo pelas ruas de terra e pedras, batendo em todos os lados do pequeno compartimento. A viagem era particularmente desagradável para os europeus, que não estavam habituados a sentar de pernas cruzadas e a não ter assento. O avô das irmãs Mitford, Algernon Freeman-Mitford, que logo viria a ser nomeado adido à legação britânica em Beijing, observou: “Depois de dez horas num carro chinês, um homem serve para pouco mais do que ser vendido para um garrafeiro”.¹¹

Avançando lentamente, os carros das candidatas convergiam para a porta dos fundos da Cidade Real, o lugar em que se aninhava a Cidade Proibida. Tal como esta, já em si enorme, essa gigantesca área externa era igualmente circundada por largas muralhas carmesins, sob telhados de cerâmica esmaltada com o mesmo amarelo imperial. Abrigava templos, salas de trabalho, armazéns e oficinas, pelos quais transitavam cavalos, camelos e jumentos a serviço da corte. No dia do desfile, ao pôr do sol, todas as atividades cessavam, e uma passagem se abria para os carros que traziam as candidatas e que entravam na Cidade Real numa ordem prescrita. Passando pelo Jingshan, uma colina artificial, chegavam diante da Porta Norte da Cidade Proibida, a Porta da Proeza Divina, coberta por um imponente e ornamentado telhado duplo.

Essa era a entrada dos fundos da Cidade Proibida. A Porta Sul, frontal, era vedada às mulheres. De fato, toda a seção frontal, a principal, se destinava somente a homens. Construída para cerimônias oficiais, consistia em grandiosos palácios e em pátios vastos e vazios, calçados de pedras, em que a ausência de plantas se fazia notar. Praticamente não havia vegetação. Isso era proposital, pois se julgava que as plantas criavam uma atmosfera de suavidade, o que reduziria a sensação de respeito: respeito pelo imperador, o Filho do Céu — sendo o “Céu” o místico e informe deus supremo que os chineses cultuavam. As mulheres deviam permanecer no interior da parte de

trás da Cidade Proibida, o *hou-gong*, ou harém, onde não era permitida a entrada de homem algum, com exceção do imperador e dos eunucos, cujo número ascendia a muitas centenas.

As candidatas a ocupantes do harém se detinham então do lado de fora da entrada dos fundos, onde pernoitavam. Ao cair da noite, diante da porta colossal, os carros paravam num imenso pátio calçado, e a lanterna de cada um deles criava seu próprio círculo de luz baça. As candidatas passavam a noite fechadas nos carros, esperando que a porta se abrisse ao alvorecer. Então apeavam e, dirigidas por eunucos, caminhavam para o palácio, onde seriam examinadas pelo imperador. Enfileiradas, de pé, diante de sua majestade, eram eximidas da obrigação de fazer o *kowtow*: pôr-se de joelhos e encostar a cabeça no chão. O imperador precisava vê-las claramente.

Além de um ilustre nome de família, “personalidade” era um critério crucial. As candidatas deviam mostrar dignidade, assim como cortesia e graciosidade, para não falar de doçura e modéstia — além de saber se comportar na corte. Beleza era um quesito secundário, mas elas precisavam ter boa aparência. Para que se mostrassem tal como eram na realidade, não podiam usar vestes ricas ou muito coloridas: seus trajés tinham de ser simples, apenas com algum bordado nas bainhas. Os vestidos manchus, em geral, eram muito enfeitados. Pendiam dos ombros até o chão e eram mais bem exibidos com as costas eretas. Os sapatos femininos, com bordados delicados, tinham o salto no meio da sola, podendo chegar a catorze centímetros de altura e obrigando as usuárias a se manter de pé em posição ereta. Na cabeça, usavam um toucado a meio caminho entre uma coroa e uma torre de portal, adornado com joias e flores em determinadas ocasiões. Quando isso acontecia, era preciso um pescoço firme para sustentá-lo.

Cixi não era uma beldade, mas sabia explorar o que tinha de melhor. Embora fosse baixa, com pouco mais de 1,50 metro, parecia bem mais alta, graças às vestes, aos sapatos e ao toucado. Sentava-se ereta e se movia com elegância, mesmo quando caminhava depressa, em cima do que alguns descreveram como “pernas de pau”. Tinha a pele perfeita e as mãos

delicadas, que, mesmo na velhice, se mantinham macias como as de uma menina. Katharine Carl, pintora americana que mais tarde a retratou, assim descreveu seus traços:

Um nariz longo [...] o lábio superior muito firme, a boca um tanto grande, mas bem-feita, com lábios móveis e vermelhos, que ao se abrirem sobre os dentes firmes e brancos dão a seu sorriso um raro encanto; o queixo forte, mas sem firmeza exagerada e sem nenhum sinal de obstinação.¹²

O que mais se destacava nela eram os olhos brilhantes e expressivos, como muitos notaram. No futuro, durante as audiências, ela dirigiria seu olhar mais lisonjeiro às autoridades, mas de repente os olhos faiscavam com um poder assustador. O primeiro presidente da China, o general Yuan Shikai, que servira sob as ordens dela e tinha a reputação de ser um homem impetuoso, confessou que o olhar de Cixi era a única coisa que o perturbava: “Não sei por quê, mas o suor começou a escorrer. Fiquei muito nervoso”.¹³

Durante a inspeção, os olhos de Cixi transmitiram todas as mensagens corretas, e o imperador Xianfeng as percebeu. Demonstrou seu agrado, e os funcionários da corte retiveram o cartão de identificação dela. Tendo sido incluída no rol das finalistas, ela foi submetida a novas verificações e passou mais uma noite na Cidade Proibida. Por fim, foi selecionada, junto com várias outras moças, entre centenas de candidatas. Não resta dúvida de que era esse o futuro que ela desejava. Cixi se interessava por política e não havia nenhum cavaleiro de armadura reluzente a esperá-la. A separação de homens e mulheres impedia qualquer ligação romântica, e a ameaça de castigos severos para toda família que promettesse a filha a outro pretendente antes que ela tivesse sido rejeitada pelo imperador significava que a família de Cixi não poderia ter cogitado nenhum arranjo nupcial para ela. Ainda que, depois de admitida à corte, Cixi quase nunca voltasse a ver a família, oficialmente se estipulava que os pais idosos de consortes reais podiam obter

permissão especial para visitar as filhas e até permanecer durante meses em casas de hóspedes num canto da Cidade Proibida.

Fixou-se uma data para que Cixi se instalasse em seu novo lar: 26 de junho de 1852, após o fim formal do luto compulsório de dois anos pela morte do imperador Daoguang, sinalizado pela visita do novo imperador ao mausoléu do pai, a oeste de Beijing. Durante esse período de luto lhe foi exigido que se abstinhasse de sexo. Ao entrar no palácio, foi dado a Cixi o nome Lan, que parece ter se derivado de seu sobrenome, Nala, às vezes grafado como Nalan. Lan era também o nome da magnólia ou da orquídea. Dar a uma moça o nome de uma flor era prática comum. Cixi não gostou do nome, e, assim que se viu em condições de pedir um favor ao imperador, conseguiu trocá-lo.

O harém em que ela passou a morar naquele dia de verão era um mundo de pátios murados e corredores longos e estreitos. Ao contrário da área frontal, masculina, essa parte da Cidade Proibida não tinha um clima de tanta grandiosidade, porém havia muitas árvores, flores e jardins decorados com pedras. A imperatriz ocupava um palácio ali, e cada uma das concubinas tinha um pequeno apartamento. Os quartos eram decorados com sedas bordadas, móveis entalhados e adornos cobertos de joias, mas eram poucas as mostras de individualidade ali permitidas. Regras rígidas governavam o funcionamento do harém, como de toda a Cidade Proibida. Os objetos que as moças podiam ter em seus aposentos, a quantidade e a qualidade dos tecidos de suas roupas, os tipos de alimentos a ser consumidos a cada dia — tudo isso era determinado meticulosamente, segundo a categoria de cada uma. Com relação a alimentos,¹⁴ a imperatriz tinha direito, diariamente, a treze quilos de carne, um frango, um pato, dez pacotes de chá, doze jarros de uma água especial trazida das Colinas da Fonte de Jade, bem como quantidades específicas de diferentes tipos de verduras, cereais, especiarias e outros produtos.^c Tinha direito ainda, todos

os dias, ao leite produzido por nada menos que 25 vacas. (Ao contrário da maioria dos hans, os manchus bebiam leite e consumiam laticínios.)

Cixi não foi feita imperatriz. Era uma concubina e, além disso, de baixa categoria. Havia oito degraus na hierarquia de consortes imperiais, e Cixi estava no sexto, o que a punha no grupo mais baixo (do sexto ao oitavo degraus). Nessa categoria, não tinha direito a vaca privada e só recebia três quilos de carne por dia. Tinha quatro criadas pessoais, enquanto a imperatriz dispunha de dez, além de numerosos eunucos.

A nova imperatriz, uma moça chamada Zhen, palavra que significa “castidade”, entrara para a corte junto com Cixi. Também começara como concubina, mas numa categoria mais alta, a quinta. Dentro de quatro meses e antes do fim do ano, porém, fora promovida à primeira categoria, a de imperatriz. Não por causa de sua beleza, pois a imperatriz Zhen nada tinha de bonita. Além disso, não gozava de boa saúde, e os mesmos enxeridos que apelidaram seu marido de “Dragão Coxo” a chamavam de “Fênix Frágil” (a fênix era o símbolo da imperatriz). No entanto, ela possuía a qualidade mais prezada numa imperatriz: tinha personalidade e habilidade para se dar bem com as demais consortes e para dirigi-las, como também os servos. O papel principal de uma imperatriz consistia em ser a gerente do harém, e a imperatriz Zhen cumpria essa tarefa à perfeição. Sob seu comando, o harém estava notavelmente isento da maledicência e das implicâncias endêmicas nesses lugares.

Nada indica que o imperador tivesse especial apreço por Cixi como concubina. Na Cidade Proibida, a vida sexual do imperador era registrada diligentemente.¹⁶ Ele escolhia a parceira sexual da noite escrevendo o nome dela numa tábula de bambu que o chefe dos eunucos lhe apresentava ao jantar, refeição que em geral ele fazia a sós. O imperador dispunha de dois quartos de dormir, um com espelhos em todas as paredes, e o outro com biombos de seda. Os leitos tinham dosséis de seda, dos quais pendiam bolsas de perfume. Os dosséis eram baixados nos dois quartos quando o imperador entrava em um deles. Isso parecia se dever a questões de segurança, pois

nem mesmo os servos pessoais sabiam com certeza qual a cama que ele ocuparia. As normas da corte proibiam que o imperador dormisse na cama de suas mulheres. Elas vinham a ele, e, a darmos crédito à lenda, a escolhida da noite era carregada por um eunuco, nua e envolta em sedas. Depois do sexo, a mulher era levada de volta. Não tinha permissão de passar a noite no quarto do imperador.

O Dragão Coxo era um amante ardente. Não há outro imperador Qing de quem se contem mais histórias sobre atividades sexuais. Suas consortes logo aumentaram para dezenove, das quais algumas eram ex-criadas do palácio, promovidas à categoria de concubinas. Também provinham de todas as partes da China, e em geral eram moças de famílias manchus de classe baixa. Além disso, mulheres que não pertenciam à corte também eram levadas à sua cama. Corriam boatos de que, na maioria, eram notórias prostitutas hans que tinham tido os pés atados, costume que, aparentemente, o atraía. Como a Cidade Proibida obedecia a regras inflexíveis, dizia-se que elas eram levadas às escondidas ao Antigo Palácio de Verão — os *Yuan-ming-yuan*, Jardins do Resplendor Perfeito —, um enorme complexo ajardinado a cerca de oito quilômetros a oeste de Beijing. Ali as regras eram menos estritas, e o imperador podia se entregar com mais liberdade a seus folguedos sexuais.

Durante quase dois anos, esse imperador sexualmente feroso — pode-se até tachá-lo de priápico — não mostrou nenhuma atração especial por Cixi. Deixou-a na categoria seis, ao mesmo tempo em que promovia à sua graduação concubinas dos graus sete e oito. Alguma coisa o afastava dela. Ao que parece, na ânsia de agradar ao marido, a adolescente Cixi errava ao tentar participar de suas preocupações.

*

O imperador Xianfeng enfrentava problemas monumentais. Assim que subiu ao trono, em 1850, rebentou na província de Guangxi, na costa sul, a

maior rebelião camponesa na história da China, a Taiping. A fome empurrou dezenas de milhares de camponeses a uma aventura desesperada — a sublevação armada —, muito embora eles se arriscassem às mais medonhas consequências. Para seus líderes, a punição inevitável era o *ling-chi*, a “morte por mil cortes”, suplício no qual o condenado era retalhado pedaço por pedaço, em público. Nem mesmo isso bastou para deter os camponeses, que se viam diante da morte lenta pela fome, e não tardou que o exército rebelde Taiping congregasse centenas de milhares de soldados. No fim de março de 1853, esse exército investiu contra a antiga capital, no sul, Nanjing, e criou um Estado antagônico, o Reino Celestial Taiping. No dia em que recebeu a notícia, o imperador Xianfeng chorou diante de seus ministros.¹⁷

Tampouco esse era o único infortúnio do imperador. Outras numerosas rebeliões sacudiram a maioria das dezoito províncias no interior da Grande Muralha. Inúmeras aldeias, vilas e cidades ficaram devastadas. O império se achava em tal situação de balbúrdia que o imperador foi obrigado a emitir, em 1852, uma Apologia Imperial.¹⁸ Essa era a forma suprema de contrição por parte de um monarca diante da nação.

Isso ocorreu pouco depois de Cixi ingressar na corte. Os problemas de seu marido podiam ser percebidos até nas profundezas da Cidade Proibida. A reserva de prata do Estado se reduziu ao nível mais baixo na história, caindo a 290 mil taéis.¹⁹ Como forma de ajudar a pagar a manutenção de seus soldados, o imperador Xianfeng recorreu à bolsa da casa imperial, na qual, como se verificou, só restavam 41 mil taéis, que mal eram suficientes para cobrir as despesas do dia a dia. Tesouros da Cidade Proibida foram derretidos, entre eles três gigantescos sinos de ouro puro. A suas consortes ele dirigiu graves advertências, como as seguintes, escritas por ele próprio:

Proíbe-se usar grandes adornos de orelha ou brincos de jade.

Proíbe-se mais de duas flores com pedrarias no cabelo, e aquela que usar três será punida.

Proíbe-se o uso de sapatos com salto maior que um *cun* [cerca de 2,5 centímetros], e aquela cujos sapatos tenham salto superior a 1,5 *cun* será punida.²⁰

Os desastres do império também afetaram diretamente a família de Cixi, com a qual ela mantinha contato. Antes de seu ingresso na corte, o pai dela tinha sido transferido para a província de Anhauí, perto de Shanghai, para ser o governador de uma região que administrava 28 condados e tinha sede em Wuhu, uma próspera cidade às margens do rio Yangtzé.²¹ Entretanto, isso ficava muito perto do campo de batalha da Rebelião Taiping, e um ano depois seu pai se viu obrigado a fugir quando os rebeldes atacaram a cidade. Temeroso da ira do imperador — algumas autoridades acusadas de abandono do posto tinham sido decapitadas — e exaurido pela fuga, Huizheng adoeceu e morreu no verão de 1853.

A morte do pai, a quem ela era muito apegada, fez Cixi sentir que devia mesmo fazer alguma coisa para ajudar o império — e o marido. Ao que parece, ela tentou lhe dar algumas sugestões sobre como ele poderia enfrentar as sublevações. Habituada a um meio em que suas opiniões eram solicitadas e acatadas pela própria família, pode-se imaginar que ela supôs que também Xianfeng daria ouvidos a suas ideias. Mas isso só fez aborrecê-lo. Seguindo a antiga tradição chinesa, a corte Qing proibia taxativamente que as consortes reais se imiscuissem de qualquer modo nos negócios de Estado. O imperador Xianfeng determinou à imperatriz Zhen que tomasse alguma atitude em relação a Cixi, usando termos pejorativos para se referir a suas propostas — “ardilosas e dissimuladas”.²² Cixi violara uma regra básica e se arriscava à pena capital.^d De acordo com uma história conhecida, mais tarde o imperador Xianfeng entregou um edito privado à imperatriz Zhen, dizendo que temia que, depois que ele morresse, Cixi tentasse interferir nos negócios de Estado e que, se um dia isso acontecesse, a imperatriz Zhen deveria mostrar o edito aos príncipes e fazer com que ela fosse “exterminada”.²³ No entanto, ou assim diz a história, a imperatriz Zhen

mostrou o documento a Cixi depois da morte do marido e então o queimou.

A imperatriz Zhen era uma mulher corajosa, e seus contemporâneos também lhe louvavam a bondade. Quando o imperador se enfurecia com uma concubina, ela sempre mediava a situação.²⁴ Nessa ocasião, ao que parece, ela interveio em favor de Cixi. E o argumento que utilizou bem pode ter sido que Cixi estava apenas tentando — talvez com veemência excessiva — expressar seu amor e sua preocupação por sua majestade. Nessa ocasião, muito perigosa para Cixi, a imperatriz Zhen a protegeu. Isso ajudou a lançar os alicerces da devoção que, durante toda a vida, Cixi dedicou à imperatriz. E esses sentimentos eram mútuos. Cixi nunca se mostrara desleal no trato com a imperatriz Zhen. Embora devesse sentir-se insatisfeita com sua posição na base da hierarquia das consortes, enquanto Zhen ascendera nela e se tornara imperatriz, Cixi nunca moveu um dedo para prejudicar Zhen. Mesmo seus maiores inimigos nunca a acusaram de intriga. Se havia algum ciúme, o que na posição de Cixi pareceria inevitável, ela o mantinha absolutamente sob controle e nunca permitiu que isso envenenasse sua relação com Zhen. Cixi não era mesquinha — e era sensata. Por isso, em vez de mostrarem rivalidade, as duas mulheres se tornaram boas amigas, com a imperatriz dirigindo-se a Cixi, na intimidade, como “irmãzinha”.²⁵ Na realidade, ela era um ano mais nova do que Cixi, mas essa intimidade traduzia sua superioridade como imperatriz.

É bem possível que a imperatriz Zhen tenha agido no sentido de persuadir o imperador a promover Cixi, em 1854, da categoria seis para a cinco, tirando-a do grupo inferior. Como complemento dessa promoção, ele lhe conferiu um novo nome, cuidadosamente estudado, Yi, que significa “exemplar”.²⁶ Um edito especial, escrito de próprio punho pelo imperador, na tinta carmesim que assinalava a autoridade do monarca, anunciou publicamente o novo nome de Cixi, junto com sua promoção. Para que ela recebesse a honraria formalmente, realizou-se uma cerimônia durante a

qual eunucos do Departamento de Música da corte executaram composições de congratulação.

O episódio mostrou a Cixi que para sobreviver na corte ela devia calar com relação a assuntos de Estado. Isso lhe era difícil, pois ela via que a dinastia corria sério perigo. Os rebeldes Taiping não só vinham consolidando suas bases no sul da China como estavam enviando expedições militares que apontavam para um ataque a Beijing. Cixi sentia que tinha ideias viáveis — na verdade, foi durante seu governo que os rebeldes Taiping acabaram sendo derrotados. No entanto, ela não podia dizer uma só palavra, e podia falar com o marido apenas de assuntos que não envolvessem política, como música e arte. O imperador Xianfeng tinha dotes artísticos. Suas pinturas da adolescência (gravuras, paisagens e cavalos com olhos cativantes) eram de qualidade extraordinária. Cixi também sabia desenhar. Tinha desenhado moldes de bordados quando menina, e suas pinturas e caligrafia desabrocharam na velhice. Pelo menos, podia falar sobre esses interesses comuns com o marido. A ópera proporcionava um vínculo ainda mais estreito entre eles. O imperador Xianfeng não só gostava de assistir a óperas como também compunha melodias, escrevia letras e dirigia espetáculos. Chegava a usar maquiagem e participar das representações. Desejando aprimorar seus conhecimentos, chamava atores para ensinar a eunucos, e enquanto assistia às aulas, aprendia também. Seus instrumentos prediletos, que ele tocava bem, eram a flauta e o tambor. Quanto a Cixi, sua paixão de toda a vida pela ópera contribuiria no futuro para ajudar a criar uma sofisticada forma de arte.

Em 27 de abril de 1856, Cixi deu à luz um filho. Isso alteraria seu destino.

a Acreditou-se no passado que o nome de solteira de Cixi fosse Lan, que significa “magnólia” ou “orquídea”. Na verdade, esse nome só lhe foi atribuído quando ela passou a fazer parte da corte. Seus descendentes creem que seu nome próprio era Xing, “amêndoa”, cuja pronúncia é idêntica ao do caractere que significa “boa sorte”.²

b Os hans que tinham servido o exército manchu na Manchúria eram considerados manchus.

c As “sobras” não eram desperdiçadas. Um imperador anterior determinara que deveriam ser dadas aos servos, e que as sobras destes fossem dadas a gatos e cães. Nem os resíduos deveriam ser jogados fora: deviam ser secados e usados como ração para aves.¹⁵

d Há quem diga que Cixi ajudava o marido a ler informes oficiais e a redigir instruções, mas nada comprova isso.

2. Da Guerra do Ópio ao incêndio do Antigo Palácio de Verão (1839-60)

O nascimento do filho de Cixi, o primeiro filho varão do imperador, foi um acontecimento monumental para a corte. Até então o imperador Xianfeng só tivera uma filha, a grã-princesa, com uma concubina que ingressara na corte junto com Cixi. No entanto, por ser mulher, a princesa não tinha direito ao trono. Com a chegada do filho de Cixi, foi aberto um arquivo oficial intitulado “A concubina imperial Yi deu à luz um grão-príncipe”.¹ Esse arquivo registra que muitos meses antes, obedecendo a uma sensata norma da casa imperial, a mãe de Cixi tinha sido convidada à Cidade Proibida a fim de cuidar da filha. Numa data propícia, determinada pelo astrólogo da corte, fora aberta uma cova atrás do apartamento de Cixi, numa cerimônia na qual “Cantos de Alegria” foram recitados. Nessa cova depositaram palitinhos de comer, envoltos em seda vermelha, ao lado de oito tesouros, entre os quais ouro e prata. Os palitinhos têm a mesma pronúncia, *kuai-zi*, que a expressão “gerar um filho varão rapidamente”. A cova viria a ser usada para enterrar a placenta e o cordão umbilical.

Logo se adquiriram sedas de todos os tipos, além do que havia de melhor em algodão e musselina, para a roupa de cama e trajes do bebê. Entrevistaram-se dezenas de mulheres que tinham passado pela experiência do parto. Juntamente com médicos da Clínica Real, essas mulheres maduras

ficariam ao lado de Cixi quando sua gravidez chegasse ao sétimo mês. Na verdade, as normas da corte especificavam o oitavo mês, mas o ansioso imperador Xianfeng estipulou uma regra especial. Pediu que o mantivessem sempre informado a respeito do desenvolvimento do estado de Cixi, e no momento em que a criança nasceu o chefe dos eunucos correu a lhe dar a notícia de que “a concubina imperial Yi acabou de dar à luz um príncipe”, e que os médicos reais consideravam que “tanto o pulso da mãe quanto o do filho estavam pacíficos”. (A pulsação era vista como um indicador fundamental de saúde.) Todos exclamaram: “Oh, grande é nosso regozijo ao lado de nosso Senhor de Dez Mil Anos!”.

Exultante, o imperador Xianfeng no mesmo instante elevou Cixi a uma categoria superior. Toda a corte foi tomada por um frenesi de comemoração do nascimento do bebê, que recebeu o nome de Zaichun. No terceiro dia, deram-lhe um banho completo, numa ampla bacia de ouro puro, sendo a data, a hora (meio-dia) e a posição (voltado para sul) calculadas meticulosamente pelo astrólogo da corte. Logo, com sonoras fanfarras, o bebê foi formalmente acomodado num berço. Quando completou um mês ocorreram outras festividades, durante as quais seu cabelo foi cortado pela primeira vez. Quando fez um ano, dispôs-se diante dele uma pilha de objetos, para que ele os pegasse: supostamente, sua escolha indicaria suas futuras predileções. A primeira coisa que ele pegou foi um livro — coisa pela qual viria a mostrar verdadeira fobia. Nessas e em outras ocasiões ele recebeu uma profusão de presentes. Na época, o ato de presentear se revestia de extraordinária importância, e nenhuma efeméride era tida como bem comemorada sem presentes. Praticamente todos os dias chegavam presentes à corte, outros eram enviados de lá, ou trocados entre os cortesãos. No decurso de seu primeiro ano de vida, o filho de Cixi ganhou cerca de novecentos objetos de ouro, prata, jade e outras pedras preciosas, bem como mais de quinhentas peças de roupa e enxoval de cama, dos mais magníficos tecidos.

Graças ao filho, Cixi logo se tornou a incontestada consorte número 2, só superada na hierarquia pela imperatriz Zhen. Sua posição se tornou ainda mais segura quando o segundo filho do imperador, nascido dois anos depois, de outra concubina, viveu somente algumas horas e morreu antes mesmo que ganhasse nome.² A força de sua posição possibilitou a Cixi convencer o marido a casar a irmã dela, de dezoito anos, com um de seus meios-irmãos mais novos, o príncipe Chun, de dezenove anos.³ As consortes dos príncipes deviam ser escolhidas pelo imperador, entre as candidatas que lhe eram apresentadas para a seleção de suas próprias consortes. Cixi tinha visto bastante o príncipe nos espetáculos de ópera. Nessas oportunidades, homens e mulheres ficavam separados por uma cortina, mas os curiosos sempre achavam um meio de avaliar um membro do sexo oposto. Dos camarotes em que se sentavam em almofadas, de pernas cruzadas, as mulheres da corte podiam observar os varões da casa real sem serem vistas. Mrs. Isaac Headland, médica e missionária americana, que mais tarde tratou muitas senhoras da aristocracia, entre as quais a mãe de Cixi, observou:

Essas delicadas e pequenas senhoras têm sua própria curiosidade e algum meio de descobrir quem é quem naquela corte cheia de pilares do Estado em trajes com desenhos de dragões, pois nunca deixei de receber uma resposta imediata quando procurava saber o nome de algum convidado bem-apegoado ou de aspecto distinto de quem eu desejava descobrir a identidade.⁴

Cixi decerto procurou se informar sobre o caráter do príncipe Chun, e, na verdade, no futuro seus serviços seriam de enorme valor para ela.

Nesse ínterim, Cixi se dedicou ao filho. As normas da corte proibiam que ela o amamentasse, e médicos lhe prescreveram infusões de ervas para interromper a produção de leite. Contratou-se uma ama de leite de uma família manchu de classe baixa que atendesse aos requisitos da corte, e para facilitar sua lactação, uma instrução lhe recomendou “comer, todo dia, meio pato, joelho de porco ou a parte frontal dos pulmões do porco”.⁵ O palácio

pagou também um subsídio à ama de leite para que esta, por sua vez, contratasse uma ama de leite para amamentar seu próprio filho.

A imperatriz Zhen era a mãe oficial da criança, e tinha precedência em relação a Cixi. Isso não provocou animosidade entre as duas, e o menino cresceu com duas mães carinhosas. Quando ficou maior, ele tinha uma companheira de brincadeiras, sua irmã mais velha, a grã-princesa. Pintores da corte registraram as duas crianças brincando juntas nos jardins do palácio, o menino com um manto anil preso na cintura por uma faixa vermelha, e a menina com um vestido verde e casaco curto vermelho, com flores no cabelo. São mostrados num pavilhão sob um salgueiro, pescando num lago de lótus em flor. Em outro quadro, no começo da primavera, com magnólias brancas junto de um pinheiro, o menino e a menina usam pequenos gorros, e o manto do príncipe tem forros almofadados azul-claros. Parecem estar procurando, entre as raízes finas de árvores antigas e em jardins de pedra, insetos que talvez despertassem depois de uma longa hibernação. Nessas imagens, o menino, mais novo, é sempre mostrado com o dobro do tamanho da irmã mais velha.

Apesar dessas cenas plácidas e idílicas da infância do filho de Cixi, o império continuava convulsionado pela Rebelião Taiping no sul e por agitações violentas em outras regiões. Na verdade, a China enfrentava outro problema grave: estava sendo invadida por potências estrangeiras.

As origens da guerra movida pela Inglaterra e pela França contra a China, em 1856-60, remontam a cem anos antes. Em 1757, o imperador Qianlong, que governou a China durante sessenta anos, no período de 1736-95, e que, por suas realizações, com frequência é cognominado o Magnífico, fechou as portas do país, deixando apenas um porto, o de Cantão, aberto ao comércio. A preocupação preponderante do imperador era o controle do vasto império, e com o país fechado, o controle se tornava muito mais fácil. No entanto, a Grã-Bretanha estava sedenta de comércio. Os principais produtos

que ela importava da China eram sedas e chá, este último, na época, cultivado apenas na China. A cada ano, só em imposto de importação, o chá contribuía com mais de 3 milhões de libras esterlinas para o tesouro público, o suficiente para cobrir metade dos custos da Marinha Real. Com o objetivo de persuadir o imperador Qianlong a abrir outros portos ao comércio, uma missão britânica chegou a Beijing em 1793. Seu líder, Lord Macartney, fez o que pôde para atender às exigências chinesas e aceitou que os barcos e os carros de sua missão ostentassem estandartes em que se lia, em caracteres chineses: “O embaixador britânico rende tributo ao imperador da China”.⁶ Para que Qianlong lhe concedesse uma audiência, ele chegou a cumprir o obrigatório *san-gui-jiu-kou* — ou seja, ajoelhar-se três vezes diante do imperador e tocar o chão com a cabeça nove vezes. Macartney só o fez com grande relutância e depois de muita resistência, sabendo que de outra forma o imperador não o receberia.^a

Segundo o próprio Lord Macartney, o imperador Qianlong tratou-o com “todos os sinais externos de consideração e apreço”, mas não se dispôs a aceitar nenhum aumento do comércio. Para lhe mostrar o que a Grã-Bretanha poderia oferecer, Lord Macartney trouxera consigo, entre outros presentes, dois obuseiros, com suas carretas, armões e munição. O imperador não os usou, deixando-os no Antigo Palácio de Verão. Na resposta a uma carta do rei Jorge III, rejeitou cortesmente, ponto por ponto, as solicitações do monarca britânico. Abrir mais portos ao comércio era “impossível”; não seria permitido que a Grã-Bretanha comprasse uma pequena ilha ao largo da costa da China onde seus comerciantes pudessem se hospedar e armazenar mercadorias; e a presença permanente de um enviado na capital da China, Beijing, estava “totalmente fora de cogitação”. Lord Macartney pedira também que fosse permitida a entrada de missões cristãs no país, e com relação a isso a resposta do imperador foi a seguinte:

O cristianismo é a religião do Ocidente, e esta Dinastia Celestial tem suas próprias crenças, legadas por nossos sagrados e sábios monarcas, crenças que têm possibilitado

que nossos 400 milhões de súditos sejam guiados de forma obediente. É preciso que a mente de nosso povo não seja confundida por heresias [...]. Os chineses e os estrangeiros devem ficar rigorosamente separados.

O imperador alegou que sua “Dinastia Celestial possui todas as coisas em prolífica abundância e não carece de produto algum dentro de suas fronteiras”. Por conseguinte, não tinha necessidade alguma de nada proveniente do exterior. Declarou que só autorizava o comércio em um único porto levado por uma consideração generosa pelos estrangeiros, que não podiam passar sem produtos chineses. Essa empáfia não tinha fundamento nem traduzia o pensamento real do imperador. As taxas aduaneiras provenientes de Cantão contribuía substancialmente para os cofres públicos — mais de 1,1 milhão de taéis em 1790, três anos antes da missão de Lord Macartney.⁷ Uma grande fatia desse dinheiro se destinava à corte, cujo custo anual ascendia a 600 mil taéis. O imperador Qianlong sabia bem disso, pois regularmente examinava os livros de transações. Tampouco ignorava os avanços da ciência e tecnologia europeias. O vital calendário chinês, que regia a produção agrícola do império, tinha sido criado no século XVIII por jesuítas europeus — principalmente por Ferdinand Verbiest —, a serviço do imperador Kangxi (1661-1722), avô de Qianlong. Desde então, e sem interrupção, eram jesuítas europeus que operavam o Observatório Imperial em Beijing, usando instrumentos europeus. Na época, estavam trabalhando para o próprio imperador Qianlong. Até o mapa da China, no reinado de Qianlong (como também no de Kangxi), fora desenhado por missionários que fizeram o levantamento topográfico do país utilizando métodos europeus.

Na realidade, o que levava Qianlong a rejeitar de modo enfático a missão Macartney e a fechar as portas do país era sua sensação de insegurança em relação ao controle do país. O domínio exercido pelo imperador sobre seu vasto império se baseava na submissão total e incondicional da população. Qualquer contato com estrangeiros poderia perturbar essa obediência cega e

era perigoso para o trono. Do ponto de vista de Qianlong, o império talvez saísse do controle se não permanecesse fechado ao exterior e se houvesse estrangeiros em contato com a população — sobretudo numa época em que os camponeses já demonstravam insatisfação. A dinastia Qing, que até então desfrutava de considerável prosperidade, favorecida por boas condições climáticas durante longos períodos de tempo (cerca de cinquenta anos no reinado do imperador Kangxi), começava a declinar no fim do século XVIII.⁸ Isso acontecia principalmente devido à explosão populacional, causada em parte pela introdução, na China, de alimentos de alta produtividade, como a batata e o milho, oriundo das Américas.⁹ Por ocasião da visita de Lord Macartney, a população da China mais que duplicara em meio século e passava de 300 milhões de habitantes. Cinquenta anos depois, já passava de 400 milhões. A economia tradicional do país era incapaz de manter esse acentuado crescimento demográfico. Como observou Lord Macartney: “Difícilmente passa agora um ano sem que haja uma insurreição em algumas de suas províncias. É verdade que são logo debeladas, mas sua frequência é um forte sintoma da febre que grassa no país. Repele-se o paroxismo, mas a doença não é curada”.

Praticamente expulsando Lord Macartney do país, o imperador Qianlong enviou uma carta agressiva ao rei Jorge III, ameaçando usar de força para repelir cargueiros britânicos, se viessem dar em sua costa, encerrando a missiva com as seguintes palavras: “Não me culpe por não lhe fazer avisos adequados!”. O imperador estava se comportando como um animal que eriça os pelos a um sinal de perigo. Sua política de portas fechadas provinha de alarme e de conjecturas, e não de arrogância ignorante, como tantas vezes se diz.

Seus sucessores — o filho e o neto — seguiram essa política de portas fechadas, enquanto o império se debilitava cada vez mais. Foi então que, meio século depois da malograda missão de Lord Macartney, a Grã-Bretanha entreabriu essas portas com a Guerra do Ópio (1839-42), o primeiro choque militar da China com o Ocidente.

O ópio, produzido na Índia Britânica, era contrabandeado para a China por comerciantes estrangeiros, na maioria britânicos. Desde 1800, Beijing proibira a importação, o cultivo e o uso do ópio, devido aos enormes malefícios que a droga vinha causando à economia do país e à sua população. Na época, uma descrição dos usuários pintava um quadro assustador: “Com os ombros caídos, o nariz escorrendo e a respiração ofegante, eles mais parecem mortos do que vivos”. Os governantes temiam que se o vício não fosse combatido, o país ficaria sem soldados e trabalhadores aptos, para não falar da prata, sua moeda. Em março de 1839, o imperador Daoguang, futuro sogro de Cixi, nomeou um cruzado para a campanha contra o ópio, Lin Zexu, e o enviou como comissário imperial a Cantão, em cuja costa os navios estrangeiros ancoravam. Lin ordenou que os comerciantes lhe entregassem todo o ópio em seu poder. Diante da resistência ao cumprimento de sua ordem, fez com que a comunidade estrangeira fosse confinada e declarou que ela só seria libertada quando todo o ópio em águas chinesas lhe fosse entregue. Por fim, 20 183 caixas de ópio, contendo mais de mil toneladas da droga, foram entregues a Lin, que suspendeu o confinamento dos estrangeiros. A seguir, mandou destruir o ópio fora de Cantão, primeiro derretendo-o e depois despejando-o no mar. Antes de se livrar da droga, o comissário Lin He fez um sacrifício ritual ao deus do Mar, suplicando-lhe que “mandasse os peixes se afastarem por algum tempo para fugir do veneno”.¹⁰

O comissário Lin sabia que “a governante da Inglaterra é uma mulher, e bastante jovem, mas todas as ordens partem dela”. Escreveu uma carta à rainha Vitória, que ocupava o trono desde 1837, pedindo sua cooperação. “Ouço dizer que o uso do ópio é rigorosamente proibido na Inglaterra”, escreveu ele. “Portanto, a Inglaterra sabe o mal que essa droga causa. Se não permite que ela envenene seu próprio povo, não deve permitir-lhe envenenar a população de outros países.” O imperador Daoguang aprovou a

carta.¹¹ Não se sabe ao certo a quem o comissário a confiou, mas não há registro de que a rainha Vitória a tenha recebido.^b

As grandes companhias mercantis e as câmaras de comércio de Londres a Glasgow se insurgiram. Os atos de Lin foram considerados “ofensivos” à economia britânica e alguns exigiram que a Grã-Bretanha recorresse à guerra em busca de “satisfação e reparação”. O secretário do Exterior, Lord Palmerston, expoente da “diplomacia de canhoneiras”, defendeu a guerra. Quando a questão foi debatida no Parlamento, em 8 de abril de 1840, o futuro primeiro-ministro William Gladstone, então um jovem parlamentar Tory, manifestou sua veemente oposição à ideia:

Não conheço nem jamais ouvi falar de uma guerra mais injusta em sua origem, ou mais calculada em sua gestação, para cobrir este país de opróbrio permanente. Sua excelência falou na noite passada, em termos eloquentes, sobre a bandeira britânica tremular gloriosamente em Cantão [...] mas agora, sob os auspícios do nobre lorde, essa bandeira está sendo içada a fim de proteger um infame tráfico de contrabando [...]. Não, estou convicto de que o governo de sua majestade nunca persuadirá o Parlamento, segundo essa moção, a instigar tal guerra injusta e iníqua.¹²

Contudo, uma moção de censura apresentada pela oposição — os Tories — foi derrotada por 271 a 262 votos, uma maioria de nove votos. Durante os dois anos seguintes, dezenas de navios de guerra britânicos e 20 mil homens (entre os quais 7 mil indianos) atacaram a costa chinesa no sul e no leste, ocupando Cantão e, por algum tempo, Shanghai. Sem vasos de guerra e com um exército mal equipado, em 1842 a China foi derrotada e obrigada a assinar o Tratado de Nanjing e a pagar uma indenização de 21 milhões de dólares de prata.^c

Assim incentivado, o tráfico de ópio cresceu como nunca. Os carregamentos da droga, provenientes de Calcutá e de Bombaim, quase dobraram de imediato, e mais do que triplicaram antes do fim da década seguinte, passando de 15 619 caixas em 1840 para 29 631 em 1841 e para 47

681 em 1860. Curvando-se à realidade de que a batalha contra a droga era inútil, a China tornou o comércio de ópio legal em 1860. Chamada na época de “a droga estrangeira” (*yang-yao*), ela estava indissociavelmente ligada ao Ocidente. A médica e missionária americana Mrs. Headland recordou: “Por ocasião de visitas a casas de chineses, com frequência me foi oferecido o cachimbo de ópio, e quando eu o recusava, as senhoras manifestavam surpresa, dizendo que julgavam que todos os estrangeiros usavam a droga”.

O tratado de Nanjing obrigou a China a abrir ao comércio outros quatro portos, além do de Cantão. Conhecidos como os Portos do Tratado, eram territórios ocidentais e estavam sujeitos às leis ocidentais, e não às chinesas. Um deles era Shanghai. Uma cláusula separada no Tratado “entregava” a ilha de Hong Kong à Grã-Bretanha para que ali fundassem navios e se desembarcassem as cargas. Árida e esturricada pelo sol, com umas poucas árvores escondidas entre morros, na época a ilha só tinha um punhado de casebres de pescadores, enquanto o assentamento estrangeiro em Shanghai não passava de um pequeno pantanal ao lado de campos agrícolas. Duas espetaculares metrópoles internacionais surgiram nessas áreas que nada prometiam, graças à mão de obra chinesa e ao investimento e controle estrangeiro, sobretudo britânico. Mais tarde, no começo do século XX, um destacado chinês, Wu Tingfang, escreveu, referindo-se a Hong Kong:

Ano após ano, o governo britânico despendeu somas elevadas para sua melhoria e desenvolvimento, e, mediante a sábia administração do governo local, o livre-comércio passou a contar com toda a infraestrutura. A ilha é agora uma próspera colônia britânica [...] e a prosperidade dessa colônia se baseia nos chineses, que, é escusado dizer, gozam de todos os privilégios desfrutados pelos residentes britânicos [...]. Devo admitir que o governo britânico muito fez de bom em Hong Kong. A colônia proporcionou aos chineses um modelo real e funcional de um sistema de governo ocidental que [...] logrou transformar uma ilha erma em cidade próspera [...]. A administração imparcial

da justiça e o tratamento humano de criminosos não podem deixar de provocar admiração e conquistar a confiança dos nativos.¹⁴

A Guerra do Ópio obrigou os chineses a aceitar missionários ocidentais, que, na época, estavam proscritos havia mais de cem anos. Depois da guerra, os franceses, que tinham pouco comércio com a China e só se interessavam em disseminar o catolicismo, tiraram proveito de uma vitória europeia e insistiram com afinco em que a proscrição fosse suspensa. O imperador Daoguang resistiu às exigências de Paris, mas já estava desnorteado e, como sua personalidade tendia para a hesitação, cedeu às pressões contínuas dos franceses, transmitidas por Qiyong, o comissário que ele nomeara para lidar com os ocidentais e que o aconselhava a temporizar. Em 20 de fevereiro de 1846, um edito histórico suspendeu a proscrição de missões cristãs, embora ela só se aplicasse aos Portos do Tratado. No resto da China, a proscrição foi mantida.

No entanto, não havia como satisfazer os missionários. Tendo sido vitoriosos na primeira batalha, logo começaram a se infiltrar no interior do país, em desafio à proscrição. Ao contrário dos antigos jesuítas, que tinham sido funcionários da corte e nunca procuraram desobedecer ao imperador, os missionários se mostravam agora ousados e desafiadores, apoiados como eram por navios de guerra. Impondo-se com empenho nessa terra antiga, espalharam ideias e costumes ocidentais e contribuíram para modernizar a China, derrubando no processo a dinastia Qing, fosse isso ou não sua intenção. O papel dos missionários na transformação da China foi vital, ainda que tenham conquistado relativamente poucos prosélitos.

O imperador Daoguang talvez não tenha previsto o futuro, mas com certeza percebeu que desencadeara uma força monumental e nefasta — e isso o abalou e o afligiu. Suas malsucedidas tratativas com os britânicos já lhe haviam causado muita tristeza e sofrimento. “Acossado por essas indizíveis ameaças, muita raiva e ódio se acumulam dentro de mim”, ele escrevera. Agora sentia outra coisa: “Só posso culpar a mim mesmo e sinto

uma imensa vergonha de mim” e “O que eu queria fazer era esmurrar e esmurrar meu peito com punhos cerrados”. Meses depois do edito fatídico, soaram alarmes nas províncias, provocados pela chegada dos missionários e pelos problemas que isso vinha causando.¹⁵ A agonia do imperador se intensificou, e diante disso ele redigiu seu testamento e designou um sucessor.¹⁶ Era importante deixar o império nas mãos de um filho que fosse mais determinado e mais capaz de resistir ao Ocidente. Daoguang escolheu o quarto filho, que viria a ser o imperador Xianfeng, o marido de Cixi. O rapaz crescera nutrido uma aversão intensa aos ocidentais.

A dinastia Qing não seguia o sistema pelo qual o filho primogênito herdava automaticamente o trono, mas deixava ao alvitre do imperador reinante fazer um testamento em segredo, nomeando seu sucessor. Daoguang fez isso de forma privada, porém com toda a solenidade. Redigiu o testamento em chinês e em manchu, como exigia um documento oficial de tal magnitude. Depois o dobrou, envolveu-o em duas camadas do papel imperial amarelo, assinou e datou o envelope, que pôs numa pasta de papelão, com revestimento interno branco e capa amarela. Envolveu a pasta em outra folha de papel amarelo. Na parte de cima do conjunto, após de novo sua assinatura e, na língua manchu, as palavras “Dez Mil Anos”, a fim de destacar a irreversibilidade do testamento. Depois o guardou numa caixa feita de *nam-mu*, uma madeira preciosa, com revestimento interno de seda amarela e tampa de madeira amarela. Essa caixa fora usada pelos imperadores do passado como receptáculo de seus testamentos de sucessão. A fechadura e a chave tinham sido esculpidas na forma auspiciosa de morcegos voando entre nuvens. (A palavra que significa “morcego” é homófona da que significa “boa sorte”.) O imperador Daoguang não selou a caixa de imediato: esperou um dia, para pensar mais um pouco e estar plenamente convicto da decisão. A seguir, também com as próprias mãos, trancou a caixa e lacrou-a com tiras de papel, assinando cada uma delas e acrescentando a data. A caixa foi então disposta com todo o cuidado atrás da gigantesca placa que pendia sobre a entrada de um dos palácios mais

importantes na Cidade Proibida. Nessa placa estavam inscritos quatro enormes caracteres — *zheng-da-guang-ming* — “íntegro, magnânimo, honrado e sábio”, uma divisa imperial.

O imperador Daoguang tinha nove filhos, de diferentes consortes, mas somente o quarto e o sexto tinham idade apropriada e estavam habilitados à sucessão.^d Daoguang descartara enfaticamente da sucessão o sexto filho, mas, em caráter excepcional, conferiu-lhe o título de *qin-wang*, o mais excelso de todos os príncipes. Afável e benquisto na corte, o sexto filho não era visceralmente xenófobo, como o meio-irmão, o herdeiro designado. O pai temia que ele se submetesse às exigências estrangeiras e permitisse que as portas da China se abrissem ainda mais.^e O pai conhecia bem os filhos. No futuro, eles se conduziram exatamente como ele previra.

O herdeiro do trono imperial, o futuro marido de Cixi, tinha oito anos quando rebentou a Guerra do Ópio, e nos anos seguintes ele viu como o conflito deixara o pai alquebrado, atormentando-se com isso. Quando subiu ao trono, em 1850, um de seus primeiros atos foi escrever um longo edito, condenando Qiyong, o comissário imperial conciliador que assinara o Tratado de Nanjing e persuadira seu pai a suspender a proscrição de missões cristãs. No edito, o imperador Xianfeng denunciava Qiyong por “sempre se curvar aos estrangeiros em detrimento do país”, de demonstrar “extrema incompetência” e de “não ter um fiapo de consciência”. Qiyong foi demovido e, mais tarde, recebeu ordem de se suicidar.¹⁷

Certa vez, contaram ao imperador que o teto de uma igreja de Shanghai tinha desabado durante uma tempestade, destruindo o grande crucifixo de madeira. Ele interpretou isso como sinal de que o Céu estava realizando o trabalho que competia a ele, e escreveu a respeito do que ouvira: “Estou muito impressionado e comovido, e me sinto mais envergonhado ainda”.¹⁸ Dois fatos — primeiro os rebeldes Taiping, que ameaçavam seu império, afirmarem que aceitavam o cristianismo, e, segundo, Hong Xiuquan, líder do movimento, declarar que era o irmão mais novo de Jesus Cristo — só serviram para que sua aversão ao cristianismo e aos ocidentais aumentasse

ainda mais. O imperador Xianfeng lutou com unhas e dentes, enquanto lhe restou um sopro de vida, para manter os ocidentais fora da China.

Já os britânicos desejavam que mais portos fossem abertos ao comércio e insistiam em ter representantes seus residindo em Beijing. O homem que Xianfeng nomeou para tratar com eles, Ye Mingchen, o vice-rei de Cantão, tinha muita afinidade com o imperador e não dava ouvidos às pretensões dos estrangeiros. Por fim, os britânicos chegaram à conclusão de que “navios de guerra eram absolutamente necessários”.¹⁹ Um incidente que envolveu uma embarcação de propriedade chinesa, a *Arrow*, desencadeou a chamada “Segunda Guerra do Ópio”, em 1856 — ano em que nasceu Cixi. No ano seguinte, Lord Elgin (filho do sétimo conde, famoso pela questão dos Mármores Elgin) foi enviado à China com uma frota de navios de guerra. Os franceses se juntaram à expedição, desejando fazer com que seus missionários ganhassem acesso ilimitado ao interior do país. Os aliados ocuparam Cantão e levaram o vice-rei Ye para Calcutá, onde em pouco tempo ele morreu. De Cantão, os europeus subiram em direção ao norte. Em maio de 1858, apoderaram-se dos Fortes Dagou, situados a cerca de 150 quilômetros a sudeste de Beijing, e entraram na cidade de Tianjin, perto dali. Mesmo com tropas inimigas à sua porta, o imperador Xianfeng continuou a rejeitar terminantemente as pretensões delas. Por fim, como Lord Elgin ameaçasse investir contra Beijing, o imperador se viu forçado a enviar negociadores, que acataram todas as exigências: a permanência de enviados em Beijing, a abertura de mais portos ao comércio e a admissão de missionários no interior do país. Depois de alguns dias de angústia, o imperador Xianfeng cedeu ao que o enviado francês, o barão Gros, chamou de “uma pistola na garganta”²⁰ e anuiu. Os aliados se deram por satisfeitos e deixaram os Fortes Dagou com suas belonaves.

O imperador Xianfeng se rebelou contra o novo acordo que lhe fora imposto. Buscando de todas as formas uma saída, chegou a propor que a

Grã-Bretanha e a França fossem isentas de todas as tarifas alfandegárias, se concordassem em anular o acordo. No entanto, os dois países responderam que, embora lhes agradasse a ideia de isenção de tarifas alfandegárias, queriam se ater aos acordos. O imperador continuou a censurar seus representantes, que negociavam com os europeus em Shanghai, mas em vão.

Um ano passou, e como fora estipulado, chegou o momento em que os acordos seriam ratificados em Beijing. Um irmão mais novo de Lord Elgin, Frederick Bruce, viajou para a cidade em junho de 1859, acompanhado de tropas britânicas e de uma pequena força francesa. (Nessa época, a França estava envolvida nas lutas para colonizar a Indochina.) O imperador Xianfeng criou toda sorte de obstáculos na tentativa de atrapalhar Bruce e seus colegas. Exigiu que os navios dos enviados atracassem numa pequena cidade costeira; que eles deveriam então “viajar a Beijing com uma comitiva de no máximo dez homens, sem armas [...] sem liteiras ou desfiles [...] e deixar Beijing no momento em que a ratificação for feita”. As liteiras eram o meio de transporte que conferia prestígio. A alternativa para os enviados era viajar nos desconfortáveis carros de tração animal pelas esburacadas estradas rurais, o que seria muito humilhante. Bruce se recusou a acatar os desejos do imperador e, em vez disso, lançou um ataque aos Fortes Dagu. Qual não foi sua surpresa ao ser repellido, pois os chineses tinham fortalecido a defesa dos fortes durante um ano. A confiança do imperador foi às nuvens, e ele logo determinou que os acordos fossem anulados.²¹

Entretanto, os aliados voltaram um ano depois, em 1860, com uma força muito maior, chefiada por Lord Elgin como embaixador extraordinário e plenipotenciário britânico e o barão Gros como embaixador francês. Os dois homens foram primeiro a Hong Kong e, depois, a Shanghai, antes de seguir para o norte por mar. Dispunham de um contingente de 20 mil soldados de infantaria, o que incluía um corpo de transporte formado por cules cantoneses. Essa força aliada tomou os Fortes Dagu, com enormes baixas de ambos os lados. O tenente-coronel Wolseley comentou: “Nunca, no passado, a Inglaterra iniciou uma campanha com uma força tão bem organizada ou

mais eficiente”.²² Em contraste, em sua maioria os soldados chineses estavam “malvestidos e lamentavelmente montados e equipados; alguns se achavam armados somente com arcos, outros com lanças, e o restante com mosquetes velhos enferrujados”. A disposição de luta dos chineses também pareceu fraca aos olhos dos europeus.

Tivessem os chineses adotado o plano de campanha usado por Wellington na defesa de Portugal em 1809, ou o dos russos em 1812, em defesa de Moscou, não poderíamos ter chegado a Pequim [Beijing] em 1860. Tudo que tinham a fazer era arrasar a região, queimar as plantações, retirar dali todo o gado e destruir as embarcações no rio Peiho, e estaríamos diante de um xeque-mate.

Wolseley registrou também que, ao desembarcar, “as pessoas se mostraram bastante solícitas e, ao que parece, deram todas as informações que tinham”. Observou ainda que

elas pareciam odiar todos os soldados tártaros [o exército defensor era formado de mongóis], que elas descreveram como “uma raça horrível, que falava uma língua desconhecida, que se alimentava basicamente de carne de carneiro crua” e que [...] “fedia mais do que vocês [os ingleses]”.

O tenente-coronel acrescentou, com bom humor: “uma observação muito lisonjeira para nosso patriotismo, sobretudo porque John Bull tende a se considerar o mais limpo dos homens”.

É verdade, de fato, que a guerra era um interesse do trono, e não do homem comum. O imperador se achava a uma distância infinita da população. Mesmo as autoridades medianas não se mostravam muito interessadas. Isso não surpreende, uma vez que a política do regime consistia em desestimular a participação política até da classe educada, a dos letrados. Assim, os aliados encontraram poucos obstáculos em seu avanço contra

Beijing. Agora não só buscavam a ratificação dos acordos firmados dois anos antes como traziam novas exigências, entre as quais a abertura de Tianjin como mais um porto de comércio e o pagamento de reparações de guerra. Fora de si de indignação, o imperador Xianfeng recorreu a sarcasmos e desaforos indecorosos quando aconselhado a aceitar as exigências dos aliados para que fossem embora. Para induzir seu exército a lutar, ofereceu uma recompensa: “cinquenta taéis de prata por cabeça de bárbaro preto” (referindo-se aos indianos da força britânica) e “cem taéis por cabeça de bárbaro branco”.²³

Lord Elgin queria negociar e enviou seu representante, Harry Parkes, a uma cidade perto de Beijing com uma bandeira de trégua. Parkes e sua escolta foram detidos e jogados na prisão do Ministério das Apenações. O imperador em pessoa determinou “encarceramento inclemente”. Por isso os cativos foram amarrados e manietados da forma mais dolorosa possível, o *kao-niu*, que em geral tinha consequências fatais.²⁴ Na cultura militar chinesa, maltratar os mensageiros do inimigo era a maneira mais clara de enviar a seguinte mensagem: resistiremos até a morte. Sabendo que não tinha como levar a melhor num confronto, o comandante do Exército mongol pediu com insistência que os cativos fossem tratados com mais brandura e que lhes fossem oferecidas melhores acomodações e boa comida. Estava tão ansioso que se dispôs a escrever, ele próprio, uma carta apaziguadora a Lord Elgin, manifestando seu desejo de paz e conciliação. Furioso, o imperador Xianfeng o repreendeu. O primeiro escalão do imperador, um grupo de príncipes e altos funcionários, recomendou que o monarca fosse inexorável. Um deles, Jiao, declarou que “Parkes deveria ser executado da maneira extrema”, o que significava a morte por mil cortes. O imperador Xianfeng gostou da ideia e escreveu: “Você, com certeza, tem toda a razão. Só que teremos de esperar alguns dias”.²⁵

O otimismo do imperador provinha da atitude dos membros de seu círculo de consultores próximos, por ele nomeados para “lidar com os bárbaros”. Tinham dito a ele:

O bárbaro Parkes é o único homem competente em manobras militares, e todos os bárbaros atendem às suas ordens. Agora que ele foi capturado, o moral das forças bárbaras desmoronará, e se aproveitarmos a oportunidade para levar a cabo nossa campanha de extermínio, a vitória será nossa.

Três dias depois desse conselho de absurda fantasia, em 21 de setembro de 1860, o Exército chinês foi francamente destroçado nas cercanias de Beijing. O imperador Xianfeng recebeu a notícia no Antigo Palácio de Verão. Tudo o que podia fazer era fugir. Naquela noite, a corte arrumou as malas em meio ao caos e ao pânico. Na manhã seguinte, quando os ministros chegaram para as audiências, descobriram que o imperador tinha desaparecido. A maior parte da corte teve de sair mais tarde, separadamente, pois as estradas estavam ocupadas por multidões de moradores de Beijing, que tinham sido informados de que o próprio imperador batera em retirada.

Em 6 de outubro, as tropas francesas irromperam no Antigo Palácio de Verão. Dois dias mais tarde, Parkes e alguns dos outros cativos foram libertados. Nos dias que se seguiram, vários outros foram devolvidos — na maioria como cadáveres. Dos 39 homens capturados, 21 tinham morrido devido à maneira como haviam sido amarrados, de acordo com as ordens do imperador. Seus companheiros constataram que os captores tinham “amarrado seus pés e mãos nas costas, o mais apertado possível, molhando depois as cordas a fim de aumentar a tensão, e eles foram mantidos nessa posição terrível até que o estado das mãos e dos pulsos se tornou horrendo demais para ser descrito”.²⁶ Tinham morrido depois de vários dias de agonia torturante. Parkes e os demais sobreviventes só não morreram também porque funcionários sensatos no Ministério das Apenações os tinham protegido em segredo.

Lord Elgin ficou muito abalado com o que viu e ouviu, e escreveu à mulher: “Querida, tenho notícias péssimas a respeito do destino de alguns de nossos amigos capturados. Trata-se de um crime atroz, que deve ser tratado com toda a seriedade — e não por vingança, mas com vistas à segurança futura”.²⁷ Europeus viajavam para a China naquele momento. Para que não fossem vítimas do mesmo tratamento, ele resolveu dar um aviso, algo que realmente ferisse o imperador, e optou por arrasar o Antigo Palácio de Verão. O general Grant escreveu em seu despacho que, sem um ato punitivo dessa natureza, “o governo chinês julgaria que nossos compatriotas podem ser capturados e assassinados a seu bel-prazer. É necessário abrir os olhos deles quanto a esse ponto”.²⁸ Lord Elgin cogitara outras opções, mas as rejeitara: “Eu teria preferido esmagar o Exército chinês, que continua nesta área, mas para isso teríamos de persegui-los em torno das muralhas de Pequim [Beijing] até o juízo final sem acabar com eles”. Elgin estava ansioso por terminar seu trabalho e ir embora, em vez de se atolar na China, onde o tempo já estava esfriando e exércitos chineses de reforço poderiam estar a caminho. Um incêndio rápido era a opção mais fácil.

O Antigo Palácio de Verão era, a rigor, um conjunto de palácios cuja construção começara no início do século XVIII e prosseguira ao longo dos cem anos seguintes. Ocupando uma área de 350 hectares, havia ali suntuosos edifícios europeus, projetados pelos jesuítas Giuseppe Castiglione e Michel Benoist, contratados por Qianlong, o Magnífico, bem como centenas de prédios em estilo chinês, tibetano e mongólico. Estilos arquitetônicos de toda a China estavam representados ali. Jardins celebravam as diversas paisagens do império, entre as quais arrozais do vale do rio Yangtzé, famosos pelas flores de pessegueiros, pelos bambuzais e por riachos serpentes que os cruzavam. Cenas de grandes poemas eram neles reproduzidas. Numa dessas cenas, que evocava um poema do poeta Li Bai,

do século VIII, fora criada uma cachoeira, que se lançava num lago de pedras talhadas com esmero, que produziam sons musicais de acordo com a força da água. Quando o sol chegava ao lugar certo, um arco-íris surgia na cascata, repetindo o arco acentuado de uma ponte que descia da parte superior da cascata até o lago. Contemplar o arco-íris e escutar a música aquática, num gracioso pavilhão construído sobre a ponte, era um dos passatempos prediletos da corte. Nesse complexo de prazeres, a magnificência não era uma preocupação — a beleza era tudo. Obras de arte e tesouros de valor inestimável, acumulados durante mais de cem anos, adornavam cada desvão.

Antes que Lord Elgin ateasse fogo a esse colossal conjunto de tesouros, o palácio tinha sido pilhado pelos franceses, que chegaram primeiro. O comandante da expedição francesa, o general Montauban, assim escreveu ao conhecer o palácio: “Nada em nossa Europa é capaz de dar uma ideia de tal luxo, e me é impossível descrever seus esplendores nessas poucas linhas, impressionado como estou, em especial como o aturdimento causado pela vista de tamanhas maravilhas”.²⁹ Seus soldados se atiraram à presa com pouca inibição. O tenente-coronel Wolseley foi uma testemunha ocular:

De imediato teve início a pilhagem indiscriminada e a destruição galhofeira de todos os artigos que fossem pesados demais para levar [...]. Oficiais e soldados pareciam tomados por uma insanidade temporária; estavam dedicados, de corpo e alma, a uma única atividade, que era o saque, o saque.³⁰

Ao chegar mais tarde, as tropas britânicas logo se juntaram à gatunagem, uma vez que “o general não fez objeção alguma à pilhagem”, escreveu Robert Swinhoe, intérprete do general Grant. “Que cena medonha de destruição foi aquela!”³¹ Já Grant escreveu:

Um único aposento no palácio ficou intato. O general Montauban me informou que reservara os objetos de valor ali depositados para uma divisão equitativa entre ingleses e franceses. As paredes desse aposento eram recobertas de jade [...]. O general francês me disse que havia encontrado dois [...] cetros, feitos de ouro e jade verde, um dos quais daria de presente à rainha Vitória; o outro, pretendia destinar ao imperador Napoleão.³²

Entre os presentes recebidos pela rainha Vitória havia uma cadelinha, a que o capitão Hart Dunne, do Regimento Wiltshire, dera o nome de Lootie, parte do grupo de cinco pequineses de uma idosa concubina imperial que não fugiu com a corte porque morrera de susto com a chegada dos aliados.³³ Levados para a Grã-Bretanha, esses cães deram origem à raça fora da China. Na carta que enviou à rainha, o capitão escreveu: “É uma criaturinha das mais afetuosas e inteligentes, habituada a ser tratada como animal de estimação, e foi com a esperança de que ela seja assim vista por sua majestade e pela família real que eu a trouxe comigo da China”. A cadelinha criou certa comoção em Windsor. A governanta, Mrs. Henderson, escreveu a seu chefe: “O animal é muito exigente quanto à alimentação, e de modo geral não aceita pão e leite, e prefere comer arroz cozido com um pouco de frango e molho, o que achamos ser a melhor opção”. O chefe de Mrs. Henderson pareceu um pouco agastado e rabiscou no verso de uma carta semelhante: “Um cachorro chinês que faz questão de frango em sua alimentação!”. A governanta recebeu instruções: “depois de certa insistência e de passar um pouco de fome, é provável que ele [sic] venha a apreciar a comida que lhe convém”. Em Windsor, Lootie foi retratada pelo pintor alemão Friedrich Keyl, a quem a rainha Vitória fez um pedido especial através de sua secretária particular, Miss Skettett: “Ao pintar a cadela, Mr. Keyl deve incluir no quadro alguma coisa que indique o tamanho do animal, que é *minúsculo*”. Lootie viveu mais uma década nos canis de Windsor.

Os franceses se recusaram a participar do incêndio do Antigo Palácio de Verão, decidido por Lord Elgin, declarando que se tratava de um ato de vandalismo contra um “*site de campagne sans défense*”.³⁴ Não obstante, o

incêndio foi levado a cabo, com todo o método. O general Grant descreveu a cena numa carta ao secretário de Estado para a Guerra, em Londres:

Em 18 de outubro, a divisão de Sir John Michel, com a maior parte da brigada de cavalaria, foi enviada ao palácio e ateou fogo a todo o conjunto de edifícios. Foi um espetáculo impressionante. Não pude deixar de lamentar a destruição de tantos esplendores antigos e julguei aquilo um procedimento pouco civilizado; no entanto, acredito que tenha sido necessário como uma advertência aos chineses, para o futuro, com relação ao assassinato de enviados europeus e à violação das leis das nações.³⁵

O incêndio, alimentado por mais de duzentos palácios, pavilhões, templos, pagodes e jardins, todos opulentos e refinados, durou vários dias, cobrindo a zona oeste de Beijing de fumaça negra e cinzenta. Nas palavras de Wolseley: “Ao percorrermos os jardins pela primeira vez, eles nos lembraram os sítios mágicos descritos em contos de fadas; ao sairmos dali, em 19 de outubro, deixamos uma devastação lúgubre de irrelevâncias em ruínas”.³⁶

Até certo ponto, Lord Elgin alcançou seu objetivo. No futuro, as autoridades chinesas trataram os ocidentais com cuidado especial, em nada semelhante à forma como tratavam seu próprio povo. No entanto, qualquer ideia de alívio aos ocidentais era sombreada pelas potentes sementes de ódio que germinavam nas cinzas do Antigo Palácio de Verão. Charles Gordon, que mais tarde seria cognominado “Gordon Chinês”, tinha então a patente de capitão no exército invasor e tomou parte na devastação. Numa carta à família, ele disse: “As pessoas são polidas, mas creio que os poderosos nos odeiam, o que é de esperar depois do que fizemos ao Palácio. Vocês não fazem ideia da beleza e do esplendor das construções que incendiámos. Queimá-las cortava nosso coração”.³⁷ Um ano depois, Victor Hugo escreveu: “Essa maravilha desapareceu [...]. Nós, europeus, somos os civilizados, e para nós os chineses são os bárbaros. Isso foi o que a civilização fez aos bárbaros”.³⁸

O Antigo Palácio de Verão ostentava toda a sua glória quando Cixi o deixou, com o marido e o filho, em setembro de 1860. O outono é a melhor estação em Beijing, quando o sol já não abrasa, o frio cortante ainda não chegou e as tempestades de areia que vêm do deserto a noroeste não castigam a cidade, como sempre fazem na primavera. Dias antes do desembarque dos aliados na costa, seu marido comemorara o trigésimo aniversário,^f e por mais aflitivos que fossem seus problemas, a tradição permitira que o monarca, amante da ópera, se dedicasse à sua paixão durante quatro dias. O amplo palco, construído em três níveis, se erguia ao ar livre junto de um vasto lago, e Cixi assistiu aos espetáculos com ele num pavilhão do outro lado de um pátio. No clímax, multidões de atores — homens representavam todos os papéis, tanto os masculinos como os femininos, bem como os de deuses — dançavam e cantavam nos três níveis, parabenizando o imperador por ocasião de seu aniversário. Sob um céu límpido de outono, o vento levava a música a todas as janelas treliçadas nas muitas construções cercadas de jardins perfumados. O esplendor do Antigo Palácio de Verão estava gravado na mente de Cixi e voltaria com frequência para atormentá-la. Reconstruí-lo se tornaria sua obsessão.

Viajando duzentos quilômetros a nordeste, a corte cruzou a Grande Muralha e chegou ao Pavilhão de Caça, à beira das estepes da Mongólia, na região montanhosa de Chengde. Esse “pavilhão” era, na verdade, maior que o Antigo Palácio de Verão, embora menos requintado. Fora, no passado, a principal base de expedições de caça dos imperadores. O imperador Kangxi, que iniciara a construção do pavilhão, em 1703, fora exímio caçador e, segundo consta, certa vez matara oito tigres numa semana. Ao cair da noite, os imperadores e seus séquitos acendiam fogueiras e assavam os animais, bebendo, cantando e dançando, numa festa de homens. Havia também competições de luta e de remo no lago longo e sinuoso. Um dos prédios era uma réplica do Palácio Potala, em Lhasa, e mais adiante, numa iurta, ou cabana abobadada mongol, de aspecto marcial, Lord Macartney mantivera

uma inútil audiência com o imperador Qianlong, em 1793. Cixi nunca estivera ali. Seu marido fora obrigado a enfrentar crescentes dificuldades durante todo o reinado, e só estavam ali agora porque eram refugiados.

Durante essa crise dinástica sem precedentes, Cixi não exerceu nenhum papel político. Permaneceu confinada ao harém, onde seria perigoso até aludir a suas opiniões. Sua tarefa consistia em cuidar do filho, então com quatro anos. Passado meio século, em 1910, depois de sua morte, um inglês, Sir Edmund Backhouse, escreveu uma biografia de Cixi, muito citada, *China under the Empress Dowager* [A China no tempo da imperatriz-viúva], na qual forjou um diário, mostrando Cixi como uma figura muito belicosa, que insistiu com o marido para que não fugisse nem mantivesse negociações de paz com os estrangeiros, mas que matasse seus mensageiros.^g Isso era pura invenção.³⁹ Como se veria no futuro, Cixi realmente se opunha à política externa do marido e de seus conselheiros — mas por motivos bem diferentes. Observando tudo de perto, ela de fato considerava tola e equivocada aquela resistência obstinada à abertura da China. Em seu entender, o esforço rancoroso deles no sentido de manter o Ocidente afastado levava a um resultado oposto ao pretendido, que era preservar o império. Levava o império a catástrofes, entre as quais a não menos importante destruição de seu adorado Antigo Palácio de Verão. Ela própria seguiria outro caminho.

a Isso de acordo com registros chineses. Há quem dê a entender que Macartney não cumpriu esse ritual. No entanto, o imperador Qianlong declarou positivamente à corte que receberia Lord Macartney, “já que ele concordou em seguir as normas desta Dinastia Celeste” com relação ao protocolo. Outros argumentos segundo os quais Lord Macartney não cumpriu as humilhantes “três genuflexões e nove batidas de cabeça” podem ser encontrados em Rockhill, p. 31.

b Ela não se encontra nos Arquivos Reais em Windsor, e não há sinal algum de que tenha chegado a Londres. Entretanto, na época foi publicada na imprensa em inglês de Cantão e

na edição de fevereiro de 1840 do *Chinese Repository*, periódico dirigido aos missionários protestantes.

c A exigência de indenização não era uma prática europeia usual na época. Mais tarde, criticado, Palmerston afirmou para se defender ao Parlamento que “aquilo que o governo passado exigiu foi uma satisfação pela ofensa à honra do país, e que uma das formas como a satisfação seria dada era o pagamento pelo ópio assim extorquido”. O fato de a China pagar “as despesas da guerra”, Palmerston admitiu, “decerto não era usual nas guerras europeias”, mas “para fazer os chineses perceberem a dimensão da afronta que tinham cometido e para que sentissem em grau suficiente o exercício do poder da Grã-Bretanha, julgara-se conveniente e apropriado fazê-los pagar as despesas da guerra, além de compensar as partes prejudicadas”.¹³

d O primeiro, segundo e terceiro príncipes tinham morrido, e o sétimo (o príncipe Chun, que se casaria com a irmã de Cixi), oitavo e nono eram demasiado jovens. O quinto fora dado pelo pai, em adoção, a um irmão já falecido, o que o desqualificava para a sucessão.

e Uma explicação comum para a escolha de seu herdeiro pelo imperador Daoguang é que um dia ele descobriu que o quarto filho não suportava matar animais na primavera, se fossem fêmeas e estivessem grávidas. Isso é, evidentemente, uma baboseira sentimental.

f Pela forma tradicional de contar a idade, segundo a qual um recém-nascido tinha um ano de idade.

g Backhouse é hoje considerado um falsário literário. Nesse caso, o que ele parece ter feito foi forjar cinco trechos a respeito de Cixi e inseri-los num conhecido diário de um funcionário público de Beijing chamado Wu Kedu. Como a biografia feita por Backhouse foi publicada primeiro em inglês, as cinco passagens fraudadas se fundiram à tradução do diário que ele citou. Quando o livro, mais tarde, foi traduzido para o chinês, as passagens forjadas, diluídas no texto, se tornaram parte do diário. A falsificação tem sido um quebra-cabeça para os historiadores, já que as edições do diário existentes na China não contêm tais referências a Cixi. Nos trechos forjados, os residentes em Beijing parecem ouvir atentamente cada palavra de Cixi sobre o destino do império. Esse poderia ser o caso quando Backhouse esteve na China décadas depois, mas não em 1860, quando ela, na qualidade de concubina imperial, não existia para o público.

3. Morre o imperador Xianfeng (1860-1)

Pouco antes de sua fuga para o Pavilhão de Caça, o imperador Xianfeng ordenou a seu meio-irmão, o príncipe Gong, que ficasse na capital e tratasse com os invasores. O príncipe Gong, de 27 anos, era o sexto filho do imperador Daoguang, aquele que tinha sido especificamente descartado como o sucessor ao trono pela falta de ódio visceral aos ocidentais e pela tendência à acomodação. Agora, graças a essas qualidades, ele rapidamente chegou a um acordo com os aliados — aceitando todas as suas condições, entre as quais o pagamento de indenizações de 8 milhões de taéis de prata à Inglaterra e outro tanto à França. O Tratado de Beijing, com a Grã-Bretanha, foi firmado em 24 de outubro de 1860, e o tratado com a França no dia seguinte. Os aliados partiram, e a paz foi restaurada. As potências ocidentais começaram a instalar seus representantes em Beijing, onde se relacionavam com o príncipe Gong.

O príncipe era bem-apessoado, apesar de ter o rosto marcado pela varíola, como a maioria dos homens da época que tinham contraído a doença na infância. John Thomson, o famoso fotógrafo que mais tarde o retratou, disse que o príncipe Gong “tinha o que os frenologistas chamariam de uma esplêndida cabeça. Seus olhos eram penetrantes, e no rosto, quando em repouso, via-se uma expressão de taciturna resolução”.¹ Sentava-se na posição prescrita para os aristocratas manchus: as pernas ligeiramente

separadas, os pés posicionados como os ponteiros de um relógio às dez e dez. O manto com dragões bordados em fios de ouro, a cabeça adornada com uma pluma num prendedor de jade com botão colorido, indicando sua posição hierárquica, ele era o retrato acabado de um grão-príncipe. Quando erguia seu cachimbo de piteira longa, uma chama aparecia no mesmo instante junto ao forninho decorado com joias, oferecida por um serviçal apoiado num dos joelhos. O cachimbo do príncipe era mantido num compartimento interno de sua bota de cetim negro, o “bolso” de um cavaleiro na época. Tais bolsos guardavam várias coisas, de fumo a documentos de Estado, de doces a pedaços de tecido com que os aristocratas limpavam a boca e seus palitinhos de marfim depois de terem jantado fora. (Em geral eles levavam consigo seus próprios palitinhos.) O estojo dos palitinhos do príncipe e diversos outros objetos, adornados com pedras preciosas, entre os quais um estojo de leque, pendiam de sua cintura. Quando ele transitava pela capital, sua liteira era coberta por um dossel, circundada por uma aparatosa comitiva a cavalo. Todos os demais veículos abriam caminho para ele. Mais perto de seu destino, um cavaleiro seguia adiante para alertar as pessoas quanto à sua chegada iminente, de modo que se alinhassem na rua para saudá-lo.

O meio-irmão do príncipe Gong, o imperador, determinou que, como grão-príncipe, ele não deveria se rebaixar e receber os europeus pessoalmente, embora fossem eles os vencedores. No entanto, o príncipe era uma pessoa prática e sabia que a ordem do irmão era irrealista. Assinou os tratados em pessoa com os britânicos e franceses, tendo até chegado mais cedo para esperar Lord Elgin. Quando o inglês chegou, com uma escolta de cem soldados de infantaria, cem cavaleiros e duas bandas tocando na frente do desfile, o príncipe Gong se adiantou para saudá-lo com as mãos postas diante do peito, gesto que deveria usar para receber uma pessoa da mesma posição. Segundo o general Grant, Lord Elgin “lhe dirigiu um olhar arrogante e desdenhoso, e fez apenas um leve aceno de cabeça, o que deve ter feito o sangue do pobre Kung [Gong] gelar em suas veias. Ele era um

homem cortês e agira como um cavalheiro”² Elgin logo abrandou sua demonstração de superioridade. “Os dois representantes nacionais [...] pareciam dispostos a tratar um ao outro como iguais, mas não como superiores.”³ A atitude conciliadora do príncipe Gong lhe valeu a simpatia dos europeus. Depois de partir, Lord Elgin escreveu uma carta de despedida amistosa, na qual manifestava o desejo de que as futuras relações exteriores na China ficassem nas mãos do príncipe Gong.⁴

O imperador Xianfeng legitimou os tratados, dizendo ao príncipe Gong que ele agira bem.⁵ A seguir, o imperador fez com que os tratados fossem divulgados em todo o império, enviando-os a todas as províncias e afixando cartazes em Beijing. “Quem estiver pensando em tirar proveito da guerra para dar início a uma revolta pensará agora duas vezes ao saber que a paz foi restaurada”, disse ele. Um periodista viu os avisos e chorou: o imperador da China era citado em pé de igualdade com os monarcas britânico e francês, o que ele via como “um fato nunca antes imaginado, jamais, uma redução inacreditável em nossa posição”.⁶

O país que mais ganhou com a guerra foi um terceiro, a Rússia, vizinho da China ao norte. Em 14 de novembro, o príncipe Gong assinou um tratado com o enviado russo, Nicholas Ignatieff, pelo qual a China cedeu à Rússia centenas de milhares de quilômetros quadrados de território ao norte do rio Amur e a leste do rio Ussuri, definindo a fronteira até o presente. Essa área, normalmente considerada “um grande deserto”, já tinha sido entregue à Rússia, em 1858, pelo chefe da guarnição manchu do território, o general Yishan, aparentemente num momento de pânico, quando os russos fizeram ruídos beligerantes. Na verdade, o general mostrara ser um covarde mentiroso e irrecuperável durante a Guerra do Ópio. Com apenas três parágrafos e menos de uma página, o documento nunca foi endossado pelo imperador Xianfeng.

Agora, porém, esse pedaço de papel, totalmente irregular, foi creditado pelo príncipe Gong, que fez com que seu conteúdo fosse incorporado ao Tratado de Beijing com a Rússia. Nicholas Ignatieff alegou ao príncipe que

fora ele quem convencera os britânicos e franceses a aceitarem um acordo pacífico e que por isso merecia ser recompensado. O príncipe Gong disse ao imperador que Ignatieff não fizera nada disso. Na verdade, ele havia “cutucado os britânicos e franceses para que invadissem” a China.⁷ Agora estava apenas “se aproveitando da presença deles em Beijing para obter o que deseja”. Contudo, por considerar Ignatieff “uma pessoa muitíssimo astuta e irredutível”, o príncipe temia que ele “criasse problemas” e “incitasse aborrecimentos imprevisíveis” com os aliados, de modo que aconselhava a aceitação de suas exigências. O imperador Xianfeng imprecou contra Ignatieff, chamando-o de “pessoa abominável”, mas deu seu consentimento — embora seja difícil imaginar que aborrecimentos ele poderia provocar, já que os aliados estavam impacientes para voltar para casa. E com isso a dinastia Qing sofreu a maior perda de território em sua história. “Com esse tratado no bolso”, escreve o bisneto de Nicholas, Michael, “Ignatieff e seus cossacos selaram seus cavalos e partiram para Petersburgo”, e

tendo atravessado toda a Ásia a cavalo em seis semanas [...], ele foi recebido pelo czar, condecorado com a Ordem de São Vladimir, promovido a general e, pouco tempo depois, nomeado chefe do departamento asiático do Serviço Exterior. Sem disparar um tiro, havia obtido para a Rússia um território ermo do tamanho da França e da Alemanha juntos, bem como a hinterlândia de Vladivostok, o porto do novo império à beira do Pacífico.⁸

O fato de o príncipe Gong ter cedido sem luta indica a tibieza de seu caráter, traço que o pai já previra e que voltaria a se manifestar em outras circunstâncias críticas. Quanto ao imperador Xianfeng, sua preocupação agora era como evitar uma audiência com os enviados ocidentais a Beijing, que a vinham solicitando para lhes apresentar suas credenciais. Para ele, era insuportável a perspectiva de se ver frente a frente com seus inimigos, e por isso solicitou ao príncipe Gong que lhes negasse o pedido, em termos tais que a questão nunca mais fosse levantada. De outra forma, ameaçou o

monarca, com certa petulância, “se eu voltar a Beijing e eles tornarem a pedir isso, considerarei você responsável e o punirei”.⁹ O príncipe Gong argumentou que os europeus não tinham más intenções, mas o imperador se mostrou obstinado. Lord Elgin levava à China, em suas duas viagens, em 1858 e 1860, cartas manuscritas da rainha Vitória ao imperador Xianfeng, em que professava boa vontade. Essas cartas foram levadas de volta à Grã-Bretanha, sem terem sido entregues ao destinatário.

No norte, no Pavilhão de Caça, além da Grande Muralha, o imperador Xianfeng fazia contato com o príncipe Gong, em Beijing, e mantinha sua rotina administrativa, lidando com dúzias de relatórios que chegavam a cada dia de todos os cantos do império. Os documentos eram entregues por meio de um sistema antigo, mas eficiente, com os mensageiros viajando a cavalo, em velocidades especificadas, de acordo com o teor das mensagens. As mais urgentes levavam dois dias para vir de Beijing. A princípio, o imperador estava propenso a regressar à capital assim que os britânicos e franceses houvessem partido. O tempo no Pavilhão estava ficando muito frio e piorava a cada dia. Não tendo sido habitados durante décadas, os palácios não estavam preparados para enfrentar o inverno gelado. Porém o imperador passou a hesitar: por várias vezes, depois de anunciar que voltaria, cancelou a viagem. Ansiosos, seus auxiliares o instavam a voltar, observando que a instabilidade ameaçava o país se ele não ocupasse o trono na capital. Todavia, o monarca não se animava, nem com tal argumentação nem com o perigo que a permanência ali trazia para sua saúde. Por fim, decidiu passar o rigoroso inverno no ermo setentrional, mesmo sabendo que isso não seria bom para sua saúde combalida. Ao que parece, o imperador tinha decidido não estar na mesma cidade que as legações ocidentais. Era como se houvesse resolvido traduzir em ação a ideia chinesa do ódio supremo: “Não sob o mesmo céu!” (*bu-gong-dai-tian*). Ou não tolerava a ideia de estar perto do devastado Antigo Palácio de Verão. Seu

exílio voluntário se prolongou e se tornou definitivo. Passando o cruel e interminável inverno no mal equipado Pavilhão de Caça, ele adoeceu e começou a cuspir sangue. Onze meses depois de sua chegada, em 22 de agosto de 1861, o imperador morreu.

Nos últimos meses de vida, embora ainda tratasse dos assuntos de Estado com diligência, parando de trabalhar apenas nos dias em que se via confinado ao leito, já não escrevia as mesmas instruções pormenorizadas de antes. Entregava-se a suas paixões verdadeiras, a ópera e outros tipos de música, apresentadas quase diariamente. Os atores e músicos tinham sido chamados de Beijing ao Pavilhão assim que o imperador se instalara ali, e no momento em que chegaram tinham sido levados a ele, antes mesmo de vestir os trajes de cena. Muito mais de duzentos cantores, dançarinos e músicos acabaram por superlotar o Pavilhão, que ficou sem lugar para mais ninguém. O imperador passava muito tempo com eles, escolhendo o repertório e definindo o elenco, assistindo a ensaios e discutindo questões de interpretação com os atores. Escutava a apresentação de canções que ele mesmo havia composto. Os espetáculos, que em geral duravam quatro horas, às vezes aconteciam numa ilhota no meio de um lago, num teatro de arena com nome poético — Toque de Nuvem. Em outras ocasiões, eram realizados nos aposentos do imperador ou nos de Cixi e do filho pequeno. Nos últimos dezesseis dias de vida, o imperador assistiu a óperas em onze deles, várias horas a cada dia.¹⁰ Dois dias antes de morrer, o monarca assistiu a uma ópera das 13h45 até as 18h55, com um intervalo de apenas 27 minutos. O espetáculo marcado para o dia seguinte teve de ser cancelado. O imperador se sentia extremamente doente e perdeu a consciência.

Quando voltou a si naquela noite, Xianfeng chamou os homens que lhe eram mais próximos, seu velho círculo íntimo, oito príncipes e ministros, e lhes anunciou seu testamento. Seu filho único, com Cixi, seria o próximo imperador, e os oito homens formariam um Conselho de Regentes e exerceriam o poder em conjunto. Os homens lhe pediram que ele mesmo escrevesse esse testamento, em tinta carmesim, para lhe dar legitimidade

inconteste, mas ele não conseguiu segurar o pincel. Por isso, um deles o escreveu, deixando claro que fora essa a vontade do imperador. Xianfeng morreu horas depois, com esses homens a seu lado.¹¹ A China estava agora entregue aos regentes.

Aqueles eram os mesmos homens que haviam ordenado a captura e a tortura dos mensageiros de Elgin, o que tivera como resultado a morte horrenda de alguns deles e, depois, o incêndio do Antigo Palácio de Verão. Eram os mesmos homens que tinham ajudado o imperador Xianfeng a tomar todas as decisões desastrosas que acabaram com sua própria morte. Cixi percebia que com esses homens no governo, avançando aos trambolhões pela mesma estrada de autodestruição, não teriam fim as catástrofes, que prometiam aniquilar seu filho, assim como o império. Decidiu agir, dando um golpe e tirando o poder dos regentes.

4. O golpe que mudou a China (1861)

Embora o filho houvesse herdado o trono, Cixi não tinha nenhum poder político. Na verdade, na qualidade de concubina, ela nem era a mãe oficial do novo imperador. Esse papel cabia à imperatriz Zhen, que imediatamente assumiu o título de imperatriz-viúva — *huang-tai-hou* (ou, como também se dizia, viúva imperatriz). A Cixi não foi concedido título algum. Tampouco ela acompanhou o filho quando ele foi conduzido por um dos regentes para dizer adeus ao falecido pai, protagonizando um ritual em que ergueu uma taça de ouro com bebida sobre a cabeça e, depois, despejou o conteúdo no chão, antes de pôr a taça numa mesa com quinas de ouro diante do esquife. Cixi fazia parte dos “demais”, pessoas não identificadas nos registros da corte, que, “lideradas pela imperatriz-viúva”, ou seja, Zhen, cumpriram um ritual semelhante.¹

Cixi precisava do título de imperatriz-viúva. Só ele lhe daria o status de mãe do imperador. Sem o título, ela seria mera concubina. Um choque com a imperatriz Zhen parecia inevitável, e pela primeira vez as duas mulheres tiveram um atrito sério.² No entanto, logo encontraram uma solução. Os arquivos da corte foram esquadrinhados e se descobriu que já ocorrera um caso semelhante. Quase exatamente duzentos anos antes, quando o imperador Kangxi subiu ao trono em 1662, sua mãe também era concubina, mas lhe fora concedido o título de imperatriz-viúva, de modo que houvera

duas imperatrizes-viúvas ao mesmo tempo. Diante desse precedente, o Conselho de Regentes outorgou o título a Cixi. A amizade entre as duas mulheres não sofreu arranhão, e ambas passaram a ser chamadas de imperatrizes-viúvas. Para distinguir uma da outra, decidiu-se por diferentes nomes honoríficos. À imperatriz Zhen foi dado o nome de Ci'an, que significa “amável e serena”,^a e a Cixi, até então chamada Concubina Imperial Yi, o nome de Cixi, ou seja, “amável e jubilosa”. Foi a partir daí que ela passou a ser conhecida como imperatriz-viúva Cixi.

As duas mulheres fizeram mais do que solucionar um problema importante — fizeram uma aliança política com vista a dar um golpe. Cixi tinha então 25 anos, e a imperatriz Zhen era um ano mais nova. Teriam de enfrentar oito homens poderosos que controlavam a máquina estatal. As mulheres estavam conscientes do risco que corriam. Um golpe significava traição, e se falhasse o castigo seria o dolorosíssimo *ling-chi*, a morte por mil cortes. Todavia, elas se dispunham a encarar o risco. Estavam não só decididas a salvar o filho e a dinastia, como também rejeitavam a vida prescrita para as viúvas imperiais — em essência, passar os anos futuros como virtuais prisioneiras no harém. Escolhendo alterar o próprio destino, assim como o do império, as duas mulheres tramaram, muitas vezes debruçadas sobre um grande tanque de cerâmica vitrificada, as cabeças unidas, fingindo contemplar seus reflexos ou apenas trocar comentários banais.³

Cixi arquitetou um plano engenhoso. Notara uma falha nas disposições deixadas pelo marido no leito de morte. Os imperadores Qing mostravam sua autoridade escrevendo com tinta carmesim. Ao longo de quase duzentos anos, começando com o imperador Kangxi quando chegou à idade adulta, essas instruções em tinta carmesim tinham sido escritas, rigorosamente, pela mão do imperador. Agora, porém, o monarca era uma criança e não tinha como usar o pincel. Quando o Conselho de Regentes emitia decretos em nome do menino, nada havia que demonstrasse autoridade. Havia o sinete oficial, mas que só era usado em ocasiões muito formais, e não em

comunicações do dia a dia. Essa deficiência foi mostrada ao Conselho depois da emissão do primeiro lote de decretos. O Conselho foi então informado de que o imperador dera um sinete informal à criança, sinete que estava sob a guarda de Cixi, e que dera outro, idêntico, à imperatriz Zhen. Foi sugerido ao Conselho que esses sinetes poderiam ser usados nos decretos para substituir a escrita com tinta carmesim, para autenticá-los. Sem dúvida, quem mostrou a inadequação e propôs a solução foi uma das mulheres, ou ambas. Esses sinetes informais, dos quais existiam milhares na corte Qing, não eram instrumentos com função oficial, mas objetos de arte, encomendados pelos imperadores por prazer, com os quais às vezes marcavam suas pinturas e livros — ou davam de presente na privacidade do harém.

O Conselho de Regentes aceitou a solução e anunciou que todos os futuros editos receberiam a marca dos sinetes. Fizeram esse anúncio como um adendo num decreto que já tinham redigido e que estava para ser emitido — sinal de que a ideia acabava de lhes ser proposta, que a tinham aprovado e a posto em prática de imediato. O adendo declarava ainda que estavam emitindo aquele edito sem os sinetes porque não havia tempo para gravá-los. Ficava evidente que não sabiam da existência dos sinetes até então e teriam de mandar buscá-los no harém.^b Seguiu-se uma proclamação formal que tornava obrigatório o uso dos dois sinetes em todos os editos: um no começo e o outro no fim.

Com isso, ficou instituída a autoridade dos sinetes,⁴ um feito que seria vital para o golpe pretendido. É possível que o sinete supostamente presenteado à criança e sob a guarda de Cixi fosse, na verdade, um presente para a própria Cixi, que ela atribuiu ao imperador menino a fim de conferir mais peso político ao instrumento. O Conselho de Regentes aceitou prontamente o uso dos sinetes por vê-los como nada mais do que meros carimbos de borracha. As mulheres tinham levado os conselheiros a crer que “tudo está em harmonia, tudo está bem” e que “tudo está obedecendo a regras antigas”.⁵ Os regentes sentiram-se “muito satisfeitos” com o apego das

duas imperatrizes-viúvas às regras e não faziam ideia de qual era a intenção delas.

A seguir, as mulheres procuraram cooptar o príncipe Gong como aliado. Além de ser o principal nobre do país, ele era tido em alta conta. Havia um consenso entre as mais altas autoridades e o comando do Exército de que ele deveria ter sido indicado para regente. Enquanto o Conselho nomeado só trouxera desastres ao império, o príncipe conseguira fazer com que as tropas aliadas se retirassem de Beijing e restaurara a paz. O Exército e a Guarda Pretoriana o escutavam. E estava claro para Cixi que também o príncipe desejava uma conduta diferente em relação à política externa.

O príncipe Gong se achava em Beijing naquele momento. Por ordem expressa do imperador, continuara na capital depois de concluir os tratados no ano anterior. Havia suplicado autorização para ir ao Pavilhão de Caça, a fim de visitar o meio-irmão, que se achava acamado. O imperador Xianfeng respondera: “Se nos víssemos, não teríamos como evitar recordar o passado, o que só nos entristeceria e não faria bem algum à minha saúde [...]. Portanto, ordeno que não venhas”.⁶ No leito de morte, o imperador voltara a enviar instruções, determinando especificamente ao príncipe Gong que ficasse na capital. Não desejava o príncipe por perto porque tencionava excluí-lo do Conselho de Regentes — e a razão era a mesma que levara o pai deles a não querê-lo no trono. O príncipe Gong não tinha na alma o ódio ao Ocidente; era maleável diante dos ocidentais, como a celebração dos tratados comprovara. O príncipe não se agastava com nenhuma das decisões do imperador Xianfeng, por mais injustas que parecessem. Sua reputação era da máxima probidade. Desde que o meio-irmão subira ao trono, ele não mostrara nenhum ressentimento — só uma completa falta de ambição pessoal. Compusera odes ao meio-irmão, como convinha a um príncipe em relação ao imperador, e escrevera poematos sobre as pinturas do irmão, como faria um amigo dileto. O caráter do príncipe lhe valera a confiança de

Xianfeng. O imperador o deixara sozinho na capital para se entender com os europeus, que, ele bem sabia, preferiam o príncipe a ele e traçavam planos para pô-lo no trono em seu lugar. Os impecáveis antecedentes de lealdade do príncipe Gong, seu desinteresse pelo poder e pela maquinação política eram também fatores importantes para Cixi, que se preparava para fazer de si própria a autoridade suprema.

Dias depois da morte do marido, Cixi, sem alarde, obteve dos regentes um edito pelo qual o príncipe Gong era autorizado a visitar o Pavilhão de Caça para se despedir do meio-irmão falecido, malgrado as ordens deste.⁷ Negar essa permissão ao príncipe seria simplesmente indecoroso.

Chegando ao Pavilhão, o príncipe Gong se atirou ao chão diante do esquife e se lamentou com uma cachoeira de lágrimas. Uma testemunha comentou que “ninguém tinha mostrado uma tristeza como aquela”.⁸ As pessoas que estavam no salão se comoveram e caíram no pranto também. Passada essa onda de dor, um eunuco lhe apresentou uma mensagem de Cixi e da imperatriz Zhen, que chamavam o príncipe ao harém. Alguns nobres foram contra a reunião, observando que a tradição prescrevia que irmãos e cunhadas deveriam se manter separados, sobretudo quando a cunhada acabara de perder o marido — ainda que o biombo obrigatório os apartasse. No entanto, as duas imperatrizes-viúvas insistiram, enviando novos eunucos com o pedido. O príncipe Gong, sempre muito cioso das conveniências, pediu aos regentes que fossem com ele, mas as duas mulheres mandaram dizer, com firmeza, que não. O príncipe se dirigiu até elas sozinho e só voltou duas horas depois.⁹

Foi uma audiência longuíssima, muito mais demorada do que todas as que tinham sido concedidas aos regentes. No entanto, não despertou neles suspeita alguma. Acreditaram na explicação do príncipe Gong, de que gastara muito tempo persuadindo as mulheres a voltarem a Beijing o mais breve possível e dando-lhes sua palavra de que nada havia a temer em relação aos estrangeiros. Os regentes tinham confiança total na honradez do

príncipe Gong, e a serenidade das duas imperatrizes os tinha levado a uma disposição de ânimo tranquila e complacente.

Sabendo o quanto o príncipe era reservado, ao que parece Cixi não expôs a ideia de um golpe nessa primeira entrevista. Subverter a vontade solene do imperador não era algo que ele aceitaria com facilidade. O que a conversa parece ter alcançado foi o apoio, por parte do príncipe Gong, à ideia de que o império não deveria ficar entregue inteiramente às mãos do Conselho de Regentes, cujo histórico, afinal, era tão lastimável. Diante disso, o príncipe concordou em pedir a alguém de seu círculo que submetesse uma petição no sentido de que as duas imperatrizes-viúvas participassem do processo de decisão e que “um ou dois príncipes de sangue fossem selecionados para prestar assistência nos assuntos de Estado”.¹⁰ A petição não faria menção explícita ao príncipe Gong. Ele desejava claramente evitar dar a impressão de que cobiçava o poder, ainda que tivesse motivos sólidos para fazer tal reivindicação.

Esse plano foi transmitido em segredo ao círculo do príncipe Gong em Beijing, e um de seus integrantes de menor expressão, relativamente jovem, foi encarregado de redigir a petição. O príncipe Gong receava que o Conselho de Regentes detectasse seu envolvimento ao receber a petição, de modo que deixou o Pavilhão de Caça antes que ela chegasse. Na véspera da viagem para Beijing, ele voltou a se encontrar com Cixi e a imperatriz Zhen. E dessa vez foi inevitável que debatessem o que deveria ser feito se os regentes rejeitassem a proposta.

Ao que parece, o príncipe Gong concordou que se usasse de força para alijar os regentes — mas só como último recurso e depois que algum ato imperdoável da parte deles pudesse ser apontado, de modo que o golpe parecesse revestir-se de legitimidade. O príncipe tinha sua reputação em alta conta. O papel que lhe caberia depois do golpe ficou em suspenso, o que leva a crer que ele julgava improvável que o golpe ocorresse em breve, se chegasse mesmo a ocorrer.

Nada teria mesmo ocorrido se Cixi não tivesse tomado outra iniciativa. Como era de esperar, os regentes rejeitaram terminantemente a petição, alegando que o testamento do falecido imperador não podia ser alterado e citando ainda a norma férrea segundo a qual as mulheres deviam se manter afastadas da política. Cixi se viu forçada a fazer com que os regentes cometessem algum ato indesculpável, para que o príncipe Gong concordasse em derrubá-los. Ela e a imperatriz Zhen saíram então em busca de um meio de provocar uma infração. Embalando o menino imperador, convocaram os regentes e os levaram a uma acalorada discussão a respeito da petição.¹¹ Os homens se enfureceram e redarguíram desdenhosamente que, como regentes, não tinham de dar satisfações às duas mulheres. Em meio aos gritos, a criança se assustou e molhou as calças. Ao fim da longa altercação, Cixi deu impressão de se curvar ao veredito deles. A petição foi publicamente rejeitada em nome do menino imperador.

Cixi havia arquitetado uma transgressão grave por parte dos regentes — que eles ousassem levantar a voz e se comportassem de forma desrespeitosa diante do imperador, a ponto de assustá-lo. Mencionando esse fato, ela rascunhou à mão, em nome do filho, um edito que condenava os regentes. A escrita traía sua falta de educação formal. O texto estava eivado de solecismos e frases deselegantes, além dos muitos caracteres errados — erros muitos fáceis de cometer. Cixi tinha consciência de suas deficiências e no fim do rascunho escreveu: “Peço ao sétimo irmão o favor de revisar para mim”.¹²

O sétimo irmão era o príncipe Chun, que se casara com a irmã mais nova de Cixi, graças a suas manobras. Agora com vinte anos, ele recebera uma rigorosa educação clássica desde os cinco e era capaz de escrever “textos magníficos e belas frases”, segundo o grão-preceptor Weng, que se tornaria mestre de dois imperadores e cuja própria formação era irretorquível. Aluno aplicado, o príncipe absorvera os clássicos com estudos diligentes e, em suas próprias palavras, se apegara às palavras dos mestres como “ao sol no inverno”, seguindo-lhes as lições tal como “se restringiria a uma trilha batida à beira de um precipício, não se atrevendo a desviar-se nem meio passo”.¹³

Esse era um homem que precisava de um guia, e Cixi estava assumindo esse papel.

O príncipe Chun ficara mortificado com a derrota que os ocidentais haviam infligido ao império, com o incêndio do Antigo Palácio de Verão e a morte de seu meio-irmão. Antes que a corte fugisse de Beijing, ele tentara persuadir o imperador a não abandonar a capital e implorara que ele lhe permitisse comandar tropas contra os invasores.¹⁴ O meio-irmão rejeitara seus rogos, pois não queria mandá-lo para a morte certa. Frustrado, o príncipe, irascível, culpou os conselheiros do meio-irmão pela má condução dos assuntos de governo e desejou de coração se livrar deles. Foi a primeira pessoa, depois da imperatriz Zhen, a quem Cixi revelou o segredo do golpe.

Um eunuco da confiança de Cixi entregou ao príncipe Chun o rascunho do edito que ela redigira. No dia seguinte, ele respondeu com um texto revisado, que encerrava com o anúncio da destituição dos regentes.¹⁵ Sua mulher levou o edito revisado à irmã, que o fez costurar no forro do manto da imperatriz Zhen. Na carta que acompanhava o edito, o príncipe Chun prometeu total apoio a Cixi. O fato de ela estar disposta a agir, dizia ele, era, “com efeito, a boa fortuna de nosso país”, e ele estaria ao lado dela, “aconteça o que acontecer”.

As palavras do príncipe Chun refletiam o sentimento vigente entre os príncipes, os generais e as altas autoridades. Cixi sabia que seus planos contariam com o apoio do povo. Com essa convicção e com os dois sinetes, que representavam a autoridade monárquica, ela se julgava em condições de garantir o envolvimento do príncipe Gong. Como ele se achava na capital, o plano de Cixi era ir encontrá-lo antes dos regentes, a fim de coordenar as ações com Gong e capturar os homens quando eles chegassem. Por isso, o príncipe Chun levou os regentes a concordarem que o imperador menino deveria regressar a Beijing por um atalho, e não acompanhando o enorme ataúde do imperador, que teria de ser transportado pelas estradas principais e devagar, já que seria carregado por dúzias de homens e acompanhado por

toda a corte. Todos os regentes concordaram que a criança deveria ser poupada dessa jornada longa e exaustiva.

Numa data conveniente, dois meses depois da morte do imperador Xianfeng, o grandioso cortejo que acompanhava seu ataúde partiu do Pavilhão de Caça. Para essa viagem, pontes tinham sido reparadas, e as estradas, aplainadas e alargadas, além de cobertas de terra amarela, como era a praxe para todos os deslocamentos da família imperial. Antes que o ataúde fosse erguido, o menino imperador se ajoelhou a seu lado num ato de despedida. Deveria cumprir o mesmo ritual dez dias depois, para saudar a chegada a uma das portas da Cidade Proibida. Metade dos regentes viajaria com o ataúde, observados pelo príncipe Chun. Os demais iriam com o menino imperador, que, em rígida obediência às normas da corte, seguia com a imperatriz Zhen numa liteira de cortinas negras, em sinal de luto. Cixi ia em outra liteira de cortinas negras. Viajando o mais depressa possível, cobriram a distância que os separava de Beijing em seis dias, quatro antes da chegada do ataúde. Assim que se avizinharam dos arrabaldes da capital, Cixi mandou chamar o príncipe Gong e lhe entregou o edito do golpe, estampado com os dois sinetes, um no começo e o outro no fim.¹⁶ O príncipe Gong estava agora convencido, e se sentia capaz de convencer outras pessoas, de que afastar os regentes era de interesse do novo imperador.

O príncipe Gong propôs algumas mudanças no texto do edito, eliminando uma referência à sua própria pessoa, elogiada por ter trazido paz ao império. A referência aos estrangeiros como “bárbaros estrangeiros” foi substituída por *wai-guo*, que significava “países estrangeiros”. O príncipe se pôs então a reunir a força armada necessária para o golpe.

No último dia do nono mês lunar de 1861, enquanto o esquife do imperador Xianfeng avançava pomposamente rumo à capital, Cixi acendeu o estopim do golpe. Pediu ao príncipe Gong que levasse seus aliados até ela e a imperatriz Zhen. Quando chegaram, mostrou-lhes o edito do golpe. Com um convincente ar de pesar, as duas imperatrizes-viúvas acusaram os

regentes de ter maltratado a elas e ao imperador menino. Todos os presentes demonstraram intensa indignação. Em meio à denúncia, os regentes que tinham viajado com Cixi entraram correndo no palácio e gritaram que as mulheres tinham violado uma regra fundamental ao chamar funcionários do sexo masculino ao harém. Mostrando-se colérica, Cixi ordenou que um segundo edito fosse redigido e estampado ali mesmo: determinava a prisão dos regentes, acusados de impedir o imperador de ver seus auxiliares graduados, o que era um crime grave.

O edito original somente determinava que os regentes fossem afastados de suas funções. Agora, diante do novo decreto, o príncipe Gong saiu a campo para prender os regentes que tinham gritado acusações. Os regentes bradaram: “Quem emite decretos somos nós! O seu não pode ser válido, porque não fomos nós que fizemos!”. Entretanto, os dois sinetes mágicos os calaram, e guardas trazidos pelo príncipe os levaram presos.

Armado com um terceiro decreto autenticado, o príncipe Chun prendeu os quatro regentes que vinham viajando com o ataúde. Em pessoa, procurou Sushun, o líder entre eles. Ao invadir a casa onde Sushun passava a noite, o príncipe deu com ele, um homem corpulento, na cama com duas concubinas. Sushun rugiu “como um leopardo”, recusando-se a aceitar o “mandado de prisão”. Essa mostra de desafio a um decreto imperial e o fato de ele ter, ao que tudo indicava, mantido relações sexuais quando acompanhava o ataúde do imperador morto, deram a Cixi motivos para mandar executá-lo. Sushun fora o único membro do Conselho a ter alguma ideia da inteligência de Cixi, e tentara fazer com que ela fosse morta. No entanto, sem suspeitar da ambição e da capacidade dela, permitira que os demais o convencessem a pôr seus planos de lado. A caminho do local da execução, gritava a plenos pulmões que subestimara “essa simples mulher”.

A administração de punições obedecia a procedimentos prescritos. Primeiro, o príncipe Gong liderou um grupo de príncipes e altos funcionários para acusar de crimes específicos cada um dos regentes e propor punições apropriadas, de acordo com os códigos penais. Para que os

regentes fossem afastados, eles teriam de ser culpados de traição, mas as transgressões mencionadas não justificavam essa acusação. No quinto dia, como as deliberações chegassem a um impasse, as duas mulheres intervieram com uma arma potente: os oito homens, elas declararam, tinham forjado o testamento do falecido imperador. Tão grave — e improvável — era essa nova acusação que os homens que integravam a câmara do tribunal hesitaram em apresentá-la, receosos de que fossem vistos como forjadores de provas. Diante disso, as duas assumiram plena responsabilidade, permitindo que a câmara anunciasse que a informação provinha delas. Isso permitiu que o príncipe Gong e a câmara condenassem os oito regentes por traição. Os três culpados principais foram sentenciados à morte por mil cortes. Numa calculada demonstração de magnanimidade, Cixi reduziu drasticamente as sentenças, mandando executar apenas Sushun, e pelo método muito menos doloroso de decapitação.

A execução de Sushun foi saudada com entusiasmo por muita gente que o odiava.¹⁷ Como examinador-chefe dos concursos imperiais, que selecionava funcionários públicos, ele era extremamente duro com os letrados que se candidatavam aos cargos, enfrentando agruras consideráveis para viajar à capital, vindos de todos os cantos do império. Ele os tratava “como escravos”, comentou o grão-preceptor Weng, outro membro da banca examinadora. Uma espécie de fanático “anticorrupção”, Sushun era dado a passar sentenças exageradas por pequenas violações da lei, muito embora fosse mais corrupto do que a maioria. Havia acusado um subordinado, Junglu, de “apropriação de fundos”, o que quase lhe valeu uma pena de decapitação. No entanto, segundo o subordinado, Sushun o perseguia porque ele se recusara a lhe entregar sua coleção de preciosos vidros de rapé e um cavalo de primeira linha. Na manhã da execução de Sushun, Junglu acordou cedo para estar à frente das multidões e ver rolar a cabeça do inimigo. Depois foi para uma taberna e se embebedou. Durante o resto da vida, Junglu mostrou uma dedicação incondicional a Cixi — uma devoção que no futuro deu margem ao boato de que eram amantes.

Cixi ordenou que outros dois nomes importantes entre os regentes, os príncipes Zheng e Yee, tirassem a própria vida, e para tanto enviou a cada um deles um longo xale de seda com os quais deviam se enforçar. Essa ordem imperial, nada infrequente, tinha uma denominação poética — *ci-bo*, “oferta de seda”. Era vista como um favor, na medida em que envolvia uma sentença de morte: seria um suicídio, não uma execução, e poderia ser levada a cabo privadamente. Os demais regentes caídos em desgraça foram simplesmente afastados (um deles foi mandado para a fronteira). Logo editos anunciaram que ninguém mais seria incriminado, e os documentos confiscados na casa de Sushun foram rapidamente queimados diante do Grande Conselho.¹⁸

Assim, dois meses após a morte do marido, Cixi, agora com 25 anos, completara seu golpe com apenas três mortes, nenhum outro derramamento de sangue e nenhuma sublevação. O enviado britânico a Beijing, Frederick Bruce, ficou atônito: “É, sem dúvida, notável que homens há muito no poder, dispondo dos recursos do Estado e de seu amparo, tenham caído sem um tiro de resistência e sem que uma voz ou uma mão se levantasse em sua defesa”. Isso demonstrou o quanto o golpe de Cixi era apoiado pelo povo. Como Bruce escreveu a Londres, “Até onde posso avaliar, a opinião pública parece unânime na condenação de Su-shun [Sushun] e dos demais conselheiros e na aprovação das punições que lhes foram aplicadas”.¹⁹ Não só o golpe traduzia os desejos da população, como “decerto fora executado com grande habilidade”, não causando mais “confusão” do que “uma mudança no ministério”. Soube-se que fora Cixi a mentora intelectual do golpe, o que lhe rendeu imensa estima. O vice-rei, em Cantão, “tomado de satisfação”, elogiou-a ao cônsul britânico, que transmitiu suas palavras a Londres: “a imperatriz-mãe é uma mulher de cabeça e vontade forte”, o golpe foi “bem executado” e “haverá esperança agora”.²⁰ Um famoso comandante militar e mais tarde reformador, Zeng Guofan, escreveu em seu diário, ao saber por amigos de detalhes do golpe: “Estou pasmo com a ação sábia e decisiva da imperatriz-viúva, que mesmo

grandes monarcas do passado não conseguiram executar. Estou tomado de admiração e respeito”.²¹

O príncipe Gong não ficou menos impressionado. Seus partidários desejavam que ela, e não o príncipe, dirigisse o país — uma ideia que, sem dúvida, nasceu dele. Embora não se conhecessem casos semelhantes na dinastia Qing, argumentaram ativistas, havia precedentes em outras dinastias, episódios análogos que remontavam a mais de 1700 anos no passado. Foi apresentada uma lista de imperatrizes-viúvas que haviam governado em nome de seus filhos pequenos. Dessa lista não constava, porém, Wu Zetian (624-705), a única mulher na história da China que se declarara, explicitamente, o “imperador” e governara o país em seu próprio nome — o que lhe valera muitas censuras. O apoio a Cixi se baseava na ideia de que seu papel político era transitório, durando apenas até o filho chegar à maioridade.

Cixi havia cogitado fazer do príncipe Gong o regente, mas agora mudava de opinião.²² Fora ela própria quem executara o golpe, com o príncipe desempenhando um papel subalterno, e sua autoconfiança ganhara força. Por fim, ela lhe concedeu o título de grande consultor — *yi-zheng-wang* —, o que deixou claro que era ela quem ditava as ordens. O príncipe Gong foi cumulado de honras raras, que ele insistia em recusar, chegando até às lágrimas. É possível que, sinceramente, ele julgasse não merecê-las. E continuou a servir lealmente a Cixi e à causa comum.²³

No nono dia da décima lua de 1861, véspera do 26º aniversário de Cixi, foi proclamado para todo o império, em nome do novo imperador, que “doravante todos os assuntos de Estado serão decididos pessoalmente pelas duas imperatrizes-viúvas, que darão ordens ao grande consultor e aos grão-conselheiros para que as cumpram. Os decretos serão assinados em nome do imperador”.²⁴ Cixi se tornara a governante real da China. Ao mesmo tempo, sentia-se obrigada a declarar que governar não era seu desejo nem o da imperatriz Zhen.²⁵ Estavam tão somente cedendo aos rogos dos príncipes e ministros, que lhes haviam suplicado que cumprissem seu dever naqueles

tempos difíceis. Pediram à população que entendessem o dilema que enfrentavam e prometeram que o jovem imperador assumiria o poder assim que chegasse à maioridade.

A véspera de seu aniversário, nublada e garoenta, foi o dia da coroação do filho, Zaichun, alçado ao trono com o nome de imperador Tongzhi. Esse nome significava “ordem e prosperidade”, o ideal confuciano do que um bom governo deveria trazer para a sociedade.^c Às sete da manhã, o menino foi levado ao grande palácio da Cidade Proibida, o Palácio da Suprema Harmonia, *Tai-he*. Vestindo um manto de brocado amarelo bordado com dragões dourados que montavam nuvens coloridas, a criança foi posta num trono laqueado de dourado, adornado com nove dragões também dourados. Outros dragões estavam entalhados no biombo atrás do trono, nas colunas do salão e no teto, onde dos dentes de um dragão enroscado, no centro, pendia uma grande bola de prata. A ideia era que a bola cairia sobre quem quer que se sentasse no trono se não tivesse o direito de ocupá-lo. Não havia quem não cresse nisso. A própria Cixi nunca se sentou ali.^d

Diante do trono, sobre um tapete amarelo, ficava uma mesa retangular, dourada e coberta por brocados também amarelos, com o auspicioso desenho de nuvens. Sobre a mesa havia um rolo amarelo de pergaminho, com a proclamação imperial do novo reinado. Escrito em chinês e em manchu, o pergaminho tinha vários metros de comprimento e estava estampado com o grande selo oficial do novo imperador. Para cobri-lo com uma aura de mistério e solenidade, nuvens de incenso subiam de quatro turíbulo de bronze, cada qual sobre uma alta coluna. O salão era escuro e misterioso, em contraste com os reluzentes terraços de mármore branco lá fora, em três níveis majestosos, tornados ainda mais imponentes por balaustradas recurvas e escadarias amplas. Lá embaixo, diante do palácio, se estendia uma esplanada de mais de 30 mil metros quadrados, agora apinhada de altos funcionários e oficiais militares, reunidos desde o amanhecer. Distribuídos de maneira ordenada e hierárquica, sob estandartes

e dosséis multicores, repetidamente se ajoelhavam e se prostravam diante do novo imperador, ao som da música solene de sinos e tambores.

Terminada a cerimônia, um cortejo acompanhou o transporte do pergaminho da Cidade Proibida para a Porta Tiananmen, no lado sul. No alto da porta, o pergaminho foi desenrolado e lido em voz alta, primeiro em manchu e depois em chinês, para os funcionários, ajoelhados ao pé da muralha externa. Finda a leitura da declaração e cumprido o ritual de repetidas prostrações, o pergaminho foi posto no bico de uma fênix de ouro, baixado lentamente por uma corda ao longo da parede externa e instalado num relicário, levado dali por uma guarda de honra. No Ministério dos Ritos, a proclamação foi copiada em papel imperial especial e entregue às províncias, onde foi lida às autoridades, das mais altas às mais baixas. Informações sobre ela foram afixadas em cidades, e as notícias chegaram às aldeias. Pelos caminhos por que as cópias passaram, todas as autoridades e pessoas comuns se prostraram.

Cixi não esteve presente à coroação. A majestosa parte principal da Cidade Proibida era território vedado a ela — por ser mulher. Ainda não podia pôr os pés ali, embora fosse a governante de fato. Na verdade, quando ela surgia à vista de sua liteira, devia fechar a cortina e desviar o olhar, para demonstrar humildade.²⁷ Praticamente todos os decretos eram emitidos em nome de seu filho, uma vez que Cixi não tinha mandato para governar. Foi com esse entrave que ela se entregou à missão de mudar a China.

a Para não confundir os leitores, continuaremos a chamar a imperatriz-viúva Ci'an de imperatriz Zhen.

b Acredita-se, em geral, que o imperador Xianfeng pretendia que a imperatriz Zhen e Cixi utilizassem os sinetes para se contrapor ao Conselho de Regentes. Nada corrobora essa ideia. De fato, ele deixou o poder apenas para os oito homens. Também é improvável que ele pretendesse que as duas mulheres exercessem qualquer poder político.

c Acredita-se em geral que esse nome fazia referência ao “governo conjunto” das duas imperatrizes-viúvas, já que a palavra “tongzhi” pode significar “governo conjunto” no chinês moderno. Não é verdade. O “governo conjunto” das duas mulheres era uma solução temporária pela qual elas se sentiam obrigadas a pedir desculpas. Não poderia ter sido solenizado ao designar o nome de um reinado. Na realidade, o nome provém de ensinamentos confucianos: “Há muitas formas de se ter um bom governo, e todas podem ser resumidas como ordem e prosperidade; há muitas formas de se ter um mau governo, e todas elas podem ser resumidas como caos e desordem”.

d Décadas depois, em 1915, quando o general Yuan Shikai usurpou a função de imperador, fez com que o trono fosse empurrado para trás, temendo, evidentemente, que a bola caísse sobre ele.²⁶

PARTE II
CIXI ATRÁS DO TRONO
DO FILHO (1861-75)

5. O primeiro passo no longo caminho para a modernidade (1861-9)

Os sinais de uma nova era logo se tornaram visíveis. O príncipe Gong estava agora à frente do Grande Conselho, e os novos grão-conselheiros, em número de meia dúzia, eram homens inteligentes e ponderados como ele. Para Frederick Bruce, o primeiro enviado britânico a residir em Beijing, eram “estadistas que compreendiam nosso caráter e nossos motivos o suficiente para depositar confiança em nós”, e que “estão satisfeitos com nossa moderação, e também com nossa força”. Bruce considerava a transferência de liderança “o fato mais favorável que até agora ocorreu no decurso de nossas relações com a China”.¹

Com efeito, através dos relatórios do príncipe Gong, e devido ao fato de as tropas britânicas e francesas terem se retirado de Beijing, Cixi havia chegado à conclusão de que eram possíveis relações amistosas com o Ocidente, e passou a procurar um vínculo desse tipo. Fazia a si mesma as perguntas mais fundamentais e lúcidas: o comércio exterior e uma política de portas abertas serão mesmo ruins para a China? Não poderão nos beneficiar? Não podemos usá-las para solucionar nossos problemas? Essa forma nova de ver as coisas prenunciou a era Cixi. Ela estava tirando a China do beco sem saída para o qual o país fora empurrado pelo ódio do imperador Xianfeng ao Ocidente e pela política de portas fechadas que

vigorara durante um século. Estava pondo o país num novo rumo: abrindo-o para o mundo exterior.

Junto com a imperatriz Zhen, Cixi presidiu do harém esse processo hercúleo. Elas se levantavam entre as cinco e as seis horas da manhã, às vezes até às quatro — o que sempre foi penoso para Cixi —, a fim de estar prontas no salão de audiências às sete. Apresentavam-se muito bem vestidas, em mantos formais com estampas de fênix, sapatos cravejados de pérolas e toucados adornados de pedrarias e em forma de torres de portal. No salão, sentavam-se uma ao lado da outra, atrás de um biombo de seda amarela, através do qual tratavam da ordem do dia com os grão-conselheiros. Os conselheiros tinham-nas esperado por algum tempo em seus gabinetes deliberadamente simples, com mesas modestas e cadeiras forradas de tecido. Terminadas as reuniões, as duas mulheres concediam audiência a funcionários vindos de todas as partes do império. O imperador menino, Tongzhi, sentava-se agora num pequeno trono diante do biombo, de frente para os funcionários, enquanto o vulto das mulheres ficava vagamente visível atrás dele. Para comparecer a essas audiências, os funcionários se levantavam logo depois da meia-noite, a fim de viajar à Cidade Proibida, e o ruído surdo das rodas de seus carros e o tropel dos cascos dos muares eram quase os únicos sons que se ouviam nas ruas desertas de Beijing. Durante toda a audiência, eles se mantinham prostrados e de olhos baixos.

Em geral, era Cixi quem fazia as perguntas. Ela sabia muito bem projetar autoridade. No harém, como muitos observaram, ela era jovial e risonha, mas no momento em que um eunuco chegava para anunciar, de joelhos, que sua liteira estava pronta para levá-la ao salão de audiências, ela parava de rir e assumia uma expressão intimidante.² Mesmo com o biombo a separá-los, os funcionários sentiam sua presença dominante — e ela era capaz de analisar a personalidade deles. Muitos que tiveram audiências com ela disseram que Cixi parecia ser capaz de “ler nossos pensamentos”, e que, “só de olhar”, ela parecia capaz de “perceber a personalidade de quem quer que

esteja na sua frente”.³ A imperatriz Zhen era tranquila e reservada, assumindo de boa vontade um papel secundário.⁴

Depois das audiências, de volta a seus aposentos, as mulheres vestiam roupas mais confortáveis e tiravam algumas joias que tornavam seus toucados muito pesados. Pegavam os relatórios do dia numa caixa amarela e, utilizando convenções da corte que rapidamente aprenderam, dobravam a quina de uma página ou a marcavam com a unha, para indicar “relatório analisado”, “agir conforme recomendado” e assim por diante. Passavam grande parte do dia cuidando de questões administrativas, como aprovar nomeações de funcionários. A imperatriz Zhen cuidava sozinha dessas coisas, e a maioria dos documentos dessa natureza era estampada apenas com seu sinete.⁵ As questões de política competiam a Cixi. Durante duas décadas, as duas mulheres trabalharam em perfeita harmonia, até a morte da imperatriz Zhen em 1881. O fato de terem permanecido amigas durante toda a vida, além de governarem juntas, foi algo simplesmente extraordinário — “quase, senão inteiramente, sem paralelo na história”, comentou uma missionária americana.⁶

Muitos afirmam que o príncipe Gong tomava todas as decisões para Cixi, que, como “semialfabetizada”, tinha conhecimentos e experiência limitados. No entanto, a grande quantidade de correspondência entre os dois, assim como entre Cixi e os funcionários, indica o contrário: que, na verdade, o príncipe Gong e todos os conselheiros se subordinavam a Cixi, que tomava as decisões. Ela, naturalmente, sempre consultava o príncipe Gong, e às vezes iniciava debates na esfera do alto escalão. Suas ordens eram dadas verbalmente ao Grande Conselho, e os conselheiros ou seus secretários os redigiam como decretos. Depois de aprová-los, ela e a imperatriz Zhen lhes apunham seus sinetes. De acordo com as normas da dinastia Qing, os grão-conselheiros (inclusive Gong) não podiam alterar em nada um decreto.

Para controlar suas políticas, a dinastia dispunha de uma instituição tradicional, os censores, *yu-shi*, que eram os “críticos” oficiais. Além deles, Cixi incentivava outros funcionários a expor também seus comentários,

dando início a uma tendência que levou ao envolvimento dos letrados nos assuntos de Estado, uma quebra drástica da tradição que os desestimulava a qualquer atividade política. Esses “opositores” informais se tornaram uma força importante no império e ganharam um nome coletivo, *qing-li*, ou “corrente límpida”, o que indicava que estavam acima de interesses pessoais. Entre os alvos deles estava a própria Cixi. Com o passar dos anos, membros do governo começaram a reclamar que esses ataques prejudicavam seu trabalho, mas Cixi nunca tentou silenciá-los. Instintivamente, parecia ter compreendido que um governo precisa de vozes discordantes. Entre essas vozes, ela localizava pessoas de grande talento e as guindava a altos cargos. Um desses homens foi Zhang Zhidong, que se tornou um dos mais eminentes reformadores. Cixi tinha o cuidado de não afrontar a opinião da maioria, mas sempre tomava as decisões finais.

Dirigir o império exigia mais qualificações linguísticas e maior conhecimento dos clássicos do que Cixi possuía. Por isso ela passou a estudar com eunucos educados. As aulas eram como leituras antes de dormir e tinham lugar antes de sua sesta, depois do almoço, ou de noite. Ela se sentava na cama, de pernas cruzadas, com um livro de poesia ou um clássico nas mãos. Os eunucos sentavam-se em almofadas no chão, diante de uma mesa baixa. Analisavam juntos os textos, e depois ela os lia em voz alta. A aula acabava quando ela adormecia.⁷

Com Cixi, teve início um longo período de paz entre a China e o Ocidente. Segundo o governo britânico, por exemplo, “a China se dispõe agora a manter relações próximas com os estrangeiros, em vez de [...] procurar evitar toda e qualquer comunicação com eles”. E “como a política da China incentiva o comércio com todas as nações, seria um ato suicida, de nossa parte, não tentar ajudar o esclarecido governo da China”. Por isso, a Grã-Bretanha e outras potências adotaram uma “política de cooperação”. “Nossa linha atual”, declarou Lord Palmerston, agora primeiro-ministro

britânico, “tem consistido em fortalecer o Império Chinês, elevar suas rendas e fazer com que disponha de uma Marinha e de um Exército de melhor qualidade”.⁸

Dirigindo o primeiro Ministério das Relações Exteriores da China, assim como o Grande Conselho, o príncipe Gong tinha bom trato com os diplomatas ocidentais. Ele era um homem encantador. O avô das irmãs Mitford, Algernon Freeman-Mitford, observou que ele era “contador de piadas e engraçado”, a ponto de parecer “mostrar um jeito irreverente”:

Meu monóculo era uma verdadeira fonte de alegria para o príncipe. Sempre que começava a se sair mal numa discussão e não sabia o que responder, ele parava, erguia as mãos, como que espantado, e, apontando para mim, exclamava: “Óculos de uma lente só! Incrível!”. Com isso, desviava o assunto às minhas custas e ganhava tempo para pensar numa resposta.⁹

O benefício imediato que essa nova relação de amizade valeu a Cixi foi a ajuda das potências ocidentais para derrotar a Rebelião Taiping. Na época, em 1861, fazia uma década que esses camponeses rebeldes vinham travando batalhas ferozes no interior da China, e já controlavam amplas áreas das terras mais férteis do país, ao longo do rio Yangtzé, além de algumas das cidades mais prósperas, entre elas Nanjing, o centro do movimento, perto de Shanghai. Como os rebeldes se diziam cristãos, de início os ocidentais tinham alimentado certa simpatia por eles. Por fim, porém, veio a desilusão, quando ficou bastante claro que os taipings tinham pouca coisa em comum com os cristãos. Durante bastante tempo, o líder da revolta, Hong Xiuquan, impôs total abstinência sexual aos membros comuns do movimento, instituindo penas de morte para quem violasse essa regra, mesmo que fossem marido e mulher. Entretanto, autorizou que os chefes tivessem até onze esposas, e ele próprio tomou para si 88 consortes. Escreveu mais de quatrocentos “poemas” grosseiros para ensinar as mulheres a servir a ele — o Sol, como se referia a si mesmo.¹⁰ E isso não era o pior, pois hordas de

camponeses rebelados se entregavam à matança cruel e indiscriminada de inocentes, queimando aldeias e cidades por onde passavam. A área que devastaram tinha a mesma extensão da Europa Ocidental e Central juntas. O jornal *North China Herald*, publicado na China em inglês, chegou à conclusão de que “toda a história” da Rebelião Taiping “fora uma sucessão de atos de derramamento de sangue, rapinagem e perturbação da ordem; e [seu] avanço, do sul para o norte, e agora para o leste desta terra infeliz, foi acompanhado, invariavelmente, de destruição, fome e sofrimento”.¹¹ Ademais, os rebeldes tampouco simpatizavam com os cristãos ocidentais: rechaçaram seus pedidos para que deixassem Shanghai em paz, e, ao invés disso, tentaram tomar a cidade, ameaçando os negócios e a segurança dos ocidentais.

Algumas potências europeias tinham oferecido ajuda para reprimir a Taiping enquanto o imperador Xianfeng ainda estava vivo. No entanto, ele as detestava tanto quanto aos próprios rebeldes do movimento. Logo depois de sua morte, a ideia foi proposta de novo. Cixi se entusiasmou e argumentou da seguinte forma aos que suspeitavam que os ocidentais não prestavam e que bem poderiam ocupar a terra que tomassem dos rebeldes: “Desde que se firmaram os tratados, a Grã-Bretanha e a França mantiveram sua palavra e se retiraram. É do interesse deles nos ajudar”.¹² No entanto, ela se mostrou precavida e preferiu não contar com tropas ocidentais, lembrando o conselho de Thomas Wade, secretário da legação britânica, que declarara que a presença de tropas ocidentais em solo chinês não era uma boa ideia para a China.^a Não passara despercebido a Cixi que Wade tinha o interesse da China em mente ao dar esse conselho. Ela preferiu que oficiais ocidentais armassem, treinassem e orientassem tropas chinesas, sob o comando geral de um chinês.¹³

Encorajado por Cixi, Frederick Townsend Ward, americano de trinta anos, de Salem, Massachusetts, aventureiro temerário e mercenário com qualidades de liderança, organizou um exército de milhares de chineses com treinamento e oficiais ocidentais. Ward e seu exército venceram muitas

batalhas, das quais Cixi tomava conhecimento por meio de relatórios radiantes. Ela lhe conferiu, publicamente, honrarias elevadas e deu à sua força o nome de “Exército Sempre Vitorioso”. Era sem precedentes que decretos imperiais “reconhecessem franca e explicitamente” os méritos de um estrangeiro, e os ocidentais viram nisso “um indício significativo da mudança na atitude chinesa”.¹⁴

Em 1862, Ward sofreu um ferimento fatal em batalha, e Cixi ordenou que fosse construído um templo em sua memória. O oficial inglês Charles Gordon assumiu o comando do Exército Sempre Vitorioso. Gordon estava convicto de que “a rebelião deveria ser reprimida”. Conforme ele escreveu:

Não há palavras capazes de descrever os horrores que essa gente sofre por causa dos rebeldes ou o deserto absoluto em que transformaram essa rica província. Falar de não intervenção é muito bonito, não sou uma pessoa particularmente impressionável, e nossos soldados em geral também não são; mas com certeza todos estamos estarecidos com a absoluta miséria e o desamparo dessa pobre gente.¹⁵

Tal como Ward, Gordon tinha certa inclinação para a bravata e se metia numa batalha armado apenas com uma bengala de ratã. Um herói para seus homens, ele ganharia a alcunha de “Gordon Chinês” e teve um papel importante — alguns diriam fundamental — na derrota da Rebelião Taiping e na salvação da dinastia Qing.

Embora ela própria não tivesse contato algum com os militares e os enviados ocidentais, Cixi rapidamente reuniu informações sobre o Ocidente, a partir dos relatórios volumosos e detalhados que recebia do príncipe Gong e de outras autoridades próximas a eles. Num determinado caso, um decreto imperial agradeceu “aos ingleses e franceses” por atacarem tropas do exército Taiping com artilharia. O enviado francês se queixou, comentando que apenas os franceses tinham feito esse ataque, e não os ingleses. Cixi disse a seus diplomatas: “Os senhores poderão dizer que isso é um exemplo de mesquinha por parte dos estrangeiros, mas devem notar também que eles

estão sendo exatos. No futuro, quando fizerem um relatório, não se desviem uma vírgula dos fatos”.¹⁶ Ela estava apontando uma tradicional tendência chinesa para a imprecisão.

Uma informação que lhe causou forte impressão foi a de que os ocidentais se importavam com a morte de chineses. Isso era comentado com frequência por Li Hongzhang, o comandante de Ward e Gordon. Com seu cavanhaque bem aparado e os olhos apertados que já tinham visto muita coisa na vida, o conde Li era o clássico cavalheiro confuciano, mas viria a ser o mais renomado dos reformadores chineses. Nesse estágio preliminar, graças a seus contatos diários com os ocidentais, ele já aprendia com eles, quando a maioria de seus colegas ainda os considerava intrusos. Perto do fim de 1863, o conde Li e Gordon sitiaram a cidade de Suzhou, famosa por suas sedas, jardins e canais (alguns a chamavam de Veneza chinesa), estrategicamente situada perto de Nanjing, a capital da Rebelião Taiping. Convenceram oito chefes Taiping a entregarem a cidade, prometendo-lhes em troca segurança e altos cargos no governo. Em seu acampamento, fora da porta da cidade, o conde Li lhes ofereceu um banquete, para o qual Gordon não foi convidado. Em meio às libações, chegaram oito oficiais, cada qual trazendo um chapéu de mandarim, com um botão vermelho na copa e uma pena de pavão espetada. Os oficiais avançaram de joelhos em direção aos chefes e lhes ofereceram os chapéus. Todos os comensais se puseram de pé para assistir à cena. Os chefes se levantaram, desamarraram os xales amarelos que estavam usando e estavam prestes a pegar os chapéus e pô-los na cabeça quando, numa fração de segundo, oito espadas foram desembainhadas e os oficiais seguraram as oito cabeças pelos cabelos. O conde Li, que se ausentara do banquete pouco antes da chegada dos oficiais, para não presenciar a chacina, mandara matar os chefes para evitar possíveis traições, como já ocorrera antes. Depois, suas tropas investiram contra Suzhou e massacraram dezenas de milhares de soldados rebeldes que se julgavam em segurança.

Gordon, que dera sua palavra aos chefes assassinados e lhes prometera garantia de vida, foi tomado de justa cólera e renunciou ao comando do Exército Sempre Vitorioso. Ainda que, mesmo com relutância, entendesse o ponto de vista de Li, achou que, como oficial inglês e cavalheiro cristão, estava obrigado a dissociar seu nome desse ato de “barbárie asiática”.¹⁷

O conde Li narrou a Cixi a enérgica reação de Gordon, assim como os protestos contra os assassinatos por parte dos diplomatas e comerciantes ocidentais. Cixi não comentou a questão, mas não pode ter deixado de encarar os ocidentais com certa admiração. Os ideais confucianos também condenavam a morte de inocentes e de inimigos que houvessem se rendido. E agora as forças imperiais cometiam massacres e se conduziam tão mal quanto os desprezados rebeldes Taiping — com a notável exceção do Exército Sempre Vitorioso. (O conde Li escreveu a um colega que os homens de Gordon “são capazes de derrotar os bandidos, mas não os matam em maior número possível, de modo que meu exército tem de estar por perto para ajudá-los”.)¹⁸ Cixi e seu círculo de oficiais estavam pondo de lado a ideia de que os ocidentais eram “bárbaros”. De fato, a partir dessa época ela parece demonstrar alguma insegurança em relação à China e seus costumes.

Gordon começou a trabalhar com o conde Li no sentido de dissolver o Exército Sempre Vitorioso. Isso representou um alívio para Cixi, que vinha pensando no que fazer com o exército quando a guerra acabasse, já que essa força invencível só obedecia a Gordon e não recebia ordens de Beijing. Numa carta ao príncipe Gong, ela disse: “Se Gordon tomar medidas adequadas para dissolver o exército e mandar os oficiais estrangeiros para casa, isso provará que ele é, realmente, correto conosco e que esteve trabalhando o tempo todo em nosso benefício”.¹⁹ Antes que o inglês partisse, Cixi o cobriu publicamente de elogios e lhe ofereceu recompensas generosas, inclusive 10 mil taéis de prata. Gordon recusou o dinheiro, alegando que não era um mercenário, e sim um oficial. Um pouco desconcertada, Cixi perguntou a Gong: “Será isso mesmo que ele pensa? Não é verdade então que os estrangeiros só querem dinheiro?”. O conde Li e

outros oficiais foram encarregados de descobrir o que satisfaria Gordon. Atendendo a uma recomendação de Li, Cixi lhe concedeu uma honraria singular: uma túnica de mandarim no tom do amarelo imperial, de um tipo que só o imperador podia usar. Gordon dera a Cixi muita matéria de reflexão a respeito dos ocidentais.^b

*

Para derrotar a Rebelião Taiping, Cixi havia promovido personagens hans num nível sem precedentes: para começar, o conde Li, e também Zeng Zuofan, a quem ela concedeu o título de marquês. Coube ao exército do marquês Zeng finalmente recapturar Nanjing, em julho de 1864. Essa ação assinalou o fim da Taiping, a maior rebelião camponesa na história da China, que causou a morte de cerca de 20 milhões de pessoas em quinze anos de guerra. Seu líder, Hong Xiuquan, teve morte natural antes da queda de Nanjing, e seu filho e sucessor foi capturado e submetido à morte por mil cortes, como prescreviam as leis da dinastia Qing, embora tivesse apenas catorze anos. Outros chefes da Taiping capturados também foram submetidos a esse tipo de execução. Notícias dessas mortes sangrentas, publicadas por jornais como o *North China Herald* e acompanhadas de fotografias chocantes, horrorizaram os ocidentais. Thomas Wade, então o *chargé d'affaires* britânico, escreveu ao príncipe Gong, propondo que agora, esmagada a rebelião, a China deveria abolir essa forma brutal de punição. Era “demasiado cruel e profundamente perturbadora” para os ocidentais, disse ele, acrescentando que sua abolição geraria muita benevolência e vantagens políticas para o império.²⁰ O príncipe Gong rejeitou o apelo, dizendo a Wade que essa pena raramente era aplicada e que era necessária para amedrontar possíveis rebeldes, que poderiam causar a morte de um número incontável de pessoas. “Sem essa punição, acredito que as pessoas na China nada teriam a temer [...] e antes que passasse muito tempo

haveria cada vez mais criminosos e seria difícil garantir a paz e a estabilidade.” O príncipe estava admitindo claramente que mesmo penas capitais como a decapitação não deteriam os rebeldes e que o império não poderia sobreviver sem essa punição cruelíssima. Cixi não contradisse o príncipe Gong, mas tampouco acrescentou uma nota pessoal, como fizera o imperador Qianlong em 1774, quando escreveu de próprio punho a respeito de um líder rebelde, Wang Lun: o homem devia ser executado por “mil cortes, que deixariam a pele de seu corpo semelhante às escamas de um peixe”, e os membros de sua família “deveriam ser decapitados, todos eles, sem exceção, homens, mulheres, velhos e crianças”.²¹

Para os chineses, o lado humano da cultura ocidental era espantosamente afinado com seu próprio ideal de *ren*, ou benevolência, que, de acordo com Confúcio, era a meta suprema de todos os governantes. O príncipe Gong louvou Wade por “ter o espírito de *ren*”, embora lamentasse que esse ideal ainda não pudesse ser aplicado à China.

Com o fim da Taiping, outras rebeliões também foram subjugadas, uma a uma. Poucos anos depois de ganhar o poder, Cixi havia restaurado a paz. Isso lhe deu incontestável autoridade aos olhos da elite — e minimizou a oposição a suas futuras políticas para restaurar o país, que se achava em estado lastimável.^c As guerras tinham custado mais de 300 milhões de taéis de prata. As ruas de Beijing estavam coalhadas de mendigos, entre os quais algumas mulheres que, normalmente nunca vistas em público, abordavam os transeuntes, vestindo pouco mais do que andrajos. No entanto, sob a liderança de Cixi, a China passaria por um processo de recuperação em menos de um decênio e começaria a gozar de certa prosperidade. Um fator crucial para isso foi uma grande e nova fonte de renda: as receitas alfandegárias geradas pelo crescente comércio com o Ocidente, graças à política de portas abertas de Cixi.

A imperatriz-viúva havia notado o imenso potencial do comércio internacional, cujo centro era agora Shanghai, onde o rio Yangtzé, que nasce no Himalaia e atravessa a China, desemboca no mar. Meses depois do golpe, no começo de 1862, ela tinha dito ao príncipe Gong:

Shanghai não passa de um cafundó e é periclitante [estava ameaçada pela Taiping] como uma pilha de ovos. Entretanto, com a confluência de comerciantes estrangeiros e chineses, tem sido uma rica fonte de recursos para a manutenção do Exército. Ouvi dizer que nos dois últimos meses o porto arrecadou 800 mil taéis só em imposto de importação. Devemos fazer tudo o que pudermos para preservar esse lugar.²³

Shanghai lhe mostrou que a abertura da China para o Ocidente constituía uma oportunidade inigualável para seu império, e ela a aproveitou. Em 1863, mais de 6800 cargueiros fundearam em Shanghai, um salto gigantesco em relação aos mais ou menos mil navios anuais no tempo de seu falecido marido.²⁴

A expansão do comércio exterior obrigou a China a criar uma rede de alfândegas eficiente e isenta de corrupção. Por recomendação do príncipe Gong, Cixi nomeou Robert Hart, um jovem de 28 anos, do condado de Armagh, na Irlanda do Norte, para ser inspetor geral da Alfândega Marítima Chinesa, órgão em que Hart já trabalhava. Menos de um ano depois da nomeação, ela concederia uma honraria a Hart.

Nascido no mesmo ano que ela, 1835, e educado no Queen's College, em Belfast, Hart viajara para a China aos dezenove anos, para ser um brilhante, sério e inexperiente intérprete no serviço consular britânico. Excelente linguista, ele chegara a Beijing também com uma braçada de prêmios em lógica, latim, literatura inglesa, história, metafísica, história natural, jurisprudência e geografia física. Seus diários mostram que era um cristão devoto, preocupado com a moral e a justiça, e que nutria profunda simpatia

pelos chineses. Um registro feito pouco depois de sua chegada a Hong Kong fala de um passeio à tarde, pelo cais, com certo Mr. Stace:

Posso dizer que ele me surpreendeu pela forma como tratava os chineses — atirando suas mercadorias na água e cutucando-os com a bengala porque eles não começavam logo a remar para se afastar do cais quando ele embarcou no escaler. Era a hora do jantar, e como esse momento é sagrado para eles, só trabalhariam depois de terminada a refeição.²⁵

Uma década de trabalho na China fez com que Hart fosse visto como um homem correto e de capacidade extraordinária, com talento para a conciliação e para fazer concessões aceitáveis. Tinha consciência de suas qualidades e autoconfiança. Na manhã em que chegou o despacho oficial anunciando sua nomeação, ele não o abriu de imediato e recordava o momento com óbvia satisfação:

Fiz meu desjejum da maneira habitual, e em seguida, como de costume, li meu capítulo matinal e orei [...]. O despacho começava com uma carta muito cordial de Sir F. Bruce em que ele me pedia que aceitasse a Inspeção e me assegurava o apoio dos ministros do Exterior; seguia-se uma longa carta [...]; em terceiro lugar vinha uma longa carta em chinês; em quarto, um despacho do [Ministério do Exterior da China] que me nomeava inspetor geral *etc.*²⁶

Sob a direção de Hart, a Alfândega chinesa deixou de ser uma repartição antiquada, anárquica e mergulhada em corrupção, transformando-se numa organização moderna e eficiente que passou a dar enorme contribuição à economia chinesa. Em cinco anos, ou seja, até meados de 1865, ela proporcionou a Beijing mais de 32 milhões de taéis em tarifas alfandegárias.²⁷ As reparações à Grã-Bretanha e à França foram pagas com as receitas da Alfândega, e os desembolsos chegaram ao fim em meados do ano seguinte, sem grandes problemas para o país.²⁸

Com essas novas receitas, Cixi começou a importar alimentos em grande escala. Havia muito tempo a China não conseguia produzir alimentos suficientes para sua população, e a dinastia sempre proibira a exportação de cereais. A partir de 1867, a Alfândega registrou importações sistemáticas e livres de impostos. Naquele ano, as importações de arroz, o alimento básico da população, alcançaram 1,1 milhão de taéis.²⁹ A procura de fontes de alimentos e sua aquisição se tornaram tarefas importantes do serviço alfandegário comandado por Hart, e Cixi homenageou o funcionário encarregado disso.

A contratação de Hart e de muitos outros estrangeiros provocou ressentimentos entre os funcionários públicos. Foi uma decisão corajosa.

O lema do governo de Cixi era “Tornar a China Forte” — *zi-qiang*. Hart queria mostrar a Beijing como alcançar essa meta por meio da modernização. Seu objetivo, como ele registrou no diário, era “dar ao país acesso a tudo quanto a civilização cristã acrescentou aos confortos ou ao bem-estar, do ponto de vista material ou moral, do homem”. Ele queria “progresso” para a China. E progresso, naquele tempo, significava mineração moderna, telégrafos e telefones, e, acima de tudo, estradas de ferro. Em outubro de 1865, Hart apresentou um memorando ao príncipe Gong, expondo suas recomendações.

Em sua ânsia de “fazer a velha senhora [a China] começar de novo”, Hart lançou mão de advertências e ameaças. “Dentre todos os países do mundo, nenhum é mais fraco do que a China”, afirmou, culpando “a deficiência de informações por parte de seus governantes” pelas derrotas militares sofridas pelo país. Pressagiou que se a China não desse ouvidos a seu conselho, as potências ocidentais “talvez iniciem uma guerra a fim de impô-los”. Essas palavras refletiam uma atitude comum dos ocidentais, que julgavam “saber, melhor do que a própria China, o que a China precisa” e que deveriam “agarrá-la pela garganta” e “impor o progresso à força”.³⁰

Durante meses, o príncipe Gong se absteve de mostrar a Cixi o memorando de Hart. É bastante provável que essa demora, fora de seus hábitos, se devesse ao receio de que a imperatriz-viúva se enfurecesse e demitisse Hart, matando a galinha dos ovos de ouro. Embora Cixi incentivasse seus auxiliares a fazer críticas claras e dar conselhos duros, ninguém havia demonstrado tanta arrogância e feito ameaças tão ostensivas. O príncipe Gong não tinha certeza de qual seria a reação dela. Decidiu fazer com que Hart se ausentasse do país, de modo que se a imperatriz-viúva resolvesse exonerá-lo, ao menos a ordem não seria executada de imediato e haveria tempo para convencê-la a mudar de ideia. Foi então que Hart teve autorização para viajar à Europa, o que ele vinha solicitando havia algum tempo.

Hart partiu no fim de março de 1866, e seu memorando foi apresentado a Cixi no dia 1º de abril, junto com outra recomendação do *chargé d'affaires* britânico, Thomas Wade, que tratava mais ou menos das mesmas questões e mais ou menos no mesmo tom — destinado a “assustá-los”, de acordo com Hart. Depois de entregar esses documentos a Cixi, o príncipe Gong ficou apreensivo. Quando o *attaché* britânico, Freeman-Mitford, o procurou para insistir em “estradas de ferro, telégrafo” e “todas as velhas histórias que já foram repisadas cem vezes”, notou que o príncipe “estava muito nervoso e inquieto. Ele se mexia, se esquivava e evadia-se como uma lebre”.³¹

O príncipe Gong havia subestimado Cixi. Ela leu os documentos com cuidado e depois os enviou a dez autoridades, que dirigiam as relações exteriores, o comércio e as províncias, pedindo-lhes que opinassem a respeito. Na carta de encaminhamento desses memorandos não havia nenhuma animosidade contra Hart ou Wade — ao contrário do que se via no relatório do príncipe Gong, no qual chamejava, aqui e ali, alguma hostilidade. Ela passara a aceitar calmamente a presunção ocidental, não permitindo que isso prejudicasse sua opinião. Ao contrário, procurou possíveis benefícios nas propostas. Ela concluiu que Hart

faz algumas boas observações em sua avaliação do governo, do Exército e das finanças da China, bem como em suas recomendações de que se adotem métodos ocidentais de mineração, construção naval, produção de armas e treinamento militar [...]. Com respeito a questões ligadas às relações exteriores, como nomear embaixadores em outros países, essas são coisas que, de qualquer maneira, já deveríamos estar fazendo.³²

Não fez nenhum comentário sobre a linguagem e o tom de ameaça, mas simplesmente repetiu o lema de seu governo: “Tornar a China forte é a única forma de garantir que países estrangeiros não iniciarão um conflito contra nós [...] ou que nos menosprezem”. Talvez ela fosse capaz também de ver as ofensas em perspectiva, pois sabia perfeitamente que os chineses também falavam sobre os estrangeiros de uma forma não menos agressiva. Não obstante, o príncipe Gong pediu aos enviados ocidentais que tivessem cuidado com a linguagem.³³ Eles o atenderam, evitando daí em diante expressões ofensivas na correspondência.^d

Alguns mandarins graduados se irritaram com Hart, mas a imperatriz-viúva nunca se voltou contra ele. Hart era honesto e dirigia a Alfândega com eficiência e absoluta integridade, fato singular num país onde a corrupção era endêmica. Isso bastava para ela. Jamais inclinada a mesquinhas, ela se concentrava invariavelmente no quadro geral e em breve concederia a Hart outra honraria por seus serviços. Hart dirigiu a Alfândega chinesa durante todo o tempo que Cixi viveu e governou. O fato de um estrangeiro comandar um importante canal de receitas durante quase meio século foi um fenômeno extraordinário e atesta a assombrosa falta de preconceito ou desconfiança da parte de Cixi, assim como sua sagacidade. Não era uma fé cega. Ela não duvidava de que Hart dedicasse sua lealdade suprema à própria pátria, a Grã-Bretanha. Um diplomata chinês lhe informou que havia perguntado a Hart a quem ele dedicaria lealdade, no caso de um conflito entre a China e a Grã-Bretanha, e que Hart respondera: “Eu sou britânico”.³⁴ No entanto, ela confiava em que Hart seria leal à China — e fazia o possível para evitar deixá-lo diante de qualquer conflito de interesses.

Poucas pessoas no alto escalão faziam objeção a Hart, o que também era extraordinário. Por mais antiocidentais que fossem algumas autoridades, confiavam a Alfândega de seu país a um ocidental. E Hart não os desapontou. Deu uma contribuição importante não só para a prosperidade financeira da China, como também para suas relações gerais com os demais países. Ele se tornou alguém a quem o príncipe Gong recorria para todo tipo de serviços com relação ao Ocidente. E a imperatriz-viúva veio a conhecer a civilização ocidental por meio dele, ainda que seus contatos fossem indiretos.

Não obstante, os projetos de modernização propostos por Hart foram rejeitados por todos aqueles a quem Cixi consultou. Mesmo o mais destacado dos reformistas, que os ocidentais tinham em alta conta, o conde Li, fez-lhes uma oposição veemente, resumindo seus “danos incalculáveis” da seguinte forma: “Eles desfiguram nossa paisagem, invadem nossos campos e aldeias, prejudicam nosso feng shui [geomancia] e arruinam os meios de vida de nosso povo”.³⁵ Não havia quem conseguisse imaginar algum bem criado por esses dispendiosos projetos de engenharia, e os representantes ocidentais não foram capazes de apresentar argumentos convincentes em favor deles. O príncipe Gong informou a Cixi que os ocidentais “não tinham dito nada de específico a respeito das vantagens reais que tais projetos teriam para a China”.³⁶

Por outro lado, eles pareciam trazer inúmeros benefícios para o Ocidente. A China estava prestes a encerrar os pagamentos das reparações de guerra e teria um enorme superávit comercial. Podia custear essas obras. Depois de conhecer o interior do país, os ocidentais se deram conta da abundância de recursos naturais inexplorados. Um oficial da Marinha britânica, Henry Noel Shore, observou que

autoridades competentes estimaram a extensão das jazidas de carvão em 1 085 000 quilômetros quadrados, ou seja, vinte vezes maiores do que as da Europa, enquanto se diz que em todas as províncias abundam minerais, em especial o minério de ferro de excelente qualidade.³⁷

E a mineração requeria telégrafos e estradas de ferro.

Entre as diversas objeções levantadas estava a de que os ocidentais teriam acesso aos tesouros subterrâneos da China e poderiam procurar controlá-los. As ferrovias poderiam levar tropas ocidentais para o interior, se os estrangeiros desejassem invadir o país. Milhões de pessoas, ocupadas em atividades de transporte e comunicação — cocheiros, carregadores, mensageiros, estalajadeiros e assim por diante —, perderiam seu ganha-pão. Ninguém parecia considerar desejável uma redução do trabalho braçal ou prever a criação de novas formas de emprego. O barulho ensurdecido e a fumaça preta produzida pelas locomotivas eram vistos com horror, pois se entendia que interferiam na natureza — e, pior ainda, perturbavam as almas mortas nas numerosas tumbas ancestrais privadas, características da paisagem chinesa.

Naquele tempo, cada família chinesa tinha seu próprio cemitério. Tais terrenos eram sagrados para a população. Como registrou Freeman-Mitford, “os sítios mais formosos deste país são escolhidos para enterrar os mortos”.³⁸ De fato, as pessoas acreditavam que os sepulcros eram sua morada final, onde, depois de mortos, se juntavam a seus parentes mais próximos e estimados. Essa ideia consoladora atenuava o medo da morte. O golpe mais doloroso que uma pessoa podia desferir contra um inimigo era destruir seu sepulcro ancestral, de modo que ele e sua família se tornassem espectros sem rumo depois da morte, condenados à solidão e à desgraça eternas.

Como a maioria de seus contemporâneos, Cixi combinava o respeito pelos sepulcros ancestrais com um profundo sentimento religioso. A fé era um elemento essencial em sua vida, e a única coisa que a assustava era a ira

do Céu — o ser místico e informe que era o equivalente a Deus para os chineses da época. Crer no Céu não era, para eles, incompatível com a fé no budismo ou taoísmo. Os sentimentos religiosos chineses não eram tão bem definidos como os do mundo cristão. Ter mais do que uma crença religiosa era comum. Com efeito, em cerimônias solenes, como um funeral pomposo, que podia durar bem mais de um mês, as preces eram feitas por clérigos budistas e também taoístas, e ainda pelos lamas do budismo tibetano, que se alternavam a intervalos de alguns dias. Dentro dessa tradição, Cixi era uma budista devota e também uma seguidora da doutrina taoista. O bodisatva que ela mais reverenciava era Guanyin, a deusa da Misericórdia, a única deusa do budismo, que era também uma imortal taoista. Era frequente que ela orasse, em suas capelas pessoais, a uma imagem de Guanyin, com as palmas das mãos juntas diante do peito. As capelas eram também seus santuários privados que ela buscava para estar a sós, para esvaziar a mente antes de tomar decisões importantes. Como budista, ela cumpria o ritual de libertar criaturas aprisionadas. Para comemorar seu aniversário, ela comprava muitas aves — na velhice chegou a adquirir 10 mil, segundo suas damas de companhia — e no dia, escolhendo a hora mais propícia, subia ao cume de um morro e abria, uma depois da outra, as caixas carregadas por eunucos, observando o voo das aves para a liberdade.

Foi principalmente por causa dos sepulcros ancestrais que o governo de Cixi recusou os projetos da era das máquinas. Era preciso, simplesmente, não perturbar os espíritos dos mortos. O príncipe Gong disse aos enviados estrangeiros que se essa rejeição acarretava a guerra, ele nada podia fazer.³⁹ Cixi tratou a ameaça de guerra com muita seriedade e emitiu um edito, em termos duros, ordenando que os chefes provinciais resolvessem rapidamente quaisquer litígios pendentes que envolvessem ocidentais, de modo que nenhum deles tivesse qualquer pretexto para começar uma guerra.⁴⁰ Seu governo fez todo o possível para cumprir rigorosamente os tratados. Como reconheceu Hart: “Não tenho conhecimento de nenhuma violação de

tratados”.⁴¹ Depois de novas pressões inúteis, as empresas ocidentais entregaram os pontos. A industrialização da China foi adiada.

No entanto, a industrialização chegaria, sorrateira, por outra porta. A corte de Cixi estava unida em favor da criação de um Exército moderno e de uma indústria bélica. Contrataram-se oficiais estrangeiros para treinar as tropas, bem como engenheiros para ensinar a fabricação de armamentos. Compraram-se tecnologias e equipamentos. Em 1866, começou para valer a construção de uma esquadra moderna. O principal supervisor estrangeiro dessa atividade foi um francês, Prosper Giquel, que chegara à China como integrante das forças invasoras anglo-francesas e ali permanecera. Ajudara a derrotar a Rebelião Taiping comandando uma força franco-chinesa, o Exército Sempre Triunfante, cujo nome ecoava o Exército Sempre Vitorioso anglo-chinês, antes de trabalhar na Alfândega, subordinado a Robert Hart. Cixi confiava em Giquel e autorizava todas as despesas exigidas pelo programa naval. Muitos chineses suspeitavam de um oficial francês de um exército invasor, enquanto outros se horrorizavam com o custo astronômico. Contudo, Cixi era, por instinto, destituída de malícia. Disse a seus auxiliares que Giquel e outros estrangeiros “deviam ser tratados com especial consideração”. “O programa de construção naval é realmente vital para nossa meta de Tornar a China Forte”, afirmou ela, entusiasmada.⁴²

Num período de poucos anos, construíram-se nove navios a vapor, de uma qualidade que aparentemente nada ficava a dever a navios ocidentais. Não se estouraram garrafas de champanhe quando foram lançados ao mar. Só houve cerimônias em que se pedia perdão à Rainha Celeste e aos deuses dos Rios e do Solo, todos os quais em breve seriam perturbados pelos vapores. Quando o primeiro navio entrou, resplendente, no porto de Tianjin, em 1869, multidões de chineses e de residentes estrangeiros se reuniram para ver o espetáculo, e as pessoas que tinham participado de sua construção enxugaram lágrimas de orgulho. Por seus serviços, Giquel foi

recompensado, entre outras coisas, com uma túnica de mandarim no amarelo imperial.

Ao fim da primeira década de seu governo, Cixi não só recuperara um país devastado por guerras, como também fundara uma Marinha moderna e começara a criar um Exército moderno e uma indústria bélica equipada com o que havia de mais avançado no mundo. Embora a industrialização em grande escala não começasse de imediato naquele país antigo, que tinha tradições fortes e arraigadas, além de intensos sentimentos religiosos, empreendimentos modernos surgiam, aqui e ali: produção de carvão e minério de ferro, construção de aciarias e de máquinas. Criaram-se modernos estabelecimentos de ensino para formar engenheiros, técnicos, oficiais de marinha e tripulantes de navios. As estradas de ferro e o telégrafo não tardariam muito. Conduzida pela imperatriz-viúva, a China medieval dera seu primeiro passo para a modernização.

a Wade foi um destacado sinólogo, pioneiro do sistema de transliteração da língua chinesa que, chamado de Wade-Giles, foi, durante a maior parte do século XX, o meio para que estrangeiros aprendessem o chinês, como também um instrumento valioso para que os próprios chineses dominassem seu idioma. Grafo meu nome, Jung Chang, de acordo com o sistema Wade-Giles.

b Uma estátua de Gordon, erguida em Trafalgar Square, em Londres, foi depois transferida para o Victoria Embankment. Em 1948, Winston Churchill defendeu no Parlamento a volta da estátua para seu local original, qualificando Gordon como “um modelo de herói cristão” e afirmando que “muitíssimos ideais que valorizamos estão associados ao nome dele”.

c Nos locais não destruídos ou ocupados pelos rebeldes, a recuperação foi instantânea. Já em meados da década de 1860, o *attaché* inglês, Freeman-Mitford, comentava: “A prosperidade de Cantão é evidente e notável”.²²

d De início, Hart não tivera consciência da ofensa que seu memorando causara e, julgando poder forçar o governo de Cixi a industrializar o país, incluiu um entusiástico “Hurra!” em seu diário, depois de entregar o documento. Mais tarde, depois de outra rodada de *lobbying* no Ministério das Relações Exteriores, vendendo telégrafos e estradas de ferro, se deu conta

da reserva de seus anfitriões. Registrou em seu diário que os chineses “poderiam achar que eu estivesse sendo remunerado por estrangeiros, e não pelos chineses” e lhes disse que “não devo voltar a insistir nos assuntos sobre os quais já tinha falado”.

6. Primeiras viagens ao Ocidente (1861-71)

No processo de modernização, Cixi teve na pessoa do príncipe Gong uma alma gêmea, um conselheiro próximo e um administrador de confiança. Suas decisões eram tomadas com a ajuda do príncipe, que a seguir as executava. Entre eles, o biombo de seda amarela mal existia.

Sem um homem desses além dos limites do harém, Cixi não poderia governar com eficácia. Ela demonstrava ao príncipe sua gratidão concedendo-lhe honras sem paralelo — e, sobretudo, isentando-o da obrigação de se prostrar diante dela. Um edito imperial, emitido logo depois do golpe, em nome do filho, garantia especificamente ao príncipe Gong o privilégio de não ter de se ajoelhar e se prostrar em suas reuniões diárias, privilégio estendido ao príncipe Chun e a três outros tios do imperador menino.¹ O príncipe Gong era o principal beneficiário dessa concessão, já que se reunia com Cixi todos os dias. Um dia, porém, ocorreu à imperatriz-viúva que, na verdade, ela deveria suspender esse favor. Sem a etiqueta rígida, compreendeu, o príncipe Gong se mostrava demasiado descontraído com ela e passara a tratá-la com o ar de superioridade com que tendia a tratar todas as mulheres, sobretudo as mais jovens — e Cixi estava ainda na casa dos vinte anos. Durante algum tempo, o comportamento do príncipe a irritou e encolerizou, até que um dia, em 1865, ela explodiu e, numa enorme

crise de fúria, demitiu-o. Redigiu um decreto à mão, acusando-o de “fazer uma ideia muito elevada de si mesmo”, “pavonear-se e dar-se ares” e, simplesmente, estar “cheio de si”.² Esse foi um dos poucos decretos que Cixi escreveu do próprio punho. Sua caligrafia ainda era deficiente, e a gramática deixava bastante a desejar. O fato de ela ter abandonado toda a cautela e exposto sua vulnerabilidade — a mediocridade de sua educação, que tanto importava para a elite — revela o quanto ela estava furiosa.

Como acontece com a maioria dos momentos tumultuados em relações sólidas, a tempestade passou. Os aristocratas intervieram. Cixi se acalmou. O príncipe Gong pediu desculpas, prostrando-se aos pés dela (ocultos pelo biombo de seda amarela), vertendo lágrimas e prometendo mudar sua conduta. Tendo alcançado seu objetivo, Cixi revogou seu decreto e devolveu as funções ao príncipe Gong. Contudo, não manteve seu título de grande conselheiro, embora o papel dele continuasse o mesmo.³ Além disso, ordenou que ele mostrasse deferência na corte e deixasse de agir com arrogância. A partir de então, subjugado, o príncipe Gong tomou o cuidado de proceder com humildade, ajoelhando-se e prostrando-se na presença dela. O episódio serviu como advertência para outros nobres que a cercavam de que Cixi não tolerava que a tratassem com ar de superioridade. Era ela quem mandava. Todos passaram a se prostrar diante dela.

Sua relação de trabalho com o príncipe Gong continuou estreita. Na realidade, essa ligação se tornou ainda mais próxima, na medida em que tiveram de enfrentar, juntos, a oposição dos conservadores a suas iniciativas de inserir o império na era moderna.

Um episódio importante teve como causa a primeira instituição educacional moderna, a Faculdade Tongwen, ou Escola de Disciplinas Combinadas. Criada em 1862, pouco depois do início do governo de Cixi, a instituição tinha como meta formar intérpretes. Na época, foi recebida com relativa pouca resistência — afinal, a China tinha de lidar com estrangeiros.

Funcionava numa mansão pitoresca, na qual, entre tamareiras e canteiros de lilases e jasmims, um pequeno campanário anunciava o horário das aulas. No entanto, em 1865, quando, a conselho do príncipe Gong, Cixi decidiu transformá-la numa verdadeira instituição científica de ensino superior, a oposição ganhou tons exaltados. Durante 2 mil anos, somente os clássicos tinham sido considerados disciplinas dignas de ser ensinadas. Cixi defendeu sua posição alegando que a faculdade só tencionava “utilizar métodos ocidentais para aferir ideias chinesas” e que “não substituiria os ensinamentos de nossos sábios sagrados”.⁴ No entanto, isso não tranquilizou as autoridades que tinham ascendido a suas atuais posições mediante a absorção de clássicos confucianos e que passaram a criticar o Ministério das Relações Exteriores e o príncipe Gong como “lacaio de demônios estrangeiros”.⁵ E inscrições injuriosas contra o príncipe apareceram nos muros da cidade.

Um dos motivos das reclamações era que, nessa escola, estrangeiros seriam nomeados “professores”. Dentro da tradição, um professor era uma figura venerada, um mentor para toda a vida, que transmitia sabedoria, assim como conhecimentos, e que devia ser respeitado como os pais. (O assassinato de um professor era classificado como parricídio, crime que, tal como a traição, podia acarretar a execução por mil cortes.) Imperadores e príncipes erigiam santuários em suas residências em honra de seus preceptores falecidos. Nesse litígio, o adversário mais veemente era um estimado sábio mongol, Woren, um dos preceptores do filho de Cixi, o imperador Tongzhi. Woren escreveu a Cixi, argumentando que esse elevado status não deveria ser concedido a estrangeiros, já que eram inimigos que tinham “invadido nosso país, ameaçado nossa dinastia, incendiado nossos palácios e assassinado nossa gente”. E ponderava: “Hoje estamos aprendendo os segredos deles a fim de combatê-los em guerras futuras, mas como termos certeza de que não usarão de perfídias, ensinando coisas erradas?”⁶

Embora reprovasse os dissidentes em termos fortes, Cixi foi delicada com Woren, apenas lhe pedindo que encontrasse professores *chineses* para

ensinar ciências. Isso calou o preceptor mongol, que teve de admitir que não tinha como indicar quem quer que fosse. Cixi lhe disse que continuasse a procurar e que apresentasse uma solução para os problemas do país. Woren, que fora escolhido para educar o imperador, graças a seus arraigados princípios confucianos, estava convicto de seus próprios argumentos, mas se sentia impotente e confuso diante da realidade. Um dia, rompeu em soluços enquanto dava aula ao menino imperador, de nove anos, que, como nunca vira o mestre idoso chorar, se assustou e ficou desconcertado. Dias depois, o ancião desmaiou ao montar um cavalo. Adoentado, pediu demissão. Cixi não quis aceitar sua renúncia e lhe deu uma licença permanente por doença. Woren deixou na corte muitos simpatizantes, entre eles um colega, o grão-preceptor Weng, que também odiava o Ocidente. Weng chorara por ocasião do incêndio do Antigo Palácio de Verão e tachava os ocidentais em Beijing de “animais imundos”, além de “lobos e chacais”.⁷

Cixi manteve seus planos, apesar da feroz oposição, e nomeou uma autoridade do governo, Hsü Chi-she, como diretor da faculdade, comentando que Hsü desfrutava de “elevado prestígio” e era “um bom modelo” para os estudantes.⁸ A distinção de Hsü, aos olhos da imperatriz-viúva, derivava de seu livro, a primeira descrição geral do mundo feita por um chinês. Embora nunca houvesse viajado ao exterior, Hsü realizara essa obra com a ajuda de um missionário americano, David Abeel, de quem se tornara amigo enquanto trabalhavam na costa sul na década de 1840. Nesse livro, ele se referia à China apenas como outro país entre muitos na Terra, contradizendo a ideia de que a China era o Reino do Meio e o centro do mundo. Os Estados Unidos pareciam ser o país que Hsü mais admirava, e ele comentou a respeito de George Washington: “Ah, que herói!”. Hsü escreveu que depois de ter travado guerras vitoriosas num vasto território, o que levou as pessoas a desejarem fazê-lo rei, Washington “não subiu ao trono nem passou sua posição aos descendentes. Em vez disso, criou um

sistema mediante o qual uma pessoa se tornava o governante do país por meio de uma eleição”. “Washington foi um homem extraordinário!”, exclamou.* O que mais impressionou Hsü foi o fato de os Estados Unidos “não terem uma família real ou nobres [...]. Nesse Estado novíssimo, os negócios públicos são decididos pelo povo. Que maravilha!”. Para Hsü, os Estados Unidos se aproximavam do ideal confuciano segundo o qual “tudo sob o Céu existe para o povo” (*tian-xia-wei-gong*), e era o lugar que mais se assemelhava às Três Grandes Dinastias Antigas da China, regidas pelos imperadores Shun, Yao e Yu havia mais de 4 mil anos. No tempo dessas dinastias, acreditavam os chineses, o país era um lugar florescente e benigno, onde os imperadores ascendiam ao trono pelo voto, com base no mérito, e viviam como todos os demais. Tais dinastias eram, na realidade, míticas. Entretanto, as pessoas as julgavam reais, e os poucos chineses que entravam em contato com o Ocidente manifestavam pasmo diante do fato de que as lendárias práticas antigas da China parecessem existir do outro lado do oceano. O sistema judicial britânico era “exatamente igual ao das Três Grandes Dinastias Antigas”, observou um chinês.⁹

Quando o livro de Hsü foi publicado, em 1848, no reinado do finado sogro de Cixi, o imperador Daoguang, as autoridades se escandalizaram. Acusaram-no de “exagerar as qualidades de bárbaros estrangeiros”, despejaram invectivas sobre ele,¹⁰ e Hsü acabou perdendo o emprego. Agora, em 1865, seu livro chegara a Cixi, que o tirou de uma desonrosa semiaposentadoria em sua casa à margem do rio Amarelo e o promoveu a um cargo-chave do Ministério das Relações Exteriores.¹¹ O desagravo a Hsü foi saudado por ocidentais em Beijing como outro sinal do “começo de uma nova era”.

Durante os anos seguintes, Hsü foi continuamente insultado por outros funcionários. Pediu que fosse exonerado, alegando problemas de saúde, e por fim Cixi teve de atendê-lo. Morreu em 1873. Depois da aposentadoria de Hsü, Cixi nomeou um missionário americano, W. A. P. Martin, como diretor da Faculdade Tongwen, por recomendação de Robert Hart.¹² Como

estrangeiro, Martin foi poupado do ostracismo por parte dos colegas. Para Cixi, porém, pôr um ocidental na direção de uma instituição educacional chinesa foi um gesto revolucionário e extremamente ousado. O americano foi escolhido por ter introduzido conceitos jurídicos ocidentais na China, por meio da tradução de *Elements of International Law* [Elementos de direito internacional], de Henry Wheaton, publicada com uma subvenção, autorizada por Cixi e feita pelo Ministério das Relações Exteriores, no valor de quinhentos taéis de prata. Martin se manteve nesse cargo durante décadas e formou muitos diplomatas e outros profissionais de destaque. Essa faculdade em estilo ocidental se tornou modelo para um novo sistema educacional no império.

Com o objetivo de abrir os olhos da China para o mundo, Cixi começou a mandar pessoas para além-mar. Na primavera de 1866, quando Hart viajaria de férias ao Reino Unido, o príncipe Gong escolheu vários alunos da Faculdade Tongwen para viajar com ele à Europa. Um manchú de 63 anos, Binchun, acompanharia o grupo de rapazes. Ostentando um cavanhaque de letrado, ele se tornou, como registrou orgulhosamente, “a primeira pessoa enviada da China ao Ocidente”.

Binchun era escriturário da Alfândega chinesa. Para essa missão desbravadora, sua posição hierárquica era incrivelmente modesta, e sua idade, avançada demais. O problema era que todos os que tinham sido consultados (e cuja posição não podia ser superior à de Hart, para fazer parte de sua comitiva) haviam recusado a missão. Binchun foi o único que se apresentara como voluntário. Muitos alarmistas o advertiram que viajar a um país estrangeiro equivalia a se oferecer como presa “a tigres e lobos em forma humana” e que ele poderia ser feito refém ou, quem sabe, picado em pedacinhos. Contudo, Binchun era dono de muita curiosidade e notavelmente livre de preconceitos. Havia aprendido o suficiente sobre o mundo com seus amigos ocidentais, um dos quais era W. A. P. Martin, para

saber que esses receios assustadores eram descabidos. Explicou num poema como os livros de seus amigos estrangeiros tinham alargado seus horizontes, de modo que ele já não era como o infeliz sapo que, sentado no fundo de um poço, afirmava que o céu era do tamanho da mancha que ele enxergava dali.¹³

Binchun viajou a onze países, visitando cidades e palácios, museus e óperas, fábricas e estaleiros, hospitais e zoológicos, e se avistou com muitas pessoas, de monarcas a homens e mulheres comuns. A rainha Vitória registrou em seu diário a audiência que lhe concedeu, em 6 de junho de 1866: “Recebi os enviados chineses, que estão aqui sem credenciais. O líder deles é um mandarim de primeira classe. Pareciam as estatuetas de madeira e as pinturas que a gente vê”. Binchun, cuja posição social fora enormemente inflada para esse encontro, anotou em seu próprio diário que a rainha Vitória lhe perguntara o que estava achando da Grã-Bretanha e que ele respondera: “Os edifícios e os utensílios são construídos e fabricados com habilidade e cuidado, e eu os considero melhores do que os da China. Quanto à forma como os assuntos de Estado são conduzidos, há muitas vantagens aqui”. A isso a rainha Vitória respondera que esperava que sua viagem realçasse as relações amistosas entre os dois países.¹⁴

Num baile oferecido pelo príncipe de Gales, Binchun ficou deslumbrado com as danças, que, como não existiam na China, descreveu com alguns detalhes e óbvia inveja. Diante de uma pergunta do príncipe de Gales, que queria saber de suas impressões de Londres, ele disse francamente que, como primeiro enviado chinês ao exterior, tivera a sorte de ser o primeiro a conhecer tamanho esplendor do outro lado do oceano.

Binchun se maravilhou com as cidades iluminadas à noite e ficou estupefato com os trens, nos quais viajou 42 vezes. “A sensação é de voar pelo ar”, escreveu, e levou para a China uma réplica funcional de um trem. Observou que as máquinas melhoravam a vida das pessoas. Na Holanda, o uso de bombas hidráulicas para criar lavouras férteis o fez refletir: “Se elas forem usadas em terras de camponeses na China, não teremos mais de nos

preocupar com secas ou lamaçais”. Binchun apreciou os sistemas políticos europeus e registrou com admiração sua visita ao Parlamento, em Londres.

Fui ao grande salão do Parlamento, que tem uma vasta abóbada e é grandioso e impressionante. Ali, seiscentas pessoas, eleitas em todas as partes do país, se reúnem para debater questões públicas. (Discutem livremente ideias diferentes, e só quando chegam a um consenso é que se toma uma decisão, que será executada. Nem a monarca nem o primeiro-ministro pode alterar as decisões, impondo sua vontade.)

Esse homem curioso se espantava com tudo o que via — até com fogos de artifício, que tinham sido inventados em seu próprio país. Contudo, enquanto na China eles não passavam de busca-pés rasteiros, na Europa eram disparados para o céu e produziam estouros com efeitos assombrosos. Até suas ressalvas eram precedidas por elogios: “Os ocidentais prezam demais a limpeza, e seus banheiros e latrinas são imaculados e lavados com frequência. Só que eles atiram jornais e revistas nas fezes depois de lê-los, e às vezes os usam para se limpar. Parecem não respeitar e valorizar o que está escrito neles”. Respeitar a palavra escrita era um princípio do confucionismo.

As mulheres europeias causaram a mais viva impressão em Binchun — sobretudo o fato de poderem manter uma vida social com homens e dançar com eles, usando roupas vistosas. Esse tipo de relação entre homens e mulheres parecia lhe agradar. A forma como os ocidentais tratavam suas mulheres o impressionou em especial. A bordo de um vapor, ele notou que “as mulheres caminhavam de braço dado com homens no convés, ou se recostavam em poltronas de ratã enquanto os maridos atendiam aos seus desejos como servos” — o oposto do que acontecia na China, mas que revelava uma espécie de intimidade doméstica que o encantava. Ele fez questão de destacar que na Europa as mulheres podiam ser coroadas monarcas, tal como os homens, sendo a rainha Vitória um excelente exemplo. Com relação a ela, Binchun escreveu, admirado: “Era uma jovem

de dezoito anos quando assumiu o trono, e todos em seu país lhe cantam loas por sua sabedoria”.

O diário de Binchun, com seus superlativos rapsódicos sobre o Ocidente, foi entregue ao príncipe Gong quando ele voltou à China, e o príncipe o fez copiar e apresentá-lo a Cixi.¹⁵ Esse foi o primeiro relato pessoal que Cixi lia sobre o mundo fora da China, escrito por um de seus próprios funcionários, e era inevitável que a afetasse profundamente. O tratamento dispensado às mulheres no Ocidente não poderia deixar de impressioná-la em especial. No Ocidente, as mulheres podiam ser monarcas, ao passo que ela era obrigada a governar a China atrás do trono de seu filho. Não podia falar com seus funcionários sem um biombo, e mesmo com o biombo não tinha como receber enviados estrangeiros, que vinham solicitando uma audiência para apresentar suas credenciais. Quando ela consultava os nobres a respeito dessa questão, a resposta deles era férrea e uniforme: a audiência não poderia ser concedida enquanto o imperador fosse menor de idade; os enviados teriam de esperar que ele assumisse formalmente o poder. Que *ela* recebesse os enviados estava fora de cogitação. Isso era de tal maneira impensável que de modo geral os cortesãos sequer levavam em conta essa possibilidade. Seria impossível que Cixi não encarasse com simpatia os hábitos ocidentais.

Assim, sua reação depois de ler o diário de Binchun foi promovê-lo a um cargo no Ministério das Relações Exteriores e nomeá-lo “diretor de Estudos Ocidentais” na Faculdade Tongwen, no começo de 1867, quando Hsü, o admirador de Washington, era diretor da instituição.¹⁶ Os dois homens tinham a mesma natureza, e Hsü dera a Binchun o exemplar de um estudo da geografia mundial para que o levasse em sua viagem, durante a qual Binchun confirmara que Hsü tinha mesmo razão ao dizer que a China não era o centro do mundo! Hsü escreveu um prólogo ao diário de Binchun quando ele foi publicado, com o endosso de Cixi.

Da mesma forma que Hsü, Binchun foi atacado pelos nobres conservadores. O grão-preceptor Weng se referiu a ele em seu diário com

aversão e desprezo, notando que ele se “apresentara como voluntário para ser um escravo dos demônios” e irritando-se com o fato de ele se “referir a chefetes bárbaros como monarcas”.¹⁷ Não está claro se os percalços que Binchun teve de suportar por causa de sua mente aberta teve algum papel na deterioração de sua saúde, que o levou à morte em 1871.

*

Sempre fora intenção de Cixi enviar embaixadores aos países ocidentais, mas não havia homens adequados para preencher os cargos, e nenhum funcionário falava uma língua estrangeira ou tinha conhecimentos sobre aqueles países. Em 1867, Anson Burlingame, ministro dos Estados Unidos em Beijing, estava regressando a seu país, e o príncipe Gong sugeriu que ele fosse nomeado embaixador extraordinário à Europa e aos Estados Unidos. Em sua recomendação, o príncipe Gong disse a Cixi que Burlingame era um “homem honesto e conciliador”, que tinha “os interesses da China no coração” e que estava “sempre disposto a ajudar a China a resolver seus problemas”. Podia-se confiar nele, tal como no britânico Robert Hart, com quem “não temos nenhuma barreira de comunicação”. Os Estados Unidos, acrescentou o príncipe, eram também o país “mais pacífico e menos agressivo” entre as potências até onde dizia respeito à China.¹⁸ Demonstrando considerável imaginação, Cixi aprovou a ideia de imediato e fez de Burlingame o primeiro embaixador da China no Ocidente, proporcionando-lhe credenciais e sinetes oficiais. A missão de Burlingame consistiria em apresentar a nova China ao mundo e explicar sua nova política externa, “repelir e deter tudo o que seja prejudicial aos interesses da China e fomentar tudo o que lhe seja benéfico”. Ele teria dois jovens auxiliares chineses, Zhigang e Sun Jiagu, que deveriam ser consultados em todas as questões. Decisões importantes teriam de ser antes referendadas por Beijing. Para que a Grã-Bretanha e a França não se sentissem postas de lado,

convidou-se um diplomata de cada país para servir como secretário na missão.

Os conservadores se agastaram.¹⁹ Em seu diário, o grão-preceptor Weng chamou desdenhosamente Burlingame de “chefete bárbaro estrangeiro” [*yi-qiu*]. A comunidade estrangeira ficou bem impressionada com a ideia — “singular e inesperada”, segundo o *North China Herald*. O jornal não podia acreditar que a “mente chinesa” fosse capaz de uma iniciativa tão inspirada e a atribuiu ao “cérebro de Mr. Hart”.²⁰ Na verdade, Hart só teve conhecimento da decisão depois de tomada, e embora a apoiasse, seus comentários a posteriori foram mornos e céticos, senão críticos.²¹ Talvez ele, visto como “Mr. China”, estivesse um pouco enciumado.

A missão Burlingame viajou pelos Estados Unidos e pela Europa, atraindo muita atenção em toda parte. Foi recebida pelos chefes de todos os Estados que visitou, entre os quais o presidente Andrew Johnson, nos Estados Unidos; a rainha Vitória, na Grã-Bretanha; Napoleão III, imperador da França; Bismarck, na Prússia, e o czar Nicolau I da Rússia. A rainha Vitória escreveu em seu diário em 20 de novembro de 1868: “receber o embaixador chinês, o primeiro que já esteve aqui, mas ele é um americano em trajes europeus, um certo Mr. Burlingham [sic]. Seus colegas, no entanto, são dois chineses verdadeiros, e os dois secretários são um inglês e um francês”.²²

Cixi não poderia ter escolhido um porta-voz melhor que Anson Burlingame. Nascido em New Berlin, no estado de Nova York, em 1820, Burlingame fora nomeado pelo presidente Abraham Lincoln, em 1861, como seu primeiro-ministro na China. Homem de espírito aberto e maneiras corteses, ele acreditava na igualdade das nações e nunca desdenhou os chineses. Seria um representante entusiástico da China junto aos ocidentais.

Já então era conhecido por seus dotes de orador. Depois de se formar em direito pela Universidade Harvard, fora eleito para o Legislativo de Massachusetts como senador, e depois para o Congresso, em Washington

DC. Nessa casa, em 1856, fez uma enérgica catilinária contra um ardoroso defensor da escravidão, o parlamentar Preston Brooks, que havia pouco espancava barbaramente o senador abolicionista Charles Sumner com uma bengala. Burlingame foi desafiado por Brooks para um duelo e aceitou, escolhendo o fuzil como arma e Navy Island, acima de Niagara Falls, como local. O duelo só não ocorreu porque Brooks rejeitou as condições.

Em Beijing, Burlingame contribuiu para fazer com que os países ocidentais adotassem a chamada “política de cooperação” e substituíssem a doutrina da força pela diplomacia. Durante a viagem, seus discursos eloquentes em favor da China podem ser captados pela alocução “aos cidadãos de Nova York”, pronunciada em 23 de junho de 1868.²³ Assim ele caracterizou sua missão: a China “agora busca, ela própria, o Ocidente [...] e lhes traz aqui, esta noite, seu representante [...] ela deu um passo avante para encontrar os senhores”. Aplaudido com entusiasmo, ele narrou à plateia o que o governo de Cixi realizara e o quanto esses feitos eram notáveis:

Assevero que não existe no mundo lugar algum onde se tenha feito maior progresso nos últimos anos que no império da China. [Palmas.] O país expandiu seu comércio, reformou o sistema fiscal, transformou a organização militar e naval, construiu ou criou uma excelente instituição de ensino, onde se estudam línguas estrangeiras e ciência moderna. [Palmas.] E logrou tudo isso sob as mais adversas circunstâncias. Realizou esses avanços depois de uma guerra difícil, que durou treze anos, uma guerra da qual saiu sem nenhuma dívida nacional. [Salvas de palmas prolongadas e risos.] Pensem, os senhores, como é grande a população do país. Pensem como é difícil fazer mudanças radicais num país como aquele. A utilização dos navios a vapor dos senhores tirou o emprego de 100 mil trabalhadores. A contratação de várias centenas de estrangeiros para o serviço público exasperou, naturalmente, os velhos funcionários nativos. A criação de uma faculdade enfrentou a hostilidade inflamada de um grupo liderado por um dos mais famosos homens do império. Todavia, arrostando tudo isso, a despeito de tudo isso, o atual governo esclarecido da China tem avançado sem cessar na senda do progresso. [Palmas.]

O comércio, informou Burlingame a sua plateia, “cresceu, no tempo em que passei na China, de 82 milhões de dólares para 300 milhões” — mais de 4,5 bilhões em valores atuais. Esses progressos eram muito impressionantes, frisou Burlingame para os políticos e o público, porque envolviam “um terço da raça humana”. Desafiando aqueles que defendiam “coagir a China” a uma rápida industrialização, ele observou que a ideia tinha “surgido dos próprios interesses da China e do próprio desejo do país”. Por fim, condenou aqueles que “lhes dizem que a atual dinastia deve cair e que toda a estrutura da civilização chinesa deve ser derrubada”.

Burlingame fez mais do que apresentar argumentos em favor da China. Em nome do país, assinou em 1868 um “tratado de igualdade” com os Estados Unidos, diferente de qualquer um dos demais tratados “desiguais” firmados entre a China e países ocidentais depois da Guerra do Ópio. Esse tratado protegia, em especial, os chineses que imigravam para os Estados Unidos, dando-lhes a condição “desfrutada pelos cidadãos ou súditos da nação mais favorecida”, e procurava ativamente interromper o tráfico de trabalhadores escravizados da China para a América do Sul, que ocorria na época.** Num longo artigo, Mark Twain, amigo e admirador de Burlingame, falou da diferença que o tratado traria para os chineses que residiam nos Estados Unidos:

É com infinito contentamento que chamo a atenção para esse artigo e que penso no brado de alegria que sairá dos pulmões de cozinheiros, de operários de construção de estradas de ferro e dos calceteiros da Califórnia quando o lerem. Ninguém mais poderá espancar os chineses ou soltar os cachorros em cima deles.²⁴

Antes do tratado, os chineses não gozavam de nenhuma proteção legal, como observou Mark Twain:

Já vi chineses serem vítimas de violências e maus-tratos de todas as formas perversas e covardes possíveis a uma natureza degradada, mas nunca vi um policial interferir na questão, nem nunca vi um chinês ser reparado num tribunal de justiça por agravos assim cometidos a sua pessoa.

Agora os chineses se tornavam eleitores, e os políticos não poderiam mais ignorá-los. E Mark Twain escreveu, com evidente prazer: “Isto porque, com uma penada, todas as leis paralisantes, intolerantes e inconstitucionais outorgadas pela Califórnia contra os chineses se tornam letra morta, e são ‘descobertos’ (no jargão do teatro) 20 mil eleitores e eleitos, em potencial, de Hong Kong e Suchow!”. O Tratado Burlingame foi ratificado por Beijing no ano seguinte.

O assistente de Burlingame, Zhigang, o admirava por ser “aberto, compreensivo e leal” e por trabalhar “com tanta dedicação” em favor do país que agora representava. Quando as coisas não iam tão bem como ele desejava, Burlingame mergulhava em “tristeza e frustração inconsoláveis”. Na Rússia, país com o qual a China tinha uma fronteira de milhares de quilômetros sempre ameaçada por sérios problemas, a sensação de responsabilidade pareceu se tornar bem mais pesada para ele. A exaustão física e mental, pois ele vinha cumprindo sua missão havia mais de dois anos, se fez sentir, e Burlingame adoeceu um dia depois da audiência com o czar, em pleno inverno russo. Ele morreu em São Petersburgo no começo de 1870. Cixi vinha recebendo informações a respeito de sua turnê e o homenageou e recompensou, tomada de sincero pesar, antes de determinar a Zhigang que assumisse o cargo, ressaltando que o prosseguimento da missão era “de máxima importância”.²⁵

Antes de deixar Beijing, no começo de 1868, Zhigang fora convocado a uma audiência com a imperatriz-viúva, que se postou atrás do biombo de seda amarela, enquanto o imperador Tongzhi, então com onze anos, sentou-

se num trono diante do biombo. Zhigang se pôs de joelhos assim que transpôs o umbral do salão e, tirando o chapéu de mandarim e pondo-o do lado esquerdo do corpo, com a pluma apontada para o trono, como determinava a etiqueta, pronunciou as saudações prescritas ao imperador, em manchu (ele próprio era manchu), antes de levar a cabeça ao chão. A seguir, endireitou-se, repôs o chapéu na cabeça, levantou-se e caminhou para a frente e para a direita, detendo-se diante da almofada mais próxima ao trono, onde se ajoelhou de novo e ficou à espera das perguntas de Cixi. A imperatriz-viúva interrogou-o sobre sua rota de viagem, e Zhigang listou os países que visitaria. Era evidente que ela tinha uma boa noção de geografia e que estava bem informada sobre os costumes ocidentais. Recomendou a Zhigang que se certificasse de que os membros de sua comitiva mostrassem boas maneiras e que “não permitisse que façam papel de tolos e provoquem o riso dos estrangeiros”. Revelando pleno conhecimento do ostracismo que os diplomatas chineses sofriam em sua pátria, ela disse a Zhigang, com a intenção de animá-lo: “Quem atua na área de relações exteriores tem de estar preparado para suportar todos aqueles comentários depreciativos que as pessoas fazem”. A isso, o jovem respondeu: “Até o príncipe Gong se vê sujeito a tais coisas e não se intimida. Nós, pessoas de baixo nível, só podemos fazer o máximo possível em nossas funções”.²⁶

Zhigang era um funcionário diligente, e seu diário de viagem é bem diferente do de Binchun, o diplomata pioneiro. Em lugar de transbordar de entusiasmo efusivo pelo Ocidente, ele manifestava certas reservas. Algumas coisas não dariam certo na China, acreditava. As autópsias, por exemplo, o horrorizaram, embora ele admitisse que tinham uma função importante. Achava que os descendentes do morto não consentiriam, de modo algum, que o corpo de um ancestral fosse cortado. Entre as coisas que ele não aprovava estavam atividades prazenteiras que homens e mulheres faziam juntos, como dançar, divertir-se na praia, nadar no mar, patinar no gelo e frequentar teatros. Segundo ele, os chineses valorizavam o bom senso; os

européus, a sensualidade. Zhigang não apreciava o cristianismo, considerando-o uma boa doutrina, mas hipócrita:

Os ocidentais pregam o “amor a Deus” e o “amor ao próximo” e parecem acreditar de fato em tais coisas. No entanto, fazem guerras com canhoneiras e peças de artilharia para conquistar povos à força, assim como impõem o ópio, um veneno pior que a peste, aos chineses — tudo pelo lucro. Ao que parece, o amor a Deus é menos real que o amor ao lucro.

Entretanto, Zhigang também registrou que em Londres, no museu de Madame Tussaud, se surpreendera ao ver uma majestosa estátua de cera, em tamanho natural, do comissário Lin, o inimigo do ópio, que ao destruir os carregamentos da droga em Cantão dera ensejo à Grã-Bretanha para lançar a Guerra do Ópio. Lin era mostrado de pé, junto com sua consorte favorita, em trajes esplêndidos. Madame Tussaud havia encomendado as estátuas a um escultor de Cantão e as importara a um custo astronômico.²⁷ Ou seja, nada mais longe da verdade que todos os cristãos britânicos estivessem sob o domínio do “amor ao lucro” ou que apoiassem o comércio de ópio. Outras impressões positivas iam desde a cortesia dos reis e rainhas que receberam a missão até a simpatia e a solicitude de pessoas que passeavam nos parques. Ao visitar o túmulo de George Washington, Zhigang admirou sua simplicidade e prestou homenagem a esse “homem grandioso”. Depois de acompanhar um escândalo eleitoral na França, ele ponderou que as eleições criavam oportunidades para arrivistas sem princípios morais. Contudo, Zhigang deixou claro que, de modo geral, admirava o sistema político ocidental. Depois de descrever o funcionamento do Congresso americano, comentou que, “com esse sistema, os desejos do povo podem se manifestar no mais elevado nível, de modo que a sociedade é administrada com justiça”. Dentre as nações que visitou, os Estados Unidos lhe pareceram a mais sincera no desejo de manter boas relações com a China, principalmente porque sua enorme extensão e abundância de recursos faziam com que o

país não tivesse razão alguma para cobiçar o que quer que fosse da China. Ele desaprovou a França por impor uma tributação pesada sobre o povo, a fim de manter um grande exército para guerras ultramarinas. O jovem diplomata era a favor da industrialização. Escrevendo com certa minúcia sobre invenções científicas e empresas modernas, demonstrou especial entusiasmo pelo telégrafo, vendo-o como algo que não perturbava a natureza como outros projetos (as máquinas envolvidas por pouco não eram invisíveis) e quase podia se integrar à natureza. De modo geral, o mandarim concluiu que “se formos capazes de fazer o que eles estão fazendo, não resta dúvida de que também seremos ricos e fortes!”.

Zhigang e seus companheiros chineses regressaram à China no fim de 1870, tendo viajado a onze países em quase três anos. Seus diários e relatórios foram entregues a Cixi.²⁸ Entretanto, nenhuma ação decorreu do enorme volume de informações coletadas ou da boa vontade criada. A única medida que se tomou consistiu no envio de grupos de adolescentes para estudar nos Estados Unidos. Contudo, esse projeto, que objetivava produzir futuros pilares da sociedade que conhecessem de fato o Ocidente e as práticas ocidentais, já estava em tramitação havia algum tempo. O conde Li, que fora um dos propugnadores do programa, ansiava pela fixação de um amplo plano de trabalho. Ele era então vice-rei de Zhili, tendo instalado seu gabinete em Tianjin, perto da capital. Em 1872, pediu permissão para ir a Beijing a fim de falar com a imperatriz-viúva. No entanto, Cixi lhe disse que não fosse.²⁹ Ela se achava numa situação muito vulnerável desde fins de 1869, quando ocorreram alguns assassinatos, obrigando-a a lutar para sobreviver e impossibilitando-lhe tomar iniciativas de vulto. Além disso, o filho estava prestes a assumir o trono, e seu confinamento no harém era iminente. “A situação mudou de modo inesperado”, lamentou Zhigang. “Ai de mim! nada posso fazer senão cruzar as mãos e esperar que tudo dê certo.”³⁰

* As palavras de Hsü sobre Washington estão gravadas no Monumento a Washington, na capital americana.

** Artigo 5º: “Os Estados Unidos da América e o imperador da China reconhecem cordialmente o direito inerente e inalienável do homem a mudar de pátria e de fidelidade, e também a vantagem mútua da livre migração e emigração de seus cidadãos e súditos, respectivamente, de um dos países para o outro, por propósitos de curiosidade, de comércio ou como residentes permanentes. Por conseguinte, as altas partes contratantes condenam qualquer outra emigração, para esses fins, que não seja inteiramente voluntária. Consequentemente, concordam em aprovar leis que tornem um ilícito penal que um cidadão dos Estados Unidos ou súditos chineses transportem súditos chineses para os Estados Unidos ou qualquer outro país estrangeiro, ou que um súdito chinês ou um cidadão dos Estados Unidos transporte cidadãos dos Estados Unidos para a China ou para qualquer país estrangeiro sem seu livre e voluntário consentimento, respectivamente”.

7. Amor desventurado (1869)

Nos primeiros anos em que governou o Império Chinês, Cixi, agora uma viúva no fim dos vinte anos e começo dos trinta, vivendo no harém e cercada de eunucos, apegou-se bastante a um deles, An Dehai, conhecido como An Pequeno. Melhor dizendo, ela se apaixonou por ele. Oito anos mais jovem do que ela, An Pequeno provinha de Wanping, lugar próximo a Beijing, que tradicionalmente fornecia eunucos para a corte. Sua história pouco diferia da dos demais eunucos. A pobreza fazia seus pais castrá-los na infância, esperando que levassem uma vida melhor na corte. Em geral, o pai levava o menino a um especialista, que operava com autorização da corte. Depois da assinatura de um contrato, que eximia o castrador de toda a responsabilidade em caso de morte ou insucesso (dois resultados bastante comuns), fazia-se a operação inimaginavelmente dolorosa. Os honorários do castrador eram altíssimos e tinham de ser pagos com os ganhos futuros do castrado. Se a posição do rapaz permanecia baixa, ele podia levar anos para quitar a dívida. Para economizar, às vezes os próprios pais castravam os filhos.

A maioria dos outros homens via os eunucos com repulsa visceral. O imperador Kangxi, que reinou por 61 anos, chamou-os “seres ínfimos e abjetos, mais vermes e formigas do que homens”. Qianlong, o Magnífico, disse que “ninguém é menor ou mais baixo do que esses camponeses

estúpidos” e que “na verdade, a corte é absurdamente generosa por permitir que eles trabalhem aqui”. Eles viviam praticamente como prisioneiros nos palácios, dos quais só de raro em raro podiam sair.¹ As punições a que estavam sujeitos não tinham de seguir os procedimentos legais da dinastia Qing: para que um eunuco fosse espancado até a morte bastava o capricho do imperador. Em geral as pessoas escarneciam deles devido ao problema mais comum que sofriam: a incontinência urinária, resultado da castração, que os obrigava a usar fraldas continuamente e piorava à medida que envelheciam. Os eunucos eram desprezados por todos por terem perdido a masculinidade. Poucos homens se apiedavam deles ou lembravam que tinham sido levados àquela condição lamentável pela miséria absoluta. Piedade e afeição em geral só cabiam às mulheres da corte que viviam em sua companhia.

Belo e sensível, An Pequeno serviu a Cixi durante anos e se tornou indispensável a ela. Percebia-se que era seu favorito. Todavia, os sentimentos de Cixi em relação a ele iam muito além do apreço por um servo dedicado. Ela perdeu a cabeça pelo eunuco. No verão de 1869, os cortesãos notaram que Cixi já não trabalhava com a mesma energia de antes e que havia nela certa languidez, um jeito de ser que apontava para a “disposição de procurar prazeres”.² Estava claramente apaixonada, e o amor a levou a tomar uma atitude que, além de bastante ousada, violava precedentes dinásticos profundamente arraigados.

Naquele ano, o imperador Tongzhi, seu filho, tinha treze anos. Seguindo a tradição, Cixi começou a preparar o casamento dele, o que assinalaria sua maioridade. A seleção nacional de suas consortes foi providenciada na primavera. Os vestidos de casamento seriam feitos pelos costureiros reais de Suzhou, o renomado centro de sericicultura perto de Shanghai. A esse lugar, tão famoso por seus belos canais quanto por suas sedas, Cixi enviou An Pequeno, a fim de “supervisionar o trabalho”. Isso era desnecessário, dado que havia uma repartição encarregada dessa tarefa. Ademais, não tinha precedentes. Nenhum imperador Qing algum dia incumbira um eunuco de

executar qualquer missão fora da capital. No entanto, Cixi só conseguia pensar em como An Pequeno ficaria feliz. Ele poderia sair da Cidade Proibida, deixar Beijing e descer o Grande Canal, que ligava o norte e o sul da China. Poderia até comemorar seu aniversário, iminente, no barco. Cixi teria adorado fazer a viagem ela própria. Tinha intensa aversão pela Cidade Proibida e a considerava um lugar “deprimente”, onde só havia pátios e ruelas murados.³ Vindos do outro lado do oceano, os ventos inebriantes que batiam nas portas da Cidade Proibida também haviam despertado nela aspirações até então inconcebíveis.

Em agosto, An Pequeno partiu com um grupo que incluía membros de sua família e outros eunucos. Ao receber a notícia, o grão-preceptor Weng fez um relato alarmado do caso em seu diário, dizendo se tratar de “um fato muito esquisito”. Outros aristocratas também se mostraram chocados e depois escandalizados, quando se soube que An Pequeno, com uma comitiva considerável, vinha se divertindo à larga e atraindo muita atenção. Até então o público nunca vira um eunuco e agora estava alvoroçado com o espetáculo. Quando sua barcaça apareceu no Grande Canal, multidões acorreram para vê-lo. Os aristocratas ficaram furiosos. Quando An Pequeno chegou a Shandong, o governador da província, Ding Baozhen, que cumpria à risca as normas e práticas consagradas, prendeu An Pequeno e os demais integrantes do grupo. Na corte, ao tomar conhecimento do relatório de Ding, o grão-preceptor Weng exclamou: “Que satisfação! Que satisfação!”⁴

Os nobres na corte foram unânimes em afirmar que An Pequeno devia ser executado, alegando que ele transgredira regras fundamentais. Na verdade, o jovem não quebrara regra alguma. A dinastia estipulava que os eunucos estavam “proibidos de pôr os pés fora da Cidade Real sem autorização”. Mas ele tinha autorização, dada por Cixi. O que ambos tinham feito fora quebrar uma tradição que aprisionava os eunucos nos palácios. E isso era imperdoável para os nobres. Quem mais insistia na execução era o príncipe Chun, cunhado de Cixi e amigo do grão-preceptor Weng, cujas opiniões ele endossava.⁵ Os dois desaprovavam muitas coisas que Cixi estava

fazendo, e aquilo fora a gota d'água. Até o príncipe Gong e seus colegas, em geral pessoas de espírito aberto, faziam coro ao pedido de execução. Por ser parte interessada, Cixi não podia exercer papel algum na decisão. Sua amiga, a imperatriz Zhen, procurou interceder junto aos nobres. “Não será possível poupar-lhe a vida por ter servido à imperatriz-viúva, com dedicação, durante tantos anos?”⁶ Os nobres responderam com um silêncio pétreo, que correspondia a um sonoro não. Isso definiu a questão. Um decreto foi redigido ali mesmo, ordenando a execução imediata de An Pequeno.

Para Cixi, foi como se o mundo desabasse. Conseguiu protelar o cumprimento do decreto por dois dias, durante os quais implorou à imperatriz Zhen que voltasse a pedir pela vida de An Pequeno. No entanto, todos os esforços foram vãos. O príncipe Chun a procurou e pressionou as mulheres a liberar o decreto naquele mesmo instante, provavelmente aproveitando a ocasião para advertir Cixi que melhor para ela seria se distanciar de An Pequeno, em vez de fazer o contrário. A imperatriz Zhen foi obrigada a permitir que o decreto fosse cumprido.

O governador Ding recebeu instruções para executar a sentença capital de imediato e não esperar novas confirmações da corte. O príncipe Chun e outros nobres estavam ansiosos para que Cixi não tivesse mais tempo de procurar um meio de sustar a execução. An Pequeno “não deve ter permissão para se defender com explicações astutas” e “não deveria sequer ser interrogado”.⁷ Aparentemente, os nobres suspeitavam que ele vinha tendo um caso com Cixi e queriam acobertar um escândalo.

An Pequeno foi decapitado, e a mesma sorte coube a outros seis eunucos e sete guarda-costas contratados. Constou que o governador Ding fez com que seu cadáver ficasse exposto no local da execução durante dias, de modo que o público pudesse ver que ele não tinha órgãos genitais masculinos.⁸ O falatório de que ele era amante de Cixi tinha corrido pela China. Na Cidade Proibida, Cixi ordenou que todos os pertences de An Pequeno fossem entregues a ela, e assim que os recebeu, ela os deu a um de seus próprios irmãos, de modo que ficassem em mãos de uma pessoa em quem confiava.⁹

Um amigo íntimo de An Pequeno — também eunuco na Cidade Proibida — se queixou a outros de que fora Cixi quem “mandara Dehai para a morte”, primeiro enviando-o para fora de Beijing e, depois, deixando de assumir a responsabilidade. Esse comentário tocou num ponto sensível e, num acesso de fúria, Cixi ordenou que o eunuco fosse executado por estrangulamento.¹⁰ Um secretário-chefe do Grão-Conselho, Zhu, escreveu a um amigo dizendo que a viúva estava “despejando sua fúria nos servos que a cercavam”. Estava “porejando um amargo remorso, transbordando de remorso”.¹¹ E referindo-se claramente à cólera dela contra o príncipe Chun, o secretário-chefe escreveu que estava “manifestando uma profunda hostilidade contra alguns príncipes e nobres próximos” e “recusando-se a ser consolada”.

O príncipe Chun e os outros nobres tinham não só executado o amante de Cixi, como também expedido uma advertência com relação a algumas das espantosas mudanças que ela vinha fazendo. Além de conceder posição social a eunucos, ela parecia estar permitindo que mulheres fossem vistas em público, numa época em que a convenção ditava que se mantivessem dentro de casa.¹² (Os diplomatas britânicos eram, em geral, tratados com bonomia, porém agredidos a pedradas quando se faziam acompanhar de senhoras.) An Pequeno tinha levado a irmã, uma sobrinha e algumas musicistas na viagem, e agora todas haviam sido exiladas para os ermos do norte, como escravas dos guardas de fronteira. Os nobres não perseguiram a própria Cixi. Não tinham nenhum desejo de se livrar dela. Suas realizações tinham sido monumentais e eram apreciadas. O governador Ding declarou a seus subordinados que o governo dela trouxera para a China “um surto de progresso que ultrapassara até dinastias [gloriosas] como a Tang e a Song”.¹³ Estavam apenas a avisando que não fosse longe demais. De qualquer forma, sua aposentadoria estava à vista. Seu filho assumiria o poder depois do casamento.

Cumpridas todas as execuções, enquanto o príncipe Chun e outros expressavam “profunda satisfação”, Cixi desmoronou e ficou de cama por

mais de um mês.¹⁴ Sem conseguir dormir, com zumbidos nos ouvidos e o rosto muito inchado, ela vomitava constantemente, com frequência expelindo bile. Médicos da corte diagnosticaram o equivalente chinês de um colapso nervoso — “o *qi* do fígado projetando-se para o alto, na direção oposta ao canal normal [para baixo]” — e mantinham vigília à sua porta. Entre os medicamentos prescritos estava sangue de gazela mongol, que, segundo se acreditava, reduzia as inchações. Perto do fim do ano, os vômitos continuavam, embora ela voltasse a trabalhar. Esse nível de reação física era raríssimo em Cixi: afinal, ela não era nenhuma florzinha frágil. Havia maquinado e dado um golpe com toda a serenidade, sem nenhum sinal de tensão física ou emocional, apesar de se arriscar à morte por mil cortes. Agora, ao que parecia, seu coração lhe tinha sido arrancado. Só o amor era capaz de causar tamanha devastação.

O filho rezava por ela e a visitava com frequência. Mas a criança não tinha como consolar a mãe. Ela estava inconsolável. Só a música a acalmava. Durante quase uma década ela não fora capaz de apreciá-la tanto quanto gostaria. Primeiro, depois da morte do marido, atendendo às normas da corte, todas as distrações tinham sido proscritas por dois anos inteiros. Findo esse período, a pressão geral obrigara Cixi a prorrogar a proscrição por mais dois anos, até o corpo do marido ser levado para o mausoléu. Mesmo assim, as óperas só passaram a ser montadas na Cidade Proibida em certas ocasiões festivas. Agora, porém, como que desafiando as normas, Cixi fazia com que óperas fossem encenadas todos os dias, e ouvia-se música em seus aposentos quase continuamente.¹⁵ Recolhida a seu leito de enferma, com a música a afogar suas tribulações, um só pensamento se revolvía em seu espírito: como punir o homem que mais insistira na execução de An Pequeno e que liderara a matilha feroz — seu cunhado, o príncipe Chun.

A execução de An Pequeno e de seus companheiros bastou para impedir que Cixi voltasse a ter um amante. O custo disso era alto demais. A modernização da China também foi prejudicada e praticamente parou nos

anos seguintes, enquanto ela escolhia com cuidado seu caminho num campo minado.

8. Uma vingança contra o Ocidente (1869-71)

O príncipe Chun fora o primeiro e o mais convicto aliado de Cixi quando ela dera o golpe, quase dez anos antes. Seu motivo para isso fora alijar um grupo de paspalhões incompetentes que ele culpava pela derrota do império e pela morte do irmão. Ao contrário de Cixi, ele não tinha intenção alguma de mudar as políticas do país, mas queria que a China se tornasse mais forte, de modo a poder, um dia, se vingar das potências ocidentais. Ele tinha apoiado Cixi no golpe e cooperado com ela ao longo dos anos por supor que era isso que a imperatriz-viúva também desejava.

No entanto, perto do fim da década de 1860, o príncipe Chun começou a perceber que a vingança não estava nos planos de Cixi e que, na verdade, ela apreciava a cultura e as práticas ocidentais. Depois que as rebeliões internas foram reprimidas, muitos chineses passaram a pedir a expulsão dos estrangeiros, mas ela não deu ouvidos a esses clamores. No começo de 1869, o príncipe Chun decidiu que estava na hora de agir e enviou a Cixi um memorando.¹ Lembrando o incêndio do Antigo Palácio de Verão e a morte de seu marido no exílio, disse-lhe que o falecido imperador “morrera com um desgosto doloroso no coração”, um desgosto que ainda atormentava o príncipe, levando-o a sentir que não podia “viver sob o mesmo céu que o inimigo”. Pondo de lado o fato irrefutável de que o comércio com o

Ocidente enriquecera o país, ele exigiu que ela expulsasse todos os ocidentais e fechasse as portas da China. Seis coisas tinham de ser feitas, afirmou. Uma era boicotar as mercadorias estrangeiras, de modo que os ocidentais não tivessem nenhum incentivo a vir para o país, e ele pedia à corte que desse o exemplo, destruindo publicamente todos os produtos ocidentais existentes nos palácios. O Ministério das Relações Exteriores deveria compilar uma lista de todos os estrangeiros residentes em Beijing, de forma que quando chegasse o momento de romper relações, eles pudessem ser “exterminados”, se preciso fosse, trabalho para o qual ele desde já se apresentava como voluntário. O príncipe desejava que Cixi

emitisse um decreto, a ser enviado a todos os chefes das províncias, dizendo-lhes que estimulassem a classe alta e o povo [...] a queimar as igrejas estrangeiras, saquear os bens dos estrangeiros, matar os comerciantes estrangeiros e pôr a pique os navios estrangeiros,

frisando que essas ações deveriam ocorrer simultaneamente e “em todas as províncias”. Encerrando o longo memorando, o príncipe Chun disse a Cixi, sem meias palavras, que ela “devia cumprir a última vontade” de seu finado marido e que para isso “não devia deixar passar um só dia sem pensar em vingança, não se esquecer disso nem um minuto”.

Cixi não queria atrelar o Império ao carro da retaliação. “Mesmo que não esqueçamos os agravos um só dia [...] eles não são reparados matando pessoas ou queimando casas”, ponderou.² Ela enviou o memorando do príncipe Chun aos nobres, para que o debatessem. Todos se sentiram surpresos com a violência de sua proposta e recomendaram a Cixi que a mantivesse “no topo da lista dos segredos absolutos”, não deixando-o vaziar. Ao príncipe Chun, dirigiram ruídos conciliatórios, louvando seus sentimentos e aceitando medidas como a não utilização de artigos europeus na Cidade Proibida (com exceção de bens úteis, como relógios e armas). No entanto, deixaram claro que se opunham ao espírito agressivo da proposta

alegando que aquilo poderia levar à guerra com o Ocidente, um conflito que a China não poderia ganhar.³ De má vontade, Chun aceitou o veredito dos nobres. Mas não estava de modo algum convencido.

Foi pouco depois desse episódio que o príncipe Chun insistiu na execução de An Pequeno. Cixi teve plena consciência de que ele a estava atingindo tanto política quanto pessoalmente. Mas enquanto ela esperava a oportunidade de revidar, o príncipe Chun urdia seu próximo lance.

*

Na época, o encontro da cultura ocidental com a chinesa resultara em muitos conflitos. Se os ocidentais qualificavam a China de “semicivilizada”, os chineses tachavam os ocidentais de “demônios estrangeiros”. Contudo, o foco da animosidade eram as missões cristãs, criadas em muitas áreas do país na década anterior. De vez em quando ocorriam rebeliões contra elas, dando ensejo ao surgimento de uma expressão específica na língua chinesa: *jiao-an*, “problemas ligados às missões cristãs”.

Essas rebeliões não provinham de preconceitos religiosos. Como observou Freeman-Mitford, o *attaché* britânico em Beijing, os chineses não nutriam intensas aversões religiosas:

Fosse de outra forma, como explicar que uma colônia de judeus tenha existido entre eles, sem ser molestada, durante 2 mil anos, e continue a existir [...] em Kai Feng, na província de Ho Nan? Como é possível que os maometanos tenham florescido tanto em algumas províncias [...]? Nas paredes do Palácio Imperial, em Pequim [Beijing], há um estandarte belamente decorado com textos em árabe extraídos do Corão, em homenagem a uma senhora maometana que era esposa, ou favorita, de um dos imperadores. Isso não lembra perseguição por questões religiosas. E, mais que essas [...] o budismo tem sido a religião popular.⁴

O cristianismo era visto como uma doutrina que “persuade as pessoas a serem amáveis”: *quan-ren-wei-shan*. Nem mesmo os desordeiros que promoviam revoltas contra as missões eram hostis à religião cristã. A fúria deles se dirigia contra as missões. Ser estrangeiro era sempre motivo de suspeita, mas o grande problema era que as missões tinham passado a competir pelo poder nas regiões rurais. Ali, tradicionalmente, os funcionários locais exerciam autoridade absoluta sobre todas as disputas e dispensavam justiça — ou injustiça — como melhor lhes parecia. Uma viajante inglesa, Isabella Bird, certa vez sentou-se diante da porta do gabinete de um chefe de condado, o *yamen*, e observou seu funcionamento:

Passei uma hora na entrada do *yamen* de Ying-san Hsien, e durante esse tempo 407 pessoas entraram e saíram — homens de todo tipo, muitos em liteiras, mas a maioria a pé, e quase todos bem vestidos. Todos levavam papéis, e alguns, volumosos dossiês. Lá dentro, secretários, meirinhos e escreventes cruzavam o pátio rápida e incessantemente, enquanto *chai-jen*, ou mensageiros com documentos, eram despachados a cada instante. Muitos negócios, de toda sorte, eram sem dúvida resolvidos ali.⁵

A chegada de missionários, respaldados por forças navais, introduziu na sociedade uma nova forma de autoridade. Nos numerosos litígios, que iam desde reivindicações conflitantes de propriedade de fontes de água ou terrenos até rixas antigas entre clãs, aqueles que não obtinham ou não podiam obter justiça junto aos funcionários locais muitas vezes buscavam a proteção da Igreja, convertendo-se ao cristianismo. Em tal situação, um cristão chinês podia recorrer ao clérigo, como expôs Freeman-Mitford,

jurando que a acusação que lhe é imputada não passa de mero pretexto, e que o fato de ele professar a fé cristã, na qual se acha protegido por um tratado, constitui o verdadeiro ilícito. Tomado de justa indignação e de confiança na verdade de seu prosélito, que, na qualidade de cristão, tem necessariamente de estar dizendo a verdade diante de seu acusador pagão, o clérigo cristão corre ao gabinete do magistrado para lutar pelos

direitos de seu protegido. O magistrado considera o homem culpado e o pune; o clérigo se afinca em sua defesa; segue-se uma correspondência diplomática, e de ambos os lados se derramam os frascos da ira. Como podem o clérigo que interfere e o mandarim que sofre interferência amarem um ao outro?⁶

Por conseguinte, algumas autoridades no interior do país estimulavam hostilidades contra cristãos. Mal-entendidos genuínos também alimentavam o ressentimento. Um exemplo importante desse tipo de mal-entendido dizia respeito a orfanatos mantidos pelas missões. Na tradição chinesa, só bebês recém-nascidos abandonados eram recebidos por instituições beneficentes, registradas junto ao governo local. Os órfãos e os enjeitados eram de responsabilidade dos parentes, e a forma como tratariam as crianças competia unicamente a eles. Era incompreensível para os chineses que estranhos pudessem acolher meninos e meninas sem o consentimento das famílias e parentes, que não tinham permissão sequer de visitá-los, quanto mais levá-los consigo para casa. Essa prática despertava as mais sinistras suspeitas. Abundavam boatos de que os missionários sequestravam crianças e usavam seus olhos e corações como ingredientes médicos ou em fotografia — um fenômeno misterioso na época. Isabella Bird escreveu:

Corriam histórias a respeito de canibalismo de crianças, e tenho certeza de que as pessoas acreditam que ele seja praticado pelos missionários [...]. Observei que quando nós, estrangeiros, entrávamos numa das ruas mais pobres, muitas pessoas pegavam suas crianças e corriam com elas para casa. Havia também crianças com uma cruz vermelha contra um fundo verde costurada nas costas da roupa; essa precaução se baseava na convicção de que os estrangeiros tinham demasiado respeito pela cruz para fazerem algum mal a crianças que usassem o símbolo.⁷

Em junho de 1870, irrompeu um distúrbio anticristão em Tianjin, aparentemente desencadeado por um desses boatos.⁸ Dizia-se que um orfanato dirigido pela Irmandade da Misericórdia, ligado à Igreja Católica

Romana francesa, estava sequestrando crianças e arrancando seus olhos e coração, que seriam usados em fotografia e medicina. Vários cristãos do lugar, acusados dos sequestros, foram surrados por multidões antes de serem levados ao gabinete do magistrado. Embora se concluísse que todos eram inocentes (um deles, na verdade, tinha ido buscar uma criança na escola paroquial e a levava para casa), milhares de homens continuaram a protestar nas ruas, e cristãos do lugar foram atacados a tijoladas. O cônsul francês em Tianjin, Henri Fontanier, acompanhado de guardas, foi ver o que acontecia e disparou um tiro que feriu um dos servos do magistrado. Encolerizada, a turba espancou o francês até a morte e, a seguir, matou entre trinta e quarenta católicos chineses, além de 21 outros estrangeiros. Em três horas de linchamentos, saques e incêndios, destruíram-se orfanatos, igrejas e escolas paroquiais. As vítimas eram mutiladas e desentranhadas, e freiras estrangeiras foram desnudadas antes de serem mortas.

A política de Cixi com relação a incidentes que envolviam cristãos sempre fora “tratá-los com justiça”.⁹ Ela não acreditava nos boatos de “canibalismo infantil” que surgiam de vez em quando e que, investigados, se mostravam invariavelmente falsos. Em termos claros, condenou os assassinatos e os incêndios e ordenou ao marquês Zeng, na época vice-rei de Zhili, cujo gabinete ficava em Tianjin, mas que na ocasião estava doente e afastado, que fosse à cidade e interviesse imediatamente, “prendendo e punindo os líderes dos tumultos, para que seja feita justiça”. Um decreto expressou solidariedade às vítimas cristãs, refutou os boatos e exigiu que todos os chefes provinciais protegessem os missionários. O príncipe Gong mandou mais soldados para vigiar as casas dos ocidentais.

O marquês Zeng logo apurou que o boato em Tianjin não tinha fundamento. Descobriu também que esse distúrbio parecia diferente da história habitual de autoridades locais prestando apoio a uma multidão anticristã — alguma coisa mais sinistra parecia estar por trás dos acontecimentos. As averiguações revelaram que o boato tinha sido lançado por certo comandante Chen Guorui, conhecido como “Chefão Chen”.

Baderneiros presos confessaram que tinham ouvido a história dos “olhos e corações” da boca do Chefão, que, segundo eles acreditavam, tinha os órgãos consigo. Chen chegara a Tianjin, de barco, vários dias antes do distúrbio, quando o boato começou a correr. Ferreiros começaram a vender armas, o que era proibido pelas leis da dinastia, e arruaceiros e valentões não paravam de entrar e sair da residência do Chefão, uma hospedaria-templo. No dia dos ataques, homens batendo gongos tinham reunido multidões na cidade, indo de rua em rua. Quando o comissário imperial, Chonghou, desmontou uma ponte, tentando impedir que a chusma chegasse ao bairro dos estrangeiros, o Chefão ordenou que ela fosse remontada, e, enquanto as turbas a atravessavam, ele lhes gritou de seu barco: “Bons rapazes, acabem com os estrangeiros, queimem suas casas!”. Durante o massacre, Chen, homem de péssimos antecedentes e dado a chicotear subalternos, estava, segundo suas próprias palavras, “entregando-se a prazeres com rapazinhos” no barco.

Pelo que se soube, o Chefão Chen era um protegido do príncipe Chun. Depois de divulgados os malfeitos de Chen, o príncipe escreveu várias vezes a Cixi, dizendo-lhe que “tenho uma extrema afeição por esse homem e tenciono usá-lo em nossa causa contra os bárbaros estrangeiros”. Chen deveria ser bem tratado, já que todos os homens idealistas do império estariam vigiando o que lhe aconteceria e veriam se o trono tinha mesmo algum desejo sério de “vingar o país”. A turbamulta deveria ser “estimulada”, e não punida, advertiu o príncipe. Ficou óbvio que Chen instigara os distúrbios e que o príncipe Chun lhe dava proteção.

Também ficou evidente para Cixi que o príncipe Chun desejara que ocorressem ataques como os de Tianjin em todo o país. Por ocasião do massacre e logo depois dele, a intranquilidade tomou conta do império, devido ao mesmo boato sobre olhos e corações de crianças extirpados pelos missionários. Em certos lugares foram afixados cartazes nas ruas, convocando a população para que, em determinado dia, massacrasse os estrangeiros e destruísse suas igrejas. Ainda que em menor escala,

aconteceram distúrbios em várias cidades. Tudo aquilo harmonizava exatamente com o memorando que o príncipe Chun enviara a Cixi um ano antes, e a conclusão inevitável era a de que ele tomara para si a tarefa de pôr seu plano em ação.

Inteirando-se do papel do príncipe Chun, sabendo como ele era poderoso e percebendo o quanto o povo apoiava suas ideias, Cixi passou a agir com cautela. Foi obrigada a rejeitar a exigência da detenção de Chen pelo ministro francês, que através dos cristãos tomara conhecimento de seu papel. Atender às exigências do francês provocaria uma fúria incontável contra seu governo e contra ela própria. Já havia movimentos no sentido de que ela aproveitasse a oportunidade dos distúrbios de Tianjin e proscresse as missões cristãs, demolisse as igrejas e expulsasse da China todos os estrangeiros. Os nobres se irritavam com qualquer punição aos arruaceiros, que eram apontados como heróis, admirados por pessoas como o grão-preceptor Weng. Cenas de assassinatos e incêndios eram pintadas em leques elegantes e descritas por letrados como obras de arte. O marquês Zeng atraiu sobre si muitos vitupérios por “tomar o partido dos demônios estrangeiros”, o que o fez sentir-se um proscrito. Diante do trono, em debates sobre as desordens, o príncipe Chun batia pé, e ninguém ousava propor que o Chefão Chen fosse punido. Arrogante, ele criticou o governo de Cixi por não ter feito nada em dez anos no sentido de buscar uma retaliação.¹⁰

O episódio de An Pequeno já enfraquecera drasticamente a posição de Cixi. Agora ela considerou que tinha de agradar ao príncipe Chun, simulando apoiar suas ideias. Disse-lhe, como aos demais nobres, que também ela considerava os bárbaros estrangeiros inimigos figadais, mas que enfrentava um problema: seu filho ainda não era maior, e tudo o que ela podia fazer era dar tempo ao tempo até ele chegar à maioridade. Talvez por sentir que deveria usar de todos os seus poderes para persuadir e despertar solidariedade, Cixi fez com que o biombo de seda amarela fosse removido e ficou face a face com os nobres, possivelmente pela primeira vez.¹¹ Agindo

de forma sedutora e humilde, pediu-lhes que dissessem a ela e à imperatriz Zhen o que fazer, pois “não temos nenhuma ideia”.

Nisso, em 25 de julho de 1870, morreu-lhe a mãe. Durante toda a doença da anciã, ela consultara não só médicos chineses, como também a médica americana, Mrs. Headland, que se tornara amiga fiel de muitas famílias aristocráticas. Cixi mandou pessoas à casa da mãe para que lhe prestassem os últimos respeitos em seu nome e orou por ela num santuário que montara em seu apartamento. Fez com que o ataúde da mãe fosse disposto num templo taoista por cem dias, tempo em que um clérigo realizou o serviço fúnebre diário. Mas ela própria não deixou a Cidade Proibida. Agora era muito mais difícil garantir segurança nas ruas de Beijing. Talvez algum instinto a advertisse. Por volta dessa época, o astrólogo da corte, que observava as estrelas e fazia interpretações no Observatório Imperial, montado pelos jesuítas, predisse que uma importante figura do império seria assassinada. Tratava-se de uma previsão extraordinária, uma vez que os homicídios praticamente inexistiam na história da dinastia Qing. Um mês depois, o vice-rei Ma Xinyi foi assassinado em Nanjing. Havia desmascarado alguns boateiros que espalhavam falsas acusações contra os missionários e os castigara. Com isso, evitara em Nanjing um massacre como o de Tianjin.¹²

Nesse ínterim, como as principais vítimas dos distúrbios de Tianjin fossem franceses, entre os quais o cônsul Henri Fontanier, belonaves francesas vieram e dispararam tiros de advertência na área dos Fortes Dagu. A guerra parecia inevitável. Cixi teve de movimentar tropas e fazer preparativos. O marquês Zeng, que andava doente, sucumbiu a uma série de crises nervosas e foi obrigado a se acamar. Escreveu numa carta a Cixi: “A China não pode, de maneira alguma, enfrentar uma guerra”. Ninguém na corte, nem mesmo aqueles que clamavam com mais veemência por vingança, tinha o que responder à demonstração de força dos franceses.

Nesse momento crítico, quem deu a Cixi o melhor apoio foi o conde Li, na época vice-rei de outra região. (A China se dividia em nove vice-reinos.)

Li partiu imediatamente com seu exército para defender a costa e deu conselhos práticos para resolver a crise diplomaticamente. Os assassinos condenados deviam ser executados, arrazoou, mas o número de execuções deveria ser mantido num mínimo, a fim de não indignar a população. Como as legações vinham pressionando pela punição dos desordeiros, o Ministério das Relações Exteriores lhes explicaria que “execuções excessivas só criariam mais inimigos empedernidos, o que não seria do interesse a longo prazo dos ocidentais”.¹³ Outro argumento que, segundo ele, Beijing deveria usar era que entendia que os ocidentais “prezam a intenção de tratar os chineses comuns com generosidade e que têm como sagrado o princípio de não executar pessoas senão por motivos seriíssimos”; o governo sabia que os missionários pregavam a bondade. “Todos esses sentimentos iam de encontro a execuções em grande escala.” Percebendo o quanto o conde compreendia o Ocidente, Cixi o fez vice-rei de Zhili, que, por ser a região em torno de Beijing, era o vice-reino mais importante. Como sua capital era Tianjin, um dos Portos do Tratado com considerável população de ocidentais, o conde poderia negociar diretamente com eles. Além disso, é claro, ele estaria perto de Beijing. O conde sucedeu ao marquês Zeng, que, depois de uma longa enfermidade, morreu em 1872.

Aconselhado pelo conde Li, o príncipe Gong definiu em debates uma solução conciliatória destinada a satisfazer os franceses, ao mesmo tempo em que não enfurecia ainda mais os chineses xenófobos. Vinte “criminosos” foram condenados à morte, e 25, banidos para as fronteiras. Muitos daqueles homens não tinham nomes próprios — um indicador da vida miserável que levavam. Eram conhecidos apenas como “Liu Segundo Filho”, “Deng Velho” *etc.* O homem que encabeçava a lista de execuções era identificado como “Feng Aleijado”. No dia da execução, autoridades e circunstantes os festejaram como heróis, e eles se deleitaram com esse único momento de glória. Duas autoridades locais envolvidas no distúrbio foram punidas, mas somente por incúria no cumprimento do dever (“não usaram de energia suficiente para reprimir a turba”) e foram condenadas a banimento para as

fronteiras setentrionais. O período de exílio foi breve, uma vez que “todo o império está atento à sorte deles”, advertiu o marquês Zeng. Quanto ao comandante Chen, foi considerado “totalmente inocente”. As expressões mais moderadas foram usadas nos documentos da corte referentes a Chen, para que ele não se exasperasse.

As vítimas receberam indenizações, como também as igrejas, para obras de recuperação. Chonghou, a autoridade que tentara desmontar a ponte para proteger os ocidentais, foi enviado à França com a missão de explicar que Beijing condenava o distúrbio e para expressar a intenção do governo de promover “conciliação e amizade”. Essa viagem foi (e ainda é) apresentada de forma falsa, como se Cixi houvesse obrigado Chonghou a se humilhar. O príncipe Chun protestou, indignado.

A França aceitou essa solução. Estava em guerra com a Prússia na Europa e não podia embarcar em outra no Oriente. O Império Chinês escapou de uma guerra por um triz.

O príncipe Chun não se arrependeu da crise que provocara e, insatisfeito com a solução, declarou que estava sofrendo de “mal do coração” e se recolheu ao leito. Dali escreveu a Cixi três longas cartas, criticando-a peremptoriamente por não ter encorajado os baderneiros de Tianjin e ter impedido pessoas de toda a China de lhes seguir o exemplo. Estava implícito que ela traía a memória de seu falecido marido.¹⁴ Em sua resposta, Cixi se limitou a trivialidades e evitou dar uma resposta cabal a seus argumentos. O príncipe Chun não a deixou se safar tão fácil. Sem delongas disparou uma quarta carta, reiterando suas acusações e afirmando que, graças a ela, “os estrangeiros atuam agora com mais desenvoltura ainda”. Chun havia percebido sua atitude evasiva: “O que o decreto diz nada tem a ver com a questão de que eu falava. Não há nele uma só palavra sobre os bárbaros estrangeiros. Isso é assustador e preocupante ao extremo”. Cixi se viu forçada a abordar o assunto, mas insistiu em que a expulsão dos ocidentais “não estava no programa de ação” e que a China deveria ainda visar à “coexistência pacífica com os países estrangeiros”. Graças ao apoio do

príncipe Gong e de autoridades importantes como o conde Li, ela pôde deixar de lado o príncipe Chun.

A hostilidade do príncipe não parava de crescer. No começo do ano seguinte, 1871, ele voltou a escrever a Cixi, batendo sempre na mesma tecla: Cixi não estava procurando se vingar do Ocidente. Pouco faltando para criticá-la nominalmente, fez do príncipe Gong e seus correligionários bodes expiatórios e os acusou de “bajular bárbaros estrangeiros”. Os dois meio-irmãos já não se falavam, enquanto Cixi tinha de agradar ao príncipe Chun.

Evidentemente, era bem possível que o príncipe viesse a instigar outro massacre como o de Tianjin, o que talvez arrastasse o império a uma guerra catastrófica. Contudo, Cixi era impotente para detê-lo. A hostilidade do príncipe contra os estrangeiros era tão bem-vista, quer por autoridades, quer pela população em geral, que Cixi não tinha como se contrapor a ele nessa questão. Ou seja, o príncipe Chun era uma bomba-relógio para o império. Como líder da facção xenófoba, ele representava o principal obstáculo para a política de portas abertas de Cixi; e como chefe da Guarda Pretoriana, tinha condições de lhe ameaçar a vida. Não fizera nada contra Cixi até então porque, além de ela ser a mãe do imperador e irmã de sua mulher, não tardaria para que seu filho assumisse o poder e ela voltasse para o harém. Durante esse meio-tempo ele a toleraria. No entanto, para Cixi, a segurança a longo prazo do império e dela própria impunham que alguma coisa fosse feita com relação ao príncipe Chun.

9. Vida e morte do imperador Tongzhi (1861-75)

Aos cinco anos, o filho de Cixi, Tongzhi, deu início a um rígido regime de educação formal, que preparava os imperadores e príncipes Qing. Foi tirado dos aposentos da mãe e passou a morar num apartamento separado. Quase todos os dias estava em sua sala de estudo às cinco da manhã, quando começavam as aulas. Ao ser levado para lá numa liteira, a Cidade Proibida ainda dormia, com apenas uns poucos servos despertos e, às vezes, cochilando apoiados em colunas. Com frequência, as lanternas de seu séquito eram as únicas cintilações no negrume que envolvia as velas do conjunto de palácios.¹

Por consenso geral, seus preceptores eram homens da mais ilibada reputação no tocante a conhecimentos e moralidade, e tinham sido aprovados e nomeados pelas duas imperatrizes-viúvas. O currículo tinha foco nos clássicos do confucionismo, que Tongzhi recitava sem compreender. À medida que crescia, passou a entender mais e aprendeu a escrever ensaios e poesia. O plano de estudos incluía ainda caligrafia, as línguas manchu e mongol, além de tiro com arco e equitação. O imperador Tongzhi não se sentia nada à vontade com os sagrados textos confucianos. Seu principal mestre, o grão-preceptor Weng, se queixava dia após dia, com imensa exasperação, em seu diário: o imperador não se concentrava para ler

os textos com alguma fluência ou para escrever os caracteres corretos e estava sempre enfastiado. Ao escrever poesia, revelava pouca habilidade para temas delicados como “água límpida da fonte a correr sobre uma pedra”, embora parecesse um pouco mais desenvolvido com temas relacionados a seus deveres imperiais, como “utilização de pessoas adequadas para governar bem o país”. Com frequência Cixi e a imperatriz Zhen inquiriam os preceptores a respeito dos progressos do menino. Consternaram-se ao saber que o pequeno parecia “entrar em pânico à simples vista de um livro” e choraram ao constatar que isso ainda ocorria pouco antes de ele chegar ao poder. Pediram aos mestres que ao menos garantissem uma competência básica para que ele se incumbisse das tarefas que estava prestes a assumir, e o grão-preceptor Weng lhes assegurou que isso não seria impossível, dado que os relatórios enviados a sua majestade não seriam difíceis como os clássicos e que seus editos seriam redigidos por outras pessoas. Deu-se então que Cixi pôs à prova a capacidade do filho no contexto de uma audiência e descobriu que ele era incapaz de falar com clareza ou coerência. Angustitada, instou os preceptores a lhe dar um treinamento especial, de modo que ele fosse capaz ao menos de fazer perguntas simples e dar instruções breves.²

O imperador se interessava pela ópera, coisa que seus preceptores viam como uma distração indigna: “um prazer apenas para os sentidos”. O jovem não lhes dava ouvidos e muitas vezes até assumia algum papel no palco. Nessas ocasiões, pintava o rosto e representava diante da mãe, que nada fazia para desestimulá-lo. Não sendo bom cantor, Tongzhi interpretava os papéis que envolviam artes marciais. De certa feita, no papel de um general, fez uma reverência para um eunuco que representava o rei. O eunuco se apressou a se ajoelhar, o que o levou a bradar: “O que está fazendo? Você não pode fazer isso quando representa o rei!”. Isso fez Cixi dar risada. O imperador Tongzhi também apreciava as danças manchus, e se comprazia em dançar para a mãe.³

Outros prazeres também o animavam. Certa vez o grão-preceptor Weng viu o imperador, adolescente, “rindo e se divertindo com futilidades” junto a

colegas de estudos. Em outra oportunidade, pareceu incapaz de controlar a risada ao ler um trecho de um texto de imensa aridez, o que muito desconcertou o mestre. “Que coisa estranha!”, ele registrou em seu diário. No entanto, esses eram praticamente os únicos momentos em que sua majestade parecia ter alguma energia, pois normalmente tendia a parecer esgotado e incapaz de vencer a indiferença. Uma vez, admitiu que fazia várias noites que não dormia. Contudo, proibiu aos mestres que lhe perguntassem qual era o problema e advertiu-os severamente que ninguém deveria dizer uma palavra sobre isso à sua mãe ou à imperatriz Zhen. Desorientado, às vezes o grão-preceptor Weng chegava a gritar com seu aluno real, porém em geral limitava o embaraço a seu diário: “Que havemos de fazer? Que havemos de fazer?”.

O imperador adolescente saboreara as alegrias do sexo. O homem que o apresentara a essa nova diversão parece ter sido um jovem e bem-apegoado letrado da corte, Wang Qingji, que caíra nas graças do imperador e fora por este instalado como seu companheiro na sala de estudo.⁴ Juntos, escapuliam da Cidade Proibida, sempre que possível, para visitar prostitutas e prostitutas.

Enquanto o imperador se entregava a folias da juventude, a corte preparava seu casamento. O processo de seleção das consortes durou quase três anos, interrompido que foi pela execução de An Pequeno e pelo colapso de Cixi. No começo de 1872, antes de seu 16º aniversário, suas consortes tinham sido escolhidas — pelas duas imperatrizes-viúvas e por ele próprio. O casamento foi marcado para aquele mesmo ano. Das dezenas de moças habilitadas, Alute foi designada para ser a imperatriz.⁵

Todas as famílias da elite, sem exceção, julgavam essa adolescente mongol uma moça exemplar e candidata insuperável. Seu pai, Chongqi, o único mongol em todos os tempos classificado em primeiro lugar num Exame Imperial, que recebia candidatos de todo o país, era absolutamente dedicado

aos valores confucianos, que instilou no espírito jovem da filha. Ela obedecia ao pai incondicionalmente, e podia-se confiar que também fosse submissa ao marido. Dona de maneiras irrepreensíveis e belíssima, era fluente nos textos clássicos, que seu próprio pai lhe ensinara. A imperatriz Zhen estava plenamente decidida por Alute. Assim pensava também o próprio imperador Tongzhi. Não tinha vontade alguma de dormir com ela e a julgou uma pessoa que aceitaria isso sem um só murmúrio de queixa.

Cixi tinha suas reservas. O avô materno de Alute, o príncipe Zheng, fora um dos oito membros do Conselho de Regentes formado por seu falecido marido e recebera ordem de cometer suicídio depois do golpe de Cixi, quando ela lhe enviara um longo xale branco de seda com o qual se enforcar. O homem que ela mandara decapitar, Sushun, e que a odiara, era tio-avô de Alute. A infância dessa moça tinha sido empanada por essa catástrofe familiar, uma vez que a casa da família da mãe, uma mansão elegante e famosa em Beijing, fora confiscada, de acordo com o código penal, e os homens da família viram vedado a si o acesso ao funcionalismo público. Apesar da conduta impecável de Alute, Cixi ficava a imaginar quais seriam seus verdadeiros sentimentos. Por isso, indicou outra candidata, Fengxiu, dizendo ter apreciado a presença de espírito da moça. Por fim, porém, Cixi cedeu aos rogos do filho e aceitou a escolha dele, tal era o amor que lhe devotava. Dispunha-se a confiar em Alute e esperava que seu pai não lhe tivesse inoculado ideias impróprias na mente. Decidida a questão, Cixi ordenou que a mansão confiscada fosse devolvida à família materna de Alute e restaurou o título aos descendentes varões.

O casamento seguiu o precedente estabelecido pelo imperador Kangxi duzentos anos antes, em 1665, a última vez em que um monarca reinante se casou com uma moça escolhida para ser sua imperatriz. (Zhen não se casou como imperatriz, pois foi promovida a essa posição depois do ingresso na corte.) Ainda que a ocasião fosse chamada “Casamento Magnífico”, *da-hun*, não houve uma comemoração nacional. Foi uma celebração restrita à corte. Na Cidade Proibida, sedas de cores brilhantes ondulavam ao redor de

enormes caracteres vermelhos em que se lia “dupla felicidade”: *xi*. Uma exibição semelhante de sedas ocorreu na mansão da noiva, em especial no alto dos pilares vermelhos que ladeavam a porta. Dali até a Cidade Proibida, definiu-se uma rota de vários quilômetros que a noiva percorreria: as ruas poeirentas e sulcadas foram aplainadas e nelas se espargiu terra amarela, como prescrito para um cortejo imperial.⁶

Por esse caminho, toda manhã, durante uma semana antes do casamento, carregadores de blusa vermelha com bolas brancas transportaram o enxoval da noiva para sua nova casa: grandes armários, como também pequenos pratos de jade, práticos suportes de madeira para lavatório, assim como complexas peças de arte requintada. Os objetos menores eram exibidos em mesas revestidas de tecido amarelo, presos por tiras de seda amarela e vermelha. Residentes em Beijing acorriam aos magotes, de madrugada, ladeando os dois lados das ruas, para ter um vislumbre dessa exposição. Essa era a única participação deles no evento. Certa manhã, como os objetos a ser transportados eram particularmente preciosos, por motivos de segurança o cortejo teve início antes do romper do sol, para evitar os curiosos. Depois de esperar em vão, eles se dispersaram com relutância, com imprecções. Também se desapontaram aqueles que tinham esperado assistir ao treinamento dos liteireiros que conduziriam a noiva. Como deveriam carregar a liteira com perfeita regularidade e se revezar rapidamente e sem solavancos, treinavam carregando um vaso cheio de água no interior da liteira. Entretanto, por alguma razão, a liteira nunca passava no horário anunciado.

O astrólogo imperial escolheu o dia 16 de outubro de 1872 como a data do casamento. Em algum momento antes da meia-noite, sob uma lua cheia, Alute foi buscada, em casa, por um grande cortejo. Vestia um esplêndido manto em que estavam bordados, entrelaçados, um dragão (o imperador) e uma fênix (a imperatriz). Um pedaço de brocado com o mesmo desenho lhe cobria a cabeça. A rota estava vazia. Os poucos cães que a percorriam de uma ponta a outra, e as sentinelas postadas a intervalos, eram os únicos

seres a quem se permitia contemplar esse cortejo imperial. A população tinha sido instruída a se manter afastada, e aqueles que moravam nas ruas da rota foram advertidos de que deveriam ficar dentro de casa e não olhar para fora. Nas esquinas, em que vielas confluíam para a rota do cortejo, tinham sido instalados grandes biombos de bambu para impedir qualquer possibilidade de um olhar casual. As legações estrangeiras tinham sido avisadas, com dois dias de antecedência, que seus integrantes deveriam permanecer em casa nessa ocasião — solicitação que gerou acessos de raiva e frustração. De que adiantava um grande evento oficial, perguntavam os ocidentais, se ninguém podia vê-lo?⁷

Entre as pessoas que chegaram a ver o cortejo, às escondidas, havia um pintor inglês, William Simpson, que se esgueirou com um amigo missionário para o interior de uma loja que ficava na rota. A loja estava cheia de clientes que, fumando ópio, não tomaram conhecimento dos estrangeiros ou da encenação imperial. As janelas eram feitas de papel fino estendido sobre caixilhos de madeira e podiam ser facilmente furadas. Diante do furo passavam príncipes e nobres montados em cavalos brancos, precedidos e seguidos por estandartes em mastros, dosséis e leques gigantescos. Pareciam um tanto fantasmagóricos nas ruas escuras e desertas de Beijing, iluminadas apenas por fracas lanternas de papel, algumas penduradas em varas, outras nas mãos das pessoas. Mesmo a lua estava velada por nuvens, como que obedecendo às ordens imperiais. Vagarosa, a coluna avançava em silêncio.

Não era um cortejo alegre, e podia até ser chamado de triste. No entanto, era aquilo que se entendia por solenidade. Nesse clima, alguns minutos depois da meia-noite, em sua liteira dourada, carregada por dezesseis homens, Alute transpôs o limiar da Porta Sul, a frontal, da Cidade Proibida. Foi a primeira mulher, em duzentos anos, a passar por essa porta e entrar na parte da frente da Cidade Proibida, vedada a todas as mulheres, com exceção de uma noiva imperatriz no dia de seu casamento. Nem Cixi nem a imperatriz Zhen jamais tinham estado ali.

Alvo dessa honra raríssima, Alute segurava duas maçãs na liteira. No interior da Cidade Proibida, quando ela apeou do veículo, a mulher de um príncipe tirou as maçãs de suas mãos e depositou-as sob duas selas cravejadas de pedras preciosas diante da porta da câmara nupcial. A palavra que significa “maçã” é “ping”, enquanto a que significa “sela” é “an”. Duas maçãs e duas selas, “*ping-ping an-an*”, aludiam ao augúrio corrente: “segurança e paz”. Isso parece por demais trivial para se desejar a uma nova imperatriz. No entanto, ao passar por cima desses objetos carregados de simbologia e entrar em sua câmara nupcial, Alute não encontraria nem uma coisa nem outra.⁸

Na noite de núpcias, findos todos os rituais, com os dois fechados num aposento decorado predominantemente em vermelho, diante do ideograma enorme que significava “dupla felicidade”, em vez de fazer amor, o noivo fez a noiva recitar poemas da dinastia Tang. Depois dessa noite obrigatória juntos, ele passou as demais num palácio separado, bem distante dela e do harém. Alute julgava ser seu dever se oferecer ao marido, mas ele a dispensava com um gesto, e ela — tímida e educada para não contradizê-lo — se afastava, obediente.

Fengxiu, a que Cixi havia preferido, se tornou a consorte número dois.⁹ Pouco antes do dia do casamento, ela foi levada com um cortejo minúsculo para a Cidade Proibida, entrando pela porta dos fundos, numa cadeirinha de arruar carregada por somente quatro homens. A cerimônia quase pobre tinha sido prescrita para uma concubina. Ela e outras três concubinas imperiais não tiveram melhor sorte que a imperatriz, no tocante ao interesse do marido. Todas as cinco estavam condenadas a uma vida de solidão.

Depois do casamento, numa cerimônia realizada em 23 de fevereiro de 1873, o imperador Tongzhi assumiu formalmente o trono.¹⁰ Tinha dezesseis anos. Ser um monarca absoluto com tão pouca idade não era infrequente. Por estranho que pudesse parecer, os dois primeiros imperadores da dinastia Qing, Shunzhi e Kangxi, tinham assumido o governo do império com treze anos. A ascensão do imperador Tongzhi ao poder também era uma questão

restrita à corte, como seu casamento. A população ficou sabendo do fato por meio de uma declaração imperial, num rolo baixado do alto da porta Tiananmen, copiado e distribuído por todo o império, do mesmo modo que a anterior coroação do imperador. A partir de agora, esse adolescente, e somente ele, tomaria todas as decisões referentes ao império. Como doravante ele escreveria com sua tinta carmesim, os sinetes que tinham estampado os decretos emitidos pelas duas imperatrizes-viúvas deixaram de ser usados.¹¹ O biombo de seda verde atrás do qual Cixi e a imperatriz Zhen antes se sentavam foi dobrado e guardado, e elas se retiraram para o harém.

O imperador estava resolvido a se mostrar à altura do cargo e prometeu ao grão-preceptor Weng que “não seria preguiçoso ou negligente” e que “não desapontaria meus ancestrais”.¹² O preceptor exultou. Durante cerca de um ano o jovem cumpriu sua palavra, lendo relatórios, autorizando editos e dando audiências. No entanto, não tinha nada da iniciativa da mãe. Suas instruções, em tinta carmesim, eram breves e rotineiras. Cixi se atinha às normas e não intervinha no trabalho do filho. Não havia novos projetos ou tentativas de modernizar o império.¹³

Contudo, houve uma exceção a esse marasmo. Desde sua chegada a Beijing, as legações estrangeiras vinham pedindo uma audiência com o trono a fim de apresentar suas credenciais. Até então, lhes fora dito que isso estava fora de cogitação: o imperador era uma criança, e as duas imperatrizes-viúvas, por serem mulheres, não podiam ser vistas. Um dia depois de o imperador Tongzhi assumir o poder, as legações enviaram uma nota coletiva na qual solicitavam uma audiência. Além disso, os ministros estrangeiros insistiam em ser recebidos pelo imperador sem que lhes fosse exigido se ajoelhar e fazer o *kowtow*. Embora Lord Macartney houvesse, com relutância, cumprido essas normas em 1793, com vistas a salvar sua missão comercial, o segundo enviado britânico, Lord Amherst, se recusara a fazê-lo em 1816. Agora as legações juntavam suas forças e exigiam uma audiência

sem o *kowtow*. A maioria dos cortesãos se mostrava igualmente inflexível, insistindo em que o ato de se prostrar teria de ser cumprido.¹⁴

Cixi já se decidira a respeito dessa questão: os enviados não teriam de fazer o *kowtow*. Alguns anos antes ela debatera o assunto com um pequeno círculo de cortesãos mais liberais, como o príncipe Gong, o marquês Zeng e o conde Li, e todos haviam concordado que podiam — e deviam — fazer essa concessão.¹⁵ O imperador Tongzhi fez o que a mãe lhe ordenou. Em 29 de junho de 1873, recebeu os ministros das legações sem que eles se ajoelhassem, quanto mais tocassem a cabeça no chão. Foi um momento histórico. De pé, os ministros tiraram o chapéu e fizeram uma reverência a cada estágio, à medida que se aproximavam do trono. O decano do corpo diplomático fez um discurso, dando parabéns, e a resposta do imperador, falando em boa vontade, foi pronunciada pelo príncipe Gong. Toda a cerimônia não durou mais que meia hora. A corte não fez nenhum anúncio público, por não querer chamar a atenção para a ausência do *kowtow*. Entre os que souberam do ocorrido, o grão-preceptor Weng se agastou.¹⁶ Alguns, indignados com o fato de o imperador ter aparentemente cedido à pressão dos ocidentais, manifestaram a disposição de se vingar dessa desfeita no futuro.

Afora essa questão espinhosa, a burocracia funcionava automaticamente. A administração chinesa tradicional era uma máquina bem azeitada, que, à exceção de uma crise, continuaria a atuar sem sobressaltos. Não havia necessidade de iniciativas, raramente propostas. As políticas de Estado dependiam quase exclusivamente do dinamismo do trono. Enquanto de Cixi jorravam ideias inovadoras, nessa área o filho era um poço seco. Tampouco havia algum motivo especial para mudança. Cixi trouxera paz, estabilidade e certo grau de prosperidade para o império. Não havia rebeliões camponesas nem invasões estrangeiras.

Não obstante, mesmo sendo um imperador inteiramente burocrático, para que a máquina funcionasse a contento Tongzhi teria de ter ao menos uma participação ativa no governo. Entretanto, ele se cansou daquilo. O adolescente alto, bonito e dado a prazeres passou a se levantar cada vez mais tarde. O número de audiências foi decrescendo, a ponto de ele só ver uma ou duas pessoas por dia, sempre fazendo apenas umas poucas perguntas corriqueiras. Os relatórios, que não paravam de chegar, com frequência não eram lidos e ele simplesmente anotava, na primeira página, o habitual “Faça-se como proposto”, houvesse neles ou não uma “proposta”. Percebendo isso, os ministérios agiam como achavam melhor, e a administração se tornou frouxa.

Esse estado de coisas já inquietava os nobres quando sobreveio a decisão do imperador de reconstruir parte do Antigo Palácio de Verão. Tinha visitado as ruínas com a mãe e se afligira à vista do que restava dos edifícios antes gloriosos e agora invadidos pelo matagal. No outono de 1873, redigiu à mão um edito, anunciando sua intenção de restaurar o conjunto, ao menos parcialmente.¹⁷ A razão dada para isso era que as duas imperatrizes-viúvas precisariam de uma residência na idade avançada. Alguns acharam a ideia razoável: o príncipe Gong doou 20 mil taéis de prata para ajudar no custeio. Cixi apoiou a proposta com entusiasmo. A restauração era seu sonho. Ansiava por voltar a morar ali. Com sua energia característica e sua atenção a detalhes, atirou-se ao projeto, conversando com capatazes e arquitetos, aprovando plantas e maquetes, chegando a projetar, ela mesma, alguns interiores.

As obras começaram na primavera seguinte, e o imperador as inspecionava amiúde, insistindo com os construtores para que acelerassem os trabalhos, principalmente seus próprios aposentos, para que ele pudesse se mudar antes mesmo das imperatrizes-viúvas. Na realidade, o que o jovem monarca mais desejava era um lugar onde tivesse liberdade para dar asas a suas aventuras sexuais. Embora ele se mostrasse negligente com seus deveres oficiais, era notório que passava o tempo “divertindo-se e traquinando com

eunucos”. Continuava a fugir da Cidade Proibida, disfarçado, para visitar estabelecimentos de má reputação. A Cidade Proibida era-lhe extremamente inconveniente, pois suas portas tinham de ser fechadas ao crepúsculo, depois do qual nem mesmo o imperador tinha permissão de sair sem uma boa justificativa. Na hora do fechamento, os eunucos de serviço davam o “brado do sol posto” com sua voz estridente, e os pesados portões eram fechados, um a um, e aferrolhados com um ruído sonoro. O imenso conjunto mergulhava então no silêncio total, só quebrado pelo toc-toc-toc débil e periódico das matracas de bambu dos guardas-noturnos que faziam a ronda pelas ruas de Beijing. Silenciosamente, as sentinelas passavam um bastão de mão em mão, ao longo das muralhas da Cidade Proibida, para se assegurar de que nenhum guarda estava dormindo ou não houvesse comparecido, e de que não havia interrupções nas patrulhas. O imperador Tongzhi detestava esses brados de sol posto e o fechamento dos portões. As inúmeras regras imutáveis que regiam a vida do imperador — desde ser despertado à hora prescrita até ser seguido de perto por anotadores que registravam cada um de seus movimentos — eram uma fonte permanente de irritação. Ele queria o Antigo Palácio de Verão como um refúgio. Vasto e sem nenhuma parede sólida a cercá-lo, aquele era o lugar onde ele poderia levar a vida que desejava.

Logo, porém, se levantou um coro de oposição. Isso obedeceu a uma tradição de repreender o monarca quando se julgava que ele vinha se entregando a prazeres excessivos ou partindo para empreendimentos exageradamente dispendiosos. Os reclamantes alegavam que a prosperidade do país não era suficiente para aqueles gastos, e o Ministério da Receita apresentou ao imperador um balancete que mostrava que o projeto ultrapassava os recursos do Estado. O tio do imperador, o príncipe Chun, lhe disse que o Antigo Palácio de Verão devia ser tão somente um lembrete da morte de seu pai e de seu dever de vingá-lo.¹⁸ No entanto, o imperador Tongzhi tinha o espírito posto em folguedos amorosos, e não em vingança. Ignorou as palavras do tio e atirou o balancete do Ministério da Receita no

ministro prostrado. Aquele não era um monarca que desse ouvidos a quem o criticasse, e escreveu em tinta carmesim uma denúncia dos reclamantes, acusando-os de tentar impedir que ele cumprisse seus deveres filiais — uma falta grave, segundo a ética confuciana. Assumindo um ar de superioridade moral, o imperador demitiu um funcionário “como advertência” e declarou aos demais que “haverá punição para aqueles que levantarem essa questão de novo”. Por fim, o príncipe Gong, que passara a admitir que o projeto não era viável, incluiu seu nome numa petição que procurava persuadir o sobrinho a mudar de ideia. O rapaz se saiu com a seguinte réplica: “Talvez o que o senhor queira é que eu lhe dê meu trono!”. Prostrado no chão, um grão-conselheiro ficou tão chocado com a reação do imperador que caiu no pranto, desmaiou e precisou de ajuda para se retirar.

Em meio ao confronto em relação à reconstrução do Antigo Palácio de Verão, cresceu o descontentamento com o estilo de vida em geral de sua majestade, incluindo sua paixão obsessiva pela ópera, o descaso pelos deveres oficiais e, em especial, suas disfarçadas saídas noturnas. Ele exigiu que os dois tios lhe contassem quem dera com a língua nos dentes. O príncipe Chun citou os locais específicos de má fama, e o príncipe Gong apontou seu filho mais velho, amigo do imperador, como a fonte das informações. Num acesso de cólera, o imperador os acusou de “persegui-lo”, além de outras denúncias que equivaliam a alta traição. Os dois príncipes encostaram várias vezes a cabeça no chão, mas isso em nada reduziu a raiva do imperador, que escreveu um edito em tinta carmesim, despojando o príncipe Gong e o filho de seus títulos, destituindo Gong de todos os cargos que exercia e pondo-o sob guarda armada no Departamento dos Nobres. Outro edito demitiu o príncipe Chun.¹⁹

Para sorte dos nobres, podiam contar com a mãe do imperador. Escreveram uma carta a Cixi, suplicando-lhe que interviesse. Ela foi ao gabinete do filho com a imperatriz Zhen e lhe disse que escutasse a maioria. Em lágrimas, recriminou-o pela forma como tratara o príncipe Gong. O jovem imperador a escutou de pé e pôs-se de joelhos quando a censura da

mãe ganhou tons emocionais. O imperador se viu obrigado a demonstrar submissão à mãe, de acordo com o código tradicional. Ele também a amava. Todas as ordens de demissão foram rescindidas — e Cixi teve de abandonar seu sonho de se mudar para o Antigo Palácio de Verão.²⁰

Relutando em abrir mão de suas aventuras sexuais fora da Cidade Proibida, o imperador Tongzhi voltou a atenção para o Palácio do Mar, adjacente ao complexo. Dominado por um extenso lago artificial, essa grande propriedade não incluía palácios grandiosos, e sim alguns templos e pavilhões de excelência arquitetônica, separados apenas por muros simbólicos. As áreas residenciais tinham se degradado, devido às dificuldades financeiras enfrentadas pelo pai e pelo avô do imperador Tongzhi. Os nobres concordaram em reformá-lo, e o trabalho teve início sem demora. O imperador se afeiçãoou bastante ao lugar e continuou a visitá-lo quando o verão chegou ao fim e sobreveio o inverno, até um dia em que navegava no lago e contraiu um resfriado.

O imperador também contraiu uma coisa muito mais séria. Seus prontuários médicos da Clínica Real mostram que, em 8 de dezembro de 1874, surgiram erupções em sua pele. No dia seguinte, os médicos diagnosticaram varíola. O diagnóstico e as prescrições foram passados aos grão-conselheiros. Ervas e outras substâncias foram reunidas e maceradas, e a elas se acrescentaram outros ingredientes, como minhocas, tidas como úteis para a extração de venenos. Os médicos provaram a mistura primeiro, e a seguir os chefes dos eunucos fizeram o mesmo. A corte começou a observar todos os ritos ligados à varíola. O modo como os chineses lidavam com uma força letal consistia — e em certo sentido ainda consiste — em aplacá-la, até mesmo pô-la num pedestal, na esperança de que ela abrandasse e os deixasse em paz. Por isso, chamavam a varíola, lisonjeiramente, de “flores celestiais”, *tian-hua*, e diziam que o imperador estava “desfrutando da felicidade das flores celestiais”. Os cortesãos vestiam trajes com desenhos florais, usavam xales de seda vermelha (a cor da alegria) e erigiam santuários para cultuar a deusa das Bolhas, a senhora

supostamente responsável pelas vesículas purulentas. No nono dia da doença, as vesículas exibiram sinais de maturidade e expansão. O alto escalão da corte foi convidado a visitar sua majestade.

Ao lado do leito do monarca estavam, de pé, Cixi e a imperatriz Zhen, com velas nas mãos. Pediram aos nobres, ajoelhados a certa distância, que se aproximassem. O adolescente enfermo estava deitado, com o rosto voltado para eles, e ergueu um braço para que o inspecionassem. Notaram, segundo a descrição do grão-preceptor Weng, que “as flores são extremamente densas, em meio às quais seus olhos quase não aparecem”.²¹ Passado algum tempo, retiraram-se do aposento e foram então chamados ao salão de audiências, onde Cixi lhes falou demoradamente. Estava confusa e rompeu em lágrimas enquanto falava. Disse que o filho talvez precisasse de certa tranquilidade em sua convalescência e que se, “ocasionalmente”, ele quisesse ouvir um pouco de música, ela “confiava” em que os nobres “não objetariam”. Diante dessas palavras de óbvia reprimenda, os nobres bateram várias vezes a testa no chão.

Em seguida, Cixi debateu com eles os negócios de Estado. Como estivera impossibilitado de trabalhar, disse, o imperador demonstrara ansiedade nos últimos dias. Ele queria que os nobres encontrassem uma solução. O que eles propuseram foi que as duas imperatrizes-viúvas assumissem o comando, enquanto o imperador estivesse “desfrutando o feliz acontecimento”, e deixaram o salão para redigir uma petição nesse sentido. Entretanto, Cixi pensou melhor, chamou os nobres de volta e lhes pediu que não escrevessem nada. Ocorrerá-lhe que uma “petição” poderia dar a impressão de que o imperador estava sendo induzido a renunciar ao poder. Ela decidira que o pedido deveria vir de seu filho, que, após ela lhe falar a respeito, disse que estava muito feliz com a intervenção dela. No dia seguinte, o imperador convocou os nobres e, parecendo ter mais energia do que na véspera, declarou ao príncipe Gong com voz firme:

O que tenho a dizer é breve. Nem um dia deve passar sem que os negócios de Estado sejam cuidados. Minha intenção é pedir às duas imperatrizes-viúvas que tratem de todos os relatórios em meu nome, e eu mesmo cumprirei meu dever, como antes, depois desse feliz acontecimento.

Cixi lhe respondeu que os nobres já haviam “requerido” o mesmo plano no dia anterior: todos eram da mesma opinião, de modo que o imperador podia deixar de se preocupar. Os nobres saíram, sentindo-se aliviados e felizes com o fato de as rédeas do poder estarem de novo nas mãos de Cixi.²²

No décimo sexto dia da doença, as pústulas no corpo do rapaz começaram a secar e descamar, levando a crer que tudo acabaria bem. O grande oratório erigido num dos salões em honra da deusa das Bolhas foi erguido numa cerimônia solene e, acompanhado por uma extensa brigada de guardas de honra, retirado da Cidade Proibida.

No entanto, o imperador Tongzhi não se recuperou. Suas pústulas cresceram e rebentaram, supurando sem cessar. Em 12 de janeiro de 1875, ele morreu, sem ter completado dezenove anos. Havia governado menos de dois anos. Houve quem dissesse que Cixi o envenenara. Isso não tem o menor fundamento. Muitos suspeitam que ele tenha morrido de sífilis, uma vez que os sintomas dessa doença se assemelham bastante aos da varíola [às vezes, em inglês, a sífilis é chamada de *big pox* (grandes *pocks* ou pústulas) em contraposição a *smallpox* (pequenas pústulas) ou varíola], e como os métodos modernos de diagnóstico não existiam, nada de definitivo se pode afirmar. Ao que parece, a própria corte não tinha certeza e suspeitava que o estilo de vida do imperador tivesse algo a ver com sua doença. Wang Qingji, seu companheiro de folganças, foi afastado da corte e banido permanentemente do serviço público.²³ Eunucos próximos ao imperador também receberam punições — desde açoites até o exílio para as fronteiras.

A varíola é considerada a causa mais provável da morte do imperador. Era endêmica em Beijing naquela época, e a grã-princesa, a única irmã do imperador, morreu da mesma doença pouco depois, em 5 de fevereiro.²⁴

Delirando, murmurou que o falecido pai lhe pedira que fosse fazer companhia ao irmão.

Já a mulher do imperador, Alute, decidiu acompanhar o marido na morte. Uma esposa que optava por tirar a própria vida por ocasião da morte do marido era julgada muito virtuosa. Em cidades e aldeias, arcos de triunfo as homenageavam.* Seleccionada por suas virtudes, Alute correspondeu a essas expectativas. Segundo eunucos, quando seu marido faleceu, o pai lhe mandou uma caixa de alimentos. Ao abri-la e ver que estava vazia, ela entendeu que ele estava lhe dizendo que morresse de fome. Fez o que o pai determinara e foi por isso muito louvada como filha obediente. Morreu setenta dias depois do marido, em 27 de março.²⁵

A culpa pela morte de Alute tem sido atribuída por muitos a Cixi. Chineses a acusaram de maltratar a nora e levá-la ao suicídio. Já ocidentais afirmaram que ela estava grávida, esperando um herdeiro do trono, e que Cixi a assassinou para garantir o poder para si. Nenhuma dessas acusações se baseia em fatos (embora Cixi possa ter sido severa com Alute). Na verdade, Alute pertencia a uma família que parece ter adotado o suicídio como suprema demonstração de honra. Mais tarde, quando tropas ocidentais invadiram Beijing em 1900 e obrigaram Cixi a fugir, toda a família, formada por catorze pessoas, tirou a própria vida para mostrar lealdade.²⁶

Durante cem dias, a partir da morte do imperador Tongzhi, foram proscritos casamentos e festividades na capital. Em todo o império, os homens ficaram proibidos de fazer a barba ou cortar o cabelo. (Em épocas passadas, o imperador Qianlong mandara prender funcionários que infringiram a proibição durante o período de luto por sua mulher.) Todos os sinos nos templos de Beijing, grandes ou pequenos, dobraram 30 mil vezes. Emitiram-se regras minuciosamente detalhadas sobre quem deveria usar esses ou aqueles trajes de luto. Pode-se dizer que os chineses, nessa época,

eram o povo mais cerimonioso do mundo. Um livro com 3 mil regras de etiqueta era leitura obrigatória para os letrados. Uma das regras fundamentais era que, até o falecido imperador ser sepultado, não se permitia música alguma na corte. Por isso a Cidade Proibida silenciou de novo, com vultos calados movendo-se sem ruído, deixando apenas ecos atrás de si.

A proscrição da música na corte permaneceu por quatro anos, durante os quais se construiu o mausoléu do imperador Tongzhi. O monarca não edificara uma tumba para si mesmo, pois não ocupara o trono tempo suficiente para dar início a esse projeto. Depois que morreu, sua mãe mandara que o príncipe Chun e o grão-preceptor Weng, junto com um grupo de mestres em feng shui, escolhessem um local ideal onde ele fosse sepultado. Nesse ínterim, seu esquife, gigantesco, permaneceu num dos salões da Cidade Real, e diante dele as altas autoridades prestavam seus respeitos. O esquife, feito de madeira preciosa e pintado 49 vezes com um tom de dourado, era enfeitado com símbolos budistas e revestido de treze camadas de brocado, decorados com inúmeros dragões.

Nas cercanias de Beijing havia dois conjuntos de mausoléus para os imperadores Qing, um a oeste da cidade e outro a leste. Seguia-se uma regra de acordo com a qual o mausoléu de um imperador devia ficar no mesmo conjunto que abrigava o mausoléu de seu avô, e não o de seu pai. Como o falecido pai de Tongzhi estava nos Mausoléus do Leste, ele deveria ser sepultado no conjunto do oeste. Todavia, Cixi, que estava destinada a ser sepultada com o marido nos Mausoléus do Leste, queria estar perto do filho, e ali ela o sepultou. Os nobres declararam compreender seus sentimentos e não fizeram objeção a esse desvio da tradição.

Os dois enormes conjuntos de mausoléus eram lugares de serena beleza natural, ao lado de colinas, regatos e bosques. Cada mausoléu tinha uma cripta e um prédio, acima do nível do solo, que era réplica de um palácio na Cidade Proibida. Em sua fachada se alteavam pilastras de mármore branco, encimadas por coroas imponentes, em forma de asas. O componente mais

impressionante de um mausoléu era o caminho que levava a ele: uma avenida longa e reta, ladeada de gigantescas estátuas de pedra representando elefantes, leões, cavalos e outros animais de grande porte, numa vasta área aberta. Mas não havia uma avenida assim levando ao mausoléu do imperador Tongzhi. O orçamento da obra não o permitira. Cixi tivera de escolher entre gastar recursos na avenida ou na importação de madeira para o ataúde e os prédios do mausoléu. A China carecia de madeiras de alta qualidade, e o mausoléu de seu finado marido tivera de se arranjar com a madeira que sobrara da construção da tumba do pai. Cixi, que acreditava na vida no além, desejava o melhor material para o filho no outro mundo, de modo que decidira sacrificar a imponência do caminho de entrada. Mandou comprar fora do país a mais cara madeira de lei, um tipo especial de *man-mu*, da qual se dizia ser tão densa que afundava na água, em vez de flutuar.

Mais de quatro anos depois da morte de Tongzhi, seu mausoléu enfim ficou pronto, e num dia de 1879, escolhido pelo astrólogo da corte como o mais auspicioso, ele e sua imperatriz, Alute, foram dispostos, lado a lado, na cripta.²⁷ Seus ataúdes, pesadíssimos, continham peças de ouro, prata, jade e gemas variadas. Sob a orientação meticulosa de Cixi, a cerimônia de inumação foi tão grandiosa como sempre, envolvendo todo o escalão superior da burocracia de Beijing, que se espalhou pelos 120 quilômetros que separavam o mausoléu da capital. Nada menos que 7920 homens se revezaram para carregar o esquife, sendo cada grupo constituído de 120 homens. Tinham sido treinados por profissionais, e cada um deles se banhara com todo o cuidado antes de vestir casacos púrpuras feitos de aniagem, o tecido prescrito para um luto solene. Todos os funcionários que trabalhavam dentro de cinquenta quilômetros da rota se dirigiram a salões edificadas especialmente, a fim de saudar o esquife, prostrados, quando ele passasse. Cada um desses salões era iluminado por milhares de velas brancas.

Conquanto tudo isso obedecesse a precedentes consagrados, Cixi cuidou de cada detalhe com o máximo esmero. Ela realmente amava o filho. Muitos

anos depois, num aniversário da morte do rapaz, a pintora americana Katharine Carl, que se achava na corte pintando o retrato de Cixi, usou um vestido preto. Contou por escrito que Cixi percebeu que ela estava usando a cor do luto no Ocidente e “parecia muito comovida”. A imperatriz-viúva “pôs minha mão entre as dela e disse: ‘Você é uma mulher de bom coração para lembrar de minha dor e querer se mostrar solidária’, e lágrimas rolaram de seus olhos para minha mão, que ela ainda segurava nas suas”.²⁸

* Uma concubina do avô materno desta autora tirou a própria vida, engolindo ópio, quando ele morreu no começo da década de 1930. Ainda então isso era considerado o máximo da lealdade conjugal, e uma placa foi afixada em sua honra.

PARTE III
CIXI GOVERNA EM NOME DE
UM FILHO ADOTIVO (1875-89)

10. Um menino de três anos se torna imperador (1875)

Cixi estava ao lado do filho quando ele morreu naquela noite de 1875. Pouco antes de sua morte, os nobres tinham entrado no quarto, por terem sido informados pelos médicos de que o imperador estava na iminência de expirar, e o tinham encontrado quase sem respirar, Cixi demasiado perturbada para poder falar. Passado algum tempo, retiraram-se, deixando os últimos momentos para a mãe e o filho. Logo depois do anúncio da morte do imperador, enquanto os nobres ainda choravam, foram chamados pela imperatriz-viúva, que desejava tomar providências com vistas ao futuro.¹

A reação instintiva do príncipe Gong, sempre prudente, foi a de não ir. Por conhecer bem Cixi, talvez já imaginasse que suas providências seriam irregulares, e por isso receava se envolver. No entanto, acabou seguindo os demais. Cixi lhes perguntou francamente se julgavam ser uma boa ideia que ela e a imperatriz Zhen continuassem a exercer o poder “atrás do biombo”. Um homem respondeu de imediato: “Sim”, e acrescentou: poderia a imperatriz-viúva, por favor, pelo bem do império, nomear um novo imperador e continuar a governar como antes? A isso Cixi respondeu, também em nome da imperatriz Zhen: “Já tomamos, as duas, nossas decisões e estamos em completo acordo. Vamos lhes dar agora nossa palavra

definitiva, que não poderá sofrer mudança ou alteração. Escutem e obedçam”. Essa linguagem de extraordinária contundência era ditada por uma posição de força. O imperador Tongzhi não deixara herdeiro, nem tampouco um testamento no qual determinasse quem deveria suceder-lhe. E pouco antes de falecer, pedira às duas imperatrizes-viúvas que dirigissem o império. Cabia agora a elas designar o próximo soberano.

Cixi anunciou que as duas adotariam um filho para o falecido marido delas — e para elas próprias —, uma criança que elas criariam. Era óbvio que Cixi pretendia voltar a governar o império como imperatriz-viúva e fazê-lo durante o mais longo período possível. O normal e correto a fazer teria sido adotar um herdeiro para o filho falecido. No entanto, se isso acontecesse, seria difícil para Cixi, a avó, justificar seu poder. Alute, a viúva do imperador Tongzhi, ainda estava viva e não fez objeção alguma. A maioria dos dignitários recebeu bem a volta dela ao poder. Cixi tinha realizado um trabalho excelente antes da acessão do filho. Em contraste, o breve reinado de Tongzhi só pressagiava desastres. Na verdade, quase todos eles tinham sido intencionalmente censurados, e vários demitidos pelo falecido imperador, e ninguém saberia dizer o que teria ocorrido se Cixi não estivesse presente para discipliná-lo. Foi com alívio que a viram retomar as rédeas do governo — principalmente os reformadores, frustrados com a estagnação dos últimos anos.

Em seguida, Cixi indicou o novo imperador: Zaitian, o filho de três anos de sua irmã e do príncipe Chun.

O príncipe Chun se achava presente, e o anúncio, longe de alegrá-lo, causou-lhe um desvario de terror.² Ajoelhando-se diante do trono, foi tomado de convulsões, gritando e batendo a cabeça no chão até perder os sentidos. Ele e sua mulher tinham verdadeira adoração por aquele menino, filho único na época, porque o filho mais velho havia morrido.³ Era como se ele estivesse perdendo o filho para todo o sempre. Com expressão impassível, Cixi ordenou que o príncipe fosse retirado do salão. De acordo

com uma testemunha, “ele ficou atirado num canto, sem que ninguém lhe prestasse atenção. Foi uma cena triste e horrível”.⁴

Os grão-conselheiros se retiraram para redigir o decreto imperial que proclamava o novo imperador. O homem designado para escrever o texto tremia tanto de tensão que não conseguia firmar o pincel. Vendo isso, Junglu, então lorde camareiro, pessoa absolutamente dedicada a Cixi, ficou tão ansioso, temendo que alguém pudesse levantar uma objeção antes que a tarefa se completasse, que pegou o pincel e se pôs a escrever o decreto ele mesmo, uma atitude das mais impróprias, uma vez que ele não era um dos grão-conselheiros.⁵ O fato era que Junglu ajudara Cixi a tomar a resolução de nomear o novo imperador imediatamente depois da morte do filho, de modo a não dar a ninguém a oportunidade de opinar ou agir contra sua decisão.

Nada saiu mal para Cixi. Num abrir e fechar de olhos se completaram as formalidades para a nomeação de um monarca e se organizou um cortejo para ir buscar o novo imperador. Antes dos primeiros raios da alvorada, o menino de três anos tinha sido acordado, separado da mãe, envolto num pesado manto da corte, metido numa liteira com um funcionário a seu lado, conduzido para a Cidade Proibida em meio a lanternas e velas e levado a fazer o *kowtow* diante de Cixi e da imperatriz Zhen num salão escuro. Depois disso foi levado à cama onde jazia o corpo do imperador Tongzhi, para que cumprisse o pranto obrigatório, o que fez com toda naturalidade, já que seu sono fora interrompido. Assim começou a nova existência do imperador Guangxu, imperador da “Gloriosa Sucessão”.⁶

Foi assim que Cixi se vingou do príncipe Chun. Em retribuição à angústia pela qual passara com a execução de An Pequeno, ela agora retorcia uma faca no coração do príncipe ao tirar-lhe o filho único. E o fazia de uma forma que o impedia de se queixar: afinal, seu filho estava sendo transformado em imperador.

Com o filho feito imperador, terminou o papel político do príncipe Chun. Como pai biológico do monarca, mas não o regente oficial, ele se viu

obrigado a renunciar a todos os cargos, a fim de evitar possíveis acusações de estar usando sua influência para se imiscuir em negócios de Estado — um crime equivalente a traição. O príncipe apresentou sem delongas sua renúncia, em termos extremamente humildes.⁷ Cixi pediu aos nobres que debatessem a questão, e o príncipe Gong recomendou enfaticamente que fosse aceita. Entre as razões por ele mencionadas estava o conflito criado pelo protocolo. Como autoridade, o príncipe Chun teria de se prostrar diante do imperador, mas como era pai do menino, isso não tinha propósito. O grão-preceptor Weng, aliado conservador do príncipe Chun, anteviu que com sua retirada não restaria ninguém para se opor aos reformadores e defendeu que o príncipe conservasse um posto-chave, o de chefe dos guardas pretorianos. Cixi rejeitou a proposta e aceitou a renúncia total do príncipe Chun. Entretanto, reservou-lhe um cargo, destituído de todo poder político: ele ficaria encarregado de cuidar dos mausoléus dos imperadores Qing. E, naturalmente, cumulou-o de honrarias.

Ao privar o príncipe Chun de todos os poderes, Cixi efetivamente o silenciava. Qualquer protesto que partisse dele contra suas políticas seria considerado interferência em assuntos oficiais e acarretaria punição. Era evidente que o príncipe Chun entendia as manobras de Cixi. Temendo que ela fosse ainda mais longe e achasse um meio de acusá-lo de alta traição, ele lhe enviou uma carta ignóbil, assegurando-lhe que não tinha a mais remota intenção de se intrometer. O príncipe Chun estava acabado como paladino do partido xenofóbico. Com isso, desativou-se a bomba-relógio que ameaçava o império.

Entretanto, o príncipe viria a sofrer uma tragédia ainda mais pessoal. A irmã de Cixi deu à luz outros dois filhos, mas um deles viveu somente um dia e meio, enquanto o outro morreu com poucos anos, vítima de excesso de amor ansioso, de acordo com os criados. O casal estava sempre preocupado

de que ele comesse demais — um problema sério para os filhos de famílias abastadas —, e em resultado disso a criança sofria de desnutrição.⁸

Para surpresa do príncipe, Cixi não se dispôs a destruí-lo. Tendo demonstrado que poderia ter acabado com ele, passou a cumulá-lo de favores. Deu-lhe concubinas, e o príncipe pôde ter mais três filhos. O mais velho, nascido em 1883, ganhou seu nome, Zaifeng, dado por Cixi. Além disso, nomeou o príncipe supervisor da educação do menino imperador, para que ele tivesse acesso ao filho. A mulher do príncipe, irmã de Cixi, era convidada a se hospedar no palácio de vez em quando, para que também pudesse vê-lo. Nenhum dos pais se sentia plenamente à vontade com o menino, agora que ele era imperador e fora adotado por Cixi. Mas a forma como ela tratava o príncipe Chun superava suas expectativas, e ele se sentia inundado de gratidão.⁹

Cixi cativou também os amigos do príncipe, ao mostrar que não guardava ressentimentos e lhes prestar favores. Indicou o grão-preceptor Weng como o principal mestre do novo menino imperador e ganhou com isso sua eterna gratidão. E concedeu ao governador Ding, o homem que realmente mandara executar An Pequeno, as promoções e honras que lhe eram devidas, como se nada houvesse acontecido. Quando o governador foi promovido a vice-rei, seguiu a tradição Qing e viajou a Beijing para uma audiência. Antes de sua chegada, por intermédio de Junglu, o lorde camareiro, Cixi mandou que lhe dessem 10 mil taéis para ajudá-lo nas despesas na capital, onde havia muitos gastos com representação e troca de presentes.¹⁰ Ding precisava dessa ajuda. Homem honesto, nunca tirara proveito de suas posições oficiais para enriquecer. Junglu lhe deu o dinheiro como se viesse dele próprio, mas Ding, que não era grande amigo do lorde camareiro, entendeu qual era sua origem. Não só o aceitou, como, numa carta, pediu mais 10 mil taéis “emprestados”, que Junglu prontamente lhe entregou. Essa foi a forma, um tanto travessa, que o ancião usou para mandar seu recado: ele sabia que fora Cixi quem lhe mandara o dinheiro (ele não teria pedido mais a outro funcionário) e estava fazendo um trato

com ela. Embora Ding e o grão-preceptor Weng mantivessem suas opiniões conservadoras, nunca mais causaram problemas para a imperatriz-viúva.

E assim Cixi eliminou todos os obstáculos e reconduziu o império ao rumo que tinha definido antes. Dessa vez ela aceleraria o ritmo do progresso. Durante a reclusão forçada no harém, sua mente não estivera ociosa, e ela aprendera muito a respeito do cenário internacional, a partir dos relatórios e diários dos viajantes que enviara ao exterior naquelas primeiras expedições. Em Hong Kong e nos Portos do Tratado, haviam surgido novos jornais ao estilo ocidental, disponíveis na corte, onde tinham se tornado fontes de informações imprescindíveis.¹¹ Em comparação com uma década atrás, quando pela primeira vez ela chegara ao poder, Cixi tinha agora muito mais conhecimento, não só do Ocidente, como também da modernidade. Estava convencida de que a modernização era a resposta para os problemas do império — e sabia também que tinham perdido muito tempo. Desde o aviso fatal transmitido pela execução de An Pequeno, passando por todo o reinado do filho, o país tinha parado cinco anos. Mas ela estava decidida a recuperar esse tempo.

11. A modernização se acelera (1875-89)

No começo de 1875, Cixi perdeu um filho, mas reconquistou o poder. Aquele ano se tornou um marco notável, assinalado por inúmeros acontecimentos inovadores. Sua primeira medida foi chamar o conde Li para discutir uma estratégia geral de modernização. O conde, que residia em Tianjin, solicitara uma reunião dessa natureza em 1872, mas na época, sentindo-se vulnerável e na iminência de se afastar do poder, ela preferira que o encontro não acontecesse. Dessa vez Cixi se reuniu com ele um dia após sua chegada, de novo no dia seguinte e ainda uma terceira vez dias depois.¹ Era palpável sua ânsia de retomar o rumo que imaginara e modernizar o país.

O conde se distinguiu agora como o mais ardente modernizador do império. Cercava-se de ocidentais e fizera amizade com vários deles. Um desses estrangeiros era o ex-presidente americano Ulysses S. Grant, e os dois se viram com frequência em Tianjin, em 1879.² O missionário Timothy Richard assim descreveu o conde: “Se fisicamente ele era mais alto do que a maioria dos chineses, intelectualmente se agigantava sobre todos e era capaz de enxergar o futuro distante, por cima da cabeça deles”.³ O conde se tornou o homem-chave no programa de modernização de Cixi. Ele e o príncipe Gong, que encabeçava o Grão-Conselho e cujo nome era para os ocidentais “sinônimo de progresso na China”,⁴ eram agora o braço direito da

imperatriz-viúva. Com a ajuda desses dois homens, Cixi conduziu o país, contínua e radicalmente, para a modernidade. Como o conde Li escreveu a Cixi, expressando a aspiração de ambos, “doravante, várias coisas serão introduzidas na China, e a mente das pessoas aos poucos se abrirá”.⁵ Nenhum deles excluía os conservadores. O estilo de Cixi consistia em trabalhar com pessoas como o grão-preceptor Weng e também com os reformistas, usando sempre de persuasão, em vez de força bruta, e se dispondo a deixar que o tempo e a razão mudassem a visão das pessoas.

Cixi desejava enviar representantes diplomáticos ao exterior uma década antes. Agora pôde fazê-lo. Em 31 de agosto de 1875, anunciou sua primeira nomeação: a de Guo Songtao como ministro em Londres.⁶ Guo era um homem de visão notavelmente avançada, que defendia o aprendizado com o Ocidente e a adoção de meios de transporte e comunicação, como estradas de ferro e telégrafo. Foi criticado com furor pelos conservadores. Em seu diário, o grão-preceptor Weng tachou-o de “insensato”,⁷ e os letrados de sua província, que estavam em Beijing submetendo-se aos Exames Imperiais, propuseram acaloradamente, em reuniões, demolir sua casa. Cixi o consolou, encontrando-se com ele três vezes, junto com a imperatriz Zhen, antes de sua partida.⁸ As duas mulheres insistiram com ele, várias vezes, que não se deixasse abater por zombarias e calúnias: “Todos os que trabalham no Ministério das Relações Exteriores são vítimas de injúrias”, disseram-lhe. “Mas o trono sabe disso e o tem em alta conta [...]. O senhor deve aceitar essa difícil missão pelo bem do país.”

Enquanto Guo servia no exterior, o Ministério das Relações Exteriores publicou seu diário, como registro de suas impressões. Nele, Guo descrevia os britânicos com admiração: o sistema judiciário do país era “justo”; as prisões, “caprichosamente limpas, com pisos polidos, sem ares miasmáticos [...] chegamos a esquecer que se trata de uma prisão”; e as maneiras das pessoas eram corteses, o que por si só, afirmou ele, “mostra que não é por

acaso que este país é tão rico e poderoso”. Guo chegou a dar a entender que o sistema monárquico da China, de 2 mil anos, não era tão eficaz quanto a monarquia parlamentar britânica. Embora algumas de suas observações — por exemplo, de que as maneiras chinesas “ficam muito aquém, muito, muito aquém” — fossem cortadas na publicação, a primeira parte do diário despertou manifestações de ódio exacerbado por parte de letrados, que acusaram Guo de pretender “transformar a China numa colônia britânica” e pediram ao trono que o punisse. A publicação do resto do diário teve de ser suspensa. No entanto, Guo não foi admoestado. Em vez disso, Cixi o nomeou ministro na França, além de na Grã-Bretanha, desconsiderando os protestos dos letrados e funcionários. Quando Guo se envolveu numa polêmica pública com seu assistente, um tradicionalista, em Londres, ela transferiu o assistente para a Alemanha. Por fim, impossibilitado de se dar bem com outros mandarins, Guo pediu para ser dispensado, e Cixi o atendeu. Disse a seu sucessor, o marquês Zeng Jr., filho do falecido marquês Zeng Zuofan, que ela sabia que Guo era “um bom homem, que realizou um trabalho magnífico”.⁹

Cixi podia não concordar com todas as opiniões de Guo, mas apreciava seu espírito independente. E ela cultivava o hábito de trabalhar com pessoas de diferentes convicções. Seu ministro em Berlim, Hung Jun, era o oposto de Guo.¹⁰ Antipatizava com os costumes europeus, sobretudo com os referentes ao convívio entre homens e mulheres. Fora de seus deveres oficiais, ele preferia se fechar em sua residência, avançando em pesquisas sobre a história da China, saindo apenas para passear no Tiergarten. A consorte que ele levou para Berlim, uma concubina que fora prostituta de alta classe e atendia pelo nome profissional de “Mais Bela que a Flor Dourada”, ansiava por festas, mas não tinha permissão de participar delas, mesmo quando Hung dava recepções em casa. Ela se vestia com requinte, deslizava discretamente pela escada a fim de cumprimentar os convidados e depois se retirava para o andar superior pelo resto da noite. Nas raras ocasiões em que permanecia numa festa, não podia dançar — não só por causa do marido,

como também devido aos pés esmagados e atados, que lhe tornavam doloroso caminhar ou simplesmente ficar de pé. Ela se lembrava de ter feito uma reverência diante do Kaiser e da imperatriz, e de ser cumprimentada, por sua beleza, por um homem de rosto radiante, barba prateada, olhos penetrantes, gentil mas distante — o chanceler Bismarck —, e só isso. Ela também perdera a maioria de seus criados, que tinham se recusado a atravessar o oceano com eles, exceto dois, que haviam rilhado os dentes diante de uma aventura que, estavam certos, seria uma “viagem sem volta”, e que ganhavam, cada um, cinquenta taéis mensais — muito mais do que um funcionário médio em Beijing e dez taéis mais do que as criadas alemãs que ela contratara em Berlim. Observou que as criadas alemãs eram “atenciosíssimas e ótimas para cuidar de pessoas. Eram mais leais e muito mais obedientes do que as chinesas”.

No entanto, nem mesmo Hung pôde continuar a resistir inteiramente a seu novo ambiente. No começo, ele se recusou, indignado, a usar meias europeias. Mais tarde, ao se dar conta de que eram imensamente mais confortáveis do que as meias de algodão grosseiro que ele trouxera da China, voltou atrás. Quando deixou Berlim, havia comprado um trenó para dar de presente à imperatriz-viúva.

Em meados da década de 1880, com Cixi recomendando constantemente que ninguém “perdesse tempo”,¹¹ Beijing estava pronta para despachar grupos de funcionários para dar a volta ao mundo e estudar as instituições e culturas ocidentais, com vistas a reformar o sistema da pátria.¹² E quando os ministérios procuraram candidatos, dezenas se apresentaram — um grande contraste com o que acontecia uma década antes. Relacionar-se com o Ocidente não era mais visto como um peso ou uma vergonha. Trabalhos que envolviam associação com estrangeiros eram agora cobiçados. Diários e jornais da época destacavam como a sociedade tinha mudado. Até mesmo os sacrossantos Exames Imperiais, que haviam embasado as estruturas políticas e sociais durante mais de mil anos, exibiam os primeiros sinais de modernização. Os candidatos às viagens receberam instruções para escrever

dissertações sobre temas como “a estrada de ferro”, “defesa”, “portos comerciais” e “a história da interação da China com os países ocidentais desde a dinastia Ming”. Eram temas que ampliavam os horizontes e estimulavam as pessoas a aprender coisas novas e a reformular suas ideias. Para alguns candidatos, a mudança era inquietante e eles se esforçavam por conciliar o novo com o velho. Houve quem afirmasse que era possível buscar a essência da química e da máquina a vapor nos ensinamentos de Mozi, um dos sábios do confucionismo dos séculos IV-V a.C.

Um grupo social foi logo beneficiado pela diplomacia ativa do regime: as vítimas do tráfico de escravos, que começara no fim da década de 1840. Levados sobretudo para Cuba e para o Peru, chegavam a centenas de milhares. Em 1873-4, o governo Qing enviara comissões incumbidas de investigar as condições em que viviam. A comissão mandada a Cuba relatou:

Oito décimos de todo o grupo declararam que tinham sido sequestrados ou ludibriados; [...] ao chegarem a Havana tinham sido vendidos como escravos [...] a grande maioria se tornou propriedade de donos de canaviais; [...] a crueldade visível [...] é grande, e [...] insuportável. Percebe-se também que o trabalho nas plantações é excessivamente duro, e a alimentação, insuficiente; a jornada de trabalho é longa demais, e os castigos, com bastões, açoites, correntes, pelourinhos etc., produzem sofrimento e lesões. Nos últimos anos, um grande número deles morreu devido aos efeitos dos ferimentos ou se enforcaram, cortaram a garganta, envenenaram-se com ópio e se atiraram em poços e caldeirões de açúcar.¹³

No Peru, as condições eram igualmente tenebrosas. Beijing estava negociando com os dois países, numa tentativa de proteger os trabalhadores, quando Cixi retomou o poder em 1875. Frisou para os negociadores, liderados pelo conde Li: “Os senhores devem achar meios de ter absoluta certeza de que esses maus-tratos em chineses sejam rigorosamente proibidos e interrompidos”.¹⁴ As convenções que se seguiram libertaram os escravos e baniram o tráfico.¹⁵ Cixi nomeou um de seus melhores diplomatas, Chen

Lanbin, que fora o principal investigador em Cuba, como ministro nos Estados Unidos, Cuba e Peru, sendo sua maior responsabilidade proteger os emigrantes.¹⁶

Em 1875, redobram-se os esforços para a criação de uma Marinha de nível internacional, principalmente porque o Japão, vizinho da China, vinha se tornando cada vez mais agressivo e acabara de tentar ocupar a ilha de Taiwan. Cixi e seus assessores mais próximos tinham observado a ascensão do Japão antes que ela deixasse o poder, no começo de 1873, ao mesmo tempo que observavam o quanto os nipônicos aprendiam com o Ocidente, compravam máquinas e navios de guerra, construíam estradas de ferro e fabricavam armas. Sua corte agora discutia a melhor maneira de enfrentar essa “principal ameaça permanente”,¹⁷ e Cixi aprovou um orçamento gigantesco — 4 milhões de taéis de prata anuais — para criar sua Marinha.¹⁸ Os encouraçados acabavam de ser inventados na Europa, e seu edito, em 30 de maio, autorizava o conde Li a “adquirir um ou dois”, uma vez que eram “astronomicamente caros”. Nos anos seguintes, foram comprados dois encouraçados e uma frota de belonaves menores. A China enviou jovens à França, a fim de aprender a fabricá-los, e à Grã-Bretanha, para fazer cursos de oficiais navais. A Alemanha era o destino de cadetes do Exército.

Finalmente, em 1888, Cixi aprovou o Regulamento Naval em estilo ocidental. Foi ao endossar esse regulamento que ela apresentou efetivamente a primeira bandeira nacional da China.¹⁹ O país não tinha nenhum símbolo nacional, até que a aproximação com o Ocidente, no começo de seu governo, impôs a criação de uma bandeira amarelo-dourada, triangular, para a incipiente Marinha. Agora ela aprovava a mudança para a forma retangular, seguindo o padrão internacional. Na bandeira, chamada de Dragão Amarelo, figurava um dragão azul contra um fundo amarelo, erguendo a cabeça em direção a um globo vermelho vivo, o sol. Com a

criação dessa bandeira nacional, observadores ocidentais comentaram na época: “A China assumiu com orgulho o lugar que lhe é devido no concerto das nações”.²⁰

No outono do importante ano de 1875, o norte-irlandês Robert Hart, inspetor geral da Alfândega, foi incumbido de redigir um memorando a respeito da expansão em grande escala do comércio exterior. Ao fazê-lo, seguiu a instrução explícita de que deveria “ter em mente o quanto é fundamental que suas propostas sejam vantajosas, e não prejudiciais, para a China”.²¹ Em seguida mais portos foram abertos ao comércio internacional, principalmente ao longo do rio Yangtzé, em direção ao centro do país, até Chongqing. Essas portas não foram abertas à força. O governo de Cixi as abriu por iniciativa própria, em resposta a uma solicitação de Thomas Wade.* Na Filadélfia, nos Estados Unidos, um servidor público chinês participou pela primeira vez da Exposição Mundial, com instruções para registrar todas as suas experiências e enviar um relatório sobre elas. Entre as instituições modernas adotadas por Hart na China estava o serviço postal, que emitiu a primeira série de selos, os “Dragões Vermelhos”, em 1878.²²

O sentido do velho princípio “Tornar a China Forte” foi ampliado de forma a incorporar “Tornar a China Rica” (*qiu-fu*). Havia agora, no círculo de Cixi, o consenso de que “a fraqueza da China está em sua pobreza milenar”²³ e de que o império só poderia enriquecer por meio de projetos industriais ao estilo ocidental. “Devemos adotar, gradualmente, as mesmas coisas, para que possamos sair da pobreza e nos tornarmos ricos também.” Esses projetos tinham sido propostos por Hart e Wade havia uma década, mas nessa época a terra arcaica não estava pronta para eles. Agora, todas aquelas viagens ao Ocidente tinham aberto olhos e espíritos. Em 1875, Cixi ordenou a instalação do telégrafo,²⁴ primeiro na província de Fujian, para comunicação com Taiwan, a ilha que o Japão cobiçava e que Cixi estava decidida a conservar. Fundou-se a Companhia Telegráfica da China, que

tinha como diretor executivo um dos primeiros empresários modernos do país, Sheng Xuanhuai. No começo, turbas derrubavam postes e fios, mas à medida em que as pessoas se davam conta de que não eram nocivos, de como a comunicação se tornava miraculosa e dos muitos benefícios que traziam para sua vida, a sabotagem cessou e as linhas telegráficas começaram a se espalhar pelo império.

Também em 1875, Cixi decretou o início da moderna mineração de carvão, designando duas áreas experimentais.²⁵ A resistência foi forte, e os temores numerosos — em especial o de que os tesouros subterrâneos da China estivessem para ser roubados por estrangeiros. No que se refere a essa preocupação, Cixi determinou especificamente: “Devemos manter o poder decisório em nossas mãos quando empregarmos pessoal estrangeiro. Não podemos permitir que estrangeiros controlem tudo e tomem decisões cruciais por nós”. Uma das duas áreas era a ilha de Taiwan; a outra era Kaiping, cerca de 160 quilômetros a leste de Beijing. Técnicos ocidentais logo chegaram com máquinas, e Cixi nomeou outro destacado pioneiro do empreendedorismo, Tong King-sing, como diretor executivo da operação. Tong adquirira experiência trabalhando para firmas ocidentais e fundara a primeira empresa de marinha mercante da China. Junto com outros industriais e empresários de primeira geração, Tong e Sheng renunciaram a ascensão da classe média, enquanto Kaiping se tornou “o berço da moderna indústria chinesa”. A partir dali, surgiu um gigantesco polo industrial, Tangshan. Além desses projetos estatais, pessoas foram estimuladas a procurar afloramentos e minas a céu aberto. Para solucionar problemas de financiamento e incentivar empreendedores, Cixi decretou que empresários privados deveriam ter permissão para emitir ações.

Com o carvão veio a eletricidade.²⁶ Cixi abriu caminho, fazendo com que fosse instalada iluminação elétrica no Palácio do Mar, em 1888. Geradores comprados à Dinamarca eram operados pelos guardas pretorianos. Essas foram as primeiras lâmpadas elétricas fora dos Portos do Tratado e estimularam a propagação da eletricidade. Nos anos seguintes, fundaram-se,

em Beijing e em outras cidades grandes, dezessete companhias de eletricidade para fins militares e comerciais. Em 1889, Beijing conheceu seu primeiro bonde.²⁷

Cixi também decidiu substituir o antiquado meio circulante nacional, baseado em lingotes de prata, por moedas fabricadas.²⁸ Esses lingotes acarretavam para a China uma enorme desvantagem no comércio internacional: como o teor de prata de cada lingote variava, eles tendiam a ter um valor muito baixo. Só a cunhagem moderna de moedas seria capaz de resolver esse problema, além de tornar o meio circulante chinês compatível com o resto do mundo. Não era coisa de pequena monta, sobretudo por exigir um considerável investimento inicial. Diante de uma resistência obstinada, Cixi foi inflexível e propôs pagar os custos preliminares com as verbas da casa real. O projeto decolou, com a ressalva de que seria revisto a intervalos de três anos.

O projeto mais importante que Cixi não lançou em 1875 ou nos anos seguintes foi a estrada de ferro. Isto porque ele tocava em uma questão religiosa. Os inúmeros sepulcros ancestrais espalhados pelo país, edificadas carinhosamente pelas famílias, seguindo os princípios do feng shui, não poderiam ser transferidos para outro lugar. Tampouco poderiam ser deixados onde estavam, se situados perto de uma linha férrea: o barulho dos trens perturbaria a alma dos mortos. Cixi acreditava de todo o coração que os sepulcros eram sagrados.

Havia também o problema do custo. Ao longo dos três anos seguintes à volta de Cixi ao poder, entre 1876 e 1878, quase metade das províncias chinesas e cerca de 200 milhões de pessoas foram assoladas por inundações, secas e pragas de gafanhotos — a maior sucessão de desastres naturais em mais de duzentos anos e uma das piores na história registrada da China. Milhões de pessoas morreram de fome e de doenças, principalmente tifo. Tradicionalmente, em épocas de fome a corte rezava pedindo bom tempo,

abria a bolsa real, isentava de impostos as áreas atingidas e oferecia “centros de arroz”, o equivalente chinês à “sopa para os pobres”. A série de desastres exigiu que quantias sem precedentes fossem gastas na importação de alimentos. Nessa conjuntura, a construção de estradas de ferro teria de depender de empréstimos estrangeiros, coisa em que Cixi não tinha experiência alguma. Ela preferiu usar de cautela. “Teríamos de fazer dívidas de dezenas de milhões”, disse. “E poderíamos arranjar dificuldades.”²⁹

Como vitrine da estrada de ferro, comerciantes britânicos construíram em 1876 uma linha de vinte quilômetros de Shanghai ao porto da cidade, Wusong — a primeira ferrovia a entrar em serviço na China. Aldeões e autoridades se horrorizaram. Certo dia, um grupo de homens, mulheres e crianças se postou nos trilhos e obrigou um trem a parar. Quando a composição voltou a avançar, o grupo agarrou os vagões, na tentativa inútil de detê-la outra vez. Em outro dia, o trem atropelou um homem, e por algum tempo se temeu que o acidente pudesse desencadear uma revolta. Thomas Wade convenceu a companhia britânica a interromper o serviço. O governo de Cixi comprou a ferrovia e a desmanchou, de modo a satisfazer ambas as partes. Lê-se com frequência que Cixi, num gesto obtuso, teria mandado jogar no mar essa primeira estrada de ferro chinesa. Na realidade, ela foi embalada e mandada para Taiwan, com a intenção de ser utilizada numa mina de carvão. A população de Taiwan não tinha em relação a seus sepulcros os mesmos escrúpulos dos chineses do continente, e como a ilha era menos densamente povoada, de qualquer forma havia menos sepulcros. Sucedeu que a linha férrea era inadequada para o emprego pretendido e teve de ser levada de volta ao continente, na esperança de que pudesse ser usada em Kaiping. Também ali a área a ser atravessada pela estrada de ferro era esparsamente povoada, com poucos sepulcros. No entanto, como o engenheiro-chefe de Kaiping, o inglês Claude W. Kinder, decidiu, com descortino, adotar a bitola convencional, a linha de Wusong, de bitola estreita, foi enfim abandonada e entregue à ferrugem.³⁰

Depois da construção da linha de Kaiping, com dez quilômetros de extensão, algumas pessoas expressaram temor de que mortos da vizinhança fossem perturbados. Por isso o trem foi puxado por cavalos. Com o tempo, cautelosamente, os cavalos foram substituídos por uma locomotiva, construída ali mesmo, sob a supervisão de Kinder e batizada com o nome de “O Foguete da China”. A oposição ora cresceu, ora amainou, até cessar de todo.

No entanto, a construção de um sistema de maior porte na China continuou a ser a decisão mais difícil para o governo. Durante mais de dez anos, Cixi não cessou de suscitar debates em meio à elite. As opiniões eram profundamente divergentes, e a imperatriz, em geral decidida, parecia estranhamente hesitante. Todos os argumentos a favor, defendidos pelo conde Li, que ressaltava como as estradas de ferro seriam benéficas para a defesa, o transporte e as comunicações, não bastavam para convencê-la de que uma crença visceral da população deveria ser posta de lado ou de que o império deveria se arriscar a contrair empréstimos possivelmente penosos junto ao Ocidente.

Por fim, Cixi resolveu experimentar o trem pessoalmente. Em 1888, comprou de uma companhia francesa um trem com seis vagões e uma linha de 3,5 quilômetros a ser instalada no complexo do Palácio do Mar.³¹ Todo o sistema, incluindo a embalagem e o transporte, custou 6 mil taéis, uma fração do preço real. Empresas ocidentais competiam entre si pelos contratos chineses, e anos antes a Grã-Bretanha oferecera um trem semelhante como presente de casamento para o filho de Cixi; presente que fora recusado. Agora o conde Li supervisionou a compra. Informou a Cixi que, embora o preço fosse simbólico, tudo tinha sido produzido com esmero em Paris, inclusive um vagão luxuoso para ela. A linha foi lançada sob a orientação de um mestre do feng shui da corte, que determinou em que data deveria começar a construção e em que direção deveria seguir. Fazer a linha ir para o norte, disse ele, estava fora de questão, e por isso o trecho para o norte teve de esperar até o décimo dia do primeiro mês do ano seguinte,

1889. Nesse dia, o solo foi trabalhado das três às cinco horas da tarde. Terminada a obra, Cixi deu um passeio e pôde experimentar a sensação de um trem verdadeiro, ainda que brevemente. Ela conheceu a velocidade e o conforto da viagem, embora também visse a fumaça preta e ouvisse o estrépito da locomotiva. O trem foi guardado, sendo tirado do abrigo apenas para mostrar aos visitantes. Nessas ocasiões, eunucos puxavam os vagões, usando longas faixas de seda amarela torcidas de modo a formar cordas.

Mais ou menos na época dessa experiência pessoal, em abril de 1889, o vice-rei Zhang Zhidong apresentou um argumento poderoso que por fim fez a opinião de Cixi mudar em favor de uma rede de trens. O vice-rei, um homem de 52 anos — dois a menos que Cixi —, de baixa estatura, com barba longa e ondeante, era um promotor ardoroso da modernização. Os ocidentais o consideravam “um gigante no intelecto e um herói nas realizações”.³² Chamara a atenção de Cixi anos antes, pouco tempo depois do golpe, por ocasião de um Exame Imperial. Sua ousada e imaginativa dissertação final, sobre temas de política internacional, desconcertara os examinadores, que lhe deram a nota mínima para aprovação. No entanto, quando Cixi leu o texto, viu nele alguém que pensava como ela e o nomeou para um dos cargos máximos do império. Ao longo dos anos, adotou muitas de suas propostas e lhe confiou cargos-chave. Nessa ocasião ele era vice-rei em duas províncias cruciais no vale do Yangtzé.

O argumento decisivo do vice-rei era que as estradas de ferro poderiam incrementar as exportações, que, como ele frisou, eram a solução para enriquecer a população e o país na era do comércio internacional. Na época, as principais exportações da China continuavam a ser o chá e a seda, ao mesmo tempo em que as importações cresciam acentuadamente, devido sobretudo aos projetos de modernização. O déficit comercial do país ascendia a 32 milhões de taéis em 1888,³³ e as perspectivas futuras eram preocupantes, pois os volumes exportados de chá tinham começado a cair. Em 1867, a China fornecera 90% do consumo mundial de chá, mas agora chás provenientes da Índia Britânica e de outros países tinham entrado no

mercado global. Era imperativo expandir a pauta de exportações. Com esse objetivo em mente, o vice-rei propôs a construção de uma linha tronco de 1,5 mil quilômetros que ligasse Beijing ao sul, atravessando províncias interiores até Wuhan, uma importante cidade com acesso ao mar por meio do rio Yangtzé.³⁴ Todas as províncias interioranas da área atendida estariam então ligadas ao resto do mundo. Os produtos locais poderiam ser processados com máquinas importadas, o que lhes agregaria valor, e a seguir transportados para a costa. Isso seria capaz de transformar a economia da China e solucionar seu problema básico e incapacitante: a pobreza. Essa proposta visionária impressionou Cixi: ali estavam os benefícios reais das estradas de ferro, que justificariam todos os riscos e sacrifícios.

Ela submeteu a proposta do vice-rei a deliberação. Depois de solicitar comentários ao alto escalão e não receber objeções, em 27 de agosto de 1889, Cixi finalmente emitiu um decreto que inaugurou a era ferroviária da China com essa linha tronco norte-sul.³⁵ A estrada de ferro Beijing-Wuhan, depois estendida até Cantão, se tornou (e continua a ser) a mais importante artéria de transportes do país, ainda hoje fundamental para sua economia. Cixi parece ter antevisto isso, pois seu decreto soava como um manifesto: “Este projeto encerra um significado grandioso e de longo alcance e é, com efeito, o componente fundamental de nosso plano para Tornar a China Forte.³⁶ Ao nos lançarmos nesse projeto revolucionário, será inevitável que surjam dúvidas e receios”. Em seguida, ela determinava às autoridades das províncias a serem cruzadas pela linha férrea que explicassem o empreendimento à população local e impedissem que a linha fosse obstruída. “De modo geral”, declarou, “espero que a corte e o país se irmanem em uma só vontade, e que as autoridades e os comerciantes cerrem fileiras para alcançarmos o pleno êxito.” Encarregado de dirigir as obras, juntamente com o conde Li, o vice-rei Zhang montou seu quartel-general em Wuhan. Ali ele lançaria uma série de indústrias modernas, dependentes

da estrada de ferro, que transformariam a cidade num dos polos da industrialização da China.

*

Cixi não abraçou a industrialização indiscriminadamente ou sem reservas. Em 1882, quando o conde Li pediu permissão para construir fábricas de tecidos, ela objetou, respondendo com inequívoca irritação:

A tecelagem é nossa indústria doméstica básica.³⁷ Os tecidos fabricados com máquinas tiram o trabalho de nossas mulheres e lhes roubam o ganha-pão. Já basta não podermos proibir os tecidos estrangeiros. Não devemos infligir mais danos a nós mesmos. Essa questão deve ser analisada com todo o cuidado.

Na época, a “tecelagem” era chamada *can-sang*, que literalmente significa “bichos-da-seda e folhas de amoreira”, uma vez que a produção de seda era uma tarefa importante das mulheres chinesas havia milênios. Para manter essa tradição, a cada ano, na primavera, Cixi levava senhoras da corte para rezar num santuário erigido ao deus do Bicho-da-seda, na Cidade Proibida, pedindo-lhe proteção para os animaizinhos. Ela e as demais senhoras alimentavam os insetos quatro ou cinco vezes por dia, colhendo folhas de amoreira nos terrenos do complexo palaciano. Quando um bicho-da-seda acabava de produzir um filamento e se fechava no interior do casulo que construía com sua seda, o casulo era fervido, e o filamento, que alcançava em média centenas de metros, era bobinado, pronto para ser tecido. Durante toda a vida, Cixi guardara sedas que ela tecera quando menina, para verificar se a seda nova tinha a mesma qualidade e lustro da antiga. Ela não queria que os costumes imemoriais sumissem por completo. Ainda que decidida a fomentar mudanças em certas áreas, em outras ela resistia às novidades ou

só as aceitava com relutância. Em seu governo, a industrialização da China não avançou como um trator, apagando todas as tradições.

* A abertura desses novos portos estava prevista na mesma convenção (a Convenção Chefoo) em que figurava a reparação pelo assassinato, em Yunnan, de Mr. Margary, membro da legação britânica. Contudo, os britânicos não a exigiram com ameaça de força.

12. Defensora do império (1875-89)

Desde que o filho lhe fora tirado e feito imperador em 1875, o comportamento do príncipe Chun passou a mudar. Pela primeira vez, ele começara a temer a cunhada. A amargura de perder o filho único lhe abriu os olhos para um lado da imperatriz-viúva que ele não percebera antes: ela possuía um ferrão mortal, ainda que raramente o usasse. Ao apoiar a execução de An Pequeno em 1869 ou ao fomentar distúrbios contra os missionários em Tianjin, em 1870, contra as ordens dela, o príncipe Chun não sentira medo algum de que Cixi revidasse. Agora ele se dava conta de que ela não esquecera nem perdoara o que ele tinha feito: cinco anos depois, a imperatriz-viúva saboreava o prato frio da vingança. O choque o aturdiu. Numa carta a Cixi, depois que o filho lhe fora arrancado, ele lembrou como tinha “perdido a consciência” ao ouvi-la anunciar a decisão e fora para casa “tremendo de cima a baixo, na carne e no coração, como que em transe ou estupor embriagado”.¹ Desmoronara e se recolhera ao leito “num estado vegetativo”. Sem a insolência de antes, pediu perdão pelas afrontas passadas (sem citá-las), punindo-se severamente e suplicando-lhe piedade. “Não te deixaste enganar e me compreendeste”, escreveu. “Concede-me, por favor, um favor imerecido” — poupar-lhe a vida, “a vida de um idiota tolo e inútil”.

Por outro lado, ao se dar conta de que Cixi não o destruía, quando podia fazê-lo, mas o tratara até com bondade, o príncipe foi dominado pela gratidão. O medo virou reverência. Passava muito tempo mergulhado em reflexões e adotou o lema “Dá um passo atrás e pensa em como reparar agravos passados” (*tui-si-bu-guo*), entalhado numa placa sobre a porta de seu gabinete. Sua mansão estava cheia de lembretes dessa disposição de espírito, desde textos em rolos nas paredes até a inscrição gravada num peso de papéis, de marfim, em sua mesa. Ele veio a reconhecer que sua anterior hostilidade à atitude de Cixi em relação ao Ocidente era “preconceituosa” e se tornou um de seus mais ferrenhos partidários.²

A metamorfose do príncipe se devia também a outras causas, talvez mais importantes. Ele passara a admirar o que Cixi tinha realizado em benefício do império — como recuperar Xinjiang, um imenso território na Ásia Central, do tamanho da Grã-Bretanha, França, Alemanha e Itália juntas. O historiador H. B. Morse observou no começo do século XX:

Essa possessão fora mantida pela China durante mais de 2 mil anos; com firmeza quando o governo central era forte, frouxamente quando o poder central era débil, e largada em épocas de confusão [...] com frequência a China perdeu o território, mas sempre o recuperou.³

O último episódio dessa natureza ocorreu no começo da década de 1860, como consequência da Rebelião Taiping. Grande parte do território perdido passou a ser controlada por um líder muçulmano, Yakub Beg, que Charles Denby, mais tarde enviado americano à China, descreveu como um “soldado de fortuna”.⁴ Cixi estava decidida a recuperar o controle de Xinjiang. Essa decisão foi tomada contra o parecer do conde Li, que propôs que esquecessem a região e a deixassem se tornar um dos estados vassalos do império, “como o Vietnã e a Coreia”.

Os estados vassalos eram pequenos países independentes que, situados em torno da China, tinham administração autônoma mas reconheciam a

supremacia do imperador chinês, pois periodicamente pagavam tributo e solicitavam o endosso chinês para cada novo governante. Além do Vietnã e da Coreia, os demais estados vassallos eram o Nepal, a Birmânia, o Laos e as ilhas Liuqiu (Ryukyu). O conde Li aconselhava que se deixasse Xinjiang se juntar a eles. Para o conde, Xinjiang era “muitos milhares de li de terras estéreis”,^a cuja recuperação “não valia a pena” e cujo território, mesmo se conquistado, “não poderia ser controlado por muito tempo, já que todos os seus vizinhos tinham intenções em relação a ele: a Rússia no norte; a Turquia, a Pérsia e outros países muçulmanos no oeste; e a Índia Britânica, perto dele no sul”.⁵ A recuperação de Xinjiang, opinava o conde, exigiria um portentoso exército que transpusesse um longo caminho no deserto e travasse uma guerra prolongada que estava “além dos meios” do império. Esse fora o parecer do falecido marquês Zeng, um respeitado estrategista,⁶ e era agora também a opinião do próprio príncipe Chun.⁷

No entanto, Cixi se recusava a abrir mão de Xinjiang, e assim que voltou ao poder, em 1875, despachou para lá o general Zuo Zongtang, com a missão de retomar o território. Para ela, essa expedição era urgente: fazia quatro anos que a Rússia ocupava Ili, uma área importante na região, e a menos que a China agisse sem demora, a posse da Rússia se tornaria fato consumado.

Para financiar a expedição, Cixi arrancou dinheiro das províncias e autorizou o general Zuo a levantar 5 milhões de taéis junto a bancos estrangeiros. Seguindo o percurso de Zuo por meio de seus relatórios minuciosos, ela enfrentava grandes dificuldades para atender a seus pedidos constantes, em geral de dinheiro. Ao se lançar nessa expedição através do deserto, o general Zuo, um militar experiente, agora na casa dos sessenta anos, levou consigo um caixão — para deixar bem clara sua determinação de lutar por quanto tempo fosse necessário. Sua campanha foi bem-sucedida e dolorosamente brutal. No começo de 1878, ele havia reconquistado a maior parte de Xinjiang. Misericórdia não era uma palavra que figurasse em seu dicionário, e massacres eram coisa do dia a dia. De acordo com os

códigos penais da dinastia Qing, os filhos e netos de Yakub Beg (que morrerá) foram castrados antes de serem dados como escravos. Os ocidentais se horrorizaram, mas até diplomatas chineses moderados insistiram em que essas punições eram justificadas e recriminaram os ocidentais por “se meterem na vida dos outros”.⁸

Cixi apoiou Zuo e seus métodos. Depois de reafirmar o controle de Xinjiang por Beijing, seguiu o conselho de Zuo e aos poucos transformou o território em província, em vez de lhe conceder autonomia. Tropas permanentes foram aquarteladas ali e desbravaram terras virgens para que delas se sustentassem quando não estivessem reprimindo rebeliões.⁹

Retomado o controle de Xinjiang, Cixi enviou Chonghou a São Petersburgo para negociar a devolução de Ili. Chonghou, um homem afável, fora a autoridade que tentara proteger os ocidentais durante o massacre de Tianjin em 1870. Não era um negociador inflexível, e depois de meses de conversações, firmou um acordo no qual a China se obrigava a ceder grande parte de Xinjiang à Rússia, em troca de Ili. O acordo causou indignação em Beijing, e um conselho de nobres, autorizado por Cixi, condenou Chonghou à “prisão à espera de execução”. Enviados ocidentais manifestaram intensa desaprovação. Segundo disseram, era indigno da “nova diplomacia da China” que um diplomata fosse “condenado à morte por decapitação [...] acusado não de traição, mas de fracasso”.¹⁰ A rainha Vitória chegou a dirigir “à grande imperatriz-viúva da China” um pedido pessoal de clemência. Cixi a atendeu e libertou Chonghou.

No entanto, recusou-se a reconhecer o tratado. A Rússia ameaçou ir à guerra e mandou 90 mil soldados para o território em litígio. Gordon Chinês, o inglês que ajudara a derrotar os rebeldes Taiping, deu o seguinte conselho: “Se querem mesmo a guerra, queimem os subúrbios de Pequim [Beijing], tirem de Pequim os arquivos e o imperador [...] e lutem [...] durante cinco anos [...]. Se querem a paz, desistam de Ili *in toto*”.¹¹ Nenhum desses cenários extremistas atraía Cixi. A guerra estava fora de cogitação, pois a China não tinha recursos para isso, ao passo que a Rússia poderia até

considerá-la conveniente, para se apoderar de mais terras. Contudo, a paz não poderia advir à custa da perda de territórios, fosse Ili ou aquele que Chonghou cedera de mão beijada. Cixi deu todos os sinais de que a China estava “pronta para a guerra — tanto quanto sua rival”,¹² mas enviou à Rússia um novo representante, o marquês Zeng Jr., incumbido de renegociar. Deu-lhe instruções minuciosas, e a mais importante era o limite final: se ele não conseguisse reaver todo o território em litígio, nesse caso deveria negociar a aceitação do status quo anterior ao acordo de Chonghou e deixar a região de Ili nas mãos dos russos por ora, ao mesmo tempo em que a China continuava a reivindicar sua posse. O marquês partiu para as conversações com uma cópia anotada do tratado de Chonghou, que deixava claros os pontos que eram absolutamente inaceitáveis e os que eram negociáveis. Durante todo o tempo ele se manteve em contato telegráfico com Cixi.¹³

A estratégia clara e precisa, assim como os preparativos pormenorizados, deram frutos. A China recuperou a maior parte do território que Chonghou cedera e também Ili. O novo tratado, uma solução conciliatória,^b foi saudado por observadores ocidentais como um “triunfo diplomático”.¹⁴ Lord Dufferin, então embaixador britânico em São Petersburgo, comentou: “A China forçou a Rússia a fazer o que nunca fez antes, abrir mão de um território que já havia incorporado”.¹⁵ O marquês Zeng Jr. foi muito aclamado pela primeira vitória de seu país na diplomacia moderna. Entretanto, o papel crucial foi desempenhado por Cixi.

No auge da crise, diante da perspectiva de guerra e perda de território, a extrema tensão levou Cixi a um colapso nervoso. Durante dias a fio não conseguiu dormir, sentia-se esgotada e tossia sangue. Seguindo a tradição, em julho de 1880 a corte divulgou um pedido, solicitando às autoridades provinciais que recomendassem doutores capazes de ajudar os médicos reais “e tomassem medidas para que sejam conduzidos a Beijing em vapores, de

modo a chegarem rapidamente”. Um certo dr. Xue, da província de Zhejiang, descreveu o primeiro exame que fez de Cixi. A sessão começou com a prostração obrigatória diante dela, depois da qual ela lhe disse que se levantasse e fosse ter a seu lado. Cixi se sentou, de pernas cruzadas, no interior do dossel de seda amarela que fechava o leito. Um de seus antebraços estava fora da cortina, repousando numa almofadinha sobre uma pequena mesa lateral. Um lenço simples cobria o antebraço, deixando de fora apenas o local onde o médico poderia sentir o pulso, procedimento crucial para o diagnóstico. De joelhos, o dr. Xue levou os dedos ao pulso. Diagnosticou “extrema aflição e ansiedade” e informou à imperatriz-viúva que ela ficaria boa em breve, desde que se abstinésse de fazer tanto esforço. A isso Cixi respondeu: “Eu sei, mas é simplesmente impossível fazer isso”. Por fim, ela se recuperou, e para tanto muito ajudaram os relatórios otimistas do marquês Zeng Jr.¹⁶

O príncipe Chun se envolvera no litígio. Tendo obtido a renúncia dele a todos os cargos que ocupava, Cixi fez questão de incluí-lo no processo de tomada de decisões, dizendo aos que se opunham que o príncipe tinha “implorado que fosse perdoado, batendo a cabeça no chão vezes sem conta”,¹⁷ e que era ela quem insistia em sua participação. Cixi pretendia conquistar o príncipe e para isso queria que ele visse como ela lidava com os negócios de Estado. O príncipe pôde constatar que Cixi se dedicava aos interesses do império, por ela defendido com vigor e habilidade. Admirou sua inflexibilidade na campanha de Xinjiang e no enfrentamento com a Rússia, bem como sua capacidade de transigir e dirigir as negociações. Ele, que tanto bravateara com relação à “vingança” contra os estrangeiros, não tinha ideia do que fazer diante de ameaças reais de estrangeiros. Tudo isso o convenceu de que estava a serviço de uma mulher que representava um valioso trunfo para o império, e se submeteu como seu humilde servo.

É possível que o fato que mais impressionou o príncipe Chun, transformando-o definitivamente em “escravo” de Cixi, tenha sido a forma como ela conduziu a guerra contra a França, em 1884-5. A França tinha dado início, em 1859, a uma campanha militar para colonizar o Vietnã, vizinho e um dos estados vassalos da China. Mesmo quando a França anexou o sul do país e avançou em direção ao norte, o governo Qing nada fez — mesmo porque o Vietnã não pedira ajuda (o que um Estado vassalo tinha o direito de fazer). As únicas ocasiões em que Cixi enviou tropas ao Vietnã, por solicitação dos vietnamitas, foi para capturar bandidos chineses que se achavam lá. Completadas as operações, os soldados regressaram à China.¹⁸

A essa altura, ao que parece, Cixi já definira uma política bem fundamentada com relação às fronteiras do império. Estava decidida a preservar o território que o império considerava como seu, mas se dispunha a renunciar aos estados vassalos, se e quando obrigada a isso. Mulher pragmática, ela sabia que havia agora potências europeias mais fortes e que seu império não estava em condições de conservar os estados vassalos. Assim, ao mesmo tempo em que tinha mandado um grande exército para recuperar Xinjiang e envidava todos os esforços possíveis para manter a posse de Taiwan, não fez mais do que protestos verbais quando o Japão anexou um estado vassalo, as ilhas Liuqiu (Ryukyu), no fim da década de 1870. Da mesma forma, sua atitude com relação ao Vietnã consistiu em proteger a fronteira, e não em manter o controle do país. Em agosto de 1883, o Vietnã foi forçado a se tornar protetorado da França. O primeiro-ministro francês, Jules Ferry, que aspirava formar um império colonial, lançou aventuras imperiais em vários países, como Tunísia, Congo, Níger e Madagascar, bem como na Indochina. E agora as forças francesas avançavam continuamente em direção à fronteira do Vietnã com a China.

Cixi começou a se preparar para a guerra. Astrólogos da corte e amadores viam a iminência de grandes batalhas, desde um céu anormalmente inflamado, durante diversos dias, até o ângulo de um cometa que se

aproximava. Cixi acreditava na astrologia. Para ela, os cometas eram advertências vindas do Céu. No passado, quando surgiam cometas, ela pensava no que poderia ter feito de errado e emitia editos em que pedia que as pessoas comentassem se autoridades inábeis haviam sido nomeadas ou se houvera negligência em relação à pobreza do povo. Agora, ela estava tomada de apreensão. Devido a um resfriado renitente que já durava meses, ela tossia sem cessar durante as audiências. Quando as pessoas tentavam confortá-la, dizia: “Não posso deixar de me afligir quando vejo esses sinais celestiais”.¹⁹

Com os franceses assediando a fronteira, Cixi enviou tropas para Tonquim, a área mais setentrional do Vietnã, adjacente às províncias chinesas de Guangxi e Yunnan. Esta última era particularmente rica em recursos minerais cobiçados pelos franceses. A intenção de Cixi era fazer de parte de Tonquim uma zona-tampão, se possível, mas, se isso não ocorresse, apenas defender a fronteira. De dezembro a abril do ano seguinte, 1884, tropas chinesas lutaram com forças francesas nessa área, sofrendo derrotas contínuas. Aparentemente, os franceses poderiam penetrar na própria China.

O príncipe Gong, diretor do Grão-Conselho, era um conciliador por natureza. Pessimista quanto à capacidade de vencer uma guerra contra uma potência ocidental, em nada ajudou Cixi a dirigir os combates. Segundo o diário do grão-preceptor Weng, o príncipe “falava vagamente e não propunha ideias”. “Ele ocupava com frequência a imperatriz-viúva durante um tempo enorme, mas sempre inutilmente.”²⁰ Às vezes se mostrava apático; em outras ocasiões não era encontrado em seu gabinete. O fato de ter passado por problemas de saúde não ajudava. O príncipe Gong tinha sido acometido de doenças graves nos últimos anos, às vezes evacuando sangue, e Cixi lhe concedera longas licenças. Sentia-se depauperado e sua capacidade de julgamento se achava prejudicada. Ainda assim, não pedia a exoneração e era difícil para Cixi afastá-lo, não só por causa de sua posição

como também por ter colaborado com ela desde o começo. Mas já fazia algum tempo que a situação a aborrecia.

A gota d'água se deu em 30 de março de 1884, quando, em meio a uma série de derrotas devastadoras diante dos franceses, o príncipe insistiu em discutir com Cixi detalhes das festividades do quinquagésimo aniversário dela,^c no outono, em especial a forma como lhe seriam encaminhados os presentes.²¹ Prostrando-se diante dela, o príncipe falou durante uma hora e meia. Irada, Cixi o fez se calar: “Com a situação na fronteira do jeito que está, você vem me falar de presentes!”. No entanto, ele continuou a falar, sem se deixar abater, ajoelhado durante tanto tempo que teve dificuldade, por fim, para se erguer. O grão-preceptor Weng, que assistiu à cena, registrou-a em seu diário, expressando claro desprezo pelo príncipe. No dia seguinte, o príncipe Gong voltou e retomou sua cantilena, “suplicando à imperatriz-viúva a gentileza de aceitar presentes de aniversário”. Cixi “o admoestou em termos que deixavam claro seu desprazer”, mas mesmo assim suas palavras pareceram não causar nenhum efeito. O grão-preceptor considerou que estava na obrigação de “ultrapassar meus limites” e falar claramente ao príncipe. Disselhe que desse ouvidos à imperatriz-viúva e “não discorresse mais sobre banalidades”. Em seu diário o grão-preceptor anotou, com sarcasmo: “O supremo nobre tem tão pouca inteligência!”.

Cixi decidiu demitir o príncipe Gong.²² Isso não seria fácil. Àquela altura, fazia um quarto de século que ele liderava o Grão-Conselho e era a figura mais poderosa do império, depois da própria Cixi. Por isso ela teria de agir com o máximo cuidado. Com um pretexto adequado, afastou o príncipe Gong de Beijing durante alguns dias e, durante a ausência dele, convocou o príncipe Chun, fazendo preparativos mais ou menos como se estivesse arquitetando um golpe. Tão logo o príncipe voltou, em 8 de abril, Cixi lhe exibiu o decreto em tinta carmesim que anunciava sua demissão e a de todo o Grão-Conselho. Com esse golpe de surpresa, a imperatriz-viúva se desfazia de seu parceiro político de mais de duas décadas, o homem que estivera a seu lado quase diariamente, partilhando com ela os desafios das reformas.

Talvez pela maneira como se deu esse afastamento — mais adequada a um adversário do que a um amigo íntimo que só lhe dedicara devoção e companheirismo durante tanto tempo —, Cixi sentiu-se constrangida e não voltou a ver o príncipe durante dez anos. O príncipe Gong procurou lhe garantir que não guardava mágoa e que compreendia perfeitamente que ela precisava tomar precauções. Suplicou-lhe que pudesse vê-la, mesmo que apenas como convidado em seus aniversários, mas ela negou todos os seus rogos.

Cixi nomeou um novo Grão-Conselho e pôs o príncipe Chun no comando. Como pai biológico do imperador, ele não podia ser o líder formal do órgão, de modo que presidia os trabalhos de sua própria residência. Essa transferência de poder, de um irmão para outro, não causou atrito algum entre os dois príncipes. Pelo contrário, os irmãos, que antes tinham estado às turras devido às diferentes atitudes em relação ao Ocidente, agora se tornaram muito mais próximos. O príncipe Chun, que mudara em aspectos vitais, visitava com frequência o meio-irmão desacreditado. Havia entre eles um vínculo especial — a adoração que dedicavam à cunhada. Escreviam poemas um para o outro, e um tema comum nos versos do príncipe Gong era “a tristeza com que recordava os anos passados”.²³ O príncipe assim expressava sua saudade do tempo de colaboração com Cixi; procurava também transmitir a ela, por meio do príncipe Chun, que prezava as lembranças e sempre lhe seria leal.

O príncipe Chun fazia tão pouca ideia quanto o irmão sobre como resolver a crise com a França, mas executava as ordens de Cixi com eficiência e rigor. Os ocidentais o julgavam um falcão implacável, ao contrário do príncipe Gong. A substituição do príncipe Gong por Chun era interpretada como indício da determinação de Cixi de manter a guerra. Com efeito, ela estava decidida a travar uma “guerra prolongada contra o inimigo” (*yu-di jiu-chi*), até que os franceses, muito distantes da pátria, se exaurissem e procurassem, eles mesmos, pôr fim ao conflito.²⁴

A meta real de Cixi era a paz, pela qual se dispunha a abrir mão do Vietnã, se necessário fosse, desde que sua perda assegurasse um compromisso, por parte dos franceses, de respeitar a fronteira da China. Nomeou o conde Li principal negociador. O conde era agora seu ás da diplomacia, assim como principal conselheiro. Imensamente superior ao príncipe Gong, Li trabalhava em perfeita harmonia com ela. Pensavam muitas vezes da mesma forma e havia entre os dois uma compreensão tácita. Nessa época, o conde Li estava oficialmente “de luto” pela morte da mãe, o que lhe exigiu ficar sem trabalhar 27 meses. No entanto, Cixi lhe disse que abreviasse o período, citando sábios antigos que haviam isentado dessa obrigação, explicitamente, pessoas com deveres militares. Durante as negociações, os telegramas iam e vinham entre eles. Ambos sabiam que a França estava profundamente empenhada na ocupação da África e não tinha nenhum interesse numa guerra prolongada com a China. A paz era um objetivo viável, e em Tianjin o conde conseguiu chegar a um acordo com o comandante Fournier, que já tinha na conta de amigo. A convenção Li-Fournier incorporava as condições mínimas que Cixi concordava em aceitar: a França prometia nunca cruzar a fronteira sul da China e garantia evitar que outros o fizessem; por sua vez, a China aquiescia em que a França passasse a controlar o Vietnã. Fournier informara ao conde que o Ministério das Relações Exteriores da França pedira uma reparação de guerra, argumentando que a opinião pública francesa assim exigia. Cixi disse ao conde Li que essa pretensão era “totalmente injusta, totalmente descabida e cristalinamente contrária à convenção internacional”.²⁵ O conde rejeitou a reivindicação, e Fournier não insistiu. Quando a minuta do acordo foi enviada a Cixi, ela telegrafou de volta em 9 de maio de 1884: “Analisai com cuidado. Nenhum dos pontos fere o interesse fundamental de nosso país. Endossado”.²⁶ A convenção foi assinada no dia 11.

Cixi começou a retirar as tropas do Vietnã — com cautela, pois soubera que o governo francês estava insatisfeito de não ter arrancado de Beijing dinheiro algum e que navios de guerra estavam a caminho.²⁷ No dia 12 de

julho, a França apresentou um ultimato, exigindo uma indenização astronômica, de 250 milhões de francos, alegando que a China violara o acordo ao dar início a um choque armado, que, na realidade, fora um acidente, que observadores ocidentais descreveram como um “mal-entendido honesto”.²⁸ Cixi se enfureceu. Testemunhas se impressionaram com sua aspereza incomum durante uma audiência, quando ela proferiu com raiva a proibição de que qualquer pessoa falasse a favor de negociações quanto à indenização. Na época, quase todos os que estavam envolvidos no conflito, inclusive o conde Li, tinham se resignado a ceder em alguma medida à extorsão francesa, a fim de evitar uma guerra. Mas Cixi fez finca-pé: para os franceses, nem um *sou*.^{d29} Quando seus diplomatas se arrogaram o direito de fazer uma oferta, propondo uma quantia muito menor, ela os repreendeu com rudeza. Enfrentando a perspectiva de guerra, primeiro tentou uma mediação pelos Estados Unidos, e quando a França rejeitou a mediação, ela rilhou os dentes e proclamou que “a guerra é inevitável”.³⁰ Declarou a um dignitário, Shi Nianzu, numa audiência:

No tocante às relações da China com países estrangeiros, é melhor, claro, termos paz. Entretanto, antes de termos uma paz real, a China deve estar pronta para a luta. Se cedermos a todas as exigências, quanto mais desejarmos a paz, menos provável será que a obtenhamos.³¹

A França começou a Guerra Sino-Francesa em 5 de agosto de 1884, primeiro atacando Taiwan e, depois, aniquilando a esquadra chinesa em Fuzhou, na costa sudeste, e explodindo o Arsenal de Marinha de Fuzhou — construído sob a direção do francês Prosper Giquel. Em 26 de agosto, numa exposição de motivos carregada de ira, Cixi declarou que a China estava em guerra com a França. Acrescentou-se um toque moderno à antiga retórica beligerante: os nacionais de outros países, inclusive os cidadãos franceses, seriam protegidos. Quando Cixi soube que autoridades no litoral estavam afixando cartazes instando os habitantes chineses das ilhas do mar

Meridional a envenenar os alimentos fornecidos a navios franceses encalhados, ela fez publicar um edito proibindo isso e repreendeu as autoridades em questão, acrescentando que chineses de além-mar deveriam se manter fora do conflito militar.³²

Nos meses seguintes, seu exército obteve algumas vitórias e sofreu um número bem maior de derrotas. Entretanto, em fins de março de 1885, a China venceu uma importante batalha do desfiladeiro Zhennan, na fronteira, e, em consequência, os franceses se retiraram da estratégica cidade de Lang Son. O governo de Jules Ferry caiu. Seu sucessor logo tratou de encerrar a guerra. Em 9 de junho, o conde Li e o ministro francês Jules Patenôtre assinaram, em Tianjin, um tratado que era, em essência, igual à convenção Li-Fournier, do ano anterior. Os franceses estavam de volta à estaca zero, sem terem conseguido extrair da China um só franco. Para os chineses, o custo foi elevado, mas o conflito levantou tremendamente o moral do império. Nas palavras do grão-preceptor Weng, a vitória tinha “acabado de uma vez por todas com a dócil resignação do país a ser fraco”.³³

Cixi não só demonstrou que era capaz de travar uma guerra de vulto, como teve o tino de pará-la no momento certo. Depois das vitórias na fronteira, seus comandantes na frente de batalha tinham se mostrado ansiosos por manter o conflito. Mesmo o vice-rei Zhang Zhidong, em geral judicioso, defendera a ideia de conservar Lang Son e algum território vietnamita adicional, na fronteira, como uma zona-tampão. Cixi lhes enviou uma série de ordens urgentes e não negociáveis, dizendo-lhes enfaticamente que cessassem as ações militares e retirassem as tropas.³⁴ Disselhes que não tinham como “estar seguros de que haveria novas vitórias; e que mesmo que estivessem, afinal o Vietnã não nos pertence”. Ela sabia que o Vietnã tinha uma longa história de resistência à dominação chinesa (o nome chinês do desfiladeiro na fronteira, Zhennan, na verdade significa “subjugar o Vietnã”) e que dessa vez os vietnamitas vinham ajudando ativamente os franceses.³⁵ Entrementes, os franceses estavam impondo um bloqueio a Taiwan e pareciam dispostos a atacar se a guerra prosseguisse, e nesse caso talvez a

China perdesse Taiwan. Os telegramas de Cixi eram escritos na linguagem mais dura possível, e diante disso o vice-rei e os comandantes obedeceram. Mais tarde, em retrospecto, o príncipe Chun escreveu:

Não fossem o descortino e a determinação da imperatriz-viúva em alcançar a paz com a França, teríamos nos complicado em guerras intermináveis e perigosas, veríamos nossos cofres vazios e nossa defesa debilitada.^e Não cabe imaginar o que poderia ter acontecido.³⁶

A forma como Cixi conduziu o conflito conquistou o respeito do império. Robert Hart proclamou: “Não creio que alguém dirá que a China se saiu mal das atribulações deste ano”. No banquete que se seguiu à assinatura do tratado de paz, seu signatário francês, Patenôtre, se entusiasmou:

Tenho plena certeza de que o acordo diplomático que há pouco assinamos fará mais do que apenas pôr um ponto final em nossos litígios passados e, espero, apagá-los celeremente de nossa memória. Ao criar novos laços entre a França e a China [...] o tratado de 9 de junho sem dúvida ajudará a firmar e desenvolver entre o Império Chinês e os países estrangeiros aquela comunidade de interesses que tem sido sempre o fator mais efetivo para cimentar a amizade entre os povos.

O conde Li respondeu no mesmo tom: “De hoje em diante a amizade entre nossos dois países fulgirá com o mesmo brilho do sol da manhã ao emergir das trevas noturnas”.³⁷

Depois da guerra com a França, Cixi se concentrou em reconstruir e modernizar a esquadra, baixando decretos em tinta carmesim para frisar o significado do programa. (Ela raramente escrevia com tinta carmesim, símbolo da autoridade do monarca.)³⁸ Mais navios de guerra foram

comprados da Europa, e instrutores ocidentais treinaram seus tripulantes. Na primavera de 1886, ela mandou o príncipe Chun inspecionar a recém-equipada Frota do Norte na costa diante dos Fortes Dagu. O príncipe levou consigo o eunuco-chefe de Cixi, Lee Lianying, sabidamente muito próximo a ela. De pé ao lado do príncipe e carregando para ele o narguilé, a figura de Lianying chamava a atenção na comitiva.

O príncipe o convidara de caso pensado. Dezessete anos antes, Cixi enviara An Pequeno, predecessor de Lianying, a Suzhou para comprar o enxoval de casamento do filho. An Pequeno fora decapitado por sair da capital, cabendo ao príncipe Chun o papel de principal instigador de sua execução. Agora o príncipe fazia para Cixi um gesto de penitência por seu horrível procedimento. Ao convidar o eunuco favorito dela para uma viagem fora de Beijing, na qual ele viajaria num navio moderno e navegaria no oceano, o príncipe estava apresentando a Cixi um pedido de desculpas. Embora tardio, com certeza seria compreendido.

O príncipe Chun fez esse gesto extraordinário porque realmente queria mostrar a Cixi sua admiração pela forma como ela defendera o império. Durante esse período, ela celebrou tratados com potências europeias e arrancou delas compromissos de respeitar as fronteiras da China, que foram desenhadas formalmente nessa época e permanecem quase as mesmas até hoje. Entre esses tratados havia um com a Rússia (1881), outro com a França (relativo à fronteira com o Vietnã, 1885) e um terceiro com a Grã-Bretanha (referente à Birmânia, 1886, e ao Sikkim, 1888). Foi principalmente graças a ela que durante aqueles anos, quando as potências europeias estavam cobrindo o globo de colônias, engolindo reinos antigos e retalhando velhos continentes, a China foi deixada em paz.

No começo de 1889, no auge de suas realizações, a imperatriz-viúva anunciou que estava para se aposentar e ceder o poder a seu filho adotivo de dezessete anos. Em seu reinado, a receita anual da China duplicara.³⁹ Antes

que ela chegasse ao poder, a arrecadação fora de mais ou menos 40 milhões de taéis, mesmo nas épocas mais prósperas, como no reinado de Qianlong, o Magnífico. Agora a receita se elevava a 88 milhões, um terço dos quais provinha de tarifas alfandegárias — resultado da política de portas abertas. Antes de voltar ao harém, ela preparou uma lista de honrarias, agradecendo a cerca de cem servidores, vivos e mortos, por seus serviços. O segundo nome nessa lista era o de Robert Hart, inspetor geral da Alfândega, por criar uma instituição bem organizada e eficiente, isenta de corrupção, que “produzira receitas muito substanciais e sempre crescentes para a China”. A receita alfandegária tinha contribuído para salvar milhões de vidas. No ano anterior, 1888, mesmo com o país vitimado por enchentes, terremotos e outros desastres naturais, o governo pôde gastar 10 milhões de taéis de prata para comprar arroz e alimentar a população.⁴⁰ A honraria que ela conferiu a Hart foi o Grau Ancestral da Primeira Classe da Primeira Ordem por Três Gerações — a distinção suprema, pois o título era concedido aos *ancestrais* de Hart por três gerações, e não a seus descendentes.⁴¹ Hart escreveu a um amigo: “Vindo dos chineses, nada poderia ser mais honroso; seja como for, fico extremamente grato que a imperatriz-viúva tenha feito isso por mim antes de se aposentar”.

Um dos decretos de Cixi agradecia a todos os enviados estrangeiros pela ajuda prestada na criação de relações amistosas entre seu próprio país e a China. Ela determinou ao Ministério das Relações Exteriores que selecionasse um dia para um faustoso banquete em homenagem aos enviados, quando a cada um seria presenteado um *ru-yi*, cetro que simbolizava votos de felicidade, feito basicamente de jade, mas também de seda e brocados, que ela escolheu pessoalmente. O banquete, realizado em 7 de março de 1889 e durante o qual diplomatas ocidentais a cumularam de louvores, marcou um ponto alto de seu reinado.⁴²

Um convidado que fez uso da palavra, espontaneamente, naquele dia, foi Charles Denby, ministro americano em Beijing, de 1885 a 1898. Mais tarde ele discorreu, em seu livro acerca da China, sobre a “esplêndida reputação”

de Cixi entre os ocidentais na época e também a respeito de suas muitas realizações. Além do fim de lutas intestinas e da manutenção da integridade do império,

criou-se uma ótima esquadra e o Exército melhorou. O telégrafo elétrico cobriu todo o país. Arsenais e estaleiros navais surgiram em Foochow [Fuzhou], Shanghai, Cantão, Taku [Dagu] e Port Arthur. Adotaram-se na mineração métodos ocidentais e se construíram duas linhas de estradas de ferro. Barcos a vapor passaram a singrar os principais rios. O estudo da matemática reviveu, e se introduziram as ciências físicas nos exames competitivos. Havia absoluta tolerância em questão de credos, e os missionários podiam atuar em qualquer ponto da China [...]. Durante o período de governo da imperatriz, nossos próprios compatriotas criaram muitas escolas e faculdades na China.⁴³

Além disso, o reinado de Cixi foi o mais tolerante na história da China. Já não se matavam pessoas pelo que diziam ou escreviam, como fora a norma anteriormente. Para mitigar a pobreza, ela deu início a programas de importação de alimentos em grande escala, e a cada ano gastava centenas de milhares, até milhões de taéis na compra de alimentos para a população. Como notou Denby: “Ao longo desse período de sua carreira, ela se mostrou gentil e misericordiosa para com seu próprio povo, e para com os estrangeiros, foi justa”. As relações exteriores melhoraram em aspectos fundamentais, e o relacionamento entre a China e os Estados Unidos se manteve “sereno e satisfatório”. O mais importante, observou o ministro americano, foi que “se pode afirmar com ênfase que a imperatriz-viúva foi a primeira pessoa de seu povo a compreender o problema da relação da China com o resto do mundo e a utilizar essa relação para fortalecer sua dinastia e promover o progresso material”. Com efeito, Cixi havia acabado com o autoimposto isolamento da China e inserido o império na comunidade internacional — e assim procedeu para beneficiar seu país. “Naquela época”, sintetizou Denby, “ela era universalmente estimada pelos estrangeiros e

reverenciada por seu próprio povo, além de ser considerada um dos maiores vultos na história [...]. Em seu governo, de um quarto de século, a China fez progressos imensos.”

O embrião de uma China moderna ganhara forma. Foi Cixi quem o criou. Como acentuou Denby, “ninguém negará que as melhorias e o progresso acima esboçados se devem sobretudo à vontade e ao poder da imperatriz regente”. Com esse notável legado, Cixi passou as rédeas do império a seu filho adotivo, o imperador Guangxu.

a Li: unidade de distância chinesa, equivalente a cerca de 576 metros. (N. E.)

b A China pagou à Rússia por manter Ili fora das mãos de rebeldes e por permitir que o comércio prosseguisse. Esse pagamento não foi uma reparação de guerra, embora os livros de história chineses usem o mesmo termo, *pei-kuan*, e tratem as duas situações como se fossem a mesma coisa.

c De acordo com o sistema chinês.

d *Sou*: antiga moeda francesa, equivalente a cinco cêntimos. (N. E.)

e Ainda hoje há quem critique Cixi por ter posto fim à Guerra Sino-Francesa depois que a China venceu essas batalhas. Seus críticos parecem dar a entender que a China deveria ter mantido o controle do Vietnã, um país soberano.

PARTE IV
O IMPERADOR GUANGXU
ASSUME O PODER
(1889-98)

13. Guangxu se afasta de Cixi (1875-94)

Nascido no 28^o dia do sexto mês lunar de 1871, o imperador Guangxu ascendeu ao trono aos três anos de idade, quando o próprio filho de Cixi, o imperador Tongzhi, morreu sem deixar herdeiro. Ela o adotou e fez dele o imperador seguinte, em parte para elevar a posição de um membro da família — o filho de sua irmã — e em parte para punir o pai do menino, o príncipe Chun. Não sentia pela criança amor real, pelo menos não o tipo de amor que dedicara ao filho falecido. Tirado de casa e levado para a frígida e impessoal Cidade Proibida no meio de uma noite de inverno, o menino foi separado dos pais e também da ama de leite, que não teve permissão de acompanhá-lo. No palácio, foi entregue aos cuidados de eunucos. Cixi lhe disse que a chamasse de “Papai Querido” (*qin-ba-ba*), e quando mais velho ele passou a chamá-la de “Meu Pai Régio” (*huang-ba-ba*). Cixi aspirava representar um papel masculino. Como mãe, era mais desvelada do que carinhosa e não tinha nenhuma ternura instintiva por crianças. Certa vez, numa festa na corte para senhoras aristocratas, uma menininha começou a berrar e não parou mais. Zangada, Cixi ordenou à mãe da criança que a levasse dali, dizendo-lhe, enquanto a mulher, em lágrimas, caía de joelhos: “Estou mandando-a embora do palácio para lhe ensinar uma lição, que deve ser passada à sua filha. Não culpo a criança. Culpo a senhora e tenho pena

da menina. Mas ela deve ser punida, como a senhora também”.¹ Durante algum tempo a família não foi convidada de novo.

Para o menino imperador, a imperatriz Zhen era uma figura mais maternal do que Cixi. No entanto, ela morreu em 8 de abril de 1881, aos 43 anos, quando ele tinha nove. A criança não conseguia parar de chorar junto de seu ataúde. Houve quem acusasse Cixi de ter envenenado a imperatriz Zhen, mas nunca surgiu nenhuma prova disso. Na realidade, é quase certo que ela foi vítima de uma intensa hemorragia cerebral, como concluíram os legistas que estudaram seus prontuários médicos. Ao que parece, a imperatriz tinha histórico de acidentes vasculares cerebrais, dos quais o diário do grão-preceptor Weng registra ao menos três.² O primeiro ocorreu já em 1863, quando ela desmaiou de repente e perdeu a capacidade de falar durante quase um mês. O fato de ela “falar devagar e com dificuldade” em audiências pode ter sido consequência desse derrame. Por ocasião do último episódio, ela ficou inconsciente e morreu dias depois.

Cixi cobriu-se de luto pela imperatriz Zhen como faria por um parente íntimo e de alta posição — enfaixando a cabeça com uma echarpe de seda branca. Isso ia além das normas de etiqueta prescritas para a imperatriz-viúva e lhe valeu a “imensa admiração” de tradicionalistas, como o grão-preceptor Weng. Embora as regras dinásticas só requeressem um período de luto de 27 dias, Cixi o ampliou para cem dias, durante os quais foram proibidas todas as atividades festivas, como casamentos. Além disso, decretou que a música estava proscriita na corte durante 27 meses.³ Isso, pouco mais de um ano depois da proscrição de quatro anos pela morte de seu filho e no meio de uma doença durante a qual ela ansiava por música, representou um enorme sacrifício. Tão carente de música ela se sentia que meses antes do fim da proscrição já começou a planejar espetáculos e selecionar cantores de fora da corte. Dias depois do fim da proscrição, no verão de 1883, ela assistiu a óperas, sem interrupção, durante dez horas. Posteriormente houve longos espetáculos em vários dias, um deles durando doze horas.

A morte da imperatriz Zhen privou o imperador Guangxu de uma figura materna. Deixou também um vácuo, já que não havia quem agisse como conciliador entre ele e Cixi. Quando a criança cresceu e se afastou cada vez mais de seu Papai Querido, não havia ninguém capaz de reaproximar um do outro. Além de não existir alguém em posição para tanto, ninguém saberia mesmo como proceder. A imperatriz Zhen, superior a Cixi na hierarquia, sua amiga dos dias de adolescência e companheira no episódio do golpe, pelo qual ambas tinham se arriscado à morte por mil cortes, fora a única pessoa perante quem Cixi mostrava humildade. Cixi respeitara o discernimento da imperatriz numa parceria que se estendera por duas décadas e se submetera a ela no tocante a assuntos domésticos — até mesmo numa questão crucial como a escolha de uma esposa para o filho. Sem a ajuda da imperatriz Zhen, Cixi não teve como evitar a deterioração gradual de sua relação com o imperador Guangxu, o que resultaria em desastres não só para o império como também para eles dois.

Nesse estágio, Cixi procedia como um pai ou uma mãe ausente, que, afora receber, a cada dia, as saudações rituais do menino, limitava o envolvimento com ele à sua educação. Ela escolheu o grão-preceptor Weng, que dera aulas a seu falecido filho, como o mestre principal do novo imperador. O fato de ela e Weng, conservador, terem discordado em tantas questões não impediu que ela o nomeasse para essa função. Por consenso geral, Weng era o mais correto e renomado dos letrados, e podia-se confiar em que instilasse na criança todas as qualidades necessárias a um bom imperador. Ainda que aberta a ideias ocidentais, Cixi apreciava profundamente a cultura chinesa. Tomava-se como pacífico que um monarca chinês fosse educado à maneira chinesa. Não lhe parece ter ocorrido que aquele imperador devesse ser educado de modo diferente, mas mesmo que isso passasse por sua cabeça, nenhuma outra maneira teria sido aprovada pelos dignitários, que tinham voz ativa na educação do imperador. Em resultado disso, o imperador Guangxu foi moldado como seus ancestrais: nenhum aspecto de sua educação o preparou para lidar com o mundo moderno.

O menino imperador começou a tomar aulas aos quatro anos. Num dia ensolarado de começo de primavera, foi levado à sala de estudos para conhecer seus preceptores. Sentado diante de uma mesa baixa, abriu uma grande folha de papel e pediu um pincel. Já tinha aprendido a escrever alguma coisa. O grão-preceptor Weng molhou um pincel num tinteiro e o entregou à criança, que começou a escrever duas frases, cada qual com quatro caracteres, com uma caligrafia que seu preceptor qualificou como “extremamente simétrica e agradável”. Uma das frases dizia “paz e estabilidade sob o céu”; a outra, “correto, magnânimo, honrado e sábio”. Ambas as frases representavam ideais confucianos a que um bom monarca deveria aspirar. Depois desse prazeroso começo, o grão-preceptor Weng mostrou ao menino a palavra que significa “moralidade do imperador”, *di-de*, que ele repetiu com o preceptor quatro vezes. Em seguida, Weng abriu um livro de ilustrações, *Lições para um imperador*, em que havia retratos de imperadores famosos por seus predicados ou malvistas por suas deficiências. À medida que ele explicava por que eram bons ou ruins, o dedo do menino, seguindo o do mestre, se deteve sobre as efígies dos míticos imperadores Yao e Shun, das Três Grandes Dinastia Antigas, cultuados como monarcas exemplares. O menino parecia atraído por eles. Depois de ver os retratos, ele pediu ao grão-preceptor Weng que escrevesse de novo “moralidade do imperador”, e o mestre o atendeu. A criança fitou a palavra durante algum tempo, e a primeira aula chegou ao fim.⁴

Essa primeira lição, registrada pelo grão-preceptor Weng em seu diário, dá uma ideia da educação do imperador Guangxu e do tipo de aluno que ele se tornaria. Bem o oposto de seu primo e predecessor imediato, o imperador Tongzhi, que detestava as aulas, Guangxu parecia fascinado por elas. Com cinco anos, para assombro de Cixi, ele não parava de ler — “sentado, em pé, caminhando ou deitado” — obras que deveriam ser para ele clássicos incompreensíveis.⁵ É bem possível que essa dedicação tivesse alguma coisa a ver com a forte ligação que ele formou com seu mestre, Weng. O menino

queria agradar ao ancião. Quando ele tinha seis anos, Weng viajou por algum tempo, para cuidar de reparos nos túmulos de sua família. Durante sua ausência, o menino brincou como uma criança normal e não fez os deveres que o preceptor lhe deixara. Weng lhe pediu que recitasse alguns textos clássicos vinte vezes, para decorá-los, mas Guangxu só os leu uma vez. No dia em que Weng voltou, o menino se atirou em seus braços e exclamou: “Senti sua falta durante tanto tempo!”⁶ A seguir, foi para sua mesa e começou a recitar os textos, vinte vezes cada um. Um eunuco presente comentou: “Há quanto tempo não ouvíamos esse som!”.

Com forte motivação e boa memória, o imperador Guangxu fez progressos rápidos. Os diários do grão-preceptor Weng, em que abundavam explosões de fúria contra o aluno anterior, estavam agora cheios de exclamações elogiosas, como “bom”, “muito bom”, “ótimo” e “brilhante!”. Aos nove anos, o imperador era capaz de decorar leques com uma caligrafia que “tem um toque verdadeiramente artístico”, comentou o feliz preceptor, ele próprio famoso calígrafo. Mal chegado à adolescência, o menino era capaz de escrever rapidamente poemas e dissertações “bastante fluentes”, como se ideias maduras voassem “com asas” de seu cérebro jovem.⁷

Todas as horas do jovem eram dedicadas ao estudo, que incluía a língua manchu, assim como noções de mongol, embora os clássicos chineses constituíssem a disciplina principal. A partir dos nove anos ele começou a ler relatórios e a escrever neles instruções com tinta carmesim. Para isso, fizeram-se cópias de alguns relatórios para que ele treinasse. Como naquela época a língua chinesa não tinha sinais de pontuação, o menino precisava primeiro dividir os textos, às vezes longuíssimos, em frases, marcando cada pausa com um ponto carmesim. As instruções que dava eram sensatas, ainda que, compreensivelmente, limitadas a generalidades. Às vezes, Cixi sentava-se com ele enquanto o menino treinava, tal como hoje em dia uma mãe acompanha o dever de casa do filho. Um governador enviou uma carta solicitando um exemplo da caligrafia do imperador, que seria entalhada numa placa e montada sobre a entrada de um templo ao deus do Trovão.⁸

Ao que parece, alguém vira uma aparição do deus, o que os moradores do lugar, assustados, interpretaram como sinal de que tempestades destruiriam suas plantações. Um gesto de reverência ao deus por parte do imperador poderia aplacar a ira divina. O menino, de nove anos, atendeu ao pedido, escrevendo um texto que ele evidentemente absorvera de suas leituras. Cixi lhe mostrou então o que ele poderia dizer de mais específico, acrescentando a instrução de que o governador não deveria contar apenas com o texto do imperador para garantir boas colheitas e que os deuses ficariam mais satisfeitos se ele cumprisse seus deveres de forma conscienciosa.

Em outro relatório, enviado pelo marquês Zeng Jr., no qual ele propunha que diplomatas em começo de carreira fossem autorizados a passar as férias na China, com as despesas pagas pelo governo, o menino, agora com dez anos, deu sua permissão. Cixi lhe expôs um princípio que ela defendia: “O importante é escolher as pessoas certas. Feito isso, não lhes negue despesas”.⁹

Assim o imperador Guangxu foi sendo preparado, pela imperatriz-viúva e por seus preceptores, para ser um imperador criterioso. Aos dez anos, já dava audiências ocasionais. Quando Cixi adoecia, ele assumia seu lugar e já era capaz de conversar com autoridades: “Como vai a agricultura em Henan? Ainda não choveu? Na capital, também estamos sofrendo com a seca. Como desejamos chuvas!”. Eram os comentários convenientes que se esperavam de um bom imperador. E o grão-preceptor Weng se sentia “muito recompensado e satisfeito”.

De fato, o imperador Guangxu foi formado para ser o modelo de um monarca confuciano. Com o grão-preceptor, aprendeu a desprezar a “riqueza pessoal”, *cai*, e declarou que preferia a “parcimônia”, *jian* — o que levou o ancião a exclamar: “Que grande felicidade para todos sob o céu!”. Suas centenas de dissertações e poemas, bem conservados em envelopes de seda amarela nos arquivos da Cidade Proibida, expressavam principalmente suas reflexões a respeito de como ser um imperador digno.¹⁰ A “assistência às pessoas” (*ai-min*) era um de seus temas constantes. Escrevendo a respeito do luar sobre um lago do palácio, o imperador pensava sobre aldeões

distantes e famintos, que dividiam com ele a mesma lua, mas não o luxo. No verão, ao se refrescar num pavilhão aberto, mordiscando frutas geladas, seus poemas falavam da piedade que ele sentia por camponeses que labutavam sob o sol escaldante. E no inverno, atizando um braseiro dourado no palácio aquecido, ao mesmo tempo em que escutava os uivos do vento, ele imaginava como o vento estaria açoitando “dezenas de milhares de famílias em casas inadequadas”.

Seus sentimentos, bem como a linguagem que ele empregava para expressá-los, correspondiam exatamente ao modelo, estabelecido ao longo de séculos, para um bom imperador confuciano. No entanto, apesar de todas as preocupações que expressava pelos súditos, o imperador nada tinha a dizer sobre como melhorar a vida deles com meios modernos. Em seus textos não há uma só menção a indústrias, comércio exterior. A mente jovem do imperador estava congelada no passado.

Educado como um purista confuciano, ele via a diversão como pecaminosa. Passava os feriados, como também os aniversários, na sala de estudos. Quando fez oito anos, a corte encenou óperas durante vários dias. A cada dia ele passava algum tempo vendo o espetáculo, porém logo voltava para os livros. Era um aluno diligente, mas Weng também lhe ensinara a antipatizar com a ópera por causa de seus exageros dramáticos e melodias cativantes, tidas como “vulgares”. Para a alegria de seu preceptor, o menino disse que considerava a ópera uma coisa que só servia para os servos e que preferia os “sons elegantes dos sinos e tambores”, uma música antiga que era majestosa (embora monótona), fora aprovada por Confúcio e se destinava não à diversão, e sim à contemplação e ao cerimonial.

O menino fugia de brincadeiras ou de qualquer atividade física vigorosa, inclusive equitação, que constava do currículo para a formação de um imperador manchu. Para cumprir sua obrigação, dispunha de um cavalo de madeira, no qual montava para as aulas.¹¹ Entretanto, gostava de exercitar as mãos e tinha mania de desmontar e remontar relógios de algibeira e de

parede. Os eunucos compravam esses objetos europeus de um dinamarquês empreendedor que tinha uma loja na capital.¹²

Guangxu era fisicamente débil, tímido e nervoso, gaguejava e se assustava facilmente.¹³ O barulho de trovões o aterrorizava. Sempre que havia uma tempestade, um grande grupo de eunucos se juntava ao redor dele, gritando a plenos pulmões para abafar os trovões.¹⁴ Ao contrário de seu Papai Querido ou do primo, o imperador Tongzhi, Guangxu parecia destituído de vitalidade. Não manifestava nenhuma vontade de viajar, nem mesmo de sair da Cidade Proibida: sentia-se feliz isolado do mundo.

Na Cidade Proibida, o estudo intenso dos clássicos durou uma década, o tempo necessário para produzir um letrado. Findo esse período, os preceptores do imperador Guangxu declararam que ele completara seus estudos “com louvor”. No verão de 1886, quando ele fez quinze anos, foi considerado qualificado para governar a China. Cixi sentiu-se obrigada a baixar um edito, instruindo o astrólogo da corte a selecionar uma data auspiciosa, no começo do ano entrante, para que o jovem assumisse o poder.

A iminente saída de Cixi criou pânico entre os modernizadores. Sem sua energia e iniciativa, era provável que os projetos de reforma que ela lançara perdessem força e se extinguissem. Durante dias o conde Li esteve “impossibilitado de dormir ou comer direito”, sentindo-se “num constante estado de nervosismo”. Por fim, decidiu escrever ao príncipe Chun, suplicando-lhe que pensasse num meio de manter Cixi no comando do governo. O príncipe tinha plena consciência de que o filho não estava à altura de Cixi, de modo que liderou uma campanha de petições, persuadindo Cixi a atuar como “guardiã” do imperador durante mais alguns anos. Pressionou o filho a se pôr de joelhos e pedir à imperatriz-viúva que não deixasse suas funções. Cixi incentivou a campanha, fazendo com que o Grão-Conselho redigisse petições a serem assinadas por autoridades. Uma delas, cumulando-a de elogios, proclamava que ela “levara o país a uma fase

nova e gloriosa, sem precedentes em sua longa história” — parecer que o grão-preceptor Weng, ansioso para que seu aluno assumisse seu lugar de direito, julgou “impróprio”. Como sempre, Cixi analisou todos os ângulos e previu o receio de alguns peticionários de que, pedindo que ela adiasse a entrega do poder, pudessem aborrecer o imperador. Por isso, fez com que fosse divulgada a informação de que o próprio imperador lhe rogara de joelhos que ficasse.

Por fim, Cixi anunciou que “continuará a atuar como guardiã durante mais alguns anos”.¹⁵ O conde Li exultou. O príncipe Chun escreveu: “Meu coração, que esteve em minha boca durante dias, voltou agora a seu lugar natural. Isso é realmente motivo de alegria para todos no império”. E o conde Li comentou: “Essas são palavras extremamente verdadeiras”.¹⁶ O grão-preceptor Weng não ficou nada satisfeito, mas, como veterano cortesão, não protestou. Quando a imperatriz-viúva lhe perguntou se seu aluno estava realmente pronto para assumir o poder, ele respondeu que, como preceptor do imperador, não podia se jactar de que sua majestade não deixara margem alguma para melhoria; e que, mesmo que houvesse deixado, “os interesses da dinastia tudo suplantam”.¹⁷

O imperador Guangxu se desapontou. Depois de ser forçado a fazer a falsa “súplica”, passou mal vários dias — “acamado, com resfriado e dor de cabeça”, registrou Weng. O imperador suspendeu as aulas, e quando voltou a ver seu preceptor parecia tão deprimido que o ancião, esforçando-se por animá-lo, rompeu em lágrimas. O rapaz, antes circunspecto, passou a se mostrar exaltado. O preceptor o encorajou a falar à imperatriz-viúva sobre o que sentia, mas Guangxu não o fez. Dentre todas as virtudes enaltecidas por Confúcio, a principal era a devoção filial.* O conceito fora martelado na mente do rapaz em parte por rituais: todo dia, se estivessem na mesma residência, ele jamais deixava de procurar seu Pai Régio para lhe desejar “bom dia” e “boa noite”. Tinha de lembrar a si mesmo, constantemente, que “não fosse desrespeitoso”, mas seu coração se amargurava. Como sua mente

não estava mais nos estudos, o preceptor, antes jubiloso, agora passou a lamentar a desconcentração do aluno.¹⁸

Dado à introversão, o imperador Guangxu se tornou cismarento. Sua saúde se deteriorou e, a intervalos de poucos dias, ele tomava uma espécie de ensopado medicinal.¹⁹ Escreveu mais tarde que foi a partir dessa época que ele passou a “sentir um frio permanente em torno dos tornozelos e joelhos e contraía um resfriado à menor corrente de ar” ou “se não estivesse bastante agasalhado de noite”. Sua voz caiu ao nível de um sussurro e era ininteligível aos servidores nas poucas audiências que dava. Até sua caligrafia evidenciava sinais de fraqueza: as pinceladas escorriam, tremidas, e os caracteres se reduziam à metade do tamanho habitual, como se ele estivesse debilitado demais para segurar o pincel.

Cixi estava consciente do estado do filho adotivo. Pediu ao grão-preceptor Weng que o convencesse a voltar aos estudos, justificando em lágrimas a protelação da passagem do poder como o cumprimento de seu “dever para com os antepassados”.²⁰ Mas o único remédio para a indisposição do imperador seria Cixi lhe transmitir o poder, o que ela não se dispunha a fazer.

O imperador Guangxu fez dezesseis anos no verão de 1887. Essa fora a idade com que o falecido filho de Cixi se casara, e os preparativos do casamento tinham começado quando ele fizera treze anos. Cixi havia postergado o casamento do filho adotivo porque ele assinalaria a maioridade do rapaz, depois da qual seria muito difícil ela continuar a governar. Contudo, o casamento não podia ser adiado indefinidamente, e a seleção nacional das consortes tinha de começar. O processo era demorado, e um dia, em 1888, o imperador Guangxu explodiu de frustração. Recusou-se a ir a uma aula programada e tomado de enorme agitação quebrou a vidraça de uma janela.²¹ (Sabidamente, o imperador tinha mau gênio, e certa vez, como narrou Weng, seu preceptor, “num acesso de fúria fez com

que três eunucos do Departamento do Chá fossem severamente açoitados, um deles chegando a correr risco de vida, e tudo por ninharias”.²²) Agora a raiva que tinha do Papai Querido não pôde mais ser contida. Cixi foi apanhada de surpresa. Dois dias depois desse incidente, ela anunciou que o casamento estava marcado para o começo do ano seguinte. Logo se seguiu outro decreto, declarando que ela se afastaria do poder imediatamente após o casamento — e diante disso seu filho adotivo emitiu seu próprio decreto, em que tomava providências a respeito da cerimônia de afastamento dela, não permitindo que ninguém interviesse. Dias depois desses anúncios, Cixi deixou a Cidade Proibida e se mudou para o Palácio do Mar, que seria sua residência no futuro. A pintura em seus novos aposentos ainda não secara, e ela teve de ficar num apartamento temporário.

Na qualidade de imperatriz-viúva, Cixi tinha o direito de ajudar a decidir quem seria a esposa de seu filho adotivo. Desejava uma imperatriz que lhe obedecesse totalmente. Depois do processo obrigatório de seleção, ela deixou clara sua escolha: uma filha de seu irmão, o duque Guixiang.^{**} Sempre gostara da moça e a “reservara” como imperatriz durante alguns anos.²³ Longyu era dócil e de boa índole, além de ter boas maneiras. No entanto, era muito simples — um defeito não compensado por uma inteligência viva. E sendo três anos mais velha do que o imperador, tinha 21 anos na época do casamento, bem acima da idade normal para uma noiva real. Mesmo numa família média, ela seria vista como solteirona. Quando o grão-preceptor Weng registrou a escolha das consortes, omitiu a idade da nova imperatriz, mencionando apenas a idade das duas concubinas, Pérola, de doze anos, e Jade, de catorze.

O imperador Guangxu não gostava de sua imperatriz — e menos ainda do pai dela. O duque Guixiang era alvo de escárnio.²⁴ Fumava ópio, embora a irmã, a imperatriz-viúva, odiasse a droga. Tido como homem de irremediável incompetência, nunca exerceu nenhuma função importante. Como esbanjara a maior parte de seu patrimônio, Cixi sentia-se obrigada a subsidiar a família dele, não lhe dando dinheiro, que talvez fosse

diretamente para o vendedor de ópio, mas ofertando-lhe presentes de vez em quando. Quando os eunucos chegavam com um vaso de porcelana ou uma caixa de joias em cloisonné, enviado pela imperatriz-viúva, esperavam ricas gorjetas, que o duque tinha de levantar empenhando algum objeto. Os eunucos calculavam o momento da chegada de modo a dar à família tempo para visitar a casa de penhores, e nesse ínterim matavam o tempo na casa do duque, cumprimentando todos os moradores e fazendo elogios sem fim à duquesa, que não resistia à lisonja. Depois de receberem suas gorjetas, os eunucos ridicularizavam a duquesa entre si. Ela e o duque não eram os parentes de quem um imperador pudesse se orgulhar.

Esse casamento arranjado pôs a nu a incrível falta de sensibilidade de Cixi em relação ao filho adotivo. No caso do falecido filho, ela permitira que ele escolhesse sua noiva, embora tivesse dúvidas quanto à escolhida, uma moça cujo avô se suicidara por ordem dela e que bem poderia odiá-la por isso. Contudo, Cixi amava tanto o filho que não vetaria sua opção. Dessa vez, porém, ela escolhera a imperatriz para o filho adotivo sem nenhuma consideração por seus sentimentos. O imperador Guangxu não protestou explicitamente, em cumprimento ao código de obediência filial — e não havia como desafiar um personagem intimidante como o Papai Querido. Contudo, ele tinha sua própria maneira de retaliar e reservou uma surpresa para logo depois de sua acessão formal ao poder, em 4 de março de 1889.

Essa surpresa veio à luz depois do Dia de Cumprimentos por seu casamento, no qual tinham sido gastos 5,5 milhões de taéis.²⁵ Como é de imaginar, as festividades, esplêndidas, foram acentuadas pelo dia ensolarado. Levada numa liteira dourada, a imperatriz Longyu percorreu a avenida central na Cidade Proibida, aquela em que só um imperador (e uma imperatriz na ocasião de seu casamento) tinha permissão para passar. Em torno dela se estendia a imensidão da augusta seção frontal da Cidade Proibida, flanqueada por guardas pretorianos vestidos em uniformes vermelhos e por funcionários em mantos azuis, contra o fundo de paredes carmesins e telhados dourados. A liteira cruzou a Porta da Suprema

Harmonia, que sofrera um incêndio havia pouco tempo e era agora uma imitação provisória, feita de papel e madeira, embora parecesse tão monumental quanto a verdadeira. Tal como esse portal, o casamento da imperatriz Longyu seria de faz de conta.

Além do portal se erguia o mais suntuoso palácio da Cidade Proibida, o Pavilhão da Harmonia Suprema, *Tai-he* — onde ocorriam os mais importantes eventos da dinastia. O banquete de gala em homenagem ao pai da noiva, o duque Guixiang, estava programado para ter lugar ali, no dia seguinte ao Dia de Cumprimentos.²⁶ Entretanto, naquela manhã, segundo o grão-preceptor Weng, o imperador Guangxu se levantou, “queixou-se de sentir-se tonto” e “vomitou água”. Os médicos reais não diagnosticaram nele nenhum problema de saúde, mas mesmo assim o imperador declarou que devia evitar correntes de ar e se recusou a comparecer ao luxuoso pavilhão. O banquete teve de ser cancelado, e todos os dignitários ali reunidos foram obrigados a se retirar. Não havia notícia de um cancelamento dessa natureza, e os boatos logo começaram a correr na capital. O imperador fez questão de que essa desfeita à família de sua mulher ficasse bem clara, e para tanto fez com que a comida preparada, intocada, fosse distribuída aos funcionários constantes da lista de convidados, mas determinou especificamente que nada fosse levado à casa do sogro. É fácil imaginar o furor de Cixi ao tomar conhecimento da tremenda humilhação imposta a seu irmão. No Palácio do Mar, notou o grão-preceptor Weng, “os espetáculos de ópera não foram interrompidos”, apesar da notícia de que o imperador estava adoentado.

A partir de então, o imperador Guangxu tratou a mulher, a imperatriz Longyu, no mínimo com frieza. Diante de todos, na corte, ele a olhava como se ela não existisse. A moça tentava agradá-lo, o que só o irritava. Todos sabiam que quando ela “estava em sua presença, não era raro o imperador atirar nela seus sapatos”.²⁷ As tentativas de Cixi de supervisionar o filho adotivo foram contraproducentes e só serviram para tornar mais tensa sua relação com ele. Agora que ela estava obrigada a se afastar do governo, a

última coisa que o imperador Guangxu queria fazer era consultá-la sobre alguma coisa, menos ainda com relação a negócios de Estado.

O imperador preferia a concubina imperial Pérola, uma mocinha cheia de vida que, como notaram os eunucos, não se mostrava a ele como mulher. Não pintava o rosto e usava um corte de cabelo masculino, com um rabicho nas costas, um chapéu de homem, um colete de hipismo e botas de cetim preto.²⁸ Como mais tarde ele contou a seus médicos, entre eles um francês, o dr. Dethève, o imperador Guangxu vinha experimentando, desde o começo da adolescência, ejaculações noturnas involuntárias.²⁹ O som de instrumentos de percussão, em sonhos, o excitava, provocando essas emissões. Entretanto, em outras conjunturas, registrou o dr. Dethève no prontuário do monarca, essas ejaculações não ocorriam e “não há possibilidade de haver uma ereção”. Isso leva a crer que o imperador Guangxu era incapaz de práticas sexuais convencionais. Era o que pensavam os chineses na época — e chamavam o fato de “castração pelo Céu”. Assim, vestida como homem, Pérola não o pressionava para praticarem o coito, e ele podia se sentir à vontade com ela. O imperador apreciava instrumentos musicais como gongos, tambores e pratos — todos os que o excitavam sexualmente — e chegou a ser um competente percussionista.

Apesar dos problemas físicos, o imperador se incumbia de seus deveres reais conscienciosamente, continuando ao mesmo tempo seu estudo dos clássicos chineses e da língua manchu. Passava a vida exclusivamente na Cidade Proibida, só indo até o Palácio do Mar, adjacente, e fazendo visitas ocasionais a templos, a fim de rezar por boas colheitas, ou aos mausolés dos imperadores para pedir as bênçãos de seus ancestrais. Mantinha-se, como sempre, muito próximo ao grão-preceptor Weng, uma figura paterna com quem ele passara toda a infância e juventude e com quem ainda privava praticamente todos os dias. Havia outro preceptor, um homem de espírito moderno chamado Sun Jianai, que o exortava a pensar em reformas.

Todavia, o jovem imperador não estava interessado nisso. Tampouco ele tinha uma ligação forte com esse preceptor. Só Weng estava em condições de exercer influência sobre as políticas do reinado do imperador Guangxu.

Weng continuava a desdenhar o Ocidente, embora já não lhe votasse o ódio do passado e até visse com simpatia certas práticas ocidentais. A partir de descrições feitas por chineses que tinham viajado ao exterior, bem como da experiência pessoal de uma passagem por Shanghai, ele reconhecia os benefícios de indústrias como “siderúrgicas, estaleiros e fábricas de armamentos”.³⁰ Deixou-se fotografar, pela primeira vez, em 1887. Weng chegou a ponto de aprovar certas coisas que vira numa igreja católica que visitou. O orfanato da igreja, comentou, tinha alas separadas para meninos e meninas, construídas em “terreno elevado e isento de umidade”, além de serem “arrumadas e ordeiras”.³¹ A escola da igreja contava com quatro salas de aula, onde as crianças liam em voz alta, de modo encantador. Seus anfitriões foram “extremamente corteses” e os criados “recusaram gorjetas”. De maneira geral, o grão-preceptor tinha ficado bem impressionado. Em Shanghai, sentiu “forte aversão” pelos prédios ocidentais e preferiu ficar fechado, a sós, do que sair. Continuava a se opor à construção de estradas de ferro. Por ocasião de um incêndio na Cidade Proibida, pouco antes do casamento do imperador, ele viu no incidente uma advertência do Céu contra a iluminação elétrica, os barcos a motor e a pequena estrada de ferro nos palácios.³²

Cixi estava ciente das opiniões de Weng e da influência que ele exercia sobre seu filho adotivo. Mas pouco podia fazer com relação a isso, sobretudo por ter o jovem imperador adquirido tamanha aversão a ela e pela ligação emocional que ele tinha com o ancião. Antes da transmissão do poder, ela tivera uma reunião com o mestre e o discípulo, extraindo deles a promessa de que não mudariam o rumo que ela havia fixado.³³ No entanto, não pôde detê-los quando, antes que passasse muito tempo, eles arquivaram o projeto da grande ferrovia norte-sul que ela pretendia construir³⁴ e interromperam a reforma do meio circulante.³⁵ Quando a delegação de servidores que ela

mandara numa turnê mundial regressou à pátria, tanto eles quanto os conhecimentos que tinham trazido foram ignorados. Ansiosa por levar o filho adotivo a conhecer bem o Ocidente, Cixi “ordenara”, observou o grão-preceptor Weng, que ele aprendesse inglês.³⁶ Na qualidade de mãe, ela tinha o direito de opinar sobre sua educação, muito embora Guangxu fosse agora adulto e houvesse assumido o poder como imperador. E as aulas de inglês começaram, para o desalento do grão-preceptor. “Para que serve isso?”, perguntou ele. Em seu diário, ele lamentou: “Agora há livros estrangeiros na mesa imperial. Como isso me entristece!”³⁷ Guangxu persistiu nas aulas, em parte por causa da insistência de Cixi e em parte por achar a língua curiosa. Contudo, seu interesse era puramente acadêmico e não redundou em nenhuma iniciativa modernizante.

O imperador Guangxu nada fez para dar continuidade às reformas de Cixi e deixou que caducassem. Voltou à maneira imemorial de governar o império: mera administração burocrática, fazendo anotações sucintas, com tinta carmesim, nos despachos diários: “Relatório recebido”, “Aja como proposto”, “Para a repartição competente”. Suas audiências eram rotineiras e breves. Todos sabiam que o imperador “sofria de uma hesitação na fala [...] ele fala devagar e com dificuldade”.³⁸ De fato, mal se ouvia sua voz e ele gaguejava. Para lhe poupar o óbvio constrangimento de ter de falar, os servidores combinavam entre si fazer um monólogo depois da primeira pergunta do imperador, de modo a preencher o mínimo obrigatório de dez minutos. O imperador ainda se afligia com a “vida dura do povo”. Certa feita, quando uma inundação rebentou um dique, avançou contra Beijing e fustigou os muros da Cidade Proibida, o angustiado imperador se preocupou com o grande número de pessoas que moravam no caminho da inundação. Todavia, não fez nada além do tradicional: abrir centros de arroz e dirigir preces ao Céu. Não parece ter lhe ocorrido que a modernização pudesse proporcionar algumas soluções. As importações de alimentos continuaram, assim como o comércio exterior, mas o país entrou num

“período de marasmo”, notaram observadores ocidentais, “em que só os comerciantes estrangeiros se mostram ativos”.³⁹

Não se soube de petições que deplorassem essa letargia. Os tradicionais cães de guarda em volta do trono clamavam contra desvios dos precedentes, extravagância real ou outras transgressões dos preceitos do confucionismo — mas não contra a inação. Os debates sobre diretrizes que haviam animado a corte de Cixi cessaram de todo, uma vez que a elite se acomodou de volta à velha rotina. O príncipe Gong não fazia mais parte do governo, mas mesmo que fizesse, não seria a pessoa capaz de definir o temário ou lutar por mudanças. O príncipe Chun era capaz de trabalhar bem sob o comando de um líder, mas não seria, ele mesmo, esse líder. De qualquer forma, enfrentava doenças constantes e morreu no dia de Ano-Novo de 1891. O conde Li, que muitos ocidentais viam como “o maior modernizador da China e grande estadista”, era igualmente ineficaz sem Cixi. Embora conservasse seus cargos, tinha as mãos atadas: agora era seu arqui-inimigo e adversário político, o grão-preceptor Weng, quem se fazia ouvir pelo imperador.

Durante os dois anos posteriores a sua chegada ao poder, o imperador Guangxu não concedeu uma audiência ao corpo diplomático para receber suas credenciais. Quando o fez, a cerimônia — seu primeiro contato com ocidentais — se deu sem percalços. Ficara decidido, em 1873, por influência de Cixi, que os enviados ocidentais não tinham de fazer o *kowtow*. Seguindo esse precedente, os enviados se limitaram a uma mesura, a que o imperador Guangxu respondia com um aceno de cabeça. Na cerimônia, o príncipe Ching, que sucedera ao príncipe Gong como titular do Ministério das Relações Exteriores, recebia de cada um dos ministros sua cartas de congratulações e as depositava sobre o altar do dragão amarelo, antes de se pôr de joelhos e recitar uma espécie de declaração formal. Depois se levantava e lia a resposta real ao enviado. Esse procedimento se repetiu a cada vez que um ministro apresentou sua credencial. “A audiência transcorreu com êxito”, escreveu Robert Hart.⁴⁰ Os ministros teriam ficado

surpresos se tivessem posto os olhos no que o grão-preceptor Weng escreveu em seu diário. Na presença de sua majestade, registrou Weng, numa linguagem que não fora usada na corte de Cixi durante décadas, “os enviados estrangeiros bárbaros tremiam, tomados de susto, e com isso exibiram a apropriada reverência”.⁴¹

Os ocidentais tinham alimentado grandes esperanças em relação ao jovem imperador quando ele subiu ao poder.

Estradas de ferro, luz elétrica, ciências físicas, uma nova esquadra, um exército de peso, um sistema bancário integral, uma casa da moeda, tudo está em botão e em breve florescerá [...]. O reinado do jovem imperador será a era mais memorável na história da China.⁴²

Muitos tinham acalentado esse sonho, mas as sementes plantadas e cuidadas por Cixi com tanto zelo não tinham podido germinar, que dirá florescer.

O imperador Guangxu levava sua vida na pachorra, como um administrador consciencioso e inclinado para as letras, ao passo que o grão-preceptor Weng se entregava a demoradas apreciações de poesia e caligrafia. Ambos colhiam os frutos da paz e da estabilidade criadas por Cixi. Logo, porém, seriam rudemente atirados num turbilhão que mudaria tudo para eles — e para o império —, quando o Japão, tirando proveito da ausência de Cixi, atacou em 1894.

* Um dos heróis do grão-preceptor Weng era uma autoridade que, depois da morte dos pais, se recusou a ter sua própria doença tratada e morreu também.

** Depois de tornar o filho de sua irmã imperador, Cixi agora estava transformando a filha do irmão em imperatriz. O casamento de primos carnais era costumeiro.

14. O Palácio de Verão (1886-94)

Quando seu afastamento do poder foi suspenso em 1886, Cixi voltou a pensar seriamente em seu sonho dourado — restaurar uma parte do Antigo Palácio de Verão, arrasado havia mais de um quarto de século. Com o passar dos anos, a paixão por aquela maravilha do passado só tinha crescido, e sabia-se na corte que a maior ambição da imperatriz-viúva era restaurá-la, ao menos em parte.¹ Para financiar esse sonho, ela economizara algum dinheiro da verba de manutenção da casa real. Os eunucos observavam que Cixi era “extremamente econômica”, e suas damas de companhia se lembravam de que ela lhes recomendava que não jogassem fora os papéis e as fitas dos embrulhos de presentes. Cixi decidiu que, como primeiro passo, ela restauraria um palácio que adorava, chamado *Qing-yi-yuan*, ou Jardim das Ondas Claras, uma propriedade arborizada em torno do enorme lago Kunming. Ali as construções eram relativamente poucas e estavam menos danificadas, podendo ser reparadas sem incorrer em custos demasiado elevados.

Cixi sabia que o projeto fatalmente provocaria objeções. Mais de uma década antes, quando seu falecido filho, o imperador Tongzhi, pensou nesse projeto para que ela viesse a residir ali quando se afastasse do poder, a oposição foi tão veemente que a imperatriz-viúva se sentiu compelida a pedir seu cancelamento. Agora se ouviria o mesmo coro de desaprovação,

mesmo porque já lhe estava reservada uma residência oficial, o Palácio do Mar, adjacente à Cidade Proibida. Até a renovação desse palácio já suscitara críticas e enfrentava uma crônica escassez de recursos. Em certo momento, os empreiteiros, que empregavam milhares de trabalhadores, deixaram de pagar os salários na data devida, e os homens entraram em greve — e com isso a moderna palavra “greve” foi usada pela primeira vez em documentos da corte, em 1886-7.²

O Palácio do Mar desagradava a Cixi por se situar no centro de Beijing e não lhe oferecer o ambiente natural que ela tanto desejava. Sua alma ansiava pelo Antigo Palácio de Verão. Procurou justificar as obras com um decreto imperial em que, contra seus hábitos, inseriu um apelo pessoal. Minimizando a escala do projeto (“obras de reparo bastante limitadas”), declarou ao país que durante um quarto de século ela se desdobrara, cumprindo seu dever “dia e noite, temerosa como se estivesse à beira de um precipício, receando que alguma coisa pudesse sair errado”, e que trouxera “certa paz e tranquilidade” para o império. Em todos aqueles anos, nunca se permitira “viagens de prazer, como caçadas, enquanto monarcas anteriores haviam se deleitado a fartar”, porque ela não se esquecia “da vida dura do povo”. Garantiu que a construção “não lançaria mão de nenhum recurso do Ministério da Receita, de modo que não afetaria a subsistência do povo”, e implorou que “todos no império mostrassem compreensão”.³

De fato, embora Qianlong, o Magnífico, fizesse com frequência duas ou três longas viagens por ano, com a mãe e consortes, cada passeio desses a um custo de centenas de milhares de taéis, Cixi nunca se permitira nada disso, por mais que desejasse viajar. Budista devota, ansiava por conhecer a montanha de Wutai, um lugar sagrado do budismo, a sudoeste de Beijing, que soberanos anteriores tinham sempre visitado. Contudo, em vista do custo da viagem, ela aceitara o conselho do príncipe Gong e dos demais grão-conselheiros, abandonando a ideia.⁴ Agora estava dizendo aos nobres que, em troca de renunciar a viagens dispendiosas, como visitas ao Pavilhão de Caça, hábito dos imperadores no passado, ou uma expedição à costa para

inspecionar a esquadra recém-modernizada — o que poderia legitimamente fazer —, ela construiria sua sonhada residência na velhice.⁵ Não se ouviu nenhum protesto de vulto. E assim Cixi deu início à construção de seu Palácio de Verão, o *Yi-he-yuan*, os Jardins da Harmonia Protetora.

Hoje uma importante atração turística em Beijing, o Palácio de Verão deu ensejo a muitas críticas a Cixi. Afirmou-se que sua restauração custou dezenas de milhões de taéis, tirados por Cixi da esquadra, enfraquecendo-a e levando a uma devastadora derrota pelo Japão. É bastante provável que quem visite o Palácio de Verão ouça dos guias essa denúncia. A verdade sobre o custo e o desvio dos recursos é bem diferente. O Palácio de Verão não custou dezenas de milhões. O primeiro Jardim das Ondas Claras, criado pelo imperador Qianlong em meados do século XVIII, custara 4 402 852 taéis. Quando Cixi o reconstruiu, acrescentou vários pavilhões e confortos modernos, de modo que os gastos com certeza superaram aquela quantia. O orçamento inicial, preparado pelo Escritório de Contabilidade do projeto, cobria 56 canteiros (cerca de metade do total) e montava a 3 166 700 taéis. De acordo com historiadores chineses que estudaram detidamente a documentação, estima-se o custo total da restauração num máximo de 6 milhões de taéis.⁶ Isso representa pouco mais do que foi gasto no casamento do imperador Guangxu — 5,5 milhões de taéis (dinheiro que saiu do Ministério da Receita, sem provocar queixas de ninguém). Cixi entrou com 3 milhões de taéis, provenientes de suas economias das verbas de manutenção da casa real.⁷ E algumas autoridades contribuíram com “doações”. Mas ainda assim ela precisou de algum dinheiro do governo.

Embora todas as despesas públicas fossem autorizadas pela imperatriz-viúva, ela não podia simplesmente se assenhorear do quanto quisesse. Como havia prometido em seu decreto que não usaria dinheiro do Ministério da Receita, imaginou um método indireto para obter recursos públicos. A esquadra estava passando por um processo de modernização, dirigido pelo príncipe Chun, com orçamento colossal, da ordem de 4 milhões de taéis anuais. Não seria possível usar uma modesta fatia desse dinheiro — talvez

uma parcela dos juros que rendia o dinheiro depositado num banco estrangeiro — para ajudar na construção de seu Palácio de Verão, uma parcela que não fizesse diferença alguma para a esquadra? Ao que parece, foi isso que ela pensou. Cixi achava que o país não precisava saber de seu plano, se seu servidor dedicado, o príncipe Chun, e os demais o acobertassem. O montante exato que lhe coube não está claro. O que se sabe é que em determinado ano lhe foram prometidos 300 mil taéis, que parece ter sido a quantia anual costumeira. Em pouco menos de uma década, ela talvez tenha desviado cerca de 3 milhões de taéis — o que bate com o custo total das obras. Esse dinheiro não veio do capital dos recursos da Marinha depositados no banco, e intelectuais chineses concluíram que o esquema “não teve um impacto substancial sobre a esquadra”.

Embora o impacto fosse imperceptível, era potencialmente corrosivo. Se ela trilhasse o caminho da corrupção, outros com certeza a acompanhariam. Seu arдил certamente prejudicaria a esquadra, sua menina dos olhos. Aparentemente, Cixi se afligia com o que estava fazendo. Para que ela se sentisse melhor, e também para aplacar a população, que via as obras de construção e já começava a comentar, o fiel príncipe Chun propôs que, como Cixi não iria à costa, a esquadra poderia fazer exercícios no lago Kunming, de modo que ela pudesse vê-los. Nesse caso, haveria uma razão legítima para se proceder à restauração dos pavilhões. Com efeito, ela presenciou alguns exercícios, embora com certeza não pudessem contar com os navios de guerra. No entanto, ela temia que o Céu detectasse a fraude com facilidade. Quando ocorreu o grande incêndio na Cidade Proibida, no começo de 1889, pouco antes do casamento do imperador Guangxu e da transmissão do poder, ela começou a entrar em pânico, julgando que aquilo poderia ser um castigo por causa de seus malfeitos, e emitiu um decreto interrompendo o trabalho. Logo, porém, a paixão por seu amado Palácio de Verão superou todas as demais considerações, e Cixi ludibriou até o Céu. A construção foi reiniciada.

Ela supervisionava as obras em detalhes, analisando as plantas atentamente, revisando-as com os mestres de obras e exigindo que o progresso da construção lhe fosse informado com frequência. Três quartos do parque do Palácio de Verão eram ocupados pelo lago Kunming, de 2,2 quilômetros quadrados, que se estendia ao pé do monte da Longevidade, de sessenta metros de altura. Ao longo do lago serpenteava uma passarela de madeira, coberta, cujas vigas sustinham quadros multicores, alusivos a episódios e cenas do budismo. À distância, via-se uma extensa e elegante ponte de pedra de dezessete arcos, num trecho em que o lago se estreitava. Todo o parque era uma mescla perfeita de ambientes naturais, aparentemente intocados, e intervenções humanas de extremo bom gosto, e contava com iluminação elétrica, com geradores e lâmpadas trazidos da Alemanha. O conde Li, que supervisionou as importações, escreveu uma carta ao príncipe Ching, a pedido da imperatriz-viúva, para lhe contar que as lâmpadas eram “os mais recentes modelos no Ocidente, e ainda não foram vistas na China [...]. De fato, são de notável beleza”.⁸ Os moradores das vizinhanças sabiam quando Cixi estava no palácio, pois havia no atracadouro um poste cuja luminária ficava acesa sempre que ela se achava presente. Convidado a conhecer o palácio, o grão-preceptor Weng comentou que “nunca vira prédios tão magníficos ou uma decoração tão suntuosa”.⁹ O Palácio de Verão é hoje considerado a joia de Beijing e um exemplo brilhante do tradicional paisagismo chinês.

15. Aposentadoria e lazer (1889-94)

Como o Palácio de Verão ainda estava em obras quando Cixi deixou o governo, em 1889, ela se instalou primeiro no Palácio do Mar. Seu filho adotivo tinha uma casa ali, Yingtai, que ocupava com frequência. Embora visse Cixi quase todos os dias, para as saudações de praxe, Guangxu nada lhe dizia sobre assuntos oficiais. Durante muito tempo, ansiara ser dono de seu nariz e queria menos interferência ainda de Cixi depois que ela lhe impôs um casamento que ele execrava.

Antes da aposentadoria de Cixi, o príncipe Chun e outros nobres haviam preparado um conjunto de normas, o Regimento,¹ que ela aceitou, a respeito de seu futuro papel político. Pelo Regimento, o imperador Guangxu não tinha de consultá-la com relação a essa ou aquela política, nem dava a ela o direito de opinar sobre as decisões do imperador — sendo a única exceção a nomeação de autoridades do primeiro escalão, caso em que ela teria de dar seu beneplácito antes do anúncio da nomeação. Além disso, o imperador Guangxu se obrigava a lhe enviar a lista dos títulos dos relatórios que recebia, para que ela tivesse uma vaga ideia do que acontecia no império, mas sem maiores detalhes. Essas listas eram somente para informação. Por mais que o príncipe Chun e a própria Cixi desejassem que ela continuasse a dar as cartas no governo, mais longe do que isso não podiam chegar. Pouco antes da transmissão do poder, uma autoridade

propôs que todos os relatórios destinados ao imperador fossem também enviados a ela, mas Cixi não teve alternativa senão rejeitar a ideia peremptoriamente.²

Cumprindo o Regimento ao pé da letra, o imperador Guangxu enviou a primeira lista a Cixi no mesmo dia em que assumiu o poder.³ E também nesse dia cessaram todos os contatos dela com os grão-conselheiros e outras autoridades, inclusive o conde Li. No começo, ao que parece, essa situação foi difícil para ela, que estivera no centro da história durante quase três décadas. Nesse verão, ela interveio e anunciou o lançamento da estrada de ferro Beijing-Wuhan,⁴ num decreto que dizia: “Sua majestade, por ordem de sua majestade a imperatriz-viúva”. Talvez Cixi tenha se atrevido a isso porque o grão-preceptor Weng estava ausente, cuidando dos túmulos da família, e o imperador se curvou à sua enérgica intervenção. Contudo, quando o preceptor voltou e desaprovou o projeto,⁵ Guangxu o arquivou.⁶ No início do ano seguinte, 1890, Cixi e várias autoridades viajaram para prestar homenagem aos Mausoléus do Leste, e ela aproveitou o ensejo para se reunir com o Grão-Conselho e o conde Li,⁷ ocasião em que debateram projetos ferroviários e a situação política na Coreia, Estado vassalo da China, onde ganhava corpo uma crise envolvendo potências estrangeiras rivais. Essa reunião aborreceu tanto o imperador que, aparentemente, ele foi tomar satisfação com ela, o que, por sua vez, a deixou furiosa. Em uma ocasião, ao oferecer frutas aos funcionários da Cidade Proibida, um gesto de boa vontade, ela excluiu os que serviam ao imperador. Momentos de tensão semelhantes continuaram durante 1891.⁸

A mudança formal de Cixi para o Palácio de Verão, em 4 de junho de 1891,⁹ pôs fim a essa desavença, já que a afastou fisicamente do centro das decisões. Agora, toda interferência significaria nada menos que conspiração. O imperador Guangxu fez questão de marcar a mudança de Cixi com um decreto imperial e uma cerimônia solene a que compareceu grande número de autoridades. Nesse dia o monarca liderou um cortejo de dignitários, formalmente paramentados, que se ajoelharam diante da porta do Palácio

do Mar para se despedir dela. Depois da partida da liteira de Cixi, o imperador correu para recebê-la, novamente de joelhos, quando ela chegasse ao Palácio de Verão. Jantaram juntos, e ele voltou à Cidade Proibida. A partir daí, o soberano fazia visitas regulares ao Palácio de Verão, mas apenas para desejar boa saúde a Cixi. Essas mostras de etiqueta a mantinham distante da política. Como mais tarde Cixi disse a um vice-rei, “depois de minha aposentadoria, não tive mais nada a ver com negócios de Estado”.¹⁰

Seus deveres oficiais eram simbólicos e formais. Se o mau tempo prejudicava as colheitas em grande escala, ela fazia uma declaração pública, doando dinheiro da corte. Quando o príncipe Chun faleceu, em 1891, coube a ela tomar todas as providências necessárias, desde o sepultamento até a construção de um templo dedicado a ele. Afora isso, ela passava o tempo com eunucos e senhoras da corte.

Quem cuidava dela e se certificava de que tudo corresse bem era o chefe dos eunucos, Lee Lianying — o homem que o príncipe Chun levava consigo em sua viagem de inspeção da esquadra. Essa viagem tinha sido um presente de Cixi à figura-chave em sua vida cotidiana, bem como a forma que o príncipe achou de se desculpar junto a ela por suas atitudes no passado. A pintora americana Katharine Carl, que conheceu Lianying anos depois, assim o descreveu:

No físico, ele é alto e magro. A cabeça lembra a de Savonarola. Tem um nariz romano, o queixo seco e forte, o lábio inferior saliente e olhos muito astutos, cheios de inteligência, que brilham nas órbitas fundas. O rosto é bastante enrugado e a pele parece pergaminho velho [...]. Tem maneiras afáveis e cativantes, fala um chinês excelente — com clara enunciação, boa escolha de palavras e voz baixa e agradável.¹¹

O futuro de Lianying como eunuco foi selado quando o pai, paupérrimo, o levou, aos seis anos de idade, a um castrador profissional. Ao ingressar na corte, o menino preferia brincar a trabalhar, e foi considerado “preguiçoso”. Treinamentos constantes e castigos severos por “negligência” fizeram com que ele se emendasse e se tornasse um modelo no serviço aos senhores e na obediência às regras da corte. Prudente e sensível ao extremo, cuidava de Cixi à perfeição. Era seu provador de alimentos e também seu melhor amigo. Cixi era uma mulher solitária. Alguns de seus eunucos assim a recordaram:

Embora a imperatriz-viúva tivesse muitos afazeres, ao que parece sua vida era meio vazia. Quando não estava trabalhando, ela pintava, assistia a óperas etc., mas com frequência se mostrava inquieta. A única pessoa que aliviava sua inquietação era o eunuco Lee Lianying. Ele sabia cuidar dela e se tornou seu companheiro indispensável. Víamos que eles eram muito, muito próximos.¹²

Os eunucos se lembravam de que Cixi muitas vezes passava no quarto de Lianying e chamava: “Lianying, vamos dar um passeio”. Os dois “então saíam juntos, e nós os acompanhávamos à distância. A imperatriz-viúva às vezes até o chamava a seu quarto [...] e eles conversavam até tarde da noite”. Se Lianying estava doente — ou fingia estar, para ficar na cama, segundo os eunucos —, “a imperatriz-viúva se afligia e chamava logo os médicos da corte. Ela ficava a seu lado até ele tomar o remédio”. (Era demorado o processo de juntar e misturar os ingredientes e, depois, preparar a infusão.) Lianying tinha sua própria ficha no serviço médico da corte, caso único entre os serviçais, que tinham uma ficha única. Nem mesmo as concubinas imperiais de baixa categoria desfrutavam desse privilégio. Cixi o cumulava de presentes caros e o promoveu a uma categoria elevada, fato sem precedentes para um eunuco na história da dinastia Qing.

Na corte, a posição privilegiada de Lianying gerava poucas ciúmeiras, uma vez que, pelo consenso geral, ele era “sempre respeitoso para com seus

superiores e sempre generoso para com seus inferiores”. Já no resto do país, porém, devido à sua proximidade com Cixi e por sua condição de eunuco, ele era continuamente acusado de se imiscuir em assuntos do governo, ainda que ninguém jamais tenha apresentado provas disso. Na realidade, Cixi nunca o envolveu na política, cumprindo à risca as regras da dinastia. No entanto, as acusações não cessavam. Quando o príncipe Chun o levou na viagem de inspeção da esquadra, a notícia de sua inclusão na comitiva gerou tamanha celeuma que o fato quase se tornou mais importante do que a própria inspeção. Um censor escreveu uma carta de reprimenda a Cixi, argumentando que a presença de Lianying na comitiva causara enchentes que arruinaram as colheitas em diversas províncias.¹³ Cixi quebrou sua própria regra de não punir quem a criticava e acusou o censor de difamação. Com base nisso, rejeitou pública e enfaticamente suas moções (“atirou-as de volta nele”) e rebaixou o homem de posto. Outro funcionário escreveu para dizer que os eunucos não deviam ter permissão de deixar a capital, e ela desconsiderou a carta. Corria também o boato de que Lianying conquistara sua posição privilegiada graças à habilidade em cuidar do cabelo de Cixi — uma futrica sem fundamento e carregada de insinuações sexuais. Até mesmo uma posterior derrota militar diante do Japão, durante a aposentadoria de Cixi, foi atribuída à sua relação com Lianying.

O eunuco revidava à sua maneira. Era frequente que autoridades lhe dessem presentes caros, à espera de um favor pessoal graças à sua ligação com a imperatriz-viúva. Ele os aceitava, mas nada fazia. Cixi tinha ciência disso, porém fingia não ver.

Fazendo de tudo para recompensar Lianying, Cixi convidou a irmã dele à corte. No entanto, as visitas dessa senhora foram problemáticas. Como parente de um eunuco, sua situação era constrangedora. Quando as outras senhoras eram levadas em liteiras, cansadas depois de uma longa caminhada, ela tinha de andar, como o irmão, ao lado das liteiras, o que lhe machucava demais os pés atados. Uma criada do palácio comentou que a imperatriz-viúva teria providenciado uma liteira para ela, mas que Lianying,

sempre prudente, jamais aceitaria esse favor. A posição social de sua irmã era considerada tão baixa que os criados não aceitavam suas gratificações. “Não aceitaríamos as gorjetas dela nem se estivéssemos morrendo de fome”, desdenhou uma criada. Não demorou muito para que a irmã de Lianying deixasse de frequentar a corte.

As senhoras da corte que cercavam Cixi eram, na maioria, jovens viúvas. O casamento de todas elas fora arranjado pela imperatriz-viúva, o privilégio supremo, e o código de honra tradicional lhes vedava contrair novas núpcias. Entre elas estava a filha do príncipe Ching, Si Gege, esperta e animada, dona de um bom humor que levava Cixi a rir e dizer que a moça a fazia se lembrar de si mesma na juventude. Sentia sua falta quando ela não estava presente. Outra viúva adolescente era a sra. Yuan, que na realidade não tinha se casado no sentido próprio da palavra. O rapaz de quem estava noiva, um sobrinho de Cixi, morrera antes do casamento. No entanto, antes do funeral, a sra. Yuan, com vestes de viúva, e numa liteira coberta por um pano de aniagem branco, símbolo de luto, se aproximara do ataúde e executara o ritual que a definia como viúva do morto. Esse ato de lealdade conjugal, muito admirado, a destinou a uma vida de castidade e solidão. Em geral era vista como uma pessoa inexpressiva e sem graça, e Cixi não tinha muito o que lhe dizer. Mas tinha pena dela e sempre a incluía na lista de convidadas.

A imperatriz Longyu era uma presença constante no séquito de Cixi.¹⁴ O imperador a ignorava completamente, mesmo quando se encontravam por acaso e ela se ajoelhava para saudá-lo. As pessoas a julgavam “meiga”, “encantadora” e “cativante”, mas achavam que “às vezes havia em seus olhos uma expressão de resignação paciente e quase dava dó”. Sua vida era vazia e ela se sentia muito entediada. Alguns diziam que ela descontava a frustração e a amargura nos criados e nos animais, e que seus gatos sempre fugiam

depois de alguns meses. Todas as senhoras procuravam mostrar alegria quando estavam junto de Cixi, mas havia pouca felicidade verdadeira.

Cixi levava uma vida organizada. De manhã, custava um pouco a sair da cama, não se obrigando mais a levantar às cinco ou às seis horas, mas às vezes deixando para fazer isso até depois das oito. Quando se sentia pronta para o dia, o que era marcado pela abertura das janelas de seus aposentos, todo o palácio começava a se movimentar. Eunucos mensageiros se apressavam a anunciar as “notícias” e outros se reuniam diante de seu apartamento à espera de instruções.

Em seu quarto, ela vestia um robe de seda, enquanto uma camareira corria à cozinha para trazer água quente, que seria derramada numa bacia de prata, erguida por um jovem eunuco de joelhos, junto de criadas que lhe estendiam saboneteiras e toalhas de mão. Cixi lavava o rosto cobrindo-o com uma toalha quente durante alguns minutos, antes de secá-lo. Depois envolvia as mãos em outra toalha e as metia na água quente durante muito tempo, o suficiente para que a água fosse trocada duas ou três vezes. Dizia-se que esse era seu segredo para conservar as mãos macias como as de uma menina.

Depois de limpar os dentes, ela se sentava numa cadeira voltada para o sul, e um eunuco vinha arrumar seu cabelo. De acordo com os eunucos, Cixi tinha começado a perder cabelo por volta dos quarenta anos, e um aplique preto era posto sobre o local onde ele era mais ralo.¹⁵ Era preciso muita habilidade para manter o aplique no lugar, enquanto o cabelo era penteado e fixado no complicado estilo manchu, graças a grampos com pedrarias. Quem a penteava também a punha a par das novidades da véspera, enquanto ela lentamente sorvia sua geleia diária de “fungo de prata” (*yin-er*), considerado bom para a saúde e para a aparência. Terminado o penteado, ela punha adornos no cabelo. O penteado de uma senhora manchu nunca estava completo sem flores, e Cixi preferia flores frescas a

joias. Era hábil em fazer arranjos florais para o cabelo, e às vezes tecia um diadema com jasmims. (Suas criadas também usavam flores no cabelo, e quando se punham ao lado dela, as da direita tinham flores do lado direito da cabeça, e as da esquerda, no lado esquerdo.)¹⁶

Quanto ao rosto, não havia muito a ser feito. Como viúva, ela não devia se pintar. Em geral, as senhoras manchus pintavam o rosto de branco e cor-de-rosa, aplicando um toque muito vivo de vermelho no lábio inferior, de modo a criar uma boquinha semelhante a uma cereja, o que se considerava bonito naquele tempo, quando lábios grossos eram vistos como feios. Ansiando por se pintar um pouco, Cixi aplicava discretamente um mínimo de ruge no rosto, no meio da palma das mãos e até um pouquinho nos lábios. O ruge usado na corte era feito com rosas que cresciam nos morros a oeste de Beijing. As pétalas de certa rosa vermelha, postas num almofariz de pedra, eram trituradas com um pilão de mármore branco. Juntava-se a elas um pouco de alume, e o líquido vermelho-escuro assim produzido era despejado num “vaso de ruge” através de um filtro de gaze branca. Recortavam-se pedaços quadrados ou redondos de lã de seda, reunidos de modo a formar pequenos chumaços, e estes eram colocados no vaso de ruge durante dias, para se embeber do líquido. Os chumaços eram então postos para secar num cômodo envidraçado para evitar a poeira, antes de ser levados a uma penteadeira imperial. Cixi umedecia o chumaço com água morna antes de aplicá-lo. Para os lábios, fazia um rolo com os chumaços e os passava em torno de um grampo de jade para cabelo, formando uma espécie de batom, e aplicava o ruge no meio dos lábios, mais no inferior do que no superior. Para se perfumar, ela misturava pessoalmente óleos de diversas flores. (Sob a direção de Cixi, o palácio também produzia seu próprio sabonete. As criadas lhe entregavam a pasta, que às vezes se solidificava, e ela mesma a mexia com vigor.)

Sendo viúva, Cixi não podia usar cores vivas, como vermelho ou verde intensos. Entretanto, mesmo as roupas consideradas discretas seriam vistas como coloridas na Europa. Em casa ela podia vestir um robe laranja-claro

com um casaco azul-claro, bordados apenas nas bainhas. Para uma ocasião especial, um de seus trajes preferidos era um manto de brocado azul, bordado com grandes magnólias brancas. Katharine Carl, a pintora americana que passou onze meses em sua companhia, registrou:

Ela está sempre imaculadamente arrumada. Desenha seus próprios vestidos [...] tem excelente gosto na escolha de cores, e nunca a vi com alguma cor que não lhe caia bem, com exceção do amarelo imperial. Esse amarelo não lhe ficava bem, mas ela era obrigada a usá-lo em todos os atos oficiais. Às vezes o modificava, até onde possível, com enfeites, ou fazia com que fosse tão coberto de bordados que quase não se via mais a cor original.

As pedrarias de Cixi eram muitas vezes desenhadas por ela mesma, dentre as quais havia um manto de pérolas que ela usava sobre um casaco oficial. Os diamantes passaram a ser apreciados mais tarde. Os chineses daquela época julgavam seu brilho vulgar, e eles eram usados principalmente como brocas.

Vestir-se era importante para Cixi. Ela se examinava demoradamente no espelho — durante mais tempo do que as pessoas consideravam apropriado, em vista de sua idade. Ou pelo menos era o que pensavam algumas de suas criadas e damas de companhia. Cixi adivinhava o que ia na cabeça das moças, e um dia disse a uma dama de companhia, Der Ling, que registrou o diálogo entre ambas:

“Você deve achar muito engraçado que uma senhora da minha idade se dê a tanto trabalho para se vestir e se arrumar. Ora, eu gosto de me vestir bem e de ver mocinhas bonitas bem vestidas. Isso faz a gente querer ser jovem de novo.” Eu lhe disse que ela parecia bastante jovem e que ainda era bonita, e que embora nós fôssemos jovens, nunca ousaríamos nos comparar com ela. Isso lhe agradou muitíssimo, pois ela gostava de ser elogiada.

Antes de deixar seu quarto de vestir, Cixi se levantava e lançava um último olhar aos sapatos, que tinham um confortável bico quadrado, bem diferente dos sapatos de bico fino usados pelas mulheres hans. Suas meias eram feitas de seda branca e presas nos tornozelos por uma fita delicada, e ela as examinava para ver se a parte que aparecia sobre os sapatos estava na altura correta. Cada par só era usado uma vez, de modo que era preciso haver um suprimento contínuo deles. Além da equipe de costureiras no palácio, sua família e outras casas aristocráticas também faziam meias para ela, dadas como presentes.

Finda a toailete matinal, Cixi saía em direção à porta da sala externa, com seu “porte ereto e seus passos leves e rápidos”. Uma criada abria as cortinas, e ao notar esse movimento, que os eunucos do lado de fora vinham esperando, com os olhos fixos nelas, eles se punham de joelhos e exclamavam: “Velha Buda [*lao-fo-ye*], que toda a alegria esteja convosco!”¹⁷ Ela adotara essa alcunha para si mesma e era por esse nome, ao mesmo tempo ilustre e informal, que era tratada na corte, e assim também conhecida por todos em Beijing.

Enquanto dava aos chefes dos eunucos as instruções para o dia, Cixi tirava a primeira fumaça de um narguilé, que tinha um tubo longo e uma caixinha retangular a ser mantida na palma da mão. Em geral ela não segurava o narguilé. Essa tarefa cabia a uma criada, que se postava a “cerca de dois tijolos de calçamento da imperatriz-viúva”, de acordo com uma delas. Quando Cixi olhava para ela, a criada estendia a mão direita, que sustinha o narguilé, a dois dedos do canto da boca de Cixi, que, virando de leve a cabeça, levava os lábios firmes ao tubo. O narguilé permanecia nas mãos da criada enquanto Cixi aspirava a fumaça. Para executar esse serviço, as criadas eram treinadas durante vários meses, até a palma da mão direita ser capaz de segurar um copo de água quente durante muito tempo sem tremer.

Depois de duas cachimbadas, chegava o desjejum. Primeiro vinha o chá. Os manchus tomavam chá com muito leite. No caso de Cixi, o leite vinha

dos seios de uma mulher. Ela vinha tomando leite humano, por recomendação de um renomado médico, desde sua prolongada doença no começo da década de 1880.¹⁸ Para tanto, empregaram-se várias amas de leite, que se revezaram em esguichar leite numa tigela para ela. Essas mulheres levaram consigo os filhos pequenos, e aquela que a serviu por mais tempo permaneceu no palácio, e à criança foi dada educação e um emprego burocrático.

Enquanto ela tomava o chá, um grupo de eunucos trazia sua comida em caixas laqueadas envolvidas em seda amarela com o motivo do dragão. Lianying, o chefe dos eunucos, pegava as caixas na porta e as levava a Cixi. Ela comia sentada de pernas cruzadas num *kang*, uma longa estrutura retangular de tijolos, da altura de uma cama, que podia ser aquecida por baixo e era utilizada em todo o norte da China como cama ou assento. Ela gostava de sentar-se junto de uma janela, para poder olhar para o pátio e apreciar a luz e o céu. Sua comida era posta numa mesa baixa no *kang* e também em mesinhas que eram dobradas e retiradas ao fim da refeição. Depois de arrumadas, as caixas de comida eram abertas diante dos olhos de Cixi, como ditavam as normas da corte. Continham uma ampla variedade de mingaus, pães e bolos — cozidos no vapor, assados e fritos — e muitas bebidas, que variavam de suco de soja a consomê de tutano. Havia ainda vários pratos secundários, como fígado de pato cozido em soja e outros molhos condimentados.

A imperatriz-viúva tinha bom apetite e, além do desjejum, fazia ainda durante o dia duas lutas refeições e pequenos lanches. As refeições eram feitas onde quer que ela estivesse, pois não havia um cômodo fixo para esse fim. A escala e a apresentação das refeições obedeciam a preceitos da corte. Elas só seriam reduzidas no caso de um desastre nacional. Como imperatriz-viúva, Cixi tinha direito a uma cota diária de 31 quilos de carne de porco, um frango e um pato.¹⁹ Com isso, além de verduras e outros produtos, todos em quantidades especificadas, preparavam-se dezenas de pratos, que, no caso de uma das refeições principais, eram servidos em mais de cem

travessas e tigelas. Em sua maioria, os pratos nem eram tocados e só estavam ali para ampliar a apresentação. Cixi raramente bebia alguma coisa nas refeições e em geral comia sozinha, pois qualquer pessoa convidada a comer em sua companhia, exceto o imperador, teria de fazê-lo de pé.²⁰ Com frequência, senhoras da corte eram convidadas a comer à sua mesa depois que ela terminava a refeição e saía, e nesse caso elas podiam sentar-se. Em geral, os pratos de sua mesa eram dados a cortesãos, como indicadores de prestígio. O imperador também recebia esses pratos, se estivesse no mesmo complexo de palácios. A vasta quantidade de comida que sobrava na corte possibilitava que uma série de bancas de alimentos nas vizinhanças da Cidade Proibida obtivessem altos lucros, e em certos horários, a cada dia, mendigos esfarrapados tinham permissão de ir a determinada porta para receber os restos e revirar o lixo antes que ele fosse levado embora.

Ao almoço seguia-se uma cuidadosa lavagem das mãos e, depois, uma sesta. Antes de cochilar, Cixi lia os clássicos com seus eunucos instrutores, que animavam os textos introduzindo neles anedotas que a divertiam. Quando ela acordava, uma nova agitação tomava conta do palácio, como descreveu uma testemunha: “Quando sua majestade desperta, a notícia corre como uma centelha elétrica por todos os recintos e por todo o conjunto, e todos estão no ‘*qui vive*’ daí a um momento”.²¹

Antes de se deitar, por volta das onze da noite, ela muitas vezes pedia uma massagem nos pés. Duas massagistas primeiro molhavam seus pés numa tina de madeira folheada de prata, com amplos “braços” inclinados como descansos para os pés. A água na tina era fervida com flores ou ervas, de acordo com as prescrições dos médicos, levando em conta fatores como o clima e seu estado físico. No verão podiam ser crisântemos secos, e, no inverno, marmelo em flor. As massagistas comprimiam os vários pontos de pressão, principalmente na sola — mais ou menos como numa atual sessão de reflexoterapia. Se as unhas dos pés precisavam ser cortadas, as massagistas gentilmente pediam permissão para usar tesouras, que a chefe da criadagem então ia buscar. Instrumentos perfurocortantes eram normalmente

proibidos nos aposentos de Cixi. Uma manicure cuidava das longas unhas de suas mãos — notavelmente longas nos dedos anular e mínimo, como era comum entre as aristocratas manchus. Essas unhas excepcionalmente longas eram protegidas por escudos de cloisonné ou ouro, nos quais se engastavam rubis e pérolas. Como nenhuma senhora de posição se vestia ou se penteava sozinha, essas unhas não eram um problema insuperável.

Seu leito era um *kang* construído numa alcova dentro do quarto, com prateleiras nos três lados fechados, nas quais eram dispostos ornamentos como estatuetas de jade. Sua leitura antes de dormir era outra sessão de estudos dos clássicos com os eunucos instrutores, estudos que a faziam dormir. Durante o sono, uma criada ficava sentada no chão, silenciosa como uma peça da mobília. Mais criadas e eunucos ficavam na antecâmara fora do apartamento e em outros cômodos do prédio. Os serviçais podiam ouvir o ressonar de alguém que dormia profundamente.

Cixi estava agora com cinquenta e poucos anos e gozava de ótima saúde. Participava de jogos de peteca chinesa — com os pés — com mais agilidade do que muitas integrantes de seu séquito, bem mais jovens, e subia em morros depressa, sem nenhum sinal de fadiga. No vento cortante de Beijing, ela normalmente recusava aquecimento, preferindo não ter nenhuma fonte de calor em seu quarto e apenas braseiros de cobre nos grandes salões. Embora pitorescos, eles produziam pouco mais do que labaredas azuis e faziam pouca diferença na temperatura. As portas de seu apartamento permaneciam abertas, apenas com cortinas almofadadas, erguidas continuamente para a passagem de eunucos e camareiras, de modo que rajadas de ar frio se repetiam a cada entrada ou saída de alguém. Todos os demais sentiam um frio de enregelar, mas Cixi parecia insensível. Apenas usava roupas de baixo de lã de seda e um casaco de pele, no máximo com uma ampla capa de pele por cima.

Sua mente continuava afiada como sempre, de modo que lhe era difícil se distanciar por completo da política. O que lhe permitia suportar, dia após dia, o isolamento forçado e o ócio era seu amplo espectro de interesses. Ela sentia curiosidade por tudo o que era novo e queria experimentar de tudo. Depois de conseguir alguns barcos a vapor para o lago, pediu para dar um passeio num balão de ar quente, comprado anos antes para fins militares.²² No entanto, o conde Li lhe deu uma notícia desapontadora (por intermédio do príncipe Ching, pois o conde não tinha mais autorização para lhe falar diretamente): o balão não estava em boas condições e poderia estourar.

O Palácio de Verão era uma fonte de prazeres infindáveis para Cixi, e ela não se cansava nunca de passear pelo parque. Caminhar sob a chuva era o que mais lhe agradava. Os eunucos sempre levavam um guarda-chuva, mas ela só o usava quando caía um forte temporal. Um grande séquito de eunucos a seguia, junto com damas de companhia e criadas, que levavam para ela “roupas, sapatos, lenços, pentes, escovas, caixas de pós, lentes de aumento de diversos tamanhos, perfumes, grampos, tinta preta e vermelha, papel amarelo, cigarros, narguilés, enquanto a última carregava seu banquinho revestido de cetim amarelo”²³ — como se fossem “um quarto de vestir com pés”, segundo uma dama de companhia. Muitas vezes as senhoras eram levadas em liteiras a um ponto pitoresco escolhido por Cixi, onde ela se sentava no banco de cetim amarelo e fitava ao longe durante muito tempo. Um desses locais era o alto de uma ponte em arco, adequadamente chamada Faixa de Jade, que descrevia uma curva suave. Outro lugar de que ela gostava era uma cabana toda feita e mobiliada de bambu, onde muitas vezes tomava chá. Seus chás eram os melhores — as primeiras folhas vindas de todo o império —, que ela tomava numa taça de jade, na qual juntava umas poucas pétalas secas de madressilva, jasmim ou rosa. As flores secas lhe eram levadas numa tigela de jade, com duas varetas de cerejeira, que ela usava para erguer as pétalas, acomodá-las na taça e mexer o chá.

Uma de suas atividades prediletas era navegar no lago, e às vezes sua barca era acompanhada a certa distância por eunucos músicos, que tocavam

flautas transversas ou doces, ou o *yue-qin*, um instrumento em forma de lua, como o bandolim. Todos se mantinham em silêncio quando Cixi escutava, “como que em transe”.²⁴ Às vezes, sob o luar, ela cantava baixinho a melodia que flutuava nas águas.

A natureza era sua paixão, e ela adorava plantas. Os crisântemos estavam entre suas flores prediletas. Durante a época de plantio, Cixi levava as senhoras da corte para pegar mudas e plantá-las em vasos, aguando-as religiosamente até que começassem a dar flores. Os botões eram então cobertos com esteiras para que as chuvas fortes não lhes causassem dano. Para isso ela chegava a abrir mão de sua sesta habitual. Mais tarde, quando voltou ao poder, quebrou a velha tradição de não permitir planta alguma nos locais de atos oficiais e encheu o salão de audiências com uma profusão de vasos de flores, dispondo-os em filas. As autoridades que chegavam para audiências tinham de prestar atenção antes de se ajoelhar, já que o trono de Cixi parecia escondido atrás de uma “montanha de flores”.²⁵

Ela dedicava muita atenção a seu pomar, do qual grandes cestos de frutas lhe eram trazidos a cada dia quando chegava a estação. Cixi examinava cores e formas, e erguia cachos de uvas contra a luz, durante um longo tempo. Maçãs, peras e pêsegos enchiam grandes vasos de porcelana nos salões, por sua fragrância sutil. Quando o aroma desaparecia, as frutas eram divididas entre os serviçais. A cabaça, uma planta sem cheiro, também tinha sua afeição, e Cixi costumava acariciá-las em suas latadas, às vezes debaixo de uma chuva torrencial. Sua coleção de cabaças alcançava várias centenas, que um eunuco com dotes artísticos transformava em instrumentos musicais, conjuntos de jantar e vários objetos interessantes, acrescentando pinturas e textos à sua superfície.²⁶ Cixi preparava algumas cabaças que seriam trabalhadas, usando um instrumento pontiagudo de bambu para lhes tirar a película externa.

A cada poucos dias, ela visitava suas grandes hortas e ficava feliz se podia colher verduras frescas ou outras plantas. Vez por outra, ela mesma as

cozinhava num dos pátios,²⁷ e em certa ocasião ensinou suas damas de companhia a preparar ovos duros com folhas de chá preto e especiarias.

Os mosquitos podiam ser um incômodo no Palácio de Verão, sobretudo nas noites de calor, mas os eunucos de Cixi criaram uma solução engenhosa. Levantaram grandes tendas, cada qual suficientemente grande para conter um prédio e seus pátios.²⁸ Cobertas e fechadas com esteiras de juncos, e dotadas de um sistema de cordas e polias que enrolavam e desenrolavam a cobertura e baixavam as cortinas, essas obras de arte serviam como enormes mosquiteiros, além de protegerem do sol os grandes recintos durante o dia. Com lanternas penduradas discretamente e velas tremeluzindo na brisa, as noites passaram a ser prazerosas e perfumadas, e os insetos praticamente deixaram de ser um aborrecimento. As mesmas tendas foram erguidas para as legações estrangeiras.

Cixi adorava animais, sobretudo aves, e incumbiu um eunuco, perito nessas artes, de lhe ensinar a criá-las. As aves de que ele cuidava nem sempre eram confinadas, embora houvesse centenas de gaiolas penduradas em armações de bambu num dos grandes pátios. Algumas voavam livremente, tendo feito do Palácio de Verão seu habitat. Para proteger essas espécies raras, recrutavam-se rapazes com conhecimento de aves para as fileiras dos guardas pretorianos, a fim de que patrulhassem o parque com balestras, prontos a abater quaisquer predadores naturais ou aves silvestres indesejadas que tivessem a ousadia de invadir a propriedade. A demanda de alimentos para as aves de Cixi criou, fora do Palácio de Verão, um ativo comércio no qual se vendiam lagartas, gafanhotos, grilos e formigueiros, cada qual destinado a beneficiar uma espécie ornitológica diferente.

Algumas aves eram adestradas em atender a um trilo estridente para receber seus alimentos prediletos. Sempre que Cixi subia um monte ou navegava no lago, eunucos soavam o trilo para que as aves voassem em torno dela. A própria Cixi imitava habilmente a voz das aves e as atraía para

os dedos estendidos. A facilidade com que treinava os pássaros deixava atônitos os visitantes ocidentais. Um deles, a pintora americana Katharine Carl, escreveu:

Ela possuía uma vara longa, semelhante a uma varinha de condão, que fora cortada de uma muda, sendo-lhe tirada a casca.²⁹ Ela adorava o leve cheiro de mata que emanava dessas varinhas recém-cortadas [...]. Erguia a vara e fazia com os lábios um sonzinho de ave, sem nunca tirar os olhos dela [...]. O pássaro batia as asas e começava a descer de galho em galho, até pousar na curva da vara, e então ela aproximava devagar a mão, cada vez mais perto, até que a ave pousava em seu dedo!

Katharine estava “observando a cena, atentamente e sem respirar, e estava tão tensa e absorta que a repentina interrupção, quando a ave enfim pousou no dedo dela, me causou quase um sobressalto de susto”.

Até peixes eram induzidos a saltar para as mãos abertas de Cixi — e recebidos com gritos infantis. Era preciso baldes de um tipo especial de minhoca, vermelha e com cerca de três centímetros de comprimento, para convencê-los a pular na direção de uma mão humana num cais, onde muitas vezes Cixi desembarcava para almoçar.

Ela criava dezenas de cães, que ficavam num pavilhão mobiliado com almofadas de seda nas quais dormiam e com um amplo armário que guardava casacos de brocados bordados com crisântemos e flores de maçãs silvestres e outros temas vistosos. Para evitar cruzamentos indesejados, somente seus cães eram admitidos nos terrenos do palácio. As centenas de cães das senhoras da corte e dos eunucos tinham de ficar no pátio de seus próprios donos. Alguns criadores de cães opinavam que Cixi “contribuía mais para a difusão do pequinês do que qualquer outro cinófilo desde o surgimento da raça”.³⁰ Um tipo de pequinês cuja criação ela interrompeu foi o “pequinês de manga”,³¹ um cão miniatura que podia ser levado nas mangas amplas das roupas dos cortesãos, usadas como bolsos. Constava que para serem impedidos de crescer, esses cãezinhos eram alimentados apenas

com doces e vinho e tinham o corpo preso numa armação justa de malha metálica. Cixi comentou com Katharine Carl que detestava esses métodos artificiais e que não conseguia compreender que animais fossem deformados para satisfazer os caprichos das pessoas.

Os cães de que Cixi mais gostava eram um pug e um skye terrier. Este último era bem adestrado e ficava absolutamente imóvel quando ela mandava, só se mexendo a uma ordem sua, por mais que outras pessoas lhe falassem. O pug tinha o pelo longo e sedoso, cor de damasco, e olhos grandes, castanhos muito claros. Não era fácil adestrá-lo, e Cixi o chamava, carinhosamente, de Bobinho (*sha-zi*). Katharine Carl pintou retratos desses cães, com Cixi sentada atrás dela e demonstrando “o mais vivo interesse”.³²

Havia em Beijing uma grande coleção de aves e animais, organizada pelo missionário francês Armand David, também zoólogo e botânico, que desde sua chegada à China, nos primeiros anos do governo de Cixi, descrevera centenas de espécies desconhecidas na Europa, entre elas o panda gigante. Quando Cixi soube da existência dessa coleção, interessou-se e quis vê-la. No entanto, a coleção estava ligada a uma catedral católica, que dava para o Palácio do Mar. Depois de negociações com o Vaticano, por um intermediário inglês, o governo chinês pagou 400 mil taéis para que uma nova catedral fosse construída em outro local, e comprou a igreja antiga, junto com a coleção. Cixi a visitou, mas uma única vez.³³ Tinha pouco interesse por animais mortos.

Os únicos jogos competitivos que, pela tradição, ela podia praticar, eram os de salão. Cixi não gostava de baralho ou do *mahjong*, os quais ela não permitia na corte. Os jogos de dados eram bastante comuns, e de vez em quando ela participava de alguma partida. Inventou um jogo de dados parecido com Serpentes e Escadas, com a diferença de que o tabuleiro era um mapa do Império Chinês, com cada província numa cor diferente.³⁴ Oito deidades entalhadas em marfim, representando os lendários Oito Imortais Taoistas, viajavam pelo império, procurando chegar à capital. Na jornada, a depender do lançamento dos dados, podiam ser desviados para

lugares de grande beleza, como Hangzhou, ou mandados para o exílio, e nesse caso tinham de abandonar o jogo. Vencia quem chegasse primeiro a Beijing, sendo recebido com doces e bolos, enquanto os perdedores tinham de cantar uma música ou contar uma anedota. O jogo não encerrava apostas. Aliás, os jogos de azar eram expressamente proibidos, sendo os transgressores multados e açoitados.³⁵

Pintar era um passatempo sério, e Cixi contratou a sra. Miao, uma jovem viúva, para lhe dar aulas de pintura. A sra. Miao, uma han, chamava a atenção na corte pela cabeleira e pelos dedos dos pés. Em vez do penteado manchu, complicado e muito enfeitado, ela penteava o cabelo num coque atrás da cabeça, e ao redor dele passava fios de pérolas. Em lugar de um manto comprido manchu, usava uma peça superior folgada que descia até pouco abaixo dos joelhos, sobre uma longa saia pregueada, que revelava um par de “lírios dourados de três polegadas” — pés atados sobre os quais ela oscilava e claudicava, dolorosamente. Cixi, que como manchu escapara a esse destino, se horrorizava ao ver os pés deformados.³⁶ Em certa ocasião, ao ver os pés descalços de uma das mulheres que lhe fornecia leite, dissera que não suportava contemplá-los e ordenou que fossem desatados. Agora, pediu à sra. Miao que desatasse os pés, uma ordem a que a professora de pintura obedeceu com muito prazer.

Orientada pela sra. Miao, Cixi se tornou uma exímia pintora amadora, manuseando o pincel “com energia e precisão”, de acordo com sua mestra. Tornou-se capaz de um feito muito prezado na caligrafia: escrever com uma única pincelada um grande caractere, da altura de uma pessoa. Esses caracteres, que significavam “longevidade” e “felicidade”, eram dados de presente, ritualmente, a altas autoridades. O renome conquistado pela sra. Miao como mestra da imperatriz-viúva lhe permitiu vender seus próprios quadros por preços elevados, comprar uma casa grande e sustentar a família.

Nas proximidades do Palácio de Verão havia muitos templos budistas e taoístas que organizavam festas periódicas, das quais as mulheres, se acompanhadas, podiam participar, vestindo trajes muito coloridos. Vinham saltimbancos de todas as partes, uns caminhando em pernas de pau, outros saltitando em danças nas quais imitavam leões, alguns agitando lanternas em forma de dragão, outros executando números de acrobacia e prestidigitação. Ao passarem pelo Palácio de Verão, era comum que Cixi os observasse do alto de uma torre nas muralhas. Sabendo que a imperatriz-viúva estava ali, os bufões exibiam suas habilidades, e ela os aplaudia e distribuía propinas generosas.³⁷ Um homem barbudo, que rodopiava fantasiado de aldeão, foi durante algum tempo quem recebia as maiores gratificações. Cixi era grande admiradora dos folguedos populares e nunca os viu como divertimentos indignos de sua atenção.

Foi dentro desse espírito que ela ajudou a transformar o gênero da Ópera de Pequim na ópera nacional chinesa. O gênero se destinara, tradicionalmente, à “gente média dos becos e aldeias”, uma vez que sua música, enredo e humor eram fáceis de entender e apreciar. Considerado “vulgar”, era malvisto na corte, onde somente a ópera ortodoxa era encenada, com suas melodias e narrativas limitadas. O marido de Cixi, o imperador Xianfeng, começou a proteger a Ópera de Pequim, mas coube a Cixi transformá-la numa forma sofisticada de arte, ao mesmo tempo que conservava sua vitalidade. Deu-lhe o selo de aprovação real ao convidar artistas que não pertenciam à corte para se apresentar na Cidade Proibida e orientar os eunucos do Departamento de Música. Cixi exigia profissionalismo. Historicamente, a Ópera de Pequim era bastante descontraída, sem muito respeito aos horários das apresentações e com maquiagem e figurinos descuidados. Não raramente, os atores saudavam amigos que viam na plateia ou improvisavam piadas no palco. Cixi cuidou de todos esses aspectos com uma série de ordens específicas. Impôs a obrigação de pontualidade, ameaçando açoitar os reincidentes em atrasos. De certa feita, um dos atores principais, Tan Xinpei, se atrasou, e como ela o

apreciava muito e não podia, por questão de consideração, mandar açoitá-lo, obrigou-o a representar um porco ridículo em *O rei macaco*.³⁸ Os atores profissionais passaram a ser muito bem remunerados. Enquanto os imperadores do passado gratificavam cada um dos atores principais com no máximo um tael de prata, Cixi normalmente lhes dava dezenas de taéis, chegando a sessenta taéis no caso de um protagonista feito Tan, por exemplo, que também recebeu presentes como parte do dote para o casamento de sua filha.³⁹ (A título de comparação, o chefe do Departamento de Música na corte recebia sete taéis mensais.) Em determinado ano, as gratificações dadas por ela a todos os participantes dos espetáculos de ópera totalizaram 33 mil taéis.

Ao passarem a ser assim bem remunerados, os atores da Ópera de Pequim se tornaram celebridades, como as estrelas de cinema de uma época posterior. O público via o prestígio de que desfrutavam. Certa vez, 218 artistas participaram do cortejo real entre o Palácio de Verão e a Cidade Proibida, todos montados a cavalo, com doze carroças levando seus figurinos e objetos de cena. Uma carreira na ópera passou a ser um objetivo cobiçado.

Os teatros de ópera de Cixi eram construídos com muito cuidado e esmero. No Palácio de Verão, construiu-se um teatro em estilo de pavilhão no meio do lago e todo cercado de lótus, de modo que no verão os espetáculos tinham lugar entre suas flores. Na Cidade Proibida, ergueu-se uma estufa aquecida de vidro, como um aconchegante teatro em meio a ventanias e nevascas. No Palácio de Verão, ela restaurou um teatro de dois andares numa área que atraía papa-figos: dizia-se que seus piados combinavam bem com as árias. Depois construiu outro teatro, mais imponente, de três andares, cujo palco tinha 21 metros de altura, dezessete de largura e dezesseis de profundidade, com bastidores grandes o suficiente para acomodar cenários complexos. Esse era o teatro mais suntuoso da China. Tanto o teto quanto o piso podiam ser abertos durante a apresentação, permitindo que deuses descessem do Céu e que o Buda

ascendesse das profundezas da terra sentado numa imensa flor de lótus. Flocos de neve (confete branco) podiam cair das nuvens, e a água esguichar da boca de uma tartaruga gigante. Um tanque de água sob o palco favorecia a acústica. O teatro ficava perto de um amplo lago, de modo que as melodias viajavam livremente por sua superfície.

O repertório da Ópera de Pequim se expandiu sobremaneira com Cixi. Ela tratou de reviver várias peças dramáticas, fazendo com que seus textos fossem recuperados nos arquivos da corte e adaptados às melodias da Ópera de Pequim. No processo de adaptação, e tentando utilizar os versos da própria Cixi, um ator-compositor, Wang Yaoqing, ampliou a gama musical da Ópera. Graças às recompensas e ao estímulo de Cixi, Wang revolucionou a Ópera de Pequim, dando a personagens femininos (representados por homens, inclusive ele) papéis de destaque. Por tradição, apenas papéis secundários cabiam às mulheres, que não podiam contracenar, somente cantar. Agora, pela primeira vez, a Ópera de Pequim passou a ter papéis principais femininos.

Nessa renovação, Cixi se envolveu de perto na redação de uma obra em 105 episódios, *Os guerreiros da família Yang*, sobre uma família dos séculos X e XI que tomou armas para defender a China de invasores.⁴⁰ Nos livros de história, todos os guerreiros eram homens. Entretanto, nas lendas populares os papéis heroicos cabiam às mulheres da família, e isso se refletiu num roteiro de *kunqu*, gênero dramático em extinção. Cixi conhecia a história e assumiu o encargo de torná-la parte do repertório da Ópera de Pequim. Convocou os letrados da corte, sobretudo médicos e pintores, e leu para eles a tradução que fizera do roteiro de *kunqu*. Os homens foram divididos em grupos, cada qual encarregado de escrever alguns episódios para a Ópera de Pequim. Eram supervisionados por uma mulher, viúva e poeta, chamada por Cixi na mesma época que a sra. Miao. Cixi reservou para si a função de montadora de todo o drama. Desde então, *As guerreiras femininas da família Yang* se tornou um dos mais apresentados e apreciados espetáculos da Ópera de Pequim, e foi adaptado para outras formas de arte. O nome das

guerreiras passou para a linguagem coloquial como sinônimo de mulheres corajosas e inteligentes que superam os homens.

Cixi se enfurecia com os preconceitos imemoriais contra as mulheres. Durante a apresentação de uma ópera, quando um cantor entoou um verso muito conhecido, “o mais cruel de todos é o coração da mulher”, ela teve um acesso de cólera e ordenou que o cantor deixasse o palco.⁴¹ Sua rejeição a essa atitude tradicional nascia, sem dúvida, de sua própria experiência. Por mais bem-sucedido que tivesse sido seu governo em nome do filho biológico e do filho adotivo, sempre lhe fora negado o mandato para governar em seu próprio nome. Assim que os rapazes chegavam à maioridade, ela era obrigada a lhes ceder o lugar e não podia mais participar da política. Não devia sequer manifestar suas opiniões. Vendo o imperador Guangxu engavetar os projetos de modernização que ela lançara, Cixi não podia deixar de se angustiar. No entanto, estava impossibilitada de fazer alguma coisa. Qualquer tentativa de mudar o status quo teria de envolver meios violentos e extremos, como um golpe palaciano, que ela não se dispunha a assumir. Somente uma mulher na história da China — Wu Zetian — se declarara imperatriz e governara o país como tal. Entretanto, para isso tivera de enfrentar uma oposição feroz, que sufocou lançando mão de meios de uma crueldade horripilante. Na longa lista de assassinatos sangrentos por ela perpetrados estava o de seu próprio filho, o príncipe herdeiro. Cixi era diferente e preferia governar por consenso: conquistar o apoio dos opositores em vez de matá-los. Por isso, optava por respeitar as condições de sua aposentadoria. Mas ela obviamente admirava a imperatriz e gostaria de reivindicar o mesmo poder — se o custo não fosse tão alto. A sra. Miao, sua professora de pintura, sabia o que ia em sua alma. Certa vez, deu-lhe de presente um rolo que representava Wu Zetian conduzindo uma reunião de governo como uma monarca legítima.⁴² O fato de Cixi ter aceitado o presente revela muito de suas aspirações e frustrações.

16. Guerra com o Japão (1894)

O Japão deu início a sua miraculosa transformação em potência moderna durante o reinado do imperador Meiji, que subiu ao trono em 1867. Com uma população de 40 milhões de habitantes, o país aspirava construir um império global. Na década de 1870, assenhoreou-se de um dos estados vassallos da China, as ilhas Ryukyu (Liuqiu), e tentou invadir Taiwan, parte do Império Chinês. A política geral de Cixi consistia em manter o império intato a todo custo, mas abrir mão dos estados vassallos se necessário. Ela demonstrou não fazer questão de Ryukyu, por atos, se não por palavras, mas fez um esforço determinado para defender Taiwan, ligando a ilha mais estreitamente ao continente.

O Japão também lançou os olhos sobre a Coreia, outro Estado vassallo da China. Nesse caso, Cixi tentou impedir que os japoneses anexassem o país, pois ele fazia fronteira, em parte, com a Manchúria, que ficava próxima a Beijing. Como a China não tinha força suficiente para deter o Japão sozinha, Cixi procurou envolver também o Ocidente, como elemento dissuasor. Instruiu o conde Li a persuadir a Coreia a estabelecer relações comerciais com as potências ocidentais, de modo que elas passassem a ter interesses no país. Em 1882, irrompeu um conflito interno na Coreia, e a legação japonesa foi atacada. Tóquio mandou uma canhoneira à Coreia a fim de proteger seus cidadãos. Assim que tomou conhecimento disso, Cixi falou ao conde Li

de seu temor de que o Japão “pudesse explorar a situação para concretizar seus desígnios”.¹ De imediato, despachou tropas, por terra e por mar, para a capital da Coreia, a atual Seul, com o conde Li no comando geral e baseado em Tianjin. Enquanto o Exército chinês ajudava a reprimir os distúrbios, os japoneses se abstiveram de se envolver na luta. Obtiveram algumas compensações, porém o mais importante foi que seus soldados lá permaneceram. Em resposta, Cixi ordenou que parte de suas tropas continuasse na Coreia enquanto houvesse ali uma presença militar japonesa.* Escrevendo ao conde Li de próprio punho e com tinta carmesim, para ressaltar a importância de suas palavras, ela disse: “Apesar de ser um país pequeno, o Japão tem grandes ambições. Já engoliu Liuqiu e agora volta os olhos para a Coreia. Temos de nos preparar sem chamar a atenção. O senhor deve ser extremamente cauteloso com o Japão e não baixar sua guarda em momento algum”. Foi sobretudo por essa razão que ela decidiu gastar quantias enormes na modernização da esquadra.

No fim de 1884, enquanto a China travava uma guerra contra a França em sua fronteira com o Vietnã, ocorreu um golpe pró-Japão na Coreia. Por informações que colheu, Cixi acabou se convencendo de que “os japoneses estavam por trás do golpe”, “tirando partido das preocupações da China em outra parte”.³ Enviou tropas para reprimir o golpe, mas pediu a seus comandantes que não dessem ao Japão nenhuma desculpa para começar uma guerra. Num choque entre forças chinesas e japonesas no palácio do rei da Coreia, os chineses saíram vitoriosos. Seguindo instruções de Cixi, o conde Li abriu negociações com o conde Ito Hirobumi, que logo se tornaria primeiro-ministro do Japão, e ambos os lados concordaram em retirar as tropas da Coreia. Cixi ficou satisfeita com a “conclusão rápida e satisfatória”.⁴ O resultado agradou também a Robert Hart, inspetor geral da Alfândega, que escreveu numa carta: “Os japoneses pretendiam assinar ontem em T’tsin [Tianjin]: ou seja, ganhamos em todas as frentes”.⁵

No decorrer da década seguinte, o Japão acelerou a modernização de suas Forças Armadas, principalmente a Marinha. Na China, Cixi baixou sua

diretriz para o desenvolvimento naval, pouco antes de transmitir o poder, no começo de 1889: “Continuem a expansão e a atualização, aos poucos, mas sem nunca diminuir o ritmo”.⁶

Entretanto, depois da aposentadoria de Cixi, a China deixou de adquirir navios de guerra modernos.⁷ O imperador Guangxu era orientado pelo grão-preceptor Weng, que também cuidava das finanças do país, como titular do Ministério da Receita. Weng não compreendia o motivo pelo qual somas imensas deveriam ser gastas na compra de navios de guerra, se não existia nenhum conflito. Não via o Japão como uma ameaça. Tudo o que lhe importava eram os problemas internos. Em 1890, desastres naturais assolaram o país e enchentes deixaram milhões de pessoas desabrigadas. Hart escreveu: “Tivemos lagos na cidade... um mar em torno dela... rios nas ruas... piscinas no pátio... chuveiros nos quartos... e destruição em vez de tetos, de telhados”.⁸ Homens e mulheres famintos dependiam dos centros de distribuição de arroz, aos quais Cixi, como imperatriz-viúva, fez donativos. O governo gastou mais de 11 milhões de taéis importando arroz naquele ano.⁹

Passado o desastre, e tendo as importações de arroz caído à metade, não se retomou a modernização da esquadra. Pelo contrário, em 1891, quando Cixi se mudou para o Palácio de Verão e cortou todos os laços com o governo, o imperador Guangxu decretou que cessassem todos os gastos com a Marinha e o Exército, atendendo ao conselho do grão-preceptor Weng (“não temos guerra na costa”).¹⁰ Essa decisão pode ter causado uma cisão entre o imperador Guangxu e Cixi, que temia que o Japão agora ultrapassasse a China em equipamento bélico. Com efeito, como observou o conde Li, o Japão “está concentrando os recursos de todo o país na ampliação de sua Marinha” e “está comprando um vaso de guerra a cada ano [...] inclusive encouraçados de primeira linha, os mais modernos, da Grã-Bretanha”.¹¹ Em decorrência desse programa, nos anos seguintes a Marinha japonesa superou a chinesa em capacidade geral, e sobretudo no

tocante a belonaves mais rápidas e mais modernas. Também o Exército japonês adquiriu melhores equipamentos.¹²

Nessa época, o conde Li estava encarregado da defesa da costa. O imperador Guangxu herdara e mantivera a antiga equipe de Cixi ao assumir o poder. Apesar de todo o ressentimento que sentia pelo Papai Querido, não estava empenhado numa disputa de poder com ele. O imperador tampouco se interessava por questões militares — na verdade, preferia não pensar nisso e deixava tudo nas mãos do conde Li. No entanto, embora o conde arcasse com essa enorme responsabilidade, perdera a confiança total que Cixi tinha nele. Do lado do imperador estava seu feroz inimigo, o grão-preceptor Weng. A animosidade do preceptor real, um arquiconservador, contra o principal reformador do país tinha raízes antigas. O preceptor sempre suspeitara de que parte das verbas destinadas ao conde para modernizar a esquadra acabava em seus bolsos e nos de seus auxiliares. Era essa suspeita de desvio de recursos que estava por trás do conselho que dera ao imperador para que interrompesse todas as compras de equipamento moderno para a Marinha. Assim que Cixi se afastou, o grão-preceptor começou a verificar as contas do conde, ano a ano, desde 1884, quando tivera início um grande plano de modernização da esquadra. Pediu-se ao conde que apresentasse dados contábeis detalhados, respondesse a consultas sem fim, apresentasse justificativas para as despesas e que solicitasse, caso a caso, verbas para despesas essenciais, como a manutenção dos navios.¹³ Mesmo assim, o grão-preceptor não ficou satisfeito e nomeou o príncipe Ching como supervisor geral da Marinha, num sinal de falta de confiança no conde.

No entender do conde Li, o trono “prefere crer em rumores infundados e parece desejar reduzir o poder” do comandante da Marinha.¹⁴ Diante dessa pressão, decidiu agradar ao imperador para manter o cargo. Depois que o imperador Guangxu cortou as compras para a Marinha, e sabendo que sua majestade não queria gastar dinheiro na defesa, o conde lhe apresentou um animado relatório em que dizia ser a costa da China inexpugnável.¹⁵ O

informe não fazia menção a problema algum, embora o conde soubesse que eram muitos. Privadamente, ele escreveu: “Nossos navios não são modernos, e o treinamento é deficiente. Teríamos dificuldades numa batalha naval”.¹⁶ Mais tarde, chegou até a dizer que sempre soubera que as Forças Armadas chinesas eram um “tigre de papel”.¹⁷ Mas ao imperador Guangxu só disse o que sua majestade queria ouvir. De fato, o imperador ficou satisfeito e o cobriu de elogios por ter realizado um trabalho brilhante.

Continuamente os comandantes da Marinha lhe pediam navios novos, mas o conde não transmitia essas solicitações ao trono.¹⁸ Temia que o grão-preceptor Weng o acusasse de falar de perigos para forrar os próprios bolsos e que o imperador pudesse demiti-lo.

O conde negava as ambições do Japão. Parecia não ter a mínima preocupação, embora visse que a expansão naval daquele país tinha como objetivo superar a China: o Japão estava “procurando ser melhor do que nós em tudo: se a velocidade de nossas canhoneiras é de quinze nós, eles querem que a das deles seja de dezesseis”.¹⁹ “Esse país irá longe”, comentou com um colega. Entretanto, fechava os olhos para o fato inevitável de que o Japão só poderia “ir longe” à custa do Império Chinês.

Se Cixi estivesse no poder, jamais teria permitido que o Japão ganhasse superioridade em equipamento militar. Sabia que essa era a única forma de detê-lo. Antes de se afastar, havia construído a esquadra mais poderosa da Ásia, muito mais bem equipada do que a do Japão. E manter essa vantagem não era de modo algum impossível, uma vez que os japoneses dispunham de muito menos recursos na época e não tinham como travar uma corrida armamentista.

Entretanto, aposentada, Cixi não tinha informações suficientes nem o direito de dar palpites em assuntos internacionais. Além disso, o jovem imperador não era um estrategista. Simplesmente deixava todo o encargo de defender o país por conta do conde Li, cujos cálculos eram ditados pelo interesse pessoal.

Em 29 de maio de 1894, depois de inspecionar a costa, o conde Li apresentou ao monarca outro relatório otimista.²⁰ Dessa vez, porém, notavam-se sinais de apreensão: o conde mencionou que o Japão vinha comprando vasos de guerra a cada ano e que a China estava ficando para trás nesse quesito. Contudo, evitou deixar claras as implicações, que passaram despercebidas ao imperador. Sua majestade não fez perguntas e mais uma vez louvou o conde pela qualidade de seu trabalho.

Nesse momento, o Japão atacou. Na primavera daquele ano, houvera um levante camponês na Coreia. No dia 3 de junho, o rei coreano pediu à China que enviasse tropas, e Beijing assentiu. Cumprindo o que ficara ajustado no acordo do conde Li com o conde Ito, a China deu ciência disso ao Japão. Tóquio alegou que precisava ter forças próprias na Coreia a fim de proteger seus diplomatas e civis e despachou uma força. A sublevação chegou ao fim antes que as tropas de ambos os países interviessem, e os coreanos lhes pediram que se retirassem. Os chineses concordaram em fazê-lo, mas os japoneses se recusaram a sair.

O primeiro-ministro japonês era agora o conde Ito, que assinara o acordo com o conde Li dez anos antes. Estadista de escol, Ito desde então ajudara a redigir a Constituição Meiji (1889) e a criar uma Dieta nacional bicameral (1890), que lançara os alicerces do Japão moderno. Ao despachar as tropas para a Coreia, a intenção dele era de que elas lá permanecessem, como primeiro passo para uma meta muito mais ambiciosa: dar início a uma disputa militar com a China, derrotar o gigantesco império e se tornar a nação líder e senhora da Ásia Oriental. Por isso, em vez de retirar as tropas, ele enviou mais soldados. Seu pretexto para esse ato de invasão era o de que o governo coreano deveria ser forçado a executar “reformas” modernizantes. Ito disse aos chineses que seriam bem-vindos se quisessem participar dessa iniciativa “reformista”, mas que se preferissem ficar de fora, o Japão a realizaria sozinho. O plano do primeiro-ministro Ito punha o Japão numa

situação em que o país não tinha como perder. Se as tropas chinesas saíssem, o Japão ocuparia a Coreia — e desafiaria a China numa ocasião que lhe conviesse. Se os chineses ficassem, haveria um sem-fim de oportunidades para criar um conflito entre os dois exércitos e provocar uma guerra, também na época em que isso conviesse ao Japão. Na verdade, o primeiro-ministro Ito decidira confrontar a China.²¹

No governo chinês, ninguém, nem mesmo o conde Li, percebeu as intenções do Japão. Enquanto crescia a presença militar japonesa na Coreia, a vida seguia como sempre em Beijing. O imperador Guangxu continuava a receber suas aulas de textos clássicos e planejava banquetes para comemorar seu aniversário no fim de julho. O grão-preceptor Weng praticava caligrafia em leques, passatempo comum de letrados, e avaliava, com outros conhecedores, suas estimadas coleções de cópias de petróglifos em papel. Temendo provocar uma guerra, o conde Li retardava o envio de reforços para as tropas chinesas na Coreia. Não parece ter lhe ocorrido que a meta do Japão não se limitava à Coreia, que na verdade aquele país estava procurando entrar em guerra com a China. Acreditando que a paz poderia ser preservada, o conde fazia ativa pressão junto a potências europeias, em especial a Rússia, que tinha seus próprios interesses na Coreia (bem conhecidos do conde), na esperança de que elas intervissem e contivessem os japoneses — esperança que se mostrou vã. Robert Hart observou que o conde “faz cálculos com muita confiança numa intervenção estrangeira e infere demais da disposição do Japão para negociar”.²² “As potências estão ativas, tentando induzir o Japão a se retirar e discutir, pois não desejam a guerra, mas o Japão se mostra muito arrogante e presunçoso.” O Japão “lhes agradece os amáveis conselhos, segue seu caminho e, provavelmente, preferiria lutar com todas elas a ceder!”.

No fim de junho, enfim, ocorreu ao conde Li que o Japão estava “não só ameaçando a Coreia”, como desejava uma guerra decisiva “com a China, usando tudo o que tem”.²³ Essa percepção nasceu de notícias dadas por Robert Hart. “O Japão está mobilizando 50 mil soldados, encomendou dois

vasos de guerra encouraçados à Grã-Bretanha e comprou e arrendou muitos veículos comerciais ingleses para o transporte de tropas e armamentos.” Ao dar essas informações ao imperador, o conde enfatizou os problemas enfrentados pela defesa de seu país. Dessa vez, deixou claro que a China não “seria capaz, provavelmente, de vencer no mar” e, além disso, que só havia 20 mil tropas terrestres para defender toda a costa norte, da Manchúria a Shandong.

O imperador notou a discrepância entre essas informações e o recente relatório otimista do conde, mas não se alarmou. Disse que a guerra entre a China e o Japão por causa da Coreia estava “dentro de nossas expectativas” e se mostrou confiante.²⁴ Encheu o peito para falar em “lançar uma ação militar punitiva em grande escala”.²⁵ A sensação de superioridade de sua majestade em relação ao Japão era compartilhada pela grande maioria de seus súditos. Hart comentou: “Entre mil chineses, 999 têm certeza de que a grande China pode acabar com o pequenino Japão”.²⁶

Em 15 de julho, enquanto o Japão agia “de forma realmente magistral”²⁷ (palavras de Hart), o imperador chinês nomeava seu preceptor de letras clássicas como o principal consultor para a guerra. O Grão-Conselho não podia se reunir sem a presença de Weng. Mestre e aluno nutriam uma alegre ignorância do péssimo estado da defesa do país. Hart escreveu nessa época que a China descobriria que “seu Exército e sua Marinha não eram o que ela esperava que fossem”²⁸ e que se houvesse uma guerra “o Japão há de arremeter com denodo e talvez com sucesso, enquanto a China, com sua tática antiga, terá de se avir com muitas derrotas”. Com efeito, as Forças Armadas chinesas tinham recaído em seu velho esquema de indisciplina e corrupção. Canhoneiras tinham sido usadas para o transporte de contrabando, e canos de fuzis, imundos, como cabides de roupa. O nepotismo inchava as Forças Armadas de oficiais incompetentes. Ninguém estava disposto a ir à guerra, enquanto as forças japonesas, bem treinadas, tinham se transformado numa soberba máquina de guerra, pronta para a ação.

Tardiamente, o conde Li começou a transportar tropas para a Coreia, por mar, usando para isso três navios britânicos. Enquanto isso acontecia, no dia 23 de julho tropas japonesas entraram em Seul, capturaram o rei coreano e instalaram um governo-fantoches, que concedeu ao Exército japonês o direito de expulsar as tropas chinesas. No dia 25, a Marinha japonesa lançou um ataque de surpresa aos navios que transportavam soldados chineses e afundou um deles, o *Kow-shing*. Morreram quase mil homens, entre eles cinco oficiais da Marinha britânica. Só dois dias mais tarde o conde Li deu ao imperador Guangxu a notícia do primeiro choque militar com o Japão. Li receava que o imperador, mal informado, se apressasse a declarar guerra ao Japão. Estava tentando usar o afundamento de um navio britânico para evitar a guerra. “A Grã-Bretanha não pode permitir isso”, calculou o conde.²⁹ Londres teria de fazer alguma coisa para conter o Japão. Ele se agarrava a suas esperanças como a uma palha.

Logo se viu que nem a Grã-Bretanha nem as outras potências queriam se envolver. A China e o Japão se declararam em guerra em 1º de agosto. Assim, o encargo de conduzir a primeira guerra moderna da China — e sua maior guerra em mais de duzentos anos — caiu nos ombros de um rapaz de 23 anos que até então levava uma vida totalmente isolada. Guangxu tinha pouco conhecimento do mundo, apenas informações esparsas sobre suas próprias Forças Armadas e nenhuma sobre as de seu inimigo, e como consultor dependia quase exclusivamente de seu retrógrado mestre de letras clássicas. Seu comandante militar, o conde Li, apostava tudo em esforços de paz e deixou de preparar defesas adequadas. Pior, o conde se sentia incapaz de discutir planejamento estratégico com Guangxu, e com frequência lhe escondia a verdade.

A esse lastimável estado de coisas, o Japão contrapunha um Exército moderno e com excelente liderança. Não era difícil prever o resultado da guerra. Os chineses sofriam uma derrota catastrófica atrás da outra, tanto em terra, na Coreia, quanto no mar. No fim de setembro, os japoneses

tinham capturado Pyongyang, a principal cidade do norte da Coreia, e avançado até o rio Yalu — a fronteira com a China.

Durante todo esse tempo, o imperador Guangxu em nada consultou Cixi e só lhe informou que a guerra parecia inevitável pouco antes de 16 de julho. Ela estava residindo em seu Palácio de Verão, apartada do centro nervoso das decisões políticas, e não tinha mais do que uma imagem vaga do conflito. O imperador a procurara para que ela confirmasse a decisão a favor da guerra, e ela lhe deu seu pleno apoio.³⁰ Acentuou também que “não devia fazer nada que dê a impressão de fraqueza”.³¹ A forma como o conde Li se conduzia na busca da paz era uma admissão de fraqueza — até de desespero. E no entanto não havia sinal de que a mensagem tivesse sido transmitida ao conde. O imperador Guangxu só a mencionou em passant ao grão-preceptor Weng em seu gabinete privado. A própria Cixi não tinha nenhum contato com o conde e nenhum meio de dar a ele, ou a quem mais fosse, instruções diretas.

Depois dessa breve consulta, o imperador Guangxu não procurou mais saber a opinião de Cixi. O papel dela era puramente simbólico. Deu-se, em nome dela, uma condecoração a uma unidade do Exército que, segundo informações, teria obtido a primeira vitória da China — mas depois se viu que a notícia era falsa. Não resta dúvida de que Cixi estava extremamente ansiosa. Ao que parece, ela tentou fazer com que alguns grão-conselheiros lhe passassem informações, por intermédio do príncipe Ching, mas o imperador Guangxu soube disso e admoestou os conselheiros.³² A pedido de um grupo de amigos chegados, o imperador manteve Cixi fora do círculo de decisões.³³ Os relatórios sobre a guerra eram apresentados apenas ao imperador, em envelopes fechados, e ele só permitia que Cixi tomasse conhecimento dos títulos.

Desde o início da guerra, nos primeiros dias de agosto, até a véspera da queda de Pyongyang, no fim de setembro, parece que o imperador Guangxu só consultou Cixi uma vez, quando quis demitir o almirante Ting, comandante da Frota do Norte, que estava travando a guerra. O Regimento

redigido quando de sua acessão ao poder o obrigava a obter a aprovação de Cixi no caso de substituição de pessoal de primeiro escalão. Ao expor o caso, o imperador acusou o almirante de “covardia e incompetência”,³⁴ por não ter mandado seus navios para mar aberto. Na realidade, o almirante estava adotando uma estratégia defensiva, pois os navios dos japoneses eram melhores e mais rápidos e a superioridade nipônica teria sido decisiva em mar aberto. Permanecendo em sua base, a frota tinha a proteção dos fortes. Entretanto, o imperador dera ouvidos ao conselho de um primo da concubina imperial Pérola, Zhirui, que insistiu em que “o Japão não passava de um país minúsculo e pobre, nossos navios devem desfilarem em alto-mar [...] e atacar e destruir os navios deles. Nossos canhões devem disparar primeiro, no momento em que encontrarmos um navio inimigo”.³⁵ Ao ver o edito que demitia o almirante, Cixi se irritou e disse com fúria visível: “Não se comprovou que o almirante tenha cometido algum crime!”. Recusou-se a permitir que o edito fosse baixado. Num gesto de desafio, o imperador Guangxu deu uma ordem particularmente irada, condenando o almirante e ordenando ao conde Li que achasse um substituto. O conde escreveu um longo arrazoado, implorando que o imperador reconsiderasse sua decisão, explicando a estratégia defensiva, destacando que não havia ninguém em condições de substituir o almirante e argumentando que sua demissão poderia causar uma revolta na Marinha. Por fim, o imperador suspendeu de má vontade a demissão, mas continuou a repreender e censurar o almirante.³⁶

Foi contra esse pano de fundo que o almirante comandou uma grande batalha naval em 17 de setembro de 1894, na qual cinco de seus onze navios foram a pique. Isso, com a queda iminente de Pyongyang, forçou o imperador Guangxu a envolver Cixi, que também achava uma oportunidade de deixar o Palácio de Verão e ficar no Palácio do Mar, adjacente à Cidade Proibida. Assim, no dia da devastadora batalha naval e após dois meses de sucessivos desastres militares, Cixi viu o Grão-Conselho pela primeira vez em anos.³⁷ Ainda não tinha um mandato para conduzir a guerra. No

começo, imaginou-se que sua intervenção seria breve, de apenas dez dias, depois dos quais ela deveria voltar ao Palácio de Verão, em 26 de setembro.³⁸ No entanto, por causa de seu status e de suas realizações prévias, ela assumiu certa autoridade — principalmente diante dos olhos daqueles que a cultuavam. Para pô-la a par dos fatos, o conde Li apresentou relatórios pormenorizados, anexando telegramas que havia recebido.³⁹ À medida que se desenhou o quadro sinistro, Cixi anunciou que doaria 3 milhões de taéis para a manutenção do Exército.⁴⁰ A seguir, prorrogou sua estada no Palácio do Mar por outros dez dias, até 6 de outubro — “provisoriamente”, o que dava a entender que ela poderia ser mais longa. Ao mesmo tempo, cancelou todas as comemorações de seu sexagésimo aniversário,⁴¹ que caía em 7 de novembro.**

Os preparativos desse aniversário tinham começado três anos antes, sob a supervisão do grão-preceptor Weng, entre outros. O sexagésimo aniversário era um marco para os chineses, e o da imperatriz-viúva exigia festividades esplendorosas. Uma das principais responsabilidades do Ministério do Ritos, um importante órgão do governo, consistia em preparar programas para tais ocasiões. Dessa vez, o programa seguia o precedente fixado por Qianlong, o Magnífico, para seu próprio sexagésimo aniversário e também para o de sua mãe, e ocupava dois livretos encadernados em cetim vermelho. Os arquivos de decretos imperiais listavam honrarias a ser concedidas, promoções a ser firmadas, criminosos a ser indultados e mil e uma outras coisas a ser feitas. No caminho entre a Cidade Proibida e o Palácio de Verão haviam sido selecionados sessenta locais onde ergueram arcos, pavilhões, tendas e palcos, todos ricamente decorados, para óperas e bailados. Tudo isso estava sendo agora cancelado. Cixi só receberia cumprimentos na Cidade Proibida, numa cerimônia muito reduzida.

Durante vários dias, Cixi estudou a história da guerra, concluindo que o conde Li levava a China a uma situação caótica, devido a uma série de erros

de cálculo e de improbidade administrativa, como induzir o imperador a equívocos. Como o Exército tinha com o conde uma fidelidade pessoal, ela considerou que ele não podia ser demitido. A quem pedia sua cabeça, ela respondia: “Vamos dar tempo ao tempo. Não há quem possa ocupar seu lugar”.⁴² O príncipe Gong foi reconduzido e nomeado líder do Grão-Conselho. No entanto, não podia fazer milagres. Houve mais derrotas — e mais heroísmo. Numa batalha naval, um capitão chamado Deng Shichang tentou abalroar um navio japonês, mas quando a manobra falhou e seu próprio navio afundou, ele se recusou a ser resgatado e se afogou (aparentemente junto com seu cachorro).

No fim de setembro, todas as tropas chinesas tinham sido expulsas da Coreia para seu lado do rio Yalu. Nas palavras de Robert Hart, Beijing sabia que “levar os combates adiante é irresponsabilidade e que a melhor medida a tomar é buscar um acordo rápido”.⁴³ Dois grão-conselheiros procuraram Hart para que ele pedisse à Grã-Bretanha que intermediasse a paz. Os britânicos propuseram duas condições para pôr fim à guerra: que a Coreia se tornasse um protetorado das potências internacionais e que a China pagasse uma indenização de guerra ao Japão. Nas circunstâncias, essas condições não eram tão más. No entanto, indignaram o grão-preceptor Weng. Tachando de “maldoso” o ministro britânico que apresentara a proposta, ele exigiu que o Grão-Conselho rejeitasse as condições. Cixi dedicou muito tempo tentando persuadi-lo a aceitar a proposta britânica, dizendo-lhe que era esse o desejo dela. Com muita relutância, o cortesão se curvou ao desejo da imperatriz-viúva, e os britânicos apresentaram a proposta aos japoneses.⁴⁴

Esse episódio mostrou a Cixi que sua situação atual era muito diferente da que existia antes de sua aposentadoria. Ela era agora somente uma “consultora”, ainda que influente. Na verdade, não tinha informações suficientes, pois o imperador só lhe dava acesso a alguns relatórios, o que fazia com que seu quadro da guerra fosse incompleto. Em resultado disso, ela se iludiu, julgando que, com a mediação dos britânicos e o pagamento de

uma indenização, chegariam a um acordo. Subestimou o apetite do Japão, acreditando que a essa altura Tóquio estaria satisfeito em engolir a Coreia. Enquanto aguardava a resposta do Japão à proposta britânica, fez uma coisa que não combinava com ela como estadista, mas sim com outro lado seu, a de uma mulher ávida por coisas belas. O conde Li acabara de lhe enviar uma lista dos presentes dele por ocasião de seu aniversário, e consistia em nove conjuntos de tesouros:**

Nove *ru-yi* de jade incrustados, nove estátuas de ouro puro do Buda da Longevidade, nove relógios de ouro cravejados de brilhantes, nove pares de taças de ouro de “boa sorte” e “longevidade”, nove flores de cabelo de diamante, nove peças de veludo puro amarelo, nove peças de brocado amarelo com estampas florais, nove incensários de ouro cravejados com sete gemas e nove vasos de ouro cravejados com sete gemas.⁴⁵

Era uma lista esplêndida, até mesmo para a imperatriz-viúva da China. E era particularmente tentadora para Cixi, a quem muito agradavam objetos de arte e artigos de luxo. O conde, que não possuía riquezas fantásticas, estava realmente ansioso por conquistar as boas graças de Cixi, com a esperança, claro, de que ela salvasse sua pele. Havia relacionado esses presentes sabendo que Cixi tinha emitido um decreto, dois anos antes, em que anunciava: “Nada de presentes, por favor”, em seu sexagésimo aniversário.⁴⁶

Os presentes do conde confirmaram que ele era um perito na arte de agradar aos superiores explorando seus pontos fracos. De fato, era difícil para Cixi recusar aquelas preciosidades. E se ela aceitasse os presentes do conde, teria de aceitar os de outras pessoas. Aniversários de décadas redondas eram as principais ocasiões para presentear, mas seu quinquagésimo aniversário fora marcado pela guerra com a França, e Cixi tivera de vetar todos os presentes. Teria ela de renunciar a essa oportunidade de novo? A tentação se mostrou forte demais. Depois de alguns dias de dúvidas cruéis, Cixi se convenceu de que aceitar presentes de aniversário não

era incompatível com travar a guerra. Essa decisão foi semelhante à sua ilusão no passado, quando achou que tirar uma soma relativamente pequena das verbas para a Marinha não faria diferença para a esquadra. Agora ela efetivamente rescindiu seu próprio decreto e mandou os eunucos anunciarem que as autoridades acima de certo nível podiam lhe dar presentes, se assim desejassem.⁴⁷

Suas palavras imediatamente causaram desassossego entre as altas autoridades na corte. Algumas, como o grão-preceptor Weng, disseram que não tinham preparado nada por obedecerem ao decreto da própria imperatriz-viúva e porque a admiração que tinham por ela não podia, afinal, ser medida por objetos materiais (segundo uma máxima confuciana). No entanto, a linha geral estava definida: todos começaram a dar tratos à bola para resolver o que lhe oferecer, e Weng e alguns outros contrataram um agente para solucionar o problema para eles. Percebendo que cometera um erro, Cixi se apressou a emitir um edito em que tentava se explicar, dizendo que achava que seria errôneo de sua parte rejeitar a boa vontade das pessoas.⁴⁸ Mas o mal já estava feito. O espírito de luta, que já era baixo na corte, agora desaparecia. Robert Hart escreveu numa carta:

As coisas parecem mal aqui. As autoridades não têm espírito de luta, e a desesperança, de modo geral, está baixando em todos: as perspectivas são de fato bem ruins, e se o Japão não aceitar a “folha de oliveira”, não sei como haveremos de sair dessa situação.⁴⁹

Os japoneses não aceitaram a “folha de oliveira”. Sem responder aos britânicos, lançaram ataques às defesas da fronteira chinesa, que desabaram como castelos de cartas. Os japoneses estavam dentro da própria China em 27 de outubro. Tardiamente, Cixi tentou medidas de última hora. Propôs doar mais 2 milhões de taéis ao esforço de guerra. Mas esse gesto não podia salvar a guerra ou sua imagem. Seus rituais de aniversário, muito reduzidos, foram levados a cabo ao som dos tambores de um Exército japonês que avançava. As cerimônias foram uma fachada que ela estava obrigada a

preservar: cancelá-las equivaleria a anunciar uma catástrofe nacional e causaria espanto ao império. Entretanto, nem mesmo a pompa prescrita podia dissipar a atmosfera densa e pesada.

As potências ocidentais viram, com escândalo e desdém, que o império parecia incapaz de opor uma resistência decente e só tinha forças para uma fanfarra de aniversário. A reputação de Cixi despencou. Robert Hart escreveu com ironia, sem mostrar agora nenhum traço de sua passada reverência pela imperatriz-viúva: “É provável que vejamos o aniversário da imperatriz-viúva (7 de novembro) ser comemorado com a captura de Liao Yang — não creio que [os japoneses] possam chegar a Moukden nessa data!”.⁵⁰ Liao Yang ficava bem no meio da península de Liaodong, no sul da Manchúria, perto da Coreia, e Moukden era a velha capital dos manchus, mais ao norte.

Em 21 de novembro, os japoneses capturaram o estratégico porto-fortaleza de Port Arthur, na extremidade sul da península de Liaodong — a porta para a Manchúria, por terra, e para Tianjin e Beijing, bastando cruzar um breve trecho de mar. Essa catástrofe fez Cixi se dar conta de toda a dimensão das ambições e da capacidade militar do Japão. Lamentou amargamente o fiasco dos presentes e da cerimônia de aniversário, por mais reduzida que tivesse sido. Mais tarde, declarou que não aceitaria nem presentes nem comemorações em nenhum de seus aniversários. Seu septuagésimo aniversário, uma data especial, não seria exceção.⁵¹ Nessa ocasião, propostas para que ela aceitasse tributos correram pelas províncias, mas ela se manteve firme.

De volta a novembro de 1894, Cixi também atribuiu a culpa por seus erros de julgamento ao acesso restrito que tinha a informações. Agiu no sentido de pôr fim ao embargo, imposto pelo filho adotivo, a seu acesso aos relatórios dirigidos a ele. Como essa atitude nascera, em grande parte,

devido a conselhos de amigos, que haviam chegado a ele por meio de Pérola, a concubina favorita do imperador Guangxu, Cixi abordou-a primeiro.

Oficialmente, como integrante do harém, Pérola era sua pupila, e Cixi nunca mostrara má vontade com relação a ela. Na verdade, até procurara ser gentil com a concubina, convidando a ela e a sua irmã, Jade, para se hospedarem no Palácio de Verão. Quando Pérola manifestou desejo de aprender a pintar, Cixi permitira que a sra. Miao lhe desse aulas. No começo daquele ano, como parte das comemorações de seu sexagésimo aniversário, Cixi promovera Pérola a um nível acima na hierarquia das consortes imperiais. Agora com dezoito anos, Pérola era louca por dinheiro. Uma despesa nada irrelevante para as concubinas imperiais eram as gratificações que davam aos eunucos, para ser bem atendidas, e Pérola era generosa nesse aspecto. Em troca de dinheiro, ela vendia cargos oficiais a quem pagasse melhor.⁵² Um desses cargos era o de prefeito de Shanghai, e ela pediu ao imperador que desse o cargo a certo Lu. Quando o imperador Guangxu determinou ao Grão-Conselho que nomeasse Lu — sem informar aos conselheiros que a nomeação fora pedida por Pérola —, eles questionaram a nomeação, pois nunca tinham ouvido falar dessa pessoa. O imperador foi obrigado a permitir que Lu fosse avaliado pelo Ministério do Funcionalismo. O órgão concluiu que Lu não merecia um cargo em Shanghai e o pôs numa lista de reserva, à espera de que vagasse um cargo bem mais baixo. Correu a notícia de que Lu era analfabeto e subornara Pérola com uma quantia bastante elevada. Havia casos semelhantes.

O fato de uma consorte imperial tirar proveito de seu relacionamento com o monarca para vender cargos oficiais era uma atitude ilícita punível com a morte na dinastia Qing. O imperador se tornaria objeto de escárnio e seria considerado estúpido e indigno se o escândalo viesse à tona. Cixi sabia dos malfeitos de Pérola e do envolvimento de Guangxu, e resolveu usá-los para forçar o filho adotivo a aceitar suas exigências. Obteve confissões de Pérola e dos eunucos que a serviam — ao açoitar os eunucos nas costas com longos bastões de bambu e obrigar Pérola a assistir ao castigo enquanto a

pele deles rachava e seus gritos se reduziam a balbucios.⁵³ A própria Pérola foi esbofeteada. Sentindo fortes dores, humilhada e aterrorizada, ela desmoronou. Um médico da corte a encontrou “inconsciente, com os dentes trincados, e todo o corpo se contraindo e se agitando”. O sangue escorria da boca e do nariz. Pérola passou uma quinzena perdendo e recuperando a consciência.

Anos antes, quando Pérola acabava de ser escolhida como concubina imperial, sua mãe pressentira um destino infeliz para a filha. A sra. Headland, médica americana, fora chamada para ver a mãe de Pérola, e se lembrava de que a aristocrata

sofria um colapso nervoso devido à preocupação e à insônia. Inquirindo-a, eu soube que suas duas filhas tinham sido levadas para o palácio como concubinas do imperador Kuang Hsu [Guangxu] [...]. Ela me pegou pela mão, puxou-me para seu lado na cama de tijolos e me contou a forma patética como as duas filhas tinham sido tiradas dela no mesmo dia. “Mas elas foram levadas para o palácio”, aleguei, tentando consolá-la, “e ouvi dizer que o imperador tem muito apreço por sua filha mais velha.” “É verdade”, ela respondeu, “mas como isso pode me consolar? [...]. Tenho medo das intrigas da corte, e elas são apenas crianças e não podem entender a hipocrisia da vida na corte... Tenho medo por elas, tenho medo por elas”, e a mulher se balançava para a frente e para trás na cama de tijolos.⁵⁴

Com a confissão de Pérola, Cixi forçou o filho adotivo a aceitar seu “acordo”. Ela permitiria que o papel dele no escândalo fosse acobertado, e em troca Guangxu lhe daria pleno acesso a todos os relatórios sobre a guerra. Em 26 de novembro, o imperador se ausentou quando Cixi expôs ao Grão-Conselho o que Pérola tinha feito e, ato contínuo, fez com que fosse emitido um decreto em sua qualidade de imperatriz-viúva supervisora do harém, anunciando as transgressões cometidas por Pérola e sua irmã Jade e rebaixando ambas de categoria.⁵⁵ O decreto apresentava o imperador como um monarca de impecável integridade. Dizia que as duas concubinas

imperiais tinham “suplicado ao imperador” que desse cargos a pessoas que elas haviam recomendado, mas que ele se sentira “profundamente incomodado por esse comportamento” e levava o caso à imperatriz-viúva, pedindo que as duas consortes fossem censuradas. Quando o grão-preceptor Weng se encontrou com o imperador Guangxu no dia seguinte, sua majestade tocou no assunto com toda a calma, como se fosse mesmo inocente.⁵⁶ Nesse dia, 27, o imperador emitiu um edito ordenando que todos os relatórios dirigidos a ele fossem apresentados à imperatriz-viúva em sua forma original. Só a partir de então Cixi passou a ter pleno acesso às informações sobre a guerra.⁵⁷

Entrementes, como lembrete da gravidade do escândalo, uma reprimenda em termos enérgicos foi emoldurada e pendurada no apartamento de Pérola. Um eunuco-chefe envolvido foi executado. Cixi quis que a execução fosse pública, mas o grão-preceptor Weng a convenceu de que isso prejudicaria a dinastia, e a sentença de morte foi executada no interior da Cidade Proibida, pelo Departamento de Punição da corte, com a utilização de longos bastões de madeira.

*

A seguir, Cixi resolveu separar o imperador Guangxu de seus amigos que lhe vinham recomendando excluí-la do processo decisório. Ela desejava muito expulsar da corte o primo de Pérola, Zhirui, o homem que também tentara fazer com que o imperador demitisse o almirante Ting e o metesse na prisão, e até o executasse, por nenhuma outra razão além do fato de o almirante ter assumido uma sensata posição defensiva. Em outra petição, Zhirui aconselhara o imperador a reduzir em 80% o soldo das tropas que defendiam a Manchúria — para economizar dinheiro, como disse.⁵⁸ Por que ele escolheria a Manchúria, que faz fronteira com a Coreia, para esses cortes, quando os japoneses já chegavam às portas da China? Cixi não podia deixar

de ver o conselho do primo Zhirui como nefasto e benéfico aos japoneses. Suspeitando bastante dele, mandou-o para um posto no extremo norte do império, bem longe da corte.

Cixi também planejou eliminar a influência de Wen Tingshi, um amigo de família de Pérola. Wen escrevera ao imperador dizendo que Cixi deveria ser barrada inteiramente da política, porque uma mulher desempenhando um papel no governo é como “uma galinha cacarejando de manhã, o que decerto prenuncia um dia funesto”.⁵⁹ Além disso, Wen fizera com que um censor, Weijun, enviasse uma petição ao trono e acusasse Cixi de intromissão, alegando que ela era um fantoche de seu eunuco-chefe, Lianying. Cixi ficou fora de si com essa acusação, na qual até algumas altas autoridades tendiam a crer.⁶⁰ Uma delas explicitou sua preocupação numa audiência, e a fúria de Cixi ficou patente quando ela a interrompeu e lhe disse que “ficasse certo” de que as acusações eram infundadas.⁶¹ Começaram a circular boatos de que ela era uma conciliadora e que vinha “fazendo pressão sobre o imperador para não lutar contra o Japão”. “Os historiadores vão escrever a história assim. Como hei de encarar o país? E o que as futuras gerações pensarão de mim?”, gritou ela. O imperador Guangxu sentiu-se compelido a punir o censor caluniador e o baniu para a fronteira durante vários anos. Esse castigo duro por crítica a Cixi era coisa de que não se tivera notícias durante seu reinado e causou sensação. Eram muitos os que acreditavam nas acusações (era, e ainda é, fácil fazer com que as mulheres sejam vistas como bodes expiatórios de fracassos) e elogiavam o censor como um herói. Grande parte da solidariedade a ele dedicada foi fomentada por Wen, cuja proximidade do imperador Guangxu lhe conferia credibilidade. Wen arrecadou centenas de milhares de taéis como um presente para o censor quando ele partiu para o exílio. Apesar de tudo quanto Wen fizera contra ela, Cixi o tratou com equanimidade. Durante a guerra ela o deixou em paz, e mais tarde fez com que o filho adotivo o expulsasse da corte e da capital. Dois outros amigos do imperador, que vinham lhe murmurando frases como “Não deixe a imperatriz-viúva se

meter”, também foram demitidos depois da guerra, acusados de “jogar as duas majestades uma contra a outra”.⁶²

Outra medida importante que Cixi tomou então foi tentar fechar o gabinete do imperador, que era o único lugar onde seus amigos podiam ir e conversar com ele sem despertar suspeitas.⁶³ Era também ali que o monarca continuava a estudar os clássicos e a língua manchu — e até inglês — em meio a uma guerra desastrosa. Cixi tinha direito de fechar o gabinete porque, como genitora, tinha responsabilidades gerais por sua educação. Fechar o gabinete poria também um ponto final nos tête-à-têtes com o grão-preceptor Weng, durante os quais eles definiam a política de guerra. Cixi queria que as políticas fossem fixadas com o Grão-Conselho e em sua presença. Nomeou Weng como grão-conselheiro, para que ele não tivesse motivo para dar seus conselhos em particular.

A tentativa de Cixi de fechar o gabinete não teve êxito. O imperador Guangxu ficou muito aborrecido com a possibilidade de perder seu mundo privado e pediu ao príncipe Gong, agora à testa do Grão-Conselho, que intervisse. Também Weng se agastou. Por isso, Cixi teve de permitir que as aulas de letras clássicas prosseguissem, só conseguindo pôr fim às aulas de línguas. Foi obrigada a garantir a Weng que ela o considerava “leal e digno de confiança” e que o fechamento do gabinete não visava a ele, mas apenas a pessoas como Zhirui. Pediu desculpas por sua ordem ter sido “demasiado áspera”.

Só em decorrência dessa luta hercúlea foi que Cixi conseguiu penetrar no processo de tomada de decisões. Isso aconteceu perto do fim de 1894, meses depois do começo da guerra e quando a China já estava condenada à derrota.

* As tropas que permaneceram na Coreia eram comandadas por um oficial, Wu Changqing, que parece ter imposto uma rigorosa disciplina a seus homens, o que lhe valeu certa boa vontade por parte dos coreanos. Em 1884, ele adoeceu e voltou à China. Quando o militar se viu desenganado, seu filho adolescente, angustiado, cortou duas tiras de carne do lado esquerdo do próprio peito, perto do coração, e cozinhou-as junto com o remédio, numa esperança desesperada, mas vã, de que seu amor e sacrifício comoveriam o Céu e salvariam o pai. A ideia do rapaz tinha origem em moralidades confucianas.²

** Segundo o método de cálculo chinês.

*** Nove era considerado o número mais auspicioso, por ser o maior número de um só algarismo e ter a mesma pronúncia da palavra que significava “duradouro”, *jiu*.

17. A paz que arruinou a China (1895)

Depois de tomarem Port Arthur, os japoneses declararam que estavam prontos para conversações de paz. Dois negociadores chineses partiram para o Japão. Em 5 de janeiro de 1895, antes de viajar, eles se avistaram com Cixi e o imperador Guangxu. Terminada a audiência, Cixi listou os pontos fundamentais de suas instruções numa folha de papel amarelo imperial e fez com que fosse entregue aos enviados, declarando-lhes enfaticamente que não assinassem nada sem a prévia anuência de Beijing e, sobretudo, que não fizessem promessa alguma quanto a cessão de territórios ou que estivesse além dos recursos do país.¹

No dia em que os dois negociadores chegaram ao Japão, a situação da guerra piorou bastante para os chineses, com os japoneses prestes a capturar Weihaiwei, sede da Frota do Norte. A Frota recebera ordens rigorosas de escapar ao cerco e, como último recurso, afundar os navios para impedir que caíssem nas mãos dos inimigos. No entanto, os oficiais e marujos se recusaram a cumprir essas ordens. Alguns caíram de joelhos e imploraram ao almirante Ting que não destruísse os navios, pois, se o fizesse, os japoneses com certeza os torturariam cruelmente antes de matá-los. Diante dessa pressão, o almirante Ting assinou uma carta de rendição e entregou os vasos de guerra, dez ao todo, inclusive um dos dois encouraçados, aos japoneses. Em seguida, suicidou-se ingerindo ópio. Assim, em fevereiro de

1895, a Frota do Norte — a espinha dorsal da Marinha chinesa — deixou de existir. Enquanto os guerreiros japoneses comparavam seus antagonistas, com desprezo, a “porcos moribundos atirados no chão para serem batidos e retalhados à vontade”,² Tóquio rejeitava os dois negociadores, exigindo no lugar deles um plenipotenciário da mais elevada posição e prestígio. Estava claro que desejavam o conde Li.

Pelo modo como Tóquio ditava as condições, Cixi percebeu que seria impossível que das conversações surgisse um resultado aceitável. Em 6 de fevereiro, ela afirmou ao Grão-Conselho que o Japão com certeza imporá “condições que não poderemos aceitar” e que, nesse caso, o governo deveria chamar de volta os enviados, romper as negociações e continuar a guerra.³ A “dureza de suas palavras e de sua atitude” surpreendeu o grão-preceptor Weng. No dia seguinte, quando um alto comandante, Wang Wenshao, teve uma audiência com ela, ficou igualmente admirado, como registrou em seu diário:

O rosto e as palavras da imperatriz-viúva eram a expressão da afronta. Ela me recomendou que fizesse todo o possível para reacender o espírito de luta dos oficiais e soldados. Disse-me que pusesse em vigor normas rigorosas para premiar a coragem e punir a covardia, e para fazer o máximo para reverter a situação [...]. Falou-me longamente e com fervor, durante três quartos de hora, ansiosa para que eu captasse a mensagem. Vi como estava preocupada com que eu a entendesse direito, de modo que esperei do lado de fora, enquanto ela recebia os grão-conselheiros, para o caso de ela ter mais instruções a me dar.⁴

Cixi deu ao comandante um manifesto dirigido às tropas. Redigido em seu próprio nome, exortava os militares a continuar a luta com ânimo forte e bravura.⁵

A imperatriz-viúva enviou uma ordem ao vice-rei Zhang Zhidong, que se opunha firmemente a conversações de paz baseadas em termos inaceitáveis e vinha enviando telegramas à corte com ideias sobre as melhores formas de

dar continuidade à luta. Em sua carta, ela lhe pedia que fosse além das funções inerentes ao cargo e ajudasse a planejar uma estratégia geral. No entanto, quando o vice-rei pediu a Beijing mais informações a respeito da guerra, o imperador, num tom de desagrado, respondeu que aquilo não era de sua conta.⁶

Era evidente que as palavras de Cixi pouco valiam. Os homens que detinham o poder — o imperador Guangxu, o príncipe Gong e os demais membros do Grão-Conselho — não queriam lutar e estavam dispostos a aceitar quaisquer condições que fossem impostas pelos japoneses.⁷ Morriam de medo de que o inimigo marchasse contra Beijing e derrubasse a dinastia. Ao mencionar essa possibilidade ao grão-preceptor Weng, o rosto do imperador estava banhado de lágrimas, enquanto o mestre de letras clássicas “suava e tremia”. Cixi se viu forçada a concordar com a ideia de mandar o conde Li ao Japão, mas pediu ao Grão-Conselho que dissesse ao conde que primeiro “viesse receber instruções”.⁸ Aterrado com a possibilidade de que Cixi impusesse condições que levassem ao fracasso das negociações, o príncipe Gong interveio: “Mas o imperador disse que Li não precisa vir. Isso não está de acordo com os desejos de sua majestade”. Cixi retrucou: “Os senhores estão pedindo minha opinião ou não? Minhas palavras significam alguma coisa ou não?”

O conde Li foi, afinal, a Beijing para uma audiência. Em 25 de fevereiro, ele e o príncipe Gong deram ciência a Cixi da exigência japonesa de que ele só fosse ao Japão se tivesse um mandato para ceder território, além de pagar uma polpuda indenização. Também lhe disseram que o imperador Guangxu decidira enviar o conde com essas condições aceitas. Furiosa, Cixi objetou, mas em vão.⁹ Por fim, disse, colérica: “Façam o que quiserem. Mas não me perguntem mais nada!”. Quando o imperador Guangxu ainda procurou saber dela o que, em sua opinião, o conde Li deveria ceder ao Japão, ela mandou um eunuco dizer que estava adoentada e que o imperador, por favor, decidisse por si.

Como o conde Li não desejava assumir pessoalmente a responsabilidade pela perda de território — o que mais doía aos chineses —, em 3 de março o imperador Guangxu lhe deu uma autorização, por escrito, para “ceder território”.¹⁰ Isso refletia os desejos de todos os grão-conselheiros, que escreveram coletivamente à imperatriz-viúva no mesmo dia, suplicando-lhe que entendesse o dilema do imperador, referindo-se ao “perigo para a capital” como a principal preocupação dele.¹¹ Cixi não respondeu. Deu as costas ao filho adotivo, que, tomado de angústia, ficou a rondar o apartamento dela em silêncio, tentando vê-la e conseguir seu apoio.¹²

No dia 8 de abril, chegaram as condições íntegras do Japão. À parte uma indenização astronômica, eles exigiam a cessão de Taiwan, conhecida como a “joia” do Império Chinês, e que, como o vice-rei Zhang lembrou à corte, “ganha a cada ano mais de 2 milhões de taéis para os cofres do Estado e dezenas de vezes essa quantia para os comerciantes e a população em geral”.¹³ Além de Taiwan, o Japão queria as ilhas dos Pescadores, próximas a Taiwan, e a península de Liaodong no sul da Manchúria. Furiosa, Cixi disse ao imperador Guangxu: “Não ceda território algum, chame de volta o negociador e continue a lutar!”¹⁴

Naturalmente, porém, ela não tinha nenhum ás na manga. O que ela tinha era a determinação de não ceder e a disposição de correr riscos. Mas foi ignorada pelos homens, que não queriam riscos. Ao receber um ultimato do primeiro-ministro Ito, avisando que 100 mil homens estavam a caminho de Beijing, o imperador Guangxu disse ao conde Li, em 14 de abril, que aceitasse as condições japonesas.¹⁵ No dia 17, o conde firmou com Ito o Tratado de Shimonoseki. O Japão obteve os territórios que desejava, além de 200 milhões de taéis a título de reparações.

No decorrer desse período, Cixi se consumiu de indignação e desespero, só agravados por sua impotência. Tão intensa era sua angústia que com frequência ela perdia a consciência.¹⁶ Um eunuco “repetidamente via Cixi chorando quando ela pensava estar sozinha”.¹⁷ Disse que “o pranto privado de Cixi revelava a agonia indizível que ia em seu coração [...]. Se alguém me

pedisse que apontasse uma única coisa a respeito dela, eu diria que ela era a pessoa mais atormentada do mundo”.

Comparada com as duas indenizações anteriores, pagas à Grã-Bretanha em 1842 e à Grã-Bretanha e à França em 1860, a quantia extorquida à China em 1895 revela o apetite e a impiedade sem paralelos da emergente potência asiática. As exigências europeias — 21 milhões de dólares de prata no primeiro caso e 8 milhões de taéis para cada país no segundo — correspondiam mais ou menos aos custos de guerra e aos danos infligidos a não combatentes. Os 200 milhões de taéis exigidos pelo Japão tinham pouca relação com os custos em que o país tinha incorrido, já que o Japão tinha, ao todo, apenas 30 milhões de taéis em seus cofres públicos no começo da guerra, e os bônus de guerra que vendera posteriormente — 80 milhões — estavam integralizados apenas em parte. O primeiro-ministro Ito não contestou esses números quando o conde Li os mencionou.¹⁸

O tratado enfureceu a elite governante chinesa. Muitas centenas de servidores públicos na capital assinaram petições que pediam sua rejeição, e a eles se somaram mais de mil membros da classe dos letrados, que estavam em Beijing, vindos das províncias para os Exames Imperiais. Não havia precedentes para a escala da campanha do “Não”. Ainda que o tratado não tivesse sido divulgado oficialmente, informações sobre ele tinham se espalhado. Todos os peticionários suplicavam ao imperador que se recusasse a ratificá-lo, sendo que alguns lhe recomendavam transferir a capital para o interior e tomar medidas para uma guerra prolongada. Entretanto, suas palavras altissonantes eram descritas como “uma voz e nada além disso” (termos de Hart).¹⁹ Para o imperador Guangxu, a opinião pública tinha pouca importância, e a única ameaça interna que ele temia era uma rebelião armada de camponeses. Afora isso, a única ameaça era o Japão, capaz de arrojar por terra a Grande Dinastia Qing.

Nesse momento, inesperadamente, algumas potências europeias acorreram a ajudar Beijing. Rússia, Alemanha e França intervieram e exigiram que o Japão devolvesse a península de Liaodong à China, como argumento de que sua ocupação haveria de “pôr a capital chinesa numa posição de ameaça permanente”. A Europa temia que o Japão dominasse a China. Robert Hart comentou: “Se o Japão vencer e ocupar a China, o maior império que o mundo já viu — o mais progressista e o mais poderoso [...] que 1900 tenha cuidado!”²⁰ O Kaiser Guilherme II da Alemanha cunhou a expressão “Perigo Amarelo” para se referir ao que ele via como o pesadelo da Europa: o Japão “à testa de uma Ásia consolidada, o controle da China pelo Japão”.²¹

Ao ver uma prova cabal da preocupação da Europa, Cixi imaginou ser muito improvável que o Japão atacasse Beijing e pusesse fim à dinastia Qing. O Japão ainda não estava em condições de desafiar o Ocidente. (De fato, por fim o Japão acatou a exigência das três potências europeias e se retirou da península de Liaodong, embora não o fizesse de graça.) Cixi teve esperança de que o imperador Guangxu e os nobres percebessem que a capital e a dinastia estavam seguras, e que, diante disso, assumissem uma postura firme e recusassem as condições dos japoneses. Evidentemente, o Japão poderia ver essa atitude como provocação e avançar contra Beijing, mas Cixi julgou que valia a pena correr o risco. Os termos do tratado eram demasiado danosos ao império para que seus líderes não aceitassem o risco. Em seus cálculos, pressionado pelas potências ocidentais e diante de uma China decidida a travar uma guerra prolongada, era bem possível que o Japão concordasse com um acordo de paz muito menos oneroso do que o Tratado de Shimonoseki.

Com esperanças de que a corte pensasse do mesmo modo que ela, em 26 de abril Cixi pediu ao Grão-Conselho que repensasse o tratado de paz de alto a baixo e lhe dissesse o que pensava.²² No entanto, todos os conselheiros eram da mesma opinião do imperador: tinham de ter certeza absoluta de que a Europa interviria em defesa da China antes de resolver manter a

guerra, e o imperador mandou que fossem expedidos telegramas aos três países pedindo uma confirmação categórica. Como era de esperar, não houve resposta imediata. Enquanto esperavam, o imperador Guangxu ficou obcecado com o cumprimento do prazo para a ratificação do tratado, temeroso de que, ao expirar, os japoneses avançassem contra Beijing. Tenso e a ponto de sofrer um colapso, o rapaz de 23 anos parecia transtornado e precocemente envelhecido. Nenhum nobre opinou contra a ratificação, pois ninguém queria ser o responsável pela queda da dinastia. O grão-preceptor Weng apenas sussurrou, num lamento, que estava disposto a fazer a cabeça em pedacinhos se isso contribuísse para alguma coisa. Todos os olhos estavam postos no príncipe Gong, embora ele não tenha ajudado quase nada e estivesse gravemente doente. Como era de esperar, o príncipe recomendou que o tratado fosse ratificado. Malgrado todas as suas qualidades, ele era, em essência, um homem débil, inclinado a ceder diante de uma crise séria.

Como nem o imperador nem os nobres manifestassem disposição de luta, Cixi parou de tentar persuadi-los.²³ Não obstante, recusou-se a participar do endosso ao Tratado de Shimonoseki. A ratificação foi confirmada pelo imperador Guangxu em 2 de maio, na presença do príncipe Gong e do Grão-Conselho. O momento foi cercado de muita “comoção” e “pranto”.²⁴ O imperador Guangxu telegrafou então para o conde Li, dizendo-lhe que trocasse os instrumentos de ratificação imediatamente. Isso foi feito em 8 de maio. O imperador chegou a apressar o conde, pois o jovem não conseguia ver a hora de resolver e acabar aquilo tudo.²⁵

Ele decidira “seguir o caminho mais seguro”, comentou Robert Hart. “É um império em risco!”²⁶ No entanto, para Cixi, o custo da “paz” era alto demais e, por fim, haveria de destruir, e não salvar o império. Ela tinha perspicácia, decisão e coragem. O que não tinha era um mandato.

O Tratado de Shimonoseki arruinou a China. Charles Denby, ministro americano que atuara como intermediário do acordo e conheceu os tempos

relativamente prósperos antes da guerra e o período catastrófico que se seguiu a ela, escreveu: “A guerra japonesa foi o começo do fim da China”.²⁷ Além dos 200 milhões de taéis de indenização, a China ficou na obrigação de pagar ao Japão outros 30 milhões pela devolução da península de Liaodong. Esses e outros “custos” ascenderam a 231,5 milhões de taéis, mais do quádruplo da receita anual do Japão. Houve também o butim de guerra, na forma de armas e belonaves.

Para pagar tudo isso o imperador Guangxu levantou empréstimos no Ocidente. A dívida externa da China montara, ao todo, a 41 milhões de taéis nos últimos trinta anos e fora praticamente liquidada em meados de 1895.²⁸ O país poderia ter bastante dinheiro em caixa, com recursos suficientes para realizar um amplo leque de projetos de modernização, além de elevar os padrões de vida. No entanto, esse esplêndido legado foi jogado fora e, em vez dele, o império teve de contrair empréstimos de 300 milhões de taéis em condições escorchantes. Somando-se a indenização, os juros sobre os empréstimos e os gigantescos gastos militares da própria China durante o conflito, a guerra — e a “paz” — custou ao país nada menos do que 600 milhões de taéis, quase seis vezes sua receita total em 1895 (101,57 milhões). Para exacerbar uma situação já complicada, o imperador Guangxu resolveu liquidar a dívida com o Japão em apenas três anos. Toda a receita alfandegária agora ia diretamente para os japoneses, e os impostos internos foram majorados. As províncias se viram obrigadas a pagar cotas-partes e, por sua vez, arrojaram a população. A seiva vital estava sendo roubada à China.

Assim como várias outras falsas acusações, a culpa por essa guerra e por essa “paz”, ambas desastrosas, tem sido com frequência lançada sobre Cixi. De forma vaga, mas categórica, seus acusadores afirmaram que ela deixou a Marinha à míngua a fim de construir seu Palácio de Verão, que ficou obcecada com seu sexagésimo aniversário e descuidou da guerra e que era uma apaziguadora sem pulso. A verdade é que fora ela a fundadora da Marinha moderna da China e que a construção do Palácio de Verão não

privou a esquadra de recursos, embora ela realmente tenha se apoderado de uma porção mínima das verbas. Durante muito tempo não participou ativamente da guerra, não porque estivesse cuidando dos preparativos de seu aniversário, mas porque o imperador Guangxu a mantinha afastada de todos os assuntos políticos. E longe de ser uma conciliadora, foi a única pessoa na corte que, sem ambiguidades, defendeu a rejeição das exigências do Japão e a manutenção da luta.

Tanto o desvio de recursos da Marinha antes da guerra (muito embora ela doasse à esquadra, durante o conflito, mais ou menos o mesmo valor) quanto a comunicação a altas autoridades de que aceitaria presentes de aniversário foram erros enormes e, sem dúvida, censuráveis. O primeiro minou a disciplina da Marinha; o segundo prejudicou o moral da corte. Cixi percebeu seus erros e corrigiu-os no futuro. Apesar desses pecados, não foi responsável nem pela derrota nem pela “paz” extremamente nociva. Esses males foram de responsabilidade do imperador Guangxu (que a mitologia popular tem apresentado, imerecidamente, como um herói trágico que lutou para fazer o melhor a seu alcance) e, em menor grau, dos grão-conselheiros (embora oficialmente não fossem mais do que assessores). Em última análise, a culpa deve ser atribuída a um sistema que depunha tamanhas responsabilidades em ombros tão frágeis. Robert Hart lamentou: “Não existe nenhum chefe... nenhum homem forte”.²⁹ Na verdade, existia uma mulher forte, mas ela não podia ser a chefe no momento da crise. Tampouco sua voz podia ser ouvida fora de um círculo minúsculo na corte — situação trágica que proporcionou solo fértil para todas as afirmações falsas contra ela. Mais tarde, um francês observador disse a respeito de Cixi: “*C'est le seul homme de la Chine*”.^{*30} Essa foi a Cixi real na Cidade Proibida em 1895.

* “É o único homem da China.” (N. E.)

18. A corrida para retalhar a China (1895-8)

Terminada a guerra catastrófica, Cixi voltou à aposentadoria. Em 30 de junho de 1895, um cortejo a acompanhou da Cidade Proibida ao Palácio do Mar, antes que ela regressasse por fim ao Palácio de Verão. Junto de eunucos com vestes multicoloridas, destinadas a ocasiões especiais, e músicos da corte soando trombetas, o príncipe Gong e os demais nobres se ajoelharam num caminho de pedra voltado para o sul e encostaram a cabeça três vezes no chão quando a liteira da imperatriz-viúva passou. Daí em diante, sempre que ela visitava a Cidade Proibida, havia rituais solenes no interior do palácio, envolvendo todas as autoridades e funcionários com paramentos cerimoniais. Esses rituais serviam para frisar que ela não estava dirigindo o governo.

Não obstante, esse novo período de aposentadoria era diferente do primeiro. Desde o episódio de Pérola, ela ganhara a prerrogativa de ver os documentos importantes, e esse direito foi mantido.¹ Agora o filho adotivo a consultava com muito mais frequência, e suas visitas ao Palácio de Verão aumentaram bastante.² O jovem imperador e os grão-conselheiros perceberam que a assinatura do lesivo tratado contra os desejos da imperatriz-viúva equivalera a “beber veneno para saciar a sede”. O tratado trouxera ao império tudo, menos uma paz genuína. O vice-rei Zhang, que

lutara com veemência para que não se assinasse o tratado e fora ignorado, agora chamava a atenção para o fato de que o acordo só enriquecia o Japão e estimulava seu apetite,³ e que com certeza os japoneses tentariam conquistar a China, seriamente enfraquecida, numa data futura. Além disso, as potências europeias estavam agora bem cientes do quanto o império era débil e faziam exigências infundas, apoiadas na ameaça de guerra, sabendo que a China não tinha como pagar para ver.

Com efeito, as potências europeias agora encaravam a China como um tigre de papel. Até então haviam-na encarado com certo respeito,⁴ em parte pelo seu tamanho. Agora sabiam que o gigante era “cheio de vento”, para citarmos Charles Denby, e que “a bolha chinesa tinha estourado”. Haviam descoberto que “ela não podia lutar, e estavam dispostas, com as desculpas mais esfarrapadas, a abocanhar territórios chineses”. Ainda que os mais compassivos a desculpassem (“a China não é uma nação belicosa — seus antecedentes, sua civilização, suas idiossincrasias, tudo conduz à paz, e é uma pena que o mundo bruto a perturbe”, escreveu Robert Hart), a atitude geral era de indisfarçado desprezo. Para o grão-preceptor Weng, “quando os enviados de países ocidentais vêm ao Ministério das Relações Exteriores, já não se conduzem de forma cortês, despejam impropérios por qualquer coisa”.⁵ Depois de assistir a uma visita de ocidentais ao Ministério das Relações Exteriores, um serventuário sentiu seus “vasos sanguíneos rebentando de raiva”.⁶

O imperador Guangxu caiu na defensiva. Todos notaram que ele não fez uma clara declaração pública sobre a guerra, mas somente escreveu a altas autoridades, pedindo-lhes que compreendessem e recomendando-lhes que não falassem do assunto de novo, vetando assim um exame aprofundado do ocorrido.⁷ O imperador não propôs reflexões sobre as lições a ser aprendidas ou sobre planos específicos para o futuro, a não ser dizer obviedades: que deviam fazer “as duas coisas importantes: treinar o Exército e achar mais dinheiro com que custeá-lo”. Estava atormentado e procurava fugir à responsabilidade de maneira bastante pueril, dizendo a alguns dignitários

que dois grão-conselheiros tinham “me forçado a ratificar” o tratado.⁸ O principal bode expiatório era o conde Li. No entanto, em vez de culpá-lo pelo dano real que ele cometera, iludindo o trono com relação à capacidade de defesa da China antes do conflito e, depois, conduzindo mal os combates quando eles começaram, o imperador deu seguimento ao boato corrente segundo o qual o conde Li assinara o tratado sem sua autorização. Em sua primeira audiência com o conde depois das hostilidades, sua majestade o repreendeu⁹ por concordar em pagar aos japoneses mais de 200 milhões de taéis de prata, além de entregar Taiwan e tudo o mais, quando ele próprio encarregara o conde de assim proceder. O conde, que acabava de se recuperar do ferimento causado por um tiro de pistola num atentado contra sua vida enquanto ele negociava no Japão, não pôde fazer outra coisa senão bater a cabeça no chão várias vezes, dizendo: “Sim, sim, majestade, foi tudo culpa minha”. Essa farsa foi encenada diante dos grão-conselheiros, todos os quais conheciam a verdade.

Para que um monarca chinês contasse com a lealdade de seus auxiliares, tinha de ser visto como justo. Cixi tinha o dom de ser justa com seus auxiliares. De modo geral, considerava-se que suas recompensas e suas punições eram corretas. Isso foi importante para a fidelidade canina que lhe dedicavam, tanto os que discordavam dela quanto os que concordavam. Já o imperador Guangxu não tinha nenhuma das qualidades dela. Durante a guerra, ele maltratara gravemente o almirante Ting, o que em parte levou à lastimável capitulação da Frota do Norte, com seus dez vasos de guerra. Exasperado, o conde Li achava que o imperador “nem sequer parecia um monarca”, e disse isso a seus subordinados.¹⁰ Até mesmo serventuários fora do círculo do conde sabiam que ele desejava uma mudança na corte: que Cixi voltasse ao poder.

Cixi não censurou o filho adotivo ou os grão-conselheiros com um “eu bem que avisei”. Em vez disso, decidiu que naquele momento o melhor a fazer era ser generosa com as pessoas. Na verdade, eles estavam tomados de gratidão. O príncipe Gong fora o principal defensor da assinatura do

tratado. No entanto, Cixi não pronunciou uma só palavra de reprovação. Pelo contrário, convidou-o a se hospedar no Palácio de Verão, cuidando de detalhes como a mobília de seu quarto e o tipo de alimento que lhe era servido. O príncipe ficou tão grato que deixou com esforço seu leito de enfermo para estar com Cixi assim que ela pediu para vê-lo,¹¹ desconsiderando a argumentação do filho, para quem, em vista de seu estado, ele deveria ficar em casa e não se submeter à obrigação de se ajoelhar e a outras normas da exigente etiqueta da corte. Em certa ocasião, como registrou o grão-preceptor Weng, o príncipe Gong estava no Palácio de Verão quando o imperador chegou, mas só foi saudar sua majestade no dia seguinte, o que ao preceptor pareceu uma insolência. Cixi passou a ser uma espécie de líder da corte.¹² Os nobres e dignitários estavam à sua inteira disposição, correndo ao Palácio de Verão quando convocados e, se ela desejasse, ali permanecendo e a acompanhando em seus passeios, o que era muito invulgar. Às vezes, até deixavam de comparecer à audiência diária na Cidade Proibida.

Se o imperador Guangxu sentia algum ressentimento, nada demonstrava. Pelo contrário, tornou-se mais submisso a seu Papai Querido. Isso comoveu Cixi, que o descreveu como “uma pessoa extremamente gentil”.¹³ Os sentimentos de Cixi em relação ao filho adotivo se tornaram ternos durante a guerra, pois ela conhecia suas limitações e o peso que aquilo representava para ele. O grão-preceptor Weng registrou que, quando o imperador adoeceu, Cixi o tratou com gentileza e bondade, visitando-o todos os dias e mostrando um grau de carinho que ele nunca vira. A um vice-rei ela disse sem rodeios: “Eu realmente amo o imperador”. Agora ela passava mais tempo com ele, mostrando-lhe o parque do Palácio de Verão e locais pitorescos nas proximidades. Além disso, devolveu os títulos da concubina imperial Pérola e o da irmã dela, Jade. As pessoas notaram que mãe e filho realmente se deram bem nesse período.¹⁴

Cixi não queria por perto ninguém que perturbasse o relacionamento entre ela e o imperador. Foi nesse momento que os amigos de Guangxu que

lhe tinham recomendado manter-se longe dela se afastaram da corte. Os serventuários foram advertidos de que “qualquer pessoa que faça isso de novo não se safará com tanta facilidade e será punida severamente”.¹⁵ O gabinete do imperador foi fechado,¹⁶ de modo que não havia mais um lugar onde ele pudesse escutar murmúrios secretos.

Estando o imperador Guangxu tão dócil, Cixi tomou a si lidar com o que ela julgava ser o problema mais premente: a ameaça representada pelo Japão. Estrategistas de primeira linha, como o vice-rei Zhang, tinham defendido com fervor uma aliança com a Rússia,¹⁷ vizinha da China no norte e única potência europeia afetada diretamente pela ascensão do Japão. Cixi tinha consciência de que a Rússia também possuía intenções territoriais em relação à China: havia se apossado de um pedaço enorme em 1860, e tentara outra vez duas décadas depois, na área de Ili, em Xinjiang, ocasião em que Cixi obrigara os russos a recuar. No entanto, depois de passar meses pesando os prós e os contras, ela concluiu que era preferível procurar uma aliança com a Rússia a não fazer nada e esperar que o Japão atacasse de novo. No começo de 1886, a China começou a tentar garantir um compromisso da Rússia de lutar a seu lado se o país fosse invadido pelo Japão. O Grão-Conselho deixou a capital e seguiu a imperatriz-viúva até Palácio de Verão,¹⁸ instalando-se num gabinete provisório em bangalôs fora da Porta Leste. O príncipe Gong se hospedou numa mansão ao lado. Ninguém se interessou em saber onde estava o imperador.

Através do ministro chinês em São Petersburgo, Cixi sabia o que a China poderia oferecer à Rússia em troca. Antes que a estrada de ferro Transiberiana, que ligaria Moscou e a parte europeia da Rússia ao Extremo Oriente, chegasse a seu ponto final, o porto de Vladivostok, no Pacífico, era preciso optar entre duas rotas. Permanecendo em solo russo, ela teria de descrever um longo arco, em terrenos difíceis, num percurso quinhentos quilômetros mais longo do que se seguisse em linha reta, passando pelo

norte da Manchúria. Os russos queriam fazer um atalho através do norte da Manchúria. Depois de um debate no alto escalão, Cixi decidiu atender ao desejo russo de construir essa linha, que viria a ser conhecida como a Estrada de Ferro Oriental Chinesa (ou Estrada de Ferro Siberiana). Na verdade, a linha fazia muito sentido econômico para a China. Fazendo uma ligação terrestre entre a Ásia e a Europa, ela seria uma mina de dinheiro, já que o enorme volume de mercadorias que por ela passaria poderia ser tributado por Beijing. Como a Rússia se propunha a construí-la, as obras custariam pouquíssimo para a China e, a fim de garantir que o império colheria seus benefícios, Beijing adiantou parte do capital inicial (5 milhões de taéis) e se tornou sócia do empreendimento (um terço), tornando a ferrovia uma joint venture. Se as relações com a Rússia azedassem, a estrada estava em solo chinês, e a China poderia, em tese, fazer com ela o que lhe aprouvesse. E tudo isso para coroar a garantia de um poderoso aliado, caso o Japão resolvesse atacar.

O inconveniente, até onde se podia vaticinar, era um substancial aumento da influência russa na Manchúria, o que teria consequências imprevisíveis. Cixi sabia que Beijing teria de estar “alerta contra perigos futuros”,¹⁹ mas proteger o império contra a ameaça japonesa suplantava todas as considerações dessa natureza.

Tomada essa decisão, o conde Li foi enviado a Moscou a fim de negociar o pacto. Cixi estava de má vontade com o conde devido a seu papel na guerra com o Japão, e só usava seus préstimos agora por uma questão de conveniência, já que, como negociador, ele não tinha rival. A coroação do czar Nicolau II ocorreria em maio de 1896, de modo que o conde viajou na qualidade de ministro extraordinário da China na coroação, mantendo-se em segredo a real finalidade da viagem. Quando se soube que ele visitaria a Rússia, chegaram convites de outros países: da Grã-Bretanha, da França, da Alemanha e dos Estados Unidos. Essa era a primeiríssima viagem ao exterior de um dignitário chinês do mais alto escalão — ninguém menos do que o “maior estadista da China” aos olhos ocidentais. Para não desagradar a essas

potências e ocultar o verdadeiro objetivo da viagem, o conde Li visitou também os outros quatro países. A turnê provocou muito estardalhaço, mas quase nada de substancial.*

O Tratado Secreto Russo-Chinês foi negociado com sucesso e assinado em 3 de junho, dias depois da coroação do czar Nicolau II. Sua primeira linha dizia explicitamente que a Rússia utilizaria todas as suas forças militares disponíveis para ajudar a China no caso de uma invasão pelo Japão.

O conde Li se entusiasmou ao receber a missão. Considerou-a um indício de que a imperatriz-viúva o perdoara e que estava decidida a voltar a trabalhar com ele, agora que parecia muito poderosa novamente. E o conde confiava em sua própria capacidade. Antes da partida, num banquete de despedida numa tenda, uma ventania sujou os pratos de poeira. No entanto, o conde comeu com prazer, mostrando-se muito risonho e conversador. Ao ouvir que o deus do Vento viera lhe prestar homenagem — e que depois da turnê ele haveria de regressar ao comando dos negócios de Estado e realizar feitos ainda mais relevantes —, ele sorriu, assentiu e se deleitou com a lisonja.²¹

Durante a viagem, o conde foi muito festejado pelos chefes de Estado dos países que visitou e saudado como o “Bismarck do Oriente”. O jornal *New York Times* assim o descreveu: “Ele caminha e se senta com a cabeça, sólida, inclinada para a frente sobre o peito, lembrando a maneira como Browning retratou Napoleão: ‘a frente inclinada sobrecarregada pelo espírito’”.²² Mas assim que voltou a pisar em solo chinês, no fim de 1896, o conde Li se deu conta de que nem tudo eram flores. Foi obrigado a esperar por mais de duas semanas em Tianjin (onde desembarcara) antes de ser chamado a Beijing. Na capital, teve uma audiência de apenas meia hora com o imperador Guangxu, cuja atenção se voltou quase exclusivamente para uma medalha cravejada de brilhantes que o governo alemão mandara de presente a sua

majestade. Quando o conde tentou descrever o poderio do Ocidente e a premência com que se faziam necessárias reformas na China, o jovem monarca lhe disse que deveria “discutir essas questões com o príncipe Gong e ver o que se pode fazer”.²³ Como, em todo caso, o conde não esperava muita coisa do imperador, não se sentiu muito desapontado. Foi a entrevista seguinte, com a imperatriz-viúva, no mesmo dia, que o deixou “sentindo-se deveras assustado”. Ao que parece, não há registro do que Cixi disse ao conde, mas devem ter sido palavras arrepiantes, pois ele mergulhou numa lúgubre depressão depois do encontro.²⁴ Ele estava hospedado num templo perto do Palácio de Verão, e durante um passeio, distraído, foi dar nas ruínas do Antigo Palácio de Verão. Sabendo de quem se tratava, os eunucos que vigiavam as ruínas deixaram-no entrar. A mente do conde, como ele próprio escreveu, continuou “em tumulto durante toda a noite”. Na manhã seguinte, ele apresentou seu pedido de renúncia a todos os cargos.

Uma lacônica nota imperial não se referiu a essa solicitação, mas deixou claro nas entrelinhas que ele fora demitido, ao anunciar sua nova função: “trabalhar no Ministério das Relações Exteriores”, não como mandachuva, mas como funcionário comum. Seus dois cargos-chave anteriores, o de comissário imperial para o norte da China e o de vice-rei de Zhili, já tinham sido passados a outra pessoa e não lhe foram devolvidos. Permitiu-se ao conde manter apenas o título de administrador-chefe do império, basicamente honorífico. Como se não bastasse isso, outro edito o censurou publicamente pela “invasão de uma propriedade imperial” e lhe impôs uma multa no valor de um ano de vencimentos. Esses golpes esmagadores foram desferidos pela imperatriz-viúva, que desejava puni-lo por sua culpa na ruína da China — embora ela não pudesse explicitar isso publicamente, pois seria impossível expor a natureza precisa da culpa do conde sem revelar a do imperador. Contudo, ela fez com que o complacente conde não duvidasse de que o estreito relacionamento político entre os dois chegara ao fim. E devido à glória que ele acabava de desfrutar no exterior, seria castigado em dobro (daí a multa pela “invasão”, além da demissão). Mais tarde, quando Cixi

voltou a exercer pleno poder e pareceu necessitada de um homem capaz a seu lado, o conde tentou sua reintegração. Cixi então o fez saber que só merecia maiores castigos ao enviar o ancião de 75 anos numa dura jornada pelo gelado rio Amarelo, a fim de “realizar uma prospecção geológica e propor meios de controlar as inundações”.²⁵

Assim Cixi encerrou sua parceria política de décadas com o conde Li, um estadista notável, mas com sérios defeitos. Isso e a sensação de alívio dada pela aliança com a Rússia, que garantia a segurança do império, permitiram a Cixi efetivamente dar as costas para os assuntos de governo. O alvoroço emocional causado pela guerra, com suas ansiedades, frustrações e angústias, a tinham exaurido. Seu coração se partia ao ver desaparecer os frutos de seu trabalho de décadas. Agora com sessenta anos, ela parecia não se dispor a recomeçar. A imperatriz-viúva não era mais a mesma mulher tão dinâmica, a presidir debates, baixar decretos e lançar inovações políticas. Parecia não se importar mais. Afinal, seu filho adotivo estava no trono. Ela podia exercer controle sobre um ou dois assuntos críticos, mas não intervir no dia a dia. O imperador Guangxu mostrava sua inércia e inapetência habituais no tocante a reformas. Quando o vice-rei Zhang apresentou uma proposta para a retomada do programa de modernização, o imperador não fez mais do que resmungar banalidades e persistir na pasmaceira.²⁶ Ao menos o programa de ferrovias recomeçou, incluindo a estrada de ferro Beijing-Wuhan, lançada por Cixi mas engavetada pelo imperador. Agora todos, até o grão-preceptor Weng, percebiam a importância vital das ferrovias.

Na época, a incipiente burguesia chinesa, que, enraizada no transporte marítimo, na navegação e no comércio, não fora afetada pela guerra, continuava ativa. A eletricidade chegara a províncias interiores, como Hunan, onde “cidades inteiras fulguram com lâmpadas elétricas”, como exclamou uma testemunha.²⁷ Empreendedores apresentavam novas ideias. Sheng Xuanhuai, empresário pioneiro a quem fora confiada a construção da estrada de ferro Beijing-Wuhan, instava pela fundação de um banco estatal.

Tivesse essa ideia sido levada a ela em anos passados, Cixi a teria adotado sem pestanejar. Agora, porém, ela parecia indiferente, e o imperador Guangxu disse a Sheng que criasse o banco ele próprio, com capitais privados. Observadores estrangeiros, que tinham alimentado esperanças de que a China abraçasse as reformas depois da turnê do conde Li pelo Ocidente, se desapontavam. Viam que em mais de dois anos depois do fim da guerra, o país “nada fizera para reformar sua administração ou reorganizar suas forças”²⁸ e não tirara lição alguma da derrota.

A miríade de interesses de Cixi, além da política, facilitou-lhe aceitar a situação. E ela se concentrou na busca de prazeres. Em 1896, por ocasião do Festival da Lua, que caiu em 21 de setembro, depois de costurado o pacto secreto com a Rússia, ela convidou vários cortesãos para uma comemoração no Palácio de Verão.²⁹ Foram recebidos na Quinta da Balaustrada de Jade, a *Yu-lan-tang*, situada à direita da borda do lago, de onde se tinha uma vista panorâmica. Era a residência do imperador, mas Cixi atuou como anfitriã. Como registrou o grão-preceptor Weng, ela afirmou que a quinta era “ensolarada e arejada, melhor do que a Cidade Proibida”, e ela era “toda elogios e solicitude” para com os dignitários por seu “trabalho intenso” com relação ao preparo do tratado com os russos. Ao perguntar por um grão-conselheiro que estivera doente, ela deu conselhos médicos, dizendo a Weng que o avisasse de que “podia tomar ginseng, mas só com cuidado”. Na festa não se falou de assuntos de governo, e os convidados foram estimulados a se divertir. Quando anoiteceu, a lua cheia subiu, magnífica, no céu lavado de chuva e sem nuvens, sobre o lago Kunming. O grão-preceptor Weng bebeu com alguns amigos e declamou poemas. Mas à medida que diminuía o tamanho e o brilho da lua, abateu-se sobre eles um clima de melancolia.

Naquele dia não houve música. A mãe biológica do imperador Guangxu — a irmã de Cixi — morrera em 18 de junho, e ainda corriam os cem dias de luto, em que toda música era banida. Três dias depois, quando esse

período se encerrou, e Cixi e o imperador tinham se desobrigado de seus deveres finais, soaram, de maneira nova, as primeiras notas. Ao crepúsculo, barcos decorados levaram os dignitários até o meio do lago, onde pararam, balançando suavemente nas ondulações que cintilavam ao luar. A um sinal dado, acenderam-se lanternas vermelhas em forma de flores de lótus — flutuantes e alimentadas a eletricidade —, e uma plataforma feericamente iluminada surgiu entre as embarcações. Nela foi então apresentada uma ópera com iluminação moderna, a primeira já vista pelos presentes. Seguiu-se uma queima de fogos de artifício, deslumbrantes contra o fundo escuro de um morro próximo. Cixi exibia, orgulhosa, sua encenação, sem atentar para a queda de temperatura no lago. Embora bem impressionado com o espetáculo, o grão-preceptor Weng saiu antes do seu fim, correndo para se cobrir com um casaco acolchoado.

Quanto mais alegrias lhe dava o Palácio de Verão, mais desgostosa se sentia Cixi. Se aqueles homens desfibrados não tivessem dado ao Japão uma soma astronômica, quanto ela poderia ter feito para restaurar o antigo palácio!³⁰ Quantas belezas e esplendores ela teria criado! E quantos projetos de modernização teriam sido executados! Ao mesmo tempo em que se abstinha de verberar aqueles homens, consumia-se de fúria. Um dia ela parece ter sido dominada pelo desejo incontido de desabafar e declarou ao Ministério da Receita, chefiado pelo grão-preceptor Weng, que planejava dar início à restauração do Antigo Palácio de Verão e que desejava que passassem para ela todos os impostos incidentes sobre o ópio cultivado no país.³¹ Grandes áreas tinham sido usadas para o cultivo da papoula, fonte da droga, desde sua legalização em 1860, e a receita derivada dessa atividade era considerável.

A exigência era fora de propósito, não só por ser feita numa época em que o império estava assoberbado por dívidas colossais, como também porque ela estava pedindo que a construção de um palácio decorativo fosse incluída no orçamento do Estado. Ao construir seu Palácio de Verão, ela não tinha feito exigência semelhante. Na verdade, dera uma garantia pública e clara de

que ele não seria financiado pelo erário. Qualquer verba pública que ela tivesse utilizado fora, de fato, desviada. Agora, era como se ela estivesse provocando os governantes: “Vocês tinham dinheiro para dar aos japoneses. Eu bem posso receber um pouco para usar como quiser. Foram vocês que levaram o país à falência e não têm o direito de me negar o que peço!”. E, com efeito, os governantes tinham perdido o direito moral de se opor à exigência dela. Encabulado, o grão-preceptor Weng se pôs a explorar meios de atender a seus desejos.

Tamanha era sua relutância que Weng levou um ano para chegar a uma solução. No começo do verão de 1897, informou que tinha consultado Robert Hart, que calculava que a produção nacional de ópio era bem maior do que o declarado oficialmente, e que a tributação da droga poderia alcançar 20 milhões de taéis anuais — muito mais do que o Estado vinha arrecadando. Weng propôs arrecadar o imposto sobre o ópio com base na produção estimada por Hart e entregar 30% do valor tributado a Cixi “para a construção de palácios reais”. Isso representaria 6 milhões de taéis por ano, uma quantia inacreditável. Cixi exultou ao receber o informe.

Um grito de oposição logo se fez ouvir: não da parte de um nobre, mas de Li Bingheng, governador de Shandong, a província litorânea a sudeste de Beijing. Bingheng alegou que a nova estimativa da produção de ópio era elevada demais e que, no caso de Shandong, a tributação com base nela seria dez vezes maior do que a atual. “Mesmo a exploração no limite máximo talvez não seja suficiente”, escreveu. A fim de gerar recursos para o pagamento da dívida externa, a população das províncias já estava arcando com um peso insuportável. Qualquer adicional seria impossível e poderia levar o povo à rebelião. O governador recomendou que a corte rejeitasse o projeto proposto pelo Ministério da Receita, “abandonasse o desejo da busca de prazeres” e “não arruinasse o povo”.³²

Ao ver a argumentação, Cixi logo se deu conta de que tinha de renunciar a seu sonho. Assim que ela retirou sua solicitação, o imperador enviou a petição do governador Bingheng ao Ministério da Receita para

reconsideração, e o órgão prontamente revogou o que chamou de “o plano do inspetor geral”.³³ Ninguém no governo queria ter o nome ligado ao plano, e com isso Robert Hart se tornou um conveniente “bode expiatório”. O governador Bingheng, o aguerrido adversário do plano, foi promovido a vice-rei. As ruínas do Antigo Palácio de Verão permaneceram como estavam.

De qualquer modo, o período hedonista de Cixi foi breve. O cenário de pesadelo, articulado com tanta eloquência pelo vice-rei Zhang, ao se opor à assinatura do Tratado de Shimonoseki, se materializou no fim de 1897. As potências europeias, agora insolentes e agressivas em relação à China, começaram a clamar por um pedaço do império. A Alemanha exigia a baía de Jiaozhou, na província de Shandong, com o porto de Qingdao como base naval, alegando que merecia essa recompensa por ter ajudado a forçar o Japão a se retirar da península de Liaodong. Como Beijing rejeitasse repetidamente a exigência, o Kaiser Guilherme II decidiu usar “um pouco de força”. Navios de guerra alemães passaram a subir e descer pela costa, à procura do que o Kaiser chamou de “uma desejada oportunidade e pretexto”, logo encontrados. Em 1^o de novembro, dois missionários alemães foram assassinados numa aldeia de Shandong. Enquanto o governador Bingheng tomava medidas imediatas para caçar os criminosos, o Kaiser rejubilava: “Enfim os chineses nos deram a motivação e o ‘incidente’ que [os alemães] há tanto tempo queriam”. Uma frota alemã, já preparada para ação, chegou a Qingdao e deu à guarnição chinesa 48 horas para entregar o porto.³⁴

Assim que recebeu o ultimato, temendo uma invasão, o imperador Guangxu agiu como um coelho assustado e disparou um telegrama “proibindo terminantemente” o governador Bingheng de resistir à força, o que ele, afrontado, propusera fazer. Num segundo telegrama, o imperador declarava: “Não importa com que agressividade o inimigo se conduzir, a corte de modo algum recorrerá à guerra”. De acordo com o grão-preceptor

Weng, “sua majestade insistiu energicamente em duas palavras: ‘Não lutar’ [*bu-zhan*]”.³⁵ Só depois desses diálogos Cixi foi informada dos acontecimentos, quando o príncipe Gong levou pessoalmente os relatórios e editos ao Palácio de Verão.³⁶ Ao voltar para a Cidade Proibida, o príncipe, muito aliviado, comunicou ao Grão-Conselho que ela “os aceitara”. As exigências alemãs foram mais ou menos atendidas plenamente, com o príncipe Gong aconselhando “sim a tudo”, a fim de fazer com que os soldados alemães que haviam ocupado o porto saíssem do país. Os alemães tinham apresentado suas exigências em termos de rude brutalidade: “Se não concordarem, iniciaremos uma guerra”. Uma das exigências dizia respeito ao governador Bingheng: ele deveria “ser afastado e demitido do serviço público”. O governador, promovido depois de protestar contra o plano de Cixi de reconstruir o Antigo Palácio de Verão, agora perdia o cargo por pressão dos alemães. Essa experiência pessoal o transformou num fervoroso adversário dos ocidentais, e em breve ele se tornaria um ardoroso promotor dos boxers xenófobos. Quando o movimento dos boxers levou a uma invasão por exércitos ocidentais, ele se apresentou como voluntário para comandar uma força armada a fim de combater os invasores e se suicidou ao ser derrotado.

A Alemanha ganhou o estratégico porto de Qingdao** e sua baía “a título de arrendamento, provisoriamente por 99 anos”. A convenção foi assinada em Beijing, em 6 de março de 1898, pelo conde Li e pelo grão-preceptor Weng. O conde era agora um bode expiatório profissional, mandado a assinar qualquer coisa que desse má fama ao signatário. O grão-preceptor Weng tinha sido nomeado para o Grão-Conselho por insistência do príncipe Gong, que desejava que o letrado, homem de muita prosápia, tivesse seu quinhão de culpa por assinar tratados que equivaliam a “vender o país”. O grão-preceptor deixou registrado que quando o representante alemão pediu a assinatura do príncipe Gong, este apenas apontou para ele. Gong sentia enorme vergonha do papel que desempenhava em entregar Qingdao às

“feras fedorentas”,³⁷ torturando-se com a ideia de que agora “entraria para a história como um criminoso”.

Embora Cixi não tivesse representado papel algum nos recentes acontecimentos, apenas aceitado um fato consumado, sua conduta foi notavelmente confortadora. Weng registrou, com gratidão, que quando o Grão-Conselho se autocensurou por ter se portado mal no episódio, “a imperatriz-viúva nos consolou com palavras gentis, dizendo que compreendia plenamente nossas dificuldades”.³⁸ Só manifestou seu pesar pelo fato de a China estar reduzida a um estado tão lastimável.

As coisas iam de mal a pior. Depois dos alemães, vieram os russos. Uma semana após a Alemanha ter se apoderado de Qingdao, belonaves russas chegaram a Port Arthur, na extremidade da península de Liaodong.

A Rússia fora uma das potências que haviam obrigado o Japão a deixar a península, mas agora reivindicava o porto para si. “Se a Alemanha ocupa Qingdao, a Rússia deve adquirir Port Arthur”, disseram os russos. O conde Witte, que negociara pela Rússia o acordo secreto com a China no ano anterior, considerou o comportamento de seu país “o cúmulo da traição e da infidelidade”.³⁹ Mesmo assim, fez o que pôde para alcançar seu objetivo. Quando Beijing resistiu e a Rússia ameaçou recorrer à guerra, Witte aconselhou subornar os negociadores chineses — o conde Li e Sir Chang Yinhuan, um polido diplomata.⁴⁰ (Sir Yinhuan fora o representante da China no jubileu da rainha Vitória no ano anterior, e foi feito cavaleiro na ocasião, tornando-se o primeiro chinês a receber um título nobiliárquico britânico. De acordo com documentos britânicos, a cada um deles foi oferecido meio milhão de taéis, e ambos aceitaram o dinheiro.) Os russos pretenderam também subornar o grão-preceptor Weng, mas o cavalheiro tradicionalista se recusou a comparecer a qualquer reunião secreta com eles.

O conde recebeu seu meio milhão pessoalmente e “expressou satisfação” um dia depois de ter assinado a entrega de Port Arthur — ainda que

“apenas” num arrendamento por 25 anos — em 27 de março de 1898. Na verdade, se ele aceitasse ou deixasse de aceitar o dinheiro, não teria feito nenhuma diferença. A resistência verbal de Beijing teria chegado ao fim se a Rússia elevasse a ameaça de guerra, uma guerra que o imperador Guangxu queria evitar a todo custo. Na corte, os governantes não puderam fazer outra coisa senão chorar juntos — “que cena patética”, lamuriou-se Weng.⁴¹ O conde também sabia que era o bode expiatório designado. Numa audiência, alguns dias antes da assinatura da convenção, o imperador já despejava toda a culpa sobre ele, ao vituperar o conde: “Agora temos esse problema com a Rússia. O que foi que aconteceu com aquele seu tratado secreto do ano passado?”. Nada havia que o conde pudesse dizer ou fazer, senão se prostrar, ofegante. Por fim, quando o imperador lhe indicou com um gesto que se retirasse, ele não conseguiu se erguer e teve de ser levantado, depois do que se esforçou para se aprumar e recuperar o fôlego, antes de se retirar aos tropeços.⁴² Depois desse tratamento, talvez o conde tenha sentido que merecia o dinheiro. Seu estado de espírito geral pode ser aquilatado por suas palavras a Sir Yinhuan, quando este se queixou de ter sido obrigado a assinar o acordo e ter a reputação destruída: “Não somos só você e eu que estamos sendo destruídos. Nós [o império inteiro] todos estamos afundando juntos”.⁴³ No momento, Sir Yinhuan quis apenas 10 600 taéis, dizendo aos russos que ele já estava sob uma enxurrada de denúncias de suborno. Ele teria de esperar, disse, que a tempestade amainasse.

Cixi não foi consultada a respeito da cessão de Port Arthur.⁴⁴ Quando o conde Li perguntou ao imperador: “Sua majestade já conversou com a imperatriz-viúva a respeito disso?”, o monarca respondeu que não. Também disse ao grão-preceptor Weng que nem sequer mencionara o assunto a Cixi, pois ela já se achava “desalentada com os dissabores”. O grão-preceptor podia “imaginar quanta raiva e tristeza reprimidas” sentia a imperatriz-viúva. Evidentemente, o imperador Guangxu estava com medo de ser levado a sentir-se culpado de novo, se não pelas palavras de Cixi, apenas por seus olhares. Fosse como fosse, de nada valeria lhe falar do assunto: no que dizia

respeito ao imperador, não havia alternativa ao arrendamento de Port Arthur.

O imperador Guangxu tentava evitar qualquer ato capaz de desencadear a ira contida de Cixi pela forma desastrosa como ele conduzira a guerra com o Japão, o que levava a todas as outras crises. O censor Weijun, que fizera falsas acusações contra ela, a fim de mantê-la longe da tomada de decisões durante a guerra, e que fora enviado para a fronteira, já cumprira sua pena e estava prestes a voltar a Beijing.⁴⁵ Quando isso chegou ao conhecimento do imperador, o grão-preceptor Weng registrou que ele “refletiu durante muito tempo e deu ordens para que o homem ficasse onde estava mais alguns anos”, acrescentando: “Sua majestade realmente cuida seriamente dos interesses do homem”. O imperador Guangxu receava que, com sua volta a Beijing, o censor se tornasse um para-raios para a fúria da imperatriz-viúva.

Nas pegadas da Alemanha e da Rússia, também a Grã-Bretanha e a França estavam atentas para não ficar de fora. A Grã-Bretanha arrendou a antiga sede da Frota do Norte, Weihaiwei, na extremidade oriental da península de Shandong — na costa oposta a Port Arthur, arrendada pela Rússia. O arrendamento britânico tinha a mesma duração do russo: 25 anos. Os dois países estavam jogando o Grande Jogo, disputando poder e influência no Oriente. A Grã-Bretanha acrescentou também o resto de Kowloon (o Novo Território) à sua colônia de Hong Kong — por um período de 99 anos. Pelo mesmo tempo, a França arrendou Guangzhouwan, um pequeno enclave na costa sul, como um pedaço isolado da Indochina Francesa. A província de Fujian, diante de Taiwan, hoje colônia japonesa, caiu na esfera de influência do Japão. Com isso, em meados de 1898 as posições estratégicas na costa chinesa estavam, todas elas, mais ou menos nas mãos de potências estrangeiras, que poderiam, caso assim desejassem, fazer o que quisessem com a China.

* O único objetivo de alguma importância anunciado publicamente foi persuadir as potências ocidentais a aceitar uma tarifa alfandegária mais alta. Embora, de forma geral, as potências concordassem com a justeza da proposta, nada aconteceu e a tarifa permaneceu inalterada durante um bom tempo.²⁰

** Daí a atual cerveja Qingdao, que começou a ser fabricada por cervejeiros alemães.

PARTE V
PARA A FRENTE DO PALCO (1898-1901)

19. As reformas de 1898 (1898)

H. B. Morse, renomado historiador contemporâneo da China, escreveu: “Na história universal, nenhum país, com um território tão extenso e com uma população tão grande, sob um só governo — nenhum país com um décimo de sua área e de sua população —, foi submetido a tantas humilhações ou a tantas provas de baixa estima como a China nos seis meses transcorridos entre novembro de 1897 e maio de 1898”.¹ A necessidade de reformas era patente. Sem elas, o império talvez não sobrevivesse muito tempo. Várias petições eram entregues à Cidade Proibida. Até o imperador Guangxu foi sacudido em sua passividade e sentiu “necessidade urgente”² de fazer alguma coisa.

Aos 26 anos e com pouco conhecimento do mundo real, o imperador não fazia ideia de por onde começar. Talvez, como os jovens de todo o mundo, seu instinto o mandasse descartar formas restritivas de etiqueta. Em maio de 1898, o príncipe Heinrich, da Alemanha, fez uma visita à sua corte. Irmão do Kaiser, na realidade o príncipe fora à China como almirante de uma frota que reforçava a posse alemã de Qingdao, mas quando ele chegou já tinham sido restabelecidas as “relações amistosas”, graças ao fato de Beijing ceder facilmente.³ O ministro alemão que negociava a recepção do príncipe pelo imperador pediu que Heinrich tivesse permissão para sentar-se durante a audiência. Isso não tinha precedentes, já que ninguém, com exceção de Cixi,

se sentava em sua presença. No entanto, o imperador Guangxu se mostrou mais do que disposto a temporizar, chegando a se levantar quando o príncipe alemão lhe fez uma mesura e a apertar sua mão antes de convidá-lo a sentar-se. O grão-preceptor Weng considerou isso e outras violações do protocolo da corte como indigno, sobretudo à luz da recente afronta alemã. Chegou a se exaltar ao discutir a questão com sua majestade, mas o imperador Guangxu não partilhava a tristeza de seu preceptor e perdeu as estribeiras com o ancião. Por fim, Cixi censurou o filho adotivo: pare de discutir por ninharias no momento em que estamos passando por esse desastre!⁴ Ela própria quis se encontrar com o príncipe Heinrich — foi a primeira vez que ela viu um homem ocidental e foi vista por ele —, e não titubeou com relação à exigência de que o príncipe alemão teria de ficar de pé diante dela.⁵ Ela pensava de um jeito, e o imperador Guangxu, de outro. O monarca chegou a fazer uma visita ao príncipe e levou pessoalmente uma condecoração para ele. Quando o príncipe anunciou que entregaria ao imperador Guangxu uma medalha em nome de seu irmão, o Kaiser, Guangxu moveu céus e terra para produzir uma medalha para o Kaiser.

As medalhas fascinavam o jovem monarca, tal como ele se apaixonara por relógios europeus, pessoais e de parede.⁶ Dedicou um tempo desmedido à supervisão da medalha para o Kaiser, discutindo infatigavelmente a cor, o tamanho, as gemas, o lavor e inúmeros outros pormenores com o Ministério das Relações Exteriores e com o encarregado do projeto. A cor — dourado, amarelo real ou vermelho dourado? — foi tema de muitos debates e amofinações. Resolvida essa questão, surgiu a dúvida quanto ao tipo de pérola que deveria ser engastada na medalha. O imperador queria uma grande, e ficou desapontado ao verificar que ela não cabia na medalha. Quando aceitou uma menor, viu-se que não havia uma pérola daquele tamanho que fosse de qualidade superior. Seguiram-se novas querelas até a definição da pérola correta e de outras minudências. O imperador passou então a usar as medalhas que lhe tinham sido concedidas por monarcas estrangeiros, e, levado por um capricho, deu uma ao conde Li e outra a Sir

Yinhuan, embora o conde tivesse caído em desgraça e ambos fossem acusados de receber propinas. O imperador tinha visto diplomatas ocidentais usando condecorações.

As iniciativas reformistas de sua majestade não iam além disso, e os dignitários se sentiam inteiramente perdidos. Segundo o grão-preceptor Weng, quando o monarca lhes perguntou o que fazer, “o príncipe Gong se calou⁷ e depois disse que deveriam começar pela administração. Eu disse algumas palavras, mas todos os demais grão-conselheiros se mantiveram em silêncio”. O príncipe Gong morreu pouco depois, em 29 de maio de 1898. No leito de morte só derramava lágrimas pelo império despedaçado.

Percebendo a ameaça à sobrevivência de sua dinastia, o imperador Guangxu recorreu a Cixi. Sir Yinhuan, que nessa época era muito próximo ao imperador, observou — e comentou com japoneses:

As turbulências políticas dos últimos anos abalaram muitíssimo o imperador e o levaram a compreender a necessidade de reformas [...]. A imperatriz-viúva sempre aprecia reformas. Por conseguinte, como o imperador mudou e passou a aceitar a ideia de reformas, aproximou-se mais dela. Inevitavelmente, isso aumenta o poder da imperatriz-viúva.⁸

A partir daí, o imperador Guangxu buscou ativamente a orientação de Cixi, que reagiu com entusiasmo afetuoso. O gabinete do imperador lhe submetia propostas de reformas, que ela estudava, em busca de ideias. Residindo na Cidade Proibida, Guangxu ia de liteira — um percurso de três horas — ao Palácio de Verão a intervalos de poucos dias para consultá-la, e, vez ou outra, ela o visitava na Cidade Proibida. Passavam mais de dois terços do tempo juntos, debatendo assuntos de Estado. Ele era o aluno; ela, a mestra. Foi depois de uma dessas viagens do imperador ao Palácio de Verão que, ao voltar à Cidade Proibida, ele anunciou ao Grão-Conselho um

decreto de Cixi. O grão-preceptor Weng registrou o momento em seu diário, em 11 de junho de 1898:

Hoje sua majestade transmitiu um decreto emanado da imperatriz-viúva [*shang-feng-ci-yu*]: o que o censor Yang Shenxiu e o professor auxiliar Xu Zhijing disseram nos últimos dias está absolutamente correto. A política básica de nosso Estado não ficou clara para todos. De agora em diante, devemos adotar, de forma geral, as práticas ocidentais. É preciso fazer um anúncio público inequívoco e sem ambiguidades *etc.* [...]. A imperatriz-viúva está absolutamente decidida. Adiantei a sua majestade meu parecer de que as práticas ocidentais devem, é claro, ser adotadas, mas que o mais importante é não abandonar os ensinamentos de nossos próprios sábios no tocante a ética e filosofia. Em seguida, retirei-me e redigi o edito imperial.⁹

O edito, intitulado “Anúncio da Política Fundamental do Estado”, redigido pelo grão-preceptor Weng segundo as instruções de Cixi, divulgado pelo imperador Guangxu e emitido naquele mesmo dia, lançou um movimento histórico, as Reformas de 1898. Os livros de história o louvam como um marco na história da China, mas o creditam, invariavelmente, ao imperador Guangxu e condenam Cixi como uma adversária ultraconservadora. O fato é que foi ela quem lançou as Reformas.

A redação do Anúncio foi o último ato político do grão-preceptor Weng. Dias depois ele foi afastado da corte por seu pupilo, o imperador Guangxu.

Romper com o ancião teve um considerável custo pessoal para o imperador, já que o grão-preceptor Weng fora para ele uma figura paterna desde a infância. Com efeito, ele sempre estivera mais próximo do preceptor do que de qualquer outra pessoa. O jovem monarca o escutava a respeito de todos os assuntos, principalmente durante a guerra com o Japão. Após aquele desastre, à medida que uma desdita trazia outra, o prestígio do preceptor começou a embaçar aos olhos do aluno. Depois, a relação se

tornou intolerável, quando o imperador optou por reformas enquanto Weng se aferrava ao passado. Acumularam-se os antagonismos emocionais. Era óbvio que numa corte reformista não havia lugar para o grão-preceptor, muito embora ele fosse um destacado intelectual e calígrafo, além de se comportar sempre com lisura e lealdade. O imperador escreveu, do próprio punho e em tinta carmesim, um edito que ordenava a Weng que se retirasse para sua casa.¹⁰ O velho preceptor ficou devastado e inconsolável quando o imperador se recusou a recebê-lo para uma despedida. Weng correu a uma porta no interior da Cidade Proibida, na esperança de vê-lo de relance, pois ouvira dizer que o monarca logo passaria por ali. Quando a liteira do jovem passou, o idoso preceptor se prostrou, tocando a fronte no calçamento de pedra. Mais tarde escreveu: “Sua majestade se virou e olhou para mim sem uma palavra. Foi como se eu estivesse vivendo um pesadelo”.

A decisão sem dúvida tinha a aprovação de Cixi. Ela havia tentado reduzir o grau em que o imperador dependia de Weng nos negócios de Estado, mas tinha de agir com cautela, sabendo o quanto eram próximos. Agora não podia deixar de se sentir aliviada e satisfeita. Mas continuou a tratar Weng com solicitude. Coincidiu que o dia seguinte à retirada do preceptor fosse a data em que a imperatriz-viúva rotineiramente entregava seus presentes de verão aos grão-conselheiros. Weng recusou seu presente, dizendo ao eunuco que lhe levou a seda especial que não era mais um grão-conselheiro.¹¹ Cixi insistiu, através do eunuco, e Weng finalmente aceitou o mimo, sem escrever uma carta de agradecimento. Seus ex-colegas agradeceram a ela em nome dele.

Pela primeira vez na vida, Cixi e o filho adotivo trabalharam em comum acordo e razoavelmente bem.¹² Uma cascata de decretos reformistas jorrou dos palácios. Embora baixados em nome do imperador, todos eram endossados por Cixi.¹³ Baseavam-se em propostas de serventuários de toda a China. No topo da lista de mudanças estava a reforma do sistema

educacional, vital para a produção da elite governante. Até então focada em esotéricos clássicos confucionistas, a educação chinesa deixava os jovens mal equipados para a era moderna, além de garantir que mais de 99% da população permaneceria analfabeta. Como observou o sagaz missionário americano W. A. P. Martin: “O futuro da China depende da reforma” [da educação].¹⁴ Como o sistema educacional era o fundamento do Estado, sua substituição por um sistema ocidental correspondia a nada menos que um abalo sísmico.

Como primeiro passo, aboliram-se as disciplinas mais herméticas dos Exames Imperiais, substituídas no ano seguinte por provas sobre política internacional e economia. O imperador Guangxu revisou o edito pessoalmente, o que mostra a importância que lhe atribuía. Escolas primárias e secundárias ao estilo ocidental, além de universidades, que lecionassem ciências naturais e sociais ao estilo ocidental, seriam criadas em toda a China. Suas instalações, financiamento, docentes, funcionários e materiais de ensino foram cuidadosamente planejados. Fundou-se a Universidade de Beijing para liderar o processo.

Muitos projetos adotaram ou desenvolveram iniciativas modernizantes que tinham sido propostas anteriormente por Cixi. Entre elas estava o envio de estudantes ao exterior. Anunciou-se que suas majestades iriam de trem a Tianjin, no outono, a fim de inspecionar o Exército, que vinha recebendo treinamento moderno. Tratava-se de um gesto simbólico, destinado a demonstrar a importância que atribuía às ferrovias e a uma preparação militar atualizada. Os planos mais recentes incluíram métodos agrícolas modernos, comércio ao estilo ocidental, novas publicações e inovações tecnológicas, para as quais estavam sendo preparadas regulamentações relativas a patentes industriais. Uma ideia simples e novíssima, que teria implicações de longo alcance, parece claramente ter vindo de Cixi (ela instruiu seu leal seguidor, Junglu, que a pusesse em prática): a importação de máquinas para processar matérias-primas e transformá-las em artigos acabados para exportação.¹⁵ Um exemplo: pelo de camelo e lã ovina, dois

tradicionais bens de exportação do norte da China, seriam transformados em tecidos e cobertores para lhe agregar valor. Aliás, anos antes, a perspectiva de expandir as exportações fora o argumento decisivo que convencera Cixi a construir uma rede de estradas de ferro.

A colaboração efetiva de Cixi e Guangxu correu bem durante mais de dois meses, e o zelo modernizante da corte se fez sentir em todo o país. Entre os servidores públicos, os apoiadores das reformas eram estimados em “seis ou sete em cada grupo de dez, enquanto os que se apegavam, obstinados, aos velhos costumes não passavam de um ou dois entre dez”.¹⁶ Alguns decretos, como o da criação da Universidade de Beijing, foram cumpridos de imediato. No entanto, antes que a maioria deles pudesse se tornar realidade, um fato extraordinário fez com que as reformas sofressem uma interrupção repentina — um fato causado por um homem ardiloso e pouco convencional, Kang Youwei, conhecido como Kang Raposa Selvagem.

Kang, cantonês de quarenta anos, pertencente a uma família de servidores públicos, cresceu em Nanhai, um porto aberto ao comércio com o exterior, onde era forte a presença ocidental. Defensor de muitas ideias reformistas, ansiava por pô-las em prática. Homem de imensa autoconfiança, deixou um manuscrito, reveladoramente intitulado “Minha história”, no qual declarava que já exibia sinais de grandeza aos cinco anos de idade. Certo dia, sentado sozinho, aos vinte anos, sentiu de repente que “o céu, a terra e tudo o mais se fundiram comigo, e essa entidade emitiu espetaculares raios luminosos. Eu soube que era o Sábio, e sorri, radiante”.¹⁷ O Sábio era Confúcio, de quem ele julgava ser a reencarnação. Durante algum tempo ele procurou chegar ao trono, para que suas ideias se tornassem conhecidas e fossem postas em prática. Na verdade, ele pretendia dirigir o trono. Como era um serventuário muito subalterno, enfrentava um sem-número de frustrações, mas nenhuma o detinha.

Dado a travar conhecimento com pessoas de influência, Kang fez um amigo importante, que mudou sua sorte: Sir Yinhuan, cantonês como ele e a maior autoridade no Ministério do Exterior, que se tornara o confidente do imperador, apesar das acusações de receber propinas. Em 24 de janeiro de 1898, graças a suas maquinações, Kang teve uma entrevista com cinco dos mais altos dignitários do império. Logo depois da entrevista, escreveu uma carta ao imperador, que foi entregue por Sir Yinhuan. Assim, a Raposa Selvagem chegou ao mais alto círculo do Estado e ao trono.

A seguir, Kang apresentou outros textos, todos eles levados ao imperador Guangxu por Sir Yinhuan. O monarca os encaminhou diretamente a Cixi, sem lê-los.¹⁸ A imperatriz-viúva leu detidamente os trabalhos e ficou bem impressionada. Guardou um panfleto que tratava da modernização do Japão e chamou a atenção do filho adotivo para o documento.¹⁹ Cixi havia descoberto um notável reformador, um homem de ideias novas, que também era eloquente e manifestava seu pensamento sem temor. Logo ela detectou o mesmo espírito nas petições de dois outros funcionários, o censor Shenxiu e o professor auxiliar Xu — os dois homens a quem ela fizera menção no decreto que lançou as Reformas em 11 de junho. Ela não tinha como saber, mas ambas as petições também eram da lavra de Kang. Evidentemente, Kang e Cixi pensavam de forma muito parecida.

Como o professor auxiliar Xu era citado no decreto imperial, Kang se apressou a escrever outra petição para ele, recomendando ao imperador que nomeasse Kang “como um alto consultor com relação a todas as novas políticas”.²⁰ O ventríloquo logo depois fez o mesmo para um amigo chegado de Kang, um brilhante ensaísta chamado Liang Qichao. Com a aquiescência de Cixi, o imperador Guangxu concedeu a Kang uma audiência no Palácio de Verão, em 16 de junho.²¹ O Raposa Selvagem se tornou, assim, um dos primeiros servidores de baixíssimo nível entrevistados pelo imperador para um cargo alto. Mais adiante foi oferecido a Kang um posto no Ministério do Exterior, mas ele não o assumiu. Em particular, chamou a proposta de “humilhante” e “ridícula ao extremo”.²² O que ele pretendia era estar ao lado

do imperador, tomando decisões para sua majestade. Com esse objetivo em vista, havia, desde o começo do ano, defendido a formação de uma espécie de “Conselho Consultor” do trono, investido de algum poder executivo.

Dentre todas as suas ideias, essa parece ter sido aquela que de fato sensibilizou Cixi. Não existia na corte um órgão dessa índole, uma vez que a dinastia Qing ditava explicitamente que somente o imperador deveria tomar todas as decisões: o Grão-Conselho podia sugerir, mas não passar disso. Ou seja, Kang havia identificado um defeito basilar no sistema dinástico — o mesmo que Lord Macartney apontara cem anos antes, depois de visitar o imperador Qianlong, de oitenta anos. Macartney fizera uma pergunta sensata: “Quem é o Atlas por ele destinado a arcar com o peso do império quando ele morrer?”.²³ “Não importa de quem forem esses ombros”, comentou ele, seria conveniente que tivessem uma força sobre-humana. O Império Chinês lembrava

um encouraçado de primeira ordem, que uma feliz sequência de oficiais capazes e vigilantes conseguira manter à tona durante os últimos 150 anos [...]. Mas tão logo um homem fraco estiver em seu comando no passadiço, adeus à disciplina e à segurança do navio [...] ele poderá flutuar por algum tempo à deriva, e logo será feito em pedaços na costa.

O imperador Guangxu era esse capitão “fraco” e precisava de algumas cabeças de primeira ordem que o ajudassem. Cixi sabia disso melhor do que ninguém. Na verdade, seria ela que observaria que a Grã-Bretanha era uma potência mundial não tanto por causa da rainha Vitória, mas sim devido “aos homens capazes do Parlamento”, que tomavam as decisões coletivamente.²⁴

Cixi convidou um grupo de autoridades do primeiro escalão para discutir a ideia de um Conselho Consultor. Foram contra. Ela lhes pediu que reconsiderassem — que “dedicassem ao assunto sérias reflexões e debates minuciosos”, advertindo que “não se admite retórica vazia”. Depois de meses

de idas e vindas, o consenso ainda era negativo. A objeção estava num problema insuperável: quem participaria desse Conselho e partilharia o poder com o imperador? Não havia um procedimento de seleção e temia-se que pessoas “perversas” pudessem se insinuar astutamente no Conselho, mediante ardis desonestos como formar grupelhos para se promover uns aos outros na surdina, caso em que a dinastia poderia cair em suas mãos.²⁵ Era em Kang “Raposa Selvagem” que os cétricos mais estavam pensando. Dizia-se que ele pagava para que terceiros submetessem petições em seu favor — acusação quase com certeza procedente. Constava que uma petição do professor auxiliar Xu em benefício de Kang custara a este 4 mil taéis e que outros peticionários recebiam trezentos taéis mensais como prestadores de serviços.²⁶ Pessoas na capital estavam escandalizadas e chamavam o Raposa Selvagem de “descarado”. Além disso, especulavam sobre a origem do dinheiro que ele ostentava, já que sua família não era abastada. O antigo preceptor reformista do imperador, Sun Jianai, argumentou que o Conselho Consultor só poderia funcionar com uma “eleição”, à maneira ocidental, que submetesse o caráter dos candidatos ao escrutínio público.²⁷ Como uma “eleição” era absolutamente impensável na época, a ideia de um Conselho Consultor foi posta de lado no fim de julho.

Apesar de todas as patifarias imputadas ao Raposa Selvagem, e muito embora ela própria estivesse alerta contra ele, Cixi continuava a apreciar Kang como reformista e lhe dava tarefas importantes. Um decreto determinou que ele se mudasse para Shanghai, onde deveria lançar o primeiro jornal moderno do governo, a fim de divulgar as novas políticas. Ele seria responsável por redigir o anteprojeto de uma lei de imprensa baseada em modelos ocidentais. Alguns amigos de Kang consideravam essas ocupações ideais para ele.²⁸ Era muito próprio de Cixi afastar um desafeto da capital e mandá-lo para um lugar onde ele não pudesse causar mal algum, mas permitir que ele exercesse um papel que até podia ser relevante.

Ela preferia criar o menor número possível de inimigos. No entanto, Kang se recusou a deixar Beijing. Nada menos do que o trono lhe satisfaria. O braço direito dele, Liang, também não estava feliz com a tarefa de que fora incumbido — supervisionar os novos livros didáticos para todo o império —, ainda que isso fosse uma extraordinária promoção, já que ele nunca exercera nenhuma função oficial. Kang se deixou ficar em Beijing e, com a ajuda de Liang, urdiu seu próximo lance.

Kang se hospedou na casa de Sir Yinhuan, que era o homem-chave em sua trama. Sendo o auxiliar mais próximo do imperador desde a saída do grão-preceptor Weng da corte, Sir Yinhuan tinha muito o que contar a Kang sobre sua majestade. O jovem monarca era frágil em todos os sentidos. Seu sistema nervoso estava em frangalhos devido à excessiva carga de trabalho, o que era agravado pelo hábito obsessivo de corrigir os ideogramas mal grafados e os pecadilhos gramaticais nos inúmeros relatórios que passavam por sua mesa. Sir Yinhuan também tinha ciência da má vontade latente do imperador contra seu Papai Querido. Além das animosidades passadas, em 1896 Cixi dera início ao Tratado Secreto Russo-Chinês, depois da guerra com o Japão, quando o imperador não podia andar de cabeça erguida na corte. Tinha tomado todas as decisões, sem que alguém ao menos fizesse de conta que o punha a par do que acontecia. Esse episódio fizera o rapaz não só se ressentir de Cixi, como também odiar a Rússia — atitude bem oposta a seus sentimentos de indiferença em relação à Alemanha ou qualquer outra potência. O Raposa Selvagem podia, pois, influenciar o imperador utilizando esses pontos vulneráveis, em textos que eram entregues ao monarca, clandestinamente, por Sir Yinhuan, passando por cima do Grão-Conselho e de Cixi.²⁹ Num panfleto intitulado “Sobre a destruição da Polônia”, a Rússia era pintada como o bicho-papão, “o país de feras sanguinárias, que se ocupa em devorar outras nações”. Tomando muitas liberdades com a história polonesa, para produzir uma parábola, escreveu que a Polônia tinha “um rei sábio e capaz, decidido a realizar reformas”, mas que seus esforços eram “obstruídos por aristocratas e altas autoridades”,

fazendo com que ele perdesse “um momento auspicioso para tornar o país forte”. A seguir, afirmou o Raposa Vermelha, “tropas russas chegaram [...] e o país morreu em menos de sete anos”. O próprio rei “sofreu o mais cruel e atroz destino, raramente visto na história”. Kang asseverava então que a China estava para se tornar outra Polônia, uma vez que “os mandarins bloqueavam o Conselho Consultor” e porque “tropas russas virão assim que a Estrada de Ferro Siberiana estiver concluída, dentro de poucos anos”. A referência do Raposa Vermelha à Estrada de Ferro Siberiana, uma parte-chave do Tratado Secreto, destinava-se a causar o máximo descontrole no imperador Guangxu.

Essa fábula agourenta e alarmante foi parar nas mãos do imperador logo depois de 13 de agosto, seu 27º aniversário. Ele a leu tarde da noite, com pingos das velas vermelhas empapando as páginas. Seu sono, já difícil, tornou-se ainda mais perturbado, e seus nervos frágeis não resistiram. Como mostra seu prontuário médico, os médicos começaram a visitá-lo quase diariamente a partir do dia 19.³⁰ Nesse estado, entre crises de choro, ele ordenou que 2 mil taéis de prata fossem entregues a Kang como prova de seu apreço. Kang escreveu uma carta de agradecimento no dia 29, mas essa carta não era uma expressão normal de gratidão. Entregue secretamente ao imperador, era de uma extensão excepcional: recontava a horrenda história polonesa e reiterava que a única forma de evitar a sorte da Polônia era instalar o Conselho Consultor de imediato. Além disso, despejava sobre o imperador Guangxu lisonjas muito além do esperado. Descrevia o imperador como “o mais sábio em toda a história”,³¹ dono de “olhos penetrantes que dardejavam raios como o sol e a lua”, e com aptidões “sublimes e sem paralelo mesmo quando comparado com os maiores imperadores de todos os tempos”. Era “a injustiça de mil anos” que as tribulações da China fossem depositadas à sua porta. E elas só tinham acontecido porque o imperador não tivera a oportunidade de exercer sua “sabedoria suprema, sua bravura indômita e sua energia de raios e trovões”. O potencial do imperador tinha sido obstruído por “velhas autoridades”. E o

problema de todos os problemas era que ele não contara com as pessoas certas a seu lado. Tudo o que sua majestade tinha a fazer era corrigir isso e alcançaria a grandeza.

Ninguém jamais dissera essas coisas ao imperador Guangxu. A corte tinha sua fórmula de louvores flóreos ao trono, mas não incentivava elogios extravagantes. Esperava-se que um bom imperador aceitasse críticas e fugisse aos adutores. Ademais, o imperador Guangxu sempre fora levado a se sentir inadequado, sobretudo em comparação com seu Papai Querido. De repente, surgia uma pessoa que parecia admirá-lo sem reservas. Não há como exagerar o impacto da bajulação de Kang sobre um jovem tão inseguro. Aquilo levou sua autoestima às nuvens. Sua sensação de culpa desde a guerra com o Japão em grande parte se desfez, e a ideia de inferioridade foi muito atenuada. Afinal de contas, nada tinha ocorrido por culpa sua. Cabia incriminar as “velhas autoridades”. E mais: com Kang a seu lado, não havia limite ao que ele poderia realizar. Foi assim que o imperador Guangxu caiu sob o sortilégio do Raposa Selvagem, a quem ele só vira uma vez. Imediatamente o monarca ordenou que todas as petições de Kang fossem reunidas em livretos para seu estudo pessoal, e chamou a coletânea de “as Petições do Herói”.³²

Além da carta longa e adulatora, Kang escreveu outra, recomendando ao imperador que demitisse suas velhas autoridades e fizesse novas nomeações. O monarca estava de tal modo exaltado que no mesmo instante levou a pena ao tinteiro e demitiu uma legião de servidores, fechando muitas repartições. O decreto, escrito pessoalmente por ele, expressava o desejo de “livrar-se daquela gente toda”.³³ Não parece ter ocorrido ao imperador que, embora muitos daqueles serventuários talvez fossem incompetentes, não passavam de escriturários e administradores subalternos que apenas executavam as ordens que ele dava.

Ao receber o edito de supressão de órgãos de governo, antes de sua emissão, Cixi se alarmou. No entanto, para não desautorizar o filho adotivo, só suspendeu a eliminação de alguns órgãos vitais, como o encarregado de

transportar cereais do sul para o norte da China, e não foi além disso. A ele, Cixi objetou energicamente às demissões em massa, dizendo que aquilo podia levar à “perda de boa vontade e apoio [*shi-ren-xin*]” para com as Reformas,³⁴ e poderiam até lhe custar o trono. De fato, como o edito de repente privava de seu ganha-pão milhares de servidores somente na capital, administradores em todo o império se mostravam chocados e temerosos.

Sabendo da desaprovação de Cixi, o imperador passou a baixar seus editos sem mostrá-los a ela primeiro, quebrando com isso o acordo que havia entre eles. Em 4 de setembro, logo depois de Cixi ter deixado a Cidade Proibida para voltar ao Palácio de Verão, ele demitiu cinco altos funcionários do Ministério dos Ritos e até o próprio ministro, num único edito furioso em tinta carmesim. Sua cólera parecia desproporcional à falha que a causara: o ministério demorara em lhe passar uma proposta submetida por um funcionário, Wang Zhao. Mas esse funcionário era amigo de Kang. O imperador o promoveu. Também nomeou um novo ministro — outro amigo de Kang, que enviara uma nota ao trono, elogiando o Raposa Selvagem. Entre os novos vice-ministros havia outros amigos de Kang, como o professor auxiliar Xu. O imperador Guangxu pretendia que isso servisse de exemplo para os demais ministérios e departamentos. No dia seguinte, nomeou quatro funcionários de baixa graduação como secretários do Grão-Conselho,³⁵ dos quais dois, que o imperador só conhecera de passagem, também eram amigos de Kang. Ainda assim, referiu-se a eles e aos outros nomeados como “homens inteligentes e corajosos”, em contraste com todas aquelas velhas autoridades “estúpidas e inúteis”.

Os editos do imperador só eram enviados a Cixi para que ela tomasse ciência deles, depois de dados a público. Quando voltou a estar com o filho adotivo, ela lhe disse que as demissões no Ministério dos Ritos eram desarrazoadas e se negou a endossar algumas nomeações, inclusive a do professor auxiliar Xu, que ela sabia ser um dos membros da turma do Raposa Selvagem. Em seguida, tomou medidas para garantir que os editos

redigidos pelos novos secretários fossem mostrados a ela primeiro. Afora isso, nada fez em relação aos atos de Guangxu.

Agora, depois que o imperador Guangxu criara o precedente de demitir e nomear pessoas por conta própria, o Raposa Selvagem fez com que seus paus-mandados iniciassem uma campanha de petições solicitando ao imperador que instituísse o Conselho Consultor — que ele lideraria. Um dos quatro novos secretários, que não pertencia à panelinha de Kang, escreveu numa carta particular em 13 de setembro: “Todos os dias eles falam sobre o Conselho Consultor, e o imperador está sendo instigado a aceitar a ideia. Kang e Liang não conseguiram os cargos que desejavam, e receio que a situação se torne agitada”.³⁶ Com efeito, no mesmo dia o imperador Guangxu finalmente tomou a decisão de instalar o órgão que, na realidade, seria o Conselho de Kang.³⁷ Quando o Raposa Selvagem soube disso, procurou logo seu pequeno círculo de amigos com um sorriso enorme. Disselhes que o Conselho seria constituído de dez membros, que teriam de ser recomendados oficialmente ao imperador. Entregou então uma lista de dez homens àqueles que tinham o direito de escrever diretamente ao imperador, dizendo-lhes que recomendassem alguns deles. Entre esses nomes estavam o do próprio Kang, de seu irmão Guangren, de seu braço direito Liang, de dois filhos do professor auxiliar Xu e de outros companheiros. E assim os nomes dessa súcia chegaram ao imperador Guangxu.

Em 14 de setembro, o imperador levou a lista ao Palácio de Verão. Cixi se recusou a autorizá-la e, com seu modo enérgico, deixou mais do que claro que sua decisão era inegociável. No dia seguinte, angustiado, Guangxu convocou um dos novos secretários e lhe entregou uma carta em que pedia aos novos nomeados, a quem qualificava de “meus camaradas”, que achassem uma solução para formar o Conselho de Kang sem contrariar seu Pai Régio. O secretário a quem ele passou a carta, Yang Rui, na verdade não era um membro do círculo de Kang nem aprovava o que ele estava fazendo. No entanto, sua majestade fazia certa confusão quanto aos diferentes laços

entre os novos servidores que de repente inundavam a corte e encarava todos eles como uma força una e progressista.

O Raposa Selvagem tomou conhecimento do teor da carta e talvez a tenha lido. O que viu em seguida foi um edito público que, partindo do imperador Guangxu, fazia um pedido estranhamente pessoal: que Kang deixasse Beijing e fosse para Shanghai, a fim de assumir sua função como jornalista. Com isso o Raposa Selvagem soube que seu salto para o topo do poder tinha sido bloqueado pela imperatriz-viúva. Cixi nunca tinha estorvado as políticas reformistas de Kang — na verdade, concordava com elas. Fora, de fato, a primeira pessoa a reconhecer os talentos de Kang e promovê-lo. Mas se recusava a lhe dar poder.

Como o regime Qing havia acarretado desastres tão sérios para o país, os argumentos a favor de um governo alternativo eram incontestáveis. Kang teria sido um líder melhor? Essa é uma questão controversa. Uma coisa, porém, é certa: ele não tinha um programa político para transformar a China numa democracia parlamentar, como se diz com frequência. Nunca defendeu essa ideia. Pelo contrário, ele afirmou num de seus artigos que a democracia, embora boa para o Ocidente, não servia para a China. Escreveu:

Um imperador é como o pai de uma família, e o povo é como os filhos.³⁸ Os chineses são, todos eles, como bebês aprendendo a andar e crianças pequenas. Posso indagar como uma família com uma dúzia de bebês pode funcionar se os pais não tiverem o direito exclusivo de tomar decisões, mas deixarem todos eles tomar suas próprias decisões? [...]. Eu lhes digo: na China, só o imperador deve governar.

O Raposa Selvagem queria ser o imperador, e vinha tentando criar um mandato para si mesmo. Primeiro, alegou ser a reencarnação de Confúcio. A afirmativa realmente atraía atenção, e até ocidentais tinham ouvido Kang ser chamado de “o Sábio moderno”³⁹ e “o segundo Confúcio”. Depois, com seu pequeno mas ativo círculo de discípulos, Kang tentou dar como certo que Confúcio tinha sido coroado rei da China, substituindo o imperador da

época.⁴⁰ Para propagar essa ideia, havia lançado um jornal que usava um “calendário de Confúcio”, no qual o ano do nascimento de Confúcio era o ano 1. Como essa estratégia ameaçava diretamente o imperador Guangxu, o Raposa Selvagem a abandonou quando começou a se insinuar junto ao imperador. No momento em que percebeu que Guangxu estava caindo em sua armadilha, explicou-lhe, ansiosamente, numa de suas cartas clandestinas, que ele fora mal compreendido e que nunca defendera a ideia de que Confúcio tinha sido coroado rei.⁴¹ Kang queria apagar qualquer ideia de que ele cobiçava o trono. Com o imperador Guangxu seduzido, Kang poderia concretizar seus sonhos, e para isso precisava, primeiro, se tornar o titereiro por trás do trono. Esse caminho estava sendo agora bloqueado por Cixi com mão de ferro, e a única maneira de o Raposa Selvagem atingir sua meta seria afastá-la, usando de força.

20. Um complô para assassinar Cixi (setembro de 1898)

Já havia algum tempo que Kang Raposa Selvagem vinha maquinando complôs para assassinar Cixi, pois sabia que ela se interpunha entre ele e o poder supremo. Para isso, ele precisava de uma força armada, e a primeira pessoa em que pensou foi um comandante chamado Nie. Pediu ao funcionário Wang Zhao que se aproximasse de Nie e o convencesse a se juntar a eles, mas Wang não quis fazer isso, dizendo a Kang que a missão era impraticável.¹ O Exército estava nas mãos de Cixi, que o controlava com firmeza. A primeira coisa que ela fizera ao lançar as Reformas foi pôr o homem que lhe era mais leal, Junglu, no comando do Exército na capital e na área circundante. O quartel-general de Junglu ficava em Tianjin.

Entre os subordinados a Junglu estava o general Yuan Shikai — que viria a ser o primeiro presidente da China, quando o país se transformou numa república. Era um oficial ambicioso e muito competente. Notou que para cargos altíssimos o imperador estava nomeando pessoas recomendadas pelos homens de Kang, e por isso fez amizade com eles. Graças a Kang, o imperador Guangxu concedeu ao general Yuan não uma, mas duas audiências, logo depois de sua altercação com Cixi em 14 de setembro. Sua majestade conferiu ao general uma promoção, passando por cima de seus superiores, e praticamente disse a Yuan que se afastasse de Junglu e acatasse

ordens diretamente dele. O monarca estava fazendo o que o Raposa Selvagem lhe recomendara — criar um exército pessoal.

Depois das audiências, um dos comparsas de Kang, Tan Sitong, fez uma visita ao general Yuan, tarde da noite, em 18 de setembro. Tan, um dos quatro recém-nomeados secretários do Grão-Conselho, acreditava que só se faziam reformas com violência. “Desde a Antiguidade, nunca houve reformas sem derramamento de sangue. Temos de matar todos esses aproveitadores antes de começarmos a fazer coisas.”² Visto pelo general Yuan como um “recém-promovido VIP próximo ao imperador”, Tan disse que estava ali para transmitir o desejo do soberano. O general Yuan deveria assassinar Junglu em Tianjin e trazer suas tropas para Beijing. Chegando à capital, deveria cercar o Palácio de Verão e prender a imperatriz-viúva. Feito isso, disse Tan, “matar aquela velha podre será tarefa minha, e vossa excelência não precisa se preocupar”. Tan prometeu ao general que, nesse sentido, o próprio imperador lhe daria um edito em tinta carmesim em sua terceira audiência, daí a dois dias, em 20 de setembro. Yuan, para quem Tan parecia “feroz e semidemente”, não respondeu nem sim nem não, mas disse que uma missão dessas exigia algum tempo de preparativos.

Na verdade, o Raposa Selvagem já estava cuidando dos preparativos, e imaginara um meio de transferir os soldados do general Yuan, cerca de 7 mil, e aquartelados fora de Beijing para a capital e instalá-los perto do Palácio de Verão. Redigiu uma proposta que outro conspirador, o censor Shenxiu, submeteria ao monarca, afirmando que no Antigo Palácio de Verão havia sido enterrado um carregamento de ouro e prata, um tesouro que poderia ser agora desenterrado para ajudar a aliviar a crise financeira do Estado.³ A proposta deveria chegar à mesa do imperador pouco antes da terceira audiência de Yuan, de modo que Guangxu pudesse entregar a tarefa de escavação ao general, que com isso ganharia um motivo legítimo para levar seu exército para junto da porta de Cixi.

Como seu diário mais tarde revelou, o general Yuan ficou pasmo com a proposta de Tan. Viu-se diante do dilema de ter de escolher entre ser leal ao

imperador Guangxu ou à imperatriz-viúva. Como ele disse a Tan, se o soberano de fato baixasse um edito em tinta carmesim mandando que ele desse fim à imperatriz-viúva, “quem ousaria desobedecer ao papel escrito pelo imperador?”. No entanto, naquela mesma noite ele procurou diretamente um dos príncipes em que Cixi confiava e denunciou os conspiradores.^a

Nesse ínterim, outros fatos tinham ocorrido, relacionados com uma pessoa que visitava Beijing na época — Ito Hirobumi, que fora primeiro-ministro do Japão e o arquiteto da guerra contra a China, quatro anos antes, e também do calamitoso Tratado de Shimonoseki. Tendo deixado o comando do governo havia pouco tempo, Ito estava fazendo uma viagem “particular” a Beijing, e o imperador Guangxu deveria recebê-lo no mesmo dia da terceira audiência do general Yuan.

Entre a intelligentsia chinesa, o estado de espírito em relação ao Japão passara da aversão para a admiração e boa vontade desde os recentes episódios de reivindicação de territórios pelas potências europeias em 1897-8. Os japoneses procuravam conquistar as boas graças de chineses influentes mais ou menos com a seguinte argumentação: “A guerra entre nós foi um erro, e todos nós sofremos. Agora, quando os brancos avançam ameaçadoramente sobre nós, amarelos, a China e o Japão devem se unir e resistir a eles juntos. Devemos prestar uma ajuda mútua”. Certas autoridades eram simpáticas a esse discurso e queriam com ansiedade que o Japão ensinasse à China como se tornar forte. Algumas petições aconselhavam o imperador a convidar Ito para se radicar na China e atuar como seu consultor. O coro era encabeçado por Kang Raposa Selvagem, redator de várias petições que terceiros apresentavam.⁴ Um jornal de grande circulação em Tianjin, o *Guo-wen-bao*, de propriedade de um japonês e financiado pelo governo do Japão, promovia a ideia, alegando que ela levaria “não só a

bons resultados para a China e para o Japão, como também à sobrevivência da Ásia e da raça amarela”.⁵

Sabia-se que o imperador Guangxu pretendia convidar Ito para ser seu consultor. O monarca exibia uma atitude extremamente pró-Japão desde que caíra sob a influência de Kang. Em 7 de setembro ele escrevera, de próprio punho, uma carta ao imperador japonês, que começava com uma linguagem íntima sem precedentes na correspondência diplomática: “Meu prezadíssimo e mais próximo vizinho amigo do mesmo continente”, e encerrava fazendo votos de que os dois países “apoiassem um ao outro para defender e garantir o Grande Oriente”.⁶ O próprio Ito, ao que parece, estaria esperando trabalhar com o trono chinês. Ao chegar a Tianjin, assim escreveu para sua mulher:

Vou partir amanhã para Beijing, onde o imperador parece estar à minha espera já há algum tempo [...]. Em Tianjin, passo o tempo todo ocupado com banquetes. Muitos chineses têm me procurado e me pedido que ajude a China, e na realidade é impossível dizer não. Ouvi dizer que o imperador parece ser capaz e inteligente e que tem apenas 27 anos.⁷

Com efeito, o imperador Guangxu concederia uma audiência a Ito em 20 de setembro, e era bem possível que anunciasse a nomeação de Ito logo depois. (As nomeações eram frequentemente anunciadas após a audiência com o nomeado.) Para permitir que o decreto de nomeação fosse considerado uma resposta aos anseios do povo, o Raposa Selvagem elaborou duas petições em nome de outras pessoas, instando o monarca a nomear Ito — a primeira estaria na mesa do soberano horas antes da audiência com Ito; a segunda, no dia seguinte.

Era por motivos pessoais que Kang Raposa Selvagem promovia com tanto afincamento a nomeação de Ito. Não era ingênuo a ponto de crer que Ito iria trabalhar em favor dos interesses da China, e não do Japão, e que a China poderia manter sua independência com Ito a gerenciar o país. O Japão não

mudara nada em sua ambição de controlar a China. Durante a visita de Ito, os jornais japoneses falavam da “necessidade” de a China “consultar o governo japonês” com relação a todas as suas políticas.⁸ Quando soube do desejo do imperador de nomear Ito como seu consultor, o conde Li só escreveu uma palavra numa carta: “Ridículo”.⁹ O vice-rei Zhang Zhidong, o famoso modernizador que concebera a estratégica estrada de ferro Beijing-Wuhan, ficou “chocado” e “rejeitou a ideia de chofre”.¹⁰ Tanto o conde quanto o vice-rei eram ardentes propugnadores da contratação de consultores japoneses e da ideia de que a China deveria aprender com o Japão. No entanto, ambos sabiam que, se Ito se tornasse o “consultor” do imperador Guangxu, não haveria como evitar que o ex-primeiro-ministro japonês movimentasse os cordéis e que a China perdesse sua independência.^b

Kang Raposa Selvagem era tão astuto quanto os dois estadistas. No entanto, ele desejava não só a nomeação, como também a criação de uma “união” (*lian-bang*) ou mesmo uma “fusão” (*he-bang*) sino-japonesa. As petições que ele redigira e que recomendavam a nomeação de Ito também insistiam para que o imperador Guangxu optasse por uma ou outra dessas políticas. É difícil que ele estivesse tentando seriamente entregar a China ao Japão. O mais provável é que ele e os japoneses tivessem feito um acordo para promover seus interesses mútuos. Com efeito, desde o início das Reformas, o jornal japonês de Tianjin dedicara muito espaço a expor as ideias de Kang, o que lhe dera imenso prestígio e contribuíra para criar a impressão de que as Reformas eram obra inteiramente sua.¹¹ Tal impressão não se restringia aos leitores desse jornal. Como suas matérias eram transcritas por outros periódicos em todos os Portos do Tratado, o nome de Kang ganhou tamanho destaque que as pessoas achavam que ele era o líder das Reformas. O jornal de Tianjin também promovia a ideia do Conselho Consultor, enquanto Kang sugeria ao imperador Guangxu que o Conselho deveria contar com a participação de Ito. Entretanto, o principal serviço que os japoneses prestaram a Kang foi levá-lo ao imperador Guangxu — por

intermédio de Sir Yinhuan, que quase com certeza era um de seus agentes e promovia os interesses dele.

Um dos servidores mais ocidentalizados, Sir Yinhuan era pessoa de notável competência e brilhava na área das relações exteriores. Era o brilhante enviado de Cixi a uma série de países (em Washington, na década de 1880, ele foi “o primeiro ministro chinês a oferecer um baile na residência oficial”, como saiu no *New York Times*)¹² e foi sagrado cavaleiro na Grã-Bretanha, onde representou a China do Jubileu de Diamante da rainha Vitória. Um relatório confidencial enviado a Tóquio por Yamo Fumio, que em 1898 era o ministro japonês em Beijing, revela que ele era sua fonte habitual de informações supersecretas.¹³ Quando o grão-preceptor Weng foi afastado da corte, o ministro quis saber a razão real e procurou Sir Yinhuan, que lhe contou tudo o que sabia. Na época, alguns integrantes do alto escalão quiseram que ele fosse censurado por “passar políticas de Estado secretas a estrangeiros”. Antes disso, grão-conselheiros o haviam denunciado ao trono por “agir reservadamente e de forma suspeita”.¹⁴ Porém, naquele tempo não havia mecanismos para a investigação de acusações de espionagem, e como o imperador Guangxu o defendesse, revoltado, nada foi feito.¹⁵ Cixi quis que se levasse a cabo uma diligência na casa de Sir Yinhuan, em busca de indícios, mas, sobretudo devido à ligação estreita entre ele e o imperador, sua ordem não foi cumprida.

Coube a Sir Yinhuan engendrar o contato inicial de Kang com o círculo máximo do poder, embora mediante maquinações clandestinas, e não por recomendação aberta. Foi ele que agiu como intermediário secreto entre Kang e o imperador Guangxu.¹⁶ E foi ele que possibilitou a Kang ganhar controle sobre o imperador. Fez tanto por Kang não porque houvesse entre eles uma antiga e íntima amizade — na verdade, os indícios apontam o contrário, uma vez que mais tarde ele derrubou Kang gratuitamente. Sir Yinhuan fez o que fez por recomendação de Tóquio — e ele trabalhava em favor de Tóquio, mas não por acreditar que a China seria beneficiada pelo domínio japonês. Ele sabia o quanto os japoneses eram brutais, por ter

tratado com eles em negociações sobre a indenização depois da guerra. Quando a China, enfrentando os juros escorchantes dos empréstimos estrangeiros e lutando para lidar com as cheias do rio Amarelo, solicitou a prorrogação do prazo de três anos para o pagamento da indenização, Tóquio recusou o pedido peremptoriamente. Em privado, Sir Yinhuan lamentou que isso provasse que “o chamado desejo japonês de construir um relacionamento especial com a China não passa de palavras ocas”.¹⁷

O motivo mais provável para seu comportamento era dinheiro. Jogador inveterado, Sir Yinhuan era conhecido por receber subornos — num grau julgado inaceitável até em seu país, onde o suborno era endêmico. Eram infundáveis as acusações de que ele aceitara elevadas comissões decorrentes de contratos que havia negociado no exterior, e os subornos recebidos dos russos constavam de seu histórico. Os japoneses eram sagazes e hábeis subornadores. Além disso, Sir Yinhuan era de um cinismo desmedido. Ao tratar com os alemães, no episódio da tomada de Qingdao, sua indiferença espantou seu colega, o grão-preceptor Weng, que se sentia como se estivesse sendo “torturado em água fervente e em labaredas”. Weng escreveu em seu diário: “Quando vou à casa dele [para debater questões profissionais], ele está sempre espairecendo, conversando e rindo como se nada de desastroso estivesse acontecendo. Na verdade, não consigo entendê-lo”.¹⁸

Cixi não tinha uma ideia completa da armação que envolvia Sir Yinhuan, Kang Raposa Selvagem, os japoneses e seu filho adotivo. Fora informada da visita de Ito, das recomendações para que ele fosse nomeado consultor e de sua audiência marcada com o imperador Guangxu. Consciente dos perigos da nomeação de Ito, ela na verdade tomara providências: fez o imperador prometer que a assessoria de Ito, que ele solicitaria, não seria dada ao monarca em pessoa, e sim passada a ele através do Ministério do Exterior. Assim, ela acreditava, nenhum mal sobreviria.

Entretanto, na noite de 18 de setembro, foi-lhe entregue uma carta urgente, que a deixou apreensiva. Enviada por um censor, Chongyi, aparentado ao conde Li pelo casamento, a carta chamava sua atenção,

enfaticamente, para o perigo da nomeação de Ito pelo imperador Guangxu, bem como para o fácil acesso que Kang Raposa Selvagem tinha ao imperador. “Se o trono contratar Ito”, advertia a missiva, “será o mesmo que pôr este país de nossos ancestrais numa salva de prata e o entregar ao [Japão].”¹⁹ O censor instava Cixi a retomar o poder imediatamente para evitar que sobreviessem desastres.

Cixi ficou indecisa. E se seu filho adotivo desrespeitasse o acordo entre eles e instalasse Ito a seu lado com um edito escrito em tinta carmesim? Decidiu que iria à Cidade Proibida no dia seguinte, 19 de setembro, em tempo para a audiência do imperador Guangxu com o ex-primeiro-ministro japonês no dia 20, para garantir que isso não acontecesse. Depois disso, ela planejava voltar para o Palácio de Verão. Tendo tomado essa decisão, foi se deitar.

Como de hábito, estava profundamente adormecida nas primeiras horas da madrugada quando chegou a denúncia do complô, feita pelo general Yuan. Cixi ficou estupefata. Era verdade que sua relação com o filho adotivo estava difícil, mas que ele estivesse ligado a um complô para assassiná-la ainda era inconcebível.

Ainda que, pelo relato do general Yuan, o papel do imperador no complô não estivesse de modo algum claro, não podia haver dúvida de que alguma coisa ele sabia. Por que outra razão ele tornaria o general Yuan seu próprio comandante pessoal, separado do Exército — o próprio general que os conspiradores depois procuraram para fazer mal a ela? E por que ele se comportava de forma tão sub-reptícia em relação à sua ligação com Kang Raposa Selvagem? O fato de seu filho adotivo ter ciência do complô de Kang, ainda que por alto, fazia dele um cúmplice, culpado de um crime imperdoável — sobretudo numa cultura que punha o amor filial no alto do código de ética.

De manhã, Cixi deixou o Palácio de Verão, tal como planejara. Entrou num barco no píer, diante de sua residência, e foi levada para o outro lado do lago, entrando no canal Imperial, que levava à cidade. Com dez quilômetros de extensão, o canal era ladeado por salgueiros e pessegueiros — e por guardas pretorianos. Numa comporta onde era necessário trocar de embarcação, ela entrou no templo budista que havia na margem e rezou. A partir do ponto onde terminava o canal, uma liteira a levou ao Palácio do Mar, ao lado da Cidade Proibida. Durante aquele percurso aparentemente pacífico e prazeroso, seu espírito vivia um tormento.

Ao saber da chegada inesperada de Cixi, o imperador Guangxu correu à porta do palácio para recebê-la de joelhos. Ainda que talvez tenha sido tomada de fúria ao ver o filho adotivo, a imperatriz-viúva manteve uma expressão de tranquilidade. Não queria causar alarme, principalmente porque a audiência com Ito estava programada para o dia seguinte: era preciso evitar qualquer complicação com o Japão. Ela talvez não tivesse ciência de todo o relacionamento de Kang com o Japão, mas o aparecimento de Ito naquele momento era uma coincidência improvável demais.

O dia seguinte, 20 de setembro, começou normalmente. Primeiro o imperador Guangxu teve sua terceira audiência, já marcada, com o general Yuan. Não baixou nenhum edito em tinta carmesim, como o conspirador Tan prometera ao general — embora isso talvez não significasse que não pretendia fazê-lo. Cixi estava por perto. Durante a audiência, o general aludiu inequivocamente ao complô, dizendo que os novos amigos de sua majestade estavam “fazendo as coisas de forma descuidada e mal planejada”²⁰ e que “se houvesse um deslize, vossa majestade seria incriminada”. O imperador fitou Yuan em silêncio, e sua expressão levava a crer que alguma coisa tocara fundo nele. O fato de o imperador simplesmente saber do que o general estava falando teria confirmado sua culpa aos olhos de Cixi.

Yuan voltou para suas tropas em Tianjin. Cixi manteve a calma aparente quando o filho adotivo, cumprindo o ritual, veio lhe desejar bom dia antes

de entrar no mais suntuoso salão do Palácio do Mar para a reunião com Ito. Durante a entrevista, ele nada disse que fosse além do texto combinado. Como esperado, solicitou a consultoria de Ito, mas ressaltando que ela seria feita por intermédio do Ministério do Exterior. Assim que a audiência terminou, Cixi pôs o filho adotivo em prisão domiciliar, confinando-o em sua mansão em Yingtai, a ilha no meio do lago no Palácio do Mar, a que só se tinha acesso por uma comprida ponte que podia ser aberta e fechada. Quando ela ia ao Palácio de Verão, levava-o consigo. Ele se tornara seu prisioneiro.

Como tal, no dia seguinte ele escreveu, de próprio punho, um decreto em tinta carmesim, anunciando que Cixi seria sua guardiã. Depois disso foi encenada uma cerimônia formal. A partir daí, o imperador Guangxu se tornou um fantoche de Cixi, assinando editos com seu pincel molhado em tinta carmesim, de acordo com os desejos dela. Continuou a se avistar com autoridades e grão-conselheiros, mas sempre na presença dela. O biombo de seda que antes a escondia foi retirado: ela saiu de detrás do trono para a frente do palco.

Cixi logo formou uma imagem clara das atividades do Raposa Selvagem em relação ao filho adotivo. O imperador praticamente nada escondia de seus eunucos, que Cixi começou a interrogar. Assim soube quem vinha privando com o imperador e o influenciando. Sir Yinhuan foi facilmente desmascarado, e se tornou seu segundo inimigo. Metodicamente, Cixi deteve os conspiradores, dando ordens verbais, e não escritas. As prisões não foram feitas todas ao mesmo tempo, pois ela queria que o processo chamasse a menor atenção possível.

O primeiro elemento a ser preso seria, obviamente, Kang. No entanto, Cixi agiu com dois dias de atraso. O Raposa Selvagem percebera que a trama tinha ido por água abaixo assim que soube que o general Yuan não dissera nem sim nem não — tal como outro conspirador, que fora recrutado

especialmente para matar Cixi, um homem chamado Bi. Mais tarde, Bi contou ter visitado Tan para perguntar sobre sua missão, na manhã seguinte.²¹ “O sr. Tan estava penteando o cabelo languidamente” e disse a Bi que o general se mostrara evasivo. Bi perguntou: “Tem certeza de que Yuan é o homem certo para a tarefa?”. Era evidente que Tan não confiava em Yuan, e respondeu: “Eu discuti com o sr. Kang várias vezes, mas ele insiste em usar Yuan. Que posso fazer?”. Bi retrucou: “Então você revelou o plano todo a Yuan?”. Ao ser informado de que Yuan sabia de tudo, Bi exclamou: “Estamos liquidados. Estamos liquidados! Você não sabe que tipo de operação é essa? Você não pode falar sobre ela nesse tom! Estou achando que você, a família e o clã de vocês vão todos para a execução!”. Bi se afastou imediatamente e abandonou os conspiradores.

Já o Raposa Selvagem visitou dois estrangeiros, o missionário batista Timothy Richard, um galês, que era seu amigo,²² e o próprio Ito — na véspera da audiência dele com o imperador Guangxu. O que Kang desejava era um abrigo seguro. Richard buscara fazer amizades entre altos funcionários e letrados, e conhecia muitas figuras poderosas, entre as quais o conde Li. Seu sonho era não só “fundar o reino de Deus” em solo chinês, como também dirigir o país — “reformatar a China, remodelar suas instituições, e, em suma, assumir seu governo”,²³ como observou Robert Hart, achando a ideia “deliciosa demais!”.²⁴ Os diplomatas britânicos consideravam os planos grandiosos de Richard “um absurdo”.²⁵ (Entre suas propostas estava a de que “duas governantas estrangeiras fossem contratadas para a imperatriz-viúva”.) Kang o recomendara ao imperador Guangxu como um dos dois assessores estrangeiros a serem incluídos no Conselho Consultor. O segundo seria Ito. Richard sentia-se grato. Agora se dispunha a conseguir ajuda para Kang, mas com pouca chance de êxito, uma vez que, de acordo com Richard, o ministro britânico, Sir Claude MacDonald, “já estava com o pé atrás” em relação a Kang.

Ito não ofereceu a Kang asilo na legação japonesa. Usar um bando de amadores para assassinar a imperatriz-viúva, em condições difíceis, com

certeza não fazia parte do acordo entre eles. Além disso, Ito se avistaria com o imperador Guangxu no dia seguinte. Seria constrangedor se lhe pedissem para entregar Kang. Portanto, o Raposa Selvagem tinha de fugir de Beijing. Fez isso depressa, e quando o mandado de prisão foi expedido, ele já chegara a Tianjin e já deixara a cidade, a bordo de um vapor britânico com destino a Shanghai. No cais de Shanghai, “detetives e policiais”²⁶ estavam à espera do navio “num estado de enorme euforia diante da perspectiva de ganhar os 2 mil dólares” — a recompensa pela prisão de Kang. Por causa das notícias dos jornais, que apontavam Kang como o principal autor das Reformas (e também pela discrição da corte, que ocultava o papel de Cixi), o cônsul-geral interino britânico, Byron Brenan, que registrou a cena, estava resolvido a resgatar Kang. Como não podia fazê-lo abertamente, na qualidade de representante oficial da Grã-Bretanha, Brenan fez com que o correspondente do jornal *The Times*, J. O. P. Bland, saísse ao mar numa lancha, antes que o navio atracasse. Kang foi interceptado e levado a Hong Kong a bordo de uma canhoneira britânica. Ali, recebeu a visita do cônsul japonês na colônia, que o convidou a se instalar no Japão. Tóquio “preza a aspiração de construir uma Grande Ásia Oriental”,²⁷ para citarmos Kang. O Raposa Selvagem logo chegou ao Japão.

Seu braço direito, Liang, pediu asilo na legação japonesa um dia depois da audiência de Ito, que o ajudou a fugir para o Japão. Protegido pelos japoneses e usando um disfarce, com o rabicho cortado e trajando roupas europeias, ele embarcou num navio de guerra japonês em Tianjin.

Também a Tan, o radical que clamava por violência, foi oferecido asilo no Japão, mas ele rejeitou a oferta. Segundo seus amigos, ele reiterou sua teoria de que reformas exigem sangue: “Em outros países, todas as reformas tiveram êxito porque houve derramamento de sangue. Nas reformas chinesas não correu sangue, e é por isso que o país não vai bem. Que meu sangue seja o primeiro a ser derramado”.²⁸ Com efeito, ele foi decapitado em 28 de setembro, juntamente com outros cinco: Guangren, irmão de Kang; o censor Shenxiu, que recomendara que fossem levadas tropas para o Palácio

de Verão, aparentemente para procurar ouro enterrado, mas na realidade para matar Cixi; e os três outros novos secretários do Grão-Conselho (além de Tan). Na área de execução, segundo uma notícia de jornal, Tan agiu “como se a morte fosse algo delicioso”.²⁹ Por outro lado, o irmão de Kang não parecia apreciar o que ocorreria ali: “usava apenas meias, sem sapatos, e tinha o rosto cor de cinza e poeira”. As execuções chocaram o país: aqueles eram os primeiros inimigos políticos de Cixi a morrer desde que ela chegara ao poder, quase quatro décadas antes.

Dois dos quatro novos secretários, entre eles Yang Rui, a quem o imperador confiara sua carta angustiada de 14 de setembro, na verdade não tinham nada a ver com Kang ou seu complô. Tinham ficado despreocupados na prisão, certos de que sua inocência seria demonstrada facilmente no julgamento, realizado por ordem de Cixi e de acordo com as normas da dinastia Qing. No entanto, assim que começou o julgamento, Cixi o interrompeu de repente, e os dois homens inocentes foram levados para a área de execução com os demais, como cúmplices.³⁰ Lá chegando, protestaram com furor. Um deles se recusou a ficar de joelhos para escutar o edito imperial que o condenava à morte, enquanto o outro, Yang Rui, perguntava com insistência ao supervisor das execuções qual era seu crime. Segundo se disse, o sangue de sua cabeça decepada esguichou um metro no ar, tamanha era sua veemência diante da injustiça. As pessoas ficaram espantadas com as execuções precipitadas.³¹ Ao receber a notícia, um cortesão se sentiu “chocado e desgostoso, como se meu coração estivesse sendo apunhalado” e “vomitou com violência”. Mesmo os dignitários que sabiam do complô contra a vida de Cixi se sentiram profundamente contrafeitos com o flagrante desrespeito pela lei, o que era raro em seu governo.

Cixi cancelou o julgamento ao compreender que, inevitavelmente, ele tornaria público o que ela tinha de esconder a todo custo: o envolvimento do filho adotivo no complô. Um julgamento revelaria que o imperador Guangxu a queria deposta, se não assassinada. O Raposa Selvagem tinha

começado a dar entrevistas a jornais estrangeiros nas quais afirmava que o imperador lhe dera um “edito secreto” com instruções para angariar apoio para libertá-lo e afastar Cixi. Essa assertiva apareceu pela primeira vez no *North China Herald*, de Shanghai, em 27 de setembro,³² ou seja, um dia antes de Cixi interromper o julgamento e ordenar as execuções. A afirmação pode bem ter determinado sua decisão. Se a assertiva de Kang parecesse confirmada oficialmente no julgamento, Cixi se veria diante de perspectivas medonhas. Os chineses se dividiriam e seriam obrigados a tomar partido, e o país poderia ser atirado num tumulto. Potências estrangeiras talvez decidissem atender ao pedido de Kang e mandar tropas. O Japão, em especial, bem poderia tentar apoiar o imperador Guangxu como um fantoche, a pretexto de resgatá-lo. Cixi não podia permitir que a cisão fatal entre ela e seu filho adotivo fosse exposta.

Assim, a própria Cixi acobertou o complô contra sua vida. O decreto sobre o complô e as execuções, baixado em nome do imperador prisioneiro, era vago, evasivo e deturpava a posição do imperador. Segundo o texto, Kang e seus cúmplices “tentaram cercar e atacar o Palácio de Verão, sequestrar a imperatriz-viúva e a mim”.³³ A outra figura-chave, o general Yuan, também tinha motivos para suprimir a verdade: não queria que se soubesse que ele traíra o imperador. (Ele manteve seu diário, que se referia ao acontecimento, oculto durante toda a vida.)³⁴ Como Cixi guardasse silêncio, Kang era a única voz que se ouvia. Quando ele negou, com obstinação, que tivesse havido algum dia uma conspiração para assassinar Cixi, alegando na verdade que fora ela que concebera um plano para assassinar o imperador Guangxu, sua versão dos fatos ganhou ampla aceitação. Sir Claude MacDonald acreditava que “o suposto complô foi apenas uma desculpa para pôr termo às reformas radicais do imperador Guangxu”.³⁵

Assim, a história dos planos malogrados para um golpe e para o assassinato de Cixi, arquitetados por Kang Raposa Selvagem, permaneceram na obscuridade durante quase um século, até a década de 1980, quando

historiadores chineses descobriram em arquivos japoneses o testemunho de Bi, o assassino designado, que deixou fora de dúvida a existência do complô. No entanto, os seis homens executados, quatro deles conspiradores, entraram para a história como se tivessem morrido heroicamente pelas Reformas, sendo chamados de “os Seis Cavalheiros”. Kang Raposa Selvagem se tornou um mito, o herói que acendeu o archote da reforma e até teve a esperança de transformar a China numa democracia parlamentar. O próprio Kang foi, em grande parte, o criador do mito, ao revisar e deturpar seus textos e petições — apagando, por exemplo, seu artigo que rejeitava especificamente a democracia parlamentar como um sistema político desejável para a China. Kang era um criador de mitos e um propagandista de primeira linha. Enquanto se promovia, ele e seu braço direito, Liang, vilipendiavam Cixi incansavelmente, inventando muitas histórias repulsivas sobre ela em entrevistas, discursos e artigos, e algumas dessas histórias foram publicadas em jornais dos Portos do Tratado, enquanto outras foram narradas em panfletos no Japão e levadas para a China. Nessas histórias, ela era acusada de envenenar a imperatriz Zhen, de levar o filho Tongzhi à morte, de obrigar a viúva de seu filho a se matar engolindo um bloco de ouro, de desviar nada menos que dezenas de milhões de taéis para construir seu Palácio de Verão e de causar a derrota da China na guerra com o Japão. Quase todas as acusações que desde então moldaram a opinião pública com relação a Cixi foram assacadas por Kang.³⁶

Foi ele quem, pela primeira vez, pintou Cixi como uma déspota depravada, afirmando que ela mantinha muitos concubinos e organizava orgias noturnas com eunucos. As pessoas acreditavam em Kang principalmente porque ele dava a entender que sua fonte era o próprio imperador Guangxu, que lhe dera o “edito secreto”, levado da Cidade Proibida costurado num cinto. O imperador, dizia Kang, não considerava Cixi sua mãe, mas “apenas uma concubina de um imperador morto” — aliás, “uma concubina devassa”.

Se o pior inimigo de Cixi estava em liberdade e definindo a maneira como a história a veria durante os cem ou mais anos seguintes, outro adversário perigoso, Sir Yinhuan, era tirado da lista de execuções. Os britânicos e os japoneses fizeram pressão em seu favor, os britânicos com mais persistência ainda por o terem feito cavaleiro. Em consequência, sua pena foi comutada para exílio em Xinjiang.^c Tomada de ódio por ele, Cixi queria se vingar, pois fora ele que transformara seu frágil filho adotivo em presa para o Raposa Selvagem e para os japoneses. Por causa de Sir Yinhuan, o império estivera perto de cair nas garras do Japão.

O próprio Sir Yinhuan reconheceu que sua ligação com o Japão fora a causa de sua derrocada.³⁸ Disse aos guardas que o conduziam ao exílio que a imperatriz-viúva começara a suspeitar dele ao ver que parecia muito íntimo de Ito no dia da audiência com o imperador Guangxu. Tenha sido esse o momento preciso ou não, com certeza Cixi estava convencida de que ele vinha atuando em favor dos japoneses. Na verdade, é possível que tenha ocorrido à imperatriz-viúva que ele fora um agente japonês antes de 1898 — que ele tivesse até desempenhado um papel na fragorosa derrota da China na guerra de 1894-5. Naquela época, o imperador Guangxu confiava no grão-preceptor Weng para ajudá-lo na tomada de decisões. E como o grão-preceptor pouco entendesse de assuntos militares, buscava ajuda junto a Sir Yinhuan, enviando-lhe rascunhos de documentos várias vezes ao dia, para que ele os avaliasse.³⁹ Além disso, estava a cargo de Sir Yinhuan o vital sistema de telecomunicação entre Beijing e a frente de combate. Nessa função, ele fora denunciado por várias pessoas por agir de forma suspeita. Havia acusações de que ele “escondia relatórios e telegramas, além de modificar parte do conteúdo deles”. Os oficiais se referiam a Sir Yinhuan como “traidor”,⁴⁰ suspeitando que ele passasse segredos militares aos japoneses. No entanto, da mesma forma que outras acusações a dignitários, essa, de importância crítica, não foi investigada. O grão-preceptor Weng, grande amigo dele, justificava seus atos junto ao imperador. Mais tarde se soube que os japoneses tinham pleno conhecimento das comunicações

telegráficas entre os chineses e que conheciam “como a palma da mão” cada movimento do Exército chinês.⁴¹ Outro fato, este crucial, de que tinham conhecimento era que o imperador Guangxu estava disposto a pagar qualquer preço pela paz, o que os levou a exigir a indenização exorbitante.

Por mais que estivesse convencida da traição de Sir Yinhuan e por mais exasperada que se sentisse, Cixi não teve como expô-lo num julgamento. Nesse caso, ela não podia se dar ao luxo de ofender o Japão. Por isso, quando Sir Yinhuan foi condenado ao exílio, seus “crimes”, arrolados no decreto imperial, eram estranhos: “alimentar más intenções, portar-se de forma dissimulada, bajular pessoas poderosas e agir de forma imprevisível e suspeita”.⁴² Tais acusações cheiravam a embustes grotescos e fortaleceram a antipatia que muitos estrangeiros tinham por Cixi, levando-os a insistir na libertação de Sir Yinhuan. Dois anos depois, no mesmo dia em que Cixi pediu a cooperação do Japão e da Grã-Bretanha para enfrentar uma invasão estrangeira, também ordenou a execução de Sir Yinhuan no exílio, uma ordem que, como ela especificou, deveria ser cumprida com a máxima rapidez.⁴³ Sir Yinhuan permanecera bem presente em seu espírito, e ela desejava esvaziar qualquer possibilidade de que os britânicos ou japoneses exigissem sua libertação como condição para prestar ajuda.

Cixi ordenou também outras execuções, que dispensavam julgamento e só dependiam da vontade do trono: a de eunucos. Quatro eunucos-chefes que haviam facilitado a comunicação entre o imperador Guangxu e o Raposa Selvagem foram executados a bastonadas no interior da Cidade Proibida.^d Como isso não lhe aplacasse a fúria, Cixi fez questão de proibir que houvesse “ataúdes ou funerais para eles, cujos corpos deveriam ser lançados na vala comum”. Dez outros eunucos foram açoitados e, depois, obrigados a usar uma canga — um pesado quadrado de madeira de treze a dezoito quilos, com uma abertura central para prender o supliciado pelo pescoço e pelos ombros, em alguns casos para sempre.⁴⁵ Essas punições não

eram aplicadas havia tanto tempo que as cangas antigas estavam podres, e as celas da prisão da corte tinham desmoronado em parte. A administração da corte teve de mandar fazer novas cangas e reparar as celas.

Em comparação com eles, as autoridades implicadas no caso Kang, mas não envolvidas diretamente no complô para assassinar Cixi, se safaram com penas leves. Na maioria, foram simplesmente demitidas. Somente um, o professor auxiliar Xu, recebeu a pena de prisão perpétua.⁴⁶ No entanto, foi posto em liberdade dois anos depois. Na época, Beijing estava ocupada por invasores estrangeiros, e as portas das prisões foram abertas. Em vez de fugir, ele permaneceu no cárcere, e Cixi o libertou oficialmente. Outro servidor público foi exilado para Xianjiang, mas teve permissão para voltar daí a dois anos.

Cixi queria que as reformas prosseguissem, mesmo enquanto ela cuidava de seus inimigos, e baixou decretos que ressaltavam sua intenção.⁴⁷ Redigiu um longo edito de próprio punho, em que exaltava “a capacidade do Ocidente para tornar seus países ricos e poderosos” e fazia votos de que a China “aprendesse suas boas práticas e as aplicasse passo a passo”. Entretanto, enquanto muitas mudanças realmente avançavam, foi inevitável que as Reformas, como movimento, fossem interrompidas. Revogaram-se os decretos referentes a Kang e seus comparsas, os servidores demitidos às pressas foram readmitidos, e cancelaram-se medidas impraticáveis, como a que dava a todos no império o direito de escrever ao imperador e receber resposta. A reformulação radical dos Exames Imperiais foi suspensa. Parecia mesmo que o país estava voltando às práticas antigas. Observadores ocidentais, que não faziam ideia de que fora Cixi quem lançara e incentivara as Reformas, e que acreditavam que tinham sido promovidas por Kang, por meio do imperador Guangxu, foram unânimes em criticá-la por matar o movimento que durara apenas cem dias.

Com Cixi apontada como a vilã da história, Kang tentou persuadir os governos ocidentais a usar de força militar para derrubá-la e reinstalar o imperador Guangxu no poder. No Japão, assim que chegou, ele começou a

manter contato com o serviço de informações, instando os japoneses a ajudá-lo a sequestrar o imperador e montar uma monarquia apoiada pelo Japão, visando, em última análise, “forjar a criação de uma Grande Ásia”.⁴⁸ Um participante ativo dessas conversações foi Bi, o homem escolhido para assassinar Cixi. Um agente de informações, Kotaro Munakata, revelou a posição oficial de Tóquio: “O governo japonês não enviará forças armadas de maneira leviana, mas se o momento oportuno chegar, certamente proverá ajuda, mesmo sem o senhor pedi-la”.⁴⁹

Para impedir que o imperador Guangxu fosse alvo de resgate ou sequestro, Cixi montou rigorosas medidas de segurança em torno de seu prisioneiro.⁵⁰ Grandes fechaduras e grades de ferro, encomendadas ao ferreiro imperial em Beijing, foram instaladas em sua mansão, Yingtai, no parque do Palácio do Mar. Ergueram-se paredes de tijolos que bloqueavam a mansão, fechando o acesso pelo lago. A grande comporta que separava o lago das águas exteriores foi verificada e reforçada, de modo que nadadores não pudessem entrar ou sair por baixo da água. Quando chegou o inverno e a água congelou, deram-se ordens para que o gelo fosse quebrado, de forma a evitar que alguém chegasse até o imperador caminhando por ele. Cixi passou até a temer que os instrumentos de percussão do filho adotivo — tambores, gongos e chocalhos — fossem ouvidos do lado de fora do palácio, ajudando quem pretendesse resgatá-lo a localizá-lo e estabelecer contato.⁵¹ Cixi ordenou aos eunucos que atendiam ao imperador que a informassem antes de lhe entregar os instrumentos.

A concubina imperial Pérola ajudara o imperador a se comunicar com Kang, por intermédio de seus eunucos. Como sua residência ficava à beira do lago, diante da ilhota do imperador, o lado que dava para o lago foi fechado com uma parede de tijolos, e também ela foi feita prisioneira.⁵²

As feias paredes cinzentas desfiguraram até o Palácio de Verão. A residência do imperador ali, a Mansão das Ondas de Jade, situava-se na borda do lago e sequestradores poderiam ter acesso a ela de barco ou

nadando. Por isso, o lado voltado para a água foi vedado com uma toska pilha de tijolos, alguns dos quais continuam lá ainda hoje.

a Em geral, os historiadores informam que a denúncia foi feita bem mais tarde, depois que Yuan esteve com o imperador pela terceira vez. Isso não pode ter acontecido. Qualquer demora por parte dele, numa questão de vida ou morte para Cixi, seria por ela interpretada como hesitação ou falta de lealdade. O general nunca mais teria sua confiança. O fato foi que a partir de então ele gozou da absoluta confiança da imperatriz-viúva e teve uma ascensão meteórica.

b Esse fato óbvio não tem sido admitido, de modo geral, nos livros de história, que tratam a planejada nomeação de Ito como um ato louvável que teria beneficiado a China.

c Antes de partir para o exílio, Sir Yinhuan enviou uma mensagem aos russos, pedindo mais 15 mil taéis pelos subornos que lhe tinham sido propostos. Durante a viagem, seus guardas o atormentavam sem piedade, dizendo-lhe que, sem o dinheiro, “não podemos mudar nossa expressão, de causticante frieza de inverno para acariciante calor de primavera”. Os russos o atenderam, embora a essa altura o diplomata já não tivesse serventia alguma para eles. No entanto, com vistas ao futuro, outras autoridades subornáveis deveriam saber que eles honravam suas promessas.³⁷

d No começo de 1898, o Ministério dos Apenamentos condenou à morte um eunuco, Kou Liancai, executado publicamente. Sua execução nada teve a ver com o complô. Ele escrevera uma petição, e a dinastia Qing proibia taxativamente aos eunucos qualquer forma de atividade política, sendo esse ilícito passível de pena capital.⁴⁴

21. A ânsia de destronar o filho adotivo (1898-1900)

Cixi passara a detestar o filho adotivo: ele se envolvera numa conspiração para assassiná-la e, no entanto, ela não tinha como denunciá-lo. De modo geral, ele era visto como um trágico herói reformador, e ela, como um vilã reacionária e perversa — mas Cixi não tinha como se defender. Seus sentimentos de amargura e frustração só se atenuaram quando ela assistiu a uma ópera cujo enredo girava em torno de um desalmado filho adotivo, que levou os pais à morte e, depois, recebeu o justo castigo ao ser abatido por um raio desferido pelo deus dos Raios e Trovões.¹ Essa ópera se tornou uma das prediletas de Cixi, e ela a viu muitas vezes. Fez com que o filho adotivo da ópera fosse mostrado como o mais desprezível dos patifes e ordenou que o número de raios fosse quintuplicado. Mandou também acrescentar o deus dos Ventos e Tempestades à cena, de modo que a punição ganhasse aspectos e sons ainda mais dramáticos. Não podendo punir de forma adequada seu próprio filho adotivo, Cixi veio a desejar que os deuses o castigassem um dia.

É bem possível que tenha passado por seu espírito matar o imperador Guangxu, mas ela não levou a ideia a sério. À parte seu temor do Céu, não podia se arriscar às consequências nacionais e internacionais. Na verdade, Cixi teve de desmentir boatos de que ele corria o risco de ser assassinado ou

de que já teria sido assassinado. O imperador, que, de modo geral, já não tinha boa saúde, caíra seriamente doente depois que seu mundo virou de pernas para o ar. Como mandava a tradição, os laudos médicos circularam entre as altas autoridades, e um edito público determinou que as províncias mandassem à capital seus melhores médicos. Esses atos foram vistos como medidas de Cixi no sentido de preparar o mundo para o anúncio de sua morte. Ela foi obrigada a mandar o príncipe Ching, titular do Ministério do Exterior, procurar o ministro britânico, Sir Claude MacDonald, a fim de pedir sua ajuda para “limpar o ar”.² Sir Claude sugeriu que um médico de uma das legações examinasse o imperador Guangxu, e o príncipe Ching concordou de imediato.

O dr. Dethève, da legação francesa, entrou na Cidade Proibida em 18 de outubro de 1898 para examinar o imperador Guangxu. Seu laudo confirmou que o monarca estava, de fato, muito mal. Seus sintomas incluíam náuseas e vômitos, dificuldade respiratória, zumbidos nos ouvidos e tontura. As pernas e joelhos pareciam instáveis, os dedos estavam entorpecidos, a capacidade auditiva diminuía, a visão se mostrava turva e ele sentia dores na área dos rins. A micção estava anormal. O médico concluiu que o imperador, de 27 anos, sofria de nefrite crônica — seus rins estavam prejudicados e não conseguiam filtrar direito os resíduos e os fluidos do sangue.³ Isso ajudou a reduzir o boato de assassinato, mas ninguém acreditava que o imperador Guangxu estivesse demasiado enfermo para governar o império.

Cixi ansiava ver o filho adotivo fora do trono. A rotina diária de receber seus cumprimentos e participar com ele das audiências matinais lhe trazia à mente, sem cessar, a conjuração e o papel que o imperador nela desempenhara, privando-a de toda paz emocional. A rotina começava assim que ela se levantava, em geral entre as cinco e as seis horas da manhã. O imperador, após se banhar, vestir-se e ter o rabicho trançado, e depois do narguilé e de um desjejum rápido, chegava em sua liteira, sob um dossel

amarelo, carregado por oito homens. (Seu séquito trazia tudo de que ele pudesse precisar, inclusive um urinol.) Quando depositavam a liteira no pátio junto ao apartamento da imperatriz-viúva e anunciavam sua chegada, Cixi sentava-se, ereta, e punha uma almofada de brocado amarelo no chão. O imperador Guangxu entrava, ajoelhava-se na almofada e apresentava as saudações formais de um imperador a uma imperatriz-viúva. Depois disso, Cixi dizia: “Levante-se, vossa majestade”. Ele se punha de pé, dava um passo à frente e perguntava, como um filho a um dos pais: “O Pai Régio dormiu bem? E teve um bom jantar ontem?”. As respostas afirmativas da parte dela eram seguidas por suas perguntas em relação a ele, até que ela dizia: “Vossa majestade pode sair e descansar um pouco”. Com isso, o imperador Guangxu se dirigia a outro aposento, onde cuidava dos relatórios que Cixi deixara para ele com suas instruções. No salão de audiências, sentavam-se um ao lado do outro, ladeados por guardas pretorianos, autorizados a se aproximar do trono, sendo um deles o irmão de Cixi, o duque Guixiang. Durante as audiências o imperador raramente falava, e quando o fazia apenas sussurrava algumas perguntas afáveis, quase inaudíveis.⁴

Essa rotina se repetia diariamente. Vê-lo em outros locais na corte também a irritava. Conhecido por gostar de usar túnicas de retalhos de algodão como roupa de baixo, o imperador normalmente vestia mantos modestos e escuros, o que o tornava uma figura incongruente perto das senhoras da corte, com seus trajes fulgurantes, e de Cixi, coberta de joias. Certa vez ele foi visto à distância, no Palácio do Mar, executando o Rito da Aradura — no qual o imperador dirigia pessoalmente o búfalo e arava o primeiro sulco do ano — com suas roupas simples, facilmente reconhecíveis, entre dignitários com trajes formais da corte. Também seus aposentos eram famosos pela austeridade.⁵ Essa falta de opulência talvez não fosse uma opção exclusivamente sua: os eunucos podem ter negligenciado seus confortos. Mais tarde, quando ocidentais passaram a frequentar a corte, notaram que ele não era tratado como o Filho do Céu:

Eunucos subservientes não se ajoelhavam diante dele [...]. Nunca vi no palácio um joelho se dobrar diante do imperador, salvo o de um estrangeiro ao saudá-lo ou ao se despedir dele.⁶ Isso chamava bastante a atenção, mormente porque estadistas e eunucos se punham de joelhos a cada vez que falavam à imperatriz-viúva.*

O imperador Guangxu nunca mostrava sinais de ressentimento — mesmo se eunucos zombavam dele durante jogos de salão, dos quais o monarca participava com frequência.⁷ Essa conduta levou muitas pessoas a acreditar que ele simulava ser idiota e que esperava o momento para se soltar. Outras, como a pintora americana Katharine Karl, observavam que o monarca, franzino e delicado, tinha “um sorriso quase de esfinge [...]. Em seu rosto há uma expressão de autorrepressão, que chega quase a um estado de passividade”.⁸ Nem Cixi, com seu olho arguto, era capaz de entender o que havia por trás daquela máscara passiva e sem expressão. Em sua mansão, agora cárcere, o imperador lia traduções de livros ocidentais, como também clássicos chineses, praticava caligrafia e tocava instrumentos musicais.⁹ (Dizia que não gostava de músicas tristes.) Continuava a desmontar e remontar relógios. Certa vez se pôs a reparar uma caixinha de música quebrada e, ao que parece, não só a trouxe de volta à vida como também lhe acrescentou uma música chinesa. O que ele mais gostava de fazer era desenhar figuras demoníacas em folhas de papel, em cujo verso sempre escrevia o nome do general Yuan, que havia denunciado os conspiradores e provocado sua prisão.¹⁰ A seguir, colava os desenhos em paredes, arremessava contra eles flechas de bambu e, depois, cortava em pedaços os desenhos já meio rasgados.

Quem sabia a verdade? Talvez o imperador Guangxu estivesse mesmo à espera de uma equipe de resgate, reunida por Kang Raposa Selvagem e patrocinada pelos japoneses. Essa possibilidade enchia Cixi de pânico. Em 1899, ela chegou a recorrer a um estratagema destinado a neutralizar os japoneses, procurando lhes dar a impressão de que ela estava tão ansiosa quanto o filho adotivo para criar com eles uma estreita ligação.¹¹ Dois servidores foram mandados ao Japão, onde deram entrevistas a jornais e

fizeram discursos públicos, declarando terem sido enviados pela imperatriz-viúva para formar uma aliança com o Japão. Estiveram com o imperador japonês e com o ex-primeiro-ministro Ito, que julgou que sua oportunidade surgia de novo e se ofereceu para viajar à China imediatamente para prestar consultoria ao trono. Para evitar que a ilusão crescesse ainda mais, os enviados fizeram todo o possível para minar sua própria credibilidade, tanto que a imprensa japonesa os considerou “estranhos”. Os europeus acharam que Cixi havia “cometido um erro na escolha de seus enviados, pois esses comissários, à diferença do que em geral esperamos do homem amarelo, revelaram coisas demais da importante missão”.¹² Perplexo, o governo japonês não respondeu à proposta deles, embora parecesse julgar que as intenções de Cixi fossem sinceras. Conquanto esse ardil pareça ter confundido os japoneses, alarmou os russos, assim como a opinião pública, que considerou que o governo estivesse fazendo alguns negócios escusos com o Japão. Foi uma manobra canhestra, bem abaixo do costumeiro padrão de qualidade de Cixi, e o homem que o concebera e persuadira Cixi a aceitá-lo se ofereceu para ser publicamente demitido como bode expiatório. Toda essa operação leva a crer que Cixi estivesse desorientada, sem saber o que fazer.

Ela temia continuamente que seu prisioneiro pudesse fugir e não permitia que ele saísse dos palácios sem acompanhá-lo pessoalmente. Havia, porém, fora da Cidade Proibida um lugar aonde o imperador precisava ir, mas que era vedado a Cixi, por ser mulher: o Templo do Céu. (Muitos o consideravam “o exemplar arquitetônico mais belo da China”.) O imperador tinha de visitá-lo regularmente a fim de pedir ao Céu bom tempo para as colheitas, das quais dependia a vida do império. A visita exigia que ele pernoitasse ali. Todos os imperadores Qing tratavam o ritual com a máxima seriedade. O imperador Kangxi, por exemplo, atribuía as cinco décadas de relativo bom tempo que tivera seu bem-sucedido reinado a suas preces no Templo.¹³ Cixi acreditava nisso de todo o coração. No entanto, como ela própria não podia fazer a jornada, nem tinha certeza de que o imperador

Guangxu não fugiria quando estivesse fora de seu alcance, mandava príncipes no lugar dele. Embora esses substitutos estivessem à disposição, suas preces não tinham a mesma eficácia das feitas pelo imperador. Cixi receava permanentemente que o Céu interpretasse a ausência do imperador como desrespeito e, por isso, desencadeasse a catástrofe sobre o império. Era com angústia e agonia que ela ansiava por um novo imperador.

No entanto, destronar Guangxu era impensável para os chineses, muito embora a opinião pública acolhesse bem a ideia de Cixi assumir o governo. Depois que vazou o complô contra sua vida, a história correu pelas casas de chá. O envolvimento do imperador Guangxu, atribuído a Kang Raposa Selvagem, era considerado indesculpável. Muitos julgavam que “sua majestade demonstrara uma conduta deplorável e que a imperatriz-viúva tinha razão em retomar o controle”. Ainda assim, desejavam que ele continuasse a ser o imperador. Era considerado um personagem sagrado “vindo do Céu”, que não devia sequer ser visto por seus súditos (daí as telas que escondiam seus cortejos). As pessoas preferiam dizer que Kang Raposa Selvagem tinha “iludido o imperador” e “criado o conflito entre suas majestades”.¹⁴ Nas províncias, os vice-reis, embora apoiassem a tomada do poder por Cixi, queriam que ela trabalhasse com o filho adotivo. O conde Li, que em privado escarnecera do imperador, dizendo que ele “nem parecia um monarca”, e desejava que Cixi conduzisse o governo, opunha-se intransigentemente a sua remoção do trono. Quando Junglu, o mais íntimo confidente de Cixi, o sondou, o conde se pôs de pé antes mesmo que Junglu terminasse de falar e levantou a voz: “Como é possível que o senhor admita essa ideia? Isso é traição! Seria desastroso! Diplomatas ocidentais protestariam, vice-reis e governadores tomariam armas e haveria uma guerra civil no império. Seria uma calamidade total”.¹⁵ Junglu concordou com o conde Li. Na verdade, ele próprio vinha tentando dissuadir Cixi de qualquer tentativa de destronar o filho adotivo.

As legações tinham deixado claro que apoiavam inteiramente o imperador Guangxu. Cixi sabia que elas consideravam seu filho adotivo como o reformador, e ela como a tirana antirreformista. Na tentativa de corrigir essa impressão e demonstrar que ela era simpática em relação ao Ocidente, Cixi convidou as senhoras do corpo diplomático para um chá no Palácio do Mar, por ocasião de seu aniversário em 1898. Seria a primeira vez que mulheres estrangeiras entrariam na corte. (O primeiro ocidental que Cixi recebera fora o príncipe Heinrich, da Alemanha, no começo daquele ano.)

Antes de irem ao chá, as senhoras estrangeiras reagiram como meninas se fazendo de difíceis. Robert Hart escreveu:

Primeiro elas não estavam prontas no dia em que s. m. desejava que elas comparecessem. Depois, quando chegou o dia do segundo encontro, não podiam ir porque não tinham chegado a um acordo com relação a um intérprete [...] depois sobreveio outra dificuldade [...] de modo que a visita acabou adiada sine die.¹⁶

O encontro acabou se realizando em 13 de dezembro, muitos dias depois do aniversário de Cixi. Se ela se aborreceu, o que seria muito provável, não permitiu que seus sentimentos maculassem a ocasião. Sarah Conger, mulher do ministro americano, deixou uma descrição detalhada do chá. Às dez horas daquela manhã, foram mandadas liteiras para buscar as senhoras:

Formamos um cortejo e tanto, com nossas doze liteiras e os sessenta carregadores [...]. Ao chegarmos à primeira porta do Palácio de Inverno [Palácio do Mar], tivemos de deixar nossas liteiras, carregadores, cavaliços e guardas de escolta — tudo. Transposta a porta, alinhavam-se sete liteiras da corte, com estofamento vermelho, cada qual com seis carregadores eunucos e muitos guardas de escolta. Fomos levadas a outra porta, depois da qual havia um esplêndido vagão ferroviário presenteado à China pela França. Embarcamos nesse vagão, e eunucos vestidos de preto o empurraram e arrastaram até outra parada, onde fomos recebidas por muitos funcionários e onde nos serviram chá [...]. Depois de um breve descanso e de um pouco de chá, altos funcionários nos acompanharam à sala do trono. Deixando nossos agasalhos pesados à porta, fomos conduzidas à presença do imperador e da imperatriz-viúva. Ficamos em pé, alinhadas de acordo com a graduação (tempo de estada em Pequim [Beijing]) e nos curvamos. Nosso

principal intérprete apresentou cada senhora ao príncipe Ch'ing [Ching], e ele, por sua vez, nos apresentou a suas majestades. A seguir, Lady MacDonald leu um breve texto, em inglês, em nome das senhoras. A imperatriz-viúva respondeu por intermédio do príncipe Ch'ing. Outra reverência profunda de nossa parte, e cada senhora foi acompanhada até o trono, fazendo uma mesura para o imperador, que estendeu a mão a cada uma.

Para Lady MacDonald, foi “uma agradável surpresa para todas nós ver [Guangxu] participar da audiência [...]. Um jovem de olhos tristes e aspecto frágil, mas com pouca personalidade no rosto, ele praticamente não ergueu os olhos durante nossa recepção”. Depois de narrar que cumprimentara o imperador, Mrs. Conger prosseguiu:

Em seguida paramos diante de sua majestade a imperatriz-viúva e nos curvamos com uma reverência profunda. Ela estendeu as mãos e caminhamos em sua direção. Com algumas palavras de saudação, sua majestade prendeu nossas mãos nas suas e pôs no dedo de cada senhora um pesado anel de ouro em repoussé, com uma pérola de bom tamanho.

Presentear anéis, e do modo como foram entregues, era comum entre mulheres. Aquilo foi uma tentativa, da parte de Cixi, de se declarar irmã das senhoras ocidentais. A seguir, as senhoras foram homenageadas com uma festa, presidida pela princesa Ching e outras princesas, que usavam “bordados dos mais refinados, ricas sedas e cetins com enfeites de pérolas” e unhas protegidas por escudos de ouro com pedras preciosas”. Depois da festa e do chá, foram levadas de volta a Cixi. Sarah Conger narrou a cena:

Para nossa surpresa, lá estava sua majestade, a imperatriz-viúva, numa cadeira-trono amarela, e nos reunimos em torno dela como antes. Estava alegre e feliz, e seu rosto fulgia de benevolência. Não se notava nela nenhum traço de crueldade. Com expressões simples, ela nos deu as boas-vindas, e seus gestos eram cheios de descontração e calor. Sua majestade se levantou, desejando-nos felicidades. Estendeu as mãos a cada senhora, e a seguir, tocando em si mesma, disse com muito entusiasmo: “Uma só família. Todas uma só família”.

Em seguida houve a apresentação de uma ópera, depois da qual Cixi se despediu com um gesto teatral:

Ela estava sentada em sua cadeira-trono e se mostrava muito cordial. Ao ser servido o chá, adiantou-se e levou a xícara de cada senhora aos lábios e tomou um gole, depois inclinou a xícara para o outro lado, para nossos lábios, e disse de novo: “Uma só família. Todas uma só família”. Em seguida distribuiu outros lindos presentes, iguais para todas as senhoras.

Mrs. Conger, que exhibe um ar severo em fotografias, mostrou-se efusiva depois de conhecer Cixi:

Depois desse maravilhoso dia de sonhos, tão irreal para todas nós, voltamos para casa, inebriadas de novidades e beleza [...]. Que coisa! Depois de séculos e séculos de portas fechadas, a China abraça uma fresta nelas! Nenhuma senhora estrangeira jamais vira os Senhores da China antes, e nenhum governante chinês jamais vira uma estrangeira. Voltamos para a legação britânica e, felizes, nos reunimos para tirar uma foto que registrasse em nossa lembrança um dia tão extraordinário — um dia, na verdade, de significado histórico. O dia 13 de dezembro de 1898, uma data marcante para a China e para o mundo.

Lady MacDonald levou consigo, como tradutor, Henry Cockburn, o secretário chinês na legação britânica, “um cavalheiro com mais de vinte anos de experiência de China [...] e pessoa de grande competência e bom senso”, escreveu ela.

Antes de nossa visita, ele tinha sobre a imperatriz-viúva a opinião que, posso dizer, era a corrente [...]. Ao voltarmos, declarou que todas as suas ideias anteriores tinham sido abaladas pelo que ele vira e escutara, e resumiu a personalidade dela em quatro palavras: “bondade beirando a fragilidade!”

Sir Claude relatou a Londres:

A imperatriz-viúva deixou uma impressão das mais favoráveis, graças à sua cortesia e afabilidade. As pessoas que foram ao palácio com a ideia de que conheceriam uma senhora fria e arrogante, de maneiras fortes e despóticas, tiveram a agradável surpresa de ver em sua majestade uma anfitriã amável e gentil, que exibia o tato e a suavidade do temperamento feminino.

Outras pessoas nas legações dividiam a mesma opinião.¹⁷

A imagem de Cixi havia melhorado. Mas os homens das legações só tinham agora uma melhor opinião sobre ela por terem descoberto que era

dona de um inesperado “temperamento feminino”. Contudo, de forma alguma passariam a apoiá-la, e não ao imperador Guangxu, como a governante da China. No decurso do ano seguinte, pesou sobre ela o fardo de ser uma carcereira em tempo integral. E a pressão se tornou insuportável quando ela pensava, assustada, na possível consequência de o monarca nunca fazer suas preces no Templo do Céu. Por isso, aprovou com entusiasmo a sugestão de que fosse adotado um herdeiro presuntivo. O herdeiro presuntivo cumpriria os deveres do soberano e poderia, no momento certo, substituir o imperador, que então abdicaria. A adoção tinha justificativa suficiente: o imperador Guangxu estava com vinte e tantos anos e ainda não tinha filhos. Seria possível argumentar que ele precisava adotar um filho varão para dar continuidade à linha dinástica. Por isso, o prisioneiro escreveu do próprio punho, em tinta carmesim, um edito humilde no qual anunciava que sua doença o vinha impedindo de ter um herdeiro natural, de modo que, depois de lhe pedir reiteradamente, a imperatriz-viúva consentira gentilmente em designar um herdeiro presuntivo, em benefício da dinastia.¹⁸

Esse herdeiro era um adolescente de catorze anos, Pujun. Seu pai, o príncipe Duan, era filho de um meio-irmão do imperador Xianfeng, o falecido marido de Cixi, o que garantia a legitimidade da escolha.

A notícia imediatamente provocou especulações de que o imperador Guangxu não permaneceria no trono por muito mais tempo. Aqueles que se opunham com veemência a Cixi trombetaram que agora ela o assassinaria. “Os ministros estrangeiros passaram a ostentar fisionomia grave de novo. Comentavam abertamente que temiam que os dias de Kuang Hsu [Guangxu] estivessem contados”, registrou uma testemunha. Quando Cixi anunciou a designação do herdeiro presuntivo, em 24 de janeiro de 1900, as legações estrangeiras insistiram por uma audiência com o imperador Guangxu — sinalizando, sem margem a dúvidas, seu apoio ao monarca aprisionado e o desdém pelo herdeiro presuntivo.¹⁹ Responderam-lhes que o imperador estava muito doente e não poderia recebê-los. Quando as

esposas dos ministros pediram uma repetição do feliz encontro do ano anterior, foi-lhes dito que a imperatriz-viúva estava “ocupada demais com os negócios de Estado”.²⁰

* O imperador Guangxu não era dado a luxos. Katharine Carl observou que “sua majestade nada tinha de epicurista. Comia depressa, e aparentemente não se importava com o que lhe serviam. Ao acabar, ficava de pé junto de sua majestade a imperatriz-viúva ou caminhava pela sala do trono até ela também terminar”.

22. Guerra contra as potências mundiais, usando os boxers (1899-1900)

O fato de as legações estrangeiras tomarem o partido de seu filho adotivo irritou a imperatriz-viúva. Entretanto, o que mais a enfureceu foi a forma como as potências trataram seu império após ela ter procurado cultivar um clima de amizade com a recepção das senhoras do corpo diplomático. Pouco tempo depois que estendeu as mãos e proclamou “Uma só família. Todas uma só família”, ela foi alvo de um golpe sujo. No começo de 1899, a Itália exigiu a cessão de uma base naval na baía Sanmen, um recorte profundo na costa leste da província de Zhejiang. Tal pretensão se derivava menos de alguma razão estratégica, mas basicamente do desejo da Itália de controlar um pedaço da China por uma questão de status, para se manter em pé de igualdade com outras potências europeias.* Como essa aquisição não acarretava ameaça alguma às grandes potências, a Grã-Bretanha deu seu consentimento à Itália, no que foi secundada pela maioria das potências europeias.¹ Logo a seguir, navios de guerra italianos fizeram uma demonstração perto de Beijing. A Itália e as demais potências esperavam que a China caísse de joelhos ante essa ameaça de guerra, como sempre ocorrera até então. Robert Hart, que apoiava a China, estava pessimista:

O ultimato italiano começou a valer: que a China diga “sim” em quatro dias ou agüente as consequências! A situação é novamente crítica [...]. Temo que vamos de mal a pior. Não temos dinheiro de sobra... Não temos uma Marinha... Não temos uma organização militar adequada [...]. Outras potências hão de imitar a Itália e a *débâcle* não pode estar muito distante. Não é a China que está caindo aos pedaços: são as potências que a estão despedaçando!²

E Hart lamentava, como fizera durante a guerra com o Japão: “Não existe nenhum homem forte”.

Dessa vez, porém, o governo estava em outras mãos. Os ocidentais viram que, causando à Itália “muita surpresa, como também a todos os demais, a China respondeu com um categórico não”.³ O Ministério do Exterior da China devolveu, fechadas, cartas enviadas pelo ministro da legação italiana, De Martino. O ministério explicou a Sir Claude MacDonald que, “estando impossibilitado de atender a essa solicitação e considerando que discutir o assunto com o ministro italiano representaria grandes gastos de pena e tinta, devolvera ao Signore De Martino seus despachos”.⁴ Cixi deu ordens para que o país se preparasse para a guerra. “Começou um alvoroço de atividade em todo o império”, registraram observadores estrangeiros.⁵

Em meio à crise, a Itália trocou o ministro de sua legação. Quando o novo ministro, Giuseppe Salvago Raggi, chegou, apresentou as credenciais ao imperador Guangxu. Afastando-se do protocolo, segundo o qual era o titular do Ministério do Exterior que recebia as credenciais em seu nome, o imperador Guangxu “estendeu a mão para receber a carta”,⁶ observou Salvago Raggi, e diante disso “o príncipe Ching se assombrou”. Os italianos interpretaram o gesto do imperador como um sinal muito relevante — a China se desdobraria para lhes fazer a vontade, e a exibição dos vasos de guerra tinha logrado seu objetivo. Ficaram profundamente desapontados quando autoridades chinesas lhes explicaram, no dia seguinte, que o gesto do imperador fora uma anomalia e que não deveriam lhe atribuir

significado algum. Nos dias 20 e 21 de novembro de 1899, Cixi expediu dois decretos, nos quais expressou sua indignação e sua resolução:

A situação se afigura agora perigosa, e as potências cravam os olhos em nós como tigres a fitar a presa, todas intentando irromper em nosso país. Levando em conta a atual situação financeira e militar da China, tentaremos, é claro, evitar uma guerra [...]. Se, no entanto, nossos inimigos poderosos tentarem nos obrigar a ceder a pretensões que não há como aceitarmos, não teremos então alternativa senão confiar na justiça de nossa causa, unirmo-nos e lutar [...]. Se formos arrastados a uma guerra, assim que ela for declarada todos os chefes provinciais deverão agir de comum acordo para combater esses odiosos inimigos [...]. Ninguém estará autorizado a pronunciar a palavra *he* [conciliação], nem deve sequer pensar nela. A China é um país grande, com abundância de recursos e centenas de milhões de habitantes. Se a nação se unir em sua devoção ao imperador e ao país, que inimigo poderoso havemos de temer?⁷

A Itália, que na realidade não estava disposta a uma guerra, reduziu suas exigências e, por fim, pediu somente uma concessão num Porto do Tratado. Consta que Cixi teria dito aos italianos: “Nem uma pitada de lama chinesa”.⁸ A Itália baixou ainda mais suas pretensões e, no fim do ano, abandonou todas elas. Um “sentimento de júbilo encheu o coração dos patriotas chineses”,⁹ notaram os ocidentais. Entretanto, a vitória não arrefeceu a ansiedade de Cixi. Ela sabia que tivera sorte, pois a Itália era “um país pequeno e pobre” e na realidade não queria uma guerra. Estivera apenas blefando,¹⁰ e ela tomara a decisão de pagar para ver. Todavia, o apoio que as grandes potências europeias tinham dado à Itália destruía sua ilusão quanto a “uma só família” e aprofundara sua amargura. “As potências estrangeiras nos ameaçam demais, demais”, ela repetia.¹¹ “As potências estrangeiras estão conspirando contra nós” e “eu me sinto devorada por dentro.”

Mesmo os chineses liberais e pró-Occidente, pertencentes à elite, sentiam-se furiosos com a sede com que as potências europeias avançavam sobre o império. Espantaram-se com o fato de os Estados Unidos, a única grande potência que não reivindicara uma parte do território da China, terem aprovado a Lei de Exclusão Chinesa, discriminando imigrantes chineses.** Quase todos tinham suportado ofensas a seu orgulho pessoal. Um chinês, Wu Tingfang, que estudara direito em Londres e chefiara uma missão da China aos Estados Unidos, ficou muito magoado com um incidente.

Os ocidentais apreciam corridas de cavalos. Em Shanghai, adquiriram aos chineses um grande terreno, em que construíram um hipódromo e onde realizam páreos duas vezes por ano, mas nenhum chinês tem acesso às arquibancadas nos dias de corrida. A eles estão destinadas uma entrada e uma área separadas, como se fossem vítimas de alguma doença infecciosa.¹²

Yung Wing, o primeiro chinês a se formar pela Universidade Yale, narrou uma experiência numa sala de leilões em Shanghai que o feriu profundamente:

Eu estava em pé numa multidão de chineses e estrangeiros. Havia um escocês alto, com mais de 1,80 metro atrás de mim [...]. Pôs-se a prender uma penca de bolas de algodão em meu rabicho, só por diversão. Mas eu o peguei fazendo isso e, de forma gentil, levantei a trança e lhe pedi que soltasse as bolas. Ele cruzou os braços e se empertigou, com uma expressão de absoluto desdém e zombaria.

O episódio terminou com uma refrega em que os golpes de Yung Wing “tiraram sangue em profusão dos lábios e do nariz [do escocês]”. “Depois do incidente, o escocês não apareceu em público durante uma semana inteira

[...] mas o motivo disso [...] foi ter sido surrado por um chinesinho em público.”¹³ Yung Wing refletiu:

A comunidade estrangeira, em regime de extraterritorialidade, foi criada perto da cidade de Shanghai, e nunca se soube que algum chinês, dentro de sua jurisdição, tivesse a coragem e o ânimo de defender seus direitos [...] quando violados ou espezinhados por um estrangeiro. A índole mansa e humilde deles permitira que insultos e afrontas pessoais fossem relevados e deixados de lado [...]. Logo, porém, chegaria o tempo em que os chineses estariam educados e esclarecidos o bastante para saber quais são seus direitos, públicos e privados, e ter a coragem moral de afirmá-los e defendê-los.

Foi Yung Wing que começou a enviar adolescentes chineses para estudar nos Estados Unidos, enquanto Wu Tingfang mais tarde foi um dos redatores de um código jurídico no estilo ocidental. Ambos transformaram suas mágoas num impulso de reformar a China segundo o modelo do Ocidente, que apreciaram e admiraram durante toda a vida. Assim Wu escreveu sobre sua experiência nos Estados Unidos:

Quando um oriental, que durante toda a vida viveu em seu país, onde a vontade de seu soberano é suprema e a liberdade pessoal do súdito não existe, pisa no solo dos Estados Unidos, ele respira uma atmosfera diferente de qualquer coisa que algum dia já conheceu e experimenta sensações curiosas e absolutamente novas. Pela primeira vez na vida, ele sente que pode fazer o que quiser, sem restrições [...] e se perde em pasmo.¹⁴

Para os aldeões comuns e moradores de cidades pequenas, o antiocidentalismo se voltava principalmente contra as missões cristãs criadas em suas comunidades. No começo do século XX, mais de 2 mil missionários viviam e trabalhavam na China. Por serem estrangeiros, se tornavam facilmente alvos de ódio, quando o país se via em dificuldades. A inflexibilidade de certos clérigos não ajudava. A animosidade crescia sobretudo quando havia seca, o que infligia sofrimentos prolongados aos

camponeses. Nessas circunstâncias, era comum os aldeões realizarem cerimônias elaboradas e orarem ao deus da Chuva, na esperança angustiada de sobreviverem no ano seguinte. Tais celebrações eram uma questão de vida e morte, e esperava-se que todos os camponeses participassem delas, de modo a demonstrar sinceridade coletiva. Muitas missões cristãs consideravam que os chineses estavam rezando ao deus errado e condenavam as cerimônias como um teatro “idólatra”. E. H. Edwards, que durante vinte anos foi médico e missionário na China, escreveu: “É praticamente impossível para os estrangeiros (para quem essas encenações teatrais são sem sentido e absurdas) conceber o fascínio que elas exercem sobre as pessoas e também as somas imensas que são gastas nelas a cada ano”. Por isso, os missionários proibiam que seus prosélitos pagassem sua cota ou participassem das cerimônias. E se a seca se prolongava, os aldeões culpavam os estrangeiros e os conversos por ofenderem o deus da Chuva — e por fazer com que eles passassem fome. Quando mandarins explicavam isso aos pastores, a reação era inflexível, como registrou Edwards:

Os servidores públicos pediram ainda aos missionários que recomendassem aos cristãos que pagassem sua cota a fim de evitar conflitos futuros. Para tal pedido só havia, claro, uma resposta, e os missionários explicavam mais uma vez aos mandarins que não só a Igreja protestante objetava à participação dos cristãos nas encenações, como todo membro da Igreja que participasse delas habitualmente seria disciplinado.¹⁵

Respaldadas por vasos de guerra, as missões tinham se tornado um poder paralelo. E como tal, conseguiam proteger seus conversos em inúmeros litígios nas zonas rurais. O reverendo Arthur H. Smith, missionário da Junta Americana na China durante 29 anos, escreveu (sobre a missão francesa):

Sempre que surge um litígio entre um cristão e um gentio, não importa qual seja a origem, a desavença é imediatamente assumida pelo clérigo, que, se não puder ele próprio intimidar as autoridades locais e forçá-las a dar ganho de causa ao cristão,

declara ser o conflito ditado por perseguição, caso em que o assunto é levado ao cônsul francês. A seguir, exige-se rigorosamente o pagamento de indenização, sem a menor preocupação com a justiça da demanda.¹⁶

Em vista disso, alguns não cristãos estavam convictos, justificadamente ou não, de que a autoridade local sempre julgaria os pleitos a favor dos cristãos, a fim de evitar problemas para o governo e dificuldades para sua própria carreira. E a decorrente sensação de injustiça provocava revoltas sem fim contra os cristãos. A ordem de Cixi com relação a litígios que envolvessem cristãos determinava que as autoridades sempre “fossem justas e equânimes”.¹⁷ Seu governo reprimia distúrbios anticristãos e punia as autoridades que deixavam de usar força suficiente para contê-los — ou, como às vezes acontecia, que tinham sua parcela de responsabilidade em provocar a perturbação da ordem. Com isso, o número de distúrbios se reduziu a algumas dezenas em quatro décadas, e nenhum deles teve como resultado o tipo de massacre que se viu em Tianjin em 1870.

Depois que a Alemanha se apoderou de partes de Shandong no fim de 1897 e criou ali uma presença significativa, muitos aldeões se converteram ao cristianismo a fim de receber proteção. Em vários condados, na opinião das autoridades locais, as pessoas aderiram a igrejas cristãs para não serem punidas por “dívidas e por não querer pagá-las [...], pela prática de roubos e até de homicídios”.¹⁸ E houve o caso de um homem que procurou abrigo na igreja e não teve de atender a uma intimação depois de “seu pai ter aberto um processo contra ele por desobediência contumaz”. Em certo condado, um camponês cristão foi acusado de subtrair trigo da lavoura de um vizinho. Em outro, segundo se alegou, um cristão relativamente rico se recusou a emprestar trigo aos famintos durante uma seca (o que contrariava a tradição). Em ambos os casos, como os magistrados locais sentenciassem a favor dos cristãos, houve protestos que levaram ao incêndio de igrejas. Outro distúrbio foi provocado por cristãos que queriam transformar um templo dedicado ao Imperador Celeste numa igreja. Em geral esses surtos de

violência terminavam com o governo local punindo os baderneiros e pagando polpudas indenizações à igreja, o que produzia ressentimentos ainda maiores entre os não cristãos.

Na primavera de 1889, na tentativa de pôr cobro a distúrbios em Shandong, a Alemanha enviou uma expedição a certas aldeias, onde os soldados queimaram centenas de casas e mataram a tiro alguns aldeões.¹⁹ Devido a essas atrocidades, um grupo que vinha sendo chamado, havia cerca de um ano, de Sociedade dos Punhos Justiceiros e Harmoniosos, os *Yi-he-quan*, ganhou imensa popularidade, traduzida em centenas de milhares de adeptos. (Shandong era conhecida pelo gosto de sua população masculina pelas artes marciais e sobretudo por um tipo de luta semelhante ao boxe.) Essa sociedade atribuía todos os males do país e as vicissitudes da vida pessoal dos chineses aos estrangeiros e tinha como objetivo expulsá-los. A imprensa ocidental passou a chamá-los de “boxers”, boxeadores. As pessoas aderiam aos boxers por muitas razões diferentes. Algumas odiavam os alemães que tinham destruído suas casas — um ódio que agora se voltava contra todos os estrangeiros e chineses cristãos. Outros tinham contas a ajustar com vizinhos convertidos ao cristianismo. Havia ainda quem buscasse uma válvula de escape para a ansiedade acumulada pela perspectiva de quebra da safra do ano seguinte. “De modo geral [...] o chinês é uma pessoa bem alimentada”, observou a viajante Isabella Bird, que se encontrava no país na época.²⁰ Mas assim que o tempo ficava ruim — como estava acontecendo em Shandong —, a mesma pessoa logo se via forçada a lutar pela sobrevivência.

Quando começou a violência contra os cristãos, Cixi ordenou que os arruaceiros fossem “punidos severamente”²¹ e que se protegessem os cristãos. Yuxian, governador de Shandong, odiava as potências ocidentais e não se dispôs a proteger os cristãos de modo eficaz. Cixi substituiu-o pelo general Yuan Shikai.²² Pouco depois da chegada do general a Shandong, em 30 de março de 1899, o reverendo S. M. Brooks, missionário da Igreja anglicana que viajava em lombo de burro por trilhas rurais, foi assassinado

por um grupo de saqueadores que admiravam os boxers. Era a primeira vez, em dois anos, que se ouvia falar do assassinato de um missionário na China. Cixi declarou num edito que estava “profundamente consternada”²³ e determinou ao general Yuan que “detivesse os criminosos e os punisse severamente”. Yuan logo descobriu os culpados e os processou, executando alguns. O general também informou a Cixi que naquele ano os boxers tinham destruído dez casas de família usadas como igrejas, atacado 328 casas de cristãos e assassinado 23 convertidos ao cristianismo.²⁴ O general estava decidido a usar de força para reprimir os boxers, atitude que Cixi apoiou, ao mesmo tempo que o advertia de que deveria agir com “extrema prudência” ao empreender ações militares em grande escala.²⁵ Seu objetivo deveria ser “dissolver” as quadrilhas, punindo apenas aqueles que houvessem cometido crimes. Com a campanha de Yuan contra os boxers, eles começaram a se dispersar — ajudados por uma muito aguardada nevasca que durou dias e prometeu melhor colheita e estômagos cheios. À neve salvadora seguiram-se chuvas copiosas na primavera, o que reduziu ainda mais as fileiras dos boxers.

Mesmo assim, alguns boxers se transformaram em bandidos, vivendo de assaltos e vagueando pela província de Zhili, em torno de Beijing. Em 19 de fevereiro de 1900, Cixi proibiu que os boxers atuassem em Zhili e também em Shandong, impondo “castigos rigorosos” a qualquer pessoa que praticasse violências.²⁶ De acordo com os costumes, o decreto foi copiado e afixado em paredes nas duas províncias.

As legações estrangeiras, que tinham considerado “tranquilizador” o edito de Cixi em relação ao assassinato do reverendo Brooks, não julgaram satisfatória sua proscricção dos boxers. O que elas desejavam — principalmente as da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha, Itália e França — era uma proclamação imperial, válida para todo o império, contra os boxers e todas as sociedades a eles ligadas, uma lei “que ordenasse pelo

nome [sua] completa supressão”. Exigiam que fosse “declarado expressamente no decreto que pertencer a alguma dessas sociedades ou dar abrigo a algum de seus membros passava a ser um delito criminal passível de punição pelas leis da China”.²⁷ Insistiam ainda que a proclamação fosse publicada na *Peking Gazette*, o boletim noticioso do governo.

Cixi se recusou a agir como pretendiam as legações. Além de sua rebeldia inata, ela não queria ampliar sua proscricção para todo o império, uma vez que os boxers só atuavam em duas províncias. Só os proscreveria onde eram ativos, em Zhili e Shandong. Mandaria punir os que houvessem cometido violências e violado a lei, mas não apenaria os membros comuns da sociedade. Não queria de maneira alguma que a população a visse como uma governante que agia com mão pesada para reprimir o sentimento antiocidental e muito menos ser tomada como um fantoche das potências estrangeiras. Além disso, ela achava que as legações estavam sendo injustas e pouco racionais. Nenhuma delas dissera uma palavra a respeito dos atos selvagens dos soldados alemães, enquanto ela estava reprimindo ativamente os boxers. Além disso, sua atitude estava dando certo: a maior parte dos boxers em Shandong tinha se dispersado. Quanto mais as legações insistiam em suas exigências, mais ela teimava. Não houve menção alguma aos boxers na *Peking Gazette*. Sir Claude MacDonald, o ministro britânico, escreveu, frustrado, em 2 de abril: “Nunca vi o [Ministério do Exterior chinês] tão obstinado ou tão cheio de si”.²⁸ Criticou o recuo dos italianos: “Seus navios chegaram, eles olharam e foram embora, e o ministro foi chamado de volta — os rabichos ganharam de ponta a ponta”. O que Sir Claude não sabia era que Cixi teria agido da mesma maneira com ou sem o recuo da Itália.

Em 12 de abril, Sir Claude e seus colegas, ao mesmo tempo em que decidiam “não pressionar ainda mais por um decreto especial na *Gazette*”, deram ao governo chinês dois meses para exterminar os boxers.²⁹ Se isso não fosse feito, ameaçaram, suas forças entrariam na China para fazer o serviço. Essa ameaça foi respaldada por um enfático desfile de belonaves diante dos Fortes Dagu. Querendo evitar um confronto, Cixi fez concessões.

Dois dias mais tarde, foi publicado na *Peking Gazette* um memorando do vice-rei de Zhili sobre a repressão dos boxers por tropas do governo, o que equivalia a declarar ao país que os rebeldes eram ilegais.³⁰ No dia 17, saiu na *Gazette* um decreto condenando aqueles que “usam de pretextos para oprimir conversos [...] e se envolvem em crimes”. As legações leram a tradução: “O trono não impõe limites a seu princípio de considerar todos os homens com a mesma benevolência”; as autoridades deveriam “usar todas as oportunidades para deixar claro a todos que cada homem deve cuidar de sua vida e viver continuamente em paz com os demais”. O decreto não mencionava explicitamente os boxers, e o tom era firme sem ser draconiano.

O fato de esses textos saírem na *Peking Gazette* agradou a Sir Claude e seus colegas, porém a ausência da desejada severidade no decreto não os deixou satisfeitos. Os navios de guerra permaneceram diante dos Fortes Dagu, e sua presença era um lembrete contínuo de que, se Cixi não acabasse com os boxers em dois meses, haveria uma invasão. Na verdade, as potências ocidentais não queriam uma guerra. Como escreveu Mrs. Sarah Conger, mulher do ministro americano, “nenhuma delas quer travar uma guerra com a China”.³¹ No entanto, ela observou também que “há muitos navios de guerra em Ta Ku [Dagu]”. Eles faziam parte do blefe. Mas como mais tarde disse o primeiro-ministro britânico, Lord Salisbury, “passei algum tempo tentando convencer meus compatriotas de que blefar com os chineses era um jogo perigoso; mas não previ uma confirmação tão clara de minha opinião”.³² Isso porque, exasperada, Cixi mostrava cada vez mais disposição de desafiar as potências.

Desde a desastrosa guerra e “paz” com o Japão, cinco anos antes, as relações da China com as potências ocidentais tinham passado a obedecer a um modelo constante: as potências faziam exigências, depois ameaçavam usar força, e Beijing imediatamente lhes fazia a vontade. Cixi havia, pouco antes, agido de forma diferente ao pagar para ver no caso da pretensão da Itália. Agora se mostrava disposta a fazer a mesma coisa com as outras potências, mais poderosas. Contudo, se seu desafio levasse realmente à

guerra, como — e com o quê — ela lutaria? A Marinha tinha sido destruída, e o Exército estava fraco. A derrota parecia inevitável. Foi nesse ponto que, sem alternativa, Cixi se agarrou a uma esperança: talvez os boxers fossem capazes de travar uma espécie de “guerra popular” contra os invasores. O ódio dos boxers aos estrangeiros faria deles soldados ferozes e corajosos, pensou ela.

Homens pragmáticos que cercavam Cixi, como Junglu, perceberam que um choque com o Ocidente estava para acontecer e aconselharam um acordo com as legações a fim de evitá-lo. Temendo o pior, Junglu pediu uma licença médica e se afastou da corte por sessenta dias.³³ Em geral Cixi dava ouvidos a seus conselhos sensatos, mas dessa vez ele estava ausente quando ela tomou a fatídica decisão.

O homem que agora lhe dava assessoria, o príncipe Duan, era pai do recém-escolhido herdeiro presuntivo. Odiando os ocidentais por desprezarem seu filho, ele apoiou veementemente o plano de usar os boxers como soldados. Ele e outros príncipes e aristocratas com ideias afins procuraram convencer Cixi de que os boxers eram leais, destemidos e “disciplinados”.³⁴ Dispuseram-se a organizá-los como uma força militar, preparando-se para a invasão. O lado racional de Cixi lhe dizia que não havia a mais remota possibilidade de que os boxers pudessem exercer esse papel, porém seu lado emocional queria desesperadamente acreditar nisso. Eles eram seu último recurso. É possível que ela tenha calculado também que os boxers poderiam, pelo menos, causar muitas baixas aos invasores, o que talvez lhe desse uma chance de negociar um acordo e evitar, assim, uma derrota fragorosa.

À medida que Cixi se inclinava para usar os boxers como soldados, a disposição com que ela os vinha atacando começou a diminuir. Embora o Exército ainda tentasse reprimir os boxers, a tropa percebeu a tibieza e a ambivalência de Cixi, e seu próprio ânimo esmoreceu. Encorajados, os boxers viram suas fileiras engrossar e se espalharam como água morro abaixo na área em torno de Beijing.

Na primavera de 1900, enquanto as chuvas salvavam a província de Shandong, a região em torno de Beijing foi assolada por uma seca devastadora. Um missionário escreveu:

Pela primeira vez, desde a grande fome de 1878, praticamente não se plantou nada de trigo de inverno [...].³⁵ Nas melhores circunstâncias, quase invariavelmente as chuvas da primavera são insuficientes, mas este ano estiveram quase de todo ausentes. O solo estava tão esturricado que nada se semeou, e em tempos assim a população, ociosa e inquieta, se dispõe a todas as tropelias.

Assustados com a perspectiva de fome, os boxers afirmaram que o deus da Chuva não atendia a suas preces porque tinha sido enfeitiçado pelos “demônios estrangeiros” — aquelas criaturas inumanas de olhos azuis!³⁶ Como os chineses têm olhos negros, a cor dos olhos dos estrangeiros chamava muita atenção. Corria o boato, em que muitos acreditavam, que os olhos deles, de várias cores, podiam enxergar através da superfície da terra e localizar tesouros subterrâneos, que a seguir eles roubavam, deixando a China cada vez mais pobre.

Em maio, dezenas de milhares de boxers, na maioria camponeses vitimados pelo tempo inclemente, invadiram Beijing e ocuparam as ruas da capital. Usavam lenços e camisas vermelhas, além de uma faixa vermelha na cintura, e brandiam facões. Sempre em grupos, erigiram santuários dedicados a diversos deuses — às vezes personagens de teatro popular como *O rei macaco*. Durante uma cerimônia, o líder do grupo agia como se houvesse incorporado o espírito de uma deidade, com o que ele e suas palavras se tornavam sagrados. Dava saltos, gritando e dançando como se estivesse em transe: gestos também copiados de peças da Ópera de Pequim. Os membros do grupo repetiam fórmulas encantatórias declamadas por ele e praticavam golpes de kung fu. Diziam então que espíritos protetores

tinham entrado em seu corpo, tornando-o imune a balas e espadas, de modo que as armas dos estrangeiros não poderiam feri-los.

Entre eles havia mulheres que davam a si mesmas o nome de Lanternas Vermelhas e tinham de ser virgens ou viúvas. Desfilavam pelas ruas portando com frequência lanternas vermelhas, assim como dardos com borlas vermelhas, e usavam blusas vermelhas de manga curta e calças justas. Tudo isso se opunha às tradições. E elas iam ainda além, acenando para transeuntes com lenços vermelhos. Dizia-se que esses lenços tinham propriedades mágicas: se uma Lanterna Vermelha estendesse o seu no chão e pisasse nele, ela seria levada ao Céu (como no teatro), onde localizaria a cabeça de um demônio estrangeiro e a cortaria fora com uma faca. Se passasse o lenço numa construção alta (como uma igreja), o edifício se incendiaria, reduzindo-se a cinzas. Essas mulheres, que na maioria levavam uma vida de muita opressão, estavam agora vivendo seu momento de libertação, sobretudo ao ver chusmas de homens se prostrarem no chão, homenageando-as quando passavam.

Nas ruas de Beijing, ao lado dos editos imperiais que proscriviam os boxers, estes afixaram seus próprios cartazes desafiadores, determinando a “morte de todos os estrangeiros em três meses”.³⁷ Em 31 de maio, quando a situação já saía do controle, Cixi deu permissão para que quatrocentos soldados ocidentais viessem de Tianjin para Beijing, a fim de proteger as legações estrangeiras.³⁸ Como as legações não os julgassem suficientes, em 10 de junho mais de 2 mil soldados, liderados pelo almirante Edward Seymour, comandante supremo da base chinesa da Marinha britânica, embarcaram num trem em Tianjin, a 120 quilômetros de distância, rumo a Beijing. A expedição não fora autorizada por Cixi, que instruiu seus diplomatas a persuadir as legações a fazê-la voltar.³⁹ Como o ministro do Exterior, o príncipe Ching, defendesse a vinda desse exército estrangeiro, Cixi, irada, substituiu-o pelo príncipe Duan, de linha dura. As legações se recusaram a mandar a expedição voltar a Tianjin.

Decidida a deter um exército estrangeiro que entrava na capital sem autorização, Cixi apoiou o envio de um contingente de boxers para a linha férrea, na tentativa de rechaçar a expedição.⁴⁰ Os boxers mostraram uma eficácia surpreendente. Sabotaram a linha e combateram “com extraordinária coragem”, segundo o capitão Jellicoe, chefe do estado-maior do almirante Seymour.⁴¹ O tenente Fownes Luttrell também comentou a “grande bravura” dos boxers. Logo apoiados pelo Exército imperial, com armas modernas, os boxers conseguiram deter a Expedição Seymour. Esse êxito fez aumentar a esperança de Cixi de que os boxers fossem realmente capazes de ajudar a repelir a invasão.

O combate acirrou as tensões em Beijing. Em 11 de junho, soldados do Exército, na maioria muçulmanos, que defendiam a capital, mataram na rua um chanceler da legação japonesa, Sugiyama Akira. Cixi expressou publicamente seu “profundo pesar” pela atrocidade cometida contra um diplomata estrangeiro⁴² e prometeu que os culpados seriam punidos. No entanto, ao dar a ordem ao comandante do Exército, Dong Fuxiang, ele respondeu que se um único soldado de seu exército fosse executado pelo assassinato, suas forças se amotinariam. Depois de um longo silêncio, Cixi redarguiu: “Bem, o que foi feito, foi feito...”⁴³

Apoiados pelos soldados muçulmanos, os boxers passaram a destruir estradas de ferro, trens e linhas de telégrafo. As comunicações telegráficas de Beijing para as províncias foram interrompidas, e os vice-reis do sul tinham de enviar seus telegramas para Shandong, de onde eram passados a Beijing a cavalo. Em Beijing, os boxers começaram a queimar igrejas e propriedades de estrangeiros, aplaudidos por multidões. Num ato que traduzia ódio extremado, atacaram cemitérios de estrangeiros, destruindo lápides e monumentos, tirando dos túmulos os corpos e mutilando-os com lanças antes de queimá-los.

Os estrangeiros eram muitas vezes chamados de “cabeludos” — *mao-zi* —, por terem mais pelos no corpo do que os chineses. Os cristãos chineses eram chamados de “cabeludos secundários” — *er-mao-zi* — e eram tratados com especial ferocidade pelos boxers. Com o corpo terrivelmente queimado e ferido, corriam para as legações em busca de proteção: “Mais do que gente de carne e osso suportava ver”, escreveu um guarda. Grupos de resgate saíram às ruas com a esperança de salvar outros convertidos e abriram fogo contra as multidões, matando cerca de cem boxers e outros chineses em alguns dias.⁴⁴ O ódio transbordava. Homens exaltados, com faixas vermelhas e armados com espadas, dardos e facas, se reuniram diante do Bairro das Legações e o sitiaram.

Reunindo representantes de onze países, o Bairro das Legações, uma área com cerca de três quilômetros de extensão e 1,5 quilômetro de largura, situava-se junto dos muros sudeste da Cidade Real, na qual se aninhava a Cidade Proibida. A parte sul do Bairro era delimitada pela muralha ameada que separava a Cidade Interior, habitada por manchus, da Cidade Exterior, habitada pelos hans. Um canal raso, no sentido norte-sul, o dividia mais ou menos ao meio. No Bairro se refugiavam 473 civis estrangeiros e milhares de chineses cristãos, além de quatrocentos guardas militares, que tinham construído um labirinto de barricadas. As multidões de boxers, totalizando dezenas de milhares, investiram contra as muralhas e o cordão de defesa, gritando: “Vamos matar os demônios estrangeiros! Matar! Matar! Matar!”. Aqueles que ouviam esses brados à noite, capazes de enregelar o sangue nas veias, “nunca esqueceriam a ideia de um pandemônio, um ensaio do inferno”, escreveu o reverendo Arthur H. Smith.⁴⁵

Cixi mandou o pró-Occidente Junglu, que já voltara de sua “licença médica”, com tropas para proteger o Bairro das Legações.⁴⁶ Expediu vários decretos destinados a controlar os boxers,⁴⁷ e enviou dignitários, em quem os revoltados pareciam confiar, para tentar convencê-los a se dispersar e voltar a suas aldeias. Se não parassem de destruir estradas de ferro, igrejas e residências de estrangeiros, e não cessassem as agressões — e até homicídios

— contra estrangeiros e chineses cristãos, estariam sujeitos a uma campanha de extermínio por forças do governo. Além disso, Cixi telegrafou ao conde Li, pedindo-lhe que fosse a Beijing a fim de negociar com as potências ocidentais. Na época, o conde era vice-rei de Cantão, governando duas províncias litorâneas no sul. Considerando “inconcebivelmente absurda” a forma como Cixi lidava com os boxers, o conde vinha trocando telegramas com outras autoridades diariamente para debater o que deveriam fazer.⁴⁸ Ardendo de impaciência por ajudar, ele desejava poder “voar com asas” a Beijing. Mas então, antes que ele partisse, os fatos atropelaram todas as iniciativas, e Cixi foi informada de que dezenas e dezenas de navios de guerra ocidentais estavam se reunindo na costa e que muitos outros milhares de soldados estavam a caminho. A invasão parecia inevitável.

Travar uma guerra significava arriscar a sobrevivência da dinastia, e Cixi sentiu necessidade de um endosso. Em 16 de junho, convocou uma reunião invulgarmente grande, com mais de setenta participantes: os grão-conselheiros e ministros, que eram predominantemente manchus e pessoas sem muito destaque, o que chamava bastante a atenção. Uma testemunha registrou a cena.⁴⁹ Num salão de audiências apinhado, todos os presentes estavam ajoelhados diante de Cixi e do imperador Guangxu, sentados lado a lado. O príncipe Duan liderou um corpo de vozes exaltadas que recomendava que se desse reconhecimento aos boxers, que seriam usados como força de combate. No entanto, outros foram contra a ideia, pedindo, em vez disso, medidas mais drásticas para reprimi-los. Quando um deles falava, o príncipe Duan o aparteou, sarcástico: “Sua proposta seria ótima para perdermos o apoio do povo”, e nesse instante ergueu o polegar direito, um gesto universal para indicar “uma excelente ideia”. Como um dos presentes argumentasse que não se podia confiar nos boxers para travar uma guerra, “porque grande parte da coragem deles provém da crença em artes

ocultas, que, segundo eles, os protegem de balas”, a própria Cixi respondeu, indignada:

É verdade que não podemos confiar nessas artes, mas será que não podemos confiar no coração e na mente do povo? A China se enfraqueceu a um grau extremo, e tudo o que temos são o coração e a mente do povo. Se pusermos essas coisas de lado, o que temos para proteger nosso país?

Dito isso, ela olhou com fúria para as pessoas que persistiam em discutir.

Nesse mesmo dia, um fato de mau agouro aconteceu. Na principal área comercial de Beijing, diante da Cidade Interior e perto das legações, os boxers incendiaram uma farmácia que vendia remédios ocidentais e outras lojas de mercadorias estrangeiras. Enquanto as chamas passavam de loja em loja, devorando as melhores e mais raras sedas, peles, mobílias, joias, antiguidades e outros dos mais belos artefatos do império, uma centelha caiu sobre a torre da Porta Qianmen. Elevando-se a mais de trinta metros do solo e a quase quinze metros sobre os muros de ambos os lados, essa era a mais alta de todas as portas de Beijing e ficava exatamente ao sul da Cidade Proibida. A porta só se abria para o imperador, quando ele ia rezar no Templo do Céu ou no templo do deus da Agricultura. Os boxers não pretendiam destruí-la, e enquanto as labaredas a consumiam, caíram de joelhos para pedir ao deus do Fogo que poupasse esse edifício sagrado. A torre da porta logo se reduziu a uma imensa pilha de carvão e destroços. Aquele incêndio, o maior na capital em mais de duzentos anos, aterrorizou todos quantos souberam da destruição, considerando-o um péssimo presságio.

Embora acreditasse em presságios, Cixi não tinha mais como recuar. Naquela mesma noite, uma força conjunta de oito países — Rússia, Japão, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Estados Unidos, Itália e Áustria-Hungria — atacou os Fortes Dagu, que guardavam o caminho marítimo para Tianjin e Beijing. Depois de uma batalha encarniçada de seis horas, os Fortes

caíram. Para Cixi, a queda dos Fortes se associava a um desgosto duradouro: quatro décadas antes, eles tinham sido capturados por outros aliados, o Exército anglo-francês, o que a obrigara a fugir com o marido, que morreria, amargurado, além da Grande Muralha. A seguir, os invasores tinham incendiado o Antigo Palácio de Verão, criando uma vasta ruína e um buraco enorme em seu coração. Desde então, fora seu sonho restaurar ao menos uma parte pequena daquela maravilha, e com esse objetivo ela roubara recursos da Marinha e desacatara o Céu — o que lhe valera denúncias e acusações. Diante da queda dos Fortes dessa vez, nada a impediria de lutar até o fim.

Todos previam a guerra. Na Grã-Bretanha, nesse dia, a rainha Vitória escreveu a Lord Salisbury: “Gostaria de escutar suas opiniões sobre o estado de coisas na China, que a mim parece seriíssimo. Por favor, informe também as medidas que o senhor propõe”.⁵⁰ Desse dia em diante, “telegramas da China”,⁵¹ em profusão, foram escritos e apresentados à rainha, que despachou muitas mensagens, uma das quais dizia: “Sinto-me ansiosa pela segurança pessoal de Sir C. MacDonald. O senhor já considerou a possibilidade de retirar os ministros estrangeiros de Pequim [Beijing]? Se um deles for morto, a guerra será inevitável”.⁵²

Todos os reformadores que importavam para Cixi — Junglu, o conde Li, o vice-rei Zhang, entre outros — se opunham à guerra e à política que ela vinha seguindo. No conflito anterior com o Japão, houvera inúmeras petições, em termos veementes, em favor da luta. Agora não se via nada disso. Eram muitos os que consideravam que os estrangeiros tinham motivos para mandar tropas a fim de proteger sua própria gente, que não estava sendo protegida adequadamente pelo governo chinês. “Estamos errados”, *li-qu*, diziam a Cixi.⁵³ As autoridades provincianas queriam que os revoltosos fossem reprimidos, pois tinham sido assediados e aterrorizados pelos boxers, que exigiam comida e abrigo, além de buscar vingança por

antigos agravos.⁵⁴ No entanto, Cixi tinha tomado sua decisão. Numa outra reunião de alto nível, ela erguera a voz e declarou às autoridades presentes:

Nossa escolha é entre pôr o país numa salva e entregá-lo aos invasores ou lutar até o fim. Não posso encarar nossos antepassados se não resistirmos. Eu prefiro lutar até o fim [...]. Se o fim acontecer, os senhores aqui presentes são minhas testemunhas e poderão declarar que eu fiz o que pude.⁵⁵

Suas palavras candentes e sua emoção causaram forte impacto em todos os presentes: bateram a cabeça no chão, prometendo segui-la.

Em 20 de junho, soldados do Exército imperial mataram a tiros o ministro alemão, o barão Von Ketteler, quando ele saía das barricadas para ir ao Ministério do Exterior.^{***} Como a rainha Vitória previra, que se um dos ministros “for morto, a guerra será inevitável”.⁵⁷ No dia seguinte, 21 de junho, Cixi declarou guerra a todos os oito países invasores.

* Isso se deu numa época em que a Itália se afirmava como importante potência marítima e alegava com ênfase ter inventado a bússola, instrumento que, por consenso geral, fora inventado pelos chineses. Uma estátua do suposto inventor, Flavio Gioja (que nunca existiu, como concluíram historiadores italianos), foi inaugurada em Amalfi, em 1900.

** A lei federal foi promulgada em 1882, revisando o Tratado Burlingame, de 1868, e revogada em 1943. Em 18 de junho de 2012, o Congresso dos Estados Unidos aprovou formalmente uma declaração em que “lamentava” essa lei discriminatória contra os chineses.

*** De acordo com seu biógrafo, Andrew Roberts, Lord Salisbury comentou com Betty Balfour que a morte de Von Ketteler fora uma justiça. Salisbury disse: “Tudo isso é culpa dos alemães. Foram eles que começaram toda essa confusão”.⁵⁶

23. Lutando até o amargo fim (1900)

Depois que Cixi declarou guerra, os boxers ganharam status legal e foram organizados sob o comando de príncipes que os apoiavam. Na capital, totalizavam cerca de 250 mil, sob o comando supremo do príncipe Duan. Dividiam-se em cerca de 1400 ligas, cada qual com aproximadamente duzentos membros.¹ Mais de 100 mil deles defendiam a estrada para Beijing, juntamente com o exército regular, contra uma força internacional de mais de 20 mil homens. O exército regular tinha recebido treinamento ocidental e dispunha de armas modernas. Com fardamento ocidental, os boxers, agora seus irmãos de armas, chamavam os oficiais e praças do Exército de “cabeludos secundários”. Sarah Conger, mulher do ministro americano, registrou:

Juntos, os boxers e os soldados formavam um exército forte [...].² Os estrangeiros que conheceram os chineses melhor e por mais tempo afirmam que nunca viram algo de semelhante no comportamento deles [...]. As batalhas em Tientsin [Tianjin] foram terríveis. Os chineses demonstraram uma bravura jamais imaginada por aqueles que os conheciam bem. Estavam resolutos, lutaram com brio e submeteram os exércitos ocidentais a uma dura prova.

O reverendo Arthur H. Smith escreveu: “Não resta dúvida de que os exércitos chineses [...] lutaram com um destemor que não encontrava nenhum paralelo na guerra com o Japão”.³

Cixi expressou sua gratidão aos boxers e os recompensou com prata dos cofres da corte.⁴ Abriu armazéns onde se acumulavam armas antigas do exército regular, agora equipado com armas modernas, e as distribuiu entre os boxers.⁵ Equipados com essas armas, um tanto primitivas, e com suas facas e lanças, mais primitivas ainda, os boxers investiram contra a tecnologia moderna com uma disposição fanática. Um de seus inimigos assim se expressou: “Eles se aproximaram, devagar e gritando, com suas espadas e picaretas faiscando ao sol, só para ser abatidos, fileiras inteiras de uma vez, pelo fogo de fuzis e metralhadoras”.⁶ Seus líderes, que acreditavam em proteções sobrenaturais, foram os primeiros a morrer. Um soldado britânico descreveu uma cena: “Bem vestido, um líder dos boxers caminhou, sozinho e sobranceiro, em direção à ponte de barcos diante da infantaria russa [...]. Agitou sua faixa e começou a realizar sua cerimônia, mas é claro que dentro de segundos virou um cadáver”.⁷

Vendo superados os poderes mágicos de seus líderes, alguns boxers admitiram que os estrangeiros só podiam ter poderes misteriosos e procuraram bloqueá-los mediante sujeira, uma estratégia antiga. Espalharam fezes humanas e ataduras de pés de mulheres — consideradas as coisas mais fedorentas — no parapeito das muralhas das cidades, na esperança infundada de que o mau cheiro afugentasse os estrangeiros.⁸ Também Cixi cometeu atos irracionais. Ditou dois editos, pedindo a um monge budista de quem se dizia ser capaz de fazer milagres, à força de orações, que fosse à frente de batalha e ajudasse a afastar os navios de guerra.⁹ À medida que soldados das forças aliadas continuavam a chegar aos borbotões, ficou claro que não havia magia, fedentina ou intervenção divina capaz de vencê-los.

Ao se tornarem fundamentais para o esforço de guerra, os boxers ficaram fora de si. Dedicaram-se ao que sabiam fazer com mais naturalidade: saquear e pilhar cidades, grandes e pequenas, que estivessem à sua mercê. Os prejuízos em apenas uma rua rica de Tianjin foram estimados em dezenas de milhões de taéis, antes que a cidade caísse nas mãos dos invasores. Turbas saquearam residências privadas, inclusive de pessoas importantes. Em Beijing, a mansão da princesa imperial, filha do falecido príncipe Gong, que Cixi adotara como filha, foi pilhada.¹⁰

Nem mesmo a Cidade Proibida ficou a salvo.¹¹ Ali, príncipes de meia-idade passaram a se vestir como boxers — com uma blusa curta e uma faixa vermelha na cintura — e a se conduzir de forma agressiva, “pulando e gritando, agindo de maneira totalmente diferente do normal, como se estivessem doidos ou ébrios”, recordou Cixi mais tarde. Um deles “chegou a discutir comigo! Quase derrubou o altar imperial!”. Até membros da Guarda Pretoriana (da qual um ramo era comandado pelo príncipe Duan) aderiram aos boxers. Correu o boato de que os boxers pretendiam entrar na Cidade Proibida e matar dignitários pró-ocidentais, como o príncipe Ching e Junglu. Um dia, levou-se a Cixi um pedido dos boxers: que os criados da Cidade Proibida fossem mandados ao lado de fora para ser examinados, a fim de verificar se eram “cabeludos secundários”.¹² Cixi perguntou como isso poderia ser feito, e lhe responderam que, depois de pronunciados certos encantamentos, os boxers seriam capazes de ver uma cruz na testa de qualquer pessoa que tivesse sido batizada. Aterrorizados, eunucos e camareiras suplicaram a Cixi que os protegesse, mas ela foi obrigada a lhes dizer que saíssem para ser examinados, por medo de que os boxers usassem isso como pretexto para atacar a Cidade Proibida. Por fim, os boxers não fizeram acusação alguma: pareceram satisfeitos com o fato de a própria imperatriz-viúva se sentir obrigada a fazer-lhes a vontade. Cixi sentiu-se como um “tigre de papel”. Aos vice-reis que se opunham ao modo como ela lidava com os fatos, explicou:

De repente, em questão de meses, havia mais de 100 mil boxers na capital, desde pessoas comuns a soldados, príncipes e nobres [...]. A capital mergulharia num perigo inimaginável se eu tentasse usar o Exército para esmagá-los. Tenho de atender ao que desejam, para ser tratada como a líder deles e para, de alguma forma, controlá-los e não piorar as coisas.¹³

De fato, o controle exercido por Cixi era menos vigoroso do que de hábito. Bem diante dela, dezenas de milhares de boxers, juntamente com as tropas muçulmanas do Exército, sitiavam o Bairro das Legações. Quando rebentou a guerra, eles começaram a atacar o bairro. Cixi sabia que seria suicídio permitir que mais diplomatas fossem agredidos ou mortos, e não distribuiu armas aos boxers que estavam ali. As tropas muçulmanas, ferozmente antiocidentais, se achavam estacionadas em apenas um trecho do bairro, e o restante era protegido pelas tropas de Junglu, pró-Occidente. Os ataques de Junglu eram ruidosos e determinados, mas pouco eficazes. De dentro do bairro, Sarah Conger escreveu sobre os ataques: “O toque das cornetas, os gritos e os disparos de suas armas são os sons mais aterradores que já ouvi”. E também: “Os chineses muitas vezes atiram bem alto, pelo que damos graças”.¹⁴

Com um estrondo, o canhão manda suas granadas sobre nós. Às vezes elas estouram sobre nossa cabeça, às vezes vão adiante, mas nem um só fragmento nos atinge. Quando o inimigo, depois de muitas tentativas, acerta a mira para nos atingir, e algumas granadas danificam nossos prédios, as mãos daqueles chineses parecem ser imobilizadas. Nem uma única vez continuaram a disparar de modo a destruir um desses prédios ou muros. Como pode ser isso, sem que seja Deus a nos proteger? Seu braço amantíssimo nos cinge.

A verdade era que Cixi dera especificamente o canhão a Junglu, que fizera com que a alça de mira fosse elevada muitos centímetros.¹⁵ Mais tarde Cixi

diria: “Se eu realmente quisesse destruir as legações, elas não teriam como continuar existindo”.*¹⁷

Depois de um mês de sítio, Cixi começou a temer que os que estavam no Bairro das Legações pudessem morrer por falta de alimentos frescos, e disse a Junglu que fizesse com que frutas frescas e verduras fossem entregues às legações.¹⁸

O sítio durou 55 dias, de 20 de junho a 14 de agosto, quando a força aliada capturou Beijing. Entre os ocidentais que estavam no Bairro das Legações, houve 68 mortos e 159 feridos. Os chineses cristãos que morreram ou se feriram não foram contados. Os boxers, que atacavam praticamente de mãos nuas, sofreram milhares de baixas — muitas mais do que os inimigos estrangeiros, que estavam, aparentemente, em suas mãos.¹⁹

Outro prédio sitiado foi a catedral católica de Beijing, a Beitang, onde quase 4 mil cristãos estrangeiros e chineses haviam se refugiado. Ali, Cixi ordenou ao príncipe Duan, líder do sítio, que “não usasse canhões ou outras armas de fogo”. Assim, quando os boxers faziam ataques, com suas armas primitivas, contra um edifício robusto defendido com armamento superior, eram abatidos aos magotes. À medida que os estoques de alimentos na catedral se reduziam, de vez em quando grupos saíam correndo para procurar novas provisões. Quando soube disso, Cixi ordenou que “as tropas os atacassem”, porém depois mudou de ideia, e seu edito dizia: “Se cristãos conversos saírem, não os molestem, mas mandem tropas para protegê-los”.²⁰ Por fim, muitos cristãos preferiram a morte pela fome, dentro da catedral, a cair nas mãos dos boxers. Essa decisão causou a maior parte dos quatrocentos mortos no sítio.

As políticas ambivalentes de Cixi em relação aos boxers mandaram muitos deles à morte certa, ao mesmo tempo em que garantiam a sobrevivência da maioria dos estrangeiros encurralados na China, muitas vezes entre multidões sanguinárias.

Em outras partes da China houve casos de missionários e conversos mortos por autoridades. As piores atrocidades ocorreram na província de

Shanxi. Seu governador, Yuxian, fora transferido da província de Shandong para lá, pois Cixi o considerava demasiado favorável aos boxers — e não existiam boxers em Shanxi. As relações entre as missões, as autoridades de Shanxi e a população em geral tinham sido amistosas. No entanto, Yuxian levou consigo, para lá, seu ódio ao Ocidente. Utilizando sobretudo soldados, ele massacrou 178 missionários e milhares de conversos chineses, muitas vezes de formas horripilantes.²¹ Um sacerdote, monsenhor Hamer, foi levado

durante três dias pelas ruas de To To, estando todos autorizados a torturá-lo. Todo o seu cabelo foi arrancado, e seus dedos, nariz e orelhas, decepados. Depois disso, envolveram-no em panos impregnados de óleo e, pendurando-o de cabeça para baixo, atearam fogo a seus pés. Seu coração foi comido por dois mendigos.²²

Tardiamente, Cixi pôs fim às atrocidades de Yuxian.²³ Também vetou um massacre em escala nacional, proposto por alguns dignitários, entre eles Chongqi, o pai de sua falecida nora — o homem que, quase com certeza, mandou que a filha morresse de fome depois da morte do marido e que viria, ele próprio, a se suicidar (como faria também o resto da família) quando Beijing caiu em mãos de estrangeiros. Ele e alguns outros enviaram uma petição a Cixi, instando por “um decreto que comunicasse ao país inteiro que toda pessoa comum tem permissão de matar estrangeiros sempre que os vir”. Com isso, argumentaram,

as pessoas sentirão que podem tirar desforra das injustiças que trazem há muito reprimidas [...]. Durante décadas foram envenenadas por estrangeiros [com o ópio], agredidas por cristãos convertidos e reprimidas por servidores públicos, grandes e pequenos, que passavam sentenças fraudulentas contra elas — sem que tivessem a quem recorrer [...]. Assim que o decreto se tornar conhecido, as pessoas exultarão de tal forma e ficarão tão gratas ao trono que todas tomarão armas para combater os invasores [...].

A terra chinesa estará enfim expurgada de estrangeiros e nosso povo estará livre do sofrimento.²⁴

Cixi não deu conhecimento da petição a ninguém, nem expediu tal decreto.

O caos criado pelos boxers durante o governo de Cixi espantou e afastou muitos de seus antigos colaboradores, em especial o conde Li e o vice-rei Zhang Zhidong, que lhe escreveram para censurá-la: “Se a senhora continuar a proceder dessa forma voluntariosa e só se preocupar em dar vazão a sua fúria, há de arruinar nosso país. Em que abismo maior o mergulhará antes de sentir-se satisfeita?”²⁵ Observaram que ela não estava fazendo aos boxers favor algum: “Números imensos deles foram mortos, e seus corpos enchem os campos [...]. Não se pode deixar de se apiedar deles por serem tão néscios”. Além disso, o norte da China estava agora reduzido a “uma terra desolada”, tanto por causa da seca quanto devido aos boxers: já era tempo de ela prestar alguma atenção à vida das pessoas.

No país inteiro os vice-reis trocavam mensagens telegráficas todos os dias, combinando abertamente que “não obedeceriam de modo algum” a seus decretos.²⁶ Pela primeira vez desde que ela começara a governar, a maioria dos magnatas regionais, cruciais para o vasto império, aparentemente tinha perdido a fé em Cixi. Ela nunca estivera tão privada de amigos. Quando executara o golpe palaciano aos 25 anos de idade, quando arbitrariamente escolhera uma criança de três anos para pôr no trono, quando governara durante décadas sem um mandato, e até mesmo quando fizera do imperador um prisioneiro — em todas essas ocasiões eles sempre a tinham apoiado. Agora, porém, ela estava sozinha.

O isolamento não a assustava. Destemida, Cixi arremetia sem ajuda, apostando que acabaria por descobrir um meio de lidar com os invasores

estrangeiros. Contudo, não queria arrastar todo o império e estimulou ativamente os vice-reis a permanecerem fora de seu jogo. Disselhes que eles deviam preservar seus territórios e agir de forma “totalmente realista”.²⁷ Foi com o consentimento implícito de Cixi que os mais importantes vice-reis, liderados pelo conde Li e pelo vice-rei Zhang, assinaram um pacto de “neutralidade” com as potências, que assegurou a paz na maior parte da China, principalmente no sul, restringindo a luta à área entre os Fortes Dagu e Beijing. A maioria das províncias foi poupada da violência dos boxers.

Quando os aliados começaram a se aproximar mais de Beijing, Cixi foi obrigada a buscar a paz. Pediu ao conde Li, ainda em Cantão, que fosse à capital para ser seu negociador, oferecendo-lhe como incentivo o cargo que ele desejava: o de vice-rei de Zhili. O conde, que no passado desejara exercer aquele papel, agora relutava. Sabia que a rendição era a única alternativa, mas que a imperatriz-viúva não estava disposta a aceitá-la e alimentava esperanças de melhores condições.²⁸ De fato, ela se preparava para continuar a lutar, mesmo com as potências chegando aos muros de Beijing, e reunia munição e tropas para a defesa da cidade. O conde viajou para o norte, mas fez uma pausa em Shanghai, alegando estar doente. Nesse ínterim, o vice-rei Zhang coletava uma longa lista de assinaturas, entre as quais as de seis dos nove vice-reis do império e as de diversos governadores e generais, pedindo a Cixi que permitisse ao conde negociar com as potências em Shanghai.²⁹ Raramente uma petição fora firmada por tantas figuras regionais poderosas.

Cixi estava convicta de que sem sua supervisão direta o resultado da negociação não seria aceitável, e vetou a proposta. A seguir, disparou um tiro de advertência contra os peticionários, visando em especial o vice-rei Zhang, que os liderava. Em 28 de julho, ela ordenou a execução de dois homens muito ligados a Zhang. Um deles, Yuan Chang, alto funcionário do Ministério do Exterior, era sabidamente os olhos e os ouvidos do vice-rei em Beijing.³⁰ (Zhang comandava uma considerável rede de coleta de informações na capital, o que Cixi se dispunha a tolerar.)³¹ O outro homem,

Xu Jingcheng, fora o ministro da China em Berlim na época em que a Alemanha estava preparando o bote para se apossar de Qingdao.³² Sabe-se hoje, graças à liberação de documentos de arquivos alemães, que ele aconselhou o governo alemão, “insinuando — de forma extremamente secreta, é claro” — que a “ameaça de força militar” era a única forma de fazer Beijing ceder território, e que a Alemanha deveria “simplesmente ocupar um porto que lhe interessasse”. O Kaiser seguiu seu conselho e pôs de lado o plano original, que previa atitudes menos agressivas. Depois o Kaiser disse ao chanceler alemão, o príncipe Hohenlohe, que “é mesmo uma vergonha que precisemos que um ministro chinês diga a nós, alemães burros, como agir na China em nosso próprio interesse”. É bem possível que o ministro Jingcheng tenha sido atormentado por remorsos, pois ele parecia acolher bem a morte no local da execução: “Arrumando o chapéu e o manto com todo o cuidado e a seguir pondo-se de joelhos, voltado para o norte [a direção do trono], pôs a testa no chão e expressou gratidão ao trono. Não havia em seu rosto nenhuma expressão de mágoa ou queixa”.³³

Ao que parece, Cixi tomara conhecimento da traição do ministro Jingcheng. O decreto imperial que anunciava as execuções acusou os dois homens de “manter uma agenda privada ao tratar com estrangeiros”.³⁴ Ser vaga quanto a uma acusação que envolvia uma potência estrangeira era bem o estilo de Cixi.

O vice-rei Zhang compreendeu que essas execuções pretendiam ser advertências a ele. De fato, estivera conspirando com potências estrangeiras, principalmente com a Grã-Bretanha e o Japão, que o tinham em alta conta. Zhang era conhecido como um homem probo, que preferia tecidos de algodão grosseiros a belas peles e sedas em seu guarda-roupa, que invariavelmente recusava presentes e não acumulara fortuna pessoal. Quando morreu, sua família não tinha dinheiro suficiente para pagar um enterro adequado a sua posição. Suas paixões eram a natureza e os gatos. Era dono de dúzias desses animais, dos quais cuidava pessoalmente. Os ocidentais que tratavam com ele o consideravam “honestíssimo e dedicado

ao bem-estar de seu povo”, “um verdadeiro patriota”. Era um dos poucos diplomatas que os japoneses consideravam incorruptível e que realmente respeitavam. O conde Ito Hirobumi, que fora primeiro-ministro, disse que o vice-rei era “o único homem” capaz de arrostar a monumental tarefa de fazer as reformas na China. E os britânicos o julgavam o homem com quem mais gostavam de tratar.³⁵ Desiludido com Cixi e convencido de que assim que ela fosse expulsa de Beijing seu governo cairia — uma opinião também de vários outros —, o vice-rei cogitava substituí-la. Seu representante em Tóquio, cuja função oficial consistia em supervisionar os estudantes enviados por seu vice-reino, declarou a seu contato japonês que “se o trono foi forçado a deixar Beijing (e provavelmente se instalar em Xian) e o império Qing ficar sem governo”, o vice-rei “estará pronto para se adiantar e formar um governo em Nanjing, junto com dois ou três outros vice-reis”. A mesma mensagem foi passada aos britânicos. A fim de se preparar para essa eventualidade, o vice-rei pediu aos japoneses que lhe dessem oficiais e armas. Cixi podia não conhecer os pormenores exatos dessas maquinações, mas tinha seus espões — e instintos poderosos.³⁶

Advertindo os vice-reis de que não fizessem negociações clandestinas com as potências estrangeiras, Cixi levou sua guerra até o fim. Depois de uma derrota estratégica que deixou Beijing exposta, seu comandante na frente de batalha se suicidou com um tiro. Para seu lugar, ela nomeou o governador Li Bingheng, o homem que impedira que ela extraísse dinheiro da população para restaurar o Antigo Palácio de Verão — e que fora promovido por isso e depois demitido por pressão dos alemães, pois insistia em resistir à ocupação germânica. Inimigo ferrenho dos invasores, jurou a Cixi que lutaria até seu último suspiro, embora para ele a guerra fosse uma causa perdida. O Exército fora aniquilado por completo, e os soldados “simplesmente debandavam, sem opor nenhuma resistência, bloqueando as estradas, pois eram dezenas de milhares. Por onde passavam, saqueavam e

incendiavam as aldeias e as cidades”, informou o governador Bingheng a Cixi, antes de se suicidar.³⁷

No dia de sua morte, 11 de agosto, as esperanças de Cixi por fim se extinguíram. Beijing seria ocupada pelas potências em questão de dias. Outros três altos funcionários foram executados, acusados de traição. Um deles era seu então lorde camareiro, Lishan, de quem ela fora muito próxima. Cixi acreditava que havia “um bom número de traidores” vendendo segredos aos estrangeiros.³⁸ Eunucos se lembravam de ouvi-la resmungar que “deve haver espões no palácio, pois como é possível que logo se saiba lá fora de toda decisão que tomamos aqui?”.³⁹ Sua suspeita em relação a Lishan pode bem ter tido origem em 1898, quando ele não mediu esforços para evitar uma busca que ela ordenara na casa de Sir Yinhuan — uma busca que talvez revelasse provas da ligação de Yinhuan com os japoneses.⁴⁰ No entanto, as execuções tinham mais a ver com o momento presente: Cixi queria evitar que altos funcionários colaborassem com os aliados, que estavam na iminência de entrar em Beijing.

Por fim, os pensamentos de Cixi se voltaram para a fuga. Informando-se sobre meios de transporte, soube que duzentas carruagens com seus cavalos tinham estado de sobreaviso, mas que tropas em retirada tinham se apoderado delas, e que agora era impossível comprar ou alugar outras, já que todo mundo estava fugindo.⁴¹ O fato de Cixi não ter essas duzentas tábuas de salvação bem protegidas mostra que a fuga estivera muito distante de sua mente. Diante da notícia sobre a perda dos meios de transporte, ela suspirou: “Então, vamos ficar”. Ao que parece, estava disposta a morrer ali mesmo, na Cidade Proibida. No entanto, na undécima hora, mudou de ideia. No dia 15 de agosto, de manhãzinha, quando os aliados já batiam às portas da Cidade Proibida, diante da insistência de um príncipe, Cixi partiu numa carroça que ele trouxera de casa.⁴²

Como só havia umas poucas carroças, a maior parte da corte tinha de ficar. Cixi levou consigo o imperador Guangxu, a imperatriz Longyu, o herdeiro presuntivo, mais ou menos uma dúzia de príncipes, princesas e

nobres, e a concubina do imperador, Jade. A outra concubina, Pérola, que estivera em regime de prisão domiciliar durante os dois últimos anos, representava um problema para Cixi. Devido à dificuldade de transporte, Cixi não queria abrir espaço para ela, tampouco lhe agradava deixar para trás a concubina favorita e cúmplice do imperador Guangxu. Decidiu usar sua prerrogativa e ordenou a Pérola que se suicidasse. Pérola não quis obedecer e, ajoelhando-se diante de Cixi, suplicou em lágrimas que lhe poupasse a vida. Cixi tinha pressa e disse aos eunucos que a atirassem num poço. Como ninguém se adiantasse para fazê-lo, ela, colérica, gritou para um eunuco jovem e forte, Cui, que cumprisse sua ordem. Cui arrastou Pérola para a beira do poço e a jogou dentro dele, enquanto a moça em vão gritava por socorro.⁴³

* Depois de se hospedar no Bairro das Legações, Katharine Carl escreveu: “Quando vi a posição do Bairro das Legações e, sobretudo, o da legação britânica, onde todos os estrangeiros por fim se reuniram [...] me convenci de que se não houvesse alguma força impeditiva em suas próprias fileiras, os chineses teriam acabado com os estrangeiros em menos de uma semana. A má pontaria deles poderia ter adiado, por breve tempo, o resultado inevitável para as legações. Na ausência de alguma força que atuava como um estorvo para os chineses, não haveria sobrado um só europeu para contar a história. E essa força restrigente, eu confiava, vinha de ninguém menos que o imperador e a imperatriz-viúva”.¹⁶

24. Fuga (1900-1)

Com o cabelo preso num coque e um vestido simples de algodão azul que ela muitas vezes usava em seus aposentos, Cixi começou sua fuga numa carroça. Era o auge do verão, e as roupas se colavam ao corpo. O suor dos animais e a bagagem atraíam nuvens de moscas e outros insetos. Daí a pouco começou a chover, e embora ela não estivesse ensopada como seu séquito desprotegido, formado por cerca de mil pessoas, que seguiam pela lama em carroças ou a pé, o carro sacolejava com violência, jogando-a de um lado para o outro. Passado algum tempo, alguém arranjou uma liteira levada por duas mulas, uma na frente e outra atrás, e ela teve um pouco mais de conforto, embora a liteira também sacudisse bastante nas estradas esburacadas. Ao atravessarem a vau de um rio engrossado pela enchente, seus guardas ergueram a liteira pelo fundo. A correnteza era forte, e em dado momento Cixi quase foi arrastada.¹

A imperatriz-viúva fugia para o oeste, rumo ao interior do país. Diante dela se estendia um ermo de aldeias e vilas fumegantes, saqueadas pelos boxers e pelos soldados do destroçado Exército imperial. Dificilmente se via uma porta ou janela intata, e as paredes estavam marcadas por balas. Não havia um só habitante à vista. Cixi sentia uma sede desesperada, mas quando eunucos foram tirar água de um poço, encontraram cabeças humanas boiando. Ela teve de mascar galhos de plantas em busca de um

pouco de umidade. Por mais fome que sentisse, não havia comida. Nem cama. Ela e o imperador passaram a segunda noite num banco, de costas um para o outro, fitando o teto. Pouco antes do alvorecer, subiu do solo uma friagem que parecia penetrar nos ossos de Cixi. Conhecida por ser resistente ao frio, agora, aos 64 anos, era-lhe difícil suportá-lo, como mais tarde descreveu. Na primeira noite, o imperador dormiu numa mesquita, sobre um tapete de oração, com uma pá de lixo e uma vassoura sem cabo enroladas numa capa de cadeira, formando um travesseiro. De manhã, sua majestade fez uma trouxa com seu precioso travesseiro improvisado, que segurou contra o peito, não o confiando aos eunucos. Muitos eunucos foram ficando para trás e ganharam o mundo. Não estavam acostumados a percorrer longas distâncias, caminhando em estradas rurais pedregosas com sapatos de sola de algodão, que, empapada de lama, tornava cada passo uma agonia para eles.

O imperador, que também não soltava seu narguilé de ouro puro, vestia um traje fino de seda e tremia descontroladamente assim que o sol se punha e a temperatura caía. Lianying, o eunuco-chefe, ofereceu a sua majestade o próprio casaco acolchoado, que estendeu de joelhos, com lágrimas a lhe correr pelas faces. Mais tarde, o imperador diria que, se não fosse Lianying, não teria sobrevivido à viagem, e que lhe seria para sempre grato. Daí em diante, passou a tratar o eunuco como um amigo.

Depois de dois dias e duas noites de pesadelo, Cixi chegou a uma cidade cujo chefe ainda estava presente para saudá-la. O chefe de condado Woo Yong recebera um aviso, num pedaço de papel sujo, amassado e sem envelope, sobre a chegada do grupo. A notificação fazia um longo rol dos cortesãos dos quais ele deveria cuidar — e cuidar em grande estilo. Obedecendo à pompa imperial, um banquete completo de pratos manchus e hans (*man-han-quan-xi*) deveria ser oferecido à imperatriz-viúva e ao imperador. Depois disso, um Festim de Primeira Linha deveria homenagear cada um de uma dúzia de príncipes e dignitários. O bilhete dizia que não se conhecia o número de funcionários e criados, mas que ele deveria preparar

o máximo possível de refeições e de rações para cavalo. Tratava-se de um pedido e tanto numa cidade interiorana que fora saqueada por boxers e soldados. Os auxiliares do chefe Woo o aconselharam a ignorar o pedaço de papel e fingir não tê-lo recebido — ou simplesmente dar o fora da cidade, como fariam outras autoridades na rota real. No entanto, Woo era um súdito leal e de bom coração, de modo que ao invés de pôr de lado as exigências como ridículas, dispôs-se a atendê-las da melhor forma possível.

O melhor que o chefe Woo conseguiu foi deplorável. Seu cozinheiro juntara certa quantidade de comida, mas fora assaltado a caminho da cozinha por soldados que, batendo em retirada, simplesmente se apoderaram do jumento que carregava as provisões. Como o cozinheiro resistisse, sofreu um corte fundo no braço direito. Por fim, conseguiu preparar três paneladas de feijão-mungo e papa de painço, mas duas delas foram devoradas por soldados esfomeados, que, relutantes, deixaram uma para os membros da casa real. Woo pôs sentinelas em torno da panelada restante, com ordens para abrir fogo se alguém chegasse perto demais.

A seguir, arrumou um quarto numa pousada deserta onde a imperatriz-viúva pudesse descansar, conseguindo pôr almofadas nas cadeiras e cortinas nas portas, e até quadros nas paredes e alguns ornamentos sobre as mesas. Ao chegar e ver esse luxo e o chefe Woo prostrado no chão, Cixi não conteve o pranto. Em meio a soluços, disse a Woo que jamais imaginara que as coisas chegassem a tal estado de calamidade. Depois de descrever os sofrimentos da viagem, ela se animou ao ouvir falar do feijão-mungo e da papa de painço, e estava prestes a pedir que lhes servissem esses manjares quando, de repente, se lembrou do imperador, e disse a Lianying que levasse o chefe Woo para saudar sua majestade. O que Woo viu foi um homem desgastado, com a barba por fazer e precisando de banho, metido num velho casaco acolchoado, que pendia frouxamente de seu corpo. O imperador Guangxu não disse uma palavra, e Woo se retirou para trazer a papa. Percebeu-se então que tinham se esquecido dos pauzinhos, de modo que Cixi disse aos criados que trouxessem hastes de sorgo. No momento em que Woo se

afastava do cômodo, ouviu suas majestades sorvendo a papa avidamente. Passado algum tempo, Lianying saiu e ergueu aprovadamente os polegares, contando como a imperatriz-viúva estava satisfeita. Disse também que a Velha Buda gostaria de um ovo. Diante disso, Woo vasculhou a cidade, localizando por fim cinco ovos numa gaveta vazia no interior de uma loja abandonada. Acendendo uma fogueira e cozendo os ovos ele próprio, serviu-os numa tigela grosseira com umas poucas pitadas de sal. Lianying levou-os para Cixi, e ao voltar, minutos depois, disse a Woo, sorridente:

A Velha Buda adorou os ovos. Comeu três e deixou dois para o Senhor de Dez Mil Anos. Ninguém mais tocou em nenhum deles. Isso é uma boa notícia. No entanto, agora a Velha Buda adoraria dar uns tragos em seu narguilé. O senhor acha que pode conseguir um pouco de fogo?

Woo improvisou com rolinhos grosseiros de papel. Pouco depois, a imperatriz-viúva saiu do cômodo para o terraço, afastando ela mesma a cortina da porta (uma tarefa sempre feita por criados). Acendendo o cachimbo também ela mesma, deu algumas tragadas e parecia a imagem da completa felicidade.²

Olhando em torno, viu o chefe Woo e começou a falar com ele, o que o obrigou a se pôr de joelhos no quintal lamacento. Ela lhe perguntou se seria capaz de conseguir algumas roupas para ela. Woo respondeu que sua mulher tinha morrido e que todas as roupas dela estavam em Beijing, mas que na casa havia algumas roupas deixadas por sua falecida mãe, e que “se a imperatriz-viúva não se importar com a deselegância delas...”. Ante essas palavras, Cixi disse: “Qualquer coisa que possa me aquecer. A propósito, seria maravilhoso se o senhor pudesse conseguir algumas roupas para o imperador e para as princesas, que também não trouxeram outras”. Woo foi em casa e abriu o baú de sua mãe. Achou um casaco de lã para a imperatriz-viúva, um casaco longo para o imperador e alguns vestidos para as princesas. Trouxe uma penteadeira de sua cunhada, que tinha espelho, pente e pó de arroz. Juntando tudo numa grande trouxa, entregou-a a um eunuco.

Mais tarde, quando os membros da casa real deixaram seus aposentos, todos vestiam roupas da família de Woo. Foi a primeira vez que se viu Cixi em trajes han.³

O grupo imperial ficou duas noites na cidade do chefe de condado Woo. Em conversas com ele, Cixi soube que os boxers não só haviam destruído seu condado, como estiveram na iminência de matá-lo durante o tempo em que ocuparam a cidade. De certa feita, tinham-no agarrado e dito que queriam se certificar de que ele não era um “cabeludo secundário”. O veredito, felizmente favorável a ele, dependia de as cinzas de um pedaço de papel que queimaram subirem ou descerem. Em outra ocasião, uma carta que ele escrevera a um amigo íntimo e na qual se queixava dos boxers fora interceptada, e ele só se livrou de ser punido ao convencê-los, com veemência, que a caligrafia não era dele. No episódio mais recente, quando ele tentava sair da cidade a fim de receber a imperatriz-viúva e seu grupo, os boxers se recusaram a abrir a porta da cidade, mas escarneceram: “Eles estão fugindo e não merecem estar no trono!”. No entanto, temendo a chegada dos guardas pretorianos, a turba preferiu se afastar dali.

Embora desaprovasse o apoio que Cixi dera aos boxers, o chefe Woo, sempre leal, conseguiu uma liteira para ela e outra para o imperador Guangxu. Cixi levou Woo com o grupo, transformando-o em administrador da viagem. Disse-lhe:

O senhor realizou um trabalho excelente, e estou profundamente agradecida. Não esquecerei sua lealdade e saberei mostrar minha gratidão. O imperador e eu compreendemos como será difícil para o senhor cuidar da logística [...]. Nem por sonhos pretendemos lhe pedir demais ou ser exigentes. Por favor, esteja à vontade e não tenha apreensões.

Essas palavras trouxeram lágrimas aos olhos de Woo, que tirou o chapéu e levou a testa ao chão. A seguir, Cixi o inquiriu, com cuidado: “Esse seu cozinheiro, Zhou Fu, é muito bom. O macarrão que ele acabou de servir estava delicioso, e a carne de porco desfiada, muito bem-feita. Estou pensando em levá-lo comigo na viagem, mas fico imaginando se ele estaria

disposto...”. É claro que a essa ordem, feita de maneira tão delicada, Woo respondeu afirmativamente em nome do cozinheiro, acrescentando que também ele se sentia honrado. Tendo perdido o cozinheiro, naquela noite ele teve de comer na casa de um amigo. O cozinheiro foi promovido para a Real Cozinha e recebeu um título imponente.

Cixi fugira da capital, e os aliados ocidentais a haviam ocupado. As defesas chinesas tinham se desintegrado, e, no entanto, o poder de Cixi não entrara em colapso, como muitos haviam previsto. Em fuga, e num estado lastimável, ela mostrava que ainda era a líder suprema. Testemunhas que a viram subindo na carroça disseram que ela o fizera como se o modesto veículo fosse o trono imperial.⁴ Daí em diante, cada lugar por onde ela passava se tornava o centro nervoso do império. As ordens que enviava às províncias, vazadas na linguagem e no tom de sempre, transmitiam absoluta autoridade.⁵ Relatórios vindos de todas as partes da China acabavam chegando a ela. Tendo solicitado tropas que acompanhassem o grupo real, os soldados acorreram a cumprir a ordem o mais depressa que seus cavalos conseguiram correr. Se ela pedia dinheiro, alimentos ou transporte, todas essas coisas lhe chegavam com rapidez e abundância. Ela esteve bem provida durante o resto da viagem, que cobriu mais de mil quilômetros e durou mais de dois meses. No fim de outubro, no oeste da China, ao se instalar na antiga cidade de Xian, capital de mais de uma dúzia de dinastias chinesas desde o ano 1100 a.C., ela recebeu mais de 6 milhões de taéis, provenientes de todo o império.⁶ Quando a corte regressou a Beijing, um ano depois, 2 mil carroças seguiam carregadas de tributos e também de documentos de trabalho.⁷ Essa milagrosa mostra de lealdade, durante uma crise sem precedentes, era a melhor comprovação da estabilidade geral do império, uma estabilidade que tinha raízes na imensa confiança que o povo, os líderes rurais e os chefes provincianos tinham na imperatriz-viúva — uma confiança profunda que era muito mais forte do que o desencanto recente.

O fato de ela continuar viva e claramente no comando do país mudou a conduta de quem tinha pensado em abandonar as esperanças. Prova disso foi o que aconteceu a seu inimigo Sir Yinhuan. Quando ela ordenou ao governador de Xinjiang, onde Sir Yinhuan estava exilado, que o executasse, o governador preferiu não fazê-lo. Procurava se garantir: os invasores estavam avançando contra Beijing, e Sir Yinhuan era amigo deles. A ordem só foi cumprida cinquenta dias depois, em 20 de agosto, quando o governador soube que Cixi tinha deixado a capital e estava em segurança.⁸

Como era óbvio que ela continuava a dar as cartas e que seu governo não tinha soçobrado, o vice-rei Zhang mudou de postura, abandonando a ideia de criar um regime separado em Nanjing. As pessoas que, segundo seus cálculos, se uniriam a ele nesse novo governo — e a quem na verdade ele não falara do plano — tinham afirmado sua lealdade a Cixi. O conde Li deixou Shanghai por Beijing para negociar em nome dela. E quando os britânicos procuraram o vice-rei Liu Kunyi, seu colega mais chegado, dizendo-lhe que Londres imaginava que ele e o vice-rei Zhang poderiam assumir o controle e negociar com os aliados, Liu se horrorizou. Telegrafou ao vice-rei Zhang, perguntando-lhe se recebera a mesma mensagem absurda.⁹ Também lembrou a Zhang que o homem com quem os britânicos deveriam estar tratando era o conde Li, que recebia instruções da imperatriz-viúva. Por isso, como Tóquio continuasse a falar de “criar um novo governo”, deixando implícito que haveria uma função-chave para ele, o vice-rei Zhang entrou em pânico e disparou um telegrama a seu representante no Japão, com a insólita indicação “mil vezes urgente”, dando-lhe ordens para “parar com isso imediatamente custe o que custar”.¹⁰ Enviou-lhe outro telegrama no dia seguinte, explicando que, naquele momento, qualquer manobra desse tipo “com a mais absoluta certeza provocaria disputas internas e lançaria toda a China num caos de belicosidade”.

Zhang procurou então fazer lobby junto a potências ocidentais com vistas à proteção de Cixi.¹¹ Na verdade, a segurança dela sempre fora uma de suas

prioridades, mesmo quando ele pensou na hipótese de vir a formar um novo governo. Ele e o vice-rei Liu haviam dito ao cônsul-geral britânico em exercício em Shanghai, Peiham L. Warren, subordinado a Lord Salisbury, que “a menos que esteja garantido que a pessoa da imperatriz-viúva estará protegida, eles não terão como cumprir o acordo de neutralidade” (que os vice-reis tinham assinado com as potências, prometendo manter a paz e proteger os estrangeiros em suas províncias). Quando soube que as tropas aliadas tinham entrado em Beijing, o vice-rei Zhang repetiu sua solicitação de que Cixi não deveria sofrer “o mais tênue alarme”. E ao saber que Cixi fugira, telegrafou ao ministro chinês em Londres, pedindo-lhe que procurasse Lord Salisbury e solicitasse “a mesma garantia mais uma vez”.

O inequívoco apoio dos vice-reis a Cixi pôs fim às esperanças dos ocidentais de persegui-la e derrubá-la. Muitos haviam defendido que ela fosse substituída pelo imperador Guangxu. Sir Claude MacDonald, o ministro britânico, foi um deles. Contudo, Lord Salisbury procurou dissuadi-lo: “Há o grande perigo de uma expedição prolongada e dispendiosa que, por fim, não terá êxito”.¹² O primeiro-ministro rejeitava a ideia de uma ocupação conjunta de território conquistado: “A tentativa de empreender a manutenção da ordem no norte da China seria impossível mesmo se estivéssemos sozinhos, mas como essa política certamente provocaria um conflito entre nós e nossos aliados, só poderia terminara em desastre”. Nenhuma ocupação seria bem-sucedida sem um colaborador chinês de alta categoria. No entanto, as potências se deram conta de que a maioria dos chineses de alto escalão “se alinhava solidamente” ao lado de Cixi.¹³ As potências haviam julgado que “o império estava nas mãos dos vice-reis”, que se opunham furiosamente a Cixi. Agora, porém, chegada a crise, percebiam que esses homens ainda se achavam dominados por ela. Nenhum deles se dispunha a dar um passo adiante para desafiá-la. Uma coisa era mais que óbvia: Cixi era a única pessoa capaz de manter o império coeso. Sua queda teria como resultado a guerra civil, que para os ocidentais significaria especialmente o fim do comércio, o não pagamento de

empréstimos e o recrudescimento do movimento dos boxers. Em 26 de outubro de 1900, confiante em sua segurança, Cixi fixou residência em Xian. Seus representantes — o príncipe Ching e o conde Li — abriram negociações com as potências.

Nesse ínterim, o vice-rei Zhang, a única pessoa no regime que pensara em substituí-la e aliciara a ajuda das potências, sentia-se ansioso por se explicar a ela. Pelos tiros de advertência que ela lhe disparara, ele sabia que Cixi estava consciente de suas maquinações, que muitos monarcas teriam considerado traição. Embora ela não o punisse, Zhang admitia que ela não podia ter ficado satisfeita. Ele queria lhe explicar pessoalmente que sua ideia fora apenas um plano de emergência, para o caso de seu governo chegar ao fim, e que ele jamais pensara em derrubá-la. Escreveu-lhe pedindo uma audiência, dizendo que fazia mais de dez anos que não se encontrava com ela e que, tomado de arrependimento e de uma sensação de culpa, ansiava por chegar antes dela a um local por onde ela passaria, para “de joelhos dar as boas-vindas a sua majestade”.¹⁴ A resposta de Cixi foi um lacônico “não precisa vir”. Sua insatisfação era patente. O vice-rei pediu então a um amigo que intercedesse por ele quando tivesse uma audiência com Cixi. O vice-rei “não vê vossa majestade há dezoito anos”, disse o homem,

e desde a viagem de vossa majestade para o oeste tem estado tão preocupado e aflito, e com tanta saudade de vossa majestade que não tem conseguido comer ou dormir direito. Vossa majestade me permite o atrevimento de perguntar por que se recusa a recebê-lo?

Cixi deu uma desculpa: “Ele não pode deixar seu posto no momento, pois as coisas não se normalizaram ainda por completo”, e prometeu “chamá-lo a Beijing quando para lá voltarmos”. Contudo, quando ela voltou para a capital, no começo de 1902, achou outro pretexto e adiou a audiência mais uma vez. Passado um ano, o vice-rei não aguentou esperar mais e escreveu para anunciar que iria a Beijing na primavera de 1903, pois estaria livre de compromissos nessa época e desejava se avistar com sua majestade, de quem

“sentia falta havia vinte anos”. Dessa vez, ele recebeu uma resposta sucinta, numa linha: “O senhor pode vir para uma audiência”.

Em maio daquele ano, o vice-rei Zhang chegou a Beijing e finalmente pôde ter sua reunião. Segundo o secretário do Grão-Conselho que o acompanhou ao Palácio de Verão e os eunucos que estavam do lado de fora da sala de audiências, ele e Cixi não disseram praticamente nada um ao outro. No instante em que ele entrou, ela rompeu em lágrimas, e diante disso ele também se pôs a chorar. Ela não parou de soluçar e não lhe fez pergunta alguma, de modo que Zhang nada podia dizer. O protocolo das audiências determinava que o servidor só falasse quando o monarca lhe dirigisse a palavra. E Cixi não deu ao vice-rei Zhang a oportunidade de abrir a boca.¹⁵ Soluçaram durante algum tempo, antes que Cixi lhe dissesse que saísse e “descansasse”, e com isso ele saiu. O silêncio fora proposital. Para Cixi, era melhor deixar calados os atos do vice-rei. Explicitá-los e tentar explicá-los só a irritariam e a indisporiam, e ela já decidira aceitar o que ele fizera, que julgava ter um motivo decente. Além disso, ela demonstrou a Zhang que nada tinha contra ele ao fazer com que lhe fosse entregue, no dia seguinte, um quadro que ela própria pintara — de um pinheiro, símbolo de retidão, ao lado de uma planta, a *zi-zhi*, que muitas vezes era comparada um homem íntegro e sábio. O significado era eloquente, e o vice-rei sentiu-se aliviado e radiante. De imediato, tomando de pena e papel, escreveu: “Como uma árvore centenária e definhada, tocada pelos ventos mais suaves/ da noite para o dia o negro voltou às cãs de minhas têmporas”.

O vice-rei Zhang compôs quinze poemas de gratidão semelhantes. Descreviam seus contatos com a imperatriz-viúva e ressaltavam todos os seus pequenos símbolos: as iguarias de sua mesa, os frutos de seus pomares, as esplêndidas sedas, os brocados, um longo colar de coral usado em ocasiões oficiais e assim por diante.¹⁶ Certo dia, em presença dela, alguns melões doces cultivados nos terrenos do palácio foram trazidos para ele. Ela declarou que não eram suficientemente bonitos e mandou que criados fossem à cidade em busca de melões mais apresentáveis. De outra feita, ele

soube por um funcionário que a imperatriz-viúva o comparara a uma grande figura histórica que fora o esteio da dinastia. Essas “palavras celestiais”, como ele escreveu, levaram o vice-rei a um frenesi de gratidão e lhe instilaram uma devoção mais humilde do que nunca. Quando Zhang partiu de Beijing, Cixi lhe deu vários presentes de despedida, entre os quais 5 mil taéis de prata, que ele usou para criar uma escola moderna. Ao chegar em casa, já o esperavam três lotes de presentes dela. O vice-rei exultou e escreveu mais um de seus poemas de gratidão.

Assim Cixi conquistava o coração de seus súditos e angariava uma fenomenal lealdade. Quando ela fugia de Beijing em 1900, Junglu, outro de seus admiradores, tomou a si a tarefa de conduzir um exército em outra direção, pretendendo com isso lograr possíveis perseguidores.¹⁷ Entre os voluntários desse contingente estava Chongqi, pai da falecida nora de Cixi. Como não surgisse perseguidor nenhum, e angustiado por não poder fazer nada de concreto para ajudar, Chongqi se enforcou com a faixa de seu manto, deixando algumas linhas pungentes: “Temo ser impotente para ser de alguma serventia ao trono. Só tenho a oferecer minha vida, e aqui a ofereço”. Quando os aliados entraram na capital, sua mulher fez com que fossem cavadas duas enormes covas na casa e levou toda a família, inclusive as crianças, para se sentar nelas de forma ordenada, antes de mandar os criados encher as covas de terra e enterrá-los vivos. Como os criados se recusassem a fazê-lo e fugissem, horrorizados, seu filho ateou fogo à casa, matando todos os treze membros da família.¹⁸ E esse não foi um caso excepcional. Dezenas de famílias se suicidaram incendiando a casa,* além de várias pessoas que se afogaram ou se enforcaram.²⁰

Cixi também tinha inimigos tenazes, que viram a sorte lhes sorrir em 1900. Kang Raposa Selvagem organizou um exército e ocupou diversas cidades, com armas fornecidas pelo Japão. Muitos japoneses participaram

dessa aventura, embora ele próprio não pisasse na China. Formou-se um esquadrão da morte, composto de mais de trinta piratas. Recrutado na costa sul, em torno de Hong Kong, era liderado por um japonês, e estava disposto a se dirigir ao norte com o objetivo duplo de assassinar Cixi e repor o imperador Guangxu no trono.²¹ Na esperança de persuadir a Grã-Bretanha e outras potências a ajudá-los a alcançar seu objetivo, os homens de Raposa Selvagem escreveram ao cônsul-geral em exercício em Shanghai, Peiham L. Warren, declarando, como Warren informou a Lord Salisbury num telegrama,

que, a menos que o imperador fosse reposto no trono, estavam dispostos a mobilizar as sociedades secretas em todo o país, de modo a compelir as potências estrangeiras a intervir. Esse comunicado destacou que os levantes populares infligiriam graves danos ao comércio exterior, o que eles julgavam inevitável [...] e que seria possível prever a destruição de propriedades das missões.²²

É claro que esse tipo de argumentação provavelmente não seria eficaz. Apenas confirmava para os britânicos que a força de Kang não era melhor do que os boxers. Como era de esperar, a Grã-Bretanha não lhes deu nenhum apoio. O Raposa Selvagem estivera sonhando com ser buscado, protegido e levado a Beijing num navio de guerra britânico. Agora, via sua quimera se esfumaçar. Em vez disso, as potências deram pleno apoio ao vice-rei Zhang, que cercava os homens de Kang que se achavam em seu território, Wuhan, no momento em que teve início a anunciada sublevação. A Grã-Bretanha apoiou a execução dos cabeças da rebelião pelo vice-rei, como o representante britânico em Wuhan telegrafou a Warren (que repassou o comunicado a Lord Salisbury):

A Paz de Yang-tsze [sic], em outros aspectos segura, está sendo ameaçada pelo partido da Reforma [o grupo de Kang], que vem fomentando ativamente uma rebelião; eles [dão a entender] que têm nosso apoio [...]. Armas e munições foram contrabandeadas do Japão, e proclamações incendiárias têm sido afixadas por toda parte. Não é mais uma questão de reforma, e sim de anarquia e pilhagem. Há muitos japoneses entre os asseclas de Kang. O vice-rei [Zhang] pede que o senhor se aviste secretamente com o cônsul-geral japonês [para interromper a participação japonesa].²³

Tóquio controlou os japoneses no grupo de Kang. A derrubada da imperatriz-viúva e um conflito interno em toda a China não eram do interesse do Japão nessa época, quando havia exércitos de outras potências em solo chinês, todas com pretensões territoriais próprias. O líder japonês do esquadrão da morte deu o fora, alegando doença, e foi substituído por um chinês, Shen Jin. Entretanto, antes de começar a atuar, a rebelião de Kang tinha fracassado.

Outro que tinha esperanças de tirar proveito dos problemas de Cixi era Sun Yat-sen, um dos primeiros proponentes do republicanismo. Sun, um cantonês de bigode escuro, que havia muito cortara o rabicho e os trajes chineses, trocando-os por um corte de cabelo à europeia e pelo terno e gravata, estava dedicado à derrubada da dinastia Qing pela força. Em 1895, depois da desastrosa guerra com o Japão, lançou um levante armado em Cantão. Não teve êxito, mas seu nome se tornou conhecido na corte. Refugiou-se no estrangeiro, chegando enfim a Londres, onde foi capturado por chineses e detido na legação da China em Portland Place. O governo britânico, que se recusou a extraditá-lo, interveio e obteve sua libertação. Mais tarde, no Japão, tentou uma colaboração com Kang Raposa Selvagem, mas Kang recusou qualquer ligação com ele. Obstinado, Sun lutou com insistência por seu ideal republicano, através de insurreições armadas, ao mesmo tempo que conquistava também seguidores no Japão. Em 1900, de acordo com um de seus correligionários japoneses ligados ao governo japonês, o plano de Sun consistia em passar a controlar seis províncias no sul e “fundar uma república, antes de se expandir para todas as dezoito províncias da China, derrubando os Aisin-Gioro e, finalmente, criando a República da Grande Ásia Oriental”.²⁴ Apesar de sua aproximação com o Japão, os japoneses só lhe deram apoio limitado e intermitente. Sun também não chegou a parte alguma.

Exilada em Xian, a imperatriz-viúva continuava a ser a inamovível governante da China. E era hábil em fazer com que seus percalços virassem a

seu favor. Às vezes caía no choro ao receber colaboradores.²⁵ A imagem de vulnerabilidade fazia com que os homens se sentissem protetores e generosos, felizes por se mostrar à altura do que a situação exigia e ajudar uma mulher necessitada. No entanto, qualquer indivíduo que ultrapassasse determinado limite veria uma pessoa muito diferente, como o chefe de condado Woo pôde testemunhar. Como ele lhe prestara serviços cruciais em seu momento mais penoso e ela nunca esquecia um favor, Woo passara a ser tratado com intimidade, a tal ponto que se sentiu encorajado a lhe dar conselhos. Certo dia, ele lhe disse que ela não deveria ter mandado executar os funcionários antes de deixar a capital, em especial o ex-ministro em Berlim, Jingcheng, o homem que dera aos alemães conselhos críticos que tinham causado um mal imenso à China — e o chefe de condado não sabia disso. “No meio de uma frase, a imperatriz-viúva de repente fechou a cara, os olhos fuzilaram, os lábios se apertaram, as veias da testa saltaram, e ela rillhou os dentes, sibilando com seu tom mais severo.”²⁶ Disse a Woo que sua crítica era injusta e ditada pela ignorância do que realmente ocorrera. “Eu nunca vira a imperatriz-viúva furiosa, e, num repente, sua cólera se despejou sobre mim e me deixou morto de medo.” Woo sentiu “o suor escorrendo em fios por minhas costas”. Ele se prostrou, pediu perdão, e “a imperatriz-viúva se acalmou. De súbito, toda a sua cólera desapareceu e seu rosto se mostrou de novo relaxado e sereno”. A transformação foi como se “a mais tremenda tormenta de raios e trovões desse lugar, num piscar de olhos, a um céu azul e claro, sem deixar marca alguma”. O chefe Woo comentou que não imaginara que “a ira da imperatriz-viúva fosse tão poderosa. As pessoas diziam que grandes figuras, como o marquês Zeng e o conde Li, tinham tamanho respeito pela imperatriz-viúva que perdiam a tranquilidade diante dela. Agora eu creio nisso”. Cixi tinha o dom de inspirar, ao mesmo tempo, sentimentos de proteção e medo... mas não ódio.

No exílio e num ambiente menos rígido, mais pessoas tinham acesso a Cixi e ao imperador Guangxu. E nunca deixavam de admirar o contraste

entre os dois. As agruras da longa viagem não tinham deixado nela sinal algum de fadiga ou fragilidade, ao passo que o filho adotivo parecia continuamente à beira do colapso. Em audiências, sentados lado a lado, o imperador sempre mantinha a boca fechada, por mais longo e embaraçoso que fosse o silêncio, até Cixi se virar para ele: “Vossa majestade, faça algumas perguntas”.²⁷ Mesmo assim, raramente ele fazia mais de duas ou três: “Está tudo bem no campo?”, “A colheita foi boa?”. O chefe Woo, que o viu muitas vezes, lembrava-se de que ele só fazia duas perguntas idênticas. “Sua voz era fraca ao extremo, como o zunir de uma mosca ou de um mosquito. Dificilmente se entendia o que ele dizia.” Em contraste, comentou Woo,

a imperatriz-viúva falava com muita eloquência, citando episódios clássicos com facilidade, ao mesmo tempo em que era absolutamente terra a terra, conhecedora dos costumes das pessoas e da sociedade. Depois de algumas palavras, ela era capaz de ler sua mente, de modo que as autoridades tinham medo dela. Com uma imperatriz-viúva tão hábil e forte, e um imperador tão esquisito e débil, não era de admirar que ele estivesse sob seu completo domínio.

Por fim, os funcionários que anotavam as audiências muitas vezes passavam a se referir a Cixi apenas como “*shang*” [a monarca] — designação normalmente reservada ao imperador. A própria Cixi tinha consciência clara da mudança de status. Para audiências formais, em Xian, ela mandara preparar um trono para si, atrás e acima do trono do imperador, apresentando-se assim, literalmente, acima dele.²⁸ Depois que voltaram para Beijing, Cixi sentava-se num trono no centro do salão, enquanto o imperador Guangxu sentava-se abaixo dela, à sua esquerda.

Os dissabores da invasão, em vez de prejudicar o poder de Cixi, o acentuaram e lhe deram uma nova aura de firmeza e confiança.

* Num dos casos, enquanto a família esperava que o fogo a consumisse, no último momento foi permitido que dois filhos pequenos abandonassem a casa em chamas.¹⁹

25. Remorso (1900-1)

A última coisa que Cixi tinha feito antes de sair em fuga da Cidade Proibida foi dar aos guardiães dos palácios uma nota manuscrita, com seu sinete, dizendo-lhes que somente alguém que trouxesse uma autorização dela, autenticada com o mesmo sinete, poderia retirar qualquer coisa dali.¹ Os tesouros contidos nos palácios eram motivo de preocupação para ela ao iniciar sua viagem.

Daí a alguns dias ela se tranquilizou, ao receber notícias animadoras dos guardiães. Em vez de saquear ou queimar criminosamente os palácios, os invasores tinham até posto guardas para vigiá-los. Os portões pesados tinham sido trancados, depois de serem afixados neles avisos dirigidos às forças de ocupação, nos quais se “pedia polidamente” aos militares que “não maltratassem os servidores chineses que se negassem a abrir portas”.² Com perceptível alívio, os guardiães informaram a Cixi que “as tropas estrangeiras estão agora protegendo a Cidade Real e tudo quanto existe em seu interior [...] todos os palácios e prédios públicos se acham intatos [...]. Todos os palácios e templos estão em segurança”.³

Os guardiães continuaram a manter Cixi informada. Contaram-lhe que estrangeiros tinham visitado a Cidade Proibida, mas que, com exceção de alguns objetos, não tinham mexido em mais nada. Depois, quando as tropas estrangeiras se retiraram, os guardiães conferiram o inventário de todos os

objetos nos palácios e constataram que faltavam relativamente poucos bens de valor. O maior prejuízo ocorrera na Cozinha Real, onde faltavam 68 itens de ouro e 54 de prata. Além disso, quarenta vasos e trezentos pratos e tigelas de prata tinham sido furtados do depósito de porcelanas — provavelmente por ladrões locais, uma vez que tinham penetrado no depósito por buracos abertos nas paredes. O Palácio de Verão, onde ficaram os italianos e britânicos, fora deixado como o encontraram, exceto danos leves. (Nas ruínas do Antigo Palácio de Verão, perto dali, porém, laráprios locais tinham feito uma limpa, desmantelando todos os prédios que ficaram de pé depois do incêndio, roubando tudo o que ali havia, de madeirame a tijolos.) Ao contrário do que ocorria no tempo de Lord Elgin, em 1860, a pilhagem era agora rigorosamente proibida. Quando os Mausoléus do Oeste — nos quais alguns imperadores Qing estavam sepultados — perderam vasos cerimoniais de ouro, prata e bronze, fez-se uma queixa ao ministro francês, e o Exército da França, que estivera acantonado ali, devolveu tudo o que seus soldados tinham subtraído.

O que realmente desapareceu foram lingotes de prata. Milhões de taéis foram tirados da Cidade Proibida e de vários ministérios, na capital e em Tianjin, e mandados para o exterior.⁴ Também residências ricas sofreram saques, sendo invadidas à força, no começo da ocupação, por soldados estrangeiros que exigiam prata. No entanto, essas roubalheiras duraram apenas alguns dias, depois dos quais os guardiães tiveram uma reunião com Robert Hart, que pôs fim a elas.⁵ Segundo informaram a Cixi, os guardiães disseram a Hart que “o mais urgente e mais importante é proteger os templos dinásticos, os Mausoléus do Leste e do Oeste, e todos os palácios, inclusive os da Cidade Proibida e da Cidade Real. Em seguida vem a proteção a milhões de pessoas”. A isso Hart respondeu, não sem ironia: “No Ocidente, consideramos a vida das pessoas de importância capital, e a dinastia vem em segundo lugar. No entanto, não é difícil atender ao pedido de vocês”. Hart mandou preparar dois cartazes, um em várias línguas estrangeiras, e outro em chinês, e disse aos guardiães que imprimissem

milhares de cópias e os colassem por toda a cidade. O primeiro cartaz proibia aos soldados estrangeiros perturbar a paz dos moradores. O segundo ordenava aos boxers e outros bandidos que voltassem para casa e retomassem a vida normal, ameaçando-os de “extermínio” se não obedecessem. A maioria dos boxers realmente se dispersou.⁶ Cixi escreveu a Hart, expressando sua gratidão. “Durante décadas, vossa excelência vem servindo com seus talentos a uma terra que não é a sua, e hoje em dia sua sincera dedicação a ela é evidente para todos. Não tenho como ser mais agradecida.”⁷

Um pequeno número de boxers tentou em vão resistir aos estrangeiros. Um oficial das forças aliadas se lembrava de ter sido levado por cristãos chineses para capturar um grupo deles no local onde se escondiam:

O lugar, evidentemente, tinha boas medidas de segurança e os que estavam entrincheirados ali se recusaram a se render.⁸ Todos juntos, e armados com machadinhas, barras de ferro e longas varas, o grupo de baderneiros nativos esperava, num silêncio tenso, o desenlace. Era uma cena extraordinária. Tudo e todos em tamanho silêncio [...]. Essas coisas não acontecem duas vezes na vida.

Beijing logo voltou ao normal, e as pessoas que tinham esperado que o exército conquistador “comettesse saques, incêndios, estupros e chacinas” respiraram aliviadas. Cixi foi informada de que “não havia matanças”⁹ nem incêndios.^a Não se teve notícia de nenhum estupro. No entanto, os aristocratas ficaram mortificados por serem tratados como plebeus e obrigados a transportar para fora de Beijing os corpos de pessoas mortas pelos boxers. Numa campanha de limpeza da capital, tiveram também de puxar carroças, como animais de tiro, e os que resistissem eram açoitados por supervisores estrangeiros.

Não obstante, os aliados eram vistos como uma enorme melhoria em relação aos boxers. Eles passaram até a cuidar da higiene das ruas, que na época mais lembrava uma gigantesca sentina pública.¹¹ As novas

autoridades ordenaram que todos os moradores e comerciantes limpassem a área diante de suas lojas e casas. Com isso, as ruas de Beijing se transformaram, para alegria dos residentes — e de Cixi ao voltar para a capital. Essa política de tornar as pessoas responsáveis pela limpeza da área em frente a sua porta foi adotada pelos futuros governos chineses.

Dois meses depois da ocupação de Beijing, chegou um grande contingente alemão, embora a guerra houvesse praticamente acabado antes que essas tropas deixassem a Alemanha. Graças a manobras do Kaiser Guilherme II, o marechal de campo conde Von Waldersee foi nomeado comandante-chefe dos aliados. O marechal de campo sonhava “voltar para casa como o conquistador dos chineses”¹² e fez com que seus homens realizassem expedições punitivas fora de Beijing, durante as quais, como ele registrou, muitos chineses foram mortos. Eram boxers, escreveu ele, e “mereceram sua sorte”.¹³ Numa cidade, os alemães executaram seis funcionários públicos que, segundo eles, tinham assassinado missionários. A cabeça de um homem foi espetada numa vara, ao estilo chinês, mas exibindo o poder alemão. Ao mesmo tempo em que submetia a região em torno de Beijing a contínua violência, o conde exagerava bastante, em seus relatórios ao Kaiser, a extensão da destruição e dos saques pelos aliados antes de sua chegada, de modo a parecer o restaurador da ordem: “Acredito poder afirmar que, salvo em casos isolados, não ocorreram excessos desde que aqui cheguei”.¹⁴

A violência criada pelos alemães no pós-guerra por fim cessou, enquanto o comandante-chefe montava seu quartel-general no Palácio de Verão. A beleza do lugar cativou o conde, que considerara Beijing, de modo geral, “a cidade mais suja do mundo”. Von Waldersee escreveu em seu diário:

Ontem, voltei tarde da noite da cidade para meu palácio. Nunca na vida vi um céu estrelado mais belo do que nessa ocasião. Assim que transpus o grande pátio vazio do Palácio Imperial e cheguei à margem do lago de Lótus, irromperam acordes de música [...] a banda do Primeiro Regimento da Ásia Oriental tocava no Palácio da Ilha, onde o imperador foi mantido prisioneiro [...] e aqui, no interior da grande cidade pagã, aquela música, ressoando sobre os incontáveis templos budistas, causou-me vívida impressão. Mantive-me imóvel até cessarem as últimas notas.¹⁵

O senso de decoro fez o conde ordenar que “o quarto de dormir e a sala privada de sua majestade a imperatriz não sejam usados por nós”.¹⁶ Certa noite, porém, todo o esplêndido edifício, que Cixi criara com carinho ao longo de muitos anos, foi arrasado. Alastrara-se um incêndio, causado por um grande aquecedor que os alemães tinham instalado na despensa. A destruição cortou o coração de Cixi, mas houve um consolo: o dano feito aos palácios, e a Beijing de modo geral, acabou sendo muito menos sério do que ela temera, e isso a deixou grata. Para os moradores da cidade a boa conduta das tropas foi tão inesperada que a creditaram a uma cortesã segundo quem o fato se devera a seus dotes de persuasão, na cama, junto ao conde Von Waldersee. Essa mulher, Mais Bela que a Flor Dourada, viajara com o marido para Berlim, como sua consorte, quando ele lá servira como ministro, na década de 1880.¹⁷ Depois que voltaram para a China, onde o ministro morreu, ela retomou a antiga profissão. Durante a ocupação de Beijing pelos aliados, tirou proveito de seu passado como consorte do ministro e dos rudimentos de alemão que aprendera para fazer bons negócios com oficiais alemães, com os quais era vista amiúde nas ruas de Beijing. Acabou convencendo os alemães de seu grupo a levá-la ao Palácio de Verão, onde residia o conde Von Waldersee, com a óbvia esperança de ser apresentada a ele ou de pelo menos chamar sua atenção. Não se sabe ao certo se ela conseguiu ou não seu intento, mas sua alegação de ter “salvado a população de Beijing” ao seduzir o marechal de campo alemão arrebatou a

imaginação sentimental popular, e Mais Bela que a Flor Dourada se tornou famosa na China, sendo considerada por muitos uma heroína trágica.^b

O Protocolo Boxer, documento que pôs fim à guerra, só foi assinado em 7 de setembro de 1901, um ano depois que os aliados entraram em Beijing. O príncipe Ching e o conde Li, os negociadores chineses, pouco negociaram; apenas esperaram que as potências concordassem entre si o que exigiriam da China.

As potências decidiram não considerar Cixi responsável pelas atrocidades dos boxers. Já o príncipe Duan, pai do herdeiro presuntivo e principal apoiador dos boxers, foi apontado como o principal culpado e condenado à morte, com a ressalva de que o trono, se assim desejasse, poderia lhe poupar a vida, uma vez que ele era um membro destacado da família real. O príncipe foi mandado para Xianjiang, para ali cumprir pena de prisão perpétua. Seis nobres e altos funcionários foram condenados à morte sem ressalvas, e outros receberam sentenças diversas. O trono enviou representantes à Alemanha e ao Japão a fim de expressar o “pesar” do governo pelo assassinio de diplomatas daqueles países. Os Fortes Dagu foram demolidos. E se promulgou uma lei que proibia a criação de sociedades xenófobas ou a adesão a elas.

O artigo do acordo de paz que realmente afetava a vida da população chinesa dizia respeito à indenização, fixada numa quantia desconcertante de 450 milhões de taéis. Chegou-se a essa cifra por meio da soma das reivindicações de todos os países envolvidos, considerando-se o custo da expedição militar de cada um deles e as lesões sofridas por seus integrantes. Os Estados Unidos tinham argumentado que a indenização “deveria estar de acordo com a capacidade da China para pagá-la”.¹⁹ Assim, exortaram as potências a reduzir suas pretensões e, de início, postularam um valor total de 40 milhões. Contudo, a Alemanha “não via motivo algum para as potências mostrarem excessiva generosidade” e de modo geral as demais

concordaram. Segundo o conde Von Waldersee, o Kaiser lhe dissera que “a maior indenização de guerra possível deveria ser imposta aos chineses, uma vez que ele necessitava de dinheiro com urgência para a Marinha”.²⁰ Não havia um órgão que comprovasse a validade da pretensão de cada país, nem um princípio comum para avaliar os valores pretendidos. Cabia a cada país determinar a justeza de sua reivindicação. E muitas não eram justas. O maior montante foi apresentado pela Rússia, cuja estrada de ferro na Manchúria fora atacada por turbas e cujas exigências ascendiam a 29% da indenização total. Em seguida vinha a Alemanha, com 20%; depois a França e a Grã-Bretanha, que primeiro concordaram com a sugestão americana, mas depois resolveram pedir mais. Então vinha o Japão, demonstrando relativo comedimento em comparação com 1895.^c Até os Estados Unidos mudaram de ideia e por fim apresentaram um valor que uma auditoria posterior julgou excessivo.²¹ O total de 462 560 614 taéis foi então arredondado para 450 milhões. Como a população chinesa na época correspondia a mais ou menos esse número, os chineses equivocadamente entenderam (e ainda entendem) que a quantia simbolizava a punição de toda a população.²²

Robert Hart e outros afirmaram que “o país não tem condições de honrar esses pagamentos”. No entanto, outros discordaram. Um bispo francês, Pierre-Marie-Alphonse Favier, declarou “que a família imperial possui um tesouro de 300 milhões de marcos”. Entretanto, até o conde Von Waldersee considerou essa opinião absurda: para ele, contemplar a Cidade Proibida “dá a uma pessoa a impressão de grandeza no passado, mas de degradação no presente”. Num informe ao Kaiser, ele asseverou: “Não posso crer que uma corte que tolera tamanho estado de decadência possa ser dona de grandes riquezas. Não imagino onde tais tesouros possam estar armazenados”. Uma das soluções propostas foi a seguinte: “Cada potência deve indenizar a si mesma e ocupar uma parte do território chinês”. O conde Von Waldersee

desejava “tomar uma parte de Shan-tung [Shandong]”. Esse era o sonho que o Kaiser acalentara e queria que o conde concretizasse. No entanto, outras potências, em especial a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, se opunham a qualquer forma de partilha. O conde Von Waldersee observou que os Estados Unidos “parecem desejar que ninguém obtenha nada da China”.²³ Comovida, Sarah Conger, mulher do ministro americano, escreveu:

Sou muito solidária aos chineses [...]. A China pertence aos chineses, e nunca quis estrangeiros em seu solo [...]. Os chineses pareciam dispostos a sacrifícios sem conta para cumprir esse objetivo [...]. Dividir a China entre as nações acarretaria guerras e um Exército permanente grande e poderoso. A raiva dos chineses se tornaria mais profunda e ativa, e eles inoculariam sua peçonha nos estrangeiros com um veneno ainda não formulado.²⁴

Diante desses argumentos, a ideia de uma divisão foi arquivada. Alguns países propuseram então que a China contraísse mais empréstimos estrangeiros. Robert Hart objetou: a China já estava usando um quarto de sua receita anual para pagar dívidas antigas, e qualquer aumento levaria à insolvência. Profundamente solidário com o infortúnio dos chineses, Hart e um grupo de peritos estrangeiros se dedicaram a descobrir novas fontes de renda. Por fim, persuadiram as potências a elevar as tarifas alfandegárias chinesas para 5% (não passavam então de 3,17% ou menos) e a impor tributos sobre importações até então isentas de impostos: bens de consumo adquiridos por estrangeiros, como vinhos, destilados e cigarros europeus.²⁵ Com isso, o peso da indenização pelos desmandos dos boxers coube em parte aos ocidentais.^d Hart calculou que os novos tributos poderiam render, a cada ano, cerca de 18 milhões de taéis.²⁷

Cixi também refletiu sobre essa nova fonte de arrecadação e calculou que a elevação dos impostos sobre as importações geraria cerca de 20 milhões de taéis a mais por ano.²⁸ Aumentar as tarifas alfandegárias tinha sido o objetivo de Beijing durante anos, e por ocasião da turnê do conde Li pelos

Estados Unidos e Europa em 1896, uma de suas metas principais fora convencer os governos ocidentais a aceitar essa majoração.²⁹ Naquela oportunidade, ele não tivera êxito. Dessa vez, Cixi instruiu seus negociadores a tentar de novo — e mobilizar a ajuda dos britânicos. A Grã-Bretanha era o país com maiores interesses comerciais na China e seria prejudicada se a China se tornasse insolvente. Cixi também confiava no senso de comedimento e moderação dos britânicos — e talvez tivesse tomado ciência da proposta de Hart. A Grã-Bretanha, bem como os Estados Unidos, apoiava o plano. Era como se a avaliação de uma nação pela imperatriz-viúva fosse tão sagaz quanto sua avaliação de uma pessoa. Além disso, ela instruiu o príncipe Ching e o conde Li a negociarem termos de pagamento convenientes, de modo que a nova receita “fosse suficiente para pagar a indenização e que, mesmo se não bastasse, não fosse muito difícil levantar a diferença.³⁰ Por fim, o prazo de pagamento foi fixado em 39 anos, de modo que o pagamento anual chegaria a cerca de 20 milhões de taéis. (Além do principal da indenização, era preciso pagar também os juros.)

Com efeito, as novas receitas pagaram uma boa parte da indenização dos boxers e ajudaram a reduzir o ônus insuportável imposto aos chineses. Ao identificar essas novas fontes de renda, principalmente às expensas dos estrangeiros e de funcionários corruptos, e ao persuadir as potências a aceitar a elevação do imposto sobre as importações, Robert Hart prestara à China um excelente serviço. Numa carta que escreveu na época, ele disse que “fui de alguma utilidade, creio, mas será mais fácil reconhecerem isso no futuro do que agora”.³¹ Cixi deu o devido valor ao trabalho de Hart e lhe conferiu um título que só fora concedido aos dois homens mais importantes do império, o vice-rei Zhang e o general Yuan: guardião auxiliar do herdeiro presuntivo.³² No entanto, passados mais de cem anos da morte da imperatriz-viúva, a China não dá nenhum reconhecimento ou crédito a Hart, que com certeza fez mais pelo país do que qualquer outro estrangeiro — ou do que a maioria dos chineses. Hoje o chinês comum nada sabe a respeito dele, enquanto a indenização dos boxers aparece em todos os livros

didáticos, sendo citada a todo instante para condenar “os imperialistas” e denunciar Cixi por empenhar o país.

Os Estados Unidos têm tido melhor sorte do que Hart, uma vez que o devido crédito foi dado a seu comportamento: depois de receber pagamento durante alguns anos, o país cancelou o saldo, especificando que o dinheiro deveria ser usado na educação. Isso permitiu a fundação da mais importante universidade chinesa, a Tsinghua, e que grande número de jovens recebessem bolsas para estudar em instituições americanas. Os Estados Unidos foram também o único país a devolver à China os lingotes de prata furtados durante a invasão: em 1901, soldados americanos tinham se apoderado de 500 mil taéis no Comissariado do Sal, em Tianjin, e o equivalente em moeda, 376 300 dólares, foi restituído à China seis meses depois.³³

Ao receber as minutas do Protocolo Boxer, em fins de 1900, Cixi foi “tomada por uma profusão de sensações”, uma das quais foi alívio.³⁴ Seus maiores temores tinham sido que o país perdesse a soberania ou que ela fosse obrigada a passar o poder ao imperador Guangxu. Nada disso se materializou. As exigências não eram de todo absurdas e, em comparação com a imposta pelo Tratado de Shimonoseki, a indenização não era tão disparatada. Por isso, e também porque os aliados tinham, de modo geral, protegido os palácios e a capital, Cixi foi tomada de boa vontade para com o Ocidente.

Durante todo o seu exílio, Cixi vinha refletindo sobre o que acontecera. Viu que suas políticas tinham levado à guerra e provocado atrocidades, com centenas de milhares de baixas — entre missionários e cristãos chineses, boxers, soldados e civis. Ainda achava que “os estrangeiros nos tinham espicaçado demais”, quando se lembrava de que logo no começo fora associada aos boxers. No entanto, admitia que “como sou eu a responsável pelo país, não devia ter permitido que as coisas se deteriorassem de maneira tão desastrosa.³⁵ A culpa foi minha. Desapontei não apenas nossos ancestrais, como também nosso povo”. Foi com esse estado de espírito que,

no começo do novo ano, ela expediu um decreto, que denominou de “o decreto da autocensura” (*zi-ze-zhi-zhao*).³⁶ Nele, declarava que ela estivera “refletindo sobre os fatos ocorridos e se sentia trespassada por sensações de vergonha e sofrimento pelos erros que cometera”. Condenava “a turba cruel e ignorante” que havia atacado missões cristãs e as legações, e expressava sua gratidão pelo fato de os aliados não terem revidado na mesma moeda e por não terem “desrespeitado nossa soberania nem retalhado nossa terra”. Em especial, ela meditava sobre os danos que causara: “A dinastia foi levada à beira do precipício. Os espíritos de nossos ancestrais foram devastados, a capital foi conspurcada. Milhares de famílias de letrados e funcionários ficaram desabrigadas e centenas de milhares de soldados e civis estão mortos ou feridos”. Embora procurasse se explicar e direcionar parte da culpa a outras pessoas, como os dignitários que apoiavam os boxers, ela assumia a maior parte da culpa: “Como posso censurar outras pessoas se não tenho como me censurar o suficiente?”. Dava ênfase a seu próprio “remorso pela catástrofe” (*hui-huo*) que causara.

Cixi conhecia o remorso e o expressou em várias ocasiões. O episódio dos boxers se tornou um divisor de águas, e a vida na corte passou a ser balizada entre “antes” e “depois” dele.³⁷ E foi com contrição que ela prometeu uma correção de rumos. Em 29 de junho de 1901, ainda em Xian, Cixi baixou um decreto que sinalizava o começo de uma nova fase em seu reinado. Sua essência era “aprender com o Ocidente”: “A imperatriz-viúva prescreve a seu povo que só adotando o que os países estrangeiros têm de superior poderemos corrigir aquilo de que a China carece”.³⁸ Sentimentos semelhantes tinham sido manifestados no passado, mas do programa de mudanças, dessa vez, constavam “todos os fundamentos que enriqueceram e tornaram poderosos os países estrangeiros” e que compreendiam “regras dinásticas, tradições nacionais, métodos de governo, sistemas educacionais, as Forças Armadas e questões financeiras”. Em outro decreto, ela anunciou:

Executar essas mudanças é uma questão de vida ou morte para nosso país, e dá a nosso povo a oportunidade de levar uma vida melhor. O imperador e eu estamos decididos a empreender as mudanças em benefício de nossa dinastia e em benefício de nosso povo. Não há outro caminho.³⁹

Suas iniciativas foram recebidas com apoio generalizado, apesar da confusão criada pelos boxers, ou por causa dela. A ocupação de Beijing e Tianjin por estrangeiros mostrou à população do norte, da mesma forma como a ocupação de Hong Kong e de Shanghai tinham feito no sul, o que o regime de governo à ocidental era capaz de fazer e como esse regime poderia melhorar a vida dos chineses. O impacto foi ainda mais perceptível no sul, uma vez que essas duas cidades não passavam de aldeias de pescadores e brejais quando os europeus tomaram conta da área no começo da década de 1840, depois da Guerra do Ópio. Já Beijing e Tianjin eram cidades grandes, com milhões de habitantes e concentrações de mandarins, todos os quais agora levavam a vida sob um sistema claro e eficiente. Tianjin fora especialmente beneficiada, pois a ocupação durara dois anos e os aliados tinham instalado um governo provisório.⁴⁰ A cidade estava deixando de ser medieval para se tornar moderna. Ao fim de sua gestão, o governo provisório arrecadara, em impostos, 2 758 651 taéis e gastara 2 578 627, sendo cada tael das despesas bem explicado,⁴¹ com resultados visíveis: pela primeira vez, os moradores da cidade dispunham de água encanada, bondes, iluminação pública e telefones. A cidade gozava de um ótimo serviço de limpeza urbana, e estava sendo implantada uma estrutura de saneamento. Os estrangeiros criaram na cidade uma inovação: banheiros públicos. E a segurança foi garantida pelo policiamento à maneira ocidental.^e Surgiu o consenso de que o Ocidente era um modelo digno de imitação. O vice-rei Zhang, sempre reformista, observou:

Ao contrário do que ocorria há trinta anos, as pessoas agora admiram a riqueza do Ocidente e deploram a pobreza da China; fitam, atônitas, o poderio dos exércitos

ocidentais e desprezam a covardia das tropas imperiais; apreciam a justeza e a eficiência da Alfândega [comandada por Robert Hart] e protestam contra a implicância dos coletores de impostos chineses; elogiam o governo ordeiro das cidades administradas pelo Ocidente e reclamam da irascibilidade de nossas autoridades, sejam elas altas ou não.⁴²

Nas províncias, os vice-reis deram pleno apoio a Cixi, da mesma forma que os reformistas que agora ocupavam os cargos principais no governo central, uma vez que os mandarins xenófobos tinham caído em desgraça ou sido marginalizados. Ainda havia aqueles que odiavam o Ocidente e reacionários, mas se achavam ao menos silenciados e não se atreviam a sabotar o rumo fixado por Cixi. W. A. P. Martin, missionário americano que vivia na China havia décadas, percebeu que “o espírito de reforma se generalizava no país e que o coração do povo estava com ela”.⁴³

Os governos ocidentais reconheciam Cixi como a líder inconteste e começaram a vê-la como uma pessoa que “se ombreia com Catarina da Rússia, Elizabeth da Inglaterra e com as rainhas egípcias Hatshepsut e Cleópatra como uma das grandes governantes femininas da história”.⁴⁴ Decidiram cooperar com ela. Estimulada por esse apoio geral, Cixi se empenhou nos anos seguintes num programa reformista tão amplo e profundo que merece ser descrito como a “verdadeira revolução da China moderna”.⁴⁵

a A Biblioteca Imperial, que abrigava muitas obras de valor inestimável e se situava ao lado da legação britânica, foi incendiada pelos boxers durante o sítio, numa tentativa de atear fogo à legação. Correu a notícia de que os britânicos tinham ateadado o incêndio, e o boato foi levado a Cixi como fato real. Quando a notícia saiu na *Peking Gazette*, o ministro britânico protestou, observando que os ocidentais sitiados na legação tinham, na verdade, combatido

o fogo e tentado salvar os livros. O homem que fizera o relato pediu desculpas — a Cixi e publicamente — por passar uma informação falsa.¹⁰

b Na década de 1930, foi encenada uma peça sobre ela. A futura *Mme. Mao*, Jian Qing, quis fazer o papel de Mais Bela que a Flor Dourada, que, porém, coube a outra atriz, Wang Ying. O rancor de Jian Qing foi tão profundo e virulento que veio a ser um dos fatores em sua vingança pessoal contra Wang, três décadas depois, terminando com a morte da atriz na prisão.¹⁸

c As exigências de todos os países, membros ou não da força aliada, foram as seguintes (em taéis; considera-se que um tael valia três xelins ingleses ou 0,742 dólar americano):

Rússia: 133 316 000

Alemanha: 91 287 043

França: 75 779 250

Grã-Bretanha: 51 664 029

Japão: 35 552 540

Estados Unidos: 34 072 500

Itália: 27 113 927

Bélgica: 8 607 750

Áustria-Hungria: 3 979 520

Países Baixos: 800 000

Espanha: 278 055

Suécia: 110 000

Portugal: nenhuma exigência

Total: 462 538 116 [sic].

(H. B. Morse, *The International Relations of the Chinese Empire*, v. 3, pp. 352-3)

d Além disso, Hart assumiu algumas receitas de coletorias administradas por funcionários que, muitas vezes corruptos, de regra se apoderavam de parte dos impostos que recebiam. Como ele descreveu, “os antigos responsáveis meramente passavam valores nominais ao erário e embolsavam o restante. T’sin, por exemplo, recebia mais de 400 mil taéis e, desse montante, apenas 90 mil chegavam ao erário”.²⁶

e A modernização causou também tristezas. Talvez a maior de todas, para muitos, tenha sido a demolição, “para fins militares e de higiene”, das muralhas majestosas que circundavam a cidade. Tianjin foi a primeira cidade a perder suas muralhas, e para a maioria dos chineses, uma cidade não era uma cidade sem aquelas imponentes muralhas onduladas — ainda que também apreciassem a conveniência e a facilidade de movimentos que passaram a ter sem elas.

PARTE VI
A REVOLUÇÃO REAL DA
CHINA MODERNA (1901-8)

26. Regresso a Beijing (1901-2)

As amplas e drásticas mudanças por que a China passou na primeira década do século XX começaram quando Cixi ainda estava exilada em Xian. Em abril de 1901, ela fundou nessa cidade um Gabinete de Assuntos Políticos, incumbido de gerir, sob sua supervisão, todo o programa de inovação. Ela só deixou Xian, para regressar a Beijing, em 6 de outubro, depois que o Protocolo Boxer foi assinado e os exércitos de ocupação se retiraram (embora ainda permanecessem em Tianjin). Não se sentia segura com tropas estrangeiras na capital, e seus receios encontravam eco na comunidade ocidental. Houve “certo desconforto” nas legações ao ser anunciada a data de seu regresso, como escreveu Robert Hart, que também registrou que “os guardas da legação deverão ficar de prontidão para que nada venha a acontecer [...]. Não acredito que a Corte seja tola a ponto de tentar um golpe, mas [...] se alguma coisa realmente acontecer, vamos ser comidos vivos, e nesse caso esta pode ser minha última carta!”¹

Às sete horas da manhã no dia da partida de Xian, servidores públicos da cidade se reuniram para as despedidas diante da porta do palácio onde a corte estava instalada. Depois de as carroças das bagagens, os guardas montados, os eunucos e ainda os príncipes e os mandarins a cavalo terem iniciado o percurso, sobreveio uma breve pausa. Um eunuco se adiantou e agitou um chicote gigantesco, com cerca de dez metros de comprimento. Era

feito de seda amarela bem trançada e impregnada de cera, com um dragão dourado entalhado no cabo, e o eunuco o estalou três vezes no chão. Isso sinalizou a descida do monarca e serviu de aviso para que todos se detivessem. Cixi e o imperador Guangxu apareceram em liteiras amarelas, seguidos por um grande séquito. Essa coluna colossal serpeou pelas ruas de Xian e saiu pela Porta Sul da cidade, antes de seguir rumo a leste e tomar a estrada para Beijing. Na realidade, a coluna poderia ter saído diretamente pela Porta Leste, mas, por motivos de geomancia, o trono tinha de começar todas as viagens pelo sul.²

Ao longo do caminho, as lojas e as casas se achavam decoradas com sedas e lanternas coloridas, e ao passar o cortejo, os residentes se punham de joelhos. Segundo a tradição, ninguém deveria olhar para o rosto de suas majestades, de modo que alguns se prostravam, enquanto outros baixavam a cabeça e os olhos, cobrindo-os com as mãos, num gesto budista de homenagem. Havia um sentimento sincero de gratidão. Quando Cixi chegou a Xian, a região sofria as consequências de uma colheita desastrosa e as pessoas passavam fome. Com os suprimentos que lhe eram remetidos de outras províncias, ela pôde alimentar a população. Logo o tempo melhorou, e a colheita daquele ano foi excelente. Os moradores atribuíam isso à estada da corte, e multidões ao longo das ruas choravam e bradavam “Viva a Velha Buda! Viva o imperador!”³ Nos pontos em que as multidões se adensavam, Cixi mandava que as cortinas de sua liteira fossem abertas, para que as pessoas pudessem vê-la, num afastamento radical da tradição. Chineses que viajavam ao Ocidente haviam lhe dito que os monarcas ocidentais eram vistos nas ruas. Eunucos-chefes distribuía moedas de prata, e as pessoas idosas ganhavam cartões de prata na forma do ideograma que indicava “longevidade”. Na esperança de ganhar mais prata, alguns residentes acompanharam Cixi durante dias.

Os funcionários que aderiram às manifestações para apresentar suas despedidas chegaram com suas próprias bandeiras, o que acrescentou mais colorido ao espetáculo. Alguns, porém, tinham preferido não aparecer,

embora informados de que sua ausência poderia ter como resultado o bloqueio de promoções durante dois anos. Da mesma forma, ao longo do cortejo real por várias províncias, os servidores públicos foram instruídos a ir às ruas para saudar o imperador, além de fornecer alimentação e bebidas à corte, sendo pagos a eles, para tanto, subsídios generosos. Porém, logo na primeira parada depois de deixarem Xiam, o chefe local não atendeu a nenhuma das solicitações, embora tivesse recebido 27 mil taéis. Ao que parece, ele conseguira o cargo usando sua ligação com o governador da província, a fim de ter acesso ao régio subsídio imperial. Na verdade, porém, não tinha capacidade para organizar uma recepção adequada para um grupo tão grande, com seus complexos protocolos, e por isso se escondeu, enterrando a cabeça na areia. Ao saber disso, numa mansão às escuras e sem velas, Cixi ordenou que ele fosse perdoado e nem mesmo demitido.⁴ Os integrantes de seu séquito comentaram entre si que a Velha Buda tinha realmente amolecido.

Durante a viagem, Cixi visitou montanhas sagradas e locais famosos pela beleza de suas paisagens, passando por trilhas estreitas em vales profundos, compensando-se por todos os anos em que desejara viajar, mas não pudera fazê-lo. Depois de um mês de viagem, chegou a notícia de que o conde Li morreria, em 7 de novembro de 1901, antes de completar oitenta anos, e um mês depois de assinar o Protocolo Boxer. Sua morte privava Cixi de um diplomata de primeira classe, mas não causava nenhuma diferença ao avanço de sua revolução. A fama do conde como “O grande modernizador da China” é exagerada.

A última carta do conde a Cixi — escrita com intensa emoção — logo chegou pelo telégrafo. Nela, ele dizia sentir-se imensamente grato por ter sido a pessoa “que mais cedo e de forma mais profunda merecera sua estima e confiança”;⁵ que lera seus decretos a respeito das reformas iminentes e, sabendo que elas tornariam a China forte, sentia que podia agora “morrer

sem desgosto”. De sua parte, Cixi expediu um decreto pessoal, além do decreto oficial, no qual dizia: “Lendo a carta do falecido conde, fui tomada de pesar”.⁶ O velório do conde estava em andamento na capital, com inúmeras bandeiras brancas, um amplo salão amortalhado de branco e pessoas enlutadas usando mantos ondulantes de aniagem, ao som de música lastimosa. Algum tempo depois, o esquife do conde, um catafalco gigantesco transportado por várias dezenas de homens, foi acompanhado por sua família de volta à sua cidade natal, a mais de mil quilômetros de Beijing, na província de Anhui. Cixi determinou que, ao longo do caminho, as autoridades tomassem medidas que facilitassem o transporte do ataúde, e santuários e pavilhões de repouso foram erigidos no percurso. Segundo Sarah Conger, “em grandeza e esplendor”, o cortejo “superou todas as minhas mais extravagantes fantasias”.⁷ Cixi fez questão de que o conde fosse adequadamente homenageado e que sua família fosse plenamente atendida. Sobretudo, retirou todas as censuras a que ele fora submetido pelo trono.

Ela se achava então em Kaifeng, uma das antigas capitais da China, onde suas acomodações estavam à altura do esperado. Um mês depois de ter recebido a última carta do falecido conde, ainda estava ali, e expediu outro decreto, cumulando a ele e a sua família de novas honrarias.⁸ Evidentemente, o conde fora importantíssimo para ela. A relação de trabalho entre ambos remontava a quatro décadas, e durante muitos anos ele fora seu braço direito — a pessoa que melhor a compreendia. Juntos, haviam obtido grandes avanços e tirado o império de seu isolamento e o inserido no mundo. Contudo, ambos tinham cometido erros fatais que custaram muito ao país e resultaram no afastamento deles próprios. No fundo de seu coração, ela não podia perdôá-lo por seu papel na guerra com o Japão — e pelo declínio da China; já ele se aborrecera com a forma como ela tratara os boxers. Agora ela precisava dele, sobretudo para protegê-la de uma possível humilhação, e até de agressão, por parte de ocidentais (com os quais ele se dava bem), assim que ela retornasse a Beijing. Hesitando, ela se deixava ficar em Kaifeng — até o dia em que chegou um telegrama do

general Yuan Shikai, que sucedera ao conde como vice-rei de Zhili e comissário imperial para o norte da China.⁹ Cixi lhe concedera esses altos cargos como recompensa por ele ter denunciado o complô contra sua vida em 1898, e, ademais, a capacidade do general correspondia à sua lealdade. Seu telegrama informava a Cixi que os exércitos estrangeiros não deixariam Tianjin, que ainda estavam ocupando, a menos que ela voltasse para Beijing. Cixi partiu de Kaifeng imediatamente.

Ainda em Kaifeng, mas já pronta para voltar à capital, Cixi anulou o título do herdeiro presuntivo e o afastou da corte.¹⁰ O pai do adolescente, o príncipe Duan, fora apontado como o principal responsável pelas atrocidades dos boxers. Cixi sabia que tudo o que o príncipe fizera em relação aos boxers na verdade fora aprovado por ela e que lhe cabia a responsabilidade final. Sentindo-se em dívida, ela preservara a posição do herdeiro presuntivo na corte, embora muitas pessoas insistissem com ela para que revogasse seu título. Ela própria estava ciente de que o herdeiro presuntivo não tinha condições de ocupar o trono. Não demonstrava aptidão para os assuntos de governo e lhe faltava o porte de um monarca. Só se interessava por seus animais de estimação, que eram muitos — cães, coelhos, pombos e grilos —, e adorava pregar peças. Certa vez, fez com que o imperador Guangxu — seu tio e o Filho do Céu — se estatelasse no chão. Sua majestade foi se queixar, choroso, a Cixi, que determinou que o herdeiro presuntivo recebesse vinte açoites (praticamente simbólicos). Os eunucos o tinham em baixa conta e lhe dirigiam chacotas quando o rapaz brincava com eles de uma forma que lhes parecia inadequada para uma pessoa de sua posição. Entretanto, Cixi esperou que um ano inteiro se passasse antes de revogar seu título. Não queria “amontoar geada em cima de neve”, como rezava um velho ditado chinês. Agora chegara o momento de agir, mas o decreto não mencionava nenhum de seus defeitos. Declarava que ele próprio pedira que fosse liberado da missão de ocupar o trono, alegando suas

circunstâncias problemáticas. O jovem deixou a corte como um príncipe, com sua velha ama, para se unir ao pai no exílio.

Chegara também o momento de se despedir do chefe de condado Woo. Cixi lhe deu um cargo na província litorânea de Guangdong, dizendo que o transferia para uma área próspera por saber que ele enfrentara problemas financeiros durante o tempo em que a servira. Queria dizer que ali ele teria chances de ganhar dinheiro. Tais práticas corruptas eram um meio de vida. Os chineses sabiam que esses hábitos eram um sério mal, fazendo com que os ocidentais os desprezassem, mas não viam solução. Apesar de todas as suas reformas radicais, no passado e no futuro, a própria Cixi jamais tentou atacar o problema. Deixava-se levar pela onda, e, ao proceder dessa forma, era inevitável que contribuísse para avolumá-la.

Durante a audiência, enxugando as lágrimas, Cixi disse a Woo o quanto estava grata a ele, que fora para ela um amigo na adversidade. Declarou ainda que estava triste por partir e que teria sempre saudades dele. Deixando a audiência com os presentes da imperatriz-viúva — taéis de prata e rolos de ideogramas que ela própria escrevera —, o chefe de condado Woo sentia-se dominado pela gratidão.¹¹

A seguir, Woo trabalhou incansavelmente, durante um dia e uma noite, a fim de cuidar dos pormenores da travessia do rio Amarelo quando Cixi e seu séquito deixassem Kaifeng. Uma nevasca se abatera sobre a antiga capital na véspera, mas o tempo já limpara na hora da partida e a travessia se deu sem transtorno algum. À sua despedida compareceram autoridades e moradores da cidade, todos de joelhos. Cixi rezou numa tenda erguida à beira do rio e prestou homenagem ao deus do Rio. Depois, seguiu numa barcaça decorada em forma de dragão, e a flotilha, com galhardetes coloridos, rumou para norte, impulsionada por remadores, num espelho d'água imóvel como vidro, só quebrado pelos remos. Cixi estava exultante. Via a viagem, “notavelmente tranquila”,¹² como sinal da proteção dos deuses

— e de aprovação do caminho que ela escolhera. Mas também recompensou os barqueiros generosamente por seu trabalho.

A última parte da viagem de Cixi, que durou três meses, foi feita de trem, no trecho norte da grande Estrada de Ferro Beijing-Wuhan, cuja história era quase tão conturbada quanto a da própria imperatriz-viúva.¹³ No ano anterior, os boxers tinham destruído a linha fora de Beijing e incendiado estações. A ferrovia fora reparada pelos invasores estrangeiros, que depois a entregaram a seu governo, com um vagão especial para o uso privativo da imperatriz-viúva. Cixi chegou a Beijing, com toda pompa, em 7 de janeiro de 1902, e entrou na capital pelas Portas do Sul, que até então tinham sido reservadas para uso exclusivo do imperador: primeiro, a Qianmen, cuja torre imponente fora queimada durante o caos criado pelos boxers, mas desde então fora reconstruída; depois, mais a norte, pela Porta da Grande Dinastia Qing. No entanto, ela se deteve na porta de entrada para a Cidade Proibida propriamente dita e deu a volta para entrar pela porta dos fundos, a do harém.¹⁴ O fato de uma mulher entrar na Cidade Proibida por sua porta principal teria sido visto como uma afronta tão chocante à sacralidade do monarca que Cixi fez questão de não violar essa regra.

Na Cidade Proibida, um de seus primeiros atos foi rezar aos ancestrais da dinastia Qing. E assim que se tomaram as necessárias providências, ela levou a corte aos Mausoléus do Leste, para render homenagem aos ancestrais ali sepultados e lhes pedir proteção. Durante a estada ali, ela viu um macaquinho que saltitava na tenda de um funcionário. Manifestou seu apreço pelo animal e foi devidamente “homenageada”. Daí a pouco o animal estava saltitando a seu lado, usando uma bela roupinha de seda amarela.¹⁵

No entanto, antes de qualquer outra coisa, no dia seguinte à sua volta do exílio, Cixi homenageou a concubina imperial Pérola, que ela ordenara que fosse afogada pouco antes de partir.¹⁶ Foi um ato de contrição, mas também uma tentativa de fazer as pazes com o filho adotivo, que cooperara com ela durante vários anos e principalmente por ocasião do exílio. Acima de tudo, talvez, Cixi estava fazendo um gesto destinado aos olhos das potências

ocidentais, às quais o assassinato escandalizara. Ela estava decidida a lhes conquistar as boas graças. Isso faria uma enorme diferença para o país e para o modo como ela própria seria tratada. Os pagamentos anuais da indenização boxer poderiam variar bastante, a depender das taxas de câmbio, e, com boa vontade, as potências estrangeiras poderiam adotar o método de cálculo mais vantajoso para a China. Além do mais, a transformação do império precisava da cooperação de uma comunidade internacional amistosa.

27. Fazendo amizade com os ocidentais (1902-7)

Ao entrar em Beijing, Cixi rompeu a tradição e anunciou que os estrangeiros seriam bem-vindos para assistir ao cortejo real.¹ Os diplomatas foram convidados a vê-lo de determinado edifício que proporcionava uma boa visão dos procedimentos. Outras pessoas ficariam no alto das muralhas da cidade. Uma delas tirou uma fotografia da imperatriz-viúva fora de sua liteira e prestes a entrar num prédio. Ela aparece, nessa foto, virando-se para acenar para eles lá de baixo, com um lenço na mão e suas vestes, com bordados pesados, ondulando. Acenar para espectadores era um gesto nunca visto na China. Cixi tomara conhecimento dele em descrições de monarcas estrangeiros, feitas por viajantes que ela enviara ao exterior.

Vinte dias depois de sua volta, em 27 de janeiro de 1902, o corpo diplomático teve uma audiência com Cixi e o imperador Guangxu. Não houve nenhum biombo de seda, e ela se sentou num trono. Nas palavras de Sarah Conger, a recepção foi “séria e bastante respeitosa”.² Dias depois, Cixi deu outra recepção para as famílias dos diplomatas. Como a imperatriz-viúva não podia socializar com homens, seu esforço no sentido de estabelecer relações amistosas se concentrava nas mulheres ocidentais. “A corte está exagerando em matéria de civilidade”, escreveu Robert Hart,

jocosos. “A imperatriz-viúva recebe não só as esposas dos ministros, como também as *crianças* das legações!”³

No dia da recepção, o céu estava invulgarmente claro, sem nada das frequentes e cegantes tempestades de areia. Antes da audiência, Sarah Conger, a decana das senhoras do corpo diplomático e cristã devota e indulgente, reuniu as mulheres para lhes solicitar que se mostrassem corteses. Num dos palácios da Cidade Proibida, Cixi sentou-se atrás de uma longa mesa que lembrava um altar, sobre a qual havia um cetro de coral. Sorriu ao reconhecer Sarah Conger, que estivera em sua recepção anterior, três anos antes, e posteriormente tivera de enfrentar o sítio das legações.⁴

Durante o tumultuoso episódio dos boxers, os Estados Unidos tinham mostrado a máxima boa vontade para com a China e Cixi. Agora, na recepção, Mrs. Conger se dirigiu à imperatriz-viúva de maneira amistosa, e Cixi respondeu no mesmo tom, com um discurso escrito, lido pelo príncipe Ching, que se aproximara do trono e, de joelhos, o recebera das mãos dela. Todas as senhoras e crianças foram apresentadas a Cixi, que as saudava com uma espécie de aperto de mão. A seguir, elas foram apresentadas ao imperador Guangxu, que segurou a mão de cada uma das senhoras.

Findas as apresentações formais, e assim que o grupo foi conduzido a outro palácio para uma recepção informal, Cixi chamou Sarah Conger, que escreveu:

Ela tomou minhas mãos nas suas, e seus sentimentos a dominaram. Quando pôde controlar a voz, disse: “Eu lamento e lastimo os problemas recentes. Foi um erro grave, e a partir de agora a China será amiga dos estrangeiros. Nenhum episódio desses voltará a se repetir. A China protegerá os estrangeiros, e espero que a amizade nos una no futuro”.

Isso foi, ao mesmo tempo, uma representação e uma declaração sincera. No banquete que se seguiu, encenou-se um ritual de reconciliação. Mrs. Conger assim o descreveu: Cixi

ergueu sua taça de vinho, e fizemos o mesmo. Ela pôs sua taça em minha mão esquerda, apertou suavemente minhas duas mãos juntas, de modo que as taças se tocaram, e disse: “Unidas”. A seguir, pegou minha taça, deixando-me com a dela, e ergueu a taça na direção de todas as senhoras, que fizeram o mesmo. Cixi repetidamente me assegurou que problemas como os dos dois anos anteriores nunca mais deveriam voltar a ocorrer. Suas maneiras eram ponderadas, sérias em todos os sentidos, e sempre atentas ao conforto e ao prazer de suas convidadas. Seus olhos são brilhantes, atentos e vigilantes, de forma que nada escapa à sua observação. Seu rosto não mostra nenhuma marca de crueldade ou rigidez; a voz é baixa, suave e bondosa.

Era evidente que Cixi causara a impressão que pretendia.

Em seguida, Cixi e suas convidadas estrangeiras sentaram-se para comer, o que foi algo de extraordinário, porquanto as normas da corte requeriam que os comensais que a acompanhassem ficassem de pé. No entanto, a experiência acabou se mostrando desagradável. A um lado dela sentava-se a “primeira-dama” da legação britânica, Lady Susan Townley, mulher do primeiro secretário, uma vez que o ministro da legação, Sir Ernest Satow, era solteiro.⁵ Lady Townley tinha chegado à China depois da agitação dos boxers, com “uma clara aversão à ideia de se ver cercada de criados chineses... Imaginei que seriam sujos e fedidos, com mãos repulsivas”.* Durante o banquete, ela se aproximou um pouco de Cixi e lhe pediu um presente, a tigela da qual a imperatriz-viúva estava comendo. Lady Townley sabia bem que a etiqueta da corte determinava que ninguém deveria dividir pratos com um soberano. Seu pedido só podia ser entendido como um insulto. Mais tarde Cixi disse a uma dama de companhia: “Esses estrangeiros parecem pensar que os chineses são ignorantes e que, portanto, eles não precisam ser tão corteses como seriam na sociedade europeia”.⁶ Mas Cixi

também sabia que muitos ocidentais a detestavam por causa dos boxers. Ela engoliu o insulto e fez a vontade de Lady Townley (que mais tarde se jactou de seu “presente diferente de todos os outros”). Cixi continuou a se mostrar amável com a mulher, que viria a se descrever como a “Primeira Favorita” da imperatriz-viúva. A amabilidade não diminuiu nem mesmo quando Lady Townley foi flagrada tentando se apoderar de outros tesouros do palácio. Um ocidental que a ouvira pedindo a Cixi sua tigela escreveu:

Em outra ocasião, a senhora mencionada acima tirou um adorno de um armário e já o levava consigo quando uma camareira do palácio lhe pediu que o devolvesse a seu lugar, dizendo que ela era responsável por tudo o que ali havia e que seria punida se faltasse alguma coisa.

Cixi não se mostrou contrariada com Lady Townley, em parte, é claro, porque ela era uma representante da Grã-Bretanha. Mas talvez a imperatriz-viúva também discernisse algo de mais interessante nela. A caminho da China, num vapor, Townley vira uma menina sendo submetida ao processo de atadura dos pés e foi tomada de piedade pelas “pobres criancinhas”.

Esse banquete foi o único a que Cixi compareceu, porém ele assinalou o começo de sua frequente socialização com mulheres ocidentais. Como ela disse às mulheres dos diplomatas no fim desse banquete: “Espero que nos vejamos com mais frequência e nos tornemos amigas quando nos conhecermos melhor”. Como a troca de presentes (principalmente presentes de natureza pessoal) era uma forma vital de expressar boa vontade na China, Cixi cobria essas mulheres de presentes. Nessa ocasião, ela tomou as mãos de Sarah Conger nas suas e,

tirando de um de seus dedos um pesado anel de ouro com uma elegante pérola engastada, meteu-o num de meus dedos; a seguir, tirou dos pulsos ricos braceletes e os

pôs nos meus. A cada uma das senhoras, ela deu presentes de grande valor. As crianças e os intérpretes também foram lembrados gentilmente.

Nas legações, os homens decidiram que Cixi estava tentando subornar suas mulheres e pediram que a corte não voltasse a lhes dar presentes no futuro. Robert Hart observou: “As audiências correram tão bem, todas elas, que os críticos as consideram agradáveis demais, e por isso suspeitam de insinceridade”.⁷ Acusavam Cixi de tentar “adular os estrangeiros e lhes conquistar as boas graças, de modo a receber melhor tratamento por parte das potências”.⁸ Esse era, indubitavelmente, um dos motivos. Mas, como disse Sarah Conger, “Esse dia histórico não pode causar mal...”.

Seguiram-se outros gestos de boa vontade, com destaque para convites para visitas aos Mausoléus do Oeste e do Leste, ao Palácio de Verão e até à Cidade Proibida. Quando os visitantes passavam pelos aposentos privados de Cixi, viam os presentes dados por seus países. Retratos do czar e da czarina da Rússia se achavam sobre uma mesa por ocasião da visita da mulher do ministro russo. E duas gravuras em aço da rainha Vitória, uma delas em trajes reais e a outra com o príncipe Albert, cercados por seus filhos e netos, pendiam de paredes para atrair os olhos dos britânicos, ao lado de uma caixinha de música e outros ornamentos presenteados pela rainha.⁹ Muitos relógios europeus substituíam a habitual exposição de estatuetas de Buda em jade branco e verde.

Para Sarah Conger, o segundo encontro de Cixi com as mulheres dos diplomatas se revestiu “de muito significado feminino”. A imperatriz-viúva fez algo de impensável — convidar as senhoras estrangeiras à privacidade de seu quarto de dormir. “Ao sermos levadas a esse cômodo privadíssimo, sua majestade parecia felicíssima e fez um gesto amplo para um *kang* ricamente drapejado e almofadado que se estendia por todo um lado do longo

cômodo.” Era no *kang* — um leito e poltrona de tijolos, aquecido — que Cixi gostava de sentar-se. Ali, como que por travessura, ela deu mais presentes às senhoras:

Sua majestade se aproximou do *kang* e fez um gesto para que eu e as outras fizéssemos o mesmo. Tirou da prateleira um menininho de jade, meteu-o na minha mão e, com ações mudas, interpretou suas palavras: “Não diga nada!”. Levei para casa aquela preciosidade, de que gosto muito. Ela demonstrava boa vontade, e não pretendo deixar que essa sensação se dissipe... Fiquei realmente agradecida e pude ver o bom espírito se manifestar naquela mulher que o mundo tanto tem condenado com furor.

Outros presentes se seguiriam. Sabedora do apreço que Mrs. Conger tinha pelos pequineses, um “belo cachorrinho preto” chegou à legação americana numa “cesta acolchoada de cetim vermelho”, completada por uma coleira montada em ouro, com uma longa guia de seda e um gancho de ouro”. Para a neta recém-nascida de Mrs. Conger, Cixi mandou “caixas de seda amarela contendo dois belos ornamentos de jade [...] os primeiros presentes que ela dava a um bebê estrangeiro”.¹⁰

Com certa frequência, vasos de peônias e orquídeas de seus jardins, cestas de frutas de seus pomares, caixas de bolos e bolas de chá chegavam às legações, com os bons votos de Cixi. A cada ano-novo chinês, peixes — um símbolo dos mais auspiciosos, por ter o mesmo som de “abundância” — eram ofertados às famílias dos diplomatas. A legação americana recebeu um espécime colossal, com quase três metros de comprimento e pesando 164 quilos. À sua maneira, muito chinesa, Cixi procurava construir boas relações, e em Sarah Conger encontrou uma amiga das mais valiosas, que sem dúvida facilitou suas transações com as potências estrangeiras. A amizade contribuiu para gerar simpatia pela China nos Estados Unidos e facilitou a revogação da indenização dos boxers pelo governo americano.

Em sua ofensiva de boa vontade, Cixi incentivou outras chinesas a fazerem amizade com os ocidentais. Logo depois da primeira recepção,

Sarah Conger, que era simpática aos chineses (“Embora haja muita coisa que considero indesejável, também vejo no caráter deles muitas outras coisas que admiro [...]).¹¹ Eu realmente quero conhecê-los. Gosto dos chineses.”), convidou algumas senhoras da corte a um jantar na legação americana.¹² A filha adotiva de Cixi, a princesa imperial, atuou como sua representante e encabeçou a lista de onze convidadas. Tida como “de aparência modesta e de porte nobre”¹³ e famosa por “fazer a mais graciosa reverência entre todas as senhoras da corte”, ela chegou numa liteira amarela. As outras princesas foram levadas em liteiras vermelhas, e as de graduações inferiores em liteiras verdes, enquanto o intérprete seguia numa carroça oficial puxada a burro. Chegaram à porta da legação com 481 criados, havendo oito eunucos para cada uma delas e sessenta soldados. Para os chineses, quanto mais alta a posição de uma pessoa, maior era o número de seus criados. “Que coisa impressionante!”, exclamou Mrs. Conger. A princesa imperial trouxe saudações de Cixi, que “espera que as amenas relações existentes entre os Estados Unidos e a China persistam para sempre como são hoje”. Quando as senhoras partiram de volta, “o grandioso cortejo passou sob a bandeira americana para as ruas da bandeira do dragão [...] todos os chineses foram afastados das ruas por onde passava o cortejo, mas milhares deles estavam em outro local apreciando a vista”.

Algum tempo depois, foi a vez de as senhoras da corte convidarem as senhoras estrangeiras,¹⁴ e Mrs. Conger foi com quase cem criados “para agir de acordo com o costume chinês”. Depois disso, as mulheres passaram a confraternizar e se tornar amigas. No começo de 1903, Mrs. Conger descreveu sua vida recente numa carta à filha, que já estivera com ela na China:

Você nota o abandono de costumes antigos e a abertura, aos pouquinhos, das portas trancadas? Eu percebo e gosto disso [...] as mulheres de altas autoridades, tanto manchus quanto chinesas, estão abrindo suas portas para nós, e eu também as recebo em minha casa. As ideias que eu fazia das senhoras chinesas estão passando por grandes

mudanças [...]. Vejo que elas estão interessadas no que se passa em seu próprio país e também no que acontece em outros países. Elas analisam os editos e leem seus jornais. Às vezes eu me refiro a notícias e fatos a fim de ouvir o que pensam a respeito e descubro que elas têm muitas informações a dar.

“Vejo que temos muitas opiniões e ideias em comum”, descobriu Mrs. Conger. As chinesas tinham lido livros traduzidos por missionários. Elas “falavam da descoberta da América por Colombo, do desembarque dos peregrinos, de nossos problemas com a Inglaterra, da independência das colônias, de nossa Declaração de Independência”. Uma delas estava “muito interessada no sistema monetário do professor Jenks”, um sistema que o professor Jeremiah Jenks, da Universidade Cornell, propusera naquele ano para a China. O ministro americano, Edward H. Conger, estava tão impressionado quanto sua mulher. Um almirante americano perguntou a Mr. Conger: “Sobre o que as senhoras conversam? Sobre vestidos e joias?”, e ele respondeu: “Nada disso. Elas conversam sobre os problemas na Manchúria, sobre questões políticas e muitos outros assuntos ligados ao governo”. Pelo menos algumas senhoras da corte deviam ter sido instruídas a fazer o dever de casa, uma vez que Cixi sabia que os ocidentais respeitavam as mulheres que mostravam ser inteligentes e ter opiniões próprias.

Sarah Conger e Cixi se encontravam com frequência e conversavam bastante.¹⁵ Cixi contou à americana suas experiências no ano de 1900, relatando “em detalhes os incidentes de sua fuga e os da corte; falou-me de seus sofrimentos e privações [...]. Sua majestade referiu-se a muitos assuntos a respeito dos quais eu imaginava que ela nada soubesse”. Além de falar, Cixi também escutava: estava “interessadíssima em ouvir o que eu tinha a dizer sobre a China”. Quando se encontraram depois de Sarah Conger ter viajado por grande parte da China em 1905, a americana registrou suas impressões: “Os chineses estão, como nunca antes, em busca de ideias vindas do exterior [...]. O mundo inteiro percebe o surgimento de visões mais amplas”. Sarah Conger estava dando a Cixi algo de extremo valor

para a imperatriz-viúva: as opiniões de uma ocidental quanto às reformas monumentais que ela lançara.

Sarah Conger sentia-se “indignada com as medonhas e injustas caricaturas” de sua amiga na imprensa ocidental”, ao mesmo tempo em que se avolumava nela “um desejo crescente de que o mundo a visse melhor, como ela realmente é”. Por isso, em entrevistas a jornais americanos, falou de Cixi “como passei a conhecê-la depois de muitos encontros”. O retrato de Cixi traçado pela americana e o fato de terem se tornado amigas íntimas criaram uma imagem nova, mais simpática, da imperatriz-viúva, sobretudo nos Estados Unidos. A imprensa passou a reconhecer suas reformas, ainda que normalmente as creditassem a Mrs. Conger, afirmando, por exemplo, que, “graças à influência de Mrs. Conger, têm ocorrido inúmeras mudanças”.¹⁶ “A soberana da China americaniza seu império”, dizia uma manchete.¹⁷ Mesmo com relutância, os jornais começaram a apresentar Cixi como uma progressista, e um cartum chegou a mostrá-la em atitude belicosa diante de um militar, com uma legenda: “Ela ordena que os pés das mulheres sejam desatados”.¹⁸ (O desatamento dos pés femininos foi o tema de um dos primeiros editos de Cixi ao voltar para Beijing.) Sarah Conger contribuiu para melhorar a imagem de Cixi na imprensa ocidental.

Cixi se sentia agradecida e tinha pela americana uma amizade verdadeira. Em 1905, quando o ministro foi nomeado para outro posto, os Conger tiveram de deixar a China. Cixi conferiu a Sarah um título altissonante e acumulou-a de belos presentes. Antes da partida, a americana fez mais uma visita a Cixi para se despedir e, depois das formalidades, “estávamos sentadas e, como uma mulher com outra mulher, conversávamos”.¹⁹ E mais adiante:

Depois de nos despedirmos e quando eu me afastava de sua majestade, pediram que eu voltasse. A intérprete pôs em minha mão uma “pedra da sorte” — uma jade sangue, ao mesmo tempo em que dizia o seguinte: “Sua majestade tirou a pedra da sorte de seu

corpo e quer que a senhora a use durante sua longa viagem pelas grandes águas, para que chegue em segurança a seu ilustre país”.

Sem nenhuma característica que o tornasse especial, aquele pedaço de jade tinha passado por muitas gerações da dinastia Qing e fora usado pela própria Cixi durante seu reinado, como um amuleto que a livraria de tribulações. Separar-se de tal objeto não era coisa de somenos. Fazê-lo por impulso mostrava os sentimentos reais de Cixi. Os Conger continuaram a receber mensagens dela depois de partirem.²⁰

*

Em seu esforço para melhorar a reputação de Cixi no Ocidente, Sarah Conger teve a ideia de fazer com que uma pintora americana pintasse o retrato da imperatriz-viúva para a Exposição de Saint Louis em 1904. Cixi concordou, embora a um elevado custo psicológico. Tradicionalmente, só se pintavam retratos de ancestrais *falecidos* (ainda que houvesse aquarelas de cenas da vida cotidiana), e Cixi, apesar de todas as suas quebras de convenções, era supersticiosa. No entanto, não quis recusar o gesto de amabilidade da amiga — e também queria aproveitar a chance de promover sua imagem.

Recomendaram a Sarah Conger o nome da pintora Katharine Carl, cujo irmão trabalhava na Alfândega chinesa, e a artista chegou à corte em agosto de 1903.²¹ Cixi prometera posar uma única vez, e o fez com vestes esplêndidas, como convinha à imperatriz-viúva da China. Usava um vestido de brocado amarelo-imperial, ricamente bordado com fios de pérolas formando desenhos de glicínias. Do botão superior, no ombro direito, pendia uma fiada de dezoito pérolas enormes, separadas por contas de jade. Desse botão pendia também um grande rubi, com borlas de seda amarela rematadas por duas imensas pérolas periformes. Trazia sob um braço um

lenço bordado, de seda azul-clara, e sob o outro uma bolsinha de perfume com longas borlas de seda preta. O toucado tinha joias de espécies diversas, assim como grandes flores frescas. Braceletes e anéis lhe adornavam os braços e as mãos, e como que para ampliar a área e permitir mais atavios, protetores de unhas, com pedrarias, cobriam dois dedos em cada mão. Tampouco os pés tinham sido negligenciados: os sapatos de cetim bordado e biqueiras quadradas se cobriam de pequeninas pérolas, deixando nus apenas os solados, de vários centímetros de altura. Caminhando sobre esses calçados pouco confortáveis, Cixi se aproximou animadamente de Miss Carl e perguntou onde o Trono do Duplo Dragão, seu assento, deveria ser posto. E assim a artista começou a trabalhar, num salão onde contou 85 relógios a tiquetaquear e carrilhonar, e sentindo os olhos de sua modelo “fixados penetrantemente em mim”.

Aquele olhos avaliaram que Miss Carl era uma pessoa objetiva, de personalidade forte e natural. Cixi gostou dela. Depois de posar, escreveu Katharine Carl, “me perguntou, fitando meus olhos, se eu não me importaria de permanecer no palácio alguns dias, para que ela pudesse posar para mim com mais vagar”. A pintora, que muito depressa se afeiçoara a Cixi, ficou radiante. “As informações que eu ouvira sobre o ódio de sua majestade pelos estrangeiros foram dissipadas por essa primeira audiência e pelo que eu tinha visto ali. Senti que a mais consumada atriz não seria capaz de simular tão bem aquela personalidade.”

A artista permaneceu nos palácios quase um ano. Por intermédio dela, Cixi estava permitindo a entrada do mundo exterior na misteriosa corte chinesa. Além disso, ela apreciava a companhia de Katharine, que morava na Cidade Proibida, via Cixi praticamente todos os dias e socializava com as pessoas na corte. Com olhos sensíveis e observadores, ela se aproximou de Cixi mais do que a maioria dos cortesãos. Notou sua autoridade intimidadora, em especial porque o retrato dela era tratado “com o respeito que um oficiante piedoso concede aos Vasos Sagrados da Igreja”. Até mesmo os materiais de pintura da artista se investiam de uma espécie de aura

semisacra. “Quando sua majestade se cansava e mostrava que desejava encerrar a sessão, o eunuco tirava de minhas mãos os pincéis e a paleta, removia do cavalete o retrato e o levava, com reverência, para um cômodo que fora separado para ele.” Os pincéis e a paleta eram guardados cuidadosamente em amplas caixas chatas, feitas sob medida, que eram então trancadas, sendo as chaves confiadas ao eunuco-chefe.

Katharine Carl viu como Cixi fazia valer sua vontade, nesse caso apresentando seus pedidos com relação ao retrato com timidez, como se pedisse um favor. “Ela tomou minhas mãos nas suas e disse, quase num tom de súplica: ‘Há um pedaço de enfeite que não está bem acabado. Você vai consertar isso para mim, não vai...?’” Ela pedia desculpas ao fazer um pedido: “Estou lhe dando muito trabalho, e você é muito gentil”. Um pedido feito com acanhamento e ansiedade dizia respeito à data em que o retrato seria dado por terminado. Tinha de ser uma data auspiciosa: a pintora não poderia dizer simplesmente que ele estava pronto como lhe aprouvesse. Depois de consultas a almanaques, decidiu-se que 19 de abril de 1904 seria a data certa e quatro da tarde o horário ideal. Miss Carl concordou de imediato, e Cixi pareceu imensamente aliviada.

Uma coisa que impressionava Katharine era a paixão de Cixi por seus jardins.

Por mais preocupada ou aflita que ela estivesse, parecia encontrar consolação nas flores! Encostava uma flor no rosto, aspirava sua fragrância e a acariciava como se fosse um ser sensível. Cuidava pessoalmente das flores que enchiam seus aposentos, e punha, com gestos lentos, um belo botão numa luz melhor ou virava uma jardineira para que a muda ali plantada ficasse numa posição mais favorável.

Ambas tinham em comum o amor por cães. A imperatriz-viúva tinha um canil amplo e luxuoso, que Katharine visitava com frequência. Notando isso, Cixi lhe deu de presente um de seus animais. Um dia,

trouxeram uns filhotinhos para que a imperatriz-viúva os visse. Ela afagou a mãe e examinou, com olho crítico, os cachorrinhos. Depois me chamou para que eu também os visse e perguntou de qual eu gostara mais [...] chamou minha atenção para suas boas características e insistiu em que eu pegasse no colo cada um deles.

Como Katharine se sentisse constrangida em escolher um filhote, Cixi mandou que um deles lhe fosse entregue de presente: “um belo pequinês branco e âmbar”. Na verdade, aquele era o filhote predileto de Katharine, pelo qual mostrara maior interesse ao visitar o canil. Ficou evidente que Cixi prestara bastante atenção às reações da pintora.

Katharine conheceu o lado mais solícito de Cixi, de uma forma bastante pessoal e feminina. Certo dia, estavam dando um passeio ao ar livre.

Como já anoitecia e eu levava um vestido muito leve, sua majestade achou que eu estava com frio e, vendo que eu não trazia comigo nenhum agasalho, pediu ao eunuco-chefe que lhe trouxesse um dos dela. Ele escolheu um dos agasalhos que sempre eram levados nessas caminhadas e o entregou à sua majestade, que o jogou em meus ombros. Disse-me que eu podia ficar com ele para mim e que no futuro procurasse cuidar melhor de mim mesma.

Quando o inverno se aproximava, Cixi mandou uma criada aos aposentos de Katharine para pegar um dos vestidos europeus dela, feitos sob medida, e pediu aos alfaiates da corte que o copiassem em seda acolchoada. Deu a Katharine uma faixa longa e macia para ser presa de lado, dizendo que com ela o vestido ficava mais gracioso. Como o tempo esfriasse ainda mais, Cixi desenhou para Katharine uma longa capa forrada de pele, um híbrido dos

estilos europeu e chinês, que a artista não só achou linda, como também boa de usar para pintar. A imperatriz-viúva também escolheu para Katharine um chapéu bege, cor que, em sua opinião, combinaria bem com seu cabelo louro, e com um desenho que, segundo ela, destacaria sua personalidade marcante.

Todos esses trajes e acessórios eram presenteados à pintora com cuidado, uma vez que Cixi tinha em mente que talvez a americana poderia não gostar da roupa de outra cultura. Os trajes da própria Cixi eram expressões de sua identidade étnica. A única ocasião em que não vestiu trajes manchus foi durante sua fuga, quando usou roupas que pertenciam à família do chefe de condado Woo, da etnia han. Disse a Katharine que suas roupas novas só tinham finalidade prática e não violariam sua personalidade. Demonstrando a mesma sensibilidade quando ofereceu um *garden party* às senhoras do corpo diplomático, Cixi fez com que Katharine fosse tirada do palácio para ir ter com Mrs. Conger e voltasse à Cidade Proibida com as senhoras da legação americana — para que a pintora não se sentisse embaraçada por parecer que fazia parte do séquito da imperatriz-viúva. Ao sair para passeios nos jardins, Cixi colhia florzinhas e as prendia nas orelhas de Katharine, num gesto de intimidade que a moça entendeu que se destinava “a assegurar que fosse tratada de forma semelhante pelas senhoras e pelos eunucos”. Cixi também fazia questão de que Katharine fosse incluída em todas as atividades recreativas. O começo da temporada de empinar pipas, na primavera, foi uma dessas ocasiões, quando mandarins e letrados corriam de um lado para outro como crianças. Segundo o costume, cabia à imperatriz-viúva fazer subir a primeira pipa. Nesse dia, Cixi convidou Katharine ao jardim e, depois de soltar a linha e empinar a pipa habilmente, entregou a linha à americana e se ofereceu para lhe ensinar as artes do brinquedo.

Cixi tratava Miss Carl como uma amiga, e as duas tinham muito em comum. Ninguém apreciava mais os jardins de Cixi do que a pintora americana. “O prazer requintado que me causava a contemplação dessa vista gloriosa me fazia estremecer de felicidade.” Riam juntas. Um dia Cixi saiu

para ver seus crisântemos em plena floração, enquanto Katharine continuava a trabalhar. Ao voltar, a imperatriz-viúva lhe trouxe uma nova variedade e disse: “Eu lhe darei uma coisa bonita se você adivinhar o nome que dei a essa flor”. A pintora disse que a flor curiosa, com pétalas que lembravam cabelo e um centro compacto, parecia a cabeça calva de um ancião, e, diante dessa resposta, Cixi exclamou, satisfeita: “Você adivinhou. Acabei de dar a ela o nome de Velho da Montanha!”. Havia entre as duas uma intimidade espontânea. Numa de suas festas ao ar livre, Cixi analisou o vestido de Katharine, tirou uma peônia rosada de um vaso e prendeu a flor no vestido dela, dizendo que um pouco de cor ficaria bem. Conversavam sobre roupas. Cixi elogiou as “cores bonitas” das roupas europeias, mas comentou que “os trajes estrangeiros caíam bem em pessoas harmoniosas e bem-feitas”, porém “não assentavam tão bem naquelas que não fossem assim abençoadas”. Já o traje manchu, “que caía em linhas retas do ombro, ficava melhor em pessoas mais gordas, uma vez que ocultava muitos defeitos”. (A imperatriz-viúva se absteve de criticar os espartilhos ocidentais diante da pintora americana. Ao que consta, ela assim respondeu a uma senhora da corte que vivera no exterior e lhe falara sobre esse acessório com certo exagero: “É realmente patético o que as mulheres estrangeiras têm de aguentar. Elas são apertadas com barras de aço a ponto de mal conseguir respirar. Coitadas! Coitadas!”.)²²

Convivendo com Cixi durante quase um ano e a vendo praticamente todos os dias e em seu próprio ambiente, Katharine Carl concluiu que “passara a realmente amar Cixi”. O sentimento era mútuo. Cixi convidou a americana a continuar ali pelo tempo que quisesse e sugeriu que ela retratasse outras senhoras da corte — e talvez até passasse o resto da vida em Beijing. Katharine delicadamente declinou do convite, por sentir que “o mundo além dos portões do Palácio me chamavam”.

O retrato que ela fez de Cixi nada tinha de notável. Os retratos ocidentais apresentam sombras no rosto, mas na tradição chinesa um rosto com sombras escuras era um “rosto yin-yang”, o que apontava para uma

personalidade dúbia — uma pessoa falsa, de duas caras. Houve pressões fortes, ainda que exercidas com tato, para que a pintora eliminasse toda e qualquer sombra no rosto.

Quando me dei conta de que deveria representar sua majestade dessa maneira convencional, de forma a tornar banal sua personalidade invulgarmente atraente, perdi o entusiasmo ardoroso com que tinha começado o trabalho e supreei muito pesar e muita rebelião interior antes de me render ao inevitável.

Contudo, ela escreveu um livro sobre sua experiência ímpar, *With the Empress Dowager*, publicado em 1906, que pintava um retrato inesquecível de Cixi. A imperatriz-viúva tinha feito mais uma leal amiga ocidental.

O retrato pintado por Katharine foi dado de presente ao governo americano depois da Exposição de Saint Louis. No Salão Azul da Casa Branca, em 18 de fevereiro de 1905,²³ o ministro chinês em Washington disse ao presidente Theodore Roosevelt e às demais pessoas ali reunidas que o presente da imperatriz-viúva pretendia demonstrar sua gratidão pela amizade que os Estados Unidos dedicavam à China e “seu permanente interesse pelo bem-estar e pela prosperidade do povo americano”. Ao aceitar o retrato, “em nome do governo e do povo dos Estados Unidos”, o presidente Roosevelt afirmou: “É elogiável que exista essa amizade e que ela seja mantida e fortalecida de todos os modos possíveis, seja no campo mais amplo das relações internacionais, seja por incidentes agradáveis como o que hoje nos reúne aqui”. O retrato, disse o presidente, “será conservado no Museu Nacional como um registro duradouro da boa vontade que liga os dois países e do forte interesse que cada um deles sente pelo bem-estar e pelo progresso do outro”.

Uma terceira mulher, também envolvida nos esforços de Cixi para formar laços com o Ocidente, se aproximou bastante dela a partir de 1903. Era Louisa Pierson, filha de um comerciante americano em Shanghai e de sua mulher chinesa.²⁴ Havia na década de 1870 muitos desses casais eurasionos, cujos filhos eram sempre desdenhados como mestiços. Robert Hart tinha “uma moça chinesa que eu sustento”, como ele escreveu.²⁵ Viveu com ela durante anos, até abandoná-la para se casar com uma britânica. Seus três filhos foram mandados para a Inglaterra a fim de serem criados pela mulher de um livreiro e nenhum de seus pais voltou a vê-los de novo.²⁶ O comportamento de Hart foi considerado, pelos padrões da época, “generoso ao extremo, quase quixotesco”, pois outros estrangeiros costumavam simplesmente abandonar os filhos mestiços. Ignora-se como Louisa Pierson era tratada por seu pai americano, que, nascido em Boston, faleceu em Shanghai, mas ela era casada legalmente com um funcionário público chinês, Yu Keng, que, contra o costume, não a tomou como concubina nem a tratava como amante. A ligação deles não era fácil. Os chineses chamavam Louisa de “quase demônio estrangeiro” (*gui-zi-liu*) e a comunidade estrangeira a boicotava. No entanto, o casal vivia feliz com os filhos, sem sentir vergonha ou embaraço. Com certa relutância, Hart admitiu que “o casamento, acredito, era um romance de amor”, ainda que comentasse que “a família Yu Keng não é bem-vista em parte alguma, mas o velho tem forte respaldo — não sei por quê”.

O respaldo vinha de patrocinadores sem preconceitos, principalmente da própria Cixi. Yu Keng trabalhara sob o comando do vice-rei Zhang, que o encarregara de lidar com litígios entre a população local e as missões cristãs nas províncias. Sendo bilíngue, Louisa Pierson conversava com os dois lados, ajudando a aplinar mal-entendidos e a resolver conflitos. O vice-rei Zhang tinha o casal em alta conta e os recomendou a Beijing. Na capital, Yu foi rapidamente promovido, primeiro como ministro no Japão e depois como ministro na França. Embora Hart resmungasse (“Não gosto dessa

promoção!”), Yu Keng e Louisa Pierson foram para o centro intelectual da Europa com sua “família ruidosa de crianças anglófonas”.²⁷

Em Paris, levaram uma vida cosmopolita. Segundo a imprensa ocidental, fascinada pelo casal, Louisa Pierson falava

francês e inglês à perfeição, com um ligeiro sotaque, que lembra o de Boston, juntamente com algo indefinível que, sem dúvida, é puro chinês.²⁸ É uma artista notável, que faz desenhos em seda à maneira dos antigos mestres chineses, com uma perícia e uma segurança que deixam os pintores franceses boquiabertos de espanto.

Ela “preside as recepções na embaixada com muito encanto e refinamento”.²⁹ Num baile de máscaras que o casal organizou para comemorar o ano-novo chinês em 1901, um de seus filhos, Hsingling, vestiu-se como um convincente Napoleão.³⁰ Católico, o rapaz se casou com uma professora de piano numa igreja parisiense. A cerimônia, na qual o noivo usou um manto manchu azul anil, com botões vermelhos de coral, contou com a presença do embaixador americano na França, general Horace Porter, e recebeu ampla cobertura da imprensa, sendo descrito como “a mais pitoresca e interessante cerimônia nupcial vista por aqui recentemente” e “um evento novel”.³¹ (O casamento não sobreviveu à posterior mudança da família para a China.) As duas filhas, Der Ling e Rongling, disse o *New York Times*, “são de uma beleza adorável e se vestem ao estilo ocidental com uma finesse e uma elegância a que se soma um certo encanto oriental que as torna os focos de todos os olhares quando entram num salão”.³² Louisa e o marido deram às filhas uma liberdade nunca vista para desfrutar de Paris plenamente. Faziam amigos, frequentavam o teatro (onde Sarah Bernhardt as mesmerizava) e tomaram lições de dança com a renomada Isadora Duncan. Apresentavam-se nas festas dadas pelos pais e participavam de bailes à ocidental com contatos físicos com rapazes estrangeiros. O estilo de vida da família, inclusive o fato de Louisa permitir que um francês lhe

beijasse a mão, causou não só reprovação, como também rancor: escandalizados, funcionários da missão a denunciaram ao trono.

Entretanto, Cixi gostava do que estavam fazendo e esperava, impaciente, que voltassem. Terminado o período de serviço de Yu Keng, a família fez uma rápida turnê pelas principais cidades europeias e chegou de volta a Beijing no começo de 1903. Cixi imediatamente convidou Louisa Pierson e suas filhas para viverem nos palácios, como suas damas de companhia, e as pôs à frente da maioria das demais senhoras da corte. As duas filhas, ambas fluentes em inglês e francês, serviam de intérpretes para Cixi em seus contatos cada vez mais frequentes com ocidentais. Quando a imperatriz-viúva soube que a mais nova, Rongling, estudara música e dança em Paris, ficou entusiasmada. Disse que sempre lamentara demais que a dança chinesa houvesse quase desaparecido e que tentara, sem sucesso, encontrar alguém que pesquisasse os arquivos da corte e a fizesse reviver. “Agora Rongling pode fazer isso”, disse.³³ Assim, Rongling deu início a uma carreira que firmou sua reputação como “a primeira-dama da dança moderna na China”. Estimulada por Cixi, estudou danças populares e cortesãs e, combinando-as com o balé e outros tipos de danças ocidentais, coreografou uma série de bailados, que executou diante da deliciada imperatriz-viúva, ao som de uma orquestra ocidental organizada pelo general Yuan e também de um conjunto da corte.

Louisa Pierson era a consultora geral sobre o mundo exterior mais requisitada por Cixi. Tendo finalmente perto de si quem conhecia em primeira mão a Europa e o Japão, e cujas opiniões ela respeitava, Cixi a consultava diariamente. Uma antiga intérprete, uma moça que estivera na Alemanha com o pai, adido na Missão Chinesa, dissera a Cixi que a corte alemã era “muito simples”.³⁴ Procurando avaliar o grau de descomedimento de sua própria corte de acordo com os padrões internacionais, Cixi consultou Louisa, a qual respondeu que, embora não tivesse visitado palácios alemães, entendia que eram, na verdade, bem deslumbrantes. Cixi se tranquilizou. Sagaz e competente, Louisa Pierson era muito mais do que

uma fonte de informações ou uma assessora para etiqueta diplomática. Até a política internacional fazia parte de seus interesses. Como o Japão e a Rússia parecessem na iminência de travar uma guerra na Manchúria, no fim de 1903, era frequente Cixi conversar com ela sobre o Japão, onde ela morara quando o marido ali servira. Um dia, a mulher do ministro japonês, Uchida Kosai, solicitou uma visita. Cixi era muito afeiçoada a essa senhora e lhe dera de presente um filhote de pequinês, como fizera no caso de Mrs. Conger. Esses gestos de amizade eram também, claro, um recado para Tóquio. Cixi sabia que a visita dessa senhora tinha um componente político e que Tóquio queria sondar suas opiniões reais sobre o Japão, que ela não tinha interesse algum em divulgar. Louisa Pierson ajudou Cixi ao decidir que Rongling seria sua intérprete. Seguindo as instruções da mãe, Rongling traduziu mal as perguntas cheias de intenções políticas da senhora japonesa, transformando-as numa conversa descompromissada.³⁵ Louisa se tornou de tal forma indispensável a Cixi que, nas raras vezes em que deixava o palácio para visitar o marido doente, a imperatriz-viúva a instava, embora com tato, a voltar depressa. Foi com muita relutância e pesar que Cixi permitiu que Louisa deixasse a corte em definitivo quando o estado do marido se agravou, levando-o à morte, em 1907.

* Uma ideia que ela mais tarde reformulou. “Olhando para trás, muitas vezes lamento por eles, e gostaria de tê-los comigo agora. Os criados chineses eram a gente mais limpa que se possa imaginar e também os mais silenciosos no trabalho. Nunca criavam o menor problema nem pediam uma noite de folga!”

28. A revolução de Cixi (1902-8)

Cixi realizou sua revolução no decorrer de sete anos momentosos: de sua volta a Beijing, no começo de 1902, até sua morte, em fins de 1908. Mudanças vitais marcaram esse setênio, durante o qual a China realmente chegou à modernidade. O processo fez com que a renda anual da China mais do que dobrasse no período, passando de pouco mais de 100 milhões de taéis para 235 milhões.¹ E à medida que a renda crescia, tornava-se possível financiar novas etapas de modernização. As reformas nesse período foram radicais, progressistas e humanitárias, visando melhorar a vida das pessoas e erradicar a selvageria medieval. Sob a liderança comedida de Cixi, a sociedade chinesa se transformou em aspectos fundamentais, de forma ponderada e incruenta, ao mesmo tempo em que suas raízes eram cuidadosamente preservadas, sem grandes traumas.

Um dos primeiros decretos revolucionários de Cixi, proclamado em 1º de fevereiro de 1902, pôs fim à proibição de casamentos interétnicos entre hans e manchus, uma proibição tão antiga quanto a própria dinastia Qing.² Numa sociedade baseada na família, a proscricção fazia com que houvesse poucas relações sociais entre os dois grupos. Mesmo no caso de dois funcionários muito ligados no trabalho, suas famílias praticamente nunca tinham contato. Mrs. Headland, a médica e missionária americana, narrou uma ocasião em que duas princesas manchus e a neta de um grão-

conselheiro han se encontraram na casa desta última. Durante algum tempo, fazer com que conversassem “foi como tentar misturar óleo e água”.³ Agora acabaria a segregação entre manchus e hans.

O mesmo decreto determinava que os chineses hans abandonassem a tradição de atar os pés femininos, salientando que esse costume “mutila as pessoas e transgride as intenções da natureza”, argumento atrativo para aqueles que respeitavam um princípio muito difundido: o dever de respeitar a criação da natureza. Consciente da tenacidade de uma prática de mil anos e prevendo uma resistência capaz de levar a conflitos violentos, Cixi cuidou do cumprimento de seu decreto com sua característica cautela. Recomendou aos líderes rurais que dessem ciência de sua injunção a todos os domicílios e que usassem o exemplo e a persuasão para convencer as famílias, proibindo de forma explícita e enfática o uso de coerção. Não fazia parte do estilo de Cixi impor mudanças drásticas, mas conseguiu-las paulatinamente, mediante perseverança. Quando Sarah Conger, sua amiga americana, lhe perguntou se o edito teria efeito imediato no império, ela respondeu: “Não. Os chineses agem devagar. Nossos costumes são tão fixos que modificá-los leva muito tempo”.⁴ Cixi estava disposta a esperar. Sua ênfase em mudanças graduais contribuiu para que, uma década depois, os pés de muitas meninas (entre elas minha avó) ainda fossem quebrados. Contudo, elas foram a última geração submetida a esse sofrimento.

Foi também usando persuasão e campanhas promocionais, e não a força, que Cixi começou a pôr fim a costumes que prendiam as mulheres em casa e as mantinham segregadas dos homens, quebrando com isso uma fundamental tradição confuciana. As mulheres passaram a aparecer em público, a frequentar teatros e cinemas, a desfrutar de prazeres nem sonhados. Em especial, Cixi começou a recomendar que as mulheres recebessem educação moderna, insistindo junto a vice-reis, altas autoridades e aristocratas para que dessem o exemplo, criando e financiando escolas femininas.⁵ Ela própria tomou a dianteira e fundou uma Escola para Mulheres Aristocráticas, que tinha sua filha adotiva, a princesa imperial,

como diretora. Outra iniciativa sua foi abrir um instituto feminino de educação superior. Como incentivo às candidatas, anunciou-se que cada aluna formada pela instituição teria a honra de receber o título de discípula pessoal da imperatriz-viúva. Em 1905, a mantenedora de uma escola feminina, madame Huixing, usou a autoimolação (uma forma tradicional e não incomum de chamar a atenção para uma causa) a fim de promover o financiamento regular do educandário. A florescente imprensa da época fez dela uma heroína nacional. Homens e mulheres se reuniram para reverenciá-la em cerimônias fúnebres, e uma Ópera de Pequim foi composta para contar sua história. Cixi deu todo apoio à produção, selecionando publicamente um elenco de estrelas para encenar a ópera no Palácio de Verão. Também escolheu outra peça nova para ser apresentada na mesma ocasião. Essa obra, *Mulheres podem ser patriotas*, visava despertar a consciência política feminina. Na primavera de 1907, foi baixado um Regulamento para a Educação Feminina, oficializando a ideia de que as moças deveriam receber educação.

Um paladino da educação feminina foi o vice-rei Duanfang, que, com suas ideias reformistas e sua capacidade, causara forte impressão em Cixi durante seu exílio em Xian, onde era governador em exercício. Promovido a cargos importantes no vale do Yangtzé, essa nova estrela política foi responsável por muitos projetos modernizantes, entre os quais a primeira creche da China.⁶ Coube a ele fazer com que as primeiras estudantes chinesas fossem enviadas ao exterior, em 1905. Elas viajaram primeiro ao Japão, fazendo cursos de formação de professores, e depois aos Estados Unidos. Entre as adolescentes que receberam bolsas de estudos, dadas pelo governo, para estudar no Wesleyan College,⁷ em Macon, Georgia, estava Song Qinglin (Qingling), mais tarde *Mme. Sun Yat-sen* e, mais tarde ainda, presidente honorária da China comunista. Com ela viajou sua irmã Meiling, ainda criança, que posteriormente se formou no Wellesley College, Massachusetts, e se tornou *Mme. Chiang Kai-shek*, primeira-dama da China nacionalista.

Muitas mulheres que se destacariam no futuro foram beneficiadas pelas oportunidades criadas por Cixi. Uma delas foi a primeira editora de um grande jornal,⁸ o *Ta Kung Pao*, em 1904, função em que atraiu equipes de rapazes que a adoravam. Mulheres educadas criaram cerca de trinta órgãos de imprensa que promoviam a emancipação feminina,⁹ e um deles, o *Diário feminino*, foi, ao que parece, o único jornal diário feminino na época (ainda que não durasse muito tempo).¹⁰

Na primeira década do século XX, a expressão “direitos da mulher” — *nü-quan* — estava em moda na China. Um influente opúsculo proclamava, já em 1903: “O século XX será a era da revolução em prol dos direitos da mulher”.¹¹ Numa civilização que tratara as mulheres com uma crueldade sem paralelo, a emancipação delas tinha começado.

*

Outro elemento crucial da sociedade chinesa, o tradicional sistema educacional por meio do qual era selecionada a elite governante do império, foi enfim abandonado. Esse obstáculo à modernização — e, de modo geral, ao pensamento chinês — estava na agenda de Cixi havia vários anos, tempo em que ela aos poucos imaginara um sistema educacional alternativo, e também caminhos opcionais para uma carreira, quer no governo, quer no setor privado. Por isso, quando se deu o empurrão final, em 1905, esse gigantesco pilar da infraestrutura política da China durante bem mais de mil anos desabou com extrema facilidade. O novo sistema educacional, baseado em modelos ocidentais, ganhou uma série de novas disciplinas, embora os clássicos chineses permanecessem no currículo. Naquele ano, depois de visitar uma das novas escolas, com professores de língua inglesa e alunos uniformizados em salas de aula, biblioteca e ginásio em estilo europeu, Sarah Conger se perguntou, estupefata: “Qual será o futuro da China quando essas centenas e centenas de jovens educados saírem dessas

escolas para atuar como um fermento em sua vasta população?”.¹² Três anos depois, o número de tais escolas, talvez nem todas elas tão bem equipadas, ascendia a mais de 5 mil.¹³

Os jovens que estudavam no exterior recebiam bolsas de estudo ou incentivos como a promessa de bons empregos quando voltassem com qualificações.¹⁴ No começo, muitos relutavam em viajar ao exterior, sobretudo os filhos de famílias de elite, para os quais era inimaginável viver sem uma tropa de criados. No entanto, qualquer pessoa que pretendesse ser funcionário público era aconselhado a ir, ao menos para apenas conhecer o mundo, se não para estudar, e em 1903 ter estado no exterior por vários meses se tornou requisito compulsório para cargos futuros. Um edito de Cixi também determinou que todos os funcionários em atividade viajassem ao exterior, o que, segundo ela, trazia “apenas vantagens e nenhum prejuízo”. O número de estudantes no exterior disparou. Só no Japão, nos primeiros anos do novo século, eram estimados em cerca de 10 mil.¹⁵

Com a nova educação e os novos modos de pensar, jovens chineses da etnia han começaram a questionar e rejeitar o governo manchu, e suas publicações se encheram de clamores na seguinte linha: “Os manchus são estrangeiros que invadiram a China e vêm dominando a nós, hans, há 260 anos! Eles nos conquistaram à força da espada e nos trouxeram desastres cujo preço tivemos de pagar! Eles nos obrigam a usar rabichos, que nos tornam alvo de zombaria em Londres e em Tóquio”. Depois da lista de queixas vinha o inevitável brado de guerra: “Expulsemos os manchus! A China pertence aos chineses hans!”. Em 1903, um jornal de Shanghai publicou um virulento artigo antimanchu, “O Exército revolucionário”, de certo Zou Rong.¹⁶ Chamando Cixi de “prostituta”, o texto defendia com veemência a derrubada do governo manchu. “Expulsemos todos os manchus que vivem na China ou matemo-los por vingança”, exortava. Dizia até: “Matemos o imperador manchu!”. O artigo enfureceu os mandarins manchus, inclusive os reformadores mais liberais, e a própria Cixi. Segundo o código legal Qing, esses incitamentos equivaliam a alta traição, passível de

punição por meio de alguma horrenda forma de execução. Até o vice-rei Duanfang, manchú e ardoroso reformista, queria que o autor fosse “extraditado” de Shanghai (cidade onde, como um dos Portos do Tratado, vigoravam leis ocidentais) e punido com prisão perpétua, ou mesmo com a morte. Shanghai recusou o pedido de extradição, e Zou foi julgado in situ por um júri basicamente ocidental, sendo o governo chinês representado por um advogado. Condenado por uma lei ocidental relacionada a sedição por palavras e não por atos, em meados de 1904 o autor recebeu uma sentença de dois anos de trabalhos forçados numa prisão do tipo ocidental. O jornal foi fechado.

Essa *cause célèbre* foi uma lição para todos. Os extremistas perceberam que era preciso baixar o tom de sua linguagem. Embora não fosse um inferno, como a maioria das cadeias chinesas, a prisão de Shanghai estava longe de ser agradável, e Zou, em más condições de saúde e incapaz de dormir, morreu antes de passar um ano ali. Para Cixi, o caso proporcionou muita matéria para reflexão. Viu-se diante de um novo desafio: como lidar com expressões até então impensáveis, semelhantes a blasfêmias, na imprensa que se desenvolvia rapidamente? Tratá-las como traição, de acordo com as leis antigas, seria atrasar o relógio, e ela rejeitava essa opção. Recusava-se a dar ouvidos àqueles que aconselhavam repressão ou recomendavam que se interrompesse o envio de estudantes ao exterior, onde aprendiam toda sorte de heresias.¹⁷ Preferiu subordinar a imprensa a leis e regulamentos baseados em modelos ocidentais e japoneses, que foram adotados aos poucos. Como resultado disso, o novo século assistiu a uma explosão de jornais e revistas em chinês. Surgiram centenas de títulos em mais de sessenta cidades do império.¹⁸ Qualquer pessoa podia fundar um jornal, se dispusesse de recursos para tal, e ninguém podia silenciá-lo. Como vice-rei de Zhili, baseado em Tianjin, o general Yuan foi atacado impiedosamente pelo jornal mais influente do lugar, o *Ta Kung Pao*, e por maior que fosse o ódio que o consumia, não podia calá-lo.¹⁹ Tudo o que pôde fazer foi ordenar aos funcionários do governo que não comprassem o

jornal, e aos correios que não o entregassem. As duas medidas não tiveram êxito e só serviram para aumentar a circulação da folha. A tolerância de Cixi aos ataques a seu governo e à sua pessoa, bem como sua disposição para permitir uma pluralidade de pontos de vista, não lembrava nada semelhante por parte de seus predecessores — e, pode-se dizer, de seus sucessores.

Além de introduzir liberdades inimaginadas, Cixi começou a revolucionar o sistema legal da China. Em maio de 1902, decretou uma revisão integral de “todas as leis existentes [...] com referência às leis de outras nações [...] de modo a garantir que as leis chinesas sejam compatíveis com as dos países estrangeiros”.²⁰ A equipe incumbida da reforma legal era dirigida por um notável especialista, Shen Jiaben, que tinha amplo conhecimento das leis tradicionais e estudara diversos códigos ocidentais. O grupo criou, durante a década, uma estrutura jurídica inteiramente nova, que, baseada em modelos ocidentais, cobria uma vasta gama de processos comerciais, cíveis, criminais e judiciais. Cixi aprovou as recomendações da equipe e decretou pessoalmente muitas mudanças históricas. Em 24 de abril de 1905, aboliu-se a famigerada “morte por mil cortes”,²¹ sendo o edito acompanhado de uma explicação, um tanto defensiva, de Cixi: para começar, essa tenebrosa forma de execução nunca fora um costume manchu. Um decreto separado proibiu a tortura durante interrogatórios.²² Até então, tratava-se de uma prática vista como indispensável para obter confissões; agora era considerada “de aplicação só permitida em réus com relação aos quais há evidências suficientes para condenar e sentenciar à morte, mas que ainda não admitem a culpa”. Cixi fez questão de manifestar sua “ojeriza” pelas pessoas que tinham inclinação para a tortura e advertiu que seriam punidas com severidade se deixassem de observar as novas restrições. As prisões e centros de detenção deveriam ser administrados de forma humanitária, e maus-tratos a presos não seriam tolerados. Faculdades de direito seriam criadas na capital e nas províncias, e aulas de direito passariam a fazer parte da

educação geral. Sob a supervisão da imperatriz-viúva, começou a ser construída uma estrutura jurídica.

Numa linha também inovadora, mas que obviamente chamava menos atenção, o governo fez com que a atividade comercial se tornasse respeitável. Paradoxalmente, embora os chineses gostassem muito de ganhar dinheiro, a cultura nacional alimentava a aversão ao comércio e o situava no nível mais baixo entre as profissões (a ordem decrescente de prestígio era: letrados e funcionários, camponeses, artífices e, por fim, comerciantes). Em 1903, pela primeira vez em sua história, a China passou a contar com um Ministério do Comércio.²³ Uma série de decretos imperiais oferecia incentivos, definidos com precisão, para que aspirantes e empreendedores “formassem companhias” cujos registros deveriam ser concedidos “no mesmo instante, sem um momento de retardo”, pelos governos municipais. Um desses incentivos rezava:

Aqueles que levantarem 50 milhões de iuanes em ações deverão ser nomeados assessor de primeiro grau do Ministério, com status oficial de primeiro grau, e a eles será conferida a medalha de ouro do Duplo Dragão Imperial, sendo que seus descendentes do sexo masculino herdarão um cargo de assessoria de terceiro grau no Ministério durante três gerações.²⁴

Outros incentivos eram concedidos a comerciantes para participarem de exposições no exterior e para identificar novos produtos de exportação.²⁵

Entre muitas outras inovações, cabe destacar a fundação do banco estatal em 1905, seguida pela criação de uma moeda nacional, sendo a unidade monetária o “iuanes”. O sistema continua a ser usado ainda hoje. A grande artéria norte-sul, a Estrada de Ferro Beijing-Wuhan, foi concluída em 1906. Com isso, instalou-se o embrião de uma rede de ferrovias. O Exército e a

Marinha ganharam novos quartéis-generais, dois majestosos edifícios no estilo europeu do *fin-de-siècle*, com elementos orientais. Projetados por um arquiteto chinês, são dois dos mais interessantes edifícios de Beijing. Consta que Cixi teria arcado com as despesas sozinha.²⁶ Talvez estivesse expiando a culpa por ter se apoderado de dinheiro da Marinha no passado.

*

Como os chineses vinham adotando toda uma série de novos estilos de vida, o velho hábito de fumar ópio começou enfim a declinar. Meio século se passara desde que o país fora obrigado a legalizar a droga, e grande parte da população — “quase 30% ou 40%” — consumia alguma quantidade de ópio.²⁷ Um estereótipo dos chineses, no Ocidente, mostrava rostos sujos e desprezíveis em sórdidos antros de ópio: uma imagem bastante injusta, em vista da origem do vício dessas pessoas. Preocupados com o estado de coisas em seu país, muitos chineses vinham defendendo incansavelmente uma proscrição do ópio. Em meados de 1906, o Parlamento britânico debateu a questão, e o estado de espírito do país entusiasmou tanto o ministro chinês em Londres que ele escreveu o seguinte num ofício: “Se mostrarmos seriedade quanto à proscrição, tenho certeza de que a Grã-Bretanha revelará profunda solidariedade e colaborará conosco”.²⁸ Aproveitando a oportunidade, Cixi anunciou sua intenção de erradicar a produção e o consumo de ópio na China num período de dez anos. Num decreto, ela expressou sua repugnância pela droga e descreveu o mal que ela causava à população. Elaborou-se um plano de dez pontos, destinado a possibilitar que todos os chineses com menos de sessenta anos abandonassem o hábito.²⁹ (Julgava-se que os maiores de sessenta anos careciam da energia física necessária para o extenuante processo.) O efeito do edito “sobre a

nação”, observou H. B. Morse, que estava na China na época, “foi elétrico”. Os fazendeiros cessaram o cultivo da papoula com pouca resistência.

Os fumadores abandonaram o hábito aos milhões; fumar ópio em público deixou de ser bem-visto; e os jovens eram coagidos a não adquirir o hábito. Muitos milhões, é claro, continuaram a fumar ópio, mas está crescendo uma geração de chineses entre os quais poucos adquiriram esse hábito.³⁰

Beijing pediu à Grã-Bretanha que pusesse fim ao comércio de ópio, e o governo britânico atendeu à solicitação de imediato.³¹ Seguindo o programa decenal de Cixi, Londres prometeu reduzir as exportações da Índia em um décimo a cada ano. Tanto a Grã-Bretanha quanto a China encararam o acordo como um “magnífico movimento moral”, e ambos os países sofreram considerável perda de receita. Ao fim de dez anos, a erradicação do consumo e produção de ópio na China tivera um progresso fenomenal, e a exportação de ópio pela Grã-Bretanha cessara inteiramente.

Mudanças importantes se sucediam como ondas oceânicas. Chineses que não residiam nos Portos do Tratado tiveram o prazer de desfrutar de muitas experiências novas na vida: a iluminação pública, a água encanada, o telefone... E também faculdades de medicina ocidental (a uma das quais Cixi doou 10 mil taéis), eventos esportivos, museus, cinemas, o primeiro jardim zoológico e parque público (um antigo parque real em Beijing) e a fazenda experimental do governo. Muitos chineses leram seus primeiros jornais e revistas, e começou assim a se formar o agradável prazer de ler o jornal do dia.

A própria Cixi passou por algumas dessas experiências. Um dia, em 1903, ela perguntou a Louisa Pierson qual de suas filhas sabia tirar fotografias, uma vez que “permitir a entrada de um fotógrafo no palácio” causaria

falatório. Louisa Pierson informou a Cixi que um de seus filhos, Xunling, fizera cursos de fotografia no exterior, trouxera bons equipamentos da Europa e talvez pudesse fotografar sua majestade. Apesar de ser homem, Xunling era filho de Louisa e podia ser tratado como membro da família. Foi o único fotógrafo que fez fotos de Cixi.³²

Mais tarde, o pintor holando-americano Hubert Vos afirmou ter fotografado Cixi, além de pintá-la, e essa assertiva em geral é aceita como verídica.³³ Na realidade, não há nenhuma evidência, de nenhum tipo, em apoio à sua afirmativa. Tampouco ela parece verossímil, uma vez que ele era adulto e, além disso, estrangeiro. Mesmo Robert Hart, que servira à imperatriz-viúva durante décadas, só teve com ela alguns poucos encontros formais, o mais longo dos quais, em 1902, durou vinte minutos. Foi uma ocasião importante, e Hart a registrou:

A anciã conversava com uma voz muito feminina e fez-me muitos elogios. Eu disse que havia outros muito habilitados a assumir meu lugar, mas ela replicou que era a mim que queria. Entre outras coisas, ela se referiu à coroação (do rei Eduardo VII) e disse que fazia votos para que sua majestade gozasse de toda a felicidade. Com relação a viagens de trem, disse, rindo, que estava começando a julgar que gostaria até de uma viagem ao exterior!³⁴

Por gostar de viajar e também por sua intensa curiosidade, nada agradaria mais a Cixi do que uma viagem ao exterior. No entanto, ela nunca cogitou seriamente essa ideia, pois a considerava inexecutável. Da mesma forma, embora fosse a suprema governante do império, jamais pôs os pés na parte fronteira da Cidade Proibida ou entrou nos palácios por portões frontais. Não desafiaria tais convenções, muitíssimo controversas, só para satisfazer aos seus próprios anseios. Embora possa ter desejado conviver livremente com homens e não se importasse nem um pouco com que um estrangeiro a pintasse ou fotografasse, Cixi sempre evitou que isso ocorresse.* Sua contenção e seu discernimento eram qualidades fundamentais que lhe

possibilitaram transformar o império, tanto quanto governá-lo. Sua avaliação do que devia ser mudado — e quando e como fazer isso — foi crucial para que houvesse tão pouca resistência ao longo de toda a revolução que ela desencadeou.

Ao começar a fotografar Cixi, Xunling teve de fazê-lo ajoelhado: todos tinham de se ajoelhar se a imperatriz-viúva lhes dava atenção. No entanto, nessa posição ele não conseguia alcançar a câmera no alto do tripé. Lianying, o eunuco-chefe, trouxe-lhe um tamborete no qual ele se ajoelharia, mas Xunling não conseguia se equilibrar sobre ele e manejar a câmera. Por fim, Cixi disse: “Muito bem, ele não precisa se ajoelhar ao tirar as fotografias”.

Agora com quase setenta anos, Cixi revelava sua idade nas fotografias. Como as imagens realistas a teriam desagradado, antes que ela as visse, as fotos foram retocadas, como era comum na época. O rosto foi tratado com aerógrafo, eliminando-se as rugas e as bolsas de gordura sob os olhos. Muitos anos foram apagados, produzindo-se imagens de uma vistosa mulher na flor da idade. Essa “plástica” fica inequívoca quando se compara as cópias do próprio Xunling (hoje na Freer Gallery, em Washington DC) com as mesmas fotografias nos arquivos da Cidade Proibida.

As imagens retocadas não lhe repetiam o que seus espelhos vinham lhe dizendo havia tempos. Cixi exultou quando as viu, seguindo-se um frenesi de fotografias. Ela posou de várias formas, inclusive arrumando uma flor no cabelo, como uma mocinha faceira. Mudava de roupas, de joias e de ambientes, e fez com que se construíssem cenários complicados, dignos de uma produção teatral. Durante muito tempo ela desejara atuar numa ópera, e cortesãos já a tinham visto cantando e dançando nos terrenos dos palácios, quando ela pensava que ninguém a via. Agora ela se vestiu como Guanyin, a deusa da Misericórdia, pediu a senhoras da corte e a eunucos que se trajassem com as vestes dos personagens associados à deusa e pousou com

eles nos cenários. Cixi ficou tão empolgada com as imagens que a mostravam mais jovem e mais bonita que mandou ampliar as fotografias de que ela mais gostava, para até 75 por 60 centímetros.³⁵ Depois de coloridas com esmero, foram emolduradas e penduradas nas paredes de seu palácio.

Algumas dessas ampliações, emolduradas, foram depois presenteadas a chefes de Estado estrangeiros que lhe haviam escrito para parabenizá-la por seu septuagésimo aniversário, em 1904.³⁶ Essas fotografias foram entregues às legações com bastante solenidade. Jornais americanos comentaram: “A fotografia lhe confere um aspecto de quarenta anos, e não de setenta”.³⁷

Os retoques, as ampliações e as molduras das fotografias foram feitos pelo mais antigo e mais conhecido estúdio fotográfico de Beijing, de propriedade de Ren Jingfeng, que fizera cursos de fotografia no Japão.³⁸ Não demorou para que Ren fosse convidado à corte, onde entrou em contato com Tan Xinpei, o grande ator da Ópera de Pequim e membro do Departamento de Música da corte.³⁹ O maior fã de Tan era a imperatriz-viúva, que não só o recompensava generosamente como também lhe possibilitava cobrar elevados cachês quando se apresentava fora da corte. Ren dirigiu Tan no primeiro filme rodado na China, *A montanha Dingjun*, que mostrava um episódio de uma Ópera de Pequim homônima.⁴⁰ Isso aconteceu em 1905, e seria razoável dar crédito a Cixi como a primeira “produtora executiva” do cinema chinês.

O filme foi feito apesar de um acidente prévio. Os britânicos tinham presenteado Cixi em seu aniversário, no ano anterior, com um projetor e alguns filmes mudos.⁴¹ Depois de passar três rolos, em sua primeira sessão, o motor queimou. Ao que parece, Cixi não se interessava pelo cinema. Como os filmes eram mudos, não tinham música. Entretanto, Ren e outras pessoas passaram a fazer filmes, exibidos junto com películas estrangeiras, como breves policiais, nos muitos cinemas que começaram a surgir, inclusive no interior do imenso país.

A notícia de que Cixi havia tirado fotografias com eunucos vestidos como personagens teatrais — isso numa época em que mulher alguma podia atuar num palco e a socialização com eunucos não era bem-vista — logo chegou aos ouvidos de seus inimigos, que procuraram usar o fato para prejudicar sua reputação. Entre os últimos meses de 1904 e o fim de 1905, o *Shi-bao*, jornal criado por Kang Raposa Selvagem (com seu braço direito, Liang, como o principal colaborador, escrevendo do Japão), publicou anúncios diários que punham à venda retratos de Cixi. Os anúncios, feitos em nome da empresa editora do jornal, de propriedade de um japonês, Takano Bunjiro,⁴² destacava o fato de que ela aparecia num traje teatral e “sentada lado a lado” com dois eunucos favoritos (um deles era Lianying).⁴³ A intenção era indispor o público contra ela. Além disso, para maximizar o insulto, as fotografias eram vendidas a preços extremamente baixos e descritas como produtos a preços de ocasião.

Cixi nada fez em relação aos anúncios ou à editora, que tinha um escritório em Beijing, a pouca distância da Cidade Proibida, e também em Shanghai. Em vez disso, fez o feitiço virar contra o feiticeiro ao dar uma foto dela, ao lado de Lianying, de presente a um diplomata japonês.⁴⁴

Os anúncios, ao que parece, não tiveram nenhum impacto adverso. Cixi gozava de enorme popularidade. Pearl Buck, laureada com o Nobel de literatura, que na época morava na China, entre camponeses e outras pessoas comuns (seus pais eram missionários), comentou que o povo “a adorava”.⁴⁵ Cixi decretara que não haveria comemorações relacionadas a seu septuagésimo aniversário. Mesmo assim, muitas pessoas comemoraram a data. Em Beijing, inúmeras lanternas de diversas cores iluminaram toda a área diante da porta Qianmen, atraindo multidões de espectadores.⁴⁶ Em Shanghai, escreveu Sarah Conger:

Passando de carruagem pelas ruas, na concessão estrangeira de Shanghai, vimos muitas belas decorações em homenagem ao aniversário de sua majestade. As lojas chinesas fulgiam com cores brilhantes; até a bandeira chinesa tremulava, o que raramente se vê na China, já que lá a bandeira só é usada oficialmente. Eu nunca vira antes tanta quebra de tradições [...]. Miríades de belas lanternas, em variedades quase infinitas, agregavam fulgor a muitas outras ornamentações. O chinês proclamava sua lealdade à China e a seus governantes de uma forma que o estrangeiro era capaz de compreender essa lealdade.⁴⁷

*

Malgrado todas as reformas drásticas que varriam a China, Cixi mudou muito pouca coisa na corte. Realmente, as regras se tornaram menos rígidas para os eunucos, que passaram a poder frequentar bares e teatros fora da Cidade Proibida. Persistiu, porém, a prática medieval de manter eunucos — e, portanto, a emasculação de meninos para esse fim. Houve um momento em que Cixi cogitou abolir a existência de eunucos, mas os próprios eunucos reagiram com uma campanha de lamúrias para fazê-la mudar de ideia, e ela fez o que eles queriam.⁴⁸ De modo geral, a corte seguia as velhas normas, cumprindo a etiqueta e a formalidade rígidas. Os costumes prescritos para diferentes ocasiões se mantiveram sacrossantos. Ao chegar a uma reunião na corte, Cixi captava com um olhar todos os detalhes das roupas que as pessoas usavam e corrigia os erros. Em sua presença, as pessoas continuavam a ficar de pé, se não ajoelhadas. Na única vez em que Cixi jantou com as senhoras do corpo diplomático, ela e as comensais estrangeiras se sentaram, enquanto as princesas chinesas se mantiveram em pé. Sarah Conger perguntou se as princesas não poderiam sentar-se também, e Cixi se sentiu coagida a se virar para elas e, com um gesto, determinar que se sentassem. Essa foi a única ocasião em que algum chinês (com exceção do imperador) sentou-se para comer com ela. Mas, na verdade, não comeram. Uma testemunha observou: “Elas se sentaram, com

um jeito tímido, dir-se-ia até desconfortável, na beira da cadeira, porém não se atreveram a tocar em nenhum alimento”.⁴⁹ Durante o jantar, o ministro da China na Grã-Bretanha serviu de intérprete para Cixi, mas de joelhos.⁵⁰

Cixi era especialmente rigorosa quanto à exigência de que os funcionários e autoridades observassem a etiqueta. Toda vez que ela viajava de um palácio a outro, funcionários designados tinham de se ajoelhar nos pontos de chegada e de partida ao lhe dar as boas-vindas ou se despedir dela, mesmo na chuva. Um dia a água da chuva que escorria de um funcionário ajoelhado estava colorida de vermelho e verde. Soube-se depois que o homem era demasiado pobre para comprar um manto formal para a ocasião e tinha sido obrigado a usar um manto de papel pintado.⁵¹ Em outra ocasião, depois que ela distribuiu presentes a um grande número de funcionários, eles se reuniram e a esperaram para lhe agradecer, de joelhos. Como eram muitos, tiveram de cumprir o ritual num pátio onde a chuva era forte. Esperaram mais de uma hora, enquanto Cixi observava a chuva atrás de uma cortina.⁵² Quando a chuva cessou, ela mandou que o ritual prosseguisse, e os funcionários se ajoelharam no chão molhado, coberto de lama.

A obrigação de se ajoelhar era um incômodo para todos. Para os mandarins, se as audiências se prolongavam, aquilo era insuportável. Os eunucos usavam joelheiras acolchoadas costuradas permanentemente nas pernas das calças, pois tinham de se pôr de joelhos sempre que ela lhes falava, fosse onde fosse, mesmo sobre lajes de pedra ou sobre pedras soltas. A artrite de joelhos era um problema comum entre os eunucos.

Cixi compreendia que se ajoelhar podia ser doloroso, e em geral reduzia o tempo que as pessoas tinham de permanecer nessa posição. Certa vez, para ajudar Katharine Carl, alguns pintores da corte foram chamados para desenhar crisântemos nos campos. Como a imperatriz-viúva estava presente, os pintores tinham de desenhar ajoelhados. Percebendo a dificuldade que encontravam, Cixi lhes disse que pegassem algumas flores e fossem pintar em casa.⁵³ Numa recepção que ela ofereceu, o funcionário do

Ministério do Exterior que apresentava os diplomatas, Wu Tingfang, deveria fazê-lo de joelhos. Isso o poria numa situação embaraçosa, já que os diplomatas estrangeiros que ele apresentava estariam em pé. Ele “pareceria um anão ao lado dos estrangeiros”, queixou-se a Louisa Pierson. A conselho dela, Cixi o eximiu da obrigação. “Nesse caso, ele não precisa se ajoelhar.”⁵⁴

Wu estava na época atuando como ministro da China em Washington e levava uma vida de inebriante liberdade, adquirindo a reputação de ser “o homem que gostava de fazer comentários levemente insolentes em jantares”.⁵⁵ Ao voltar para Beijing, serviu de intérprete para Alice Roosevelt, filha do presidente Theodore Roosevelt, quando ela visitou a China em 1905 e teve uma audiência com Cixi. Tendo se habituado às maneiras americanas e se considerando igual a todos os demais, Wu parece ter se esquecido de que tinha de se ajoelhar diante de Cixi ou pedir de antemão permissão para não fazê-lo. Ficou em pé, conversando, muito à vontade. Alice escreveu:

Ele ficou entre nós, um pouco de lado, mas de repente, em meio à conversa, a imperatriz disse alguma coisa, numa vozinha brava, o que o fez ficar cinzento e se pôr de gatinhas no chão, com a testa tocando o chão. A imperatriz falava; ele levantava a cabeça e traduzia para mim, em inglês, o que ela dissera; ele voltava a tocar o chão com a testa enquanto eu falava; erguia a cabeça de novo para dizer a mesma coisa, em chinês, à imperatriz; a seguir, voltava a encostar a testa no chão [...]. Tinha-se literalmente a sensação de que a qualquer momento ela poderia dizer “cortem-lhe a cabeça” e que sua cabeça seria cortada.⁵⁶

Naquela época, na verdade, Wu era um dos gestores da reforma legal do império — e gozando da estima de Cixi. Nesse período, com o apoio dela, até governadores de tendência conservadora haviam abolido a genuflexão como parte da etiqueta em suas províncias. Entretanto, Cixi a manteve na corte. O que estava em jogo, para ela, era a sacralidade divina do trono, o único fato que dava ao trono seu domínio sobre o vasto império. Ajoelhar-se

era a manifestação e o reforço dessa sacralidade, sem a qual — sem todos aqueles joelhos dobrados — o trono, e até o império, poderia vacilar.

Para preservar esse símbolo de submissão total num império cada vez mais liberal, Cixi sacrificou sua curiosidade e nunca usou um automóvel. Ela tinha ganhado um carro de presente, dado pelo general Yuan, que substituíra o conde Li em mais de uma ocasião. Além de ter herdado os cargos e o papel do conde como consultor pessoal da imperatriz-viúva, o general também era, como o conde, um talentoso presenteador. O automóvel que ele comprou para Cixi era pintado de amarelo imperial, com um motivo de dragão, e tinha em seu interior um assento semelhante a um trono. Cixi tinha muita vontade de experimentar o carro, sobretudo porque havia pouco tempo se divertira bastante com um triciclo, também presente do general.⁵⁷ No entanto, um automóvel apresentava um problema insolúvel: seria impossível para o motorista manobrar o volante estando ajoelhado ou mesmo em pé. Ele teria de se sentar, bem diante dela. O automóvel se tornou a única máquina moderna que, interessando à imperatriz-viúva e estando à sua disposição, ela não experimentou.⁵⁸

* O retrato de Cixi pintado por Herbert Vos mostra melhor a personalidade de Cixi do que o de Katharine Carl. É provável que o retrato feito por Vos tenha se baseado numa fotografia de Cixi tirada por Xunling.

29. Eleições! (1905-8)

Cixi sabia que símbolos não manteriam o trono por muito tempo. Era preciso algo mais sólido para garantir sua sobrevivência. Havia a opção de interromper sua revolução e atrasar o relógio, mas ela se recusava a fazer isso e preferia avançar com mais mudanças. Em 1905, ela deu o pontapé inicial para a mais importante de todas as suas reformas: transformar a China numa monarquia constitucional (*li-xian*), com um Parlamento eleito. Ela esperava que uma Constituição consolidaria a legitimidade da dinastia Qing, ao mesmo tempo em que possibilitaria a grande parte da população — principalmente aos chineses da etnia han — participar da vida política do império. Essa inovação histórica, que envolvia uma eleição com uma base eleitoral com as dimensões da de todo o Ocidente, significava a introdução de eleições na China.

Cixi estava convencida de que a China não tinha como progredir tanto quanto os países ocidentais porque não havia a mesma sensação de ligação entre os governados e os governantes. “Nos países estrangeiros”, observou ela, “os governados [*xia*] sentem-se ligados aos governantes [*shang*]. Por isso esses países são tão poderosos.”¹ Somente o voto poderia criar essa ligação. De seu ângulo privilegiado, ela percebia claramente as vantagens de uma

monarquia parlamentar como a Grã-Bretanha. Certa vez, conversando sobre a rainha Vitória, ela disse:

A Inglaterra é uma [das] grandes potências do mundo, mas o que a tornou assim não foi o poder absoluto da rainha Vitória. Ela contava com os homens competentes do Parlamento a apoiá-la continuamente e, é claro, discutiam tudo até chegarem ao melhor resultado.²

Na China, “eu tenho 400 milhões de pessoas, todas dependentes de minhas decisões. Embora eu possa consultar o Grão-Conselho [...] tenho de decidir sozinha tudo o que for importante”. Ainda que se orgulhasse de suas aptidões, admitia que até ela cometera um erro desastroso, no caso dos boxers. Seu filho adotivo fora calamitoso. Na verdade, ela não conseguia apontar uma só pessoa, na corte, que fosse remotamente capaz de lhe suceder como monarca absolutista, sobretudo no mundo moderno.

Na época, a ideia de uma monarquia constitucional estava em evidência e alguns jornais a promoviam. Entre eles estava o principal jornal de Tianjin, o *Ta Kung Pao*, cujo proprietário era um manchú que se casara com uma Aisin-Gioro. Como membro da família imperial, sua mulher frequentava assiduamente a corte e escrevia uma coluna no jornal sobre a vida passada ali. (Um bom exemplo da tolerância de Cixi era o fato de o dono do periódico ser católico e seu jornal se declarar leal ao imperador Guangxu e insistir em que Cixi se aposentasse.) Num artigo de “Opinião”, em 1903, o jornal afirmava que “o processo de reforma política sempre transitou da monarquia absoluta para a monarquia constitucional e daí para a democracia [...]. Se desejamos reformar o sistema político da China, nosso único caminho será uma monarquia constitucional”. Em abril de 1905, o jornal pediu artigos sobre o assunto “O que temos de fazer de mais urgente para renovar a China?”. Muitos colaboradores opinaram que deveriam “pôr fim à autocracia e criar uma monarquia constitucional”. Endossando essa opinião e abordando outras prioridades propostas, como “desenvolver a

indústria, o comércio e a educação”, um editorial asseverou que “sem mudar nosso sistema político, tudo isso, mesmo que transformado em realidade, não teria alicerces robustos em que se apoiar, e persistiria o abismo entre os governantes e os governados”.³ Ao tomar sua decisão, é bem possível que Cixi tenha dado ouvidos aos comentários da imprensa.

Em 16 de julho de 1905, Cixi anunciou que seria enviada uma comissão a vários países ocidentais a fim de “estudar seus sistemas políticos”.⁴ Aos membros dessa comissão, ela frisou que a incumbência deles consistiria em examinar como se organizavam os diversos governos parlamentares, “para que possamos pôr em prática um sistema adequado quando os senhores voltarem”. Tomando a iniciativa e lançando a tarefa colossal “do ápice da pirâmide”, como disse um observador ocidental na época,⁵ Cixi procurava proteger os interesses de sua dinastia. A comissão era presidida pelo duque Zaize, descendente direto da família Aisin-Gioro e casado com outra filha do irmão de Cixi, o duque Guixiang. Ele e outros nobres envolvidos no projeto cuidariam de que os manchus não sofressem nenhum prejuízo no novo sistema. Também ajudariam Cixi a persuadir outros manchus, que temiam por seu futuro.

A comissão foi dividida em dois grupos, que visitariam a Grã-Bretanha, França, Alemanha, Dinamarca, Suécia, Noruega, Áustria, Rússia, Holanda, Bélgica, Suíça e Itália, bem como o Japão e os Estados Unidos. Em 24 de setembro, o duque Zaize e sua grande delegação de assistentes, cuidadosamente selecionados, embarcaram num trem na estação ferroviária de Beijing para dar início à viagem. Nesse momento, Wu Yue, republicano dedicado à derrubada da dinastia manchu, detonou uma bomba no vagão do duque, ferindo a ele e mais de uma dúzia de outros passageiros. Morreram três pessoas, entre elas o autor do atentado. Wu Yue foi o primeiro homem-bomba da China. Em lágrimas, enquanto confortava os membros da comissão, Cixi reafirmou sua disposição de dar prosseguimento à empreitada. Os homens partiram em outra data do mesmo ano, depois de ouvir Cixi lhes dizer que levavam consigo “grandes

esperanças”.⁶ Durante a ausência deles, criou-se um Gabinete Constitucional, incumbido de analisar os diferentes tipos de monarquia parlamentar, com o objetivo de planejar a Constituição que melhor atendesse às necessidades da China.

Os comissários regressaram de suas viagens no verão de 1906. Sabendo da ansiedade com que a imperatriz-viúva os aguardava, o duque Zaize foi diretamente da estação ferroviária ao Palácio de Verão, onde apresentou a solicitação de uma audiência. Cixi o recebeu ao romper da aurora no dia seguinte, e o encontro durou duas horas.⁷ Além de recebê-lo uma segunda vez, ela teve audiências com outros membros da comissão, que prestaram relatórios por escrito, os quais ocuparam muitas dezenas de volumes e foram entregues ao Gabinete Constitucional. Numa proclamação memorável, em 1º de setembro de 1906, a imperatriz-viúva anunciou, em seu próprio nome, a meta de criar uma monarquia constitucional, com um Parlamento eleito, que substituiria a monarquia absoluta.⁸ Os países ocidentais, disse ela, eram ricos e fortes devido a esse sistema político, no qual “o público participa dos assuntos de governo” e “a criação e o gasto da riqueza do país, com o planejamento e a execução de suas decisões políticas, contam com a participação de todos”. Cixi deixou claro que, na versão chinesa, “o Poder Executivo cabe à corte, enquanto o público tem o direito de opinião em relação aos negócios de Estado”. Ela pediu à população que “tivesse espírito público, seguisse o caminho da evolução” e fizesse a transição de “modo ordeiro, conservador e pacífico”. Exortou os chineses a se tornarem “cidadãos qualificados”: as pessoas eram agora “cidadãos do país”: *guo-min*.

A proclamação gerou ondas gigantescas. Os jornais imprimiram edições especiais dedicadas à questão. Ao ler sobre ela no Japão, Liang Qichao, o principal colaborador de Kang Raposa Selvagem, percebeu que estava à vista uma nova era e se pôs imediatamente a organizar um partido político, uma das muitas organizações políticas que começaram a surgir.⁹ O governo de Cixi se empenhou num enorme volume de tarefas preliminares: esboçar leis,

ampliar as oportunidades educacionais, dar ao público informações sobre o novo sistema político, criar uma polícia e treinar seus agentes para manter a ordem com métodos modernos e assim por diante. Dois dias mais tarde, em 27 de agosto de 1908, foi publicado, com o endosso de Cixi, o anteprojeto da Constituição.¹⁰ Esse documento histórico mesclava tradições políticas do Oriente e do Ocidente. Mantendo o imemorial costume do Oriente, dava poder político real ao monarca, que continuaria a encabeçar o governo e conservava a palavra final. O Parlamento criaria leis e apresentaria projetos, mas todas as leis estariam sujeitas à aprovação do monarca, que então as sancionaria. Já na primeira linha do anteprojeto, o poder inviolável do trono era acentuado: “A dinastia Qing governará o império Qing perpetuamente e será exaltada ao longo de todas as eras”. Com base em práticas ocidentais, garantia-se às pessoas alguns direitos fundamentais, entre os quais “liberdades de expressão, de escrita, de publicação, de assembleia e associação” — e o direito a serem “membros do Parlamento, desde que habilitadas por lei”. Seria criado um Parlamento, no qual representantes do povo, eleitos, teriam uma participação substancial nos assuntos de governo, inclusive na definição do orçamento. O anteprojeto se abstinha de dizer o que ocorreria no caso inevitável de um conflito entre o trono e o Parlamento. Entretanto, uma carta de seus autores a Cixi indicava uma solução: “tanto o monarca quanto o povo fariam concessões”.

Uma Assembleia Preliminar, *Zi-zheng-yuan*, fora criada em 1907 para atuar como um Parlamento de transição. Passou dez meses trabalhando no projeto de uma regulamentação para a criação do futuro Parlamento, definindo até a composição de seus membros.¹¹ Cixi aprovou e anunciou o documento em 8 de julho de 1908. Cerca de metade de seus membros integraria uma Câmara Alta e seria nomeada pelo trono, entre os seguintes setores da sociedade: príncipes manchus; aristocratas manchus e hans; aristocratas mongóis, tibetanos e huis (muçulmanos); funcionários de escalão médio, letrados eminentes e os maiores contribuintes para o erário. A outra metade, na Câmara Baixa, seria eleita pelos membros das

assembleias provinciais, que estavam sendo criadas em toda a China, e cujos membros seriam escolhidos diretamente pelos cidadãos das províncias. Um anteprojeto da Regulamentação Eleitoral foi divulgado por Cixi, com seu endosso, em 22 de julho de 1908.¹²

Nesse documento histórico, o direito ao voto se baseava nas práticas ocidentais da época. Na Grã-Bretanha, por exemplo, votavam os homens adultos que possuíam propriedades ou pagavam pelo menos dez libras de arrendamento por ano, de modo que o eleitorado compreendia cerca de 60% da população masculina e adulta britânica. No caso do eleitorado chinês (homens com mais de 25 anos), a qualificação de propriedade era definida como a posse de 5 mil iuanes em capital para negócios ou em propriedades. Havia outros critérios de qualificação: homens que houvessem dirigido projetos públicos com distinção durante mais de três anos; diplomados por escolas secundárias modernas ou por instituições de nível superior; letrados do antigo sistema educacional *etc.* Todas essas pessoas podiam votar, mesmo que fossem pobres e não tivessem propriedades. Mencionando o afastamento dos modelos ocidentais da época, os redatores do regulamento argumentaram que se a posse de propriedades fosse a única qualificação, as pessoas só seriam incentivadas a buscar o lucro e a riqueza.

Os critérios de elegibilidade dos candidatos ao Parlamento também se baseava, grosso modo, em modelos ocidentais, salvo que deveriam ter ao menos trinta anos (como já ocorria no Japão), que, segundo Confúcio, era a idade da plena maturidade. Na China, havia um grupo de homens excluídos do eleitorado: os professores de escolas primárias. O argumento era que, dentre todas as pessoas, cabia a eles a responsabilidade de formar cidadãos. Por conseguinte, toda a energia deles deveria estar devotada a essa missão digníssima. Entre outro grupos desqualificados para votar (e abrir processos legais) estavam as autoridades provinciais e seus assessores, uma vez que eram os administradores, que tinham de estar separados dos legisladores no

Parlamento, a fim de prevenir a corrupção. Os militares também não votavam, pois o Exército não deveria se envolver em política.¹³

Cixi aprovou a Regulamentação Eleitoral e pediu que fosse definido um cronograma para as eleições e a convocação do Parlamento.¹⁴ O príncipe Ching, que liderava o Grão-Conselho e supervisionava a elaboração da Regulamentação, objetou a um calendário específico. Opinou que a tarefa deles era sem precedentes e hercúlea, e fatalmente surgiriam problemas imprevistos — sobretudo o perigo de deixarem brechas que possibilitassem a maus elementos tomar o poder.¹⁵ Cixi vetou a recomendação do príncipe Ching. Sem um cronograma, não haveria dinamismo e todo o plano poderia até não chegar ao fim. Muitas autoridades temiam aquela mudança e se opunham a ela, julgando-a impraticável e impensável num país tão vasto e populoso, onde os níveis de educação eram tão baixos.¹⁶ Sem um prazo final eles não fariam mais do que elogiar a mudança da boca para fora. Só um cronograma os incitaria e faria a intenção se tornar realidade.

Elaborou-se e aprovou-se um cronograma de nove anos, com uma lista das tarefas e das metas a ser completadas em cada um deles.¹⁷ A lista incluía os preparativos para as eleições, a promulgação de leis, um censo, um programa de tributação — e a especificação dos direitos, dos deveres e do financiamento do trono. A alfabetização era uma questão relevante. Na época, a porcentagem da população capaz de ler e escrever (em chinês) no nível mais elementar não chegava a 1%. A preparação de novos livros didáticos, além de uma campanha de educação moderna, começaria no primeiro dos nove anos. Ao fim do sétimo ano, 1% da população deveria ser qualificada como “alfabetizada”; ao fim do nono ano, a meta era 5%. Atribuiu-se ao ministério específico a responsabilidade pelo cumprimento de cada meta, e Cixi fez com que o cronograma fosse gravado em placas e exposto nas repartições do governo.¹⁸ Em seu decreto, invocou a “consciência” e o “Céu onipotente” para acicatar autoridades indolentes.¹⁹ Sua paixão e determinação não conheciam dúvidas. Se tudo marchasse de acordo com os planos, no nono ano depois de 1908, milhões e milhões de

chineses poderiam votar. (Em 1908, o número de eleitores na Grã-Bretanha passava de 7 milhões.) Pela primeira vez em sua história, os chineses participariam dos assuntos do Estado. W. A. P. Martin, missionário americano que vivera décadas na China, exclamou: “Quanta comoção causarão as urnas! Como, de inopino, ela despertará o intelecto adormecido de uma raça inteligente!”²⁰

Na versão da monarquia constitucional de Cixi, o eleitorado chinês não teria o mesmo poder de seus congêneres ocidentais. No entanto, ela estava tirando o país de uma autocracia inquestionável e dando às pessoas comuns — aos cidadãos, como eram agora chamadas — acesso à atividade política. Estava restringindo seu próprio poder e criando um fórum de negociações na política chinesa, um fórum no qual o monarca e os representantes do povo, inclusive de diferentes grupos de interesse, debateriam, transigiriam e, com certeza, travariam batalhas verbais. Em vista de seu senso de justiça e da inclinação para o consenso, enquanto Cixi vivesse com certeza a vontade do povo continuaria a ganhar terreno.

Admitindo que era “prematureo especular” em relação aos resultados da iniciativa da imperatriz-viúva, Martin confiava nela.

Durante sua vida, poder-se-ia contar com que ela levasse avante a causa que esposara com tamanho fervor. Ela segurou as rédeas com mão firme; e tanta era a sua coragem que não hesitou em conduzir o carro do Estado por muitos caminhos novos e inexplorados.

De modo geral, ele observou:

Faz pouco mais de oito anos desde a restauração, como se pode chamar o regresso da corte, em janeiro de 1902. Nesse período, é seguro afirmar, decretaram-se mais reformas radicais na China do que as realizadas em meio século em qualquer outro país, se excetuarmos o Japão, cujo exemplo os chineses professam seguir, e a França, durante a

Revolução, a respeito da qual Macauley observa que “eles mudaram tudo — desde os ritos da religião até a forma de uma fivela de sapato”.

As “inovações ou os melhoramentos importantes” de Cixi, escreveu Martin, remontaram ao momento em que ela tomou o poder e

tornaram o reinado da imperatriz-viúva o mais brilhante na história do Império. Os últimos oito anos foram invulgarmente prolíficos em reformas, mas a maré começou a mudar depois da paz de Pequim [Beijing], em 1860. Desde aquela data, todos os passos na adoção de métodos modernos foram dados na regência dessa mulher extraordinária, que durou de 1861 a 1908.

Nesses 47 anos, Cixi governou efetivamente durante 36 (seu filho durante dois e o filho adotivo durante nove). Em vista do tanto que a imperatriz-viúva realizou em seu período no poder e dos desafios colossais que enfrentou — e venceu —, não parece exagerado supor que o sufrágio teria sido adotado na China em 1916 se ela tivesse vivido até lá.

30. Enfrentando rebeldes, assassinos e japoneses (1902-8)

Para uma autoridade han da época, a revolução de Cixi foi “vantajosa para a China, mas imensamente desvantajosa para o governo manchú”.¹ Com efeito, muitos manchus acompanhavam os acontecimentos com nervosismo. Só a autoridade de Cixi os levava a pôr sua fé e sua sorte nas mãos dela. O que ela própria estava procurando fazer era preservar sua dinastia de várias maneiras, uma das quais era adotar sua versão de uma monarquia constitucional. Por fim, porém, o trono exclusivamente manchú mostrou ser seu calcanhar de aquiles. Embora ela tomasse muitas medidas tendentes a pôr fim à segregação entre hans e manchus, desejava que o trono permanecesse manchú. O decreto que revogou a proscrição de casamentos mistos, em 1902, anunciara também que as consortes imperiais só seriam escolhidas entre manchus e mongóis. Havia sinais de que Cixi por fim se curvaria à inevitabilidade de um trono que não discriminasse etnias, mas ela não teve tempo de chegar a esse ponto.

Cixi tinha uma intensa noção de sua identidade manchú, reforçada pelo fato de os manchus formarem uma pequena minoria, sempre ameaçada de ser engolida pelos hans. Falando às senhoras da corte, na maioria manchus, ela sempre se referia a “nós, manchus”. Embora não falasse a língua manchú, compensava essa deficiência se atendo fielmente a outros sinais exteriores da

cultura manchu: sempre se respeitavam, na corte, os costumes manchus, e todos, sem exceção, usavam trajes e penteados manchus. Os diplomatas, na maioria hans, queriam trocar os trajes manchus por ternos ocidentais, mas o pedido nesse sentido foi rejeitado.² O desejo de se livrarem do rabicho não era sequer verbalizado. Cixi não tinha preconceito contra os hans, e na verdade promoveu funcionários hans num nível sem precedentes, nomeando-os para postos-chave antes reservados aos manchus. Tampouco os hans tinham menos privilégios ou piores padrões de vida. Era apenas o trono que ela desejava preservar para os manchus.

Foi por isso que durante muito tempo Cixi resistiu a permitir a participação de hans de grande competência no núcleo da corte. Malgrado seu estreito relacionamento com Cixi e sua singular importância para o império, o conde Li nunca foi membro do Grão-Conselho. Na verdade, o Conselho só veio a contar com a nata da etnia han no fim de 1907, quando Cixi enfim nomeou o general Yuan e o vice-rei Zhang. Em várias ocasiões, como na primavera de 1898, quando começaram suas reformas, ela cogitara nomear o vice-rei Zhang para o Conselho, mas sempre voltara atrás, por temer que o próprio trono fosse perdido para esse homem de extrema competência.³ Agarrando-se à ideia de que o trono deveria ser ocupado por um manchu, Cixi tornava antipática a ideia de uma monarquia constitucional e fazia da república uma alternativa atraente.

Sun Yat-sen, de certa forma o líder do movimento republicano, era o mais persistente propugnador de uma ação militar para derrubar a dinastia manchu. Tentara promover um levante armado em 1895 e encabeçara, depois da virada do século, uma série de insurreições. Eram rebeliões em pequena escala, mas Cixi as encarava com muita seriedade. Reprendia as autoridades provinciais por subestimarem “essas chamas que poderiam desencadear um incêndio nas campinas”, e em inúmeros telegramas insistia em que eles “as apaguem: não permitam que se espalhem”.⁴

Os assassinatos faziam parte das táticas do movimento republicano, como mostrou o episódio do homem-bomba no trem, em 1905. Dois anos depois,

Xi Xilin, chefe de polícia de uma cidade na província de Anhui, no leste da China, baleou à queima-roupa o governador da província, um manchu chamado Enming, que fora inspecionar a academia da polícia. Enming vira em Xilin um correligionário no desejo de reformas e o tirara do anonimato, confiando-lhe a chefia da polícia. De acordo com o código de ética tradicional, Xilin deveria ser grato a seu benfeitor, mas em vez disso o matou — porque o governador era manchu. Preso, Xilin afirmou em seu depoimento, publicado nos jornais, que pretendia “matar todos os manchus, até o último”.⁵ Foi decapitado. Tropas leais ao governador assassinado lhe arrancaram o coração, num rito sacrificial — um costume antigo e arrepiante que simbolizava a vingança suprema. Décadas antes, o assassino do vice-rei Ma fora submetido ao mesmo tratamento.

O assassinato do governador fazia parte do planejamento de uma insurreição, que tinha como um de seus líderes uma mulher. Tendo estudado no Japão e trabalhando agora como professora numa escola feminina no interior da província vizinha de Zhejiang, a bela e elegante Qiu Jin era uma das pioneiras do feminismo na China. Em desafio ao comportamento prescrito para as mulheres, mostrava-se em público com roupas masculinas e usando uma bengala. Criou um jornal feminista e fazia discursos muito aplaudidos, “como centenas de trovões de primavera”, segundo jornalistas que a admiravam. Partidária de ações violentas, tentou fabricar bombas para a insurreição, machucando as mãos. Qiu Jin foi presa e executada em local público, mas antes do amanhecer.⁶

Anos antes, nada disso seria surpreendente. A execução sumária de rebeldes armados era vista como natural. Agora, porém, a execução foi recebida com censuras pela imprensa. Os jornais afirmavam que as armas encontradas com Qiu Jin tinham sido plantadas e que sua confissão, divulgada, fora forjada. Até os jornais mais moderados opinaram que ela era inteiramente inocente, vítima da vingança de forças conservadoras locais. Cobriram-na de panegíricos, deram-na como autora de belos poemas e fizeram dela uma heroína, imagem que ainda perdura. Também o chefe de

polícia foi alvo de simpatia geral. A imprensa quis saber por que o coração lhe fora arrancado, já que as formas bárbaras de execução tinham sido proscritas, e a tortura em interrogatórios, proibida. A imprensa formou a opinião pública, transformando os funcionários envolvidos no caso de Qiu Jin em pessoas odiadas. Alguns foram transferidos para outras áreas, mas as autoridades locais se recusaram a aceitá-los. A pressão pública levou o chefe de condado que passara a sentença de morte de Qiu Jin a se enforcar.

A influência assim obtida tornou a imprensa uma força assustadora, principalmente na vigilância sobre o governo. Cixi nunca tentou amordaçar os jornais, embora fossem basicamente antimanchus (não deram, por exemplo, uma palavra de simpatia pelo governador manchu assassinado).⁷ Contudo, ela reagiu a ações violentas com extrema dureza. Depois de receber informes minuciosos sobre o caso de Qiu Jin, que deixavam claro que ela fora uma das cabeças da insurreição, Cixi aprovou a forma como o caso fora conduzido e continuou a usar medidas severas para combater as sublevações.⁸ Por isso, enquanto ela viveu, afirmou o *New York Times* em 1908, “nenhuma desordem geral ocorreu. A China vive hoje um momento de maior tranquilidade do que em qualquer época desde 1900”.⁹ Ainda assim, o movimento republicano continuou forte, à espera da hora em que a imperatriz-viúva não existisse mais.

Defendendo-se dos republicanos com um braço, com o outro Cixi lutava com Kang Raposa Selvagem. Depois de seu malogrado complô para assassiná-la, em 1898, Kang se refugiara no Japão. Sob forte pressão do governo Qing e, em especial, do vice-rei Zhang, cuja amizade os japoneses faziam questão de cultivar, Tóquio logo teve de lhe pedir que deixasse o país. No entanto, o Raposa Selvagem não se viu atirado às feras. Deixou o Japão para viajar pelo mundo, acompanhado por um agente de informações japonês que falava chinês. Nakanishi Shigetaro se formara no instituto de espionagem do Japão, que tinha a China como seu alvo principal. Agora

passou a atuar como intérprete e guarda-costas de Kang, além de ser seu contato com Tóquio.¹⁰ Kang deixou no Japão seu discípulo e braço direito, Liang Qichao, que executava suas ordens. Isso era também o que o Japão queria, por ser a forma mais simples de controlar a China. Assim, o Raposa Selvagem trabalhava em combinação com o Japão, se não inteiramente como seu representante.

O Raposa Selvagem passou a planejar repetidos atentados contra Cixi, e uma série de assassinos viajou do Japão a Beijing. Um deles foi Shen Jin, que participara de uma missão análoga, com um bando de piratas, em 1900. No entanto, nessa ocasião todo o plano fracassara e ele se exilara. Em 1903, ele chegou à capital para tentar de novo e fez amizade com policiais de alta patente, bem como com eunucos. Notícias sobre Shen chegaram aos ouvidos de Cixi, e ele foi preso.

Um decreto público acusou Shen de estar envolvido numa rebelião armada e ordenou sua execução imediata.¹¹ Como uma convenção da dinastia Qing ditava que não houvesse execuções públicas no mês do aniversário do imperador, o decreto instruiu o Ministério das Apenações a cumprir a sentença a bastonadas, na prisão (essa forma medieval de execução — espancar o condenado com bastões até a morte — se aplicava normalmente a eunucos condenados e era cumprida atrás das grossas portas e muralhas da Cidade Proibida).¹² Contudo, a prisão do Estado não dispunha do equipamento e da técnica necessárias. Foi preciso mandar fazer, especialmente, longos bastões de madeira, e verdugos inexperientes levaram bastante tempo para dar cabo da vida de Shen Jin, um homem corpulento e forte. A história chegou aos jornais, e os detalhes horripilantes revoltaram os leitores, principalmente os ocidentais.¹³ O jornal *North China Herald*, publicado em inglês, afirmou que a execução fora “uma distorção monstruosa até da justiça chinesa” e denunciou Cixi diretamente: “Somente ela, cuja palavra é lei, teria ousado fazer isso”. A legação britânica boicotou a recepção de Cixi naquele outono.¹⁵

Cixi expedira o decreto sem pensar duas vezes, da mesma forma como ordenara outras bastonadas para castigar eunucos ao longo dos anos. Agora, porém, reconheceu que essa execução cruel era inaceitável nos tempos modernos e aprendeu uma lição. Reformas legais em breve aboliram as bastonadas, e ela declarou publicamente que abominava a tortura (*tong-hen*), inclusive o espancamento com bastões de madeira.¹⁶ No ano seguinte, mais precisamente em junho de 1904, ela anistiou todos aqueles que tinham se envolvido no complô de Kang Raposa Selvagem em 1898 e na revolta armada de 1900.¹⁷ Os que estavam presos foram soltos, e os exilados puderam voltar para casa. Os sentenciados por questões políticas se reduziram oficialmente a três pessoas, todas exiladas: Kang Raposa Selvagem, Liang Qichao e Sun Yat-sen. Houve debates sobre um possível perdão para Liang.¹⁸

Cixi intensificou suas medidas de segurança, e os lugares frequentados por eunucos passaram a ser vigiados de perto. Em novembro de 1904, Kang Raposa Selvagem enviou a Beijing um esquadrão da morte japonês de alto nível, sendo um de seus membros, Luo, especialista em bombas.¹⁹ (Também praticava o hipnotismo, que ele parecia julgar que poderia ser útil.) O plano era detonar bombas em locais frequentados por Cixi, idealmente no vaporzinho em que ela viajava de Beijing ao Palácio de Verão. Como o piloto do vapor era a única pessoa a bordo que trabalhava fora do palácio, tentaram obter esse emprego para Luo. Todavia, enquanto aperfeiçoava as bombas, o que exigia viagens entre a China e o Japão, Luo foi capturado na costa, em julho de 1905, e executado no ato. O incidente foi acobertado com sucesso. Cixi tinha aprendido a fazer com que seus assassinos fossem eliminados em segredo, e era mais fácil fazer isso nas províncias, onde havia menos vigilância por parte da imprensa do que na capital. O Raposa Selvagem ajudou-a no acobertamento, pois não queria que se soubesse que era mentor de assassinatos.

A morte de Luo, o perito em bombas, foi um sério revés para o Raposa Selvagem. Não obstante, o resto do grupo continuou a trabalhar sob a chefia de seu velho amigo e guarda-costas, Tiejun.²⁰ No verão de 1906, ele e outro conspirador foram presos, e Tiejun logo admitiu que estava em Beijing, por ordem de Kang, para assassinar Cixi. Os dois homens não foram entregues ao Ministério das Apenações, como deveriam ter sido, de acordo com as normas legais. Se isso fosse feito, as informações sobre eles chegariam ao público — e à imprensa. Em vez disso, foram levados para a guarnição do general Yuan, em Tianjin, onde poderiam ser submetidos à corte marcial longe dos olhos do público. Cixi temia que, num julgamento público, os homens se defendessem declarando que só estavam fazendo o que o imperador queria.

Em Tianjin, os dois prisioneiros foram levados para quartéis separados, sem serem algemados nem torturados, segundo testemunhas oculares. Os militares tinham ordens de tratá-los como VIPs, decorando seus quartos com brocado de seda e lhes servindo excelentes refeições. Tiejun, um homem bem-apessoado, na casa dos quarenta anos, usava trajes europeus: um terno branco e um chapéu também branco. Como sofresse no calor de verão, a guarnição fez com que alfaiates confeccionassem para ele, de noite, uma outra roupa. O oficial de dia lhe perguntou que tecido ele gostaria que fosse usado. Ele especificou um tipo dispendioso de seda, com um lado negro e reluzente e outro castanho e fosco.

Segundo a tradição, os réus condenados à morte recebiam tratamento especial. Na véspera da execução, era costumeiro servir-lhes uma lauta refeição. No local da execução, como observou Algernon Freeman-Mitford (avô das irmãs Mitford), quando residiu em Beijing,

nada poderia superar a gentileza dos militares, sem exceção, para com os condenados. Deixavam que tirassem baforadas em seus cachimbos e lhes serviam chá e vinho. Até ao infeliz assassino, que se debatia e lutava entre dois soldados, só disseram “fique quieto,

fique quieto”, apesar de toda a sua provocação [...]. Fiquei sumamente impressionado com as demonstrações de gentileza dos militares para com os criminosos.²¹

Tiejun sabia que todo esse tratamento era um prelúdio para a execução. Contudo, conversava e brincava, sem mostrar sinal de intranquilidade. A sentença de morte chegou em 1º de setembro na forma de um telegrama em código enviado pelo general Yuan, que fora a Beijing depois de interrogar seus prisioneiros. O telegrama ordenava aos quartéis que executassem os homens sem delongas e depois confirmasse o cumprimento da sentença também por telegrama, dentro de uma hora. No caso de Tiejun, o juiz da corte marcial exibiu o telegrama e lhe ofereceu a opção de tirar a própria vida. Tiejun pediu veneno e teve uma morte dolorosa. Foi enterrado numa sepultura em massa e sem nome, próxima dali, reservada a criminosos executados. No caso de alguém fazer perguntas, os militares tinham ordens de dizer que ele morrera de uma doença repentina.

Ironicamente, nesse mesmo dia Cixi proclamou sua intenção de criar uma monarquia constitucional. O general Yuan fora a Beijing para ajudar a redigir a proclamação, e sua ordem para que se cumprisse a execução dos conspiradores se seguira a várias audiências com a imperatriz-viúva. Havia poucas dúvidas de que fora Cixi quem autorizou a execução das sentenças.

A morte de Tiejun só foi noticiada por um jornal e chamou pouca atenção. Da mesma forma que no caso do perito em bombas, o próprio chefe de Tiejun, Kang Raposa Selvagem, tinha tantos motivos para manter tudo aquilo em segredo quanto o general Yuan ou Cixi. O fato de Tiejun ter tirado a própria vida fazia diferença. Ele tinha cooperado porque, na verdade, mudara de ideia quanto a sua missão. Numa carta a Kang, antes de ser preso, pedira ao chefe que parasse de pressioná-lo para que levasse adiante sua tarefa, dizendo que deviam pôr de lado os assassinatos e, em vez disso, ajudar Cixi em suas reformas. Na véspera de sua captura, escrevera a amigos: “Não façam nada [...]. Usem meios pacíficos de agora em diante”.²² Entretanto, não teve a sentença suspensa. Talvez não quisesse colaborar e

prestar informações sobre seus companheiros. Ou talvez Cixi não quisesse se arriscar.

Contudo, ela não era paranoica. A rota que fazia entre os palácios continuou a mesma. Num dia em que nevava, viajando numa liteira do Palácio de Verão para a capital, um dos carregadores da liteira escorregou e a jogou no chão. Atento a boatos sobre assassinos, seu séquito entrou em pânico, temendo que aquilo fizesse parte de uma trama mortal. “Vejam se ela ainda está viva”, gritaram senhoras da corte, aflitas, e sua dama de companhia, Der Ling, correu para onde ela caíra.²³ Encontrou-a “sentada e serena, dando ordens ao eunuco-chefe para não punir aquele carregador, pois não tinha culpa, já que as lajes estavam molhadas e muito escorregadias”.^b Nada indica que algum dia Cixi tenha castigado alguém apenas por suspeitar que estivesse envolvido numa trama de assassinato.

O Japão, de onde vinham os assassinos, era o foco das suspeitas de Cixi. Seus temores se intensificaram depois de 1905, quando o Japão saiu vitorioso na Guerra Russo-Japonesa.

A Rússia ocupara partes da Manchúria durante o tumulto dos boxers em 1900, tirando proveito do fato de turbas terem agredido alguns russos ali. De acordo com o conde Witte, político e diplomata russo, “no dia em que a notícia da rebelião chegou à capital, o ministro da Guerra, Kuropatkin, veio me ver em meu gabinete no Ministério das Finanças. Estava radiante”. E ele disse ao conde: “Estou muito feliz. Isso vai nos dar uma desculpa para ocuparmos a Manchúria”.²⁴ Depois de firmado o Protocolo Boxer, as tropas se retiraram da China, mas os russos se recusaram a deixar a Manchúria, numa atitude que o conde Witte tachou de “traíçoeira”. Fazia muito tempo que o Japão também cobiçava a região e entrou em guerra com a Rússia. Durante o conflito, travado em solo chinês por duas potências estrangeiras, Cixi declarou a China neutra. Era uma posição humilhante, mas ela não tinha alternativa melhor. Rezou, em sua capela privada, a que tinha acesso por uma escada oculta atrás de sua cama, pedindo ao Céu que seu império sofresse danos mínimos.²⁵ Quando o Japão ganhou a guerra, muitos chineses

exultaram, como se a vitória do Japão fosse deles. Um “pequeno” país asiático derrotara uma grande potência europeia e destruíra o pressuposto de que os europeus eram superiores aos asiáticos, e a raça branca superior à amarela. O Japão passou a ser admirado num grau sem precedentes. Para Cixi, porém, a vitória japonesa apenas levantava o espectro de que, com confiança e poder redobrados, o Japão em breve voltasse um olho predador para a China. Essa ameaça de crise iminente lhe deu maiores motivos para transformar o país numa monarquia constitucional, e ela tomou essa decisão logo depois do triunfo japonês, em 1905. Ela esperava que, como cidadãos, os chineses se mostrassem mais patriotas.

As apreensões de Cixi com relação ao Japão eram bem fundamentadas. Não tardou para que o Japão iniciasse uma série de ofensivas destinadas a obter a conivência das potências com suas pretensões na China e firmasse pactos com a Grã-Bretanha, a França e até com a Rússia. Os diplomatas japoneses intensificaram sua campanha de persuasão entre as autoridades chinesas e os proprietários e editores de jornais, vendendo a ideia de que os dois países asiáticos deveriam formar uma “união”. Muitos deram ouvidos a essa tese, ainda que, na prática, com certeza o Japão viesse a dominar tal união. Chineses que tinham visitado o Japão voltavam impressionados com o que tinham visto: “a limpeza das ruas, o bem-estar das pessoas, a honestidade dos comerciantes e a ética de trabalho das pessoas comuns”.²⁶ Os diplomatas europeus também sabiam muito bem que o Japão estava gastando o equivalente de 6 milhões a 8 milhões de marcos alemães (aproximadamente 2 milhões a 3 milhões de taéis) por ano para conquistar a amizade de pessoas influentes, com vistas ao “objetivo final de transferir o imperador japonês para Beijing”,²⁷ pelo menos no sentido figurado. Presunçosamente, alguns japoneses faziam uma pergunta retórica: “Por que 50 milhões de japoneses não podem fazer o que 8 milhões de manchus fizeram [aos chineses]?”.

Cixi não queria nem pensar em permitir que Tóquio dominasse seu império. Nem se iludia julgando que o domínio japonês melhoraria a China.

Na Coreia, que o Japão pusera sob sua “proteção”, depois de derrotar a China em 1894-5, o regime japonês era brutal. Numa época em que a imprensa chinesa desfrutava de liberdade ilimitada, os jornais coreanos eram rigorosamente censurados, de modo a erradicar todo e qualquer sinal de sentimentos antinipônicos. O desabrido jornalista Yang Ki-Tak, editor de um jornal coreano de propriedade de britânicos, foi preso e confinado a uma “cela tão abarrotada que não conseguia se deitar, embora o teto fosse baixo demais para ele ficar de pé”.²⁸ Passadas algumas semanas, ele fora reduzido a um esqueleto. O cônsul-geral britânico na Coreia, Henry Cockburn, ficou chocado e dirigiu um protesto a uma alta autoridade japonesa. O homem se mostrou impassível e disse a Cockburn que se ele “persistisse em tratar de um assunto secundário tão banal, só podia ser porque era inspirado por um desejo inamistoso de interpor obstáculos ao caminho japonês”. Indignado com o incidente e consternado com o fato de os britânicos fazerem vista grossa à crueza do regime japonês, Cockburn pediu demissão, interrompendo uma promissora carreira diplomática.

Cixi não preferia necessariamente japoneses a caucasianos. Não atentava para a cor da pele das pessoas nem alimentava preconceitos raciais. Entre suas amigas estrangeiras havia americanas brancas — Sarah Conger e Katharine Carl —, uma mestiça sino-americana, Louisa Pierson, e Uchida Kosai, casada com o ministro japonês.

A preocupação de Cixi com o Japão não a empurrou para os braços de outra potência, como se poderia esperar. Seu governo preferia que o trono não tivesse um consultor para assuntos estrangeiros, ainda que empregasse muitos consultores japoneses e ocidentais nos ministérios e nas províncias. Em 1906, o Kaiser alemão, Guilherme II, enviou-lhe uma mensagem por intermédio do ministro chinês em Berlim, que estava de saída, propondo a formação de “uma *Entente Cordiale*, que *garantiria* as partes mais importantes da China” no caso de um ataque japonês.²⁹ Cixi não respondeu. Depois de passar pela experiência da traição da Rússia, não tinha ilusões a respeito dessas garantias. E menos ainda confiava no Kaiser, que, afinal de

contas, liderara a corrida para retalhar a China. A própria maneira como o Kaiser exprimia sua inquietação foi por ela considerada ofensiva, uma vez que ele se referiu a uma união Japão-China como o “perigo amarelo”.³⁰ Pouco tempo depois, o Kaiser declarou a um jornalista do *New York Times*: “O controle da China pelo Japão [...] é uma clara e perigosa ameaça à civilização branca. Essa seria [a] pior calamidade [...]. O futuro pertence [à] raça branca; não pertence à amarela, nem à preta, nem à azeitonada. Pertence [ao] homem louro”.^c

O completo silêncio de Cixi deixou o Kaiser perplexo e frustrado. “Já faz um ano. Mas nada se fez. Temos de começar a trabalhar agora! Já! Vamos correr! Expliquei a eles há um ano [...]. Obviamente, para eles tempo não é dinheiro.”³¹ E ainda: “A China é lenta demais. Eles adiam tudo e depois adiam de novo”. O Kaiser tentou fazer com que os Estados Unidos endossassem seu plano — e os Estados Unidos eram o único país estrangeiro em que Cixi depositava alguma esperança. No fim de 1907, ela recebeu duas notícias. Os Estados Unidos estavam cancelando a parte pendente da indenização pela Guerra dos Boxers e enviando uma grande frota para o Pacífico. Diante dessa prova de amizade por parte dos Estados Unidos e da óbvia intenção americana de deter o Japão, Cixi decidiu enviar um emissário aos Estados Unidos para explorar as possibilidades de forjar alianças mais fortes e, ao mesmo tempo, agradecer o cancelamento da indenização.³² Posteriormente, esse emissário visitaria a Alemanha e outros países europeus. No entanto, o cancelamento da indenização se atrasou e o emissário só viajou um ano depois. O fato de Cixi nem ter instruído seu ministro em Washington a falar sobre a proposta da *Entente* pelo Kaiser, nem despachado um emissário especial com esse propósito, leva a crer que ela não a via como uma possibilidade real. Os Estados Unidos não iriam à guerra com o Japão por causa da China. O mais provável era que sacrificassem os interesses da China em favor dos seus. De fato, algum tempo depois os Estados Unidos também assinaram um acordo com o Japão, o Pacto Root-Takahira, pelo qual Washington dava seu endosso ao

domínio do sul da Manchúria pelo Japão, em troca da aquiescência do Japão à ocupação americana do Havaí e das Filipinas.^d

No verão de 1907, o Japão anexou quase completamente a Coreia. O rei coreano foi forçado a abdicar em favor do filho: não se mostrara obediente o bastante a seu “consultor” japonês — nada menos do que o antigo primeiro-ministro Ito Hirobumi. Um novo acordo entre a Coreia e o Japão tornou Ito o residente geral, explicitando que o rei coreano não poderia tomar nenhuma decisão sem sua autorização. Ito seria assassinado dois anos mais tarde por um nacionalista coreano, uma vez que “granjeara o ódio dos nativos devido à rudeza de seu regime”, como informou o *New York Times* por ocasião de sua morte.³³ Sua elevação a senhor da Coreia lembrou a Cixi que, em 1898, esse “protagonista da ascensão do Japão à categoria de potência mundial” estivera muito perto de controlar o imperador Guangxu, e que a China corra o perigo de se tornar outra Coreia. Além disso, agora que a Coreia se tornara território japonês, o Japão ganhara uma fronteira terrestre com a China, uma fronteira que seu exército poderia facilmente cruzar, se assim desejasse.

Diante dessa situação, Cixi fez um esforço concentrado para livrar sua corte de possíveis agentes japoneses. Seu alvo principal foi um oficial do Exército chamado Cen Chunxuan, que escoltara a corte por ocasião da fuga de Beijing, em 1900. Agradecida, Cixi lhe permitira fácil acesso a ela. Mais tarde, no entanto, soube-se que Cen, cuja unidade se achava aquartelada longe da capital, acorrera em ajuda da corte em desafio às ordens de seu superior, e que assim procedera a pedido de Kang Raposa Selvagem, com quem mantivera vínculos clandestinos, a fim de proteger o imperador Guangxu.³⁴ Cixi soube também que Cen tivera reuniões em Shanghai com o principal colaborador de Kang, Liang Quichao, que viera especialmente do Japão — reuniões das quais o próprio Kang tencionara participar. Cixi deu a Cen uma “licença médica”. Também transferiu um amigo íntimo de Cen, o

grão-conselheiro Lin Shaonian, para a província de Henan, onde ele seria governador.³⁵ Em licença para tratamento de saúde, em Shanghai, Cen continuou a manter reuniões com importantes políticos japoneses, entre os quais Inukai Tsuyochi, o futuro primeiro-ministro que levaria o Japão a invadir a Manchúria em 1931 e que era agora quem mais dava apoio a Kang Raposa Selvagem e a Sun Yat-sen.

Cixi reorganizou o Grão-Conselho e nomeou três novos grão-conselheiros, que, ela tinha certeza, não seriam fantoches dos japoneses. Um deles era o general Yuan, que foi feito também titular do Ministério do Exterior, ainda que um estrangeiro afirmasse que ele tinha “menos *physique de rôle* do que outros dignitários chineses”.³⁶ O general era um dos maiores admiradores do Japão e determinara que todos os novos diplomatas subordinados a ele passassem três meses no Japão antes de assumir seus postos.³⁷ Entretanto, era também duro e sagaz em suas relações com os japoneses, e fazia muito tempo que vigiava as ambições do Japão em relação à China. Por isso mesmo, era uma espinha atravessada na garganta de Tóquio e ocupava o segundo lugar na lista de assassinatos de Kang Raposa Selvagem, logo depois de Cixi.³⁹

O segundo grão-conselheiro agora nomeado foi o vice-rei Zhang, que também admirava o Japão. A despeito de seu flerte com Tóquio em 1900, Cixi confiava em sua dedicação à independência da China e em sua personalidade forte, o que significava que ele não seria fantoche de ninguém. Sua integridade garantia que ele jamais aceitaria subornos.

A terceira pessoa que ela escolheu para o Grão-Conselho foi Zaifeng, filho do príncipe Chun, que lhe fora tão fiel. Como o Protocolo Boxer exigia que um príncipe chinês fosse enviado à corte alemã para pedir desculpas pelo assassinato do barão Von Ketteler, Zaifeng foi escolhido para a tarefa, com dezoito anos de idade.⁴⁰ Saiu-se bem na difícil missão e demonstrou uma serena dignidade na apresentação das desculpas da China, depois de rejeitar a exigência de Berlim de que ele e sua comitiva executassem o *kowtow* diante do Kaiser — uma exigência que Berlim por fim retirou. Depois de sua volta

a Beijing, Cixi arranhou seu casamento com a filha de Junglu, um dos cortesãos mais próximos a ela.^f A imperatriz-viúva o expôs o máximo possível aos negócios exteriores e sempre o enviava para representar o governo em funções públicas que envolviam estrangeiros. Zaifeng conhecia os diplomatas acreditados em Beijing e os missionários melhor do que a maioria dos chineses. Os ocidentais o apreciavam e Zaifeng se dava bem com eles. Cixi confiava no rapaz, que, ela supunha, nunca colaboraria com os japoneses — e ele não a desapontou. Quando Zaifeng assumiu a função de regente, depois que Cixi morreu, e o filho dele, Puyi, se tornou imperador, resistiu a todas as propostas dos japoneses.^g Quando seu filho foi coroado imperador do Manchukuo, o estado-fantoches japonês na Manchúria, Zaifeng só o visitou uma vez nos catorze anos da existência do Manchukuo. Ali permaneceu durante um mês e se manteve distante da política. (Zaifeng morreu em 1951.)

Um dos principais agentes do Japão era o príncipe Su, membro da família Aisin-Gioro, que governava a China. Com cerca de quarenta anos na época, o príncipe era um dos nobres mais japonizados e apoiava o imperador Guangxu. Montou em sua mansão uma escola para as filhas e outras mulheres de sua casa e contratou uma japonesa para lhes dar aulas. Como o príncipe parecia ser um homem capaz e de espírito aberto, Cixi o nomeou chefe de polícia. O consultor da polícia era um japonês, Kawashima Naniwa, que mostrara bastante eficiência ao policiar a capital durante a ocupação por tropas estrangeiras em consequência dos tumultos dos boxers. Os dois homens se tornaram bons amigos e, mais tarde, Kawashima adotou uma das filhas do príncipe Su. Tendo crescido no Japão, ela se tornou uma estrela da espionagem japonesa durante a invasão da China na Segunda Guerra Mundial e ganhou a alcunha de Joia Oriental. Depois da guerra foi executada por traição.

O príncipe Su viria a promover uma conquista da China pelos japoneses com o mesmo fanatismo da filha.⁴¹ Por enquanto, porém, ela agia com o máximo de discrição. Em 1903, Cixi foi avisada quanto às verdadeiras tendências do príncipe. A revelação foi feita por um pintor da corte, Qing Kuan (cuja representação panorâmica do Palácio de Verão e do casamento do imperador Guangxu é hoje um dos tesouros nacionais da China).⁴² Devotado a Cixi, o pintor contribuíra para a captura do assassino Shen Jin. Mais tarde, ele escrevera a Cixi, reservadamente, para dizer que a prisão só tinha sido possível porque todo o seu planejamento não chegara ao conhecimento das pessoas mais próximas ao príncipe Su. Cixi interrogou o príncipe, que balbuciou frases inconvincentes em sua defesa.⁴³ Diante disso, Cixi o destituiu de seu cargo como chefe de polícia, com o pretexto de que seus deveres tinham crescido demais, e fez com que ele fosse vigiado.⁴⁴ O príncipe disse a um contato mandado por Kang Raposa Selvagem que até sua concubina favorita estava trabalhando para Cixi e que ele tinha a sensação de estar continuamente “sentado num formigueiro”.⁴⁵

Com o príncipe Su agora sob estreita vigilância, em junho de 1907 Cixi lhe deu um novo cargo, o de titular do recém-criado Ministério dos Serviços Públicos, que abrangia a polícia.⁴⁶ Tratava-se de uma cortina de fumaça, criada para iludir Tóquio: como estava afastando Cen e outras pessoas da corte, ela não queria que os japoneses acreditassem que isso tinha alguma coisa a ver com eles. No entanto, Cixi fez questão de que a força policial fosse controlada pelo vice-chefe de polícia, um homem em quem tinha plena confiança.⁴⁷

Ainda assim, o corpo de bombeiros da capital se subordinava ao ministério do príncipe, que disse o seguinte a um funcionário seu, Wang Zhao, um dos participantes da conspiração de 1898, que fora libertado com a anistia de Cixi: “Eu armei o corpo de bombeiros e o treinei como um exército. Quando chegar o momento de mudanças drásticas, eu o usarei para invadir os palácios, sob o pretexto de apagar um incêndio, e o

imperador será restaurado no trono”.⁴⁸ Wang Zhao concordou sem ressalvas:

No momento em que recebermos a informação de que a imperatriz-viúva está doente e acamada, Vossa Alteza poderá entrar com os bombeiros no Palácio do Mar, garantir a segurança do imperador, levá-lo ao salão principal da Cidade Proibida e instalá-lo no trono. Em seguida, as autoridades poderão ser chamadas para receber as ordens dele. Quem ousará desobedecer?^h

O Palácio de Verão ficava longe demais da capital para que o corpo de bombeiros do príncipe Su chegasse lá. Por isso, parece que foi arquitetado outro plano para ele. O governo japonês ofereceu um presente à imperatriz-viúva: um barco a vapor, a ser construído sob medida para o lago Kunming. Era um presente que Cixi não podia recusar. Por isso, engenheiros japoneses tiveram permissão para ir ao Palácio de Verão, onde fizeram um levantamento minucioso do lago, inclusive do canal que o ligava à capital, anotando a profundidade e a extensão exatas de vários pontos do lago e do canal, bem como qual a melhor forma de manobrar neles. Examinaram as outras embarcações de Cixi, para garantir que o deles seria melhor. O vapor foi construído no Japão e transportado para o Palácio de Verão para ser montado em seu cais — por mais de sessenta técnicos japoneses, que davam passeios pela propriedade, examinando as construções. Por fim, em maio de 1908, o vapor foi entregue à imperatriz-viúva, já com sua tripulação — japonesa. Pediram-lhe que desse nome ao barco, e ela o fez: *Yong-he*, Paz Perpétua. A cerimônia de inauguração teve lugar no Palácio de Verão e contou com a presença de autoridades dos dois países — mas não de Cixi ou do imperador Guangxu. Só bem depois disso foi que os engenheiros e a tripulação japonesa foram embora. Não há registro de que algum dia Cixi tenha posto os pés no “presente”.⁴⁹

Uma anotação feita por um dos secretários do Grão-Conselho em seu diário revela consternação: “A segurança das residências imperiais é uma

questão séria”, escreveu ele,

e nem autoridades de nível médio podem entrar nas propriedades. No entanto, esses estrangeiros vagueiam por ali dia e noite. Isso não parece certo. Ouvi dizer também que os japoneses com frequência bebem e gritam. Fico a imaginar o que acontecerá se invadirem à força lugares proibidos.⁵⁰

Era impossível que Cixi não tivesse as mesmas preocupações do secretário. O vapor (que na verdade tinha o aspecto de um vaso de guerra) era como um cavalo de Troia nos terrenos de seu palácio e poderia ser usado para chegar ao imperador Guangxu, cuja mansão ficava à beira do lago.

O cavalo de Troia penetrou no Palácio de Verão quando Cixi começou a adoecer.⁵¹ Durante algum tempo, sua compleição forte a susteve, e numa visita à primeira fazenda experimental moderna do país, em maio, ela caminhou vários quilômetros, enquanto o imperador Guangxu era levado numa cadeirinha por dois carregadores.⁵² Entretanto, a partir do começo de julho ela precisou se esforçar para continuar a trabalhar, pois se sentia febril e tonta o tempo todo, e com um tinido metálico nos ouvidos.

Notícias preocupantes também chegavam a Cixi, enviadas pelo vice-rei da Manchúria e referentes a problemas na fronteira com a Coreia, agora em mãos japonesas.⁵³ Os nipônicos estavam construindo atracadouros de balsas no lado coreano e tinham estendido uma linha férrea até a margem do rio. Além disso, haviam começado a construção de uma ponte, que chegara ao meio do rio antes de serem obrigados a desmanchá-la, diante dos enérgicos protestos de Beijing. Enquanto tudo isso ocorria, o ministro japonês em Beijing apresentou uma nota diplomática. Nela o Japão ameaçava usar de força militar a fim de cruzar a fronteira para atacar um grupo coreano antijaponês que lhes vinha causando problemas.⁵⁴ Ao que parece, Tóquio poderia usar qualquer desculpa para enviar tropas — em apoio ao que poderia estar acontecendo nos palácios.

Em 18 de julho, o tenente-general japonês Fukushima Yasumasa, lendário coletor de informações militares, chegou à China e se dirigiu diretamente à província de Hunan a fim de visitar o oficial Cen, que Cixi nomeara governador provincial.⁵⁵ Talvez levada por uma sensação de mau presságio, Cixi pediu ao general Yuan e ao vice-rei Zhang que inspecionassem os arquivos confiscados que continham a correspondência entre Kang Raposa Selvagem e seus comparsas.⁵⁶ Era uma ordem suficientemente invulgar para que um secretário do Grão-Conselho se referisse a ela, surpreso, em seu diário. Normalmente Cixi evitava tomar medidas que pudessem incriminar pessoas que tinham ligações com seus inimigos políticos. Mas agora ela parecia ter necessidade de descobrir se havia ainda outros militares não desmascarados como Cen.

Foi em meio a esse nervosismo estressante que se comemorou o 37º aniversário do imperador Guangxu em 24 de julho. Para marcar a ocasião, Cixi mandou encenar uma ópera sobre a morte de um rei, Liu Bei, no ano 223 d.C.⁵⁷ Cixi, que tinha especial apreço por essa ópera, determinara que todos os figurinos e objetos de cena fossem brancos: a cor do luto. No palco, os atores usavam brocados brancos, com o dragão no manto do rei bordado com um contrastante fio preto. As couraças e bandeiras também eram de um branco brilhante. Normalmente, o branco era tabu num aniversário imperial: para evitar a má sorte, os cortesãos nem usavam mantos com mangas que mostrassem forros brancos. No entanto, Cixi estava pedindo que o filho adotivo tivesse má sorte. Somente sua morte poderia interromper as maquinacões japonesas para fazer dele um fantoche.

a Afirma-se com frequência que Shen foi executado por ser um jornalista sem papas na língua. Na realidade, porém, não há nenhum indício de que ele tenha escrito qualquer coisa para algum jornal ou outra publicação. Seu papel no jornalismo se limitou a obter um documento que tem sido chamado de “Tratado Secreto Sino-Russo”, que foi então

publicado por jornais japoneses. Trata-se, na verdade, de uma lista de exigências que a Rússia fez a Beijing depois dos distúrbios causados pelos boxers, em troca da retirada de tropas russas da Manchúria. Beijing nunca aceitou as exigências, nem houve tratado algum, secreto ou público. (O único tratado entre os dois países foi o de 1896.) Os japoneses queriam esse documento a fim de atizar o ardor antirruso. Ainda assim, entregar tal documento aos japoneses não foi a causa da execução de Shen. Seu “crime” foi o papel que desempenhou na rebelião armada de 1900. Cixi o desejava morto urgentemente porque sabia que ele estava em Beijing para tentar de novo matá-la.¹⁴

b A seguir, Der Ling descreveu a cena com mais detalhes. Lianying, o eunuco-chefe, achou que o carregador deveria ser punido, já que a regra era essa. “Depois de dizer isso, virou-se para os espancadores (que, portando varas de bambu, acompanhavam a corte em toda parte, para ocasiões como essa) e disse: ‘Deem-lhe oitenta pancadas nas costas’. A pobre vítima, ajoelhada no chão enlameado, ouviu a ordem. Os espancadores o levaram para uns cem metros de onde estávamos, fizeram com que ele se abaixasse e começaram a cumprir seu dever. Não demoraram muito para lhe aplicar as oitenta pancadas, e, para grande surpresa minha, o homem se levantou, depois de receber o castigo, como se nada lhe tivesse acontecido. Parecia calmíssimo.” Evidentemente, os espancadores tinham só simulado a punição, por saberem que a imperatriz-viúva não estava zangada com ele. Os eunucos que cometiam erros puníveis com espancamento nem sempre tinham tanta sorte. Muitos, por via das dúvidas, tinham passado a usar tapetes de borracha nas costas.

c O itálico e os colchetes nos comentários do Kaiser são das citações originais. O jornalista também registrou que, durante a entrevista, “o rosto de sua majestade se afogueou, e ele ergueu o braço, com o punho cerrado. Com os dentes trincados e o rosto bem perto do meu, ele exclamou [...]”.

d Pouco mais de três décadas depois, já com as asas bem emplumadas, o Japão lançou um ataque de surpresa contra a base dos Estados Unidos em Pearl Harbor, no Havaí, antes de invadir as Filipinas.

e O general Yuan era uma pessoa exuberante, além de fisicamente imponente. Seus guarda-costas, escolhidos entre homens corpulentos, usavam uniformes com manchas como as do leopardo e pareciam “tigres e ursos”, comentavam as pessoas, pasmas.³⁸

f Junglu morreu em 1903.

g A história de Puyi foi imortalizada no filme *O último imperador*, de Bertolucci.

h Wang Zhao tentou convencer o príncipe Su a agir imediatamente, mas o príncipe era cauteloso e queria esperar o momento certo. Disse: “As regras de nossa dinastia são de rigor especial no que tange a nós, os príncipes. Não podemos entrar nos palácios sem sermos chamados. Um passo em falso e sou um homem morto”. Como Wang Zhao insistisse em tomar a iniciativa, ele contrapôs: “Isso não é coisa que se consiga correndo riscos. Veja só o que você ganhou correndo riscos: uma temporada na prisão do Ministério das Apenações. De que adiantou?”.

31. Mortes (1908)

Nessa época, o imperador Guangxu estava de fato gravemente doente, e médicos das províncias foram chamados a Beijing. Em bilhetes aos médicos, sua majestade se queixava de escutar ruídos, “às vezes um vento distante, chuva, vozes humanas e batidas de tambor; em outras ocasiões cigarras zumbindo e seda sendo rasgada. Não tenho um só momento de paz”.¹ O imperador falou de “fortes dores da cintura para baixo”, dificuldade para erguer os braços e lavar o rosto, surdez e “tremores de frio, mesmo debaixo de *quatro* acolchoados”. Censurava os médicos por não curá-lo ou por não fazê-lo sentir-se melhor. Entretanto, apegava-se tenazmente à vida.

O imperador ganhara um pouco mais de liberdade desde que a corte voltara do exílio e havia retomado seu dever mais importante: visitar o Templo do Céu no solstício de inverno e pedir a bênção do Céu para as colheitas no ano vindouro. Desde que se tornara prisioneiro, esse ritual passara a ser feito, em seu lugar, por príncipes, e Cixi temia a ira do Céu. Agora, confiante em que os guardas e os funcionários obedeceriam a ela, e não ao imperador, finalmente permitiu que ele saísse da Cidade Proibida sem sua companhia.

No entanto, ela nunca deixava de temer que ele fosse sequestrado e estava sempre vigilante, sobretudo quando havia visitantes estrangeiros na capital.

Em certa ocasião Cixi conversava com um grupo de convidados estrangeiros, e um deles mais tarde narrou:

O imperador, decerto enfasiado com uma conversa da qual não participava, saiu em silêncio por uma porta lateral e se dirigiu ao teatro, onde encenavam uma peça. Por alguns momentos a imperatriz-viúva não notou a ausência dele, mas no instante em que descobriu que não estava mais ali, uma expressão de ansiedade tomou conta de seu rosto, e ela se voltou para o eunuco-chefe, Li Lienying [Lee Lianying], perguntando, num tom autoritário: “Onde está o imperador?”. Houve um corre-corre entre os eunucos, que saíram para procurá-lo aqui e ali. Passado algum tempo, voltaram e informaram que ele estava no teatro. A expressão de ansiedade se dissipou do rosto dela como uma nuvem some diante do sol... e vários eunucos permaneceram no teatro.²

Ao que parece, por várias vezes o imperador Guangxu tentou de fato fugir. Um dia, saiu caminhando na direção de uma porta do Palácio do Mar, antes que eunucos o arrastassem de volta, puxando-o pelo longo rabicho. De outra feita, um secretário do Grão-Conselho o viu do lado de fora do escritório em que trabalhavam, com a cabeça voltada para o céu, como a rezar, antes de sair em direção a uma porta da Cidade Proibida. Seu trajeto foi logo barrado por uma dúzia de eunucos, ou mais.³

Era proibido visitá-lo em sua mansão, e somente algumas pessoas de confiança conversavam com ele. Quando Louisa Pierson se juntou à corte, sua filha adolescente, Rongling, costumava conversar com ele quando se encontravam por acaso. Um dia, o eunuco que sempre estava ao lado do imperador entrou no quarto dela e lhe mostrou um relógio que tinha um ideograma gravado no vidro. O eunuco disse à mocinha que sua majestade queria saber onde se encontrava o homem que tinha aquele sobrenome. Tendo crescido no exterior, Rongling lia o chinês muito mal e não reconheceu o ideograma. O eunuco riu. “A senhorita não sabe o que é isso? É Kang.” Ocorreu a Rongling que o eunuco se referia a Kang Raposa Selvagem, cujo nome, até ela sabia, não podia ser mencionado na corte.

Amedrontada, ela disse que realmente não sabia onde estava Kang e que talvez devesse perguntar à mãe. Ouvindo isso, o eunuco lhe disse que esquecesse o assunto. Como Cixi havia escolhido com extremo cuidado todos os eunucos que cercavam o imperador Guangxu, era improvável que o nome “Kang” tivesse sido escrito pelo imperador. O mais provável é que Cixi estivesse testando a moça, cujas conversas com o imperador com certeza lhe tinham sido relatadas, e ela precisava ter certeza de que Rongling não estava sendo usada como mensageira entre o Raposa Selvagem e o imperador Guangxu.⁴

*

No verão de 1908, Cixi começou a sofrer de diarreia, o que a esgotava.⁵ No entanto, não diminuiu em nada seu enorme volume de trabalho, e só de vez em quando retardava sua audiência matinal para as nove horas. Os decretos que baixou nesse período tinham a ver, na maioria, com a criação de uma monarquia constitucional. Ela endossou o anteprojeto de Constituição, autorizou o Regulamento Eleitoral e especificou o cronograma de nove anos para a criação do Parlamento.

Além disso, reservou sua energia enfraquecida para uma iminente visita do 13º dalai-lama. O império Qing incorporara o Tibete a seu território no século XVIII. Desde então, o Tibete tinha autonomia governamental, ao mesmo tempo que aceitava a autoridade da China. Um comissário imperial estava instalado em Lhasa, onde agia como elo entre os dois estados, e Beijing ratificava todas as decisões de Lhasa. Assim, em 1877, Cixi, em nome do imperador Guangxu, aprovara a identificação, pelo regente tibetano, do menino Thubten Gyatso como o reencarnado 13º dalai-lama.⁶ Editos subsequentes tinham endossado o programa educacional da criança, cujos professores eram, na totalidade, tibetanos.⁷ Não havia nada de han ou manchu no currículo. Os tibetanos cooperavam com a imperatriz-viúva, e

ela os deixava levar a vida como quisessem. Todavia, mantinha-se sempre bem informada: desde que o telégrafo chegara à China, o comissário imperial em Lhasa tinha como manter comunicações telegráficas com Beijing.

Em 1903-4, uma expedição militar britânica, comandada pelo major Francis Younghusband, invadiu o Tibete pela Índia Britânica. Resistindo aos invasores, os tibetanos sofreram baixas pesadas. O dalai-lama fugiu, e Younghusband avançou contra Lhasa. Ali, assinou um tratado com os elementos que sobravam do governo tibetano e se retirou. O tratado impôs uma indenização de guerra de 500 mil libras e exigia que o Tibete abrisse mais centros de comércio, rezando ainda: “Como garantia do pagamento da supracitada indenização e do cumprimento das cláusulas referentes aos mercados comerciais [...] o governo britânico continuará a ocupar o vale Chumbi”.⁸ O tratado determinava que os tibetanos deveriam “demolir todas as fortalezas e fortificações, e remover todos os armamentos que possam impedir a livre comunicação entre a fronteira britânica e as cidades de Gyantse e Lhasa”. O Tibete não poderia tomar nenhuma decisão relacionada a política externa “sem o prévio consentimento do governo britânico”.

Assim que o comissário imperial lhe passou pelo telégrafo os termos do tratado, Cixi se deu conta de que a “soberania” de seu império sobre o Tibete se achava ameaçada. Num edito de 3 de outubro de 1904, ela anunciou:

Faz duzentos anos que o Tibete pertence a nossa dinastia. É uma área vasta, rica em recursos, que sempre foi cobiçada por estrangeiros. Recentemente, tropas britânicas entraram nesse território e coagiram os tibetanos a assinar um tratado. Trata-se de um fato ignóbil, e [...] devemos evitar danos adicionais e reparar a situação vigente.⁹

Cixi enviou representantes à Índia a fim de negociar com os britânicos e estabelecer o princípio de que a Grã-Bretanha teria de tratar com a China

qualquer assunto ligado ao Tibete. “Não façam nenhuma concessão quanto a soberania”, ela instruiu seus negociadores.¹⁰

A Grã-Bretanha concordou em negociar com os representantes de Cixi. Em 4 de abril de 1906, firmou um tratado com Beijing que, na prática — mas não explicitamente —, reconhecia o Tibete como parte do império chinês.

Cixi tinha um trunfo: o dalai-lama foragido. Homem bem-apeesoado, de vinte e tantos anos, tinha viajado para o nordeste, usando um hábito de monge, tendo chegado por fim a Urga, hoje Ulan Bator, capital da Mongólia Exterior e, na época, parte do império Qing. O dalai-lama era o líder espiritual dos mongóis e também dos tibetanos. Cixi imediatamente enviou funcionários para que o ajudassem e ordenou às autoridades locais que atendessem a suas necessidades. Além disso, remeteu-lhe um telegrama em que expressava solidariedade pelas agruras que ele passara e lhe recomendou que voltasse a Lhasa para continuar a governar o Tibete como antes, assim que os britânicos tivessem se retirado.¹¹

O 13º dalai-lama não voltou logo ao Tibete, mas pediu para viajar a Beijing e se encontrar com a imperatriz-viúva.¹² Durante sua ausência, um servidor han, Chang Yintang, vinha administrando o Tibete (mas não como comissário imperial, cargo que, por tradição, nunca era dado a um han). Yintang tentou realizar “reformas”, com a intenção de tornar o Tibete mais parecido com uma província han. Como estivera na Índia, negociando com os britânicos, e vira como eles faziam as coisas lá, aconselhou Beijing a adotar o método britânico: enviar um exército de bom tamanho, tornar o comissário imperial um “governador-geral”, nomear os governantes e tratar o dalai-lama e o panchen lama como os marajás indianos, tirando-lhes o poder político e remunerando-os regimento. Cixi não aprovou as recomendações de Yintang. Depois de receber informes segundo os quais seus planos eram muitíssimo malvistos pelos tibetanos, ela o transferiu para outro posto, o que na prática abortou seu programa.¹³ Ao que parece, ela compreendeu que o desejo dos tibetanos de serem deixados em paz era

inegociável e chegou à conclusão de que, se quisesse manter o Tibete como parte do império, teria de respeitar esse desejo. Sua atitude foi entendida pelo dalai-lama, que a considerava a melhor opção, e por isso reiterou o pedido de uma audiência para definir com exatidão um acordo. Por fim, Cixi fez o convite e, em 28 de setembro de 1908, o 13^o dalai-lama chegou à capital.

Cixi relutara em convidá-lo, e o motivo mais provável para isso era que uma visita do dalai-lama acarretava problemas de protocolo potencialmente explosivos. O maior dilema estava em resolver se ele deveria se ajoelhar diante dela e do imperador. Por ser o dalai-lama um líder espiritual, as pessoas se ajoelhavam diante dele. Todavia, ele era também um líder político, e como tal seria esperado que se ajoelhasse perante o trono. Se não fosse exigido que o dalai-lama se ajoelhasse, uma vez que os estrangeiros estavam eximidos dessa obrigação, isso implicaria que Beijing não considerava o Tibete parte da China.¹⁴ O problema se tornaria especialmente crítico por ocasião do banquete oficial em sua honra, quando líderes políticos da Mongólia, por exemplo, se poriam de joelhos quando o imperador Guangxu chegasse e quando saísse. O banquete era um evento “público”, e Cixi tinha plena consciência de que ele atrairia as atenções: enquanto os ocidentais o estariam observando em busca de sinais de que o Tibete não era tratado como parte do império chinês, era preciso garantir que os tibetanos não julgassem que seu deus estava sendo humilhado. O departamento de protocolo perguntou a Cixi o que fazer, e ela refletiu sobre o problema durante vários dias. Por fim, decidiu que o dalai-lama se ajoelharia, como todos os demais no banquete, mas faria isso em seu assento — um trono baixo no qual ele sentava de pernas cruzadas —, e não na entrada do salão como todas as outras pessoas. Dessa forma, sua genuflexão não chamaria a atenção, principalmente por causa de seu manto largo. O dalai-lama não objetou, ficando evidente que considerava isso um preço razoável a pagar para que o Tibete mantivesse sua autonomia — o que ele e a imperatriz-viúva desejavam.

Para Cixi, era vital manter o Tibete no império, de forma mutuamente aceitável e amistosa. Ela meditou a respeito dos presentes mais carregados de significado e, ao conferir um título ao dalai-lama, fez questão de acrescentar palavras no sentido de que ele era “sinceramente leal” ao império.¹⁵ No entanto, evitaria afirmar sua autoridade com mão de ferro. Naquele mesmo ano, ela nomeara um novo comissário imperial para o Tibete, Zhao Erfeng, mas Lhasa o rejeitara, por não aprovar seu desempenho como administrador de uma região vizinha, habitada por tibetanos. Em lugar de enviar Zhao à força, Cixi retardou sua partida, o que foi uma concessão sem precedentes na história da dinastia Qing. Isso “para não perder a boa vontade dos tibetanos”, como ela se expressou em seu decreto.¹⁶ As tropas imperiais receberam recomendação de não se envolver em choques com o Exército tibetano. Em Beijing, Cixi e o dalai-lama combinaram que ele voltaria para Lhasa assim que possível e que continuaria a governar o Tibete como antes.¹⁷

Durante toda a estada do dalai-lama, Cixi lutou para superar as dificuldades causadas por seu estado de saúde. O primeiro encontro entre eles teve de ser cancelado, pois ela se sentia muito mal.¹⁸ Soluçara de frustração ao tomar essa decisão. Não havia como marcar com antecedência uma nova data, pois seu estado variava de um dia para outro. Só conseguiram se encontrar num dia em que, ao se levantar, ela se sentiu um pouco melhor.

A visita do dalai-lama coincidiu com o 73º aniversário de Cixi, no décimo dia do décimo mês lunar — 3 de outubro de 1908. Como ela desejasse de coração receber bem o santo tibetano, decidiu que teria de suportar as intermináveis cerimônias e espetáculos, apesar da diarreia constante e da febre alta.¹⁹ Seus médicos declararam que ela se achava “excepcionalmente exausta”.

Quatro dias depois de seu aniversário, ela sentiu o sopro da morte perto de si e mandou que o príncipe Ching fosse aos Mausoléus do Leste para verificar o estado de sua sepultura, ao lado dos túmulos do marido e do filho.²⁰ Esse lugar de descanso eterno era de suma importância para a imperatriz-viúva, que o mandara edificar de forma esplendorosa. No seu enterro, uma grande quantidade de joias seria depositada com ela no sepulcro, como convinha a uma imperatriz-viúva.

Antes de partir, porém, ela começou a pôr ordem nos assuntos do império. Chegara o momento de cuidar do imperador Guangxu. Acamado e aparentemente à beira da morte, ele se recusava a morrer e poderia se recuperar, como já fizera antes. Se ele sobrevivesse e ela não estivesse mais ali, o império cairia nas mãos dos japoneses, já de atalaia. Foi nessas circunstâncias que Cixi ordenou o assassinato do filho adotivo, por envenenamento. A morte do imperador Guangxu em decorrência da ingestão de grandes quantidades de arsênico foi comprovada de forma definitiva em 2008, depois do exame de seus restos mortais por legistas.²¹ Teria sido fácil tomar as medidas necessárias para seu assassinato. Cixi lhe enviava rotineiramente pratos preparados, como mostras do afeto de uma mãe pelo filho. Às 18h33 do dia 14 de novembro, o imperador Guangxu foi declarado morto pelos médicos da corte.

Sua imperatriz, Longyu, estivera ao lado dele até o fim.²² Ao que parece, tinham chorado abraçados — um abraço raro em quase vinte anos de casamento. Durante aquelas últimas horas, a imperatriz Longyu foi vista correndo, com os olhos inchados, do quarto onde o marido agonizava para o da sogra moribunda. Depois que o imperador Guangxu morreu, ela o vestiu. De acordo com a tradição da corte, a maior pérola disponível devia ser posta na boca do imperador para acompanhá-lo ao outro mundo. A imperatriz Longyu quis tirar a pérola da coroa do imperador, mas um eunuco a deteve, alegando que não tinham a permissão da imperatriz-viúva. A imperatriz Longyu tirou então a maior pérola de sua própria coroa e enfiou-a na boca do marido morto.

O imperador Guangxu morreu numa cama “desadornada como a de um homem comum”, observou um dos médicos vindos das províncias.²³ Não havia um dossel externo que a circundasse, e a banquetta em que ele pisava para chegar ao leito era coberta por um simples cobertor, e não por um brocado de seda. Médicos e funcionários da corte estiveram com ele em suas horas finais, mas nenhum dos grão-conselheiros.²⁴ Suas últimas palavras não foram registradas oficialmente. O Grão-Conselho se congregou ao lado do leito de Cixi enquanto ela agonizava, e mais uma vez depois que souberam da morte do imperador, a fim de ouvir as recomendações da imperatriz-viúva para a sucessão. Zaifeng, que ela vinha treinando havia anos, foi designado regente, e seu filho de dois anos, Puyi, sobrinho-neto de Cixi, foi apontado como o sucessor ao trono.²⁵ A nomeação do filho como imperador garantia que o pai assumiria a função de regente — e além disso Cixi poderia permanecer no comando enquanto vivesse. Seu decreto deixou claro que “todas as políticas-chave deverão ser decididas por mim”.²⁶ Ela estava resoluta a ter as rédeas do império nas mãos até seu último suspiro.

Zaifeng não era a opção ideal, mas Cixi o considerava a melhor possível. Ela confiava que ele não entregaria a China ao Japão e que ele era capaz de lidar com os ocidentais de maneira amistosa e digna. Zaifeng tinha sérias limitações, das quais ela estava plenamente consciente. Certa vez, num jantar na legação americana, perguntaram-lhe: “O que vossa alteza pensa das características dos alemães e dos franceses?”, e ele respondera: “Em Berlim as pessoas acordam cedo e vão trabalhar, enquanto em Paris as pessoas acordam no fim da tarde e vão ao teatro”.²⁷ Era evidente que ele estava papagueando um chavão.

A chama da vida de Cixi estava se apagando, mas ainda assim ela conseguiu supervisionar a infinidade de coisas a serem feitas depois da morte de um monarca, inclusive a redação do testamento oficial do imperador Guangxu, a ser anunciado ao império. O testamento falava da criação de uma monarquia constitucional num prazo de nove anos. Esta,

dizia o documento, era a “aspiração não realizada” do imperador, e tal meta, uma vez alcançada, lhe daria satisfações indizíveis no além-túmulo.²⁸

A noite passou com Cixi cuidando de um assunto depois do outro, consciente todo o tempo de que tinha acabado de assassinar o filho adotivo. Foi obrigada a parar de trabalhar por volta das onze horas da manhã, pois sua morte era iminente.²⁹ E ela se foi menos de três horas depois.

Um secretário do Grão-Conselho redigiu o testamento oficial da própria Cixi conforme seus desejos, “com a mão e o coração a tremer, com tudo parecendo irreal”, como ele registrou em seu diário.³⁰ O testamento recordava seu envolvimento no governo da China durante quase cinquenta anos e seus esforços para dar o que ela julgava ser o melhor de si. Reiterava sua determinação de transformar a China numa monarquia constitucional, tarefa que, o testamento admitia com tristeza, ela não conseguiria levar até ao fim.³¹ Os dois testamentos deixavam inequivocamente claro que o último desejo de Cixi era que os chineses tivessem um Parlamento e eleições.

Em suas três últimas horas de vida, a mente de Cixi continuou ativíssima. Ela ditou seu último decreto político, que pareceria bizarro a qualquer observador: “Estou em estado grave e creio que esteja para morrer”, disse, numa linguagem clara e informal.³² “No futuro, os negócios do império serão decididos pelo regente. No entanto, se ele se defrontar com questões de excepcional gravidade, deverá obedecer à imperatriz-viúva.” Aqui, a expressão “imperatriz-viúva” aludia à imperatriz Longyu, que, com a morte do marido e a nomeação do herdeiro, acabara de receber o título.³³ Para sublinhar que os desejos da imperatriz Longyu eram finais, Cixi usou inusitadamente em seu decreto o termo “deverá” — aparentemente uma redundância. Foi com essa ênfase pleonástica que ela pôs o destino do império, em última análise, nas mãos da imperatriz Longyu.

A imperatriz era, segundo a opinião geral, uma figura insignificante. Para os estrangeiros que a conheceram, seu “rosto é triste e meigo. Meio

encurvada e de magreza extrema, o rosto é comprido, encovado, e ela tem os dentes muito estragados”.³⁴ Desde o dia do casamento, o marido a tratara, no mínimo, com desdém. Observadores mais gentis lhe atribuíam uma vida trágica, enquanto os menos generosos a desprezavam. Raramente aventurava um comentário pessoal e estava acostumada a ser subestimada, o que aceitava com humildade. Mrs. Headland, a médica americana que frequentava a corte, comentou, ao saber de seu novo papel:

Nas audiências concedidas às senhoras [estrangeiras], ela era uma presença constante, mas nunca junto da imperatriz-viúva ou do imperador [...]. Ocupava sempre um lugar discreto nos fundos, com as damas de companhia a seu redor, e assim que podia se afastar sem chamar a atenção, retirava-se [...]. No verão, às vezes a víamos com suas criadas caminhando ao léu. Ela passava a ideia de uma pessoa delicada, serena e amável, sempre temerosa de atrapalhar os outros, e não participava de coisa alguma. E agora é a imperatriz-viúva! Parece bem estranho chamar essa criatura delicada e gentil pelo mesmo título que nos habituamos a utilizar em relação à mulher que acaba de deixar o mundo.³⁵

Os nobres faziam tão pouco-caso da imperatriz Longyu que ninguém se deu ao trabalho de informá-la sobre seu novo título, o de imperatriz-viúva. Temendo ser esquecida, ela timidamente questionou os grão-conselheiros a respeito de sua posição quando eles se reuniram no quarto da recém-falecida Cixi, que ela acabara de vestir. Um grão-conselheiro a ignorou, fingindo estar surdo demais para ouvir o que ela dizia.³⁶ Ao tomar conhecimento de seu novo título, a imperatriz Longyu se mostrou radiante. Embora tivesse todo direito ao título, não ousara esperar que ele lhe fosse conferido. Apesar de ter sido Cixi quem a escolhera como imperatriz, e de Longyu ter servido a ela durante todos aqueles anos, a imperatriz-viúva raramente lhe dirigia um comentário e jamais pedira sua opinião. No entanto, o último ato político de Cixi fora deixar o destino do império em seus ombros estreitos e frágeis.

Um dia, naquele mesmo ano, Cixi passeava num jardim da Cidade Proibida, contemplando as muitas estátuas budistas ali expostas. Por alguma razão, achou que elas não se achavam distribuídas da maneira ideal e ordenou aos eunucos que as mudassem de lugar. A transferência das estátuas de um local para outro expôs uma volumosa pilha de terra. Com um olhar carrancudo, Cixi mandou que tirassem a terra dali. O chefe dos eunucos, Lianying, pôs-se de joelhos e lhe implorou que não tocasse naquela pilha. A terra estava ali havia mais tempo do que qualquer pessoa se lembrava, e o fato estranho em relação a ela era ter mantido a forma original, sem sequer um torrão fora do lugar. Nenhum pássaro, ao que parecia, jamais pousara nela, e, evidentemente, os ratos e raposas que vagueavam pelos terrenos dos palácios sempre a tinham evitado. Segundo informações passadas de geração a geração, aquela era uma pilha de “terra mágica”, ali posta para proteger a grande dinastia.³⁷ Cixi tinha fama de supersticiosa, mas deu mostras de se agastar com essa explicação, retrucando: “Que terra mágica é essa? Acabem com essa pilha”. Enquanto o montinho de terra era desfeito, ela resmungou consigo mesma: “Grande dinastia essa! Que grande dinastia é essa?!”. Um eunuco a ouviu e afirmou que ele e seus companheiros se entristeceram: era como se a imperatriz-viúva julgasse que a dinastia Qing estava chegando ao fim.

Com efeito, a imperatriz-viúva Cixi previra que suas reformas, que mudavam drasticamente a China, poderiam, ao fim e ao cabo, sepultar sua própria dinastia. Enquanto ela vivesse, o trono manchú estava seguro. No entanto, assim que ela se fosse, seu sucessor poderia não ter a mesma força, e a monarquia constitucional que ela tentara criar talvez acabasse não dando em nada. Observadores chineses e ocidentais já previam levantes antimanchus depois de sua morte. A sorte dos manchus, seu próprio povo, afligiu a imperatriz-viúva em suas últimas horas. Se rebeliões republicanas realmente varressem o império, a única opção para os manchus, em enorme inferioridade numérica, seria se render, se quisessem evitar um banho de

sangue. Só a capitulação salvaria seu povo — e pouparia o país de uma guerra civil. Cixi tinha absoluta certeza de que, diante de sublevações republicanas, os homens da corte optariam por defender a dinastia e lutar até a morte. Nenhum homem aconselharia a capitulação, mesmo que a desejasse. Foi por isso que ela pôs o poder decisório, numa crise tão “excepcionalmente crítica”, nas mãos da imperatriz Longyu. Cixi sabia que a imperatriz renunciaria à dinastia a fim de garantir sua própria sobrevivência, bem como a do povo manchu. A imperatriz Longyu capitulara durante toda a vida. Não se importava com humilhações e era a sobrevivente suprema. Além disso, por ser mulher, não se esperava que demonstrasse muita valentia.

A perspicácia de Cixi se confirmou precisamente três anos depois, em 1911, quando rebentaram os esperados levantes e motins. Precipitada por um conflito quanto à propriedade de uma estrada de ferro em Sichuan, e seguida por um grave motim em Wuhan, a agitação se propagou para diversas províncias, várias das quais se declararam independentes do governo Qing. Embora esses movimentos não tivessem um comando único, a maioria partilhava a mesma meta: derrubar a dinastia Qing e fundar uma república.* O sangue manchu começou a ser derramado: o vice-rei Duanfang, reformista, foi assassinado, e em Xian, Fuzhou, Hangzhou, Nanjing e outras cidades, homens e mulheres manchus passaram a ser massacrados. Levantou-se a ideia de rendição, na forma de abdicação do imperador. Como Cixi previra, os nobres manchus resistiram com veemência, jurando defender a dinastia até o último homem. Também como ela antevira, o próprio regente se manifestou publicamente contra a abdicação, ainda que, em privado, fosse a favor.³⁸ Zaifeng sabia que lutar era inútil (apesar do substancial apoio desfrutado pela corte), mas não queria ser o responsável pela queda da dinastia. O decreto de Cixi em seu leito de morte solucionou esse dilema torturante. Em 6 de dezembro, Zaifeng renunciou como regente e transferiu todas as decisões para a imperatriz Longyu.³⁹ Reunindo a seu redor todos os nobres,** a imperatriz declarou,

em meio a lágrimas, que se dispunha a assumir a responsabilidade pelo fim da dinastia, mediante a abdicação de Puyi, então com cinco anos. “Tudo o que desejo é paz sob o Céu”,⁴⁰ disse ela.

Assim, em 12 de fevereiro de 1912, a imperatriz Longyu apôs seu nome ao decreto de abdicação que deu fim à Grande Dinastia Qing, que reinara durante 268 anos, e também a mais de 2 mil anos de monarquia absoluta na China.⁴¹ Foi a imperatriz Longyu quem decretou: “Em nome do imperador, transfiro o direito de governar a todo o país, que será agora uma república constitucional”. Essa “Grande República da China compreenderá todo o território do império Qing, habitado pelos cinco grupos étnicos: manchus, hans, mongóis, huis e tibetanos”. Cixi a incumbira desse papel histórico. A república não era o que a imperatriz-viúva Cixi esperara, mas ela a teria aceitado, uma vez que o novo regime defendia o mesmo ideal de sua desejada monarquia parlamentar: que o futuro da China pertencesse ao povo chinês.

* Viajando pelo exterior, Sun Yat-sen não foi o líder dos levantes. Entretanto, fora o primeiro e o mais persistente propagandista do republicanismo e é considerado, com justiça, o “pai” da China republicana.

** O vice-rei Zhang Zhidong não estava entre eles, pois morrera em 1909.

Epílogo

A China depois da imperatriz-viúva Cixi

O legado da imperatriz-viúva Cixi foi múltiplo e grandioso. O que ela fez de mais importante foi trazer a China medieval para a era moderna. Sob sua liderança, o país começou a adquirir praticamente todos os atributos de um Estado moderno: ferrovias, eletricidade, telégrafo, telefones, medicina ocidental, um Exército e uma Marinha eficientes e meios modernos de conduzir o comércio exterior e a diplomacia. O sistema educacional restritivo e milenar foi abandonado e substituído por escolas e universidades baseadas em modelos ocidentais. A imprensa floresceu, desfrutando de uma liberdade sem precedentes e, pode-se dizer, não superada desde então. Cixi destravou a porta da participação política: pela primeira vez na longa história da China, as pessoas se tornariam “cidadãs”. Foi ela quem lutou pela emancipação da mulher numa cultura que, durante séculos, havia atado os pés de sua população feminina, costume que ela aboliu. O fato de sua última empreitada antes da morte precoce ter sido a adoção do voto atesta sua coragem e visão. Acima de tudo, a transformação que ela operou na China foi realizada sem recurso à violência e com relativa pouca resistência. Suas mudanças foram drásticas, mas ainda assim graduais, sísmicas mas ao mesmo tempo espantosamente incruentas. Sempre buscando o consenso,

sempre buscando trabalhar com pessoas de concepções diferentes, ela liderava por se manter do lado certo da história.

Foi uma gigante, mas não uma santa. Sendo a governante absoluta de um terço da população do planeta e produto da China medieval, ela foi capaz de muitas desumanidades. Suas campanhas militares para a retomada de Xinjiang e para reprimir rebeliões armadas foram brutais. Sua tentativa de usar os boxers para resistir a invasores os levaram a cometer um sem-fim de atrocidades em grande escala.

Apesar de todos os defeitos, não foi uma déspota. Comparado com o governo de seus antecessores ou sucessores, o de Cixi foi benigno. Em cerca de quatro décadas de poder absoluto, suas ordens de execução, justas ou injustas, registradas neste livro, não passaram de algumas dezenas, muitas delas em resposta a complôs para assassiná-la. Sua índole não era cruel. Quando a vida dela estava chegando ao fim, pensava nos melhores meios de evitar uma guerra civil sangrenta e massacres do povo manchu, cuja sobrevivência garantiu com o sacrifício de sua dinastia.

Cixi também pagou um pesado preço pessoal. Acreditava na santidade do lugar de descanso final, mas seu próprio túmulo acabou profanado. Os líderes dos primeiros governos republicanos, a começar pelo general Yuan (que morreu em 1916), respeitaram os termos da abdicação, previamente acordados, e protegeram os mausoléus Qing.¹ Em 1927, os nacionalistas, mais radicais, liderados por Chiang Kai-shek, derrubaram esses homens e criaram um novo regime. Um ano mais tarde, e vinte anos depois da morte de Cixi, uma unidade indisciplinada do Exército irrompeu no sepulcro da imperatriz-viúva para saquear as joias que, sabidamente, tinham sido sepultadas com ela.² Usando dinamite, oficiais e soldados abriram um buraco na parede e, com baionetas e barras de ferro, arrombaram a tampa de seu ataúde. Depois de se apoderarem das joias que a rodeavam, rasgaram-lhe as roupas e arrancaram-lhe os dentes, em busca de algum tesouro escondido. Seu corpo foi deixado exposto.

Ao tomar ciência do sacrilégio, Puyi, o último imperador, então com 21 anos, ficou mortificado, como mais tarde contou.³ Ele fora sumariamente expulso da Cidade Proibida em 1924, numa quebra do acordo de abdicação, e desde então vivia em Tianjin. Mandou que membros da família real reenterrassem os restos de Cixi e dirigiu um protesto ao governo de Chiang Kai-shek. Como a profanação do sepulcro e o roubo das joias se tornassem um escândalo nacional, houve uma investigação, que acabou sendo esquecida, e ninguém foi punido — graças, ao que parece, a polpudas propinas aqui e ali. Quando chegou aos ouvidos de Puyi o boato, muito difundido, de que a pérola posta na boca de Cixi tinha sido usada para decorar um sapato de *Mme.* Chiang, ele se enfureceu. A fúria consolidou sua decisão de apoiar os japoneses, que o puseram como imperador do Manchukuo, o estado-fantoches criado na Manchúria, por eles ocupada em 1931. Seis anos depois, em 1937, o Japão invadiu a própria China.

Cixi lutara para frustrar as tentativas do Japão de transformar a China em parte de seu império asiático oriental e mandara assassinar o filho adotivo para impedir que isso acontecesse. Ironicamente, se ela houvesse entregado a China ao Japão, é quase certo que seu lugar de descanso final — e seus despojos — teriam sido respeitados.

Chiang Kai-shek, um verdadeiro herdeiro de Cixi, combateu o Japão durante toda a Segunda Guerra Mundial. A devastação do Estado de Chiang Kai-shek pelos japoneses abriu caminho para que Mao se apoderasse do poder em 1949, ainda que Stálin, seu patrocinador e mentor, tenha desempenhado o papel central em sua ascensão. Enquanto o Japão, no pós-guerra, se metamorfoseou numa democracia florescente, o regime de 37 anos de Mao mergulhou a China num abismo sem precedentes que engoliu a vida de mais de 70 milhões de pessoas em tempos de paz. Só sua morte, em 1967, pôs fim a essas atrocidades. Por seu desgoverno, Mao não pronunciou uma palavra pedindo desculpas, ao contrário de Cixi, que publicamente expressou seu remorso pelo mal que causara — e que, embora grave, foi uma fração do que Mao infligiu ao país. Pearl Buck, laureada com

o Nobel de literatura, que nasceu em 1892, cresceu na China no tempo em que Cixi esteve no poder e viveu sob, ou acompanhou de longe, os regimes posteriores, descreveu na década de 1950 “o que os chineses que conheci em minha infância sentiam em relação a ela”: “Seu povo a amava — não todo o seu povo, pois os revolucionários, os impacientes, a odiavam com todas as veras [...]. Mas os camponeses e os moradores de cidades pequenas a reverenciavam”⁴ Ao saberem de sua morte, os aldeões se sentiram assustados: “Quem cuidará de nós agora?”, bradavam”. E Pearl Buck concluiu: “Talvez isso seja o julgamento supremo de um governante”.

Os últimos cem anos foram muito injustos com Cixi, que tem sido chamada de tirânica e cruel ou descrita como uma incompetente irremediável — ou ambas as coisas. Poucas de suas realizações foram reconhecidas, e mesmo quando isso acontece, o crédito é dado, invariavelmente, aos homens que a serviam. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que ela era mulher e só podia governar em nome dos filhos, de modo que seu verdadeiro papel tem sido pouco compreendido. Na falta de informações corretas, abundaram boatos e se inventaram mentiras, aceitas como verdades. Como observou Pearl Buck, os que a odiavam eram apenas “mais articulados do que os que a amavam”⁵ As forças políticas que passaram a dominar a China depois de sua morte também a vilipendiaram deliberadamente e obscureceram seus feitos — a fim de alegar que salvaram o país da balbúrdia que ela deixou.

Em termos de realizações inovadoras, sinceridade política e coragem pessoal, a imperatriz-viúva estabeleceu um padrão que não chegou a ser igualado. Ela trouxe a modernidade em substituição a decrepitude, pobreza, selvageria e poder absoluto, e introduziu na política chinesa atitudes até então desconhecidas, como clemência, tolerância e liberdade. E era uma pessoa consciente. Olhando para trás, depois das muitas décadas transcorridas desde a morte de Cixi, não se pode deixar de admirar essa estadista extraordinária, por mais defeitos que tivesse.



1. Cixi era budista devota e reverenciava Guanyin, a deusa da Misericórdia. Em 1903, vestiu-se como Guanyin para ser fotografada. Nesta foto ela aparece com os dois eunucos aos quais era mais ligada, Lianying (à esq.) e Cui (à dir.), que usam trajes de personagens associados à deusa.



2. Ruas da velha Beijing. No primeiro plano, veem-se carroças puxadas a burro, os táxis da época. Foi uma dessas carroças que levou Cixi à Cidade Proibida, em 1852, para ser avaliada pelo imperador Xianfeng, que a escolheu como uma de suas concubinas.



3. Caravana de camelos passa diante de uma das portas de Beijing. Dizia-se que cerca de 5 mil camelos entravam em Beijing a cada dia.



4. Com a morte do imperador Xianfeng, em 1861, o filho de Cixi, de cinco anos, ascendeu ao trono. Cixi lançou um golpe contra os regentes nomeados por seu marido e se tornou a governante efetiva da China. Nesta foto ela é conduzida à habitual audiência matutina, cercada por eunucos em trajes multicores. Na frente, à esq., Cui; à dir., Lianying.

OS COLABORADORES DA IMPERATRIZ-VIÚVA



5. O príncipe Chun, casado com a irmã de Cixi.



6. O príncipe Gong, braço direito e consultor de Cixi.



7. O vice-rei Zhang Zhidong, um dos principais apoiadores de Cixi e famoso modernizador.



8. O general Yuan Shikai, que se tornaria o primeiro presidente da República da China.



9. Li Hongzhang (conde Li), o mais destacado apoiador de Cixi. Na Grã-Bretanha, em 1896, com o primeiro-ministro britânico, Lord Salisbury (à esq.), e Lord Curzon (à dir.).



10. Junglu (no primeiro plano, ao centro), fiel colaborador de Cixi, com senhoras ocidentais.

AMIGOS OCIDENTAIS DE CIXI



11. Anson Burlingame, primeiro ministro dos Estados Unidos na China (1861-7), nomeado pelo presidente Lincoln, e, depois, primeiro embaixador da China nos países ocidentais. De pé, no centro de sua delegação, ele é ladeado por seus dois vices chineses, Zhigang e Sun Jiagu, e pelos dois secretários da missão, um britânico e um francês (todos sentados).



12. Tenente-coronel Charles Gordon (“Gordon Chinês”), que ajudou a derrotar a Rebelião Taiping. Essa vitória preparou o caminho para a era Cixi.



13. Sarah Conger (de vestido escuro), mulher do ministro americano na China (1898-1905), de mãos dadas com Cixi, e outras senhoras da legação americana.



14. Sir Robert Hart, com sua banda ocidental, formada por músicos chineses. Hart foi inspetor geral da Alfândega marítima chinesa durante toda a arreira política de Cixi.



15. Quadro de Cixi.



16. Cixi aprendeu a escrever grandes caracteres como este (o painel mede 211×102 cm) com uma só pincelada. Isso foi considerado um feito notável, sobretudo por ela ser de baixa estatura e idosa. O caractere “shou” significa “longevidade”).



17. Cavalo e caligrafia do imperador Xianfeng de quando ele tinha dezesseis anos.



18. Cixi joga go com um eunuco em quadro de um pintor da corte.



19. Retrato fotográfico de Cixi enviado ao presidente americano Theodore Roosevelt em 1904, em agradecimento aos cumprimentos dele por ocasião do septuagésimo aniversário da imperatriz-viúva. O rosto dela foi retocado com aerógrafo.



20. O imperador Xianfeng; retrato convencional de um monarca feito depois de sua morte. Xianfeng morreu em 1861, num exílio autoimposto, em parte porque o Antigo Palácio de Verão tinha sido incendiado pelos britânicos.



21. Lootie, uma pequinês, foi levada à Grã-Bretanha e presenteada à rainha Vitória, que a fez ser retratada.



22. O filho de Cixi, que se tornaria o imperador Tongzhi, brinca com a meia-irmã.



23. O imperador Guangxu, que, com a morte de Tongzhi em 1875, foi levado ao trono por Cixi aos três anos.



24. Zhen, imperatriz de Xianfeng e amiga de Cixi durante toda a vida.



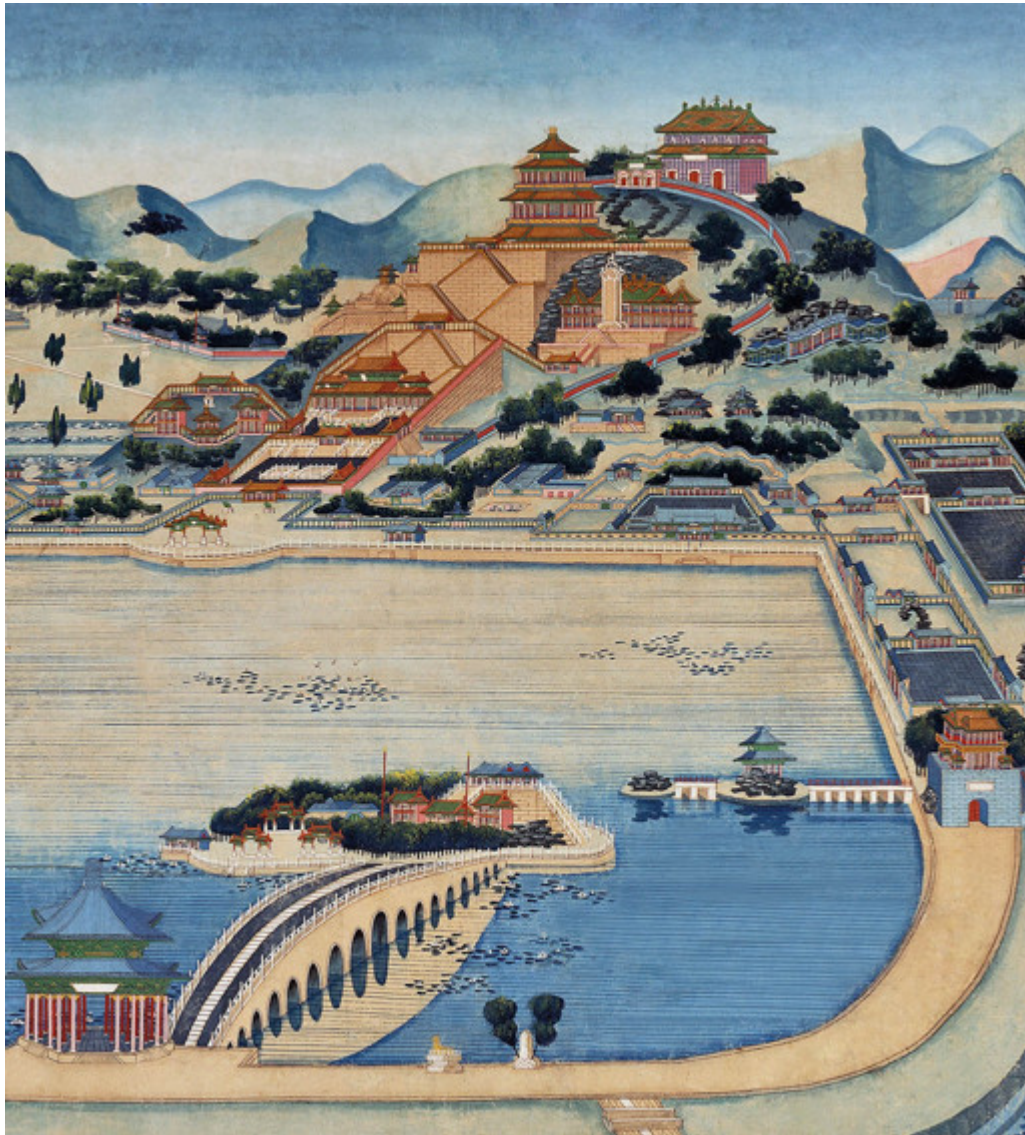
25. O harém, nos fundos da Cidade Proibida. Cixi achava “deprimentes” seus muros altos e suas vielas sem saída.



26. A parte frontal e principal da Cidade Proibida, vasta e grandiosa — e vedada a mulheres. Cixi nunca pisou nessa área, mesmo quando foi a governante suprema da China.



27. Por ser mulher, Cixi não devia ver seus colaboradores, todos homens. Por isso, durante as audiências, ela se sentava atrás do trono e do biombo de seda amarela. O imperador, ainda criança, às vezes se sentava no trono, diante do biombo.



28. O Palácio de Verão, a paixão de Cixi, pintado por um artista estrangeiro.



29. Retrato de Cixi pintado pela americana Katharine Carl para a Exposição de St. Louis em 1904.



30. Katharine Carl, em traje chinês escolhido (e talvez desenhado) por Cixi.



31. Inverno de 1903-4. Ao fundo, Louisa Pierson, meio americana e meio chinesa, consultora de Cixi. Suas filhas, Der Ling e Rongling, estão ao lado de Cixi.



32. Louisa Pierson (sentada), seu marido, Yu Keng (extrema dir.), ministro da China na França, suas duas filhas e o filho, Hsingling (extrema esq.), num restaurante em Paris, recepcionando o príncipe Zaizhen (sentado, no meio), que acabara de assistir à coroação do rei Eduardo VII, em Londres, em 1902.



33. Rongling, filha de Louisa Pierson e Yu Keng, estudou dança em Paris e ficou conhecida como “a primeira-dama da dança moderna na China”.



34. Hsingling vestido de Napoleão num baile de máscaras oferecido por seus pais para comemorar o Ano-Novo chinês, em 1901.



35. Cortesã de alta classe muito parecida com a consorte do ministro de Cixi em Berlim, Mais Bela que a Flor Dourada, em meados da década de 1880.



36. Como parte do programa de modernização de Cixi, na década de 1870, grupos de adolescentes foram enviados aos Estados Unidos para estudar.



37. Em 1889, Cixi se afastou da política, e o imperador Guangxu assumiu o governo do império. Acima, a concubina favorita de Guangxu, Pérola.

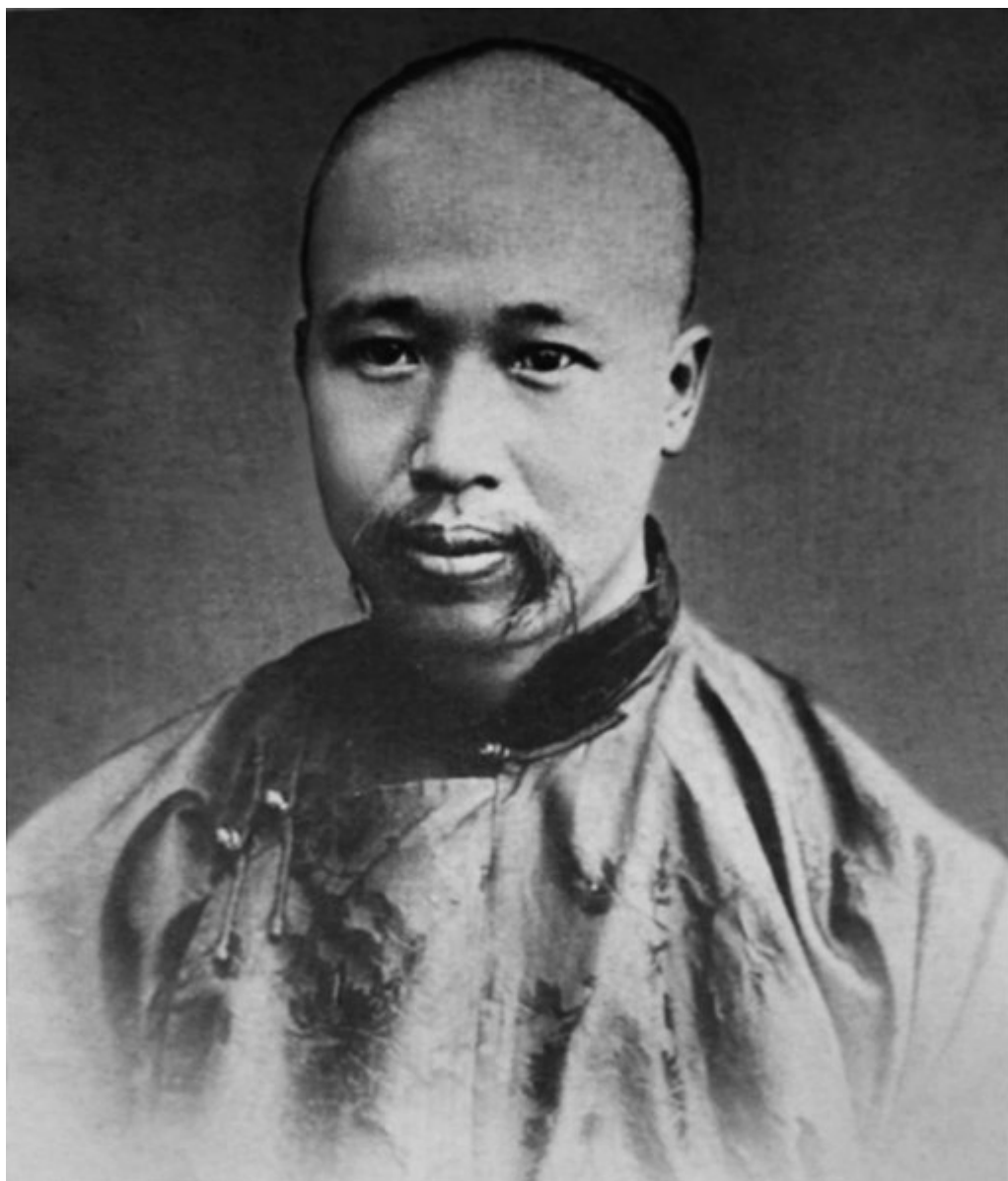


38. O grão-preceptor Weng, figura paternal para Guangxu.



39. Guangxu detestava sua imperatriz, Longyu (segunda da esq. para a dir.). Escolhida por Cixi (no centro, de capa), ela era recurvada e fazia má figura na corte. Extrema esq.: o eunuco Cui. Extrema dir.: Louisa Pierson.

INIMIGOS DE CIXI



40. Sir Yin huan, confidente do imperador Guangxu e, talvez, o principal agente de Tóquio. Ajudou Kang Youwei a conquistar influência sobre Guangxu. Kang tramou o assassinato de Cixi.



CHANG YEN HOON · 1889

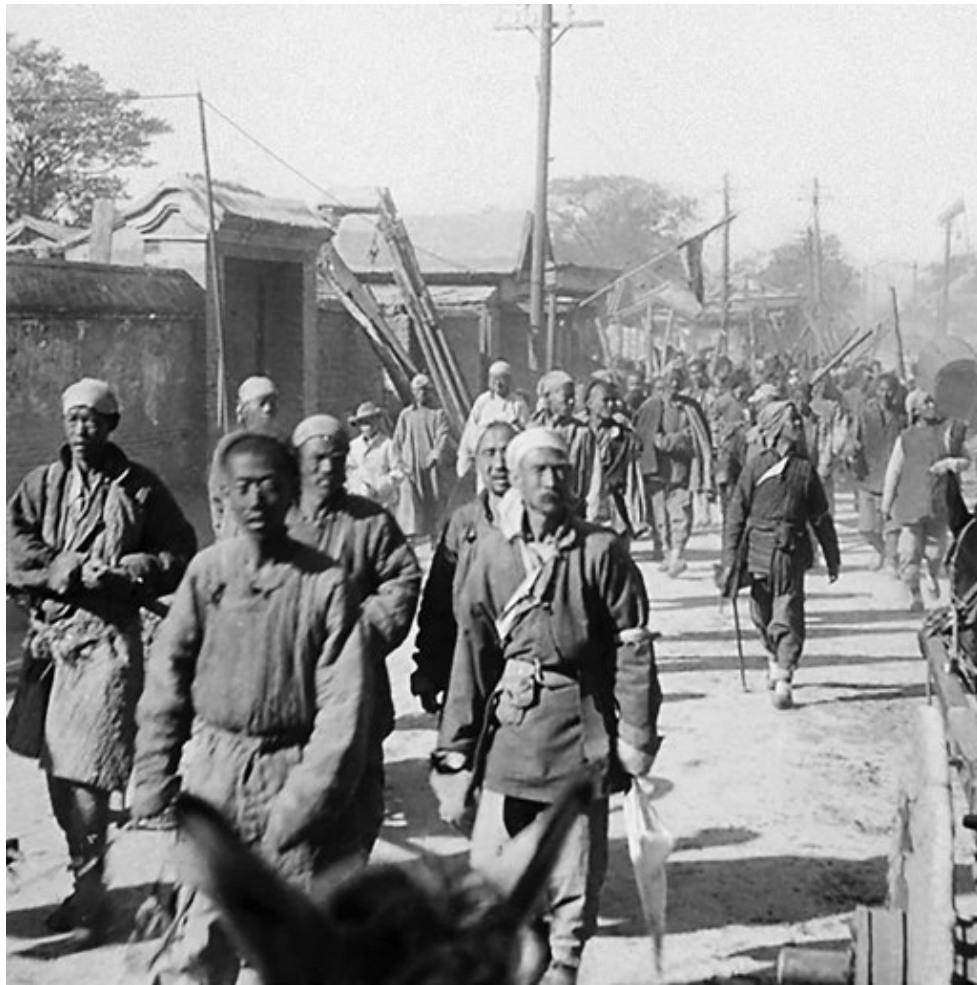
41. Kang Youwei.



42. Liang Qichao, principal colaborador de Kang.



43. O ex-primeiro-ministro japonês Ito Hirobumi, aqui representado numa cédula monetária moderna, foi o arquiteto da guerra do Japão contra a China em 1894.



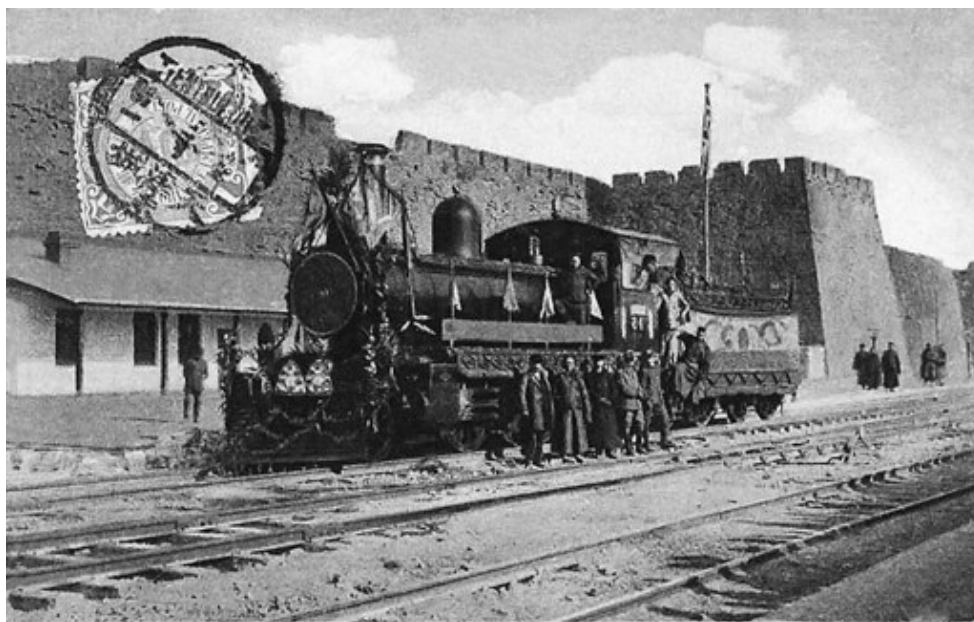
44. Grupo de boxers, xenófobos que causaram distúrbios no norte da China em 1900. As potências ocidentais intervieram, e Cixi teve de deixar Beijing.



45. Forças Aliadas entram na Cidade Proibida.



46. Um estrangeiro a fotografou do alto da muralha da cidade no momento em que ela acenava com um lenço na mão.



47. Cixi voltou para Beijing no começo de 1902, fazendo a última parte da viagem de trem, puxado pela locomotiva imperial fornecida pelos aliados.



48. Moças com os pés atados. Em um de seus primeiros decretos depois de voltar para Beijing, Cixi proibiu esse costume.



49. Condenados com cangas. As reformas legais lançadas por Cixi aboliram métodos medievais de punição como este — assim como a “morte por mil cortes”.



50. Cixi põe uma flor em seu penteado ao estilo manchú. A imperatriz-viúva cuidava muito da aparência. Desenhava suas roupas e joias e supervisionava a fabricação de cosméticos, como ruge, perfumes e sabonetes. Ao fundo, maçãs de seu pomar, expostas pela fragrância sutil.



51. A única foto em que Cixi aparece sorrindo. Na verdade, ela era muito risonha, mas assumia uma expressão séria no trabalho ou diante de uma câmera.

Numa barça no lago do Palácio do Mar, entre flores de lótus.



52. Com senhoras da corte e eunucos. Louisa Pierson está na extrema direita; a quinta a partir da direita é a concubina imperial Jade, irmã de Pérola. Todos tinham de ficar de pé na presença de Cixi, a única pessoa sentada.



53. Grupo com trajes de ópera. Cixi tinha paixão por música e contribuiu para tornar a Ópera de Pequim a ópera nacional da China.



54. Na qualidade de representante de Cixi, sua filha adotiva, a princesa imperial (no centro, ao lado de Sarah Conger), lidera o primeiro grupo de senhoras da corte da legação americana convidadas a jantar.



55. Pátio diante da sala de jantar dos Conger. No verão, o pátio ao ar livre e toda a residência eram cobertos por um gigantesco “mosquiteiro”, feito de fibras de junco por eunucos engenhosos. Sarah Conger escreveu: “O ar é fresco, e as belas árvores, as plantas nos vasos, os arbustos, muitas flores e convidados encantadores fazem do dia uma data feliz”.



56. Cixi entre quatro eunucos jovens e com Der Ling como dama de companhia. Essa intimidade física teria despertado desejos sexuais na juventude. Aos trinta e poucos anos, Cixi de fato se apaixonou por um eunuco, An Dehai. Ele foi decapitado em 1869, e ela sofreu um colapso nervoso.



57. No leito de morte, em 1908, Cixi indicou o sobrinho-neto, Puyi (em pé), como o novo imperador; seu pai, Zaifeng (sentado, segurando o irmão de Puyi), seria o regente.



58. Sun Yat-sen, conhecido como o “pai” da China republicana (no centro), tentara várias vezes derrubar à força a dinastia manchú.



59. Funeral de Cixi. Brooke Astor, filantropo americano, era criança em Beijing e assistiu ao cortejo fúnebre com a família do alto da muralha da cidade: “O cortejo passou por nós o dia inteiro, atravessando o portão. Havia sacerdotes budistas e taoistas, com mantos brancos, e lamas budistas com trajes amarelos e faixas

vermelhas. Havia grupos intermináveis de eunucos vestidos de branco, que atiravam papel-moeda no ar (para uso da imperatriz na viagem ao Céu) [...]. Havia 24 camelos brancos, com tendas de brocado amarelo no dorso [...] e toda uma tropa de pôneis brancos [...]. Havia réplicas em papel machê de todos os palácios da imperatriz [...]. Tudo isso passava acompanhado dos gritos dos enlutados, que se descabelavam e esmurravam o peito ao som de címbalos”. O enorme palanquim estava coberto de brocado amarelo bordado com fênix. Por onde ele passava, todos os ocidentais se levantavam e tiravam o chapéu.



60. Os Mausoléus do Leste, dos monarcas Qing, perto de Beijing, onde Cixi foi sepultada, ao lado do marido e do filho. Em 1928, uma indisciplinada unidade do Exército republicano profanou seu túmulo para saquear as joias enterradas com ela. Seus restos foram deixados expostos.

Notas

1. CONCUBINA DO IMPERADOR (1835-56)

1. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 4, n. 164; Wang Daocheng, 1984, p. 213; Yu Bingkun et al., p. 56.
2. O professor Wang apresentou argumentos convincentes no sentido de que Lan não era o nome de solteira de Cixi: Wang Daocheng, 1984, pp. 216-8; também: Yehenala Genzheng e Hao Xiaohui, 2007, p. 13.
3. Wang Daocheng, 1984, pp. 195-208.
4. Yu Bingkun et al., pp. 7-43.
5. Weng Tonghe, 2006, v. 1, p. 148; Jin Liang, 1998, p. 161.
6. Xin Xiuming, p. 1; Forbidden City Publishing (Org.), p. 39.
7. Yu Bingkun et al., pp. 13-31; Yehenala Genzheng e Hao Xiaohui, 2007, pp. 17-8.
8. Xin Xiuming, p. 2.
9. Wang Daocheng, 1984; Yu Bingkun et al.; Shan Shiyuan, 1990, pp. 1-23; Wang Shuqing, 1980, n. 1; Li Guorong, pp. 216-9.
10. W. Somerset Maugham, p. 2.
11. Algernon Freeman-Mitford, pp. 151-2.
12. Katharine A. Carl, p. 19.
13. Xin Xiuming, p. 14.
14. Wang Shuqing, 1983, n. 3; Wang Daocheng, 1984.
15. Jin Liang, 1933, p. 27.
16. Wang Daocheng, 1984, p. 196; Mao Haijian, 2006, p. 148; cf. Forbidden City Publishing (Org.), pp. 22-3; Li Guorong, pp. 260-1; Tang Yinian, pp. 23-4.
17. Mao Haijian, 2006, p. 75.
18. Instituto de História Qing, Universidade Renmin (Org.), v. 9, p. 69.
19. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979, v. 1, pp. 1-80; Mao Haijian, 2006, p. 106.
20. Palácio Museu (Org.), 2002, v. 10, p. 276.
21. Yu Bingkun et al., pp. 14-22.

22. Woqiu Zhongzi, p. 2.
23. Yun Yuding, v. 2, p. 782.
24. Xue Fucheng, 1983, p. 25.
25. Xin Xiuming, p. 10.
26. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 4, n. 164; Ding Ruqin, p. 229.

2. DA GUERRA DO ÓPIO AO INCÊNDIO DO ANTIGO PALÁCIO DE VERÃO (1839-60)

1. Yu Bingkun et al., pp. 63-70.
2. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 11, n. 1856.
3. Pujia, Pujie et al., p. 209.
4. Isaac Taylor Headland, p. 264; cf. Katharine A. Carl, p. 82.
5. Yu Bingkun et al., pp. 67-8; Tong Yue e Lü Jihong, pp. 15-6.
6. Diários de Macartney em Helen H. Robbins; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2001, pp. 130-6; William Woodcille Rockhill, p. 31.
7. Li Guorong, p. 338.
8. Kangxi a seus filhos e ministros, em Forbidden City Publishing (Org.), p. 239.
9. Jiang Tao, 1993, pp. 30-4; Li Zhiting, pp. 475-7.
10. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yapian zhanzheng (A Guerra do Ópio)*, v. 2, pp. 107-8.
11. Governo Qing (Org.), “Daoguang”, pp. 492-504.
12. *Hansard*, 8 abr. 1840.
13. Jasper Ridley, p. 259; *Hansard*, 4 ago. 1843.
14. Wu Tingfang, pp. 246-7.
15. Governo Qing (Org.), “Daoguang”, pp. 4746, 4807; Palácio Museu (Org.), 2002, v. 9, p. 8.
16. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979, v. 4, pp. 273-8; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2001, p. 150.
17. Mao Haijian, 2006, pp. 44-6; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Dierci Yapian zhanzheng (A segunda Guerra do Ópio)*, v. 3, pp. 449-50.
18. Primeiros Arquivos Históricos da China e Departamento de História da Universidade Normal Fujian (Orgs.), v. 1, p. 44.
19. H. B. Morse, v. 1, p. 417.
20. *Ibid.*, p. 573.
21. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Dierci Yapian zhanzheng (A segunda Guerra do Ópio)*, v. 3 e 4, pass. Tradução para o inglês do endosso do imperador em Parkes Papers 28/10, Departamento de Manuscritos e Arquivos da Universidade, Biblioteca da Universidade de Cambridge.
22. Garnet Joseph Wolseley, pp. 16, 57, 92-3, 113.
23. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Dierci Yapian zhanzheng (A segunda Guerra do Ópio)*, v. 5, p. 92.
24. Lin Keguang et al., p. 150.

25. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Dierci Yapiian zhanzheng (A segunda Guerra do Ópio)*, v. 5, pp. 64, 67-8, 80, 94-5, 101-3, 111.
26. Grant, pp. 133-4.
27. Douglas Hurd, p. 234.
28. Grant, p. 203.
29. H. B. Morse, v. 1, p. 606.
30. Garnet Joseph Wolseley, pp. 224-7.
31. Robert Swinhoe, p. 305.
32. Grant, p. 129.
33. Arquivos Reais, Windsor, PPTO/ PP/QV/MAIN/1861/7469; Millar, pp. 130-1.
34. H. B. Morse, v. 1, p. 611.
35. Grant, pp. 204-5.
36. Garnet Joseph Wolseley, p. 280.
37. Demetrius Charles Boulger, p. 31.
38. *Unesco Courier*, nov. 1985.
39. Bland e Backhouse, pp. 14-29; Hugh Trevor-Roper; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Dierci Yapiian zhanzheng (A segunda Guerra do Ópio)*, v. 2, pp. 66-9.

3. MORRE O IMPERADOR XIANFENG (1860-1)

1. John Thomson, p. 252.
2. Grant, p. 209.
3. Garnet Joseph Wolseley, p. 295.
4. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Dierci Yapiian zhanzheng (A segunda Guerra do Ópio)*, v. 5, p. 264.
5. *Ibid.*, pp. 225-6, 264.
6. *Ibid.*, v. 2, p. 42.
7. *Ibid.*, v. 5, pp. 235, 246, 261; v. 4, p. 463.
8. Michael Ignatieff, pp. 44-5.
9. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Dierci Yapiian zhanzheng (A segunda Guerra do Ópio)*, v. 5, pp. 239, 260-1, 269-70.
10. Ding Ruqin, pp. 221-7; Li Guoliang, p. 95.
11. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979, v. 1, pp. 82-3; Anon., p. 13; Wu Xiangxiang, pp. 49-55; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 11, n. 877, 881.

4. O GOLPE QUE MUDOU A CHINA (1861)

1. Wu Xiangxiang, p. 56.
2. Anon., p. 13.
3. Xue Fucheng, 1983, p. 25.
4. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 11, n. 886-91; Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979, v. 1, p. 85.

5. Anon., pp. 13-4.
6. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 11, n. 338, 882.
7. Weng Tonghe, 2006, v. 1, p. 131.
8. Anon., p. 8.
9. Xue Fucheng, 1983, p. 19; Anon., pp. 8-9.
10. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979, v. 1, pp. 91-2.
11. Wu Xiangxiang, p. 62.
12. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2001, p. 176.
13. Lin Keguang et al., p. 441; Pan Xiangmin, 2006, n. 2.
14. Governo Qing (Org.), "Tongzhi", pp. 5940, 7286.
15. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2001, p. 176; Li Ciming, p. 539.
16. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979, v. 1, pp. 96-118; Weng Tonghe, 2006, v. 1, pp. 143-7; Xue Fucheng, 1983, p. 21; Sato, p. 177.
17. Xue Fucheng, 1983, pp. 17, 23; Weng Tonghe, 2006, v. 1, p. 54; v. 5, p. 2889; Chen Kuilong, p. 96; Aisin-Gioro Puyi, p. 11.
18. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 11, n. 1533; Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979, v. 1, pp. 120, 139.
19. Carta de Bruce ao conde Russell, 12 nov. 1861, F.O. 17/356, National Archives, Londres.
20. Carta de Robertson ao Serviço do Exterior Britânico, 30 nov. 1861, F.O. 17/360, National Archives, Londres.
21. Zeng Guofan, v. 1, p. 690.
22. Original da carta ao príncipe Chun, Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2001, p. 176.
23. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979, v. 1, pp. 106, 119-21.
24. Ibid., p. 123.
25. Ibid., p. 137.
26. Lin Keguang et al., p. 16.
27. Shan Shiyuan, 1997, pp. 452-3.

5. O PRIMEIRO PASSO NO LONGO CAMINHO PARA A MODERNIDADE (1861-9)

1. Carta de Bruce ao conde Russell, 12 nov. 1861, F.O. 17/356, National Archives, Londres.
2. Katharine A. Carl, p. 51; Rongling, 1994, pp. 13, 20; Der Ling, 2004, pp. 69, 78, pass. (Para uma avaliação dos textos de Rongling e Der Ling, testemunhas importantes, ver Zhu Jiajin, 1982, n. 4.)
3. Isaac Taylor Headland, p. 71.
4. Guo Songtao, p. 16; Xue Fucheng, 1983, pp. 25-6.
5. Yu Bingkun et al., p. 116.
6. Isaac Taylor Headland, p. 28.
7. Xin Xiuming, pp. 35-6.
8. Palmerston, em A. Egmont Hake, pp. 86-7; H. B. Morse, v. 2, p. 119.
9. Algernon Freeman-Mitford, p. 72.
10. Yang Tianshi, pp. 6-7.

11. H. B. Morse, v. 2, p. 63.
12. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 293-306.
13. Ibid., pp. 298, 352-8, 403-4, 417-8, 485-7. Para mais informações sobre Wade, ver Cooley, Jr.
14. H. B. Morse, v. 2, p. 76.
15. Henry William Gordon, pp. 49-50.
16. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, p. 353.
17. H. B. Morse, v. 2, pp. 102-4.
18. Li Hongzhang, v. 29, p. 157.
19. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 2461-2, 2526-9; H. B. Morse, v. 2, p. 105.
20. Ibid., pp. 3894-900; Robert Hart, *Robert Hart and China’s Early Modernization: His Journals, 1863-1866*, p. 167.
21. Zuo Buqing.
22. Algernon Freeman-Mitford, p. 29.
23. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, p. 301.
24. Li Yunjun (Org.), p. 243.
25. Robert Hart, *Entering China’s Service: Robert Hart’s Journals, 1854-1863*, p. 15.
26. Ibid., pp. 317-8.
27. Robert Hart, *Robert Hart and China’s Early Modernization: His Journals, 1863-1866*, p. 343.
28. H. B. Morse, v. 1, p. 570; v. 2, p. 33; Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, p. 3615.
29. Li Wenzhi (Org.), pp. 770, 773. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 6032-4.
30. Robert Hart, *Robert Hart and China’s Early Modernization: His Journals, 1863-1866*, pp. 282-8, 326-46. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 3764-87.
31. Algernon Freeman-Mitford, pp. 240-1.
32. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 3767-70.
33. Mi Rucheng (Org.), pp. 29-31.
34. Guo Songtao, p. 15.
35. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, p. 5157.
36. Ibid., p. 3765.
37. Henry Noel Shore, p. 394.
38. Algernon Freeman-Mitford, p. 158.
39. Mi Rucheng (Org.), p. 30.
40. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 3817-8.
41. Robert Hart, *Robert Hart and China’s Early Modernization: His Journals, 1863-1866*, p. 298.
42. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 4469-72.

6. PRIMEIRAS VIAGENS AO OCIDENTE (1861-71)

1. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 11, n. 1349.
2. Wu Xiangxiang, p. 10.
3. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 15, n. 293, 378.

4. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 2, p. 30.
5. Weng Tonghe, 2006, v. 1, pp. 519, 521.
6. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 4557-616; Weng Tonghe, 2006, v. 1, pp. 527-44.
7. Weng Tonghe, 2006, v. 1, pp. 78, 93, 429; Kong Xiangji, 2008, pp. 29-32.
8. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 4523-5; Weng Tonghe, 2006, v. 1, p. 515.
9. Zhang Deyi, p. 520; palavras de Hsü Chi-she sobre os Estados Unidos.
10. Gu Hongming, p. 54.
11. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, p. 3503; Shan Shiyuan, 1990, pp. 68-9; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 2, p. 28; Algernon Freeman-Mitford, pp. 181-2.
12. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 2701-4.
13. Todas as citações estão em Binchun.
14. Arquivos Reais, Windsor, VIC/MAIN/QVJ/1866.
15. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 4443-5.
16. Robert Hart, *Robert Hart and China's Early Modernization: His Journals, 1863-1866*, p. 360; Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 684.
17. Kong Xiangji, 2008, p. 31; Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 684.
18. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 4899-917.
19. Weng Tonghe, 2006, v. 1, p. 568.
20. H. B. Morse, v. 2, pp. 188-9.
21. *Ibid.*, pp. 190, 194, 203.
22. Arquivos Reais, Windsor, VIC/MAIN/QVJ/1868.
23. O discurso de Burlingame está em Henry Noel Shore, pp. 408-9.
24. John Schrecker.
25. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, p. 6640; Zhigang, p. 361.
26. Zhigang, pp. 244-380.
27. Edição de 1845 do catálogo de Madame Tussaud, em Arthur, p. 11.
28. Li Hongzhang, v. 4, pp. 363-5.
29. *Id.*, v. 5, p. 183.
30. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 8, p. 270.

7. AMOR DESVENTURADO (1869)

1. Li Guorong, p. 184.
2. Weng Tonghe, 2005, v. 1, p. 1; Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 703.
3. Katharine A. Carl, p. 203.
4. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 705, 711.
5. Xue Fucheng, 2004, v. 1, p. 42; Xue Fucheng, 1983, p. 83.
6. Xue Fucheng, 2004, v. 1, p. 42.
7. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 19, n. 526.
8. Woqiu Zhongzi, p. 52; Xue Fucheng, 1897.

9. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 19, n. 548; Tang Yinian, p. 153.
10. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 19, n. 632; Woqiu Zhongzi, p. 52; Yuan Xieming.
11. Xue Fucheng, 2004, v. 1, p. 43.
12. Ding Baozhen, v. 2, pp. 801-2; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 19, n. 631.
13. Xue Fucheng, 1897.
14. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 721-30.
15. Ding Ruqin, pp. 231-2.

8. UMA VINGANÇA CONTRA O OCIDENTE (1869-71)

1. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 5927-41; Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 671.
2. Zeng Jize, p. 334.
3. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 5941-50.
4. Algernon Freeman-Mitford, pp. xii-xiii.
5. Isabella Bird, p. 257.
6. Algernon Freeman-Mitford, pp. xlii-xliii.
7. Isabella Bird, p. 346.
8. Comunicados diários, entre os quais instruções minuciosas de Cixi, em Primeiros Arquivos Históricos da China e Departamento de História da Universidade Normal de Fujian (Orgs.), v. 1, pp. 775 ss; Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 776 ss; H. B. Morse, v. 2, p. 246.
9. Primeiros Arquivos Históricos da China e Departamento de História da Universidade Normal de Fujian (Orgs.), v. 1, pp. 778-9; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 11, n. 1538.
10. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 784-5.
11. Ibid., p. 784.
12. Ibid., p. 793; Primeiros Arquivos Históricos da China e Departamento de História da Universidade Normal de Fujian (Orgs.), v. 1, pp. 814-7.
13. Li Hongzhang, v. 4, p. 76.
14. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 7285-336; Wu Xiangxiang, v. 1, pp. 121-7; Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 824.

9. VIDA E MORTE DO IMPERADOR TONGZHI (1861-75)

1. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 11, n. 343.
2. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pass.
3. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 839, 849-50, 862, 882, 1068; Yu Bingkun et al., p. 240.
4. Wu Xiangxiang, v. 1, pp. 218-25; Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 1067, 1073; Gao Shu, p. 156.
5. Xue Fucheng, 1983, pp. 26-7.
6. William Simpson, cap. XV; H. B. Morse, v. 2, pp. 265-6.
7. H. B. Morse, v. 2, p. 266.

8. Zhang Shiyun.
9. Id.
10. Xue Fucheng, 1983, pp. 26-7.
11. Yu Bingkun et al., p. 116.
12. Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 849.
13. Wu Xiangxiang, v. 1, pp. 214-25; Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pass.
14. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 8226-353.
15. Ibid., pp. 8287-8.
16. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 983-4.
17. Wu Xiangxiang, v. 1, pp. 206-25.
18. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 8527-32.
19. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 1059, 1062; Wu Xiangxiang, v. 1, pp. 208-9, 219-26; Wu Rulun, v. 1, p. 314.
20. Weng Tonghe, 2005, v. 1, p. 2; Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 1063; Wu Rulun, v. 1, p. 314.
21. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), *Tongzhi jinyaobu*, 1979, v. 7, pp. 265-92; Weng Tonghe; 2006, v. 2, pp. 1073-86.
22. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 1076-7; Weng Tonghe, 2005, v. 1, p. 3.
23. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1998, v. 24, n. 1119; Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 1089.
24. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 1092-3.
25. Xin Xiuming, p. 26; Xue Fucheng, 1983, p. 27.
26. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 3, pp. 891-2; Instituto de História Qing, Universidade Renmin (Org.), v. 12, p. 226; Yun Yuding, v. 2, p. 789.
27. Weng Tonghe, 2006, v. 3, pp. 1096-112; Li Yin, pp. 238-52; Qu Chunhai, pp. 39-40, 79-81.
28. Katharine A. Carl, p. 243.

10. UM MENINO DE TRÊS ANOS SE TORNA IMPERADOR (1875)

1. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 1086-7; Chen Kuilong, p. 100.
2. Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 1087.
3. Aisin-Gioro Puyi, p. 29.
4. Chen Kuilong, p. 100.
5. Ibid.
6. Weng Tonghe, 2006, v. 2, p. 1087; Zhu Shoupeng, v. 1, p. 2.
7. Weng Tonghe, 2006, v. 2, pp. 1088-9; Zhu Shoupeng, v. 1, p. 3.
8. Aisin-Gioro Puyi, pp. 29-30.
9. Pujia, Pujie et al., pp. 209-14; Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, p. 1470; Zhu Jiabin, 1982, n. 4.
10. Chen Kuilong, p. 197, cf. pp. 120-1.
11. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 4549-56.

11. A MODERNIZAÇÃO SE ACELERA (1875-89)

1. Li Hongzhang, v. 31, p. 166.
2. J. F. Packard, p. 711.
3. Timothy Richard, p. 298.
4. Katharine A. Carl, p. 256.
5. Zhu Shoupeng (Org.), v. 1, p. 336.
6. Tang Jiakuan (Org.), p. 780; Guo Songtao, pass.
7. Kong Xiangji, 2008, p. 32.
8. Guo Songtao, pp. 2-21.
9. Zeng Jize, p. 335.
10. Liu Bannong et al., pp. 11-4, 71-2.
11. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, n. 1020, 1021.
12. Wang Xiaoqiu e Yang Jiguo, pp. 1-34.
13. Cuba Commission, p. 3.
14. Li Hongzhang, v. 6, pp. 327-8.
15. Tang Jiakuan (Org.), pp. 75, 277, 439.
16. Cuba Commission, p. 5; Zhu Shoupeng (Org.), v. 1, p. 85.
17. Li Hongzhang, v. 4, pp. 216-7.
18. Zhu Shoupeng (Org.), v. 1, p. 74; v. 2, p. 1977; Wang Daocheng, 1994, n. 4.
19. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 14, n. 848; Zhang Xia *et al.* (Orgs.), pp. 470-505; Palácio Museu (Org.), 2002, v. 11, pp. 16-7.
20. H. B. Morse, v. 2, p. 393.
21. *Ibid.*, Apêndice D.
22. Palácio Museu (Org.), 2002, v. 12, p. 379.
23. Mi Rucheng (Org.), v. 1, p. 78, cf. p. 7.
24. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 6, pp. 325 ss.; Sheng Xuanhuai, v. 1, p. 107.
25. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 1, pp. 153-5; v. 7, pp. 20, 23-4, 26, 103, 128, 138, pass.; Sun Yutang (Org.), v. 1, n. 2, pp. 612-47.
26. Huang Xi, pp. 33-4; Huang Xing, 2009, v. 38, n. 3.
27. Huang Xi, p. 35.
28. Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2032; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 7, p. 540.
29. Li Hongzhang, v. 9, p. 259.
30. Mi Rucheng (Org.), v. 1, pp. 39 ss.; Sun Yutang (Org.), v. 1, n. 2, p. 612.
31. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 6, pp. 221-2; Yang Naiji; Katharine A. Carl, p. 290; Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2561; Yu Bingkun et al., p. 173.
32. Martin, 2005, p. 219.
33. Zhu Shoupeng (Org.), v. 3, p. 2556.
34. Zhang Zhidong, v. 1, pp. 661-7.
35. *Ibid.*, p. 667.

36. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 6, p. 262.

37. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2005, v. 1, p. 74.

12. DEFENSORA DO IMPÉRIO (1875-89)

1. Zhu Shoupeng (Org.), v. 1, p. 3.

2. Pujia, Pujie et al., pp. 210-4; Aisin-Gioro Puyi, pp. 7-8; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 6, p. 186.

3. H. B. Morse, v. 2, pp. 328-9.

4. Charles Denby, v. 1, p. 242.

5. Governo Qing (Org.), “Tongzhi”, pp. 9136-8.

6. *Ibid.*, p. 9137.

7. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 1, p. 116.

8. Zeng Jize, p. 382.

9. Zhu Shoupeng (Org.), v. 1, pp. 804, 917-9; v. 2, p. 1838.

10. H. B. Morse, v. 2, p. 333.

11. *Ibid.*, pp. 334-5.

12. *Ibid.*, p. 338.

13. Zeng Jize, pp. 41-7; Zhu Shoupeng (Org.), v. 1, pp. 855-6, 870, 896-7.

14. H. B. Morse, v. 2, p. 338.

15. *Ibid.*, p. 339.

16. Zhu Shoupeng (Org.), v. 1, p. 936; Xue Baotian, pp. 50-116.

17. Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, pp. 1679-82.

18. *Id.*, v. 1, p. 1213; v. 2, pp. 1399-400, 1685-6, 1729-30, pass.; Zhang Zhenkun, v. 1, pp. 30-1, 44-5, 54-5.

19. Weng Tonghe, 2006, v. 4, pp. 1787-8.

20. *Ibid.*, pp. 1732, 1737, 1775-7, 1787, 1790, 1811-5.

21. *Ibid.*, p. 1816.

22. *Ibid.*, pp. 1817-8; He Gangde, p. 9.

23. Dong Shouyi, pp. 433-40.

24. Li Hongzhang, v. 10, pp. 331-3.

25. Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, p. 1699.

26. Li Hongzhang, v. 21, p. 150.

27. Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, pp. 1744-5.

28. H. B. Morse, v. 2, p. 355; Li Hongzhang, v. 21, p. 181.

29. Li Hongzhang, v. 21, p. 199; Kong Xiangji, 2001, pp. 344-8.

30. Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, pp. 1766-7.

31. Kong Xiangji, 2001, p. 329.

32. Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, pp. 1804-5.

33. Kong Xiangji, 2001, p. 348.

34. Zhang Zhidong, v. 3, pp. 1917-22; Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, pp. 1912-4.

35. Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, pp. 1729-30; Li Hongzhang, v. 10, p. 418; Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 60.
36. Kong Xiangji, 2001, p. 352.
37. Disponível em: <history.cultural-china.com/en/34History6627>. Acesso em: 12 jun. 2014.
38. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1995, v. 64, pp. 818, 821, 823, 840.
39. Shen Xuefeng.
40. Li Wenzhi (Org.), p. 773.
41. Zhu Shoupeng (Org.), v. 3, p. 2570; Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 1, pp. 737-8.
42. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2004, pp. 48-58.
43. Charles Denby, v. 1, pp. 241-8.

13. GUANGXU SE AFASTA DE CIXI (1875-94)

1. Katharine A. Carl, pp. 192-3.
2. Weng Tonghe, 2006, v. 1, p. 259; v. 2, p. 735; v. 3, p. 1555. Ver a pesquisa do historiador Xu Che, em Xu Che, pp. 345-7.
3. Zhu Shoupeng (Org.), v. 1, pp. 1065, 1244; v. 2, p. 1450; Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 1, p. 371; Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 1751; Ding Ruqin, p. 242.
4. Weng Tonghe, 2006, v. 3, p. 1191.
5. Ibid., p. 1266.
6. Ibid., p. 1327.
7. Weng Tonghe, 2006, v. 3 e 4, pass.; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2005, v. 1, pp. 69-75.
8. Primeiros Arquivos Históricos da China, Beijing, arquivo n. 04-01-14-0080-001; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1995, v. 1, p. 73.
9. Primeiros Arquivos Históricos da China, Beijing, arquivo n. 04-01-12-0528-062.
10. Sociedade de Estudos Manchus (Org.), pp. 178-201.
11. Id., p. 195.
12. Isaac Taylor Headland, p. 116.
13. He Gangde, p. 16.
14. Xin Xiuming, p. 31; Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2452.
15. Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, pp. 2119-27; Weng Tonghe, 2006, v. 4, pp. 2028-31.
16. Li Hongzhang, v. 34, pp. 42, 47, 50.
17. Weng Tonghe, 2006, v. 4, pp. 2030-1.
18. Ibid., pp. 2029-31, 2089-92, 2103; Lin Keguang et al., p. 27.
19. Zhu Jinfu e Zhou Wenquan, 1982, n. 3; Weng Tonghe, 2006, v. 4, pp. 2068, 2125; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2005, v. 1, pp. 75-6.
20. Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2103.
21. Ibid., pp. 2201-2, 2211-2; Lin Keguang et al., p. 39.
22. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2503; cf. Isaac Taylor Headland, p. 202.

23. Yehenala Genzheng e Hao Xiaohui, 2008, p. 4; Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2231.
24. Pujia, Pujie et al., p. 94; Xin Xiuming, p. 85; Yehenala Genzheng e Hao Xiaohui, 2007, pp. 164, 170-4; Jin Yi e Shen Yiling, pp. 295-8.
25. Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2255; Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1051.
26. Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2261.
27. Rongling, p. 21; Isaac Taylor Headland, p. 202.
28. Pujia, Pujie et al., p. 187; Xin Xiuming, p. 23.
29. Serge Franzini.
30. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1052.
31. Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2311.
32. Ibid., p. 2249.
33. Ibid., p. 2256.
34. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 6, pp. 274-6; Li Hongzhang, v. 34, p. 634.
35. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 7, pp. 548 ss.; Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2032.
36. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1056; Li Hongzhang, v. 35, p. 324.
37. Weng Tonghe, 2006, v. 5, pp. 2481, 2484.
38. Sterling Seagrave, p. 175; He Gangde, p. 16.
39. H. B. Morse, v. 2, p. 394.
40. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 837.
41. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2428.
42. Sterling Seagrave, p. 175.

14. O PALÁCIO DE VERÃO (1886-94)

1. Xin Xiuming, pp. 47-8.
2. Yu Bingkun et al., pp. 158-68.
3. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 14, n. 80; Zhu Shoupeng (Org.), v. 3, pp. 2414-5.
4. He Gangde, p. 17.
5. Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2060.
6. Wang Daocheng, 1994, n. 4; Ye Zhiru e Tang Yinian, pp. 1027-31; cf. Xin Xiuming, p. 47.
7. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong (O movimento para aprender com o Ocidente)*, v. 3, p. 141; Wang Daocheng, 1994, n. 4; Ye Zhiru e Tang Yinian, pp. 1029-30.
8. Li Hongzhang, v. 35, p. 213.
9. Weng Tonghe, 2006, v. 5, pp. 2879-80

15. APOSENTADORIA E LAZER (1889-94)

1. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 14, n. 1164; cf. Mao Haijian, 2005, p. 11.
2. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 15, n. 85.
3. *Junjichu suishou dengjidang* (Arquivos de documentos que passaram pelo Grão-Conselho), 5 mar. 1889 ss.
4. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 15, n. 813; Zhu Shoupeng (Org.), v. 3, p. 2646.
5. Zhu Shoupeng (Org.), v. 3, p. 2552; Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2323.
6. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yangwu yundong* (O movimento para aprender com o Ocidente), v. 6, pp. 274-6; Li Hongzhang, v. 34, p. 634.
7. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2353; Li Hongzhang, v. 35, p. 324.
8. Weng Tonghe, 2006, v. 5, pp. 2353, 2446.
9. *Ibid.*, p. 2447.
10. Declaração a Liu Kunyi, em Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa* (As reformas de 1898), v. 4, p. 301; Xin Xiuming, pp. 18, 21.
11. Katharine A. Carl, p. 125.
12. Pujia, Pujie et al., pp. 189-90.
13. Zhu Shoupeng (Org.), v. 2, pp. 2149, 2151; Weng Tonghe, 2006, v. 4, p. 2049.
14. Katharine A. Carl, p. 43; Rongling, p. 22; Jin Yi e Shen Yiling, p. 150.
15. Xin Xiuming, p. 13.
16. Der Ling, 2004; Rongling; Jin Yi e Shen Yiling; Xin Xiuming; Katharine A. Carl; Isaac Taylor Headland; Yehenala Genzheng e Hao Xiaohui, 2007.
17. Jin Liang, 1998, p. 163; Isaac Taylor Headland, p. 85.
18. Xin Xiuming, p. 41; Forbidden City Publishing (Org.), pp. 200-2; Katharine A. Carl, p. 48.
19. Kong Xiangji, 1998, p. 110.
20. Katharine A. Carl, p. 190; Rongling, p. 19.
21. Katharine A. Carl, pp. 23-4.
22. Li Hongzhang, v. 35, pp. 502-3.
23. Der Ling, 2004, p. 26.
24. Jin Yi e Shen Yiling, p. 165; Der Ling, 2004, p. 128.
25. Gao Shu, p. 176; Katharine A. Carl, p. 40.
26. Rongling, p. 15; Xin Xiuming, p. 3; Katharine A. Carl, p. 115.
27. Der Ling, 2004, p. 95.
28. Katharine A. Carl, p. 60; Sarah Pike Conger, pp. 261-2; Jin Yi e Shen Yiling, pp. 146-7.
29. Katharine A. Carl, p. 140.
30. Clifford L. B. Hubbard, p. 220.
31. Katharine A. Carl, pp. 53-5
32. *Id.*, p. 173.
33. Yu Bingkun et al., p. 172; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2005, v. 2, pp. 920-1.
34. Der Ling, 2004, pp. 76-7.
35. Rongling, p. 32.

36. Katharine A. Carl, p. 48; Isaac Taylor Headland, pp. 88, 233.
37. Xin Xiuming, p. 71; Gao Shu, p. 157.
38. Rongling, p. 9.
39. Ding Ruqin, pp. 255-7.
40. Id., pp. 267-8; Zao Yang; Xin Xiuming, p. 38.
41. Forbidden City Publishing (Org.), p. 377.
42. Yu Bingkun et al., p. 157.

16. GUERRA COM O JAPÃO (1894)

1. Li Hongzhang, v. 10, pp. 74-6, 277; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1995, v. 64, p. 821.
2. Li Hongzhang, v. 10, pp. 497-8.
3. Ibid., pp. 640-1, 684.
4. Li Hongzhang, v. 11, p. 60.
5. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 1, p. 592.
6. Li Hongzhang, v. 12, p. 531; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1995, v. 65, pp. 33, 45.
7. Li Hongzhang, v. 15, p. 335.
8. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 1, p. 803.
9. Li Wenzhi (Org.), p. 773.
10. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Zhongri zhanzheng (A Guerra Sino-Japonesa)*, v. 3, pp. 177-8.
11. Li Hongzhang, v. 35, p. 562.
12. Id., v. 15, pp. 423-4; v. 35, p. 562; Jiang Ming, pp. 328-9.
13. Li Hongzhang, v. 13, pp. 74-7, 207-9, 249-50, 351-4, 364-8, 391-2, 420, 546-53; v. 14, pass.; v. 35, p. 587.
14. Wang Daocheng, 1994, n. 4.
15. Li Hongzhang, v. 14, pp. 94-6.
16. Id., v. 35, p. 252.
17. Wu (Woo) Yong, p. 107.
18. Li Hongzhang, v. 15, p. 406.
19. Id., v. 35, p. 562.
20. Id., v. 15, pp. 333-6.
21. Memórias de Mutsu Munemitsu, *Kenkenroku*, em Wang Yunsheng, v. 2, p. 35.
22. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 976.
23. Li Hongzhang, v. 15, pp. 371-4.
24. Ibid., p. 372.
25. Ibid., p. 383; Weng Tonghe, 2005, v. 1, pp. 117-8.

26. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 979.
27. Ibid., p. 976.
28. Ibid., pp. 974-5.
29. Li Hongzhang, v. 24, p. 168.
30. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2708.
31. Ibid.
32. Ibid., p. 2720.
33. Id., 2005, v. 2, p. 1108.
34. Li Hongzhang, v. 15, p. 406.
35. Qi Qizhang (Org.), v. 1, p. 41.
36. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1091; Li Hongzhang, v. 15, pp. 405-7.
37. Weng Tonghe, 2006, v. 5, pp. 2730-1.
38. Ibid., p. 2732.
39. Li Hongzhang, v. 15, pp. 415-36.
40. Ibid., p. 424.
41. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2732; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 20, ns. 1011-2.
42. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1096.
43. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 991.
44. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2738; 2005, v. 2, p. 1098.
45. Li Hongzhang, v. 15, p. 452.
46. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2740.
47. Ibid.
48. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 20, n. 1117.
49. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, pp. 991-2.
50. Ibid., p. 992.
51. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 30, n. 370; Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, p. 5071; Hu Sijing, pp. 28-9. Para outros aniversários: Wu (Woo) Yong, p. 99; Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, pp. 5093, 5575, 5745 etc.
52. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2754; Xin Xiuming, p. 24; Kong Xiangji, 1998, pp. 89-95; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 20, n. 803. Também n. 446, 459.
53. Kong Xiangji, 1998, pp. 84-7.
54. Isaac Taylor Headland, pp. 203-4.
55. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 20, n. 1301.
56. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2754.
57. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 20, n. 1304 ss.; Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1108; Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2797.
58. Petições de Zhirui: Qi Qizhang (Org.), v. 1, pp. 41-5.
59. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2004, pp. 290-1.
60. Weng Tonghe, 2006, v. 5, pp. 2756, 2764.

61. Declaração a Liu Kunyi, em Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 4, p. 300.
62. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2856; Mao Haijian, 2005, p. 468; Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, p. 3685.
63. Weng Tonghe, 2006, v. 5, pp. 2757-9.

17. A PAZ QUE ARRUINOOU A CHINA (1895)

1. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1116.
2. Kong Xiangji, 2001, p. 16.
3. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1125; 2006, v. 5, p. 2776.
4. Wang Wenshao, p. 870.
5. Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, p. 3539.
6. Zhang Zhidong, v. 3, pp. 2036, 2047.
7. Weng Tonghe, 2005, v. 2, pp. 1125-6; 2006, v. 5, pp. 2776-7.
8. Id., 2006, v. 5, p. 2778.
9. Ibid., p. 2782; 2005, v. 2, pp. 1134-5.
10. Li Hongzhang, v. 16, p. 31; Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1137.
11. Li Hongzhang, v. 16, p. 31.
12. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2787.
13. Zhang Zhidong, v. 3, p. 2041.
14. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2792.
15. Li Hongzhang, v. 16, p. 56.
16. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 4, p. 300.
17. Xin Xiuming, p. 16.
18. Wang Yunsheng, v. 2, pp. 260, 268-9.
19. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1009.
20. Ibid., pp. 992, 1006.
21. Entrevista do Kaiser com o dr. William Hale, 19 jul. 1908, em John Rohl, Apêndice 2.
22. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2798.
23. Ibid.
24. Ibid., pp. 2799-800.
25. Ibid., pp. 2801-2, cf. p. 2791; 2005, v. 2, p. 1062.
26. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1017.
27. Charles Denby, v. 2, p. 147.
28. Jin Pushen, 2000, n. 1; Qi Qizhang, p. 504.
29. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 992.
30. Katharine A. Carl, p. 101.

18. A CORRIDA PARA RETALHAR A CHINA (1895-8)

1. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2889; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 21-4, pass.
2. Mao Haijian, 2010, n. 4; Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, pp. 3637, 3648-9, 3652, 3656, 3662, 3670-726, pass.
3. Zhang Zhidong, v. 2, pp. 989-90; cf. Sheng Xuanhuai, v. 1, pp. 472-3, 476, 479.
4. Charles Denby, v. 2, pp. 147-8; H. B. Morse, v. 3, p. 101; Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 998.
5. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1063.
6. Wu (Woo) Yong, p. 130.
7. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2803; Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, pp. 3595-6.
8. Departamento de História da Universidade Tsinghua (Org.), p. 44.
9. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2829.
10. Mao Haijian, 2010, n. 4.
11. Ibid.; Departamento de História da Universidade Tsinghua (Org.), p. 180.
12. Mao Haijian, 2010, n. 4; Weng Tonghe, 2006, v. 5, pp. 2837, 2844, 2878, 2890.
13. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 4, pp. 300-1; Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2742.
14. Mao Haijian, 2010, n. 4.
15. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2856; Wang Wenshao, pp. 919-20.
16. Weng Tonghe 2006, v. 5, p. 2878.
17. Zhang Zhidong, v. 2, pp. 1002-3.
18. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1064; 2006, v. 5, p. 2883.
19. Departamento de História da Universidade Tsinghua (Org.), p. 197.
20. H. B. Morse, v. 3, pp. 103-4; Sun Ruiqin (Trad.), v. 1, p. 116.
21. Wu (Woo) Yong, p. 113.
22. *The New York Times*, 3 set. 1896.
23. Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2944; Li Hongzhang, v. 26, p. 275.
24. Li Hongzhang, v. 16, p. 84; v. 26, p. 275; Weng Tonghe, 2006, v. 5, p. 2944; Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, pp. 3876-7; Mao Haijian, 2010, n. 4.
25. Departamento de Arquivos do Estado, Arquivos Ming e Qing (Org.), pp. 466-7; Mao Haijian, 2011, n. 1; Li Hongzhang, v. 36, pp. 199-226.
26. Zhang Zhidong, v. 2, pp. 989-1001; Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, pp. 3631 ss.
27. Zhang (Chang) Yinhuan, p. 533.
28. H. B. Morse, v. 3, p. 108.
29. Weng Tonghe, 2006, v. 5, pp. 2934-6.
30. Ibid., p. 2891.
31. Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, pp. 3963-5.
32. Ibid., pp. 3972-3.
33. *Qing shilu*, v. 57, p. 301; Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, p. 3973.
34. Sun Ruiqin (Trad.), v. 1, pp. 106-47; Museu de Qingdao *et al.* (Orgs.), pp. 121 ss.; Edgar T. S. Dugdale (Org. e trad.), XIV, p. 69; H. B. Morse, v. 3, pp. 106-7.

35. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1069; Wang Yunsheng, v. 3, pp. 173-4.
36. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1069.
37. Id., 2006, v. 6, p. 3099; 2005, v. 2, p. 1072.
38. Id., 2005, v. 2, p. 1071; 2006, v. 6, p. 3081.
39. Witte, p. 100.
40. Zhang Rongchu (Trad.), pp. 203-12.
41. Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3104.
42. Zhang (Chang) Yinhuan, p. 519.
43. Ibid.
44. Zhang (Chang) Yinhuan, pp. 519-20; Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3104.
45. Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3103.

19. AS REFORMAS DE 1898 (1898)

1. H. B. Morse, v. 3, p. 127.
2. Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3081; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 2, p. 430.
3. Weng Tonghe, 2006, v. 6, pp. 3118-28; 2005, v. 2, p. 1072; Zhang (Chang) Yinhuan, p. 530.
4. Zhang (Chang) Yinhuan, p. 522.
5. Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3118.
6. Mao Haijian, 2005, pp. 428-35.
7. Weng Tonghe, 2006, v. 6, pp. 3081, 3114.
8. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2004, pp. 252-3.
9. Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3132.
10. Ibid., p. 3134.
11. Id., 2005, v. 2, p. 1074; 2006, v. 6, p. 3134.
12. Mao Haijian, 2005, pp. 31-3.
13. Ibid., pp. 16-8, 33-5.
14. William A. P. Martin, 1896, p. 327.
15. Zhu Shoupeng (Org.), v. 4, p. 4135.
16. Kong Xiangji, 1988, p. 369.
17. Kang Youwei, p. 8.
18. Mao Haijian, 2005, p. 382; Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3112; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 23, n. 1107.
19. Provavelmente Guangxu pediu a Weng que lhe desse outro exemplar do panfleto de Kang sobre o Japão porque Cixi, que tinha o panfleto, falou-lhe a respeito dele e ele não o lera. Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3128; Mao Haijian, 2009, p. 382.
20. Kong Xiangji (Org.), 2008a, p. 231.
21. Ibid., pp. 234-5.
22. Kang Youwei, p. 44; Mao Haijian, 2009, p. 441.
23. John L. Cranmer-Byng, p. 238; Helen H. Robbins, p. 386.
24. Der Ling, 2004, p. 277.

25. Mao Haijian, 2009, pp. 576-88; Zhang (Chang) Yinhuan, p. 547; Departamento de Arquivos do Estado, Arquivos Ming e Qing (Org.), pp. 6-11.

26. Zhang (Chang) Yinhuan, p. 562; Kong Xiangji (Org.), 2008a, p. 142; Liang Dingfen, em Tang Zhijun, p. 67.

27. Mao Haijian, 2009, pp. 582-3.

28. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2009, n. 1.

29. Kong Xiangji (Org.), 2008a, pp. 355, 432; Mao Haijian, 2009, p. 721; Liang Dingfen, em Tang Zhijun, p. 67.

30. Kong Xiangji (Org.), 2008a, p. 433; Mao Haijian, 2005, p. 131; Zhang (Chang) Yinhuan, p. 553.

31. Kong Xiangji (Org.), 2008a, pp. 351-5.

32. Ibid., p. 360; Livretos encadernados na biblioteca do Palácio Museu, Beijing.

33. Kong Xiangji, 1988, pp. 373-5.

34. Ibid., p. 380.

35. Mao Haijian, 2005, pp. 35, 65, 81.

36. Ibid., p. 73.

37. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 4, p. 332; Mao Haijian, 2009, p. 709.

38. Kong Xiangji, 1988, p. 62.

39. H. B. Morse, v. 3, p. 132.

40. Sun Jianai, em Mao Haijian, 2009, pp. 42, 534; Liang Dingfen, em Tang Zhijun, pp. 63-4.

41. Kong Xiangji (Org.), 2008a, pp. 350-1.

20. UM COMPLÔ PARA ASSASSINAR CIXI (SETEMBRO DE 1898)

1. Wang Zhao, em Cen Chunxuan, Yun Yuding et al., p. 84.

2. Yuan Shikai, pp. 550-3; Bi Yongnian, p. 28.

3. Kong Xiangji (Org.), 2008a, pp. 402-3; Mao Haijian, 2009, p. 774.

4. Kong Xiangji (Org.), 2008a, pp. 399-401, 404-5, 443-5.

5. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2011, pp. 107-95; Departamento de História da Universidade Tsinghua (Org.), p. 958.

6. Mao Haijian, 2005, pp. 440-2.

7. Wang Xiaoqiu, p. 122.

8. Id., p. 129.

9. Li Hongzhang, v. 36, p. 193.

10. Zheng Xiaoxu, v. 2, p. 671.

11. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2011, pp. 148-53; Liang Dingfen, em Tang Zhijun, p. 69.

12. *The New York Times*, 13 maio 1897.

13. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2004, pp. 251-4.

14. Kong Xiangji, 1988, p. 252; Zhang (Chang) Yinhuan, p. 540.

15. Zhang (Chang) Yinhuan, pp. 539-41; Mao Haijian, 2005, p. 38.

16. Kong Xiangji, 2008, pp. 230-3; Kong Xiangji (Org.), 2008a, pp. 144, 188, 422; Ma Zhongwen, 1998; Mao Haijian, 2009, p. 721; Liang Dingfen, em Tang Zhijun, p. 67.
17. Zhang (Chang) Yinhan, p. 510; cf. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2009a, p. 83.
18. Weng Tonghe, 2006, v. 6, p. 3068; 2005, v. 2, p. 1071.
19. Departamento de Arquivos do Estado, Arquivos Ming e Qing (Org.), p. 461.
20. Yuan Shikai, p. 553.
21. Bi Yongnian, p. 28.
22. Carta de Kang a Timothy Richard, em Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 3, p. 528.
23. Timothy Richard, dedicatória, pp. 258, 263, 266.
24. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1044.
25. National Archives, Londres, P.O. 17/1718, p. 191.
26. Brennan a MacDonald, em Seagrave, p. 244.
27. Kang Youwei, p. 66.
28. Liang Qichao, 1964, p. 109.
29. Mao Haijian, 2009, p. 822.
30. Chen Kuilong, p. 37; Wang Xiagang, pp. 240-4.
31. Yun Yuding, v. 1, p. 170. Mao Haijian, 2011, n. 1.
32. Tang Zhijun, p. 39.
33. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 24, n. 1399; cf. Mao Haijian, 2005, p. 133.
34. Yuan Shikai, pp. 554-5.
35. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 3, p. 542.
36. Tang Zhijun, pp. 57-63.
37. Zhang (Chang) Yinhan, p. 561; Zhang Rongchu (Trad.), pp. 211-2.
38. Zhang (Chang) Yinhan, p. 562.
39. Weng Tonghe, 2006, v. 5, pass.; Wu (Woo) Yong, pp. 21-2; Kong Xiangji, 2001, pp. 199-200; Ma Zhongwen, 1996, n. 4.
40. Weng Tonghe, 2005, v. 2, p. 1084.
41. Zhang Shesheng, p. 156.
42. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 24, n. 1411.
43. *Ibid.*, v. 26, n. 662; cf. n. 679, 681.
44. Xin Xiuming, p. 33.
45. Mao Haijian, 2005, pp. 142-6.
46. Mao Haijian, 2009, p. 859.
47. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 24, n. 1376, 1399, 1754, pass.; Mao Haijian, 2005, pp. 136, 547-8.
48. Yang Tianshi, pp. 188-90.
49. *Id.*, p. 159.
50. Mao Haijian, 2005, pp. 149-53, 160.
51. Ding Ruqin, p. 272.

52. Wang Daocheng, em Sociedade de Estudos Manchus (Org.), 2005, v. 2, p. 223; Mao Haijian, pp. 143, 152.

21. A ÂNSIA DE DESTRONAR O FILHO ADOTIVO (1898-1900)

1. Ding Ruqin, pp. 269-70.
2. Royal Archives, Windsor, VIC/MAIN/Q/16, n. 116; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 3, p. 538.
3. Serge Franzini.
4. Xin Xiuming, pp. 12-4; Jin Liang, p. 14, 1998; Rongling, p. 12.
5. Yun Yuding, v. 1, p. 405; Wang Zhao, pp. 103-4; Katharine A. Carl, pp. 191, 292.
6. Isaac Taylor Headland, pp. 165-8.
7. Wu (Woo) Yong, p. 74.
8. Katharine A. Carl, pp. 66-7.
9. Ye Xiaoqing, 2007, n. 2; Rongling, p. 22; Wang Zhao, pp. 102-3.
10. Wu (Woo) Yong, p. 74.
11. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2004, pp. 123-209.
12. Isaac Taylor Headland, p. 65.
13. Forbidden City Publishing (Org.), p. 239.
14. Departamento de História da Universidade Tsinghua (Org.), pp. 1198, 1205; Liu Kunyi, v. 3, pp. 1112, 1415.
15. Chen Kuilong, p. 23.
16. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1180.
17. Sarah Pike Conger, pp. 40-3; Lady Ethel MacDonald, "My Visits to the Dowager Empress of China", *Empire Review*, abr. 1901, Sterling Seagrave, pp. 259, 261.
18. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 25, n.1512.
19. Ibid., n. 43-4; Isaac Taylor Headland, p. 161.
20. Isaac Taylor Headland, p. 161.

22. GUERRA CONTRA AS POTÊNCIAS MUNDIAIS, USANDO OS BOXERS (1899-1900)

1. Royal Archives, Windsor, VIC/MAIN/Q/16, n. 121; H. B. Morse, v. 3, pp. 124-5.
2. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1190; Robert Hart, *Robert Hart and China's Early Modernization: His Journals, 1863-1866*, p. 1192.
3. Isaac Taylor Headland, p. 61.
4. Xiang, pp. 87-8.
5. H. B. Morse, v. 3, p. 125.
6. Salvago Raggi, pp. 148-9.
7. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 25, n. 1207, 1220.
8. Xiang, p. 95.
9. H. B. Morse, v. 3, p. 125.

10. Xiang, p. 101; Li Hongzhang, v. 36, p. 250.
11. Sheng Xuanhuai, v. 2, pp. 652-6; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 25, n. 1247-8; Wu (Woo) Yong, p. 89.
12. Wu Tingfang, p. 254.
13. Yung Wing, pp. 70-3.
14. Wu Tingfang, p. 181.
15. E. H. Edwards, pp. 53-4.
16. Arthur H. Smith, p. 54.
17. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 44; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 25, n. 1451, pass.
18. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 13.
19. Ibid., pp. 21-32; Primeiros Arquivos Históricos da China e Departamento de História da Universidade Normal Fujian (Orgs.), v. 5, pp. 588-92.
20. Isabella Bird, p. 298.
21. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 19-21, 38.
22. Ibid., pp. 38, 44-5.
23. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 25, n.1423; H. B. Morse, v. 3, p. 179.
24. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 57.
25. Ibid., pp. 46-8.
26. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 26, n. 53.
27. National Archives, Londres, P.O. 17/1412; H. B. Morse, v. 3, p. 187.
28. National Archives, Londres, P.O. 17/1412.
29. Ibid.; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yihetuan (Os boxers)*, v. 3, p. 169.
30. National Archives, Londres, P.O. 17/1412; Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 80.
31. Sarah Pike Conger, p. 91.
32. Andrew Roberts, p. 773.
33. Ronglu (Junglu), p. 405; Hou Bin.
34. Wu (Woo) Yong, p. 86; Kong Xiangji, 2008, p. 168; Instituto de História Qing, Universidade Renmin (Org.), v. 12, p. 180.
35. Arthur H. Smith, p. 169.
36. Instituto de História Qing, Universidade Renmin (Org.), v. 12, p. 175.
37. Ibid., p. 179.
38. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 110-1; Sarah Pike Conger, p. 92.
39. Sarah Pike Conger, pp. 97, 100; MacDonald, Sir Claude et al., p. 49; Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 142-4; Instituto de História Qing, Universidade Renmin (Org.), v. 12, p. 182.
40. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, pp. 145, 157-8.
41. Xiang, p. 261.
42. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 133.
43. Instituto de História Qing, Universidade Renmin (Org.), v. 12, p. 183.

44. H. B. Morse, v. 3, p. 204; Fleming, p. 95; Xiang, pp. 269-70.
45. Arthur H. Smith, p. 240.
46. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 144-5.
47. Ibid., pp. 136-41.
48. Li Hongzhang, v. 27, pass.
49. Yun Yuding, v. 2, pp. 785-6.
50. Royal Archives, Windsor, VIC/MAIN/Q/16, n. 133.
51. Ibid., n. 135-851.
52. Ibid., n. 130.
53. Li Hongzhang, v. 27, p. 74.
54. Wu (Woo) Yong, pp. 28 ss.
55. Yun Yuding, v. 2, p. 786.
56. Andrew Roberts, p. 771.
57. Royal Archives, Windsor, VIC/MAIN/Q/16; Primeiros Arquivos Históricos da China, n. 130.

23. LUTANDO ATÉ O AMARGO FIM (1900)

1. Kong Xiangji, 2008, p. 170.
2. Sarah Pike Conger, pp. 116, 199.
3. Arthur H. Smith, p. 577.
4. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 161-2; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 26, n. 587-8; Li Hongzhang, v. 27, p. 97.
5. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 176.
6. Xiang, p. 261.
7. Id., p. 301.
8. Liu Bannong et al., p. 75.
9. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 2, pp. 476, 478.
10. Isaac Taylor Headland, p. 206.
11. Wu (Woo) Yong, p. 87; Chen Kuilong, p. 39; Ronglu (Junglu), p. 404; Kong Xiangji, 2008, p. 169.
12. Wu (Woo) Yong, p. 87.
13. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 187.
14. Sarah Pike Conger, pp. 114-7, 129-30.
15. Chen Kuilong, p. 52.
16. Katharine A. Carl, p. 266.
17. Wu (Woo) Yong, p. 89.
18. Li Hongzhang, v. 27, p. 154.
19. Ibid., p. 117.
20. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 414.
21. H. B. Morse, v. 3, p. 242.
22. E. H. Edwards, pp. 106-7.
23. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 327-8, 421-3.

24. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 1, pp. 253-4.
25. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 415-7.
26. Li Hongzhang, v. 27, pass.
27. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 156-7; v. 2, p. 946.
28. Ibid., pp. 401, 404, 411-2, 414.
29. Ibid., pp. 386-7.
30. Kong Xiangji, 2008, pp. 166-71.
31. Mao Haijian, 2011, n. 1.
32. Sun Ruiqin (Trad.), v. 1, pp. 106, 121-45.
33. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Yihetuan (Os boxers)*, v. 2, p. 496.
34. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 392.
35. H. B. Morse, v. 3, p. 362; Martin, 1896, p. 238; Kong Xiangji, 2008, p. 213; Liu Kunyi, v. 6, p. 2586.
36. Royal Archives, Windsor, VIC/MAIN/Q/16, n. 628; Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2011, pp. 408-9; Liu Kunyi, v. 6, p. 2586.
37. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 469.
38. Sheng Xuanhuai, v. 2, p. 656.
39. Xin Xiuming, p. 37.
40. Mao Haijian, 2005, p. 38.
41. Chen Kuilong, pp. 57-9.
42. Natong, v. 1, p. 350; Pujia, Pujie et al., pp. 90-1.
43. Pujia, Pujie et al., pp. 187-8; Xin Xiuming, pp. 24-5.

24. FUGA (1900-1)

1. Pujia, Pujie et al., pp. 90-3; Cen Chunxuan, em Cen Chunxuan, Yun Yuding et al., pp. 14-5; Wu (Woo) Yong, p. 51; Xin Xiuming, pp. 33-4; Wang Zhao, p. 100.
2. Wu (Woo) Yong.
3. Pujia, Pujie et al., p. 93.
4. Id., p. 90.
5. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 489, pass.; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 2, pass.
6. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2005, v. 1, p. 37.
7. Wu (Woo) Yong, p. 95.
8. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 26, n. 662; Ma Zhongwen, 1996, n. 4.
9. Liu Kunyi, v. 6, p. 2586.
10. Kong Xiangji, 2008, pp. 162-3.
11. Royal Archives, Windsor, VIC/MAIN/Q/16, n. 592, 806.
12. Ibid., n. 843.
13. H. B. Morse, v. 3, pp. 330, 342.
14. Zhang Zhidong, v. 2, pp. 1453-4; v. 3, pp. 1526, 1580; Li Xizhu, pp. 116-7.
15. Gao Shu, p. 148.

16. Zhang Zhidong, v. 12, pp. 10 566-8.
17. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 484.
18. Ibid., pp. 484, 532; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 3, pp. 891-2; Instituto de História Qing, Universidade Renmin (Org.), v. 12, p. 226; Yun Yuding, v. 2, p. 789.
19. Natong, v. 1, p. 352; Yun Yuding, v. 2, p. 789.
20. Liu Bannong et al., p. 31.
21. Yang Tianshi, 2011, n. 5; Sang Bing, pp. 334-5; Yang Tianshi, pp. 157-61.
22. National Archives, Londres, P.O. 17/1718, p. 372.
23. Royal Archives, Windsor, VIC/MAIN/Q/16, n. 859.
24. Tang Zhijun, 1997, p. 337.
25. Wu (Woo) Yong, pp. 50, 89; Cen Chunxuan, Yun Yuding et al., p. 18; Xu Che, p. 486.
26. Wu (Woo) Yong, p. 83.
27. Id., p. 74.
28. Id., p. 81; Roosevelt Longworth, p. 99; Katharine A. Carl, p. 71; Townley, p. 89.

25. REMORSO (1900-1)

1. Entrevista com o prof. Wang Daocheng, que viu o bilhete, 21 out. 2010.
2. Arthur H. Smith, pp. 529-30.
3. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 496-7, 551-2; v. 2, pp. 1152, 1214, 1321, 1328-9, 1340-1; cf. Zhang Zhidong, v. 3, p. 2168.
4. H. B. Morse, v. 3, p. 367; Chen Kuilong, p. 44; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 8, p. 604; Zhang Zhidong, v. 2, p. 1451.
5. Natong, v. 1, p. 350; Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 498.
6. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, pp. 496-7.
7. Ibid., p. 513.
8. B. L. Putnam Weale, p. 342.
9. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 1, p. 552.
10. Ibid., v. 2, pp. 1155-6.
11. Liu Bannong et al., p. 36.
12. Von Waldersee, p. 205.
13. Id., pp. 252-3.
14. Id., pp. 216-21.
15. Id., pp. 241-2.
16. Id., p. 221.
17. Qi Rushan, em Liu Bannong et al., pp. 253-63.
18. Jung Chang e Jon Halliday, cap. 56.
19. H. B. Morse, v. 3, pp. 346-7, 350.
20. Ibid., p. 350; Von Waldersee, p. 210.
21. Michael H. Hunt.
22. Jiang Tao, 1993, pp. 78-9.
23. Von Waldersee, pp. 224, 233, 239-40; Banco Popular da China (Org.), pp. 888-98.

24. Sarah Pike Conger, pp. 188-9.
25. Protocolo Boxer de 1901, em Secretaria do Comitê Permanente do Congresso Popular Nacional (Org.), p. 205; Banco Popular da China (Org.), p. 892.
26. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1282; H. B. Morse, v. 3, p. 351.
27. H. B. Morse, v. 3, p. 351.
28. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 2, p. 1075.
29. H. B. Morse, v. 3, pp. 103-4; Sun Ruiqin (Trad.), v. 1, p. 116.
30. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 2, p. 1075.
31. Fairbank et al., p. 167.
32. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 27, 751; Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1294; H. B. Morse, v. 3, p. 470.
33. H. B. Morse, v. 3, p. 367.
34. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 2, p. 853.
35. Wu (Woo) Yong, p. 89.
36. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 2, pp. 944-7.
37. Katharine A. Carl, p. 269.
38. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979a, v. 2, pp. 914-6.
39. Ibid., p. 1328.
40. *Procès-verbaux des Séances du Gouvernement Provisoire de Tientsin*, v. 1, Introduction, pp. 1-16.
41. H. B. Morse, v. 3, p. 365.
42. Zhang Zhidong, v. 2, p. 1428.
43. Martin, 2005, p. 198.
44. Roosevelt Longworth, p. 95.
45. Reynolds, p. 1.

26. REGRESSO A BEIJING (1901-2)

1. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1299.
2. Wu (Woo) Yong, pp. 95-6.
3. Xin Xiuming, p. 30.
4. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 8, p. 532; Wu (Woo) Yong, pp. 95-7.
5. Wang Yanwei (Org.), v. 4, pp. 4275-6.
6. Ibid., p. 4276.
7. Sarah Pike Conger, pp. 212-5.
8. Wang Yanwei (Org.), v. 4, p. 4283.
9. Ibid.
10. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 27, n. 712; Wu (Woo) Yong, pp. 80, 121; Zhang Zhidong, v. 10, p. 8654.

11. Wu (Woo) Yong, pp. 123-4.
12. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, n. 768-9.
13. Wang Yanwei (Org.), v. 4, p. 4287; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 8, pp. 536-7; Sarah Pike Conger, pp. 215-6.
14. Cf. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 8, p. 618; Shan Shiyuan, 1997, pp. 452-3.
15. Gao Shu, p. 130.
16. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 27, n. 824.

27. FAZENDO AMIZADE COM OS OCIDENTAIS (1902-7)

1. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2003, v. 8, p. 586; Sarah Pike Conger, pp. 215-6.
2. Sarah Pike Conger, p. 217.
3. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1301.
4. Sarah Pike Conger, pp. 217-23.
5. Lady Susan Townley, pp. 80-1, 100-2; Isaac Taylor Headland, p. 100.
6. Der Ling, 2004, p. 286.
7. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1303.
8. Katharine A. Carl, p. 232.
9. Diário de Sarah Conger, The Jewell Collection, Museu de Belas-Artes, Boston, 19 mar. 1904, 14-15 jun. 1904; Sarah Pike Conger, p. 315; Katharine A. Carl, p. 209; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2005, v. 2, p. 1261; Rongling, p. 23; Der Ling, 2004, p. 148.
10. Diário de Sarah Conger, The Jewell Collection, Museu de Belas-Artes, Boston, 1902-4, pass.; Sarah Pike Conger, pp. 223 ss.
11. Sarah Pike Conger, pp. 236, 290.
12. Id., pp. 226-9.
13. Isaac Taylor Headland, p. 206.
14. Sarah Pike Conger, pp. 232 ss.
15. Id., pp. 236 ss.
16. *Boston Daily Globe*, 1^o jan. 1905.
17. *Chicago Daily Tribune*, 23 out. 1904.
18. Ibid.
19. Sarah Pike Conger, pp. 352-3.
20. Entrevista de Sarah Conger, *The Washington Post*, 17 nov. 1908.
21. Katharine A. Carl.
22. Isaac Taylor Headland, p. 32.
23. *The New York Times*, 19 fev. 1905; *The Washington Post*, 19 fev. 1905.
24. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, pp. 1200, 1328; Zheng Xiaoxu, v. 1, p. 505.

25. Robert Hart, *Journals, 1863-1866*, p. 363.
26. Ibid.
27. Zheng Xiaoxu, v. 1, p. 505; Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, pp. 1200, 1328.
28. *The New York Times*, 9 nov. 1902.
29. *The Boston Globe*, 26 out. 1902.
30. *The Boston Daily Globe*, 29 abr. 1901.
31. *The Boston Globe*, 26 out. 1902; *Chicago Daily*, 17 out. 1902; *Chicago Daily Tribune*, 2 nov. 1902; *Atlanta Constitution*, 21 jun. 1908.
32. *The New York Times*, 9 nov. 1902; Der Ling, 1948.
33. Rongling, p. 11.
34. Ibid.
35. Id., pp. 32-5.

28. A REVOLUÇÃO DE CIXI (1902-8)

1. Shen Xuefeng, 2002, n. 1.
2. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 27, n. 960.
3. Isaac Taylor Headland, p. 231.
4. Sarah Pike Conger, p. 254.
5. Xia Xiaohong, pp. 228-51; Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, pp. 5627, 5637-8; Zhang Hailin, p. 344; Shu Xincheng (Org.), p. 4.
6. Zhang Hailin, p. 559.
7. Id., pp. 354-5.
8. Fang Hanqi et al., pp. 66-8.
9. Zhao Guangjun.
10. Isaac Taylor Headland, p. 225.
11. Jin Yi, p. 79.
12. Sarah Pike Conger, p. 336.
13. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2005, v. 2, p. 1367; H. B. Morse, v. 3, p. 416.
14. Zhang Zhidong, v. 2, pp. 1430-1; v. 3, pp. 1593-4; Shu Xincheng (Org.), pp. 231-5; Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2004, pp. 308-13; Kong Xiangji, 1998, p. 76.
15. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2008, v. 2, p. 1526; Yang Tianshi, p. 262.
16. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Xinhai geming (A revolução de 1911)*, v. 1, pp. 331 ss.; Huang Hu, p. 89.
17. Fang Hanqi et al., p. 21; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Xinhai geming (A revolução de 1911)*, v. 1, p. 481.
18. Huang Hu, pp. 85, 89.
19. Fang Hanqi et al., pp. 42-4.
20. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 28, n. 402.
21. Ibid., v. 31, n. 192.

22. Ibid., n. 197; Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, pp. 5328-32, 5342-3, 5356-9.
23. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 29, n. 314, 1294; Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, pp. 5015-6, 5091, 5122-3; Sun Yutang (Org.), v. 2, n. 1, pp. 637 ss.
24. Sun Yutang (Org.), v. 2, n. 1, pp. 640-2.
25. Zhu Shoupeng (Org.), pp. 5015-6.
26. Lin Keguang et al., p. 362.
27. Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, p. 5593.
28. Song Yanli.
29. Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, pp. 5593-6.
30. H. B. Morse, v. 3, p. 437.
31. Ibid., pp. 437-9.
32. Lydia Dan; Rongling, pp. 16-7.
33. *The New York Times*, 17 dez. 1905.
34. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, pp. 1304-5.
35. Lin Jing, p. 25.
36. *Los Angeles Times*, 13 nov. 1904; Natong, v. 1, pp. 518-9, 535, 539, 547.
37. *The Washington Post*, 26 fev. 1905; *Atlanta Constitution*, 26 fev. 1905.
38. O nome do estúdio — Fung Tai Photographer — está gravado nas fotos conservadas nos arquivos da Freer Gallery, Washington; Cheng Jihua *et al.* (Orgs.), v. 1, pp. 13-4. Disponível em: <www.china.com.cn/chinese/2005/dybn/1052350.htm>. Acesso em: 12 jun. 2014.
39. Xu Baoheng, v. 1, p. 141; Ding Ruqin, pp. 245-6, 255.
40. Cheng Jihua *et al.* (Orgs.), v. 1, p. 14.
41. Ibid., p. 10.
42. Lily Kecskes.
43. *Shi-bao* (quarto dia do décimo segundo mês lunar), 1905, Biblioteca do Instituto de História Moderna, Academia Chinesa de Ciências Sociais, Beijing.
44. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2011, p. 270.
45. Pearl S. Buck, prefácio.
46. Xu Baoheng, v. 1, p. 152.
47. Sarah Pike Conger, p. 319.
48. Kong Xiangji e Murata Yujiro, 2011, p. 276.
49. Isaac Taylor Headland, p. 98.
50. Sarah Pike Conger, p. 221.
51. Rongling, p. 39.
52. Du Zhongjun, p. 432.
53. Rongling, p. 38.
54. Id., p. 13.
55. Alice Roosevelt Longworth, p. 100.
56. Id., pp. 99-100.
57. Rongling, p. 42.
58. Ibid.; Katharine A. Carl, pp. 290-1.

29. ELEIÇÕES! (1905-8)

1. Sheng Xuanhuai, v. 2, p. 653.
2. Der Ling, 2004, p. 277.
3. Fang Hanqi et al., pp. 31-2.
4. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979b, v.1, p. 1.
5. H. B. Morse, v. 3, p. 441.
6. Dai Hongci, p. 314; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 31, n. 722.
7. Zaize, p. 685.
8. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979b, v.1, pp. 43-4.
9. Liang Qichao, 2008, p. 240.
10. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979b, v. 1, pp. 54-67.
11. Ibid., v. 2, pp. 627-37.
12. Ibid., pp. 667-84.
13. Ibid., pp. 671-3.
14. Ibid., pp. 683-4.
15. Kong Xiangji, 1998, p. 78.
16. Arquivos das Dinastias Ming e Qing (Org.), 1979b, v. 1 e 2, pass.
17. Ibid., v. 1, pp. 61-7.
18. Ibid., p. 68; Kong Xiangji, 1998, p. 79.
19. Ibid., p. 68.
20. William A. P. Martin, 2005, pp. 197-9.

30. ENFRENTANDO REBELDES, ASSASSINOS E JAPONESES (1902-8)

1. Yun Yuding, em Kong Xiangji, 2001, p. 387.
2. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2008, v. 2, pp. 1466-78.
3. Por exemplo, Mao Haijian, 2005, pp. 186-209.
4. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Xinhai geming (A revolução de 1911)*, v. 2, pp. 501-22, 554-8; v. 3, pp. 221-5, 272 ss.
5. Xu Zaiping e Xu Ruifang, p. 188; Fotografia do testemunho no Palácio Museu (Org.), 2002, v. 11, p. 179.
6. Xu Zaiping e Xu Ruifang, pp. 191-9; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Xinhai geming (A revolução de 1911)*, v. 3, pp. 37-46, 92-7, 187-214; Xia Xiaohong, pp. 289-302; Fu Guoyong.
7. Cf. Xu Zaiping e Xu Ruifang, pp. 191-9; Xia Xiaohong, p. 294; Zhejiang 1911, Associação para o Estudo da Revolução e Biblioteca Provincial de Zhejiang (Orgs.), p. 393.
8. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Xinhai geming (A revolução de 1911)*, v. 3, pp. 187-214.
9. *The New York Times*, 16 nov. 1908.
10. Toten Miyazaki, pp. 220, 223.
11. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 29, n. 697.
12. Kong Xiangji, 1998, p. 58.

13. Fang Hanqi et al., p. 45.
14. Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Xinhai geming (A revolução de 1911)*, v. 1, pp. 286-307; Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 29, n. 697; Kong Xiangji, 1998, pp. 54-7; Sang Bing, p. 335.
15. Robert Hart, *The I. G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, pp. 1374-5; Associação de Historiadores Chineses (Org.), *Xinhai geming (A revolução de 1911)*, v. 1, pp. 432, 478.
16. Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, pp. 5329-32.
17. Ibid., p. 5191.
18. Li Yongsheng.
19. Liang Qichao, 2008, p. 224; Li Yongsheng (cf. Jin Liang, 1998, p. 20).
20. Liang Qichao, 2008, pp. 206, 225, 241; Sang Bing, pp. 338-40; Kong Xiangji, 1998, pp. 68-71; Li Yongsheng.
21. Algernon Freeman-Mitford, pp. 193, 198.
22. Li Yongsheng.
23. Der Ling, 2004, pp. 234-5.
24. Witte, pp. 107-9.
25. Katharine A. Carl, pp. 207-8; Der Ling, 2004, p. 269.
26. Fang Hanqi et al., pp. 15-6.
27. Sun Ruiqin (Trad.), v. 3, pp. 28, 35.
28. Cockburn.
29. Sun Ruiqin (Trad.), v. 3, p. 39; cf. Rohl.
30. Entrevista do Kaiser ao dr. William Hale, 19 jul. 1908, em Rohl, Apêndice 2, pp. 345-7.
31. Sun Ruiqin (Trad.), v. 3, pp. 38, 48; Entrevista do Kaiser ao dr. William Hale, 19 jul. 1908, em Rohl, Apêndice 2, p. 347.
32. Sun Ruiqin (Trad.), v. 3, pp. 44-9.
33. *The New York Times*, 27 out. 1909.
34. Cen Chunxuan, Yun Yuding et al., pp. 12-3; Yun Yuding, v. 1, pp. 351-2. Zheng Xiaoxu, v. 2, p. 1100; Kong Xiangji, 2001, pp. 219-26; Kong Xiangji, 2008, pp. 195-7; Sang Bing, pp. 266-70; Yang Tianshi, p. 178; Hu Sijing, p. 24; Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, p. 5713.
35. Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, p. 5713; Kong Xiangji, 2008, p. 197.
36. Roosevelt Longworth, p. 102.
37. Sato, pp. 363-4.
38. Gao Shu, p. 158.
39. Yang Tianshi, p. 173; Sun Ruiqin (Trad.), v. 3, p. 28; Sato, p. 48.
40. Wang Yanwei (Org.), v. 4, pp. 4233-45; Rockhill, p. 53.
41. Liang Qichao, 2008, p. 293; Pujia, Pujie et al., pp. 81, 88, 100, 304-15. Comitê de Relíquias Culturais de Shanghai (Org.), p. 158; Jin Liang, 1998, p. 24. Kamisaka, pp. 202-3, 214.
42. Kong Xiangji, 1998, pp. 54-5.
43. Jin Liang, 1998, p. 24.
44. Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, p. 5147.
45. Liang Qichao, 2008, p. 293.

46. Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, p. 5681.
47. Zhang Kaiyuan, p. 328.
48. Wang Zhao, p. 108.
49. Liu Ruoyan; Wang Daocheng, em Lin Keguang et al., pp. 484-7; Palácio Museu (Org.), 1932, v. 73-4, n. 5474.
50. Xu Baoheng, v. 1, p. 183.
51. Zhu Jinfu e Zhou Wenquan, 1985, n. 1.
52. Ma Zhongwen, 2006, n. 5; Xu Baoheng, v. 1, p. 190.
53. Palácio Museu (Org.), 1932, v. 73-4, n. 5472 ss.
54. Ibid., n. 5506-7.
55. Ibid., n. 5504-5.
56. Xu Baoheng, v. 1, p. 193.
57. Ding Ruqin, pp. 273-6.

31. MORTES (1908)

1. Zhu Jinfu e Zhou Wenquan, 1982, n. 3; Xu Baoheng, v. 1, p. 186.
2. Isaac Taylor Headland, pp. 165-8.
3. Gao Shu, p. 154.
4. Rongling, pp. 10-1, 21-2, 31, 41.
5. Zhu Jinfu e Zhou Wenquan, 1985, n.1; Xu Baoheng, v. 1, p. 197.
6. Primeiros Arquivos Históricos da China e Centro de Estudos Tibetanos na China (Orgs.), p. 8.
7. Primeiros Arquivos Históricos da China e Centro de Estudos Tibetanos na China (Orgs.), p. 18.
8. Centro de Justiça do Tibete. Disponível em: <www.tibetjustice.org/materials/treaties/treaties10.html>. Acesso em: 12 jun. 2014.
9. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 30, n. 609.
10. Zhu Shoupeng (Org.), v. 5, pp. 5234-5; Zhang Xiaohui e Su Yuan, pp. 48-9.
11. Primeiros Arquivos Históricos da China e Centro de Estudos Tibetanos na China (Orgs.), pp. 82 ss.; cf. Robert Hart, *The I.G. em Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*, v. 2, p. 1432.
12. Primeiros Arquivos Históricos da China e Centro de Estudos Tibetanos na China (Orgs.), pp. 118 ss.
13. Guo Weiping; Talo (Draklo).
14. Primeiros Arquivos Históricos da China e Centro de Estudos Tibetanos na China (Orgs.), pp. 156-60.
15. Ibid., p. 169; Xu Baoheng, p. 214.
16. Tsewang Dorje, p. 66; Xu Baoheng, v. 1, pp. 201, 214, 217.
17. Primeiros Arquivos Históricos da China e Centro de Estudos Tibetanos na China (Orgs.), p. 169.
18. Xu Baoheng, v. 1, pp. 205-7; Primeiros Arquivos Históricos da China e Centro de Estudos Tibetanos na China (Orgs.), pp. 151-3.

19. Rongqing, pp. 140-1; Zhu Jinfu e Zhou Wenquan, 1985, n. 1.
20. Xu Baoheng, v. 1, p. 217.
21. Dai Yi; Conclusões da perícia forense em *Qingshi yanjiu* (*Estudos sobre a história da dinastia Qing*), 2008, n. 4.
22. Xin Xiuming, p. 34; Yun Yuding, v. 1, p. 405.
23. Du Zhongjun, p. 435.
24. Lu Chuanlin, 1994, n. 3; Xu Baoheng, v. 1, pp. 217-8.
25. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 34, n. 922-3.
26. Ibid., n. 935.
27. Isaac Taylor Headland, pp. 175-6.
28. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 34, n. 936.
29. Ibid., n. 926-45; Xu Baoheng, v. 1, p. 218.
30. Xu Baoheng, v. 1, p. 218.
31. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 1996, v. 34, n. 951.
32. Ibid., n. 946.
33. Ibid., n. 938.
34. Isaac Taylor Headland, p. 202.
35. Id., pp. 202-3.
36. Lu Chuanlin, 1994, n. 3.
37. Xin Xiuming, p. 97.
38. Pujia, Pujie et al., p. 83.
39. Xu Baoheng, v. 1, p. 381.
40. Ibid., pp. 385-6.
41. Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.), 2001, p. 234.

EPÍLOGO

1. Yu Bingkun et al., p. 287.
2. Id., pp. 288-91.
3. Aisin-Gioro Puyi, pp. 230-1.
4. Pearl S. Buck, prefácio.
5. Ibid.

Arquivos consultados

Arquivos da Freer Gallery of Art e da Arthur M. Sackler Gallery, Washington DC, Estados Unidos Arquivos do Ministério das Relações Exteriores da Itália, Roma Arquivos do Museu de Belas-Artes, Jewell Collection, Boston, Estados Unidos Arquivos do Museu do Palácio Nacional, Taipé, Taiwan

Arquivos do Museu Isabella Stewart Gardner, Boston, Estados Unidos Arquivos Nacionais, Londres, Reino Unido

Arquivos Reais, Windsor, Reino Unido

Biblioteca da Universidade de Cambridge, Departamento de Manuscritos e Arquivos da Universidade, Reino Unido Biblioteca do Congresso, Washington DC, Estados Unidos Bodleian Library, Coleção Chinesa, Oxford, Reino Unido Ministério de Negócios Exteriores da França, Centro de Arquivos Diplomáticos de Nantes, França Primeiros Arquivos Históricos da China, Beijing

Coleção Real, Biblioteca Real e Sala de Impressão, Windsor, Reino Unido Wellcome Library, Coleções Iconográficas, Londres, Reino Unido

Bibliografia

- ACADEMIA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DE ZHEJIANG E BIBLIOTECA PROVINCIAL DE ZHEJIANG (Orgs.). *Xinhai geming zhejiang shiliao xuji* (Adendo a “Documentos históricos selecionados sobre a revolução de 1911 em Zhejiang”). Hangzhou: Zhejiang renmin chubanshe, 1987.
- AISIN-GIORO PUYI. *Wo de qianbansheng* (A primeira metade de minha vida). Beijing: Qunzhong chubanshe, 1964.
- ANON. “Rehe mizha” (Cartas secretas de Rehe), em *Jindaishi ziliao* (Documentos de história moderna), n. 36.
- ARQUIVOS DAS DINASTIAS MING E QING (Org.). *Qingdai dangan shiliao congbian* (Coletâneas de documentos de arquivo da dinastia Qing). Beijing: Zhonghua shuju, 1979.
- _____. *Qingmo choubei lixian dangan shiliao* (Documentos de arquivo sobre os preparativos para a criação de uma monarquia constitucional). Beijing: Zhonghua shuju, 1979b.
- _____. *Yihetuan dangan shiliao* (Documentos de arquivo sobre os boxers). Beijing: Zhonghua shuju, 1979a.
- ASSOCIAÇÃO DE HISTORIADORES CHINESES (Org.). *Dierci Yopian zhanzheng* (A segunda Guerra do Ópio). Shanghai: Shanghai renmin chubanshe, 1978.
- _____. *Wuxu bianfa* (As reformas de 1898). Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2000.
- _____. *Xinhai geming* (A revolução de 1911). Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2000.
- _____. *Yangwu yundong* (O movimento para aprender com o Ocidente). Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2000.
- _____. *Yopian zhanzheng* (A Guerra do Ópio). Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2000.
- _____. *Yihetuan* (Os boxers). Shanghai: Shanghai renmin chubanshe, 1960.

- _____. *Zhongfa zhanzheng (A Guerra Sino-Francesa)*. Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2000.
- ASSOCIAÇÃO DE HISTORIADORES CHINESES (org.). *Zhongri zhanzheng (A Guerra Sino-Japonesa)*. Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2000.
- ASSOCIAÇÃO PARA O ESTUDO DA REVOLUÇÃO DE 1911 DE ZHEJIANG E BIBLIOTECA PROVINCIAL DE ZHEJIANG (Orgs.). *Xinhai geming zhejiang shiliao xuanji (Documentos históricos selecionados sobre a revolução de 1911 em Zhejiang)*. Hangzhou: Zhejiang renmin chubanshe, 1982.
- ASTOR, Brooke. *Patchwork Child*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1963.
- BANCO POPULAR DA CHINA (Org.). *Zhongguo qingdai waizhaishi ziliao (Documentos sobre as dívidas exteriores da dinastia Qing)*. Beijing: Zhongguo jinrong chubanshe, 1991.
- BI YONGNIAN. *Chengfu xinhuo (Novas descobertas vindas do Japão)*. Org. de Tang Zhijun. Nanjing: Jiangsu guji chubanshe, 1990.
- BIBLIOTECA NACIONAL DA CHINA E BRITISH LIBRARY. *Western Eyes: Historical Photographs of China in British Collections, 1860-1930*. Beijing: Guojia tushuguan chubanshe, 2008.
- BINCHUN. “Chengcha biji, shi erzong” (Diários de viagem e poemas de Binchun). In: ZHONG SHUHE (Org.). *Zouxiang shijie congshu (Diários reunidos dos primeiros enviados ao Ocidente)*. Changsha: Yuelu shushe, 1985.
- BIRD, Isabella. *The Yangtze Valley and Beyond*. Londres: Virago Press, 1985.
- BLAND, John O. P.; BACKHOUSE, Edmund. *China under the Empress Dowager*. Londres: William Heinemann, 1910.
- BOREL, Henri. *The New China: A Traveller's Impressions*. Londres; Leipsic: T. Fisher Unwin, 1912.
- BOULGER, Demetrius Charles. *The Life of Gordon*. v. 1, e-book, The Project Gutenberg.
- BROWN, Arthur Judson. *New Forces in Old China: An Inevitable Awakening*. Disponível em: <<http://infomotions.com/etexts/gutenberg/dirs/etext99/ldchn10.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014, 1904.
- BUCK, Pearl S. *Imperial Woman*. Mount Kisco (NY); Londres: Moyer Bell, 1991. [Ed. bras.: *A mulher imperial*. Rio de Janeiro: Record, 1956; São Paulo: Melhoramentos, 1957; São Paulo: Círculo do Livro, 1987.]
- CARL, Katharine A. *With the Empress Dowager of China*. Londres: Eveleigh Nash, 1906.
- CEN CHUNXUAN, YUN YUDING et al. *Lezhai manbi; Chongling chuanxin lu; Wai erzong (Memórias de Cen Chunxuan e Yun Yuding; Duas memórias adicionais)*. Beijing: Zhonghua shuju, 2007.
- CHANG, Jung. *Wild Swans: Three Daughters of China*. Nova York: Simon & Schuster; Londres: HarperCollins, 1991. [Ed. bras.: *Cisnes selvagens: três filhas da China*. São Paulo:

- Companhia das Letras, 1994.]
- _____; HALLIDAY, Jon. *Mao: the Unknown Story*. Londres; Nova York: Random House, 2005. [Ed. bras.: *Mao: A história desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.]
- CHEN KUILONG, *Mengjiaoting zaji (Anotações de Chen Kuilong)*. Beijing: Shijie zhishi chubanshe, 2007.
- CHEN POKONG. “Bainian fansi: Sun zhongshan shi wenti renwu” (Reflexões sobre os últimos cem anos: Sun Yat-sen é um personagem problemático). *Open*, Hong Kong, n. 11, 2011.
- _____. “Toward the Republic: A Not-so Distant Mirror”. *China Rights Forum*, n. 4, 2003.
- CHENG JIHUA *et al.* (Orgs.). *Zhongguo dianying fazhanshi (História do cinema chinês)*, Zhongguo dianying chubanshe, Beijing, 1981.
- COCKBURN, Patrick. “A Prehistory of Extraordinary Rendition”. *Londres Review of Books*, 13 set. 2012.
- COMISSÃO DA RELÍQUIAS CULTURAIS DE SHANGHAI (Org.). *Kang youwei yu baohuanghui (Kang Youwei e a Associação de Proteção do Imperador)*. Shanghai: Shanghai renmin chubanshe, 1982.
- CONGER, Sarah Pike. *Letters from China*. Londres: Hodder & Stoughton, 1909.
- COOLEY JR., James C. T. F. *Wade in China, 1842-1882*. Leiden, Países Baixos: E. J. Brill, 1981.
- CRANMER-BYNG, John L. (Org.). *An Embassy to China. Being the journal kept by lord Macartney during his embassy to the Emperor Ch'ien-lung, 1793-1794*. Londres: Longmans, 1962.
- CROSSLEY, Pamela Kyle. “The Late Qing Empire in Global History”. *Education about Asia*, v. 13, n. 2, 2008.
- CUBA COMMISSION. *Chinese Emigration: Report of the Commission Sent by China to Ascertain the Condition of Chinese Coolies in Cuba*. Shanghai: Imperial Maritime Customs Press, 1876.
- DAI HONGCI. “Chushi jiuguo riji” (Diários de Dai Hongci como enviado a nove países). In: ZHONG SHUHE (Org.). *Zouxiang shijie congshu (Diários reunidos dos primeiros enviados ao Ocidente)*. Changsha: Yuelu shushe, 1986.
- DAI YI. “Guangxu zhisi” (A morte de Guangxu). *Qingshi yanjiu (Estudos da história da dinastia Qing)*, n. 4, 2008.
- DAN, Lydia. “The Unknown Photographer: Statement Written for the Smithsonian”. Washington DC: Freer Gallery of Art e Arthur M. Sackler Gallery Archives, 1982.
- DENBY, Charles. *China and Her People*. Boston: L. C. Page & Company, 1906.
- DENG ZHICHENG. *Gudong suoji quanbian (Coletânea de anedotas históricas diversas)*. Beijing: Beijing chubanshe, 1999.

- DEPARTAMENTO DE ARQUIVOS DO ESTADO, ARQUIVOS DAS DINASTIAS MING E QING (Org.). *Wuxu bianfa dangan shiliao (Documentos de arquivos sobre as reformas de 1898)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1958.
- DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE TSINGHUA (Org.). *Wuxu bianfa wenxian ziliao xiri (Cronologia documentada das reformas de 1898)*. Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 1998.
- DER LING, princesa. *Two Years in the Forbidden City*. Fairfield (IA): 1st World Library, 2004.
- _____. *Tongnian huiyilu (Memórias de minha infância)*. Shanghai: Baixin shudian, 1948.
- DING BAOZHEN. *Ding Wenchengong yiji (Escritos de Ding Baozhen)*. Org. de Luo Wenbin. Taipé: Wenhai chubanshe, 1967-8.
- DING RUQIN. *Qingdai neiting yanxi shihua (História de apresentações de óperas na corte Qing)*. Beijing: Zijincheng chubanshe, 1999.
- DONG SHOUYI. *Gongqinwang yixin dazhuan (Uma biografia do príncipe Gong, Yixin)*. Shenyang: Liaoning renmin chubanshe, 1989.
- DU MAIZHI *et al.* (Orgs.). *Zilihui shiliaoji (Documentos históricos sobre a Associação Zili)*. Changsha: Yuelu shushe, 1983.
- DU ZHONGJUN. “Dezong qingmai” (Memórias do tratamento do imperador Guangxu). In: DENG ZHICHENG. *Gudong suoji quanbian (Coletânea de anedotas históricas diversas)*. Beijing: Beijing chubanshe, 1999.
- DUGDALE, Edgar T. S. (Org. e Trad.). *German Diplomatic Documents, 1871-1914*. Nova York: Harper & Brothers, 1930.
- EAST ASIA COMMON CULTURE ASSOCIATION (Org.). *Duihua huiyilu (Memórias de experiências pessoais na China)*. Beijing: Shangwu yinshuguan, 1959.
- EDWARDS, E. H. *Fire and Sword in Shansi*. Edimburgo; Londres: Oliphant Anderson & Ferrier, 1907.
- FAIRBANK, John King; COOLIDGE, Martha Henderson; SMITH, Richard J. H. B. *Morse: Customs Commissioner and Historian of China*. Kentucky: University Press of Kentucky, 1995.
- FANG HANQI *et al.* *Dagongbao bainianshi (Uma história do Dagongbao nos últimos cem anos)*. Beijing: Zhongguo renmin daxue chubanshe, 2003.
- FENG ERKANG. *Shenghuo zai qingchao de renmen (Pessoas que viveram durante a dinastia Qing)*. Beijing: Zhonghua shuju, 2005.
- FEUCHTWANG, Stephan. *Popular Religion in China: The Imperial Metaphor*. Surrey: Curzon Press, 2001.
- FLEMING, Peter. *The Siege at Peking*. Londres: Rupert Hart-Davis, 1959.

- FORBIDDEN CITY PUBLISHING (Org.). *Mingqing gongting quwen (Histórias interessantes das cortes Ming e Qing)*. Beijing: Zijincheng chubanshe, 1995.
- FRANZINI, Serge (Org.). “Le docteur Dethève appelé en consultation par l’empereur Guangxu”. *Etudes chinoises*, v. XIV, n. 1, 1995.
- FREEMAN-MITFORD, Algernon B. *The Attaché at Peking*. Elibron Classics, 2005.
- FU GUOYONG. “Qiu jin beishahai zhihou” (Depois do assassinato de Qiu Jin). Disponível em: <www.artx.cn/artx/lishi/40096.html>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- GAO SHU. *Jinluan suoji (Fragmentos de memórias da corte Qing)*. In: CEN CHUNXUAN, YUN YUDING et al. *Lezhai manbi; Chongling chuanxin lu; Wai erzhong (Memórias de Cen Chunxuan e Yun Yuding; duas memórias adicionais)*. Beijing: Zhonghua shuju, 2007.
- GE BIN, “Guangxudi zhupi shuping” (Sobre as instruções em tinta carmesim do imperador Guangxu). In: PRIMEIROS ARQUIVOS HISTÓRICOS DA CHINA (Org.). 2005, v. 1.
- GONG PIXIANG. “Qingmo fazhi gaige yu zhongguo fazhi xiandaihua” (Reformas legais no fim do período Qing e modernização do sistema legal da China). *Jiangsu shehui kexue*, n. 6, 1994.
- GORDON, Henry William. *Events in the Life of Charles George Gordon*. Londres: Kegan Paul, 1886.
- GOVERNO QING (Org.). *Chouban yiwu shimo (Documentos referentes a relações exteriores)*. Beijing: Palácio Museu, 1929-30.
- GRANT, James Hope. *Incidents in the China War of 1860*. Elibron Classics, 2005.
- GU HONGMING. *Gu hongming de biji (Anotações de Gu Hongming)*. Taipé: Guomin chubanshe, 1954.
- GUO SONGTAO. *Lundun yu bali riji (Diários de Londres e Paris)*. Changsha: Yuelu shushe, 1984.
- GUO WEIPING. “Zhang yintang zhizang zhengce shibai yuanyin chutan” (Análise das causas do fracasso da política de Zhang Yintang no Tibete). *Qinghai minzu xueyuan xuebao (Revista da Universidade Qinghai para as Nacionalidades)*, n. 1, 1988.
- HAKES, A. Egmont. *Events in the Taiping Rebellion, Being Reprints of MSS. Copied by General Gordon, C. B. in His Own Handwriting*. Londres: W. H. Allen & Co., 1891.
- HANSARD, transcrição literal dos trabalhos da Câmara dos Comuns e da Câmara dos Lordes, Londres.
- HART, Robert. *Entering China’s Service: Robert Hart’s Journals, 1854-1863*. Org. de Katherine F. Bruner, John K. Fairbank e Richard J. Smith. Londres: Council on East Asian Studies; Cambridge (MA): Universidade Harvard, 1986.
- _____. *Robert Hart and China’s Early Modernization: His Journals, 1863-1866*. Org. de Richard J. Smith, John K. Fairbank e Katherine F. Bruner. Londres: Council on East Asian Studies; Cambridge (MA): Universidade Harvard, 1991.

- _____. *The I. G. in Peking: Letters of Robert Hart, Chinese Maritime Customs, 1868-1907*. Org. de John King Fairbank, Katherine Frost Bruner e Elizabeth MacLeod Matheson. Cambridge (MA); Londres: Belknap Press da Universidade Harvard, 1975.
- HAYTER-MENZIES, Grant. *Imperial Masquerade*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2008.
- HE GANGDE, *Chunming menglu (Anotações de He Gangde)*. Ed. privada e fotocopiada. Shanghai: Shanghai guji shudian, 1983.
- HEADLAND, Isaac Taylor. *Court Life em China*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1909.
- HOGGE, David. “The Empress Dowager and the Camera: Photographing Cixi, 1903-1904”. Disponível em: <http://ocw.mit.edu/ans7870/21F/21f.027/empress_dowager/cx_essay_03.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- HOU BIN. “Nalashi, ronglu yu yihetuan yundong” (A mulher Nala, Junglu e o movimento dos boxers). *Yihetuan yanjiuhui huikan (Revista da Associação para o Estudo dos Boxers)*, n. 2, 1983.
- HSÜ CHI-SHE. *Yinghuan zhilue (Uma breve descrição do mundo)*. Ed. privada, 1848.
- HU SIJING. *Guowen beicheng (Anotações de Hu Sijing)*. Beijing: Zhonghua shuju, 2007.
- HUANG HU, *Zhongguo xinwen shiye fazhanshi (História da imprensa na China)*. Shanghai: Fudan daxue chubanshe, 2009.
- HUANG XI. *Zhongguo jinxiandai dianli jishu fazhanshi (História da tecnologia da energia elétrica na China moderna)*. Jinan: Shandong jiaoyu chubanshe, 2006.
- HUANG XING. “Wanqing dianqi zhaomingye fazhan jiqi gongye yicun gaishu” (Breve relato do desenvolvimento da iluminação elétrica e da indústria elétrica no fim do período Qing). *Neimenggu shifan daxue xuebao (Revista da Universidade Normal da Mongólia Interior)*, v. 38, n. 3, 2009.
- HUANG XINGTAO. “Qingmo minchu xinmingci xingainian de ‘xiandaixing’ wenti” (A “Modernidade” de novas palavras e novos conceitos no fim da dinastia Qing e no começo do período republicano). *Zhongguo jindaishi (História da China moderna)*, n. 11, 2005.
- HUANG ZHANGJIAN. *Wuxu bianfashi yanjiu (Análise da história das reformas de 1898)*. Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2007.
- HUBBARD, Clifford L. B. *Dogs em Britain*. Londres: Macmillan and Co., 1948.
- HUNT, Michael H. “The American Remission of the Boxer Indemnity: A Reappraisal”. *Journal of Asian Studies*, v. 31, n. 3, 1972.
- HURD, Douglas. *The Arrow War*. Londres: Collins, 1967.
- IGNATIEFF, Michael. *The Russian Album*. Londres: Chatto & Windus, 1987.

- INSTITUTO DE HISTÓRIA QING, UNIVERSIDADE RENMIN (Org.). *Qingshi biannian* (Registros cronológicos da história da dinastia Qing). Beijing: Zhongguo renmin daxue chubanshe, 2004.
- JIA YINGHUA. *Modai taijian sun yaoting zhuan* (Uma biografia do último eunuco, Sun Yaoting). Beijing: Renmin wenxue chubanshe, 2004.
- JIANG MING. *Longqi piaoyang de jianhui* (A frota da bandeira do dragão). Beijing: Sanlian shudian, 2008.
- JIANG TAO. “Wushinianlai de wangqing zhengzhishi yanjiu” (Estudos da história política do fim da dinastia Qing nos últimos cinquenta anos). *Modern Chinese History Studies*, n. 5, 1999.
- _____. *Zhongguo jindai renkou shi* (História da demografia na China moderna). Hangzhou: Zhejiang renmin chubanshe, 1993.
- JIANG WEITANG et al. *Weixin zhishi, aiguo baoren peng yizhong* (Peng Yizhong, reformista resoluto e jornalista patriota). Dalian: Dalian chubanshe, 1996.
- JIN LIANG. *Guangxuan xiaoji* (Anotações de Jin Liang sobre os reinados do imperador Guangxu e do imperador Tongzhi). Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 1998.
- _____. *Qingong shilue* (Breve história da corte Qing). Ed. privada, 1933.
- JIN PUSEN. “Zhongri jiawu zhanzheng yu zhongguo waizhai” (A Guerra Sino-Japonesa de 1894 e as dívidas externas da China). *Dongnan xueshu* (Pesquisa acadêmica do sudeste), n. 1, 2000.
- JIN YI. *Nijie Zhong*, 1903. Nova edição organizada por Bernadette Yu-ning. Nova York: Outer Sky Press, 2003.
- _____; SHEN YILING. *Gongnü tanwanglu* (Memórias de uma criada de palácio). Beijing: Zijincheng chubanshe, 1992.
- JIN ZHONG (Org.). *Open Magazine*, Hong Kong.
- Junjichu suishou dengjidang* (Arquivos de documentos que tramitaram pelo Grão-Conselho). Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.).
- KAMISAKA FUYUKO. *Nanzhuang nüdie chuandao fangzi zhuan* (Uma biografia de Kawashima Yoshiko). Trad. de Gong Changjin. Beijing: Jiefangjun chubanshe, 1985.
- KANG YOUWEI. *Kangnanhai zhibian nianpu* (Cronologia de Kang Youwei, organizada por ele próprio). Beijing: Zhonghua shuju, 1992.
- KECKES, Lily. “Photographs of Tz'u-hsi em the Freer Gallery Archives”. *Committee on East Asian Libraries Bulletin*, n. 101, The Association for Asian Studies, Inc., dez. 1993.
- KESWICK, Maggie (Org.). *The Thistle and the Jade*. Londres: Francis Lincoln, 2008.
- KONG XIANGJI (Org.). *Kang youwei bianfa zouzhang jikao* (Coletânea completa das petições de reforma de Kang Youwei). Beijing: Beijing tushuguan chubanshe, 2008a.

- _____. *Qingren riji yanjiu (Estudo de diários da dinastia Qing)*. Guangzhou: Guangdong renmin chubanshe, 2008.
- _____. *Wanqing yiwen congkao (Estudo de incidentes do fim do período Qing)*. Chengdu: Bashu shushe, 1998.
- _____. *Wanqingshi tanwei (Exploração de alguns detalhes do fim do período Qing)*. Chengdu: Bashu shushe, 2001.
- _____. *Wuxu weixin yundong xintan (Novo estudo sobre as reformas de 1898)*. Changsha: Hunan renmin chubanshe, 1988.
- KONG XIANGJI; MURATA YUJIRO. *Cong dongying huangju dao zijincheng (Do palácio imperial japonês à Cidade Proibida)*. Guangzhou: Guangdong renmin chubanshe, 2011.
- _____. *Hanweirenzhi de zhongri jiemeng ji qita (A história pouco conhecida da tentativa de uma aliança sino-japonesa e outras alianças)*. Chengdu: Bashu shushe, 2004.
- KONG XIANGJI; MURATA YUJIRO. “Yige riben shujiguan jiandaode kang youwei yu wuxu weixin” (Kang Youwei e as reformas de 1898 aos olhos de um secretário japonês). *Guangdong shehui kexue (Ciências sociais em Guangdong)*, n. 1, 2009.
- _____. *Zhongdao xiong qiren yu “wangfu wenxin mulu” (Nakajima Yuu e sua “lista de correspondência oficial”)*. Beijing: Guojia tushuguan chubanshe, 2009a.
- KWONG, Luke S. K. *T’an Ssu-t’ung, 1865-1898: Life and Thought of a Reformer*. Leiden, Países Baixos: E. J. Brill, 1996.
- LEI CHIA-SHENG. *Liwan kuanglan: wuxu zhengbian xintan (Mudança da maré: um novo estudo do golpe de 1898)*. Taipé: Wanjuanlou, 2004.
- LI CIMING. *Yuemantang guoshi riji (Diários políticos de Li Ciming)*. Org. de Wu Yuting. Taipé: Wen Hai Press Company, 1977
- LI GUOLIANG. “Qingdai bishushanzhuang yanxi suotan” (Fragmentos de informações sobre apresentações de óperas no Pavilhão de Caça). *Gugong bowuyuan yuankan (Revista do Palácio Museu)*, Beijing, n. 2, 1984.
- LI GUORONG. *Qinggong dangan jiemi (Revelações extraídas dos arquivos da corte Qing)*. Beijing: Zhongguo qingnian chubanshe, 2004.
- LI HONGZHANG. *Li hongzhang quanji (Obras completas de Li Hongzhang)*. Org. de Gu Tinglong, Dai Yi et al. Hefei: Anhui jiaoyu chubanshe, 2008.
- LI WENZHI (Org.). *Zhongguo jindai nongyeshi ziliao (Documentos sobre a história da agricultura moderna na China) 1840-1911*. Beijing: Sanlian shudian, 1957.
- LI XIZHU. *Zhang zhidong yu qingmo xinzheng yanjiu (Um estudo sobre Zhang Zhidong e o novo sistema no fim do período Qing)*. Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2009.
- LI YIN. *Qingdai diling (Os mausoléus dos imperadores Qing)*. Beijing: Zhongguo xiju chubanshe, 2005.

- LI YONGSHENG. “Wuxuhou kangliang mouci cixi taihou xinkao” (Novo estudo sobre as tentativas de Kang e Liang para assassinar a imperatriz-viúva Cixi depois de 1898). *Journal of Peking University*, n. 4, 2001.
- LI YUNJUN (Org.). *Wanqing jingji shishi biannian* (Crônica da economia no período final da dinastia Qing). Shanghai: Shanghai guji chubanshe, 2000.
- LI ZHITING. *Qing kangqian shengshi* (As grandes eras de Kangxi e Qianlong). Nanjing: Jiangsu jiaoyu chubanshe, 2005.
- LIANG QICHAO. *Liang qichao nianpu changbian* (Cronologia detalhada de Liang Qichao). Org. de Ding Wenjiang; Zhao Fengtian. Shanghai: Shanghai renmin chubanshe, 2008.
- _____. *Wuxu zhengbian ji* (O golpe de 1898). Beijing: Zhonghua shuju, 1964.
- LIN JING. *The Photographs of Cixi em the Collection of the Palace Museum*. Beijing: Forbidden City Publishing House, 2002.
- LIN KEGUANG et al. *Jindai jinghua shiji* (Locais e casos históricos em Beijing). Beijing: Zhongguo renmin daxue chubanshe, 1985.
- LIU BANNONG et al. *Sai jinhua benshi* (A extraordinária história de Sai Jinhua). Changsha: Yuelu shushe, 1985.
- LIU KUNYI. *Liu Zhongchenggong yiji* (Os textos de Liu Kunyi). Beijing: Zhonghua shuju, 1959.
- LIU RUOYAN. “Fengyu bainian yonghe lun” (O vapor Yonghe em seu centésimo ano). *Yiheyuan gengzhitu jingguan wenhua zhuankan* (Cenas no jardim da lavoura e da tecelagem no Palácio de Verão), n. 4.
- LONGWORTH, Alice Roosevelt. *Crowded Hours*. Nova York; Londres: Charles Scribner’s Sons, 1933.
- LOVELL, Julia. *The Opium War*. Londres: Pan Macmillan, 2011.
- LU CHUANLIN. “Lu chuanlin riji” (Diários de Lu Chuanlin). *Wenwu chunqiu* (Primavera e outono Heritage), n. 2-3, 1992-4.
- LU DI. *Men Shi Tan Shi* (Coletânea de ensaios sobre a história da China). Comunicação pessoal, ludi666_45@hotmail.com
- MA ZHONGWEN. “Shiren riji zhongde guangxu, cixi zhisi” (A morte de Guangxu e Cixi nos diários de contemporâneos). *Guangdong shehui kexue* (Ciências sociais em Guangdong), n. 5, 2006.
- _____. “Zhang yinhuan liufang xinjiang qianhou shiji kaoshu” (Um estudo do exílio de Chang Yinhuan em Xinjiang). *Xinjiang daxue xuebao* (Revista da Universidade de Xinjiang), n. 4, 1996.
- _____. “Zhang Yinhuan yu wuxu weixin” (Chang Yinhuan nas reformas de 1898). Org. de Wang Xiaoqi e Shang Xiaoming. *Wuxu weixin yu qingmo xinzheng* (As reformas de 1898 e o novo sistema no fim do período Qing). Beijing: Beijing daxu chubanshe, 1998.

- MACDONALD, Sir Claude *et al.* *The Siege of the Peking Embassy*, 1900. Londres: The Stationery Office, 2000.
- MAO HAIJIAN. *Cong jiawu dao wuxu: Kang youwei “woshi” jianzhu (De 1894 a 1898: uma avaliação crítica de “Minha história”, de Kang Youwei)*. Beijing: Sanlian shudian, 2009.
- _____. *Kuming tianzi: xianfeng huangdi yizhu (O infeliz imperador Xianfeng, Yizhu)*. Beijing: Sanlian shudian, 2006
- _____. *Wuxu bianfa shishikao (Estudo detalhado dos fatos históricos das reformas de 1898)*. Beijing: Sanlian shudian, 2006.
- _____. “Wuxu zhengbian qianhou zhang zhidong yu jing jin hu de midian wanglai” (As trocas secretas de telegramas entre Zhang Zhidong e seus homens em Beijing, Tianjin e Shanghai por volta da época do golpe em 1898). *Zhonghua wenshi luncong (Revista de Literatura e História da China)*, n. 1, 2011.
- _____. “Zhang zhidong yu yangrui de guanxi” (A ligação entre Zhang Zhidong e Yang Rui). *Zhonghua wenshi luncong (Revista de Literatura e História da China)*, n. 4, 2010.
- MARTIN, William A. P. *A Cycle of Cathay*. Edimburgo; Londres: Oliphant Anderson and Ferrier, 1896.
- _____. *The Awakening of China*. E-book, The Project Gutenberg, produzido por Robert J. Hall, 2005.
- MAUGHAM, W. Somerset. *On a Chinese Screen*. Londres: Vintage, 2000. [Ed. bras.: *Biombo chinês*. Porto Alegre: Globo, 1951.]
- MI RUCHENG (Org.). *Zhongguo jindai tielushi ziliao (Documentos históricos sobre a construção das primeiras estradas de ferro na China)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1984.
- MILLAR, Oliver. *The Victorian Pictures em the Collection of Her Majesty the Queen*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- MORSE, H. B. *The International Relations of the Chinese Empire*. Primeira edição, 1910; edição reimpressa pela Cheng Wen Publishing Company (Taipé, 1971).
- MUSEU QINGDAO, PRIMEIROS ARQUIVOS HISTÓRICOS DA CHINA E INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS QINGDAO (Orgs.). *Deguo qinzhan jiaozhouwan shiliao xuanbian (Seleção de documentos históricos sobre a ocupação alemã de Jiaozhouwan)*. Jinan, Shandong renmin chubanshe, 1987.
- NAQUIN, Susan. *Shantung Rebellion*. New Haven (CT): Yale University Press, 1981.
- NATONG, *Natong riji (Diários de Natong)*. Org. de Arquivos de Beijing. Beijing: Xinhua chubanshe, 2006.
- PACKARD, J. F. *Grant’s Tour Around the World*. Cincinnati (OH): Forshee & McMakin, 1880.
- PALÁCIO MUSEU (Org.). *Qingguangxuchao zhongri jiaoshe shiliao (Documentos históricos sobre as relações sino-japonesas durante o reinado do imperador Guangxu)*. Beijing: Beiping

- gugong bowuyuan, 1932.
- PALÁCIO MUSEU (Org. e editor-chefe, Zhu Chengru). *Qingshi tudian (Histórias em imagens da dinastia Qing)*. Beijing: Zijincheng chubanshe, 2002.
- PAN XIANGMIN. “Lun cunqinwang yixuan” (Sobre o príncipe Chun, Yixuan). *Qingshi yanjiu (Estudos sobre a história da dinastia Qing)*, n. 2, 2006.
- PARKES PAPERS 28/10. In: Departamento de Manuscritos e Arquivos da Universidade, Cambridge: Biblioteca da Universidade de Cambridge.
- PRIMEIROS ARQUIVOS HISTÓRICOS DA CHINA (Org.). *Gengzi shibian qinggong dangan huibian (Documentos de arquivo sobre o incidente de 1900)*. Beijing: Zhongguo renmin daxue chubanshe, 2003.
- _____. *Guangxuchao shangyudang (Decretos imperiais do reinado do imperador Guangxu)*. Guilin: Guangxi shifan daxue chubanshe, 1996.
- _____. *Guangxuchao zhupi zouze (Decretos imperiais escritos em tinta carmesim durante o reinado de Guangxu)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1995.
- _____. *Mingqing dangan yu lishi yanjiu — zhongguo diyi lishi danganguan liushi zhounian jinian lunwenji (Arquivos e estudos históricos das dinastias Ming e Qing — Trabalhos comemorativos do sexagésimo aniversário dos primeiros arquivos históricos na China)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1988.
- _____. *Mingqing dangan yu lishi yanjiu lunwenji (Ensaio sobre os arquivos Ming e Qing e estudos de história)*. Beijing: Xinhua chubanshe, 2008.
- _____. *Mingqing dangan yu lishi yanjiu lunwenxuan (Seleção de trabalhos sobre arquivos e estudos históricos das dinastias Ming e Qing)*. 1994.10-2004.10, Beijing: Xinhua chubanshe, 2005.
- _____. *Xianfeng tongzhi liangchao shangyudang (Decretos imperiais dos reinados do imperador Xianfeng e do imperador Tongzhi)*. Guilin: Guangxi shifan daxue chubanshe, 1998.
- _____. (editores-chefes, Qin Guojing e Zou Ailian). *Yubi zhaoling shuo qingshi (Documentos de arquivos fundamentais sobre a história da dinastia Qing)*. Jinan: Shandong jiaoyu chubanshe, 2001.
- PRIMEIROS ARQUIVOS HISTÓRICOS DA CHINA E CENTRO DE ESTUDOS TIBETANOS NA CHINA (Orgs.). *Qingmo shisanshi dalai lama dangan shiliao xuanbian (Documentos de arquivo selecionados sobre o décimo terceiro dalai-lama no final do período Qing)*. Beijing: Zhongguo zangxue chubanshe, 2002.
- PRIMEIROS ARQUIVOS HISTÓRICOS DA CHINA E DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE NORMAL FUJIAN (Orgs.). *Qingmo jiaoan (Casos referentes a missões cristãs no fim do período Qing)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1996.

- PROCÈS-VERBAUX des Séances du Gouvernement Provisoire de Tientsin. Trad. de Liu Haiyan et al. Tianjin: Tianjin shehui kexue chubanshe, 2004.
- PUJIA, PUJIE et al. *Wanqing gongting shenghuo jianwen (Relatos de testemunhas oculares do período final da corte Qing)*. Beijing: Wenshi ziliao chubanshe, 1982.
- QI QIZHANG. *Jiawu zhanzhengshi (História da Guerra Sino-Japonesa de 1894)*. Shanghai: Shanghai renmin chubanshe, 2005.
- _____. (Org.). *Zhongri zhanzheng xubian (Adendo a “Documentos de arquivos sobre a Guerra Sino-Japonesa”)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1989.
- QIAO ZHAOHONG. “Lun wanqing shangpin bolanhui yu zhongguo zaoqi xiandaihua” (Exposições sobre o período Qing tardio e o início da modernização da China”). *Journal of Humanities*, Shanghai, 2005.
- QING SHILU (*Registros gerais da dinastia Qing*). Beijing: Zhonghua shuju, 1987.
- QU CHUNHAI. *Qingong dangan jiedu (Estudo sobre os arquivos da corte Qing)*. Beijing: Huawen chubanshe, 2007.
- RAGGI, Giuseppe Salvago. *Ambasciatore del Re: Memorie di un diplomatico dell’Italia liberale*. Florença: Le Lettere, 2011.
- REYNOLDS, Douglas R. *China, 1898-1912: The Xinzheng Revolution and Japan*. Londres: Council on East Asian Studies; Cambridge (MA): Harvard University, 1993.
- RICHARD, Timothy. *Forty-five Years em China*. Nova York: Frederick A. Stokes Company, 1916.
- RIDLEY, Jasper. *Lorde Palmerston*. Londres: Constable, 1970.
- ROBBINS, Helen H. *Our First Ambassador to China*. Elibron Classics, 2005.
- ROBERTS, Andrew. *Salisbury: Victorian Titan*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1999.
- ROCKHILL, William Woodcille. *Diplomatic Audiences at the Court of China*. Londres: Luzac & Co., 1905.
- ROHL, John. *Wilhelm II: Der Weg em den Abgrund 1900-1941*. Munique: C. H. Beck Verlag, 2008.
- RONGLING. “Qingong suoji” (Fragmentos de lembranças na corte Qing). In: WANG SHUQUING; XU CHE (Orgs.). *Cixi yu wo (Cixi e eu)*. Shenyang: Liaoshen shushe, 1994.
- RONGLU (Junglu). *Ronglu cunzha (As cartas de Junglu)*. Org. de Du Chunhe et al. Jinan: Qilu shushe, 1986.
- RONGQING. *Rongqing riji (Diários de Rongqing)*. Xian: Xibeidaxue chubanshe, 1986.
- SANG BING. *Gengzi qinwang yu wanqing zhengju (As ações para resgatar o imperador Guangxu em 1900 e a situação política no fim do período Qing)*. Beijing: Beijing daxue chubanshe, 2004.
- SATO TETSUJIRO. *Yige riben jizhe bixiade yuan shikai (Yuan Shikai descrito por um jornalista japonês)*. Org. de Kong Xiangji e Murata Yujiro. Tianjin: Tianjin guji chubanshe,

- 2005.
- SEAGRAVE, Sterling. *Dragon Lady*. Nova York: Vintage Books, 1993.
- SCHRECKER, John. “For the Equality of Men — For the Equality of Nations: Anson Burlingame and China’s First Embassy to the United States, 1868”. *Journal of American-East Asian Relations*, v. 17, 2010.
- SECRETARIA DO COMITÊ PERMANENTE DO CONGRESSO POPULAR NACIONAL (Org.). *Zhongguo jindai bupingdeng tiaoyue huiyao (Coletânea dos tratados desiguais nos primórdios da China moderna)*. Beijing: Zhongguo minzhu fazhi chubanshe, 1996.
- SHAN SHIYUAN. *Gugong zhaji (Anotações sobre a Cidade Proibida)*. Beijing: Zijincheng Chubanshe, 1990.
- SHAN SHIYUAN. *Wo zai gugong qishinian (Setenta anos na Cidade Proibida)*. Beijing: Beijing shifan daxue chubanshe, 1997.
- SHEN XUEFENG. “Qingdai caizheng shouru guimo yu jiegou bianhua shulun” (Estudo sobre as mudanças em escala e em composição das receitas do governo Qing). *Beijing shehui kexue (Ciências Sociais de Beijing)*, n. 1, 2002.
- SHENG XUANHUAI. *Sheng xuanhuai nianpu changbian (Cronologia detalhada de Sheng Xuanhuai)*. Org. de Xia Dongyuan. Shanghai: Shanghai jiaotong daxue chubanshe, 2004.
- SHI-BAO, em Biblioteca do Instituto de História Moderna, Academia Chinesa de Ciências Sociais, Beijing.
- SHIMURA TOSHIKO. “Wuxu bianfa yu riben: jiawu zhanzheng houde baokan yulun” (As reformas de 1898 e o Japão: a imprensa e a opinião pública depois da Guerra Sino-Japonesa de 1894). In: *Guowai zhongguo jindaishi yanjiu (Estudos modernos sobre a China no exterior)*, v. 7, Beijing: Zhongguo shehui kexue chubanshe, 1985.
- SHORE, Henry Noel. *The Flight of Lapwing*. Londres: Longmans, Green & Co., 1881.
- SHU XINCHENG (Org.). *Zhongguo xinjiaoyu gaikuang (Ensaio sobre educação moderna na China)*. Shanghai: Zhonghua shuju, 1928.
- SIMPSON, William. *Meeting the Sun*. Londres: Longman, 1874.
- SMITH, Arthur H. *China in Convulsion*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1901.
- SOCIEDADE DE ESTUDOS MANCHUS (Org.). *Qingdai diwang houfei zhuan (Biografias breves dos imperadores Qing e suas consortes)*. Beijing: Zhongguo huaqiao chuban gongsi, 1989.
- SONG YANLI. “Qingmo xinzheng shiqi de zhongying yapian jiaoshe” (A negociação entre a China e a Grã-Bretanha sobre o ópio no período da nova política no período final da dinastia Qing). *Tangdu xuekan (Revista de Tangdul)*, n. 4, 2003.
- SPENCE, Jonathan D. *The Search for Modern China*. Nova York, Londres: W. W. Norton & Co., 1990.

- SUN RUIQIN (Trad.). *Deguo waijiao wenjian youguan zhongguo jiaoshe shiliao xuanyi* (Traduções de uma seleção de documentos diplomáticos alemães relativos à China). Beijing: Shangwu yinshuguan, 1960.
- SUN XIAOEN; DING QI. *Guangxu zhuan* (Biografia de Guangxu). Beijing: Renmin chubanshe, 1997.
- SUN YAT-SEN. *Sun zhongsan nianpu changbian* (Cronologia detalhada de Sun Yat-sen). Org. de Chen Xiqi. Beijing: Zhonghua shuju, 1991.
- SUN YUTANG (Org.). *Zhongguo jindai gongyeshi ziliao* (Documentos relativos à história da indústria moderna na China). Beijing: Kexue chubanshe, 1957.
- SWINHOE, Robert. *Narrative of North China Campaign of 1860*. Elibron Classics, 2005.
- TALO (Draklo). “Qingmo minzu guojia jianshe yu zhang yintang xizang xinzheng” (A construção de uma nação e o novo sistema de Zhang Yintang no Tibete). *Minzu yanjiu* (Estudos étnico-nacionais), n. 3, 2011.
- TANG JIAXUAN (Org.). *Zhongguo waijiao cidian* (Dicionário da diplomacia chinesa). Beijing: Shijie zhishi chubanshe, 2000.
- TANG YINIAN. *Qinggong taijian* (Eunucos da corte Qing). Shenyang: Liaoning daxue chubanshe, 1993.
- TANG ZHIJUN. *Chengfu xinhuo* (Novas descobertas vindas do Japão). Nanjing: Jiangsu guji chubanshe, 1990.
- _____. *Kang youwei zhuan* (Uma biografia de Kang Youwei). Taipé: Taiwan shangwu yinshuguan, 1997.
- THOMSON, John. *Through China with a Camera*. Londres: A. Constable & Co., 1898.
- TONG YUE; JIHONG. *Qinggong huangzi* (Os príncipes da corte). Shenyang: Liaoning daxue chubanshe, 1993.
- TOTEN MIYAZAKI. *Sanshisan nian zhimeng* (Meus sonhos de trinta e três anos). Trad. de Chen Peng Jen. Taipé: Shuiniu chubanshe, 1989.
- TOWNLEY, Lady Susan. *The Indiscretions of Lady Susan*. Nova York: D. Appleton and Co., 1922.
- TREVOR-ROPER, Hugh. *Hermit of Peking*. Londres: Macmillan, 1976.
- TSEWANG DORJE. “Lun qingmo chuanjun ruzang he shisanshi dalai lama waitao” (Estudo sobre a entrada do Exército de Sichuan no Tibete no fim da dinastia Qing e sobre a fuga do décimo terceiro dalai-lama para o exterior). In: *Zangzushi lunwenji* (Ensaio sobre a história dos tibetanos). Chengdu: Sichuan minzu chubanshe, 1988.
- UNESCO Courier, nov. 1985.
- VARÈ, Daniele. *The Last of the Empresses*. Londres: John Murray, 1936.
- VON WALDERSEE, Conde Alfred. *A Field Marshal's Memoirs: From the Diary, Correspondence and Reminiscences of Alfred, Count Von Waldersee*. Londres: Hutchinson

- & Co., 1924.
- WALEY, Arthur. *The Opium War Through Chinese Eyes*. Londres: Routledge, 1958.
- WANG DAOCHENG. “Beijing zhengbian yuzhi tanxi” (Um estudo dos decretos no golpe de Beijing). *Shoudu bowuguan congkan (Revista do Palácio Museu)*, n. 18, 2004.
- _____. “Cixi de jiazhu, jiating he rugong zhichu de shenfen” (O clã de Cixi, família e posição social na época em que ela ingressou na corte). In: *Qingshi yanjiu ji (Coletâneas de estudos sobre a dinastia Qing)*, v. 3, Chengdu: Sichuan renmin chubanshe, 1984.
- _____. (Org.). *Yuanmingyuan chongjian dazhengbian (O grande debate sobre a reconstrução de Yuanmingyuan)*. Hangzhou: Zhejiang guji chubanshe, 2007.
- _____. “Zhongri jiawu zhanzheng yu cixi taihou” (A Guerra Sino-Japonesa de 1894 e a imperatriz-viúva Cixi). *Qingshi yanjiu (Estudos sobre a história da dinastia Qing)*, n. 4, 1994.
- WANG JUNYI. *Qingdai xueshu tanyan lu (Estudo preliminar das ideias acadêmicas no período Qing)*. Beijing: Shehui kexue chubanshe, 2002.
- WANG LIXIONG. *Tianzang (Sepultamento celeste)*. Taipé: Dakuai Publishing, 2009.
- WANG SHUQING. “Qingdai gongzhong shanshi” (Alimentação na corte Qing). *Gugong bowuyuan yuankan (Revista do Palácio Museu)*, n. 3, 1983.
- _____. “Qingdai houfei zhidu zhongde jige wenti” (Algumas questões referentes ao sistema Qing de concubinas imperiais). *Gugong bowuyuan yuankan (Revista do Palácio Museu)*, n. 1, 1980.
- _____; XU CHE (Orgs.). *Cixi yu wo (Cixi e eu)*. Shenyang: Liaoshen shushe, 1994.
- WANG WENSHAO. *Wang Wenshao riji (Diários de Wang Wenshao)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1989.
- WANG XIAGANG. *Wuxu junji sizhangjing hepu (Cronologia paralela das quatro secretarias do Grão-Conselho em 1898)*. Beijing: Zhongguo shehui kexue chubanshe, 2009.
- WANG XIAOQIU. *Jindai zhongguo yu riben (A China e o Japão nos tempos modernos)*. Beijing: Kunlun chubanshe, 2005.
- _____; SHANG XIAOMING (Orgs.). *Wuxu weixin yu qingmo xinzheng (As reformas de 1898 e o novo sistema no fim do período Qing)*. Beijing: Beijing daxu chubanshe, 1998.
- _____; YANG JIGUO. *Wanqing zhongguoren zouxiang shijie de yici shengju (Uma esplêndida aproximação com o mundo pela China no fim do período Qing)*. Dalian: Liaoning shifan daxue chubanshe, 2004.
- WANG YANWEI (Org.). *Qingji waijiao shiliao (Documentos históricos referentes às relações internacionais da dinastia Qing)*. Beijing: Shumu wenxian chubanshe, 1987.
- WANG YUNSHENG. *Liushinianlai zhongguo yu riben (A China e o Japão nos últimos sessenta anos)*. Beijing: Sanlian shudian, 1979.

- WANG ZHAO. “Fangjiayuan zayong jishi” (As anotações de Wang Zhao). In: CEN CHUNXUAN, YUN YUDING *et al.* *Lezhai manbi; Chongling chuanxin lu; Wai erzhong* (Memórias de Cen Chunxuan e Yun Yuding; Duas memórias adicionais). Beijing: Zhonghua shuju, 2007.
- WARNER, Marina. *The Dragon Empress*. Londres: History Books Club, 1972.
- WEALE, B. L. Putnam. *Indiscreet Letters from Peking*. Nova York: Dodd, Mead and Co., 1907.
- WENG TONGHE. *Weng tonghe ji* (Coletânea de obras de Weng Tonghe). Org. de Xie Junmei. Beijing: Zhonghua shuju, 2005.
- _____. *Weng tonghe riji* (Diários de Weng Tonghe). Org. de Chen Yijie. Beijing: Zhonghua shuju, 2006.
- WESTAD, Odd Arne. *Restless Empire: China and the World Since 1750*. Nova York: Basic Books, 2012.
- WITTE. *The Memoirs of Count Witte*. Garden City (NY); Toronto: Doubleday, Page & Co., 1921.
- WOLSELEY, Garnet Joseph. *Narrative of the War with China in 1860*. Elibron Classics, 2005.
- WOQIU ZHONGZI. *Cixi chuanxinlu* (Coletânea de histórias sobre Cixi). Shanghai: Chongwen shuju, 1918.
- WU RULUN. *Tongcheng wuxiansheng riji* (Diários do sr. Wu de Tongcheng). Org. de Song Kaiyu. Shijiazhuang: Hebei jiaoyu chubanshe, 1999.
- WU TINGFANG. *America: Through the Spectacles of an Oriental Diplomat*. Tianjin: Nankai daxue chubanshe, 2009.
- WU (WOO) YONG. *Gengzi xishou congtan* (Memórias da viagem para o oeste em 1900). Changsha: Yuelu shushe, 1985.
- WU XIANGXIANG. *Wanqing gongting shiji* (Memórias da corte Qing). v. 1. Taipé: Zhengzhong shuju, 1952.
- XIA XIAOHONG. *Wanqing nüxing yu jindai zhongguo* (Mulheres no fim do período Qing e nos começos da China moderna). Beijing: Beijing daxue chubanshe, 2004.
- XIANG LANXIN. *The Origins of the Boxer War*. Londres: Routledge Curzon, 2003.
- XIANG SI. *Xiang si tan cixi* (Xiang Si fala sobre Cixi). Beijing: Zhongguo gongren chubanshe, 2010.
- XIN HAONIAN. “Qingmo de dalunzhan yu lishi de zhongyao qishi” (Grandes debates no final do período Qing e revelações importantes da história). Disponível em: <jds.cass.cn/Item/6032.aspx>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- XIN XIUMING. *Laotaijian de huiyi* (Memórias de um eunuco idoso). Beijing: Beijing yanshan chubanshe, 1987.

- XU BAOHENG. *Xu baoheng riji (Diários de Xu Baoheng)*. Beijing: Zhonghua shuju, 2010.
- XU CHE. *Yige zhenshide cixi taihou (Uma verdadeira imperatriz-viúva Cixi)*. Beijing: Tuanjie chubanshe, 2007.
- XU ZAIPING; XU RUIFANG. *Qingmo sishinian shenbao shiliao (Documentos históricos referentes ao jornal Shen Bao durante seus quarenta anos no final do período Qing)*. Beijing: Xinhua chubanshe, 1988.
- XUE BAOTIAN. *Beixing riji (Diários de uma viagem ao norte)*. Zhengzhou: Henan renmin chubanshe, 1985.
- XUE FUCHENG. *Xue Fucheng riji (Diários de Xue Fucheng)*. Org. de Cai Shaoqing e Jiang Shirong. Changchun: Jilin wenshi chubanshe, 2004.
- _____. *Yongan biji (Anotações de Xue Fucheng)*. Nanjing: Jiangsu renmin chubanshe, 1983.
- _____. *Yongan xubian (Anotações adicionais de Xue Fucheng)*. Ed. privada, 1897.
- YANG NAIJI. “Xiyuan tielu yu guangxu chunian de xiulu dalunzhan” (A estrada de ferro no Palácio do Mar e os debates sobre construir ou não construir estradas de ferro nos primeiros anos do reinado de Guangxu). *Gugong bowuyuan yuankan (Revista do Palácio Museu)*, n. 4, 1982.
- YANG TIANSHI. “Gemingshi yu gailiangpai de liangci wuli changshi” (As duas tentativas armadas, dos revolucionários e dos reformistas). *Wenshi caikao (Referência histórica)*, n. 5, 2011.
- _____. *Wanqing shishi (Histórias verídicas e variadas do final do período Qing)*. Beijing: Zhongguo renmin daxue chubanshe, 2007.
- YE XIAOQING. “Guangxu huangdi zuihou de yuedu shumu” (Os livros que o imperador Guangxu leu no período final de sua vida). *Lishi yanjiu (Pesquisa histórica)*, n. 2, 2007.
- YE ZHIRU; TANG YINIAN. “Guangxuchao de sanhai gongcheng yu beiyang haijun” (A renovação do Palácio do Mar e a Marinha Qing). In: *Primeiros Arquivos Históricos da China (Org.)*, 1988, pp. 1015-33.
- YEHENALA GENZHENG; HAO XIAOHUI. *Wosuo zhidaode cixi taihou (A imperatriz-viúva Cixi de quem tenho informações)*. Beijing: Zhongguo shudian, 2007.
- _____. *Wosuo zhidaode modai huanghou longyu (A última imperatriz Longyu de quem tenho informações)*. Beijing: Zhongguo shudian, 2008.
- YOUTAI. *Youtai riji (Diários de Youtai)*. Manuscrito na Biblioteca de Beijing, Beijing.
- YU BINGKUN *et al.* *Xitaihou (A imperatriz-viúva do Palácio Oriental)*. Beijing: Zijincheng chubanshe, 1985.
- YU ZUOMIN. “Congxin renshi wanqing jidu jiaomin” (Reanálise dos cristãos chineses no fim do período Qing). *Journal of Yantai University*, n. 3, 2005.
- YUAN SHIKAI. “Wuxu riji” (*Meus diários de 1898*). In: *Associação de Historiadores Chineses (Org.)*. *Wuxu bianfa (As reformas de 1898)*, v. 1, 2000, pp. 549-55.

- YUAN SHUYI. *Li hongzhang zhuan (Biografia de Li Hongzhang)*. Beijing: Renmin chubanshe, 2004.
- YUAN WEISHI. “Ershishiji zhongguo shehui biange de kegui kaiduan” (Um importante começo das mudanças na sociedade chinesa do século XX). Disponível em: <www.cuhk.edu.hk/ics/21c/issue/articles/063_001112.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.
- YUAN XIEMING. “An dehai shengping shiji kaoyi” (Estudo crítico da vida e da morte de An Dehai). *Shilin (Revista de história)*, History Institute, Shanghai Academy of Social Sciences, n. 6, 2006.
- YUN YUDING. *Yun yuding chengzhai riji (Diários de Yun Yuding)*. Hangzhou: Zhejiang guji chubanshe, 2004.
- YUNG WING. *My Life em China and America*. Nova York: Henry Holt & Co., 1909.
- ZAIZE. “Kaocha zhengzhi riji” (Diários da turnê para estudar sistemas políticos). Org. de Zhong Shuhe. *Zouxiang shijie congshu (Diários reunidos dos primeiros enviados ao Ocidente)*. Changsha: Yuelu shushe, 1986
- ZAO YANG. “Qingdai gongting xiqu huodong zongshu” (Apresentações de óperas na corte Qing). Disponível em: <www.mam.gov.mo/showcontent2.asp?item_id=20081213010301&lc=1>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- ZENG GUOFAN. *Zeng guofan riji (Diários de Zeng Guofan)*. Beijing: Zongjiao wenhua chubanshe, 1999.
- ZENG JIZE. *Zeng jize yiji (Textos reunidos de Zeng Jize)*. Org. de Yu Yueheng. Changsha: Yuelu shushe, 1983.
- ZHANG (CHANG) YINHUAN. *Zhang yinhuan riji (Diários de Zhang Yinhuan)*. Org. de Ren Qing e Ma Zhongwen. Shanghai: Shanghai shudian chubanshe, 2004.
- ZHANG DECHANG. *Qingji yige jingguan de shenghuo (A vida cotidiana de um funcionário do governo Qing em Beijing)*. Hong Kong: Xianggang zhongwen daxue, 1970.
- ZHANG DEYI. “Hanghai shuqi” (Diários de viagem de Zhang Deyi). Org. de Zhong Shuhe. *Zouxiang shijie congshu (Diários reunidos dos primeiros enviados ao Ocidente)*. Changsha: Yuelu shushe, 1985.
- ZHANG HAILIN. *Duanfang yu qingmo xinzheng (Duanfang e o novo sistema no fim do período Qing)*. Nanjing: Nanjing daxue chubanshe, 2007.
- ZHANG KAIYUAN. *Xinhai geming yu jindai shehui (A revolução de 1911 e os começos da sociedade moderna)*. Tianjin: Tianjin renmin chubanshe, 1985.
- ZHANG RONGCHU (Trad.). *Hongdang zazhi youguan zhongguo jiaoshe shiliao xuanyi (Traduções de documentos históricos selecionados, referentes à China, da revista Arquivo Vermelho)*. Beijing: Sanlian shudian, 1957.
- ZHANG SHESHENG. *Jueban li hongzhang (Imagens raras de Li Hongzhang)*. Shanghai: Wenhui chubanshe, 2008.

- ZHANG SHIYUN. “Tongzhi dahun liyi” (Memórias do grandioso casamento de Tongzhi). *Gugong bowuyuan yuankan (Revista do Palácio Museu)*, n. 1, 1992.
- ZHANG XIA *et al.* *Qingmo haijun shiliao (Documentos de arquivo sobre a Marinha no fim do período Qing)*. Beijing: Haiyang chubanshe, 2001.
- ZHANG XIAOHUI; SU YUAN. *Tang shaoyi zhuan (Biografia de Tang Shaoyi)*. Zhuhai: Zhuhai chubanshe, 2004.
- ZHANG ZHENKUN. *Zhongfa zhanzheng xubian (Adendo a “Documentos de arquivo sobre a Guerra Sino-Francesa”)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1996.
- ZHANG ZHIDONG. *Zhang zhidong quanji (Obras completas de Zhang Zhidong)*. Shijiazhuang: Hebei renmin chubanshe, 1998.
- _____. “Qingmo xinzheng shiqi de zhongying jinyan jiaoshe” (A negociação entre a China e a Grã-Bretanha sobre a proscricção do ópio no período da nova política na época tardia da dinastia Qing). Disponível em: <www.qinghistory.cn/qsyj/ztyj/zwgx/2007-05-14/25650.shtml>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- ZHAO ERXUN *et al.* *Qingshi gao (Esboço de uma história da dinastia Qing)*. Beijing: Zhonghua shuju, 1976.
- ZHAO GUANGJUN. “Qingmo baokan dui shijie funü yundong de baodao jiqi dui zhongguo funü yundong de qimeng zuoyong” (Relatórios sobre os movimentos feministas no mundo na imprensa do fim do período Qing e seu impacto sobre o movimento feminista chinês). *Funü yanjiu luncong (Ensaio sobre estudos feministas)*, n. 3, 2006.
- ZHENG XIAOXU. *Zheng xiaoxu riji (Diários de Zheng Xiaoxu)*. Org. de Zhongguo guojia bowuguan (Museu Nacional da China). Beijing: Zhonghua shuju, 2005.
- ZHIGANG. “Chushi taixi ji” (Diários de viagem de Zhigang como enviado ao Ocidente). Org. de Zhong Shuhe. *Zouxiang shijie congshu (Diários reunidos dos primeiros enviados ao Ocidente)*. Changsha: Yuelu shushe, 1985.
- ZHONG SHUHE (Org.). *Zouxiang shijie congshu (Diários reunidos dos primeiros enviados ao Ocidente)*. Changsha: Yuelu shushe, 1984-6.
- ZHU JIAJIN. “Deling rongling suozhushu zhong de shishi cuowu” (Erros factuais nos livros de Der Ling e Rongling). *Gugong bowuyuan yuankan (Revista do Palácio Museu)*, n. 4, 1982.
- ZHU JINFU; ZHOU WENQUAN. “Cong qinggong yian lun guangxudi zaitian zhisi” (A respeito da morte do imperador Guangxu à luz dos arquivos médicos da corte Qing). *Gugong Bowuyuan yuankan (Revista do Palácio Museu)*, n. 3, 1982.
- _____; _____. “Lun cixi taihou nalashi zhisi” (Sobre a morte da imperatriz-viúva Cixi). *Gugong Bowuyuan yuankan (Revista do Palácio Museu)*, n. 1, 1985.

ZHU SHOUPENG (Org.). *Guangxuchao donghualu* (Cronologia detalhada do reinado de Guangxu). Beijing: Zhonghua shuju, 1984.

ZHU YONG. “Qingmo xinzheng: yichang zhenzhengde falü geming” (O novo sistema no período Qing tardio: uma verdadeira revolução jurídica). *Jining shizhuan xuebao* (Revista da Faculdade de Pedagogia de Jining), abr. 2002.

ZUO BUQING. “Qianlong zhenya wanglun qiyi houde fangmin jucuo” (Medidas adotadas por Qianlong contra a população depois da supressão do levante de Wang Lun). *Gugong bowuyuan yuankan* (Revista do Palácio Museu), n. 2, 1983.

Agradecimentos

Tenho uma dívida para com os muitos historiadores chineses e especialistas na China que contribuíram com uma ajuda generosa e inestimável em minhas pesquisas sobre a imperatriz-viúva Cixi: os professores Wang Daocheng, Wang Junyi, professor Dai Yi, Kong Xiangji, Mao Haijian, Jiang Tao, Ma Zhongwen, Yang Tianshi, Xiang Si, Huang Xingtao, Zhu Chengru, Wang Rufeng, Li Zhiting, Huang Aiping, Xu Che, Guan Jialu, Yang Dongliang, Pan Xiangming. E também Qiu Zhihong, Wang Lixiong e Yehenala Genzheng.

Desejo agradecer a sua majestade a rainha por permitir que eu citasse materiais dos Arquivos Reais em Windsor. Ao tirar proveito desse tesouro de informações, contei com os conselhos de Sheila de Bellaigue e com o profissionalismo da arquivista sênior Pamela Clark e de seus colegas. Kate Heard e seus colegas na Biblioteca Real e na sala de cópias foram extremamente prestativos, e estou profundamente agradecida. Na verdade, sou grata aos arquivistas que me auxiliaram. Só lamento não poder citar o nome de todos aqui, mas gostaria de frisar que eles tornaram minha pesquisa não só frutífera, como também prazerosa. Em especial, foi uma alegria trabalhar com David Hogge, chefe dos arquivos na Freer Gallery of Art e na Arthur M. Sackler Gallery, em Washington DC.

Agradeço ao professor John Röhl por responder a minhas perguntas relativa à Alemanha; ao professor Guido Franzinetti pela ajuda com os

documentos italianos; e ao dr. Ngo Minh Hoang pela pesquisa nos arquivos franceses.

O príncipe Nicholas Romanov e James Reeve instaram comigo, separadamente, para que eu escrevesse este livro. As pessoas que se seguem fizeram sugestões, enviaram materiais, facilitaram a pesquisa e me franquearam suas bibliotecas: professor John Adamson, Bao Pu, professor Robert Bickers, professor Chen Peng Jen, Chen Pokong, Patrick Cockburn, a duquesa-viúva de Devonshire (Deborah Freeman-Mitford), Edmund Fawcett, professor Roy Foster, professor Yuri Galenovich, David Halliday, Charles W. Hayford, professor Michael Ignatieff, Kazuo Ishiguro, Jia Yinghua, Jin Zhong, Fang-Ling Jong, Sir Henry e Lady Keswick, professor Gavan McCormack, professor Roderick MacFarquhar, Derry e Alexandra Moore, Lady Ritblat, Lady Roberts, Lord e Lady (John) Sainsbury, Lady Selborne, Sir David Tang, professor Q. Edward Wang, Lisa e Stanley Weiss, Lady Wellesley, Guorong Xu, Joe Zhang e Pu Zhang.

Meu agente, Gillon Aitken, leu os originais e fez comentários sagazes, pelos quais estou imensamente grata. Agradeço também a Dan Franklin, meu editor na Cape; Clare Bullock, a editora assistente; a Mandy Greenfield, preparadora de texto; e a Suzanne Dean, que fez uma capa belíssima. Devo fazer um agradecimento especial a Will Sulkin, que realizou um notável trabalho de editoração dos originais. Minhas assistentes, Alexandra Adamson e Kristyan Robinson, foram indispensáveis durante a redação do livro.

Foi uma sorte ter a meu lado Jon Halliday, meu marido e coautor de *Mao: a história desconhecida*. Seus conselhos sábios, que eu buscava constantemente, melhoraram bastante meu texto. Dedico a ele este livro.

Créditos das ilustrações

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens neste livro, porém isso nem sempre foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Fotografias n. 1, 4, 13, 31, 39, 50, 51, 52, 53, 56: Xunling/ Arquivos da Freer Gallery of Art e Arthur M. Sackler Gallery, Smithsonian Institution, Washington, DC; 2, 6: John Thomson/ Cortesia de Wellcome Library, Londres; 3: The Art Archive/Karbine – Tapabor/Coll. S. Kakou; 5: reprodução de Zhu Chengru (Org.), *Qingshi tudian* [Uma história em imagens da dinastia Qing]. Beijing: Zijincheng chubanshe, 2002, v. 11; 46: TOP FOTO/Keystone France; 8: British Library/Robana/Getty Images; 9: Keystone France/Getty Images, 10, 15, 54: reprodução de Isaac Taylor Headland, *Court Life in China*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1909; 11: cortesia de Coleção Stephan Loewentheil de Fotografia Chinesa; 12: reprodução de Charles Gordon, *Events in the Taeping Rebellion*, Londres: W. H. Allen, 1891; 14: reprodução de Sarah Pike Conger, *Old China and Young America*. Chicago: F. G. Browne & Company, 1913; 16: cortesia de Richard Nathanson Fine Art, Londres; 17, 18, 23, 57: Liu Zhigang/proporcionadas pelo Palácio Museu; 19: cortesia de Blair House, The President's Guest House, Departamento de Estado dos Estados Unidos;

20, 26: Feng Hui/proporcionadas pelo Palácio Museu; 21: Royal Collection Trust/© Her Majesty Queen Elizabeth II, 2013; 22, 24: Liu Mingjie/proporcionadas pelo Palácio Museu; 25, 60: © Jung Chang; 27: Hu Chui/proporcionada pelo Palácio Museu; 28: © The Trustees of the British Museum; 29: Arthur M. Sackler Gallery, Smithsonian Institution, Washington, DC/presente do Governo Imperial Chinês, S"011.16.1-2a-ap; 30: reprodução de Katharine A. Carl, *With the Empress Dowager*. Nova York: The Century Company, 1905; 34: cortesia de George Eastman House, International Museum of Photography and Film; 35: cortesia de Howard e Jane Ricketts; 37: fotógrafo desconhecido/proporcionada pelo Palácio Museu; 38: fotógrafo desconhecido; 40: reprodução de Perry Belmont, *American Democrat: The Recollections of Perry Belmont*. Nova York: Columbia University Press, 1941; 43: cortesia da Embaixada do Japão, Londres; 44: Biblioteca do Congresso/The Whiting View Company © 1901 by The Whiting Bros; 45: Biblioteca do Congresso/Underwood & Underwood, 1901; 47: cortesia de Marcelo Loeb, Buenos Aires; 49: detalhe da página 49, China Travel Album 1883, Museu Isabella Stewart Gardner, Boston, Massachusetts; 55: reprodução de Sarah Pike Conger, *Letters from China*. Chicago: A. C. McClurg & Company, 1909; 58: © Topical Press Agency/Getty Images; 59: fotógrafo desconhecido. Edição das imagens: Frances Nutt Design.



JON HALLIDAY

JUNG CHANG nasceu em 1952, na China. É autora, entre outros, de *Cisnes selvagens*, que recebeu o NCR Book Award, e coautora da biografia *Mao: A história desconhecida*, ambos publicados pela Companhia das Letras. Seus livros já venderam mais de 15 milhões de cópias fora da China (onde são proibidos) e foram traduzidos para mais de quarenta idiomas.

Copyright © 2013 by Globalflair Ltd.
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Empress Dowager Cixi: The Concubine who Launched Modern China

Foto de capa

Cixi, a imperatriz-viúva da China, 1835-1908

Arquivos Freer Gallery of Art e Arthur M. Sackler, Smithsonian Institution, Washington, D.C.: SC-GR-254 colorizada

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Ana Maria Barbosa
Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-438-0167-4

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br